O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

Compilação e coordenação

W. Y. Evans-Wentz

O Bardo Thödol, *apropriadamente intitulado por seu organizador, W. Y. Evans-Wentz,* O livro tibetano dos mortos, *pertence a essa categoria de escritos que não interessam apenas aos estudiosos do Budismo Mahayana, mas também e especialmente — pelo fato de possuir um profundo humanismo e uma compreensão ainda mais profunda dos segredos da psique humana — ao leitor comum que procura ampliar seus conhecimentos da vida.*

Durante anos, desde que foi publicado pela primeira vez, o Bardo Thödol *tem sido meu companheiro constante e a ele devo não apenas muitas idéias e descobertas estimulantes, mas também muitos esclarecimentos fundamentais. Ao contrário d*O livro egípcio dos mortos, *que sempre nos induz a falar demais ou muito pouco, o* Bardo Thödol *nos oferece uma filosofia inteligível, endereçada a seres humanos, mais do que a deuses ou a selvagens primitivos. Sua filosofia contém a quintessência da crítica psicológica budista; nessa qualidade, podemos realmente dizer que ele é de uma superioridade sem par.*

. . . . . .

O livro não é um cerimonial fúnebre, mas um conjunto de instruções para os mortos, um guia através dos cambiantes fenômenos do reino do Bardo, *esse estado de existência que continua por 49 dias após a morte até a próxima reencarnação.*

. . . . . .

O Bardo Thödol *é, então, conforme observa igualmente o Dr. Evans-Wentz, um processo de iniciação cujo propósito é o de restaurar na alma a divindade que ela perdeu ao nascer. [. . .] O livro descreve um caminho de iniciação em sentido inverso, a qual, diferentemente das expectativas escatológicas da Cristandade, prepara a alma para uma descida à existência física.*

. . . . . .

Esse tratado dos mortos é tão detalhado e tão adaptado às aparentes modificações na condição do morto que qualquer leitor sério ver-se-á propenso a perguntar se esses velhos sábios lamas não teriam, afinal de contas, apreendido algo da quarta dimensão e levantado o véu de um dos maiores segredos da vida.

C. G. Jung
"Comentário Psicológico"

EDITORA PENSAMENTO

W. Y. EVANS-WENTZ (org.)

O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

W. Y. EVANS-WENTZ (org.)

O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

Estudos Introdutórios
C. G. JUNG
LAMA ANAGARIKA GOVINDA
SIR JOHN WOODROFFE
W. Y. EVANS-WENTZ

Pensamento

Outras obras de interesse:

O LIVRO EGIPCIO DOS MORTOS,
E. A. Wallis Budge

A REENCARNAÇÃO,
Papus

MORTE... E DEPOIS?,
Annie Besant

OS CICLOS DE REENCARNAÇÃO,
Mona Rolfe

A REENCARNAÇÃO E A LEI DO CARMA,
W. W. Atkinson

A RODA DA ETERNIDADE,
Helen Greaves

KARMA — A LEI UNIVERSAL DA HARMONIA,
Virginia Hansen e *Rosemarie Stewart* (orgs.)

A REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA,
Hermínio Miranda

TANTRA NO TIBETE,
Tsong-Ka-Pa

A TRANSIÇÃO CHAMADA MORTE,
Charles Hampton

Capa: Reprodução de um fólio do manuscrito do *Bardo Thödol*.

O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

Livraria e Distribuidora
CATARINENSE
Ltda.
FONE 22.4766
Rua Cons. Mafra, 47 - Centro
Florianópolis - Santa Catarina

O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

ou

Experiências Pós-morte no Plano do *Bardo*, segundo a versão do Lama Kazi Dawa-Samdup

Compilação e Coordenação
W. Y. EVANS-WENTZ

Estudos Introdutórios
C. G. JUNG
LAMA ANAGARIKA GOVINDA
SIR JOHN WOODROFFE
e
W. Y. EVANS-WENTZ

Tradução
JESUALDO CORREIA GOMES DE OLIVEIRA

Revisão Estilística
VICENTE CECHELERO

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Publicado originalmente em inglês com o título de:
The Tibetan Book of the Dead

Copyright ©1960 by W. Y. Evans-Wentz

Edição
1-2-3-4-5-6-7-8-9

Ano
85-86-87-88-89-90-91-92-93

Direitos reservados
EDITORA PENSAMENTO
Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270 São Paulo, SP - Fone: 63-3141

Impresso em nossas oficinas gráficas.

EM MEMÓRIA DE
MEUS FALECIDOS PAI E MÃE
DEDICO
ESTE LIVRO AOS MEUS MESTRES
SECULARES E RELIGIOSOS
DA EUROPA E DA AMÉRICA
E DE TODO O ORIENTE.

"Compreenderás que esta é a mais útil das ciências, e que se adianta a todas as demais, pois com ela se aprende a morrer. Saber que morrerá, isto é comum a todos os homens; da mesma forma que não há homem que possa viver para sempre, tenha ele esperança ou confiança nisso, mas encontrarás bem poucos que têm essa habilidade de aprender a morrer... Eu te revelarei o mistério dessa doutrina; a qual muito te beneficiará para o início da saúde espiritual e para uma estável fundamentação de todas as virtudes."

Orologium Sapientiae.

"Contra a sua vontade ele morreu, porque não aprendeu a morrer. Aprende a morrer e aprenderás a viver, pois ninguém aprenderá a viver se não houver aprendido a morrer."

"A Viagem de Todas as Viagens: Ensina o Homem a Morrer", *Livro da Arte de Morrer.*

"Tudo o que existe aqui, existe lá; o que existe lá, existe aqui. Aquele que estranha o aqui, encontra morte após morte.

Isso só pode ser compreendido através da mente, e [então] não haverá mais estranheza aqui. Aquele que estranha o aqui, vai de morte em morte."

Katha-Upanishad, IV, 10-11.
(Trad. inglesa de Swami Sharvananda.)

SUMÁRIO

PREFÁCIO (impressão de 1960) XI
PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO XIII
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO XIX
PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO XXV
ILUSTRAÇÕES XXIX
COMENTÁRIO PSICOLÓGICO (Dr. C. G. Jung) XXXV
PREFÁCIO: A CIÊNCIA DA MORTE (Sir John Woodroffe) LIX
INTRODUÇÃO
I. A importância do *Bardo Thödol* 1
II. O simbolismo 2
III. O significado esotérico dos quarenta e nove dias do *Bardo* 5
IV. O significado esotérico dos cinco elementos 6
V. Os ensinamentos de sabedoria 7
VI. As cerimônias fúnebres 12
VII. O *Bardo* ou estado pós-morte 20
VIII. A psicologia das visões do *Bardo* 21
IX. O juízo 24
X. A doutrina do renascimento 27
XI. A cosmografia 42
XII. Resumo dos ensinamentos fundamentais 45
XIII. O manuscrito 46
XIV. A origem do *Bardo Thödol* 49
XV. A tradução e a edição (inglesas) 53

LIVRO I
O *CHIKHAI BARDO* E O *CHÖNYID BARDO*

SEÇÕES INTRODUTÓRIAS 59
AS OBEDIÊNCIAS 59
INTRODUÇÃO 60
A transferência do princípio de consciência 60
A leitura deste *Thödol* 61
Aplicação prática deste *Thödol* pelo oficiante

Parte I

O *BARDO* DOS MOMENTOS DA MORTE
INSTRUÇÕES SOBRE OS SINTOMAS DA MORTE, OU O PRIMEIRO ESTÁGIO DO *CHIKHAI BARDO*: A CLARA LUZ PRIMÁRIA VISTA NO MOMENTO DA MORTE 62
INSTRUÇÕES SOBRE O SEGUNDO ESTÁGIO DO *CHIKHAI BARDO:* A CLARA LUZ SECUNDÁRIA VISTA IMEDIATAMENTE APÓS A MORTE 69

Parte II

O *BARDO* DA VIVÊNCIA DA REALIDADE
INSTRUÇÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA REALIDADE DURANTE O TERCEIRO ESTÁGIO DO *BARDO*, CHAMADO *CHÖNYID BARDO*, QUANDO SURGEM APARIÇÕES *KÁRMICAS* 71
A AURORA DAS DIVINDADES PACÍFICAS, DO PRIMEIRO AO SÉTIMO DIA 74
Primeiro dia 74
Segundo dia 76
Terceiro dia 86
Quarto dia 88
Quinto dia 89
Sexto dia 92
Sétimo dia 97
A AURORA DAS DIVINDADES IRADAS, DO OITAVO AO DÉCIMO QUARTO DIA 101
Introdução 101
Oitavo dia 105
Nono dia 105
Décimo dia 106
Décimo primeiro dia 106
Décimo segundo dia 107
Décimo terceiro dia 108
Décimo quarto dia 110
CONCLUSÃO, MOSTRANDO A IMPORTÂNCIA FUNDAMENTAL DOS ENSINAMENTOS DO *BARDO* 115

LIVRO II
O *SIDPA BARDO*

SEÇÕES INTRODUTÓRIAS 119
AS OBEDIÊNCIAS 119
VERSOS INTRODUTÓRIOS 119

Parte I

O MUNDO DO PÓS-MORTE
O CORPO DO *BARDO*: SEU NASCIMENTO E SUAS FACULDADES SOBRENATURAIS 119
CARACTERÍSTICAS DA EXISTÊNCIA NO ESTADO INTERMEDIÁRIO 123
O JUÍZO 127
A INFLUÊNCIA SOBREDETERMINANTE DO PENSAMENTO 129
A AURORA DAS LUZES DOS SEIS *LOKAS* 132

Parte II

O PROCESSO DO RENASCIMENTO
O FECHAMENTO DA PORTA DO VENTRE 133
Método para impedir a entrada num ventre 134
Primeiro método para fechar a porta do ventre 134
Segundo método para fechar a porta do ventre 135
Terceiro método para fechar a porta do ventre 135
Quarto método para fechar a porta do ventre 137
Quinto método para fechar a porta do ventre 138
A ESCOLHA DA PORTA DO VENTRE 139
Visões premonitórias do lugar de renascimento 139
Proteção contra as fúrias atormentadoras 141
ESCOLHA ALTERNATIVA: NASCIMENTO SOBRENATURAL OU NASCIMENTO NO VENTRE 143
Nascimento sobrenatural por transferência a um reino paradisíaco 143
Nascimento no ventre: retorno ao mundo humano 144
CONCLUSÃO GERAL 146

APÊNDICE

I. INVOCAÇÃO DOS BUDAS E BODDHISATTVAS 150
II. "O CAMINHO DOS BONS DESEJOS PARA SALVAR DA PERIGOSA PASSAGEM ESTREITA DO *BARDO*" 151
III. "OS VERSOS FUNDAMENTAIS DOS SEIS *BARDOS*" 153
IV. "O CAMINHO DOS BONS DESEJOS QUE PROTEGEM DO TEMOR NO *BARDO*" 155
V. COLOFÃO 158

ADENDOS

I. YOGA 160
II. TANTRISMO 162
III. *MANTRAS* OU PALAVRAS DE PODER 167

IV. O *GURU*, O *SHISHYA* (OU *CHELA*) E AS INICIAÇÕES 168
V. REALIDADE 169
VI. BUDISMO DO NORTE, DO SUL E CRISTIANISMO 175
VII. O JUÍZO CRISTÃO MEDIEVAL 179

ÍNDICE ANALÍTICO 183

PREFÁCIO

Resumo do prefácio à impressão de 1960.

Que os vivos de fato procedem dos mortos, como Sócrates intuitivamente percebeu quando estava prestes a beber cicuta e sofrer a morte, é o que este tratado reza, não em virtude de tradição ou crença, mas sobre as bases sólidas do inequívoco testemunho de iogues que proclamam haver morrido e reentrado no ventre humano conscientemente.

Se este tratado, transmitido ao Ocidente pelos Sábios das Cordilheiras Nevadas, for como se pretende ser, ele indubitavelmente oferece orientação segura para o momento da morte e para o estado do pós-morte, através do qual todo ser humano inevitavelmente deverá passar, e do qual bem poucos têm uma compreensão clara. Ele é, por conseguinte, de inestimável valor.

A exploração do homem, o Desconhecido, de uma maneira verdadeiramente científica e yógica, tal como este livro sugere, é incomparavelmente mais importante que a exploração do espaço exterior. Transportar-se no corpo físico à Lua, a Vênus ou a qualquer outra das esferas celestes acrescentará algo ao conhecimento humano, mas apenas ao conhecimento de coisas transitórias. A meta final do homem, tal como os sábios aqui ensinam, é a transcendência sobre o transitório.

Atualmente, como aconteceu durante o Renascimento europeu, quando as influências orientais inspiraram vários tratados notáveis sobre a Arte de Morrer (aos quais serão feitas referências mais adiante), há um interesse cada vez maior em se saber mais sobre a origem e o destino do homem. Conforme aconselhou-me certa vez, quando de minha estadia em seu *âshram*, o recentemente falecido Grande Mestre Bhagaván Śri Rámana Mahārshi, de Tiruvannamalai, no Sul da Índia; cada um de nós deveria se perguntar:

"Quem ou o que sou eu? Por que estou aqui encarnado? A que estou destinado? Por que há o nascimento e por que há a morte?"

Essas são as indagações supremas para a humanidade; e, a qualquer tentativa de respondê-las, este livro oferece ajuda que, segundo o editor, tem sido universalmente reconhecida, não apenas por representantes de várias crenças, inclusive católicos e protestantes, mas também por cientistas. O Dr. C. G. Jung, eminente decano dos psicólogos, reconheceu o valor único deste livro e, em seu longo *Comentário Psicológico* ao mesmo, que reproduzimos mais adiante, diz a propósito: "Durante anos, desde que foi publicado pela primeira vez [em 1927], o *Bardo Thödol* tem sido meu companheiro constante, e a ele devo não apenas muitas idéias e descobertas estimulantes, mas também inúmeros esclarecimentos fundamentais."

Espero que o livro siga atendendo às expectativas de seu tradutor e editor,* proporcionando não apenas uma melhor compreensão entre o Oriente e o Ocidente, mas também corrigindo, especialmente no Ocidente, a falta de um Correto Conhecimento no que tange ao problema supremo da humanidade: o problema do nascimento e da morte.

O editor aproveita a oportunidade para agradecer àqueles que mais recentemente expressaram seu apreço em relação a este livro, em revistas especializadas, em conferências ou mesmo por carta, da mesma forma como agradece àqueles que o fizeram anteriormente. Graças a esses jornalistas, conferencistas e leitores de todas as partes do mundo, este livro ficou marcado pelo sucesso que alcançou.

Expressando meus melhores desejos a todos os que leram ou lerão este livro, em particular os estudantes, o editor tem o alto privilégio de solicitar aqui a sua atenção para as significativas palavras contidas nos ensinamentos de despedida de Milarepa, um dos mais queridos *gurus* tibetanos:

"Combina, num todo único, a meta da aspiração, a meditação e a prática, e atinge a Compreensão pela Experimentação.

"Considera como única esta vida, a próxima e a que se interpõe entre elas, no *Bardo*, e acostuma-te a elas como se fossem uma só."

Com a aplicação prática desses ensinamentos, assim nos asseguram os *gurus*, o objetivo espiritual revelado por este livro será alcançado, como o foi para Milarepa.

W. Y. E.-W.

San Diego, Califórnia,
Verão de 1959.

* A palavra "editor" é usada neste livro no sentido que tem no inglês: o de organizador, comentador, compilador, preparador de um texto para publicação; no caso, W.Y.E.-W.

PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO

É com a consciência da mais profunda gratidão que escrevo este Prefácio. Não haveria maior honra a ser demonstrada pelo Mundo Ocidental a este tratado tibetano sobre a Ciência da Morte e do Renascimento do que aquela expressa pelo mais ilustre psicólogo do Ocidente em seu *Comentário Psicológico* ao mesmo, publicado pela primeira vez na edição suíça de *Das Tibetanische Totenbuch*, pelo Rascher Verlag, Zurique, em 1938, e aqui apresentado em tradução [inglesa] inédita. E nenhuma outra exposição sobre o significado secreto dos ensinamentos do Livro poderia ter sido escrita com maior inteligência do que a apresentada no prefácio introdutório em apenso, escrito originalmente em inglês, pelo douto Lama Anagarika Govinda.

O editor e todos os que leram este livro acham-se em débito com ambos, o Dr. Jung e o Lama Govinda, por terem estes tornado possível esta edição maior e mais rica, assim como com o Sr. R. F. C. Hull, pela fiel tradução do original alemão que fez do *Comentário Psicológico* do Dr. Jung. Nossos agradecimentos também à Fundação Bollingen, por permitir a publicação da versão inglesa do *Comentário Psicológico*.

Para cada membro da Família Humana Unida encarnada agora, aqui no planeta Terra, este livro traz a maior de todas as grandes mensagens. Ele revela aos povos do Ocidente uma Ciência da Morte e do Renascimento tal como somente os povos do Oriente têm conhecido até hoje.

Visto que toda a humanidade deve abandonar seus corpos carnais e experimentar a morte, é muitíssimo benéfico que aprendam como encontrá-la corretamente quando esta se aproximar. O Lama Govinda explica, conforme diziam os antigos mistérios e os *Upanishads* declaram, que o não-iluminado encontra uma morte após a outra incessantemente.

De acordo com o Avatâra Krishna, no *Bhagavad-Gitâ*, somente os Despertos recordam suas inúmeras mortes e nascimentos. Buda estabeleceu o método iogue, pelo qual todos aqueles que duvidam desses ensinamentos relativos à pluralidade de nascimentos e mortes podem tirar prova de veracidade, tal como Ele o fez, através da auto-realização.

O argumento do homem não-iluminado, que parte do pressuposto de que, já que não tem memória consciente de seus inúmeros nascimentos e mortes, não pode crer na veracidade dos ensinamentos, é cientificamente insustentável. O alcance da percepção sensorial do homem comum, conforme pode ser demonstrado, está estreitamente circunscrito e é extremamente limitado. Há objetos e cores que ele

não pode ver, sons que não pode ouvir, odores que não pode cheirar, gostos que não pode degustar e sensações que não pode sentir. E, para além da sua consciência do dia-a-dia, que ele assume como sua única, há outras consciências, das quais os iogues e santos têm conhecimento e das quais os psicólogos estão começando a obter alguma compreensão, ainda que bem pequena. Conforme Lama Govinda explica concisamente, existe um estado integral, numa consciência potencialmente realizável, a memória de um passado esquecido, no qual cada um de nós, agora encarnado, tem uma parte.

Em seu *Comentário Psicológico*, O Dr. Jung nos faz ver que, embora Freud "seja a primeira tentativa feita no Ocidente, no sentido de investigar, como que a partir de baixo, isto é, da esfera animal do instinto, o território psíquico que corresponde, no Lamaísmo tântrico, ao *Sidpa Bardo*", ou estado de reencarnação, "um medo bastante justificável da metafísica impediu-o de penetrar na esfera do 'oculto'". Sob este aspecto, Freud foi tipicamente não-oriental e cerceado por suas próprias e auto-impostas limitações. Porém, tais limitações auto-impostas da Ciência Ocidental, que são em larga medida idênticas àquelas que a teologia ocidental se impôs através da recusa de tomar em justa consideração o esotérico na tradição cristã, nem sempre conseguem deter a pesquisa psicológica. O próprio Dr. Jung foi, na verdade, bem mais além dessas limitações de Freud, seu predecessor. "Portanto, não é possível", afirma Jung, "a psicologia freudiana chegar a qualquer resultado além de uma avaliação essencialmente negativa do inconsciente", onde se alojam, aparentemente imperecíveis, como o próprio psicólogo de Zurique afirma, os registros completos do passado da humanidade. A uma conclusão análoga a essa da ciência ocidental chegou Lama Govinda, através da ciência oriental.

O Dr. Jung relata que, entre os psicanalistas, há quem "afirme ter investigado até as recordações de origem intra-uterina"; e que, se a psicanálise freudiana conseguisse seguir o curso das chamadas experiências intra-uterinas mais remotas, "ela teria certamente desembocado para lá do *Sidpa Bardo*, e a seguir penetrado, a partir da retaguarda, nos planos inferiores do *Chönyid Bardo*". Mas, segundo ele nos faz ver, "com o equipamento de nossos atuais conhecimentos biológicos, tal aventura não poderia ser coroada de êxito; seria necessária uma preparação filosófica totalmente diferente daquela baseada nos pressupostos científicos correntes. Entretanto, se essa viagem regressiva houvesse sido realizada com sucesso, ela teria indubitavelmente conduzido à postulação de uma existência pré-uterina, uma verdadeira vida *Bardo*, caso se pudesse encontrar pelo menos algum vestígio de um sujeito dessa experiência".

Os psicólogos ocidentais, portanto, avançaram consideravelmente, em relação a Freud, no estudo da vida psíquica do homem. E avançarão ainda mais, quando já não estiverem tolhidos pelo medo freudiano da metafísica quanto à entrada na área do oculto. Esta última observação encontra plena corroboração no seguinte pronunciamento de Jung:

"Penso, então, que podemos estabelecer como tal o fato de que, com a ajuda da psicanálise, a mente racionalista ocidental foi impelida para aquilo que poderíamos chamar de neurotismo do estado do *Sidpa* (ou renascimento), e, aí, foi levada a uma inevitável paralisação pelo pressuposto acrítico segundo o qual tudo o que é psicólogico é subjetivo e pessoal. Mesmo assim, esse avanço foi uma grande conquista, posto que nos impossibilitou de dar mais um passo atrás em nossas vidas conscientes."

Portanto, é de enorme importância histórica o fato de que a profunda doutrina da preexistência e do renascimento — que tantos dos muitos iluminados de todas as épocas ensinaram como possível de ser compreendida — está agora sendo objeto de investigação pelos nossos cientistas do Ocidente. E muitos desses cientistas parecem estar se aproximando, nas trilhas de seus progressos científicos, daquele ponto em que — assim como sucedeu com outras descobertas entre os Sábios da Ásia muito antes do aparecimento das ciências ocidentais — o Ocidente e o Oriente parecem destinados a se encontrar em mútuo entendimento.

Aparentemente, entretanto, antes que esse tão desejado entendimento possa ser alcançado, deverá haver, conforme observa o Dr. Jung, "um tipo de preparação filosófica totalmente diferente" daquele baseado nos "atuais conhecimentos biológicos ocidentais". Não pode acaso ocorrer que os psicólogos ocidentais "heréticos", preparados para traçar uma nova trilha de pesquisas, eventualmente considerem inadequados os métodos das técnicas psicológicas da *Yoga* oriental, tais como os referidos no prefácio do Lama Govinda? Eu, pelo menos, creio que eles não os considerarão. De acordo com tal visão, esse tão propalado esforço de entendimento superior acerca da psique humana não será obtido pelos inadequados métodos freudianos, atualmente em voga, de "psicanalisar" um indivíduo, mas mediante a meditação e uma auto-análise integradora, tal como os mestres iogues fazem e Buda prescreve. Ele acredita também que, através desse processo, a ciência ocidental e a oriental, finalmente, se concertarão.

Então, quando essa tão esperada união se houver consumado, não haverá mais dúvidas, nem argumentos falazes, nem anatematizações pouco sábias e não-científicas do Conselho Eclesiástico, dirigidas contra a suprema doutrina da preexistência e do renascimento, sobre a qual o *Bardo Thödol* está assentado. Então, não apenas Pitágoras, Platão e Plotino, os cristãos gnósticos, Krishna e Buda serão vingados pela defesa da doutrina, mas, igualmente, os hierofantes dos antigos mistérios do Egito, Grécia, Roma e os druidas do mundo céltico. E o homem ocidental despertará daquele torpor de ignorância, que hipnoticamente o tem conduzido a uma equivocada ortodoxia. Ele saudará com os olhos plenamente abertos a mensagem há muito negligenciada pelos Sábios Homens do Oriente.

Conforme antecipei em meu primeiro trabalho importante, *The Fairy-Faith in Celtic Countries*, há 44 anos, o postulado do renascimento implica um desdobramento científico e a correção da concepção de Darwin acerca da lei da evolução. Apenas atravessando o ciclo de morte e nascimento, conforme foi ensinado por nossos venerados ancestrais — os druidas da Europa — há mais de 25 séculos, o homem atinge, na esfera psíquica e espiritual, a perfeição a que está destinado, perfeição que todos os processos da vida e das coisas vivas exibem no fim de seus ciclos evolutivos, e da qual o homem se encontra atualmente tão distanciado.

Que esta terceira edição do primeiro volume da série tibetana da Oxford seja portadora das melhores aspirações dos editores a todos os que a lerem — não apenas aos que habitam no distante Tibete e Hindustão, mas também aos que vivem

no mundo ocidental. E que possamos atender à solene admoestação contida neste livro, no sentido de não desperdiçarmos, nas coisas triviais deste mundo, a oportunidade suprema oferecida pelo nascimento, pois, caso contrário, partiremos desta vida, espiritualmente, de mão vazias.

W. Y. E.-W.

San Diego, Califórnia,
Páscoa de 1955.

EM MEMÓRIA DE SRI KRISHNA

"Muitas vidas, Arjuna, tu e eu vivemos;
Eu me lembro de todas, mas tu não."

Bhagavad-Gitâ, IV, 5

SUJEIÇÃO AO RENASCIMENTO

"Conforme for o desejo do homem, assim será o seu destino. Porque assim como for o seu desejo, assim será a sua vontade; e conforme a sua vontade, assim serão os seus atos; assim como forem os seus atos, assim será ele recompensado, bem ou mal.

"Um homem age de acordo com os desejos aos quais se apega. Após a morte, ele parte para o outro mundo, levando em sua mente as sutis impressões de seus atos; e, após obter lá o fruto de seus atos, retorna de novo a este mundo de ação. Assim sendo, aquele que tem desejos continua sujeito aos renascimentos."

Brihadaranyaka-Upanishad.

LIBERTAÇÃO DO RENASCIMENTO

"Aquele que carecer de discernimento, cuja mente for instável e cujo coração for impuro, não alcançará jamais a meta, e, sim, nascerá repetidas vezes. Contudo, aquele que possui discernimento, cuja mente está firme e o coração puro, este alcançará a meta, e, alcançando-a, não estará mais sujeito ao renascimento."

Katha-Upanishad (trad. inglesa de Swami Prabhavananda e de Frederick Manchester).

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

A MENSAGEM DESTE LIVRO

Quando esta segunda edição d*O Livro Tibetano dos Mortos* estava para ser publicada, seu editor viu-se convidado a explicar, por meio de um prefácio adicional, qual a mensagem essencial deste livro para povos tão enamorados do utilitarismo deste mundo da existência física e tão atados à sensualidade corporal como os povos do Ocidente.

A mensagem resume-se no fato de que a Arte de Morrer é tão importante quanto a Arte de Viver (ou de Chegar ao Nascimento), da qual é o complemento e a soma; e de que o futuro do ser depende, talvez inteiramente, de uma morte corretamente controlada, conforme enfatiza a segunda parte deste livro, com a apresentação da Arte de Reencarnar.

A Arte de Morrer — segundo é indicada pelo rito de morte associado à iniciação nos mistérios da Antigüidade e referida por Apuleio,[1] filósofo platônico, ele mesmo um iniciado, assim como por inúmeros outros ilustres iniciados,[2] e como

---

1. Acerca desta experiência pré-morte do morrer, presumivelmente enquanto se está fora do corpo, Apuleio escreve, em suas *Metamorphoses* (XI, 23): "Cheguei próximo dos confins da morte. Pisei no limiar de Proserpina [na região da morte]. Nasci através de todos os elementos, e retornei de novo à Terra" (cf. trad. de H. E. Butler. Londres, Oxford, Clarendon Press, 1910).

A arte de sair do corpo, ou de transferir a consciência do plano terrestre para o plano do pós-morte, ou para qualquer outro plano, ainda é praticada no Tibete, onde é conhecida como *Pho-wa* (ver W. Y. Evans-Wentz, *Tibetan Yoga and Secret Doctrines*. Londres, Oxford University Press, 1935, pp. 169-70, 246-76).

2. Entre esses ilustres iniciados — que, em seus vários escritos existentes, fazem referências semelhantes ao rito da morte de que trata Apuleio, mas habitualmente em linguagem mais velada que a deste — podemos mencionar Ésquilo, o criador do teatro grego; Píndaro, o poeta grego; Platão, discípulo de Pitágoras; Plutarco, o biógrafo grego; Cícero, orador e homem de Estado romano; Plotino, o neoplatônico, e seus discípulos Porfírio e Jâmblico. Cícero, regozijando-se com sua iluminação adquirida por iniciação, escreve: "Nós, afinal, possuímos razões do porquê vivemos, e não só estamos ávidos de viver, mas acalentamos uma melhor esperança na morte." (*De Legibus*, II, 14; trad. de A. Moret, em seu *Kings and Gods of Egypt*. Nova York e Londres, 1912, p. 194.) No mesmo contexto, A. Moret afirma: "O mesmo sentimento é encontrado nos dizeres de um iniciado eleusino: 'Veja! — É um belo mistério que nos vem do Bem-aventurado; para os mortais, a morte não é mais um mal, mas uma felicidade.' E Plutarco, em *A Imortalidade da Alma*, refere-se à 'multidão das gentes que não são iniciadas e purificadas e que se apinha no buraco de lama [da sensualidade] e se debate nas trevas e, por temor à morte, se apega às suas desgraças, não confiando na felicidade do futuro' " (*op. cit.*, p. 148 n. 111).

O Livro Egípcio dos Mortos sugere – parece ter sido bem mais conhecida entre os antigos povos que habitavam os países mediterrâneos do que o é, hoje, pelos seus descendentes na Europa e nas Américas.

Para aqueles que passaram pela secreta experiência do morrer pré-morte, morrer corretamente é iniciação, o que proporciona, como o faz o rito de morte iniciático, o poder de controlar conscientemente o processo da morte e da regeneração. Durante a Idade Média, e durante o Renascimento que a sucedeu, a Europa ainda conservava bastante os ensinamentos do mistério relativo à morte, para entender a suprema importância de saber como morrer; inúmeros tratados, referidos adiante, sobre a Arte de Morrer, eram correntes na época. Várias Igrejas primitivas do Cristianismo, em especial a romana, a grega, a anglicana, a siríaca, a armênia, a copta, e outras que datam da época da Reforma, incorporaram sabiamente em seus rituais e observâncias muitos princípios dessa Arte de Morrer pré-cristã. Hoje, em seus esforços no sentido de ajudar a morrer, essas Igrejas se encontram em flagrante contraste, cultural e sociologicamente, em relação à ciência médica limitada à Terra, ciência que não tem nenhuma palavra orientadora que leve à passagem para o outro plano, para o estado do pós-morte, mas sim, ao contrário, aumenta mais do que resolve, através de suas práticas questionáveis, os infundados temores e, freqüentemente, a extrema relutância em morrer dos seus pacientes moribundos, aos quais provavelmente prescreverá drogas e injeções entorpecentes.

Segundo ensina *O Livro Tibetano dos Mortos*, aquele que está para morrer deverá enfrentar a morte não só lúcida, calma e heroicamente, mas com o intelecto corretamente treinado e dirigido, transcendendo mentalmente, se for necessário, os sofrimentos e enfermidades do corpo, como se tivesse podido praticar eficientemente durante sua vida ativa a Arte de Viver, e, próximo da morte, a Arte de Morrer. Quando Milarepa, o santo mestre da *Yoga* do Tibete, estava se preparando para morrer, escolheu não apenas um lugar apropriado, na Caverna de Brilche, em Chubar, no Tibete, mas também um estado interior de equilíbrio mental que o mantinha próximo do *Nirvāna* vindouro. Controlando com firmeza o corpo, que, havendo sido envenenado por um inimigo, achava-se enfraquecido pela moléstia e atacado pela dor, Milarepa deu as boas-vindas à morte com canções, encarando-a como natural e inevitável. Após se haver desincumbido de seus ensinamentos testamentários finais e dado conselhos aos seus discípulos reunidos, ele compôs, de improviso, um hino notável em grato louvor a seu guru Marpa, hino esse que ainda se encontra em sua *Biografia*. Então, quando Milarepa terminou de cantar o hino, entrou ele no calmo estado de *samādhi* e abandonou sua forma carnal. Assim Milarepa morreu triunfalmente, como o fazem os santos e sábios de todas as crenças libertadoras em todas as épocas.[3]

No Ocidente, onde a Arte de Morrer é pouco conhecida e raramente praticada, há, pelo contrário, a comum relutância em morrer, a qual, conforme explica o ritual do *Bardo*, produz resultados desfavoráveis.

Tanto aqui como na América, todo o esforço costuma ser feito, por meio de

3. Ver W. Y. Evans-Wentz, *Tibet's Great Yogi Milarepa*. Londres, Oxford University Press, 1928, pp. 244-304.

uma ciência médica materialisticamente inclinada, no sentido de postergar e, conseqüentemente, interferir no processo da morte. Muito freqüentemente, ao moribundo não é permitido morrer em sua própria casa, ou mesmo num estado de tranqüilidade mental, mas colocam-no num hospital. Morrer num hospital, provavelmente sob o efeito de alguma droga entorpecente, ou também sob o estímulo de alguma droga injetada no corpo, que age no sentido de prolongar um desejo de ir contra a morte, é nada mais que sofrer uma morte indesejada, da mesma maneira como é indesejada a morte de um soldado atrás de uma trincheira. Da mesma forma que o resultado normal do processo do nascimento pode ser abortado, assim também pode ocorrer com o processo da morte.

Os sábios orientais acreditam que, a despeito dessas infelizes circunstâncias que atualmente o acompanham na morte, o ocidental reconhecerá, à medida que sua compreensão das coisas aumente, que neste imenso universo, cuja extensão mede milhões de anos-luz, há o reino da infalível Lei. O Ciclo da Necessidade, o Círculo da Existência da antiga crença druídica, as Rotinas de Vida e Morte, ele os reconhecerá como universais, e que mundos e sóis, assim como ele mesmo e todas as coisas vivas, retornam repetidamente à ilusória forma da corporificação, e que cada uma dessas várias manifestações é mediada por aquilo que os lamas do Tibete chamam de *Bardo*, estado que intervém entre a morte e o renascimento.

Se as sugestivas observações apresentadas neste novo prefácio, as quais são extraídas das doutrinas contidas nos textos traduzidos deste livro, puderem ajudar, o mínimo que seja, a despertar a atenção do Ocidente quanto ao extremo perigo ao qual ele se tem inclinado, em grande medida devido a uma ciência médica ignorante quanto à Arte de Morrer, então as preces dos lamas terão sido ouvidas, elas que esperam dissipar essas Trevas de Ignorância que, conforme Buda percebeu, envolvem o mundo. Conforme ensinaram o Plenamente Iluminado e todos os Supremos Guias da Humanidade, é somente através da Luz interior da Sabedoria – "a verdadeira luz, que ilumina todo homem que vem a este mundo"[4] – que as Trevas da Ignorância poderão ser dissipadas.

O Livro Egípcio dos Mortos, corretamente intitulado, é o *Surgir do Dia*, na arte sagrada egípcia de sair desta vida para outra, ou, na linguagem do faraônico Egito, o *Per em Hru*[5]. Da mesma forma, *O Livro Tibetano dos Mortos*, no original tibetano, é o *Bardo Thödol*, que significa "Libertação pela Audição no Plano do Pós-morte", e que implica um método iogue de chegar à Libertação *nirvânica*, para além do Ciclo do Nascimento e da Morte. Cada um desses dois livros sobre a morte incute, através de seu método peculiar, uma Arte de Morrer e de Sair para uma Nova Vida, porém de maneira simbólica e esotericamente mais profunda do que o faziam os tratados da Europa medieval cristã sobre a Arte de Morrer, entre os quais encontra-se o *Ars Moriendi* (Arte de Morrer), que pode ser tomado como típico e ilustrativo dessa contrastante diferença.

Ficou a fervorosa esperança do falecido Lama Kazi Dawa-Samdup, o tradutor, e dos outros ilustres lamas que dirigiram a pesquisa do editor – uma esperança que este também – compartilha – no sentido de que, ajudado pelos ensinamentos do

4. Cf. *São João*, I, 9.

5. Cf. H. M. Tirard, *The Book of the Dead*. Londres, 1910, pp. 48-9.

Mistério e pelas próprias versões cristianizadas de muitos de seus princípios, o Ocidente possa reformular e praticar uma Arte de Morrer, assim como uma Arte de Viver. Para os povos do Ocidente, assim como o foi para os iniciados da Antigüidade e ainda o é para os povos do Oriente, a transição do plano humano da consciência para o do processo chamado morte pode e deve ser acompanhada de uma solene alegria. Finalmente, segundo declaram os mestres *iogues*, quando a humanidade houver amadurecido e fortalecido espiritualmente, a morte será vivida extaticamente, nesse estado conhecido pelos orientais como *samâdhi*. Através da correta prática de uma fidedigna Arte de Morrer, a morte terá, então, perdido o seu sentido negativo e redundará em vitória.

Este prefácio está sendo escrito durante a Páscoa, na Califórnia. Conforme o costume de tantas civilizações passadas, também aqui hoje, do alto das colinas, com preces e alegres cantos, está sendo prestada reverência ao novo sol que surge na aurora, em meio ao fresco e reluzente verdor das folhas renascentes e da fragância das flores no esplendor da primavera. Trata-se, na verdade, da contínua Ressurreição, o devir para uma nova vida de coisas que haviam morrido; e, de maneira semelhante, acontece com aqueles que adormeceram em Cristo para serem capazes de se levantarem de seus túmulos. Por sobre a superfície da Mãe-terra, em pulsantes vibrações, radiante e vigoroso, corre o eterno Fluxo da Vida; e quem quer que tenha o poder de enxergar corretamente verá que, para os seres não-emancipados, a morte não é senão o prelúdio, necessário e verdadeiro, para a vida.

W. Y. E.-W.

San Diego, Califórnia,
Páscoa de 1948.

A CORRETA ORIENTAÇÃO DO PENSAMENTO DO MORIBUNDO

Tanto os budistas quanto os hindus acreditam que o derradeiro pensamento que ocorre no momento da morte determina o caráter da próxima encarnação. Assim como o *Bardo Thödol* ensina, da mesma forma os antigos sábios da Índia ensinaram que o processo de pensamento de uma pessoa moribunda deveria ser corretamente orientado, de preferência por ela mesma, como se ela houvesse sido iniciada ou psiquicamente treinada para encontrar a morte, ou, em outras palavras, como se houvesse sido ensinada por um *guru*, amigo ou parente, na ciência da morte.

Sri Krishna, no *Bhagavad-Gîtâ* (VIII, 6), diz a Arjuna: "Atinge-se qualquer estado [do ser] no qual se pensa por último, quando, abandonado o corpo, se estiver sempre absorto nesse pensamento."

Nosso pensamento passado determinou o nosso estado presente, e o nosso pensamento atual determinará o nosso estado futuro; pois o homem é aquilo que ele pensa. Nas palavras do verso de abertura do *Dhammapâda*: "Tudo o que somos é o resultado do que pensamos: está fundado nos nossos pensamentos, é composto de pensamentos nossos."

O mesmo ensinaram os sábios hebreus, segundo os *Provérbios*, XXIII, 7: "O homem é aquilo que ele pensa em seu coração."

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Neste livro, na medida do possível, eu procuro suprimir minhas próprias opiniões e agir apenas como porta-voz de um sábio tibetano, de quem fui discípulo confesso.

Seu desejo era que eu tornasse conhecida a sua interpretação dos mais altos ensinamentos *lamaicos*, e do sutil esoterismo subjacente no *Bardo Thödol*, de acordo com as instruções que lhe haviam sido transmitidas, oral e individualmente, por seu guru-ermitão em Butão, quando ele vivia a vida de um jovem asceta. Sendo ele próprio uma pessoa dotada de um considerável volume de conhecimentos ocidentais, deu-se ao grande trabalho de ajudar-me a reproduzir idéias orientais de maneira a torná-las compreensíveis à mente européia. Se, para efeito de enriquecimento, me referi freqüentemente a paralelos ocidentais de várias correntes místicas e ocultas no Oriente, eu o fiz largamente porque em minhas andanças por lá, principalmente nos altos Himalaias e nas fronteiras tibetanas de Cachemira, Garhwal e Sikkim, me deparei por acaso com sábios filósofos e homens santos que encontraram ou acreditavam ter encontrado crenças e práticas religiosas – algumas registradas em livros, outras preservadas apenas pela tradição oral – não apenas análogas às deles mesmos, mas também tão semelhantes às ocidentais que se suspeita haver alguma conexão histórica entre elas. Se a suposta influência passou do Oriente para o Ocidente ou do Ocidente para o Oriente, isto eles não sabem com clareza. Uma certa similaridade, contudo, parece ter a ver com a cultura dessas regiões geograficamente afastadas.

Dediquei, portanto, cinco anos a essa pesquisa, viajando do litoral do Ceilão, com suas palmeiras, através da maravilhosa terra dos hindus, até as gélidas Cordilheiras do Himalaia, à procura dos sábios do Oriente. Vivi por vezes nas cidades, outras vezes nas solidões das florestas e montanhas, em meio aos *iogues;* às vezes em mosteiros, com os monges; às vezes fui em peregrinações, como alguém da multidão que busca a redenção. A Introdução – a qual, na sua incomum extensão, pretende servir como um comentário bastante necessário à tradução – e as notas ao texto são o testemunho dos resultados mais importantes dessa pesquisa, mais especialmente em relação ao Budismo do Norte ou *Mahāyāna.*

Entretanto, fui em verdade apenas pouco mais que o compilador e editor d*O Livro Tibetano dos Mortos.* Ao falecido tradutor – que combinava em si um conhecimento das ciências ocultas do Tibete e das ciências ocidentais maior que qualquer outro sábio tibetano da época – cabe, evidentemente, o principal crédito deste trabalho.

Além disso, no maior de todos os débitos que o estudante sempre tem para com o seu preceptor, reconheço minha dívida a cada um dos vários e bons amigos e auxiliares que me ajudaram pessoalmente neste trabalho. Alguns deles pertencem a determinadas crenças, outros a outras; alguns são de longe, do Japão, da China; outros são de minha terra natal, a América; muitos vivem no Ceilão e na Índia, uns poucos no Tibete.

Aqui na Inglaterra, penso em primeiro lugar no Dr. R. R. Marett, professor de Antropologia Social na Universidade de Oxford e *Fellow* do Exeter College, o qual, desde minha primeira chegada a Oxford, em 1907, tem orientado fielmente minhas pesquisas antropológicas. Sir John Woodroffe, ex-juiz da Suprema Corte, em Calcutá, atualmente professor de Direito Indiano na Universidade de Oxford, e a maior autoridade ocidental em matéria de *Tantras*, leu do começo ao fim a nossa tradução, principalmente o aspecto da obra enquanto um ritual mais ou menos tântrico, e ofereceu importantes conselhos. Sou-lhe muito grato também pelo Prefácio.

A Sj. Atal Bihari Ghosh, de Calcutá, secretário co-honorário de Sir John Woodroffe do *Āgamânusandhâna Samiti*, assim como a Sir E. Denison Ross, diretor da Escola de Estudos Orientais da London Institution e ao Dr. F. W. Thomas, bibliotecário do India Office, de Londres — a todos estes sinto-me grato por todas as críticas construtivas sobre o livro como um todo. Ao Major W. L. Campbell, representante político britânico no Tibete, em Butão e em Sikkim, durante minha estada em Gangtok, pelo seu grande estímulo e erudita ajuda, assim como pela doação de duas valiosas telas preparadas por sua ordem no mosteiro principal de Gyantse, no Tibete, para ilustrar o simbolismo do texto do *Bardo Thödol*. Ao seu predecessor, assim como ao seu sucessor naquele mesmo posto, Sir Charles Bell, encontro-me também em débito por seus importantes conselhos no início de minhas pesquisas, em Darjeeling. A Mr. E. S. Bouchier, M. A. (Univ. de Oxford), F. R. Hist. S., autor de *Syria as a Roman Province, A Short History of Antioch*, etc., os meus mais sinceros agradecimentos pela assistência que tão amavelmente me proporcionaram com a leitura de todo este livro, quando ainda estava em provas.

A Sardar Bahadur S. W. Laden La, chefe de polícia de Darjeeling, que me enviou a Gangtok com uma carta de recomendação ao Lama Kazi Dawa-Samdup, o tradutor do *Bardo Thödol*; ao Dr. Johan van Manen, secretário da Asiatic Society, de Calcutá, que me emprestou livros tibetanos que foram de grande ajuda enquanto a tradução tomava forma e foi quem, posteriormente, contribuiria com observações quanto à tradução; e ao Dr. Cassius A. Pereira, de Colombo, Ceilão, que criticou partes da Introdução sob a luz do Budismo Theravâda — a todos estes devo também os meus agradecimentos.

Assim, sob os melhores auspícios, este livro está sendo enviado ao mundo, com a esperança de que possa contribuir com algo à soma total do Correto Conhecimento, e servir como mais um elo espiritual na cadeia da boa vontade e da paz universal, unindo o Ocidente e o Oriente em mútuo respeito e compreensão, e com tal amor que ultrapasse a barreira de credos, castas e raças.

W. Y. E.-W.

Jesus College, Oxford,
Páscoa de 1927.

I. RENÚNCIA

"Alija-te das paixões da vida, das vaidades,
Da ignorância e da loucura da distração;
Rompe as amarras; só assim acabarás um dia
Com o Mal. Livra-te da Cadeia do nascimento
E morte, pois sabes o que eles significam.
Assim, liberta-te do desejo, nesta vida na terra,
E irás em teu caminho calmo e sereno."

Buda, *Salmos dos Primeiros Budistas*, I, LVI
(trad. inglesa de Mrs. Rhys Davids).

II. VITÓRIA

"Mas a angústia tomou conta de mim, até de mim,
Enquanto eu meditava em minha pequena cela:
Ai de mim! Como pude entrar neste mau caminho!
Sob o poder da Ansiedade me perdi!
Curta é a vida que ainda me cabe viver;
A velhice, as doenças ameaçam assolar-me.
Em breve este corpo perecerá e se dissolverá;
Hei de ser ligeiro; pois não tenho tempo a perder.
E, contemplando como eles realmente são,
Os Agregados da Vida, que vêm e que vão,
Ergui-me e fiquei com a mente emancipada!
Para mim, as palavras de Buda haviam acontecido."

Mittakalī, um brâmane Bhikkhunī,
Salmos dos Primeiros Budistas, I, XLIII
(trad. inglesa de Mrs. Rhys Davids).

ILUSTRAÇÕES

I. A EFÍGIE DO MORTO *p. 15*

Reprodução (ligeiramente reduzida) de uma cópia de um papel *Chang-ku* tibetano impresso.

II. O TRADUTOR E O EDITOR *Prancha 1* *p. 77*

Detalhe de uma fotografia do tradutor com o editor, em indumentárias tibetanas, tomada em Gangtok, Sikkim, no ano de 1919.

III. FÓLIOS 35A E 67A DO MANUSCRITO DO *BARDO THÖDOL* *Prancha 2* *p. 78*

Uma reprodução fotográfica (cerca de dois terços do tamanho original). As iluminuras, no original, são em cores (agora bastante descoradas), pintadas nos fólios (cf. p. 46 *et al.*)

A pintura de fólio de cima ilustra, com as cores, emblemas, e a orientação em estrita concordância com as tradições da arte monástica tibetana, a descrição contida no texto das *mandalas* unidas, ou conclaves divinos, das Divindades Pacíficas do Primeiro ao Sexto Dia do *Bardo* que descem reunidas num único conclave no Sexto Dia (cf. pp. 92-7). No círculo central (Centro) encontra-se o Dhyāni Buda Vairochana, abraçado à sua *shakti*, ou esposa divina, a Mãe do Espaço Infinito. No círculo seguinte, cada qual abraçado igualmente à sua *shakti*, encontram-se os Quatro Dhyāni Budas, os quais, com Vairochana, constituem a *mandala* dos Cinco Dhyāni Budas. No círculo mais externo estão os típicos Boddhisattvas e outras divindades que acompanham os Cinco Dhyāni Budas (cf. pp. 92-4); e nos quatro pequenos círculos externos as quatro fêmeas Guardiãs da Porta do conclave completo (cf. p. 93).

A pintura do fólio inferior ilustra, da mesma maneira, em cores, emblemas e orientação as *mandalas* unidas das Divindades Furiosas do Oitavo ao Décimo Quarto Dia, as quais descem reunidas num conclave completo no Décimo Quarto Dia (cf. pp. 110-12). No desenho cruciforme do centro, encontram-se os Herukas de três cabeças de Buda – Vajra, Ratna, Padma e a Ordem do Karma – cada um com a sua *shakti*, que descem, *mandala* após *mandala*, do Oitavo ao Décimo Segundo Dia (cf. pp. 105-08). O círculo externo mostra representações das várias divindades com cabeça de animais, as quais descem nos Décimo Terceiro e Décimo Quarto Dias (cf. pp. 108-10). Nos quatro pequenos círculos externos encontram-se as Quatro *Yoginis* da Porta (cf. pp. 111).

A tradução do texto dos fólios está indicada por marcações especiais (barras verticais) nas páginas 93 e 110.

IV. A GRANDE *MANDALA* DAS DIVINDADES PACÍFICAS *Prancha 3* *p. 79*

Esta e a ilustração ao lado (número V) são reproduções fotográficas (cerca de um quarto do tamanho original) de duas pinturas em cor, em espesso tecido de algodão, feita no mosteiro

principal de Gyantse, Tibete, e sob as instruções do Major W. L. Campbell, a fim de ilustrar a nossa tradução do *Bardo Thödol* (veja prefácio à p. XXVI). As cores, emblemas e orientações, como nas iluminuras dos dois manuscritos descritos acima, estão de acordo com as estritas convenções da arte religiosa do Tibete. As correlações, também, entre o texto e as divindades pintadas, conforme ficou expresso na descrição das duas iluminuras do manuscrito, são igualmente aplicáveis a estas duas pinturas mais elaboradas.

O mais interno dos círculos (representando o Centro da orientação) apresenta: ao centro, Vairochana (branco) e sua *shakti*, no trono-leão (cf. pp. 74-5); acima, Samanta-Bhadra (azul) e sua *shakti*; no círculo inferior à esquerda, Chenrazee (acima), Manjushri (embaixo, à esquerda), Vajra-Pāṇi (embaixo, à direita); no círculo inferior à direita, Tsoñ Khapa, um famoso *guru* tibetano (acima), e seus dois principais *shishyas* (ou discípulos), Gendundub (embaixo, à esquerda) e Gyltshabje (embaixo, à direita).

No círculo inferior (Leste): no centro Vajra-Sattva (azul), o reflexo de Akshobhya e sua *shakti*, no trono-elefante; Pushpā (acima); Lāsyā (embaixo); e Boddhisattvas (à esquerda e à direita). (Cf. pp. 76 e 85.)

Círculo esquerdo (Sul): no centro, Ratna-Sambhava (amarelo) e sua *shakti*, no trono-cavalo: Dhūpa (acima); Mālā (embaixo); e Boddhisattvas (às esquerda e à direita). (Cf. pp. 86-7.)

Círculo superior (Oeste): no centro, Amitābha (vermelho) e sua *shakti*, no trono-pavão; *Āloka* (acima); Gītā (abaixo); Boddhisattvas (à esquerda e à direita). (Cf. p. 88.)

Círculo direito (Norte): no centro, Amogha-Siddhi (verde) e sua *shakti* no trono-harpia; Naidevya (acima); Gandha (embaixo); Boddhisattvas (à esquerda e à direita). (Cf. pp. 90-1.)

Ocupando os quatro cantos do grande círculo, encontram-se os quatro principais Guardiães da Porta (cf. p. 93) da *mandala*, cada par num loto aureolado de fogo como trono: acima, à esquerda, *Yamāntaka* (amarelo) e sua *shakti*, os Guardiães da Porta do Sul; acima à direita, Hayagrīva (vermelho) e sua *shakti*, os Guardiães da Porta do Oeste; embaixo à direita, Amritā-Dhāra (branco) e sua *shakti*, os Guardiães da Porta do Norte; embaixo à esquerda, Vijaya (verde) e sua *shakti*, os Guardiães da Porta do Leste. Embaixo, no centro, Padma Sambhava, o Grande *Guru* Humano da doutrina do *Bardo Thödol*, em trajes reais e com o toucado dos pánditas, segurando, à mão esquerda, uma caveira com sangue, símbolo de renúncia da vida, e, à direita, um *dorje*, símbolo de domínio da vida.

A seus pés encontram-se as dádivas: (1) o *Tri-Ratna* ou Três Tesouros da Doutrina Budista, (2) um par de presas de elefante, e (3) um ramo de coral vermelho. À direita do *Guru* está o Buda do *Loka* (ou Mundo) Humano (em amarelo), Shakya Muni, segurando um báculo *bhikkhu* e uma tigela de pedinte; à direita o Buda do *Loka* dos Brutos (azul), segurando um livro que simboliza a linguagem e a expressão, ou sabedoria divina, da qual carecem as criaturas brutas.

Nos quatro cantos encontram-se os outros quatro Budas dos Seis *Lokas* (cf. p. 94): acima, à esquerda, o Buda do *Deva-loka* (branco) segurando um violão, simbolizando com isto a maestria nas artes e ciências e a harmonia da existência no mundo dos *devas* (divindades); acima, à direita, o Buda do *Asura-loka* ou mundo dos demônios (verde), que segura uma espada, simbolizando a natureza guerreira dos *asuras*; embaixo, à esquerda, o Buda do *Preta-loka* (vermelho), segurando uma caixa com todos os objetos que satisfazem os anseios dos *pretas*; embaixo, à direita, o Buda do Inferno (de cor enfumaçada), segurando o fogo para a destruição e a água para a purificação.

Entre outros adornos acrescentados pelo artista, encontra-se um espelho sagrado (simbolizando a forma ou corpo que ele reflete) próximo às árvores, à esquerda, assim como uma concha sagrada, que é a trombeta da vitória, simbolizando a vitória sobre o *Sangsāra* (símbolo do som); e entre os dois Budas de baixo, nas duas cavernas, os *iogues* ou homens sagrados, na floresta virgem tibetana.

No alto, ao centro, dominando toda a *mandala*, o Buda *Amitābha* (vermelho) sobre um loto aureolado, e no trono lunar, segurando uma tigela de pedinte, com lotos e a Lua (branco), à esquerda e lotos e o Sol, à direita.

V. A GRANDE *MANDALA* DAS DIVINDADES IRADAS E DETENTORAS DO CONHECIMENTO

Prancha 4 *p. 80*

Na parte mais interna do círculo: acima, no centro, Samanta-Bhadra (azul) e sua *shakti*, com aspecto irado; mais abaixo, no centro (Centro), o Buda Heruka (marrom escuro) e sua *shakti* (cf. p. 105); mais abaixo à esquerda (Leste), o Vajra Heruka (azul escuro) e sua *shakti* (cf. p. 106); mais acima à esquerda (Sul), o Ratna Heruka (amarelo) e sua *shakti* (cf. pp. 106-07); na parte superior direita (Oeste), o Padma Heruka (marrom-avermelhado) e sua *shakti* (cf. p. 107); mais abaixo, à direita (Norte), o Karma Heruka (verde escuro) e sua *shakti* (cf. p. 107). Cada par dessas divindades se encontra sobre um loto e no trono solar, aureoladas por chamas de sabedoria e mantendo sob os pés seres *mārā* (isto é, seres humanos, cuja existência, sendo puramente fenomenal ou *kármica*, é ilusão ou *māyā*), simbolizando a subjugação da existência *sangsārica* (mundana). Embaixo estão as ofertas dos cinco sentidos *sangsāricos*, simbolizadas por: (1) dois olhos, (2) duas orelhas, (3) uma língua, (4) um coração (no centro) e (5) um nariz (acima do coração); também de três caveiras humanas cheias de sangue, sustentadas por outras pequenas caveiras, todas simbolizando a renúncia do mundo.

Segundo círculo: as Oito Kerimas (cf. p. 109).

Terceiro círculo: as Oito Htamenmas (cf. p. 109) e as Quatro Fêmeas Guardiãs da Porta (cf. pp. 110-11). No mais externo dos círculos: as Vinte e Oito Poderosas Divindades de Várias Cabeças (cf. p. 111); quatro das quais são as Quatro *Yoginis* da Porta (cf. p. 111).

Embaixo, no centro (Centro), encontra-se a Divindade Detentora do Conhecimento, o Senhor do Loto da Dança (vermelho, para as cinco cores do texto) e sua *shakti*. Nos quatro cantos, suas quatro divindades acompanhantes: embaixo, à esquerda (Leste), o Detentor do Conhecimento Habitante da Terra (branco) e sua *shakti*; mais acima, à esquerda (Sul), o Detentor do Conhecimento Com Poder Sobre a Duração da Vida (amarelo) e sua *shakti*; mais acima, à direita (Oeste), a Divindade Detentora do Conhecimento do Grande Símbolo (vermelho) e sua *shakti*; mais abaixo, à direita (Norte), o Detentor do Conhecimento Autodesenvolvido (verde) e sua *shakti*. Cada casal de divindades desta *mandala*, que assoma como intermediária (entre as *mandalas* das Divindades Pacíficas e as *mandalas* das Divindades Iradas) no Sétimo Dia (cf. pp. 97-8), possui aspecto pacífico, sobre um loto no trono lunar, realizando uma dança mística, tântrica.

No alto, ao centro, presidindo o conjunto maior da *mandala*, encontra-se Samanta-Bhadra (azul-escuro), o *Buda-Ādi* e sua *shakti* (branco), de aspecto pacífico, sobre um loto e no trono lunar, aureolado nas cores do arco-íris, com lotos e a Lua (branco) à sua direita, e lotos e o Sol (ouro) à esquerda.

VI. O JUÍZO

Prancha 5 *p. 81*

Reprodução fotográfica (cerca de um quarto do tamanho original) de uma pintura monástica em cores, sobre espesso tecido de algodão, feito sob instruções do editor, em Gangtok, Sikkim, por um artista tibetano, Lharipa-Pempa-Tendup-La, para ilustrar o Juízo (vide p. 26).

Ocupando a posição central está o Dharma-Rāja, o Rei da Verdade, ou Administrador da Verdade e da Justiça, também chamado de Yama-Rāja, Rei e Juiz dos Mortos. Ele é o aspecto irado de Chenrazee, o Protetor Divino Nacional do Tibete. À sua testa está o terceiro olho do discernimento espiritual. Ele se encontra envolto em chamas de sabedoria, num trono solar apoiado sobre um trono-loto, mantendo sob os pés um ser *mārā*, símbolo da natureza *māyā* (isto é, ilusória) da existência humana. Seu toucado é adornado com caveiras humanas e uma serpente lhe serve de colar. Sua coleira é uma pele humana cuja cabeça assoma da parte de trás de seu lado direito, enquanto um pé e uma mão pendem junto ao seu peito. Uma guirlanda de cabeças humanas envolve-lhe os quadris. Seu pavilhão e as paredes de sua Corte estão adornadas com caveiras, símbolos de morte. Sua espada é a espada do poder espiritual. O espelho em sua mão esquerda é o Espelho do *karma*, no qual são refletidos todos os atos, bons e maus (cf. p. 127), de cada um dos mortos que estão sendo julgados, um após o outro. No espelho encontra-se a inscrição em tibetano: "Hri", o *bij* ou principal *mantra* de Chenrazee.

Na frente do Dharma-Râja encontra-se o Cabeça-de-Macaco, Sprehu-gochan (em tibetano, *Spre-hu-mgo-chan*), também chamado Shinje (cf. p. 24), o qual segura os pratos da balança, num dos quais está um monte de seixos negros, que representam as más ações e, no outro, seixos brancos, simbolizando as boas ações. À esquerda de Shinje acha-se o Pequeno Deus Branco, despejando um saco de seixos brancos; do outro lado, o Pequeno Deus Negro, esvaziando um saco de seixos negros (cf. p. 127).

Guardando a pesagem estão o Cabeça-de-Touro, Wang-gochan (em tibetano, *Glang-mgo-chan*), segurando outro espelho do *karma*, e o Cabeça-de-Serpente, Dul-gochan (em tibetano, *Sbrul-mgo-chan*), com um látego e um laço.

Uma divindade amarela, à direita do Dharma-Râja, segurando uma tábua de escrever e uma pluma, e uma divindade marrom, à esquerda, segurando uma espada e um laço, são os dois Advogados. O advogado amarelo é o defensor e o marrom é o advogado de acusação. Seis divindades – cinco das quais têm cabeças de animais – sentadas na Corte do Juízo, três de cada lado, como um júri de juízes subordinados, supervisionam os processos a fim de assegurar regularidade e justiça imparcial (cf. pp. 24-5). A primeira delas, acima à direita, segura o espelho do *karma* e uma tigela-caveira de sangue; a segunda, uma lança e uma caveira cheia de sangue; a terceira, um laço. A primeira, acima à esquerda, segura uma lança e uma caveira de sangue; a segunda, um pequeno vaso de flores em sua mão direita; e a terceira, um *dorje* e uma caveira de sangue.

Junto ao portão da esquerda e da direita acha-se uma das fúrias vingadoras que age como sentinela. Há dez tibetanos no pátio da Corte aguardando julgamento. Aquele com uma peça cônica (em vermelho) na cabeça é um lama de gorro vermelho; o outro, com uma peça redonda (em amarelo) na cabeça é um representante do governo. Os demais são pessoas comuns. Os três portões, através dos quais os condenados entram no Inferno, abaixo, são guardados por três porteiros com cabeças de animais, cada qual segurando um laço.

Partindo da Corte, de cada lado do Juiz, estão os Seis Caminhos kármicos que conduzem os Seis Budas dos *Seis Lokas* nos quais os caminhos terminam; cada caminho de cada Buda está pintado em cor própria (cf. p. 96 e ilustração IV.) Ao longo dos caminhos estão doze dos mortos recém-julgados. O que se encontra mais ao alto, à esquerda, no caminho de luz branca que dá acesso ao Buda do *Deva-loka*, é um lama de gorro amarelo; próximo a ele está um representante do governo, no caminho de luz amarela que dá acesso ao Buda do *Loka* Humano; na parte mais alta, à direita, no caminho de luz verde que dá acesso ao Buda do *Asura-loka*, está um lama de gorro vermelho.

No Mundo Inferior, na parte inferior da pintura, estão representadas as punições típicas em vários Infernos; nenhuma delas, contudo, é eterna. À esquerda, no canto superior, dois pecadores estão imersos numa região glacial, representando-se, ali, os Oito Infernos Frios. Próximo à margem da pintura, do lado oposto, um pecador em meio às chamas simboliza os Oito Infernos Quentes. Qualquer um dos dez atos profanos, cometidos deliberadamente e por motivos egoístas, leva à purgação nos Infernos Frios. Qualquer um desses mesmos atos cometidos com ódio conduz à purgação nos Infernos Quentes.

Logo abaixo dos Infernos Frios acha-se o Inferno da "Árvore Espinhosa" ou "Monte de Espinhos" (em tibetano: *Shal-ma-li*), no qual um malfeitor foi esquartejado e seus pedaços afixados nos espinhos. Ao lado dele, a cargo de uma fúria infernal, está a "Casa de Ferro sem Portas" (em tibetano *Lachagz-khang-sgo-med*). Próximo a ela encontram-se quatro lamas, mantidos sob o peso das montanhas de um enorme livro sagrado tibetano; eles estão sendo punidos por se haverem, na vida terrena, apressado e omitido passagens na leitura de textos sagrados. O triângulo no qual um malfeitor está preso simboliza o terrível Inferno Avitchi, no qual a culpa por um pecado abominável, tal como o uso de bruxarias para destruir inimigos ou falhas deliberadas na prática de rituais tântricos, sofre punição durante um período de tempo imensurável. Próximo ao triângulo, uma fúria infernal está derramando colheradas de metal fervente sobre uma mulher condenada por prostituição. A pessoa próxima a ela, curvada sob o peso de uma pesada pedra amarrada às suas costas, está sendo punida dessa forma por haver matado pequenos animais domésticos, como vermes ou outros insetos. O pecador que está sendo segurado por uma fúria infernal e estendido sobre um tabuleiro de ferro com cravos, enquanto que outro se prepara para cortá-lo em pedaços (cf. p. 127) – esse pecador é culpado por um dos dez atos heréticos. Da mesma forma o foi a mulher que está em vias de ser cortada verticalmente em duas metades; seu pecado foi um assassinato.

Como no *Inferno* de Dante, outros pecadores, incapazes, conforme o nosso texto explica, ou que sucumbem ao processo (cf. p. 127), estão sendo cozidos num caldeirão de metal no canto esquerdo, mais abaixo, no quadro. Três figuras infernais (uma marrom, uma amarela e outra azul, no original) são vistas segurando os laços com que arrastam à devida punição três pecadores que acabaram de ser lançados ao Inferno.

Na parte mais alta do quadro, no centro, num loto aureolado e, sobre o trono lunar, com a Lua (branco) à sua direita e o Sol (ouro) à esquerda, presidindo tudo, está o *Dorje Chang* (azul), o *Guru* Divino da Escola do Chapéu Vermelho de Padma-Sambhava; ele é, pois, considerado a Fonte Espiritual e Eterna de onde continuam a emanar, como nos tempos do Buda Shakya Muni, todas as doutrinas esotéricas que formam o *Bardo Thödol*, as quais são referidas às páginas 102 e 103 da presente tradução.[1]

SÍMBOLOS

1. A RODA INDIANA DA LEI (*DHARMA-CHAKRA*) *Lâmina 6* *p. 82*

De motivos esculpidos nos Picos de Sanchi, datado de cerca de 500 a. C. a 100 d. C.

2. O *DORJE* CRUZADO *LAMAICO* *Lâmina 6* *p. 82*

Símbolo de equilíbrio, imutabilidade e poder onipresente (cf. pp. 43, 90 n. 105).

3. A RODA TIBETANA DA LEI *Lâmina 7* *p. 83*

A Roda de Oito Raios (cf. pp. 74-5), num trono de loto envolto em Chamas de Sabedoria, representa a Roda de Mil Raios da Bondosa Lei de Buda, símbolo da simetria e da plenitude da Lei Sagrada do *Dharma* ou Escrituras. O desenho, ao centro, chamado em tibetano *rgyan-k'yil*, composto de três segmentos giratórios, simboliza – assim como a *svastika* (suástica) no centro da Roda Indiana da Lei – o *Sangsàra*, o incessante cambiar ou "devir".

---

1. Deve-se observar que cada morto possui um corpo apropriado ao reino do paraíso ou ao inferno, em cujo *karma* se realiza o nascimento; e quando termina qualquer um dos estados pós-morte humanos da existência, ocorre outra vez um processo de morte e o despojamento de um corpo (cf. pp. 119-22 e Livro II *passim*). O *Bardo* é o estado intermediário de onde se pode renascer neste mundo num corpo humano, ou no mundo dos espíritos sob a forma de um corpo correspondente, ou num dos reinos do paraíso, tal como o *Deva-loka*, num corpo divino, ou no *Asura-loka*, num corpo *asura*, ou ainda num dos infernos num corpo capaz de suportar sofrimento e incapaz de morrer até que a purgação esteja consumada. Após a morte no inferno, ou em qualquer outro dos estados pós-morte humanos, o processo normal é renascer na Terra como um ser humano. A Verdadeira Meta, conforme explica repetidamente o *Bardo Thödol*, encontra-se além de todos os estados de incorporações, além de todos os infernos, mundos e paraísos, além do *Sangsàra* e além da Natureza; é o que se chama *Nirvàna* (em tibetano *Myang-hdas*). Veja Adendo V, pp. 169-75.

4. A *MANTRA* DE CHENRAZEE (AVALOKITESHVARA) *Lâmina 7* *p. 83*

Caracteres indianos *Ranja* ou *Lantsa* aproximadamente do século VII d.C. Os caracteres *Lantsa*, ligeiramente modificados, são usados nos manuscritos tibetanos, geralmente nas páginas-títulos. Em caracteres tibetanos, a *Mantra* sagrada é ཨོཾ་མ་ཎི་པད་メ་ཧཱུྃ, que literalmente significa "Ôm! O Tesouro no Loto! Hûm!" (cf. pp. 103 n.161, 114 n. 194, 156).

5. O *DORJE*, CETRO *LAMAICO* *Lâmina 8* *p. 84*

Um tipo de Raio de Indra, o Júpiter indiano, usado principalmente nos rituais *lamaicos* (cf. pp. 76 n. 84, 105, 109-11), símbolo de domínio sobre a existência *sangsárica* (ou mundana).

O LIVRO TIBETANO DOS MORTOS

COMENTÁRIO PSICOLÓGICO

Dr. C. G. Jung[1]

Antes de entrar no comentário psicológico, eu gostaria de dizer algumas palavras sobre o próprio texto. *O Livro Tibetano dos Mortos*, ou *Bardo Thödol*, é um livro de instruções para os mortos e para os moribundos. Como *O Livro Egípcio dos Mortos*, o *Bardo Thödol* pretende ser um guia para os mortos durante o período de sua existência no *Bardo*, simbolicamente descrita como um estado intermediário, de 49 dias de duração, entre a morte e o renascimento. O texto está dividido em três partes. A primeira, chamada *Chikhai Bardo*, descreve acontecimentos psíquicos no momento da morte. A segunda parte, ou *Chönyid Bardo*, trata dos estados de sonho que começam imediatamente após a morte, assim como daquilo a que chamamos de "ilusões kármicas". A terceira parte, ou *Sidpa Bardo*, concerne ao surgimento do impulso de nascimento e aos acontecimentos pré-natais. Nesta parte, é característico que a suprema compreensão e a iluminação — e, por-

1. O editor encontra-se em débito com o Dr. James Kirsch — psicanalista de Los Angeles, Califórnia, um dos mais bem-sucedidos discípulos de Jung, que discutiu este *Comentário Psicológico* com Jung em Zurique e ajudou na tradução inglesa do mesmo — pela importante admoestação, à guisa de prefácio, endereçada ao leitor oriental:

"Este livro se destina, em primeiro lugar, ao leitor ocidental e procura descrever, em termos ocidentais, importantes experiências e concepções orientais. O Dr. Jung procura atenuar essa dificuldade através de seu *Comentário Psicológico*. Foi inevitável, contudo, que, ao fazê-lo, ele empregasse termos familiares à mente ocidental, mas que, em certos casos, parecerão objetáveis à mente oriental.

"Um desses termos objetáveis é 'alma'. De acordo com a crença budista, a alma é efêmera, uma ilusão e, portanto, não tem existência real. O termo alemão *Seele*, tal como é empregado no original do *Comentário Psicológico*, não é sinônimo do termo inglês *soul*, apesar de comumente ser traduzido assim. *Seele* é uma palavra antiga, ratificada pela tradição germânica e usada por notáveis místicos alemães, como Eckhart, e grandes poetas alemães como Goethe, significando a Realidade Última, simbolizada na figura feminina ou *shakti*. O Dr. Jung usa aqui o termo poeticamente, com referência a *psique*, como a psique coletiva. Na linguagem psicológica, representa o Inconsciente Coletivo, enquanto matriz de tudo. É o seio de tudo, até mesmo do *Dharmakāya*: é o próprio *Dharmakāya*.

"Assim sendo, os leitores orientais estão convidados a deixarem de lado, por ora, a sua concepção de 'alma' e a aceitarem o uso que o Dr. Jung faz da palavra, a fim de que suas mentes se abram e possam segui-lo nas profundezas em seu intento de estabelecer uma ponte entre as margens do Ocidente e do Oriente, assim como revelar os diversos caminhos que conduzem à Grande Libertação, a *Una Salus*."

tanto, a maior possibilidade de alcançar a libertação – sejam concedidos durante o verdadeiro processo da morte. Logo após, começam as "ilusões", que conduzem finalmente à reencarnação, as luzes iluminadoras vão ficando cada vez mais opacas e variadas, e as visões mais e mais aterradoras. Essa descida traduz o afastamento da consciência da verdade libertadora, à medida que ela se aproxima do renascimento físico. O propósito da instrução é fixar a atenção do homem morto, a cada etapa sucessiva de engano e de confusão, na sempre presente possibilidade de libertação, assim como explicar a ele a natureza de suas visões. O texto do *Bardo Thödol* é recitado pelo lama na presença do cadáver.

Não creio que possa dar melhores provas de minha dívida para com os primeiros tradutores do *Bardo Thödol* – o falecido Lama Kazi Dawa-Samdup e o Dr. Evans-Wentz – do que com a tentativa, através de um comentário psicológico, de tornar um pouco mais inteligível à mente ocidental o magnífico mundo de idéias e os problemas contidos neste tratado. Estou certo de que todos os que lerem este livro com atenção e se deixarem tocar por seu conteúdo sem preconceitos terão valiosa recompensa.

O *Bardo Thödol*, apropriadamente intitulado por seu editor, o Dr. W. Y. Evans-Wentz, como *O Livro Tibetano dos Mortos*, causou grande comoção nos países de língua inglesa, quando de sua primeira edição, em 1927. Ele pertence a essa categoria de escritos que não interessam apenas aos estudiosos do Budismo Mahâyâna, mas também e especialmente – isto pelo fato de possuir um profundo humanismo e uma compreensão ainda mais profunda dos segredos da psique humana – ao leitor comum que procura ampliar seus conhecimentos da vida. Durante anos, desde que foi publicado pela primeira vez, o *Bardo Thödol* tem sido meu companheiro constante e a ele devo não apenas muitas estimulantes idéias e descobertas, mas também muitos esclarecimentos fundamentais. Ao contrário d*O Livro Egípcio dos Mortos*, que sempre nos induz a falar demais ou muito pouco, o *Bardo Thödol* nos oferece uma filosofia inteligível, endereçada a seres humanos, mais do que a deuses ou a selvagens primitivos. Sua filosofia contém a quintessência da crítica psicológica budista; nessa qualidade, podemos realmente dizer que ele é de uma superioridade sem par. Não só as divindades "iradas", mas também as "pacíficas", são concebidas como projeções *sangsâricas* da psique humana, uma idéia que parece óbvia demais ao europeu instruído, já que o faz lembrar-se de suas próprias simplificações banais. Entretanto, embora o europeu possa facilmente explicar essas divindades como projeções, ele seria completamente incapaz de pressupô-las ao mesmo tempo como reais. O *Bardo Thödol* pode fazer isso porque, em algumas de suas mais essenciais premissas metafísicas, ele suplanta não só o europeu não-instruído como também o instruído. O freqüente pressuposto implícito no *Bardo Thödol* é o antinômico caráter de toda asserção metafísica, assim como a idéia da diferença qualitativa dos vários níveis de consciência e das realidades metafísicas condicionadas por eles. O *back-ground* deste raro livro não é o mesquinho "ou/ou" europeu, mas uma magnífica afirmativa "ambos/e". Esta postulação pode parecer questionável ao filósofo ocidental, já que o Ocidente ama a clareza e a não-ambigüidade; conseqüentemente, um filósofo mantém a posição "Deus existe", enquanto que um outro, com igual fervor, afirma que "Deus não existe". O que pensariam tais confrades hostis diante de uma declaração como esta:

"Reconhecendo o vazio do teu próprio intelecto como sendo o estado de Buda, e sabendo que ele é ao mesmo tempo tua própria consciência, permanecerás no estado da divina mente de Buda."

Tal postulado é, penso eu, tão indesejável para a nossa filosofia ocidental como para a nossa teologia. O *Bardo Thödol*, em sua concepção das coisas, é do mais alto caráter psicológico; contudo, entre nós, a filosofia e a teologia acham-se ainda no estágio medieval, pré-psicológico, onde apenas as asserções são ouvidas, explicadas, defendidas, criticadas e disputadas, enquanto que a autoridade que as faz tem sido, por consenso geral, colocada de lado como impertinente ao objetivo de discussão.

As postulações metafísicas, entretanto, são *afirmações da psique* e, por conseguinte, psicológicas. Para a mente ocidental, que compensa os seus conhecidos sentimentos de indignação por um respeito servil pelas explicações "racionais", essa óbvia verdade parece ser óbvia demais, ou então parece ser uma inadmissível negação da "verdade" metafísica. Toda vez que o ocidental ouvir a palavra "psicológico", ela sempre lhe soará como "apenas psicológico". Para ele, a alma é algo deploravelmente pequeno, sem valor, pessoal, subjetivo e muitas outras coisas mais. O ocidental, portanto, prefere utilizar a palavra *mente*, embora ele goste de pretender, ao mesmo tempo, que uma afirmação que pode ser de fato bastante subjetiva seja, na verdade, feita pela "mente", como é natural, pela "Mente Universal", ou mesmo – em caso de apuros – pelo próprio "Absoluto". Essa presunção, bastante ridícula, é, provavelmente, uma compensação para a lamentável pequenez da alma. É como se Anatole France houvesse proferido uma verdade que fosse válida para o mundo ocidental inteiro, quando, no seu livro *A Ilha dos Pingüins*, Cathérine d'Alexandrie dá este conselho a Deus: "*Donnez leur une âme, mais une petite*!" ["Dai-lhes uma alma, mas uma alma pequena!"].

É a alma que, pelo poder criativo divino inerente a ela, faz a declaração metafísica; é ela que estabelece as distinções entre as entidades metafísicas. A alma não é apenas a condição de toda realidade metafísica – ela *é* essa realidade.[2]

É essa grande verdade psicológica que abre o *Bardo Thödol*. O livro não é um cerimonial fúnebre, mas um conjunto de instruções para os mortos, um guia através dos cambiantes fenômenos do reino do *Bardo*, esse estado de existência que continua por 49 dias após a morte até a próxima encarnação. Se, por um momento, deixarmos de lado a supratemporalidade da alma – que o Oriente aceita como um fato óbvio por si só – nós, como leitores do *Bardo Thödol*, poderemos colocar-nos facilmente na posição do morto, e consideraremos atentamente o ensinamento apresentado na seção inicial do livro, ensinamento que está esboçado no fragmento citado anteriormente. Nesse ponto, são pronunciadas as seguintes palavras, não presunçosamente, mas de maneira cortês:

"Ó nobre filho [fulano de tal], escuta. Agora estás experimentando o Resplendor da Clara Luz da Realidade Pura. Reconhece-a. Ó nobre filho,

2. Este parágrafo torna manifesta a importância interpretativa da nota anterior, à p. 35, relativa à diferença de significado do termo *alma* (*soul*) da versão inglesa e do termo *Seele*, no original alemão. A este propósito, remetemos o leitor a uma releitura da nota anterior.

teu presente, intelecto, vazio em sua real natureza, não-formado no que respeita a características ou cor, naturalmente vazio, é a verdadeira Realidade, o Todo-Bondoso."

"Teu próprio intelecto, que agora é vacuidade, não deve, contudo, ser visto como vazio de nada, mas como sendo o próprio intelecto, desobstruído, claro, vibrante e jubiloso, é a própria consciência, o Todo-Bondoso Buda."

Essa realização é o estado de *Dharmakāya* de iluminação perfeita; ou, como deveríamos expressar em nossa própria linguagem, o fundamento criativo de toda postulação metafísica é consciência, enquanto manifestação invisível, intangível, da alma. A Vacuidade ou Vazio é o estado transcendente que suplanta toda asserção e toda predicação. A plenitude de suas manifestações discriminativas ainda permanece latente na alma.

O texto continua:

"Tua própria consciência, brilhante, vazia e inseparável do Grande Corpo de Resplendor, não tem nascimento nem morte: é a Luz Imutável – o Buda Amitābha."

A alma [ou, conforme aqui foi apresentado, a própria consciência de cada um] certamente não é pequena, pois é o próprio Deus. O Ocidente considera esta afirmação bastante perigosa, quando não francamente blasfema, ou mesmo aceita-a impensadamente e, assim, cai no mal da retórica teosófica vazia. Mas, se pudermos controlar-nos o suficiente para nos prevenirmos de nosso erro principal, de sempre querer *fazer* algo com as coisas e dar a elas um uso prático, poderemos talvez ser bem-sucedidos em aprender uma importante lição a partir desses ensinamentos; ou, pelo menos, sermos capazes de apreciar a grandeza do *Bardo Thödol*, que confere ao morto a verdade última e suprema, ou seja, que mesmo os deuses são o resplendor e a reflexão de nossas próprias almas. Por conseguinte, nenhum sol é eclipsado para o oriental como o seria para o cristão, que sentir-se-á roubado por seu Deus; pelo contrário, sua alma é a luz do próprio Deus, e o próprio Deus é a alma. O Oriente pode sustentar esse paradoxo melhor que o desafortunado Angelus Silesius, que mesmo hoje em dia estaria psicologicamente bem mais adiante de seu tempo.

Pode-se observar com nitidez que o *Bardo Thödol* se preocupa em deixar claro ao morto a primazia da alma, já que esta é uma das coisas que a vida não nos esclarece. Estamos tão oprimidos, condicionados e obstruídos pelas coisas, que nunca temos uma oportunidade, em meio a todas essas coisas "dadas", de perguntar quem as "deu". É deste mundo das coisas "dadas", que o morto se liberta; e o propósito da instrução é o de ajudá-lo no sentido dessa libertação. Se nos colocarmos em seu lugar, obteremos uma recompensa não menor, já que aprendemos, logo no primeiro parágrafo, que o "doador" de todas as coisas "dadas" habita dentro de nós mesmos. Esta é uma verdade que, diante de todas as evidências, tanto nas pequenas como nas grandes coisas, nunca é conhecida, apesar de freqüentemente ser tão necessário, mesmo vital, para nós, conhecê-la. Tal conhecimento, sem dúvida, é conveniente só aos contemplativos, que estão inclinados a compreender a razão da existência, aos que são gnósticos por temperamento e que, portanto,

acreditam num salvador, o qual, como salvador dos mandeanos, se autoproclama "gnose da vida" (*manda d'hajie*). Talvez não seja dado a muitos de nós ver o mundo como algo "dado". É necessária uma reestruturação radical do ponto de vista, à custa de muito sacrifício, antes que possamos ver o mundo como coisa "dada" pela própria natureza da alma. Trata-se de algo muito mais direto, mais vívido, mais impressionante e, por conseguinte, mais convincente ver que as coisas acontecem para mim do que observar como eu as faço acontecer. De fato, a natureza animal do homem faz com que ele resista em enxergar a si mesmo como o autor de suas circunstâncias. Esta é a razão pela qual as tentativas desse tipo foram sempre objeto de iniciações secretas, culminando, via de regra, numa morte figurativa que simbolizava o caráter total dessa inversão. Na realidade, a instrução dada no *Bardo Thödol* serve para lembrar ao morto as experiências de sua iniciação e os ensinamentos de seu *guru*, já que a instrução, em última instância, é nada menos que a iniciação do morto na vida do *Bardo*, assim como a iniciação do vivo foi uma preparação para o Além. Tal foi o caso, pelo menos, de todos os cultos misteriosos das antigas civilizações, desde os tempos dos mistérios egípcios ou eleusinos. Na iniciação do vivo, entretanto, esse "Além" não é um mundo além-morte, mas uma inversão das intenções da mente e em suas perspectivas; um "Além" psicológico ou, em termos cristãos, uma "redenção" das peias do mundo e do pecado. Redenção é separação e libertação de uma condição anterior de obscuridade e de inconsciência, que levam à condição de iluminação e livramento, à vitória e à transcendência sobre todas as coisas "dadas".

O *Bardo Thödol* é, então, conforme observa igualmente o Dr. Evanz-Wentz, um processo de iniciação cujo propósito é o de restaurar na alma a divindade que ela perdeu ao nascer. Trata-se de uma característica da literatura religiosa oriental que o ensinamento se inicie, invariavelmente, com o item mais importante, com os princípios básicos e mais elevados, que, de acordo com o gosto ocidental, viriam por último, como por exemplo em Apuleio, onde Lúcio é adorado como Hélio apenas no final. Por isso, no *Bardo Thödol*, a iniciação é uma série de clímaces decrescentes que terminam com o renascimento no ventre. O único "processo de iniciação" ainda vigente e praticado hoje no Ocidente é a análise do inconsciente tal como a realizada pelos médicos com propósitos terapêuticos. Essa penetração nas camadas mais profundas da consciência é uma espécie de maiêutica racional no sentido socrático, implicando a emergência de conteúdos psíquicos que se encontram ainda em estado germinal, subliminal, como que ainda não-nascidos. Originariamente, essa terapia tomou a forma de psicanálise freudiana e esteve preocupada sobretudo com fantasias sexuais. Este é o domínio que corresponde à última e mais inferior região do *Bardo*, conhecida como *Sidpa Bardo*, onde o morto, incapaz de assimilar os ensinamentos do *Chikhai* e do *Chönyid Bardo*, começa a cair vítima de fantasias sexuais e é atraído pela visão da copulação de casais. Finalmente, ele é capturado por um ventre e nascerá de novo no mundo terrestre. Enquanto isso, como seria de supor, o Complexo de Édipo começa a funcionar. Se o seu *karma* o destinar a nascer como homem, ele se enamorará daquela que deve ser sua mãe e nutrirá pelo pai ódio e desgosto. Ao contrário, se for do sexo feminino, sentir-se-á atraído por aquele que deve ser seu pai e rejeitará a mãe. O europeu passa por esse domínio especificamente freudiano quando os conteúdos de seu inconsciente são trazidos à luz através da análise,

mas ele vai na direção oposta. Ele viaja de volta através do mundo da fantasia sexual infantil em direção ao ventre. Tem-se mesmo sugerido, em círculos psicanalíticos, que o trauma por excelência é a própria experiência do nascimento; ou, ainda mais, há psicanalistas que afirmam ter investigado até memórias de origem intra-uterina. Neste ponto, a razão ocidental se depara, infelizmente, com seus limites. Digo "infelizmente" porque desejaríamos que a psicanálise freudiana tivesse, com felicidade, seguido analisando essas experiências chamadas intra-uterinas ainda mais anteriores; se ela houvesse logrado essa ousada empresa, teria certamente ultrapassado o plano do *Sidpa Bardo* e penetrado nas regiões inferiores do *Chönyid Bardo*. É verdade que, com o aparato de nossos atuais conhecimentos biológicos, tal aventura não poderia ser coroada de êxito; seria necessária uma preparação filosófica totalmente diferente daquela baseada nos pressupostos científicos correntes. Entretanto, se essa viagem regressiva tivesse sido realizada com sucesso, ela teria indubitavelmente conduzido à postulação de uma existência pré-uterina, uma verdadeira vida *Bardo*, caso se pudesse encontrar pelo menos algum vestígio de um sujeito dessa experiência. Da maneira que tem sido, a psicanálise nunca foi além dos aspectos meramente conjecturais das experiências intra-uterinas, e mesmo o famoso "trauma do nascimento" permaneceu um truísmo óbvio demais, a ponto de não poder mais explicar, de não poder dizer mais que a hipótese de que a vida é uma doença com um mau prognóstico, já que o seu efeito é sempre fatal.

A psicanálise freudiana, em todos os seus aspectos essenciais, não foi nunca além das experiências do *Sidpa Bardo;* isto é, ela não foi capaz de libertar-se das fantasias sexuais e de outras tendências "incompatíveis" similares, que causam ansiedade e outros estados emotivos. Não obstante, a teoria freudiana é a primeira tentativa, no Ocidente, no sentido de investigar, como que a partir de baixo, da esfera animal do instinto, o território psíquico que corresponde, no Lamaísmo Tântrico, ao *Sidpa Bardo*. Um medo bastante justificável da metafísica impediu Freud de penetrar na esfera do "oculto". Além disso, o estado de *Sidpa*, se aceitarmos a psicologia do *Sidpa Bardo*, é caracterizado por um forte sopro do *karma*, que faz com que o morto rodopie até chegar à "porta do ventre". Em outras palavras, o estado do *Sidpa* não permite retorno, já que se encontra vedado ao estado do *Chönyid* por uma intensa força que puxa para baixo, em direção à esfera animal do instinto e do renascimento físico. Isso equivale a dizer que aquele que penetrar no inconsciente com simples postulados biológicos estará fadado a deter-se na esfera dos instintos e será incapaz de avançar além dali, pois será puxado de volta, mais e mais, para a existência física. Portanto, não é possível à psicologia freudiana chegar a qualquer resultado além de uma avaliação essencialmente negativa do inconsciente. Trata-se apenas de um "nada". Ao mesmo tempo, é necessário admitir que essa visão da psique é tipicamente ocidental, só que expressada de uma forma mais espalhafatosa, mais direta e cruel do que outros poderiam expressá-la, embora, no fundo, não sejam diferentes. No que diz respeito ao sentido de "mente" nesse contexto, podemos apenas acalentar a esperança de que nos traga alguma convicção. Entretanto, como até mesmo Max Scheler notou com pesar, o poder dessa "mente" é, pelo menos, duvidoso.

Penso, então, que podemos estabelecer como tal o fato de que, com a ajuda da psicanálise, a mente racionalista ocidental foi impelida para aquilo que poderíamos chamar de *neurotismo* do estado *Sidpa* e, aí, foi levada a uma inevitável paralisação pelo pressuposto acrítico de que tudo o que é psicológico é subjetivo e pessoal. Mesmo assim, esse avanço representou uma grande conquista, posto que nos possibilitou dar mais um passo atrás em nossas vidas conscientes. Tal conhecimento nos dá, igualmente, uma sugestão de como deveríamos ler o *Bardo Thödol* – isto é, de trás para frente. Se, com a ajuda de nossa ciência ocidental, formos bem-sucedidos em captar o caráter psicológico do *Sidpa Bardo*, nossa próxima tarefa consistirá em ver o que poderemos fazer em relação ao *Bardo* anterior, o *Chönyid*.

O estado do *Chönyid* é o da ilusão *kármica* – isto é, ilusões que resultam dos resíduos psíquicos de existências anteriores. De acordo com a visão oriental, o *karma* implica uma espécie de teoria psíquica de hereditariedade baseada na hipótese da reencarnação que, em última instância, é uma hipótese da supratemporalidade da alma. Nem o nosso conhecimento científico nem a nossa razão podem acompanhar essa idéia. Há "se" e "porém" demais em seu enfoque. Além disso, sabemos infelizmente muito pouco acerca das possibilidades da existência contínua da alma individual após a morte; tão pouco que sequer podemos conceber como pode alguém provar o que quer que seja a esse respeito. Sabemos, contudo, muito bem, a partir de fundamentos epistemológicos, que tal prova seria tão impossível quanto a da existência de Deus. Daí podermos prudentemente aceitar a idéia de *karma* se a entendermos como *herança psíquica*, no sentido mais amplo possível desse termo. A hereditariedade psíquica existe – isto é, existe a herança de características psíquicas, tais como predisposição a doenças, traços de caráter, aptidões especiais, etc. Isso não violenta a natureza psíquica desses complexos fatos se a ciência natural os reduz ao que aparenta ser aspectos físicos (estruturas nucleares nas células, etc.). Há fenômenos essenciais da vida que se expressam, em geral, psiquicamente, assim como há outras características herdadas que se expressam, em sua maioria, fisiologicamente, no nível físico. Entre esses fatores psíquicos herdados há uma classe especial, não-confinada na família ou na raça. Existem as disposições universais da mente, que devem ser entendidas como as formas (*eidola*) de Platão, de acordo com as quais a mente organiza os seus conteúdos. Poder-se-ia igualmente descrever essas formas como *categorias* análogas às categorias lógicas, que estão presentes sempre, e onde quer que seja, como postulados básicos da razão. Acontece apenas, no caso das nossas "formas", que não tratamos de categorias da razão, mas de categorias da *imaginação*. Como os produtos da imaginação são sempre essencialmente visuais, suas formas devem, de início, possuir o caráter de imagens, e além disso de imagens *típicas*, razão por que, seguindo Santo Agostinho, eu as chamo de "arquétipos". A religião e a mitologia comparadas são ricas minas de arquétipos, da mesma forma que o é a psicologia dos sonhos e das psicoses. O assombroso paralelismo entre essas imagens e as idéias que elas servem para expressar tem dado freqüentemente margem às mais descabidas teorias, se bem que teria sido muito mais natural pensar na notável similaridade da psique humana em todos os tempos e lugares. Formas de fantasia arquetípicas são, na verdade, reproduzidas espontaneamente em qualquer lugar e tempo, sem que haja qualquer vestígio de transmissão direta. Os componentes estruturais originais da psique são de uma uniformidade não menos surpreendente que aqueles do corpo visível. Os arquétipos, por assim dizer, são órgãos da psique pré-racional. São

formas e idéias eternamente herdadas que não têm, a princípio, nenhum conteúdo específico. Seus conteúdos específicos aparecem somente no curso da vida do indivíduo, quando a experiência pessoal se fixa precisamente nessas formas. Se os arquétipos não preexistissem de forma idêntica em todos os lugares, como se poderia explicar o fato, postulado praticamente em toda parte pelo *Bardo Thödol*, de que o morto não sabe que está morto, e que essa afirmação pode ser encontrada na sombria e mal-acabada literatura do Espiritualismo europeu e americano? Ainda que encontremos a mesma afirmação em Swedenborg, o conhecimento de seus escritos dificilmente pode ser difundido o suficiente para que essa pequena parcela de informação possa ser captada pelo "médium" de cada vilarejo. E uma comparação entre Swedenborg e o *Bardo Thödol* é completamente impensável. Trata-se de uma idéia primordial, universal, de que os mortos seguem suas existências terrenas e não sabem que são espíritos desencarnados — uma idéia arquetípica que se manifesta imediatamente quando alguém vê um "espírito". É igualmente significativo que os "espíritos" de todos os cantos do mundo tenham certas características comuns. Naturalmente, estou cônscio da inverificável hipótese espírita, embora não deseje defendê-la. Devo contentar-me com a hipótese de uma estrutura psíquica onipresente, mas diferenciada, estrutura que é herdada e dá necessariamente uma certa forma e direção a toda experiência. Pois, assim como os órgãos do corpo não são apenas massas informes de matéria passiva, indiferente, mas sim complexos dinâmicos, funcionais, que se fazem valer com imperiosa urgência — assim também os arquétipos, como órgãos da psique, são complexos instintivos, dinâmicos, que determinam a vida psíquica num grau extraordinário. É por isso que também eu os chamo de *dominantes* do inconsciente. A camada dessa psique não-consciente, constituída dessas formas dinâmicas universais, foi por mim chamada de *inconsciente coletivo*.

Que eu saiba, não existe uma herança de memórias individuais pré-natais ou pré-uterinas, mas arquétipos, sem dúvida, herdados, embora desprovidos de conteúdo; isso porque, em primeiro lugar, não contêm experiências pessoais. Eles só emergem à consciência quando as experiências pessoais os tornam visíveis. Conforme já vimos, a psicologia do *Sidpa* consiste numa vontade de viver e de nascer. (O *Sidpa Bardo* é o "*Bardo* da Busca do Renascimento".) Tal estado, portanto, impossibilita qualquer experiência de realidades psíquicas transubjetivas, a menos que o indivíduo se recuse, de forma categórica, a nascer novamente no mundo da consciência. De acordo com os ensinamentos do *Bardo Thödol*, é ainda possível para ele, em cada um dos estados do *Bardo*, alcançar o *Dharmakāya* pela transcendência do quadrifacetado Monte Meru, isso desde que ele não ceda aos seus desejos de seguir as "luzes opacas". Isso equivale a dizer que o morto deverá resistir desesperadamente aos ditames da razão, tal como a entendemos, e abrir mão da supremacia do ego, visto pela razão como sacrossanto. Isso significa, na prática, uma completa capitulação dos poderes objetivos da psique, com tudo o que isso envolve: uma espécie de morte simbólica, correspondendo ao Juízo dos Mortos no *Sidpa Bardo*. Isso significa o fim de toda conduta de vida moralmente responsável, racional, consciente, e uma voluntária renúncia àquilo que o *Bardo Thödol* chama de "ilusão *kármica*". A ilusão *kármica* se origina na crença num mundo visionário de natureza extremamente irracional, que não combina nem deriva de nossos julgamentos racionais, mas, sim, é um produto exclusivo da imaginação

desinibida. Trata-se de puro sonho ou "fantasia", contra a qual qualquer pessoa bem-intencionada cuidará logo de precaver-nos; de fato, não é possível distinguir, num primeiro momento, as fantasias desse tipo e a fantasmagoria de um maluco. Muito freqüentemente, basta um pequeno *abaissement du niveau mental* para desfazer esse mundo de ilusões. O terror e o obscurantismo desse momento equivalem às experiências descritas nas primeiras seções do *Sidpa Bardo*. Mas os conteúdos desse *Bardo* revelam também os arquétipos, as imagens *kármicas*, que aparecem primeiramente em sua forma pavorosa. O estado de *Chönyid* equivale a uma psicose deliberadamente provocada.

Freqüentemente, ouvimos falar ou lemos sobre os perigos da *Yoga*, em particular da mal-afamada *Kundalini Yoga*. O estado psicótico deliberadamente provocado, que em certos indivíduos inseguros pode acarretar uma verdadeira psicose, constitui um perigo que realmente deve ser levado a sério. De fato, essas coisas são perigosas e nossa maneira de ser tipicamente ocidental não deveria ocupar-se com elas. Trata-se de uma interferência no destino, que toca nas verdadeiras raízes da existência humana e pode acarretar uma carga de sofrimentos com que uma pessoa sã jamais sonhou. Esses sofrimentos correspondem aos infernais tormentos do estado de *Chönyid*, descrito no texto da seguinte maneira:

> "O Senhor da Morte colocará, então, em torno do teu pescoço uma corda e te arrastará; ele cortará tua cabeça, arrancará teu coração, extrairá teus intestinos, devorará teu cérebro, beberá teu sangue, comerá tua carne e roerá teus ossos; mas não morrerás. Mesmo quando teu corpo estiver reduzido a pedaços, ele reviverá. O repetido esquartejamento te causará intensa dor e tortura."

Essas torturas descrevem perfeitamente a natureza real do perigo: trata-se de uma desintegração da totalidade do corpo do *Bardo*, uma espécie de "corpo sutil" que constitui o invólucro visível do eu psíquico no estado de pós-morte. O correspondente psicológico desse desmembramento é a dissolução psíquica. Em sua forma danosa, poderia ser a esquizofrenia (divisão da psique). Esta, a mais comum de todas as doenças mentais, consiste essencialmente num acentuado *abaissement du niveau mental*, que abole os controles normais impostos pela mente consciente e, assim, dá ilimitada margem à ação dos "dominantes" inconscientes.

A transição, pois, do estado do *Sidpa* para o do *Chönyid* é uma perigosa alteração dos objetivos e intenções da mente consciente. Trata-se de um sacrifício da estabilidade do ego e de uma rendição à extrema incerteza daquilo que deve ser visto como uma caótica orgia de formas fantásticas. Quando Freud cunhou a expressão segundo a qual o ego era "o verdadeiro lugar da ansiedade", ele estava expressando uma intuição muito verdadeira e profunda. No fundo, o medo do auto-sacrifício está oculto em cada ego e esse medo é, freqüentemente, apenas a necessidade precariamente controlada de as forças inconscientes irromperem com plena energia. Ninguém que se esforce por obter personalidade (individuação) está livre dessa passagem perigosa, pois aquilo que é temido também pertence à totalidade do eu — o mundo subumano ou supra-humano dos "dominantes" psíquicos, do qual o ego originalmente se emancipou com enorme esforço e, portanto, apenas parcialmente, com vistas a uma liberdade mais ou menos ilusória.

Tal libertação é, por certo, uma empresa muito necessária e bastante heróica, mas não representa nada de definitivo: trata-se da mera criação de um *sujeito*, o qual, para se realizar plenamente, tem ainda que se ver confrontado com um *objeto*. Isto, à primeira vista, poderia ser o mundo, que se enche com projeções para esse mesmo fim. Aqui, procuramos e encontramos nossas dificuldades; aqui procuramos e encontramos nossos inimigos; aqui procuramos e encontramos o que é caro e precioso para nós; e é confortante saber que todo o mal e todo o bem deve ser encontrado aqui, no objeto visível, onde ele pode ser conquistado, punido, destruído ou desfrutado. Mas a própria natureza não permite que esse estado paradisíaco de inocência continue para sempre. Há, e sempre existiram, aqueles que não conseguem senão ver que o mundo e suas experiências têm uma natureza simbólica e que realmente refletem algo que jaz escondido no próprio sujeito, em sua própria realidade transubjetiva. É dessa profunda intuição, de acordo com a doutrina *lamaísta*, que deriva o verdadeiro significado do estado do *Chönyid*, e é por isso que esse *Bardo* se chama "*Bardo* da Experiência da Realidade".

Conforme ensina a última seção do *Bardo* correspondente, a realidade que é vivenciada no estado do *Chönyid* é a realidade do pensamento. As "formas-pensamento" aparecem como realidades, a fantasia assume forma real e principia o terrível sonho evocado pelo *karma* e representado pelas "dominantes" inconscientes. O que aparece em primeiro lugar (se lermos o texto de trás para a frente) é o todo-destruidor Deus da Morte, epítome de todos os terrores; ele é seguido pelos 28 "detentores do poder", pelas deusas sinistras, 58 deusas "bebedoras de sangue". Apesar de seu aspecto demoníaco, que aparece como um confuso caos de pavorosos atributos e monstruosidades, pode-se perceber, entretanto, uma certa ordem. Notamos grupos de deuses e deusas dispostos de acordo com os quatro pontos cardeais e diferenciados por cores místicas características. Torna-se claro, aos poucos, que todas essas divindades estão organizadas em *mandalas* ou círculos que contêm uma cruz das quatro cores. As cores estão coordenadas com os quatro aspectos da sabedoria:

(1) Branco = caminho de luz da sabedoria semelhante ao espelho.
(2) Amarelo = caminho de luz da sabedoria da igualdade
(3) Vermelho = caminho de luz da sabedoria discernente
(4) Verde = caminho de luz da sabedoria que tudo realiza.

Num plano superior de compreensão, o morto sabe que as formas-pensamento reais emanam todas dele mesmo e que os quatro caminhos de luz da sabedoria que aparecem diante dele são as irradiações de suas próprias faculdades psíquicas. Isso nos leva diretamente à psicologia da *mandala lamaísta*, já comentada no livro que escrevi em colaboração com o falecido Richard Wilhelm, *Das Geheimnis der Goldenen Blüte* [*O Segredo da Flor de Ouro*].

Continuando nossa ascensão – de trás para a frente – através da região do *Chönyid Bardo*, chegamos afinal à visão dos Quatro Grandes: o Amogha-Siddhi verde, o Amitabha vermelho, o Ratna-Sambhava amarelo e o Vajra-Sattva branco. A ascensão termina com uma brilhante luz azul do *Dharma-Dhâtu*, o corpo de Buda, que fulgura no centro da *mandala* desde o coração do Vairochana.

Com essa visão final terminam as ilusões *kármicas;* a consciência, afastada de toda forma e de todo apego aos objetos, retorna ao estado atemporal e incipiente

do *Dharmakâya*. Assim (lendo de trás para a frente), alcança-se o estado *Chikhai*, que apareceu no momento da morte.

Creio que estas poucas indicações serão suficientes para dar ao leitor atento alguma idéia da psicologia do *Bardo Thödol*. O livro descreve um caminho de iniciação, em sentido inverso, a qual, diferentemente das expectativas escatológicas da Cristandade, prepara a alma para uma descida à existência física. A inclinação mundana do europeu, profundamente intelectualista e racionalista, aconselha-nos a inverter a seqüência do *Bardo Thödol* e considerá-lo como uma descrição de experiências orientais de iniciação, mesmo podendo, se o desejarmos, substituir os símbolos cristãos pelos deuses do *Chönyid Bardo*. De qualquer maneira, a seqüência de acontecimentos, conforme os descrevi, oferece um paralelo bem próximo da fenomenologia do inconsciente europeu quando este passa por um processo de iniciação, isto é, quando está sendo analisado. A transformação do inconsciente que ocorre durante a análise torna-se no análogo natural das cerimônias de iniciação religiosa, as quais, entretanto, diferem em princípio do processo natural, à medida que antecipam o curso natural de desenvolvimento e substituem, para a produção espontânea de símbolos, um conjunto deliberadamente seleto de símbolos prescritos pela tradição. Podemos ver isto nos *Exercitia* de Inácio de Loiola, ou nas meditações da *Yoga* dos budistas e dos tantristas.

A inversão da ordem dos capítulos, que eu sugiro para facilitar a compreensão do texto, não corresponde de forma alguma à intenção original do *Bardo Thödol*. Tampouco o uso psicológico que fazemos dele, que não traduz senão uma intenção secundária, embora possivelmente seja sancionado pelo costume lamaísta. O verdadeiro propósito deste livro é instruir o morto em sua jornada através das regiões do *Bardo*, o que certamente parecerá muito estranho ao europeu esclarecido do século XX. A Igreja Católica é o único lugar no mundo do homem branco onde se pode encontrar algum tipo de cerimonial à alma do morto. Entre os protestantes, com sua otimista visão do mundo, encontramos apenas alguns poucos "centros de salvação" mediúnicos, preocupados mais em instruir os mortos quanto ao fato de que eles *estão* mortos. Mas, geralmente falando, não há nada no Ocidente que seja comparável ao *Bardo Thödol*, à exceção de alguns escritos secretos que permanecem inacessíveis ao grande público e aos cientistas comuns. De acordo com a tradição, o *Bardo Thödol* também foi incluído entre os livros "secretos", segundo o Dr. Evans-Wentz deixa claro em sua Introdução. Como tal, ele forma um capítulo especial na mágica "cura da alma", que se estende mesmo para além da morte. Este culto da morte está racionalmente fundado na crença da atemporalidade da alma, mas sua base irracional reside na necessidade psicológica dos vivos em fazer algo por aqueles que partiram desta vida. Trata-se de uma necessidade elementar, que se impõe mesmo sobre os mais "iluminados" quando se deparam com a morte de parentes ou amigos. Se Lênin submeteu-se ao embalsamamento e foi depositado num suntuoso mausoléu como um faraó egípcio, podemos estar bastante certos de que isso não foi feito pela crença que seus seguidores poderiam ter quanto à sua ressurreição. Afora as missas que são rezadas na Igreja Católica para benefício da alma, pouco fazemos de resto neste sentido e permanecemos, quanto a esta questão, num grau rudimentar e o mais inferior possível, e isso não porque não possamos nos convencer da imortalidade da alma, mas porque racionalizamos esta necessidade psicológica e a descartamos do âmbito da existência. Comportamo-

nos como se não tivéssemos tal necessidade e, como não podemos acreditar numa vida após a morte, preferimos nada fazer a esse respeito. As pessoas de mentalidade mais simples seguem seus próprios sentimentos e, como no caso da Itália, constroem para si mesmas monumentos funerários de grande beleza. As missas católicas pela alma encontram-se num nível consideravelmente superior a esse, porquanto são destinadas expressamente ao bem-estar psíquico daqueles que partiram deste mundo, e não são apenas uma mera gratidão de sentimentos lacrimosos. A mais alta dedicação de esforços espirituais para o bem-estar do morto é, certamente, a que encontramos nos ensinamentos do *Bardo Thödol.* Esse tratado dos mortos é tão detalhado e tão adaptado às aparentes modificações na condição do morto que qualquer leitor sério ver-se-á propenso a perguntar se esses velhos sábios lamas não teriam, afinal de contas, apreendido algo da quarta dimensão e levantado o véu de um dos maiores segredos da vida.

Ainda que a verdade esteja sempre fadada a ser uma decepção, somos compelidos a atribuir pelo menos alguma realidade à visão de vida existente no *Bardo.* Seja como for, é, no mínimo, desconcertantemente original encontrar o estado do pós-morte, do qual nossa imaginação religiosa concebeu as formas mais grandiosas, pintadas em espantosas cores como um terrível estado onírico de caráter progressivamente degenerativo. A visão suprema não vem no fim do *Bardo,* mas sim no começo, no momento da morte; o que ocorre depois é uma descida cada vez mais profunda na ilusão e na obscuridade, até a última degradação do novo nascimento físico. O clímax espiritual é alcançado no momento em que a vida finda. A vida humana, pois, é o veículo da máxima perfeição que é possível alcançar; ela gera o *karma,* que torna possível ao morto permanecer sob a luz perpétua do Vazio, longe de todo objeto e, assim, descansar no centro da roda do renascimento, livre de toda ilusão de gênese e decadência. A vida no *Bardo* não traz recompensas ou punições eternas, mas apenas uma descida para uma nova vida, que levará o indivíduo mais próximo de seu objetivo final. Mas essa meta escatológica é aquilo que ele mesmo leva consigo, o que ele gerou como o último e supremo fruto de seus esforços e aspirações na existência terrena. Esta visão não é apenas sublime, mas nobre e heróica.

O caráter degenerativo da vida no *Bardo* é comprovado pela literatura espiritualista do Ocidente, a qual reiteradamente nos dá uma repugnante impressão de absoluta tolice e banalidade de comunicações do "mundo dos espíritos". A ciência não hesita em explicar esses relatos como emanações do inconsciente dos "médiuns" e daqueles que tomam parte nas sessões, e chega mesmo a estender tal explicação à descrição do Além encontrada n*O Livro Tibetano dos Mortos.* É, pois, um fato irrecusável o de que o livro inteiro foi criado a partir dos conteúdos arquetípicos do inconsciente. Por trás deles – e nisto nossa razão ocidental está muito correta – não há realidades físicas ou metafísicas, mas "apenas" a realidade de fatos psíquicos, os dados da experiência psíquica. Ora, se uma coisa é "dada", subjetiva ou objetivamente, o fato é que ela *existe.* O *Bardo Thödol* não diz mais que isso, já que os seus Cinco Budas *Dhyāni* não são mais que dados psíquicos. É exatamente isso o que o morto tem que reconhecer, se já não lhe ficou claro durante a vida que o seu próprio eu psíquico e o doador de todos os dons são uma só e a mesma coisa. Na verdade, o mundo dos deuses e dos espíritos "nada mais é que" o inconsciente coletivo dentro de mim. Se invertermos esta frase,

teremos a seguinte: O inconsciente coletivo é o mundo dos deuses e dos espíritos fora de mim, não sendo necessária nenhuma acrobacia intelectual, mas uma vida humana inteira, talvez mesmo várias existências, de crescente *integridade.* Notem que não digo "de crescente perfeição", porque os que são "perfeitos" realizam outro tipo de descoberta completamente diferente.

* * *

O *Bardo Thödol* começou sendo um livro "fechado", e assim tem permanecido, a despeito do tipo de comentário que se possa tecer sobre ele. Isso porque trata-se de um livro que só se abrirá ao entendimento espiritual, aptidão com que nenhum de nós nasce, mas que se pode adquirir através de treino e experiência especiais. É bom que existam livros "inúteis" para todos os fins e propósitos. Eles são destinados a essa "gente rara" que não dá tanta importância aos hábitos, metas e significados da "civilização" atual.

PREFÁCIO INTRODUTÓRIO

Lama Anagarika Govinda

Pode-se argumentar que ninguém poderá falar da morte com autoridade se antes não tiver morrido; e já que, aparentemente, ninguém retornou da morte, como pode alguém saber o que é a morte ou o que acontece depois dela?

Os tibetanos responderão: "Não há *uma* pessoa, na verdade, *nenhum* ser vivo, que *não* tenha retornado da morte. De fato, todos nós morremos várias mortes antes de virmos para esta encarnação. E aquilo a que chamamos nascimento é apenas o lado inverso da morte, como um dos dois lados de uma moeda, ou ainda como uma porta, que chamamos de 'entrada' a partir do lado de fora, e de 'saída', a partir do lado de dentro de um quarto."

É ainda mais surpreendente que nem todos se lembrem de sua morte anterior. E, devido a esse lapso de memória, a maioria das pessoas não acredita que tenha havido uma morte anterior. Mas também não se lembram de seu mais recente nascimento, embora não duvidem de terem nascido recentemente. Tais pessoas esquecem que a memória ativa é uma pequena parte de nossa consciência normal, e que nossa memória inconsciente registra e preserva cada impressão e experiência passadas de que nossas mentes despertas não conseguem se lembrar.

Há aqueles que, por meio de concentração e outros recursos e práticas iogues, são capazes de trazer o inconsciente para o âmbito da consciência discriminativa e, desse modo, têm acesso ao ilimitado tesouro da memória do subconsciente, onde estão alojados os registros não apenas de nossas vidas passadas, mas também de nossas raças, o passado da humanidade e de todas as formas pré-humanas de vida, e mesmo o passado da própria consciência, que torna possível a vida neste universo.

Se, por algum truque da natureza, os portões da subconsciência fossem repentinamente abertos, aquele que não tivesse uma mente preparada para isso sucumbiria esmagado. Por isso, os portões do subconsciente são vigiados por todos os iniciados e escondidos atrás do véu de mistérios e símbolos.

Por essa razão, o *Bardo Thödol*, livro tibetano que proporciona a libertação do estado intermediário entre a vida e o renascimento — estado este que os homens chamam de "morte" — foi escrito em linguagem simbólica. Trata-se de um livro lacrado com os sete selos do silêncio — não porque o seu conhecimento deva permanecer inacessível ao não-iniciado, mas pelo perigo de ele ser mal-compreendido e, por conseguinte, causar danos àqueles que não estiverem preparados para apreendê-lo. Mas chegou o momento de romper com esses selos de silêncio; pois a raça humana se encontra numa encruzilhada onde deve decidir entre contentar-se com a subjugação do mundo material ou buscar a conquista do mundo espiritual,

subjugando os desejos egocêntricos e transcendendo as limitações auto-impostas.

De acordo com a tradição tibetana, o *Bardo Thödol* é uma dessas obras do Padma-Sambhava que foram secretamente escondidas para serem preservadas para as futuras gerações, e que deveriam ser reveladas ao mundo quando os tempos se mostrassem propícios para tal. Seja como for, o fato é que, durante a perseguição ao Budismo por Langdarma, no começo do século IX da era cristã, inúmeros livros budistas do período mais antigo da penetração dessa religião no Tibete foram escondidos sob rochas, em cavernas e outros lugares, para evitar sua destruição. Posto que quase todos os membros da ordem budista e seus seguidores tenham sido mortos ou expulsos do Tibete, muitas dessas escrituras permaneceram onde haviam sido guardadas. Muitas foram redescobertas durante os séculos posteriores e passaram a ser designadas como *Termas*, termo derivado da palavra tibetana *Gter* – pronuncia-se *Ter* – que significa "tesouro". Os que descobriram esses tesouros espirituais e propagaram seus ensinamentos foram chamados *Tertöns*, do tibetano *Gter-bston* – que se pronuncia *Tertön* – isto é, "Revelador de Tesouros".

Esta me parece uma explicação bem mais razoável quanto à tradição dos *Tertöns* – a qual, muito significativamente, é mantida nas mais antigas escolas do Budismo tibetano, como a Nyingmapa e a Kargyütpa – do que as teorias de certos críticos ocidentais, que acham que tais escrituras teriam sido "falsificadas" por pessoas que desejavam impingir suas próprias idéias sob o pretexto de antigas revelações. Esses críticos subestimam a sinceridade religiosa e o respeito profundo em relação à santidade da tradição espiritual que está arraigada em cada tibetano, seja leigo ou lama. Acrescentar ou omitir uma única palavra ou letra das Sagradas Escrituras foi sempre visto pelos tibetanos como um pecado atroz, que mesmo os mais ímpios temeriam cometer.

Além disso, esses mesmos críticos subestimam as dificuldades de forjar e editar tais escrituras, pois a falsificação exigiria um conhecimento técnico e crítico de história e lingüística que não só não existia no Tibete como também exigiria uma inteligência superior para ser aplicado. Se um gênio desse tipo tivesse existido no Tibete, ele não teria tido necessidade de recorrer ao subterfúgio da falsificação, pois poderia ter sido mais original, como fizeram muitos gênios eruditos que escreveram e ensinaram em seu próprio nome. Tampouco é provável que homens capazes de criar e propagar pensamentos profundos e idéias sublimes, como as contidas nos *Termas*, se preocupassem com objetivos tão ínfimos como ludibriar seus semelhantes. Quando percebemos que a literatura em questão não se compõe apenas de alguns poucos tratados isolados, mas de cerca de 100 grandes volumes (de acordo com a tradição, 108), que se desdobram em dezenas de milhares de fólios, então a teoria da fraude deliberada resulta não só improvável, mas também absurda.

Se considerarmos as influências da religião pré-budista do Tibete sobre o *Bardo Thödol* – ou seja, a do Bön-pos – deveremos levar em conta o fato de que todos aqueles *Termas* atribuídos ao Padma-Sambhava declaram, em termos precisos, sua adesão a ele, exatamente a personagem que se opôs e derrotou o Bön-pos. Essas escrituras redescobertas não podem, por conseguinte, ser vistas como propagadoras das idéias do Bön.

Ainda que Padma-Sambhava tenha incorporado ao sistema budista algumas das divindades locais tibetanas, para servirem de guardiãs da Fé, isso não significa, de modo algum, que ele tenha cedido um palmo sequer do fundamento budista

ao Bön-pos; ele agiu perfeitamente de acordo com os princípios do Budismo ortodoxo, dentro do qual, em todos os países budistas, as divindades da Terra sempre foram honradas e veneradas como protetoras do *Dharma*. Assim, os seguintes versos pális ainda são recitados, durante o *pūjā* normal (cerimônia de adoração), pelos seguidores do Budismo Theravāda, no Ceilão, em Burma, no Sião, no Cambodja e em outros locais:

> *"Ākāsaṭṭhā ca bhummaṭṭhā, deva nāgā mahiddhikā, Puññantaṃ anumoditvā, ciraṃ rakkhantu sāsanaṃ."*

Esses versos podem ser vertidos da seguinte forma:

> "Que os seres do céu [ou do espaço] e da Terra, *Devas* e *Nāgas* [isto é, deuses e espíritos-serpentes] de grande poder, após haverem participado do mérito [deste *pūjā*], protejam por longo tempo a Doutrina Sagrada."

Qualquer influência cultural, como as que possam haver entre o Budismo e o Bönismo, sempre foi mais do tipo sentido único do que de um intercâmbio mútuo de idéias. Isso porque o *Bön-pos*, que não possuía literatura própria, absorveu conceitos e símbolos budistas em tão larga escala, criando com isso uma literatura e uma iconografia de semelhanças tão grandes às do Budismo, que chegam a ser quase que indistinguíveis para o observador descuidado.

Há também a afirmação corrente, totalmente arbitrária, segundo a qual foi a influência Bön que encorajou a negligência na observação das regras monásticas budistas e levou a um declínio geral do padrão tibetano de saber e de moralidade. Quem quer que haja tido a oportunidade de permanecer, mesmo que por um curto espaço de tempo, num dos mosteiros Bön existentes no Tibete terá notado, com surpresa, que as regras do celibato e disciplina monástica são mais estritas lá do que na maioria dos mosteiros budistas tibetanos. Terá notado também o paralelo existente entre as escrituras do Bön-pos e muitas das principais escrituras do cânon do Budismo desse país. Eles têm seus *Prajñāpāramitā Sūtras*, seu *Pratīyasamutpāda* (representado na Roda da Vida por treze divisões), seus *Tantras* e *Mantras*, e suas divindades correspondentes mais ou menos aos vários Budas, Boddhisattvas, Devatas e Dharmapālas do Budismo.

Pode parecer paradoxal, mas, na realidade, enquanto as mais antigas escolas do Budismo tibetano, apesar da intolerância pelas divindades locais, lograram romper com o poder do Bönismo, foram contudo os Gelugpas, a mais jovem e vigorosa das escolas reformadas, que reintroduziram uma das mais influentes instituições do Bön-pos, a saber, os Oráculos Oficiais nos Templos dos Oráculos, nos mais importantes mosteiros da Seita Amarela. As divindades invocadas nesses Templos dos Oráculos são exclusivamente de origem Bön. Entre as mais antigas seitas do Budismo, e em especial entre os Kargyütpas, não existem esses Templos dos Oráculos. Isso mostra que as Antigas Escolas, ao contrário do que se acredita comumente, estão menos sob a influência do Bönismo do que os Gelugpas, apesar das reformas dos Gelugpas e de sua disciplina monástica mais estrita. Essa disciplina monástica mais estrita dos Gelugpas coloca-os realmente mais próximos do supramencionado puritanismo do Bön-pos.

Devemos, portanto, estar atentos para evitar afirmações, tais como o que pode ou não ser atribuído à influência do Bönismo. E isso se dá principalmente

pelo fato de não sabermos em que exatamente consistiam os ensinamentos do Bön antes do advento do Budismo, ainda que possamos seguramente pressupor que eles eram animistas, pois adoravam as forças espirituais do homem e da natureza, principalmente em seus aspectos aterrorizantes; certos rituais eram realizados para o benefício e orientação do morto. Tais práticas religiosas são freqüentemente encontradas em quase todas as antigas civilizações; e prevaleceram tanto na Índia como no Tibete. Esse "animismo" permeia todos os textos budistas, onde cada árvore ou bosque, cada localidade, é tido como possuidora de suas divindades peculiares, e o Buda é representado discursando com deuses e outros seres espirituais, habitantes da Terra e de outras regiões do Além, como se isso fosse a coisa mais natural. Somente um Budismo completamente ocidental e intelectualizado, que procura separar o conteúdo do pensamento racional do Budismo de seus elementos mitológicos igualmente profundos, pode negar essa formação animista e, com isso, os fundamentos metafísicos do Budismo.

O universo budista está completamente vivo; nele não há espaço para a matéria inerte ou para o simples mecanicismo. E, além disso, o Budismo está alerta a todas as possibilidades de existência e a todos os aspectos da realidade. Se soubéssemos das terríveis aparições que assediaram Buda na noite que precedeu a Sua Iluminação não precisaríamos buscar influências Bön em relação aos monstros com cabeças de animais que surgem do abismo do subconsciente na hora da morte ou nas visões da meditação. Divindades iradas, demônios em forma de animal, assim como deuses com aparência demoníaca são comuns tanto na Índia como no Tibete. A despeito dos usos populares segundo os quais o *Bardo Thödol* tem sido relacionado com os rituais da morte — e, aqui, talvez distingamos o único traço da influência Bön digno de consideração — a idéia central e o profundo significado do *Bardo Thödol* são genuinamente budistas.

Os próprios tibetanos realizaram um esforço considerável no sentido de livrar suas Escrituras de erros e acréscimos não-budistas, assim como assegurar a autenticidade e inteligibilidade de suas tradições. Após o estabelecimento das normas para a tradução dos textos sânscritos, e para a necessária terminologia tibetana correspondente, pelos primeiros tradutores tibetanos e pelos pioneiros do *Dharma*, "os tradutores foram expressamente proibidos de cunhar novos termos. Quando isto se tornava inevitável, eles eram obrigados a encaminhar o assunto a um tribunal especial, conhecido como 'Tribunal da Doutrina do Bem-aventurado', anexo ao palácio real. A tradução de obras tântricas só poderia ser efetuada com a permissão do rei. Essas normas foram promulgadas pelo rei Ti-De Song-Tsen (Ral-pa-can, 817-36 d.C.), e desde então foram seguidas por todos os tradutores tibetanos".[1]

Com o advento das xilografias, foram mantidas precauções similares, não apenas com respeito às traduções, mas também com relação a toda a literatura religiosa. Tornou-se norma que nenhum livro religioso poderia ser publicado sem a sanção das mais altas autoridades espirituais, as quais apontariam competentes revisores de provas a fim de impedir versões errôneas ou interpolações injustificadas. Isso não impediu, entretanto, a diversidade de interpretações por várias escolas reconhecidas e pelos seus mestres. O objetivo principal era impedir a degeneração das tradições estabelecidas, fosse por descuido ou por ignorância de copistas e intérpretes não-qualificados.

1. Cf. Dr. George Roerich, *Introduction of Buddhism into Tibet. In Stepping Stones.* Kalimpong, 1951, vol. II, nº 5, p. 135.

É por essa razão que as xilografias autorizadas contêm as mais confiáveis versões que se possa ter dos textos sagrados tradicionais. Os livros manuscritos, porém, embora sofrendo, por vezes, erros de ortografia e outros equívocos dos copistas, que demonstram freqüentemente falta de entendimento quanto à linguagem clássica ou arcaica dos textos, são valiosos, especialmente pelo fato de eles recorrerem aos originais, bem mais antigos que as xilografias comuns, e também por representarem certa tradição menos conhecida e transmitida de *guru* para *chela* através de várias gerações.

Se, portanto, chamo a atenção do leitor para certas diferenças entre a versão oficialmente aceita da xilografia e a do manuscrito que serviu de base à tradução do Lama Kazi Dawa-Samdup, não pretendo questionar o valor do manuscrito, mas simplesmente lançar luz sobre alguns pontos da tradição budista, o que poderá levar-nos ao entendimento mais profundo, não só do ponto de vista histórico, mas também do espiritual.

Na verdade, o ponto de vista espiritual é que torna este livro tão importante para a maioria dos seus leitores. Se o *Bardo Thödol* fosse visto meramente sob o aspecto folclórico, ou no sentido de especulação religiosa acerca da morte e de um estado hipotético do pós-morte, ele seria de interesse apenas para os antropólogos e os estudiosos de religiões. Mas o *Bardo Thödol* é bem mais que isso. É a chave para as regiões mais recônditas da mente e um guia para iniciados e para quem procura o caminho espiritual da libertação.

Ainda que o *Bardo Thödol*, hoje, seja largamente utilizado no Tibete como um breviário e lido ou recitado na ocasião da morte — motivo pelo qual foi corretamente chamado de *O Livro Tibetano dos Mortos* — não se deve esquecer que, originalmente, ele foi concebido para servir como um guia, não só para os moribundos e mortos, mas também para os vivos. Esta é a razão pela qual *O Livro Tibetano dos Mortos* se tornou acessível para um público mais amplo.

Não obstante os costumes e crenças populares que, sob a influência de antigas tradições de origem pré-budista, tenham crescido em torno das profundas revelações do *Bardo Thödol*, o conteúdo do livro só tem valor para aqueles que praticam e compreendem seus ensinamentos durante a vida.

Existem duas coisas que têm causado equívocos: uma é que os ensinamentos parecem estar endereçados ao morto ou moribundo; a outra é o fato de que o título contém a expressão "Libertação pela Audição" (em tibetano, *Thos-grol*). Como resultado disso, surgiu a crença de que é suficiente ler ou recitar o *Bardo Thödol* na presença do moribundo, ou mesmo de alguém que acabou de morrer, para que a sua libertação se efetive.

Tal equívoco só poderia ter surgido entre aqueles que não sabem que uma das práticas mais antigas e universais para o iniciado consiste em passar pela experiência da morte antes que ele possa renascer espiritualmente. Simbolicamente, ele deve morrer para o seu passado, para o seu antigo ego, antes que possa tomar o seu lugar na nova vida espiritual na qual tenha sido iniciado.

O *Bardo Thödol* dirige-se ao morto ou moribundo por três razões principais: (1) o praticante mais devoto desses ensinamentos deve observar cada momento de sua vida como se fosse o último; (2) quando um adepto desses ensinamentos

está realmente morrendo, ele, ou ela, deve ser lembrado das experiências no momento da iniciação, ou das palavras (ou *mantra*) do *guru*, em especial se a mente do moribundo carecer de vivacidade nos momentos críticos; e (3) alguém que ainda esteja encarnado deve tentar cercar o moribundo, ou o recém-morto, com pensamentos amáveis e auxiliadores nos primeiros estágios do novo estado ou pós-morte da existência, sem permitir que vínculos emocionais interfiram ou dêem margem a um estado de mórbida depressão mental. Assim sendo, uma das funções do *Bardo Thödol* parece ser mais a de ajudar os que foram deixados para trás, a fim de adotarem uma atitude correta em relação aos mortos e à morte mesma, do que a de assistir o morto, que, de acordo com a crença budista, não se desviará de seu próprio caminho *kármico*.

Aplicar os ensinamentos do *Bardo Thödol* é sempre uma questão de se lembrar da coisa certa no momento certo. Mas, para que nos lembremos disso, precisamos preparar-nos mentalmente durante o período de vida; precisamos criar, cultivar essas faculdades que desejamos que sejam de influência decisiva no momento da morte e do estado do pós-morte, para que nunca sejamos pegos de surpresa, mas possamos reagir espontaneamente, da maneira certa, quando o momento crítico da morte chegar.

Isso está claramente expresso nos Versos Básicos do *Bardo Thödol:*

"[Ó] tu que procrastinas, que não pensas na vinda da morte,
Dedicando-te às coisas inúteis da vida,
Improvido és tu ao desperdiçares tua grande oportunidade;
Desenganado, com certeza, estará o teu propósito agora que retornas de mãos vazias [desta vida].
Pois que o Sagrado Dharma é tido como a tua verdadeira necessidade.
Não [te] devotarás ao Sagrado Dharma nem mesmo agora?"

Um fato reconhecido por todos os que estão familiarizados com a filosofia budista é o de que o nascimento e a morte não são fenômenos que acontecem apenas uma vez numa vida humana; eles ocorrem ininterruptamente. A cada momento, algo dentro de nós morre e algo renasce. Por conseguinte, os diferentes *Bardos* representam diferentes estados de consciência em nossas vidas: o estado da consciência desperta, a consciência normal de um ser nascido em nosso mundo humano, conhecido no Tibete como *Skyes-nas bar-do*; o estado de consciência de sonho (*rmi-lam bar-do*); o estado de *dhyâna*, ou de consciência de transe, em profunda meditação (*bsam-gtan bar-do*); o estado da experiência da morte (*hchhi-kha bar-do*); o estado da experiência da Realidade (*chhos-nyid bar-do*); o estado da consciência do renascimento (*srid-pa bar-do*).

Tudo isso está claramente descrito nos *Versos Básicos dos Seis Bardos*, que, ao lado dos *Caminhos dos Bons Desejos*, formam o núcleo autêntico e original do *Bardo Thödol*, em torno do qual as partes em prosa se cristalizaram como comentários. Isso prova que o *Bardo Thödol* tem a ver com a própria vida, não sendo apenas a missa para o morto, a que foi reduzido nos últimos tempos.

O *Bardo Thödol* destina-se não apenas aos que percebem a aproximação do fim da existência física, ou que estejam muito próximos da morte, mas também aos que ainda possuem anos de vida encarnada diante de si e que entendem, pela primeira vez, o verdadeiro significado da existência humana. Nascer como ser

humano é um privilégio, de acordo com os ensinamentos budistas, pois oferece a rara oportunidade de libertação através do esforço decisivo de cada um, através de uma "reviravolta no mais profundo da consciência", conforme estabelece o *Lankāvatāra Sūtra*.

Os *Versos Básicos dos Seis Bardos* começam com as seguintes palavras:

"Ó, agora, quando o *Bardo da Vida*[2] desponta em mim,
– Após abandonar a indolência, já que não há tempo a desperdiçar na vida
– Que eu atentamente entre no caminho da escuta, da reflexão e da meditação,
Daí então... uma vez obtida a encarnação humana,
Tempo algum seja perdido com distrações inúteis."

A escuta, a reflexão e a meditação são os três estágios do discipulado. A palavra tibetana para "escuta" ou "audição", *thos*, com relação a isto, assim como na expressão *Thödol* (*thos-grol*), não pode ser confundida com a mera consciência sensorial da audição, como se pode observar pelo termo tibetano *nyan-thos*, o equivalente da palavra sânscrita *sravaka*, referente a discípulo e, mais particularmente, ao discípulo pessoal de Buda, e não simplesmente a alguém que, ocasionalmente, aconteceu de ouvir o ensinamento de Buda. O termo se refere àquele que captou o ensinamento em seu coração e tornou-o seu. Assim, a palavra "escuta", nesse caso, implica "ouvir com o coração", isto é, com fé sincera (*śhraddha*). Esta representa o primeiro estágio do discipulado. No segundo estágio, essa atitude intuitiva é transformada em conhecimento através da razão, enquanto que, no terceiro, o sentimento intuitivo do discípulo, bem como o entendimento intelectual, são transformados em realidade viva através da experiência direta. Assim, a convicção intelectual torna-se certeza espiritual, num conhecimento em que o conhecedor é *o mesmo* que o conhecido.

Esse é o elevado estado espiritual proporcionado pelos ensinamentos expressos no *Bardo Thödol*. Deste modo, o discípulo iniciado atinge o domínio no âmbito da morte e, então, estando em condições de perceber a natureza ilusória da morte, fica livre do medo. Esse engodo da morte provém da identificação do indivíduo com a sua forma temporal e ilusória, seja física, emocional ou mental, surgindo daí a errônea noção de que existe um estado de ego pessoal, separado do próprio indivíduo, e o medo de perdê-lo. Se, entretanto, o discípulo aprendeu, como o *Bardo Thödol* ensina, a identificar-se com o Eterno, o *Dharma*, a Imperecível Luz do Estado de Buda dentro dele, então os temores da morte são dissipados como uma nuvem diante do Sol nascente. Ele sabe, então, que tudo quanto possa ver, ouvir ou sentir na hora de sua partida desta vida não é senão o reflexo do seu próprio conteúdo mental consciente e subconsciente. Nenhuma ilusão criada na

2. O Lama Kazi Dawa-Samdup diz, aqui, "*Bardo* do Lugar de Nascimento". Ao que tudo indica, seu manuscrito traz *skyes-gnas* em lugar de *skyes-nas*, segundo se lê na xilografia. O último significa, literalmente, "ter nascido", isto é, ter nascido no estado que os homens chamam de vida. *Skyes-gnas* refere-se ao ventre, o "lugar" (*gnas*) de nascimento; este é o assunto do sexto verso, que trata do *bardo* do renascimento, que, por conseguinte, não pode ser explicado aqui, pois, caso contrário, haveria apenas cinco *bardos* em vez de seis.

mente pode, então, exercer poder sobre ele, se ele conhece sua origem e é capaz de reconhecê-la. As visões ilusórias do *Bardo* variam conforme as condições e os elementos da tradição religiosa e cultural em que o indivíduo cresceu, mas sua força motriz é a mesma em todos os seres humanos. Assim é que a profunda psicologia expressa no *Bardo Thödol* constitui uma importante contribuição para o conhecimento da mente humana e do caminho que conduz a ela. Sob a forma de uma ciência da morte, o *Bardo Thödol* revela o segredo da vida; e nisso reside seu valor espiritual, bem como seu interesse universal.

O *Bardo Thödol* é um tratado que exige mais que conhecimentos psicológicos para a sua tradução e interpretação; ou seja, é necessário um profundo conhecimento dos seus fundamentos tradicionais e da experiência religiosa de alguém que tenha crescido nessa tradição ou que a tenha bebido de um *guru* competente. No passado, "não se considerava que um simples conhecimento da língua bastasse para fazer de um homem um 'tradutor' no sentido sério da palavra; ninguém poderia encarregar-se de traduzir um texto se não o tivesse estudado durante muitos anos ao lado de um tradicional e autorizado expoente de seus ensinamentos; muito menos podia ocorrer que alguém se considerasse qualificado para traduzir o texto de uma doutrina em cujos ensinamentos não acreditasse".[3]

Hoje, infelizmente, nossa atitude é totalmente inversa: um erudito é visto como muito mais competente ("academicamente") quanto menos acredita nos ensinamentos que se encarregou de interpretar. Os lamentáveis resultados disso são demasiado evidentes, especialmente no campo da tibetologia, que esses eruditos têm abordado com um ar de superioridade, deslegitimando, assim, o propósito mesmo de seus esforços.

O Lama Kazi Dawa-Samdup e o Dr. Evans-Wentz foram os primeiros a restabelecerem o antigo método de *Lotsavas* (como são chamados os tradutores de textos sagrados no Tibete). Eles se acercaram de sua obra em espírito de verdadeira devoção e humildade, como uma responsabilidade sagrada que lhes chegou às mãos através de gerações de iniciados, responsabilidade com que deveriam lidar com o maior respeito pelos menores detalhes. Ao mesmo tempo, eles não consideravam a sua versão como final ou infalível, mas antes como as traduções pioneiras da *Bíblia*, isto é, um ponto de partida para futuras versões que possam ser ainda mais profundas e perfeitas à medida que aumentar o nosso conhecimento das fontes da tradição tibetana.

Tal atitude não representa apenas o contraste entre entendimento espiritual e verdadeira erudição, mas faz o leitor sentir que está pisando em solo sagrado. Isso explica a profunda impressão que *O Livro Tibetano dos Mortos*, assim como outros volumes complementares da "Série Tibetana" da Oxford University Press, tem exercido sobre os leitores sérios de todo o mundo. O sucesso extraordinário desses trabalhos foi proporcionado pela seriedade e sinceridade de seus objetivos. O mundo acha-se, de fato, em grande débito com esses dois devotados

3. Cf. Ananda K. Coomaraswami, *Hinduism and Buddhism*. Nova York, Philosophical Library, s/d., p. 49; e Pallis, Marco, *Peaks and Lamas*. Londres, Cassel & Co., 1946, pp. 79-81. Este último livro é, provavelmente, a melhor introdução ao Budismo Tibetano já escrita até agora.

sábios. *Sabbadānam dhammadānam jinātī:* "A verdade é o melhor de todos os dons."[4]

A MEMÓRIA DE BUDA

"Na memória, todos os nascimentos anteriores desfilaram diante de Seus olhos. Nascido em tal lugar, com tal nome, e até o Seu nascimento presente, assim, através de centenas, milhares, infinidades, Ele conheceu todos os seus nascimentos e mortes."

Ashvaghosha, *A Vida de Buda*
(trad. inglesa de Samuel Beal).

4. Cf. *Dhammapāda*, XXIV, 21.

PREFÁCIO

A CIÊNCIA DA MORTE[1]

Sir John Woodroffe

"Esforça-te pelo que é bom antes de te encontrares em perigo, antes que a dor te domine e antes que a mente perca sua vitalidade." – Kulârnava Tantra, I, 27.

A idéia da morte sugere duas questões. A primeira é: "Como se pode evitar a morte, a não ser quando ela é desejada, como no caso da 'Morte voluntária' (*Ichchhâmrityu*)?" Evitar a morte é a meta quando se usa a *Hatha Yoga* para prolongar a vida presente na carne. Não é, no sentido ocidental, um "dizer sim" à "vida", mas, por ora, a uma forma particular de vida. O Dr. Evans-Wentz nos diz que, de acordo com a crença popular tibetana, nenhuma morte é natural. Isso é o que crê a maioria – se não todos – dos povos primitivos. Além disso, a própria fisiologia questiona essa "morte natural", no sentido de morte por mera velhice, sem lesão ou enfermidade. Este texto, entretanto, na linguagem do que renuncia à vida carnal, diz ao nobre filho que a Morte vem para todos e que a espécie humana não deve apegar-se à vida na Terra com seu incessante vagar pelos Mundos do nascimento e da morte (*Sangsâra*). O homem deveria, isto sim, implorar a ajuda da Mãe Divina para uma passagem segura através do temível estágio subseqüente à dissolução do corpo e que cada um de nós possa finalmente atingir o todo-perfeito estado de Buda.

A segunda questão, portanto, é: "Como aceitar a Morte e morrer?" É a isso que nos referiremos agora. Aqui, a técnica de morrer faz da Morte a entrada para boas vidas futuras, primeiro fora da carne e depois nela de novo – a menos e até que a libertação (*Nirvâna*) da vida errante (*Sangsâra*) seja conseguida.

Este Livro, de interesse extraordinário, seja pelo texto ou pela introdução, trata do período (mais longo ou mais curto, de acordo com as circunstâncias) que, começando imediatamente após a morte, termina com o "renascimento". Segundo a visão dos budistas, a Vida consiste numa série de estados sucessivos de consciência. O primeiro é a Consciência do Nascimento; o último é a consciência existente no momento da morte ou Consciência da Morte. O intervalo entre os dois estados de Consciência, durante o qual ocorre a transformação do "velho" ser num "novo", é chamado de *Bardo* ou estado intermediário (*Antarâbhâva*), dividido em três estágios, chamados *Chikhai*, *Chönyid* e *Sidpa Bardo*, respectivamente.

---

1. Quanto ao título deste Prefácio, "A Ciência da Morte", ver *Thanatologia*, do Dr. Roswell Parks, in *The Journal of the American Medical Association*, 27 de abril de 1912.

Este manual, comum em várias versões através do Tibete, pertence a uma das classes de escritos entre os quais o Dr. Evans-Wentz inclui *O Livro Egípcio dos Mortos*, um guia para o uso do *Ka* ou assim chamado "Duplo", o *De Arte Moriendi* e outros tratados medievais similares sobre a arte de morrer, aos quais se pode acrescentar o manual órfico intitulado *A Descida ao Hades* (cf. "Ele Desceu ao Inferno") e outros, como os livros-guias para uso dos mortos, o *Pretakhanda* do hindu *Garuda Purāna*, *De Coelo et de Inferno*, de Swedenborg, *De Inferno*, de Rusca, e várias outras obras escatológicas antigas e modernas. O *Garuda Purāna* trata de ritos usados para o moribundo no momento da morte, e das cerimônias fúnebres, da aquisição, por meio do rito *Preta shrāddha*, de um novo corpo para o *Preta* ou falecido, em substituição àquele que foi consumido pelo fogo, do Juízo e, posteriormente (cap. V), dos vários estágios através dos quais o finado passa até renascer de novo na Terra.

O texto original e a introdução do Dr. Evans-Wentz formam uma contribuição bastante valiosa para a Ciência da Morte, do ponto de vista do Budismo Mahâyâna tibetano, do assim chamado tipo "tântrico". O livro é bem-vindo não apenas em virtude de seu assunto em particular, mas porque as obras rituais de qualquer religião possibilitam-nos compreender mais plenamente a filosofia e a psicologia do sistema a que elas pertencem.

O texto tem três características. Em primeiro lugar, trata-se de uma obra sobre a Arte de Morrer, pois a Morte, assim como a Vida, é uma Arte, apesar de ambas amiúde serem confundidas. Há um dito bengáli que afirma: "Para que servem *Japas* e *Tapas* (duas formas de devoção), se não se sabe como morrer?" Em segundo lugar, trata-se de um manual de terapia religiosa para os últimos momentos, e de uma psicocirurgia exorcizante, de uma instrução, consolação e fortificação, através dos rituais fúnebres, para quem está em vias de passar para uma outra vida. Em terceiro lugar, este livro descreve as experiências do morto durante o período intermediário, e o instrui com respeito ao mesmo. Trata-se, portanto, de uma espécie de Guia do Viajante para os Outros Mundos.

A doutrina da "reencarnação", por um lado, e a da "ressurreição", por outro, constituem a principal diferença entre as quatro mais importantes religiões: o Bramanismo, o Budismo, o Cristianismo e o Islamismo. O Cristianismo, em sua forma ortodoxa, rejeita a tão antiga e difundidíssima crença do *Kúklos geneseōn*, ou *Sangsāra*, ou "Reencarnação", e admite apenas um universo – *este*, primeiro e último – assim como duas vidas: uma aqui, no corpo natural, e uma depois, no corpo da Ressurreição.

Tem-se dito, sucintamente, que, assim como a Metempsicose faz com uma mesma alma, a Ressurreição faz com que um mesmo corpo sirva para mais de uma vida. Mas a segunda doutrina limita as vidas do homem ao número de duas, das quais a primeira, ou presente, determina para sempre o caráter da segunda, ou futura.

O Bramanismo e o Budismo admitem a doutrina de que "conforme uma árvore cai, assim ela permanecerá", mas negam que ela permaneça assim para sempre. Para os adeptos dessas duas crenças análogas, o presente universo não é o primeiro e o último. É apenas um de uma série infinita, sem começo ou fim absolutos, embora cada universo da série apareça e desapareça. O Bramanismo e o Budismo postulam também uma série de existências sucessivas, em que até a moralidade, a devoção e o conhecimento produzem essa alta forma de desprendimento, que é a causa da Libertação do ciclo de nascimento e morte chamado "Perambulação" (ou *Sangsāra*). Liberdade é atingir o Estado Supremo chamado de Vazio, de *Nirvāna* e de outros nomes. Eles negam que haja apenas um universo, com uma vida para cada uma de suas unidades humanas e, depois, uma divisão dos homens, por toda a eternidade, entre os que estão salvos no Céu, ou estão no Limbo, e os que estão perdidos no Inferno. Embora concordem em afirmar que há um corpo adequado para o prazer ou para o sofrimento no Céu e no Inferno, não se trata de um corpo ressuscitado, pois na morte o corpo carnal é dissolvido para sempre.

A necessidade de um corpo existe sempre, exceto para o não-dualista que acredita numa Libertação (*Mukti*) incorpórea (*Videha*). Cada qual das quatro religiões afirma que há um elemento – vital e psíquico – sutil e sobrevivente à morte no corpo físico de carne e sangue, seja ele uma entidade permanente ou o *Eu*, como no caso do *Âtmã* bramânico, o *Ruh* muçulmano e a "Alma" cristã, seja ele apenas um complexo de atividades (ou *Skandha*), físicas e psíquicas, tendo a vida como a sua função – um complexo em contínua mudança e, por conseguinte, uma série de estados físicos e psíquicos momentâneos, gerados sucessivamente um a partir do outro, uma transformação contínua, segundo afirmam os budistas. Assim sendo, para nenhuma dessas crenças a morte é um fim absoluto; porém, para todas elas, a morte é apenas a separação entre a *psique* e o corpo físico. Ela entra, depois, numa nova vida, enquanto que o corpo, tendo perdido o seu princípio de animação, decai. Conforme o Dr. Evans-Wentz diz de forma tão concisa: a Morte desencarna o "complexo da alma", da mesma forma que o Nascimento o encarna. Em outras palavras, a Morte é apenas uma iniciação numa outra forma de vida além daquela cujo fim representa.

No que tange ao aspecto físico da Morte, chamamos a atenção do leitor para a notável análise feita, aqui, dos sintomas que a precedem. Estes são registrados porque é necessário que o moribundo e os que o atendem estejam preparados para o momento final e decisivo, quando ele chegar.[2] Igualmente é importante a descrição de sons ouvidos como (para usar a linguagem do Dr. Evans-Wentz) "resultantes psíquicos do processo desintegrante chamado morte". Lembram ruídos de coisas que se quebram, trepidantes, ouvidos antes e depois das 15 horas após a morte, os quais, reconhecidos por Greunwaldi, em 1618, e referidos posteriormente por outros autores, foram, em 1862, objeto de um estudo especial do Dr. Collingues.

Contudo, diz-se que a cadeia dos estados de consciência nem sempre é rompida com a morte, já que há *Phowa* ou poder de projetar a consciência e entrar no corpo de outro.[3] O ocultismo indiano fala do mesmo poder de abandonar o corpo (*Svechchhotkrānti*), poder que, de acordo com o *Tantrarāja* (cap. XXVII, versos 45-47 e 72-80), se consuma através da operação (*Vāyudhārana*) da atividade vital (ou *Vāyu*) nos trinta e oito pontos ou junções (*Marma*) do corpo. Como então, poderíamos perguntar, essa prática se encaixaria na doutrina geral da "reen-

2. Cf. *Tantrarāja*, cap. XXVII, versos 83-100, que trata dos sinais da morte próxima, editado por Arthur Avalon, *Tantrik Texts*, v. XII.

3. Cf. *Tantrik Texts*, v. VII, p. 23, o budista *Shrichakra-sambhāra Tantra*.

carnação"? Ficaríamos satisfeitos se o Dr. Evans-Wentz tivesse elucidado este ponto. Em princípio, parece que, no caso da entrada num corpo não-nascido, ela poderia ser feita na *Matriz*, da mesma forma como se tivesse ocorrido após uma quebra de consciência na morte. Mas, no caso da entrada em seres já nascidos, a operação do poder, ou *Siddhi*, aparentemente seria através da forma de possessão (*Âvesha*), por uma consciência, da consciência e do corpo de um outro, diferindo do caso mais comum pelo fato de que uma consciência possessora não retorna ao seu corpo, que, *ex hypothesi*, está em vias de morrer quando a consciência o deixa.

Se a transferência de consciência é efetuada, não ocorre, naturalmente, o *Bardo*, que pressupõe a quebra da consciência pela morte. Se não, o texto é lido.

Então, quando a respiração está em vias de extinguir-se, é dada a instrução e as artérias são pressionadas. Isto se faz para manter a pessoa moribunda consciente, com a consciência corretamente dirigida. Pois a natureza da Consciência da Morte determina o estado futuro do "complexo da alma", sendo a existência a transformação contínua de um estado de consciência em outro. Tanto no ritual católico como no hindu, para o moribundo há constantes preces e repetição dos nomes sagrados.

A pressão das artérias regula o caminho a ser tomado pela corrente vital que sai (*Prâna*). O caminho próprio é o que passa através da *Brâhmarandhra* ou Forame de Monro. Esta idéia parece ter sido largamente mantida (para citar um exemplo) mesmo num lugar tão remoto e primitivo como São Cristóvão, nas Ilhas Salomão (ver *Threshold of the Pacific*, de C. E. Fox). A função de uma pedra perfurada num dôlmen lá encontrado (reminiscente do dôlmen *à dalle percée* comum no distrito de Marne, na Europa Ocidental, no sul da Rússia e no sul da Índia) é "permitir a livre passagem ao seu lugar natural, a cabeça, do *adaro* ou 'duplo' do homem morto".

Segundo a crença hindu (ver *Pretakhanda* de *Garuda Purâna*) há nove aberturas no corpo que são os meios de experiência e que, sob o aspecto divino, são os Senhores (*Nâtha*) ou *Gurus*.[4] Uma boa saída é a que se encontra acima do umbigo. Dessas saídas, a melhor é através da fissura no topo do crânio, chamada *Brâhmarandhra*. Esta se encontra acima do *cerebrum* físico e do centro de *Yoga* denominado "Loto das Mil Pétalas" (*Sahasrâra Padma*), onde o Espírito está mais manifesto, já que aí se encontra a base da Consciência. Por causa disso, o hindu ortodoxo usa uma mecha de cabelo (*Shikhâ*) pendendo desse lugar; e isto não como alguns absurdamente supuseram, para que por aí o indivíduo seja agarrado e conduzido ao Céu ou ao Inferno, mas sim porque o *Shikhâ* é como que uma bandeira e seu mastro, içada diante e em honra da residência do Senhor Supremo, que é a Consciência Pura. (A imagem fantástica apresentada num recente trabalho de C. Lancelin, *La Vie Posthume*, p. 96, não mostra o orifício de saída, que é apresentado na lâmina 8 da segunda edição, p. 93, de *Serpent Power*, de Arthur Avalon.)

Qualquer que seja a base para a crença e prática dos povos primitivos, de acordo com a doutrina da *Yoga*, a cabeça é o centro principal da consciência e regula outros centros subordinados na coluna vertebral. Com a retirada da corrente vital através do nervo (*nâdi*) central ou *Sushumnâ*, as partes inferiores do corpo são desvitalizadas, havendo um vívido funcionamento concentrado no centro cerebral.

O exoterismo fala no "Livro do Juízo". Trata-se de um símbolo objetivo do "Livro" da Memória. A "leitura" desse "Livro" serve para fazer o moribundo lembrar-se de toda a sua vida passada na Terra antes de ele passar daí.[5] A corrente vital, finalmente, escapa do lugar onde ela anteriormente funcionou. Na *Yoga*, sendo o pensamento e a respiração interdependentes, a saída através da *Brâhmarandhra* implica uma atividade prévia no centro mais superior. Antes dessa saída, enquanto perdura a consciência do eu, os conteúdos mentais são fornecidos pelo ritual, que é assim destinado a assegurar uma boa morte e, por conseguinte (mais tarde), a consciência do nascimento.

No momento da morte, a consciência empírica, ou consciência de objetos, se perde. Ocorre o que popularmente se chama "desfalecimento", o qual é, entretanto, o corolário da própria superconsciência ou Clara Luz do Vazio; isso porque o desfalecimento está na Consciência e fora dela como o conhecedor dos objetos (*Vijñâna Skandha*). Essa consciência empírica desaparece, desvelando a Consciência Pura, que está sempre prestes a ser "descoberta" pelos que têm vontade de procurá-la e poder para encontrá-la.

Essa Luz clara, incolor, é um símbolo sensível do Vazio informe, para "além da Luz do Sol, da Lua e do Fogo", para usar as palavras do indiano *Gîtâ*. É clara e incolor, mas os corpos *mâyik* (ou "forma") são coloridos de várias maneiras. Pois cor implica e denota forma. O Informe é incolor. O uso do cromatismo psicofísico é comum nos *Tantras* hindu e budista, e pode ser encontrado também em alguns sistemas místicos islâmicos.

O que é, então, esse Vazio? Não é, absolutamente, o "nada". Trata-se do Alógico, ao qual nenhuma categoria do mundo de nomes e formas pode ser aplicada. Mas tudo o que pode ser postulado pelo Mâdhyamika Bauddha, um vedantista diria que esse "Ser" ou "estado de ser" é aplicável mesmo no caso do Vazio, que é vivido como "é" (*asti*). Desse ponto de vista, o Vazio é então a negação de todas as determinações, mas não do "estado de ser", como pretende o "Niilismo" budista; contudo, ele não é nada conhecido para a experiência finita na forma, e, por conseguinte, para aqueles que não tiveram outra experiência, o Vazio é "coisa nenhuma".

Uma descrição dos ensinamentos do Budismo *Mahâyâna* – a meu ver, mais suscinta e clara que qualquer outra – encontra-se na obra tibetana *O Caminho dos Bons Desejos de Samanta-Bhadra*, publicada por mim no sétimo volume dos *Textos Tântricos* (p. XXI *et seq.*) e que aqui resumo e explico.

Tudo é ou *Sangsâra* ou *Nirvâna*. O primeiro é a experiência finita nos "Seis Mundos" ou *Lokas* – palavra sânscrita que significa "aquilo que é vivenciado" (*Lokyante*). O segundo, ou *Nirvâna*, falando negativamente, é a libertação dessa experiência, isto é, dos mundos do nascimento e da morte e de seus sofrimentos. O Vazio não pode, tampouco, ser estritamente chamado de *Nirvâna*, já que este

4. Cf. *Tantrik Texts*, A. Avalon, v. VIII, p. 2.

5. Essa como que revisão da vida na Terra, vivida pelo moribundo, tem sido freqüentemente atestada por pessoas que começaram a morrer, como, por exemplo, num afogamento, e, então, ressuscitaram. (N. de W. Y. Evans-Wentz.)

é um termo relativo ao mundo, e o Vazio se encontra além de todas as relações. Positivamente, e concomitantemente com essa libertação, ele é a Experiência Perfeita que é o estado de Buda, o qual, também, a partir do aspecto cognitivo, é a Consciência desobscurecida pelas trevas da Inconsciência, ou seja, a Consciência livre de qualquer limitação. Sob o aspecto emocional, é pura Bem-aventurança, não afetada pela aflição; e, sob o aspecto volitivo, é liberdade de ação e onipotência (*Amogha-Siddhi*). A Experiência Perfeita é um estado eterno, ou, mais precisamente falando, atemporal. A Experiência Imperfeita é também eterna no sentido de que a série de universos à qual ela se submete é infinita. O problema religioso, ou seja, prático, é, então, de que modo passar da experiência inferior para aquela que é completa, chamada pelos *Upanishads* de "total" ou *Pūrna*. Isso se consegue por meio da remoção da obscuridade. No fundo, as duas são uma coisa só: o Vazio, não-criado, independente, não-composto, e que está além da mente e da linguagem. Se assim não fosse, a Libertação não seria possível. O homem é, de fato, libertado, mas ele não sabe disso. Quando percebe isso, ele é libertado. Uma grande sentença do texto budista *Prajñā-Pāramitā* diz assim: "Forma (*Rūpa*) é Vazio e Vazio é Forma".[6] Perceber o Vazio é ser um Buda ou "Conhecedor", e não percebê-lo é ser um "ser ignorante" no *Sangsāra*. Os dois caminhos são, portanto, Conhecimento e Ignorância. O primeiro caminho conduz ao *Nirvāna* – e como percepção real é o *Nirvāna*. O segundo caminho significa continuação da vida carnal como homem ou animal, ou como habitante dos outros quatro *Lokas*. A ignorância do invidíduo é, em seu aspecto cósmico, *māyā*, que em tibetano (*sGyuma*) significa uma demonstração mágica. Em sua forma mais genérica, o conhecimento é o que produz a noção pragmática; mas, num sentido transcendental, é a noção "irreal" do eu e do não-eu. Esta é a causa fundamental de erro (seja em conhecimento, sentimento ou ação) e que se torna manifesta como os "Seis Venenos" (que os hindus chamam de "Seis Inimigos") dos Seis *Lokas* do *Sangsāra* (dos quais o texto apresenta apenas cinco): orgulho, inveja, indolência (ou ignorância), rancor, avareza e luxúria. O texto exorta constantemente o moribundo ou o "morto" a reconhecer, nas aparições que está para ver ou vê, as criações de sua própria mente governada por *māyā* que lhe velam a Clara Luz do Vazio. Se assim fizer, ele se libertará de todos os estágios.

Esse esquema filosófico tem uma semelhança tão óbvia com o *Vedānta Māyāvāda* indiano que o *Padma Purāna* Vaishnava taxa esse sistema de "escritura ruim e de budismo dissimulado" (*māyāvādam asachchāstram prachchhannam bauddham*). Entretanto, seu grande escolástico, o "incomparável Shangkarāchāryya", como Sir William Jones o chama, combateu os budistas em suas negações de um Eu Permanente (*Ātmā*), assim como o subjetivismo deles, ao mesmo tempo afirmando que a noção de um eu individual e a de um mundo de objetos eram apenas verdades pragmáticas, superadas assim que se obtém o estado de Libertação, que tem muito pouco – se é que tem algo – que o distinga do Vazio budista. A diferença entre os dois sistemas, ainda que real, é menor do que geralmente se supõe. Entretanto, este é um assunto cujo estudo não caberia aqui.

Por mais que seja assim, as aparições do pós-morte são "reais" o suficiente

6. Veja-se *Tantrik Texts*, v. VII, p. 33.

para o morto que não reconhece, conforme e quando elas aparecem, a sua insubstancialidade e abre através delas o seu caminho para o Vazio. A Clara Luz é referida no *Bardo Thödol* como um Deslumbramento, tal como o produzido por uma paisagem infinitamente vibrante na primavera. Esse alegre quadro não é, evidentemente, uma expressão do que Ela é em si mesma, pois Ela não é um objeto e, sim, uma tradução em termos de visão objetiva de uma grande, mas em si indescritível, experiência de alegria interior. Minha atenção foi atraída, a propósito, para uma passagem de um estudo sobre o *Avatamsaka Sūtra* (cap. XV), do Sr. Hsu, um estudioso chinês, que diz: "O Boddhisattva emite a luz denominada 'Visão de Buda' para fazer com que os moribundos pensem no Tathāgata e, assim, permitir que eles partam para os reinos puros do pós-morte posterior."

O moribundo ou morto é instado a reconhecer a Clara Luz e, assim, a libertar-se. Se ele agir dessa forma, é porque se encontra maduro para o estado de libertação que lhe é apresentado. Se não o fizer (como ocorre comumente), é porque a atração da tendência mundana (*Sangsāra*) leva-o embora. É-lhe, então, apresentada a Clara Luz secundária, que é para ele a primeira, algo ofuscada pela *māyā* geral. Se a mente não encontra seu lugar de descanso aqui, o primeiro *Bardo*, ou *Chikhai Bardo*, que pode durar vários dias ou "o tempo que se leva para um estalar de dedos" (de acordo com o estado do falecido), chega ao fim.

No estágio seguinte (*Chönyid Bardo*), há um redescoberta da Consciência da Morte de objetos. Num certo sentido, ele é comparado com um desfalecimento; trata-se de um redespertar. Mas não se trata de um estado de vigília tal como havia antes da morte. O "complexo da alma" surge de sua experiência do Vazio num estado semelhante ao do sonho. Este continua até ele alcançar um novo corpo carnal e, aí, realmente desperta de novo para a vida terrena. Pois essa experiência mundana é vida em tal corpo.

Quando li pela primeira vez a descrição dos quinze dias que se seguem ao "desfalecimento", acreditei tratar-se de um esquema de ascensão gradual da consciência limitada, análogo ao descrito nos trinta e seis *Tattvas* pelo *Shaivāgama* do Norte e seus *Tantras*, um processo que se dá em sua forma ritual no rito *Bhūtashuddhi* tântrico e na *Lāya* ou *Kundalinī Yoga*. Contudo, através de um exame mais detido, constatei que não era assim. Após o término do primeiro *Bardo*, o esquema começa com a recuperação completa, sem estágios intermediários, da Consciência da Morte. A vida psíquica é interrompida e continua a partir desse ponto, isto é, do estágio que precede imediatamente o "desfalecimento".[7] A vida imediatamente após a morte é, de acordo com essa visão, e como os espíritas afirmam, similar à vida que a precedeu e uma continuação da mesma. Como no relato de Swedenborg[8] e na recente peça teatral *Outward Bound*, o morto não sabe, a princípio, que está "morto". Swedenborg, que também fala de um estado intermediário, diz que, à exceção daqueles que são imediatamente transportados para o Céu ou o Inferno, o primeiro estado do homem após a morte é como o seu estado no mundo, pois ele não conhece outro mundo e julga que ainda está neste, apesar de estar morto.

7. Cf. *Yogavāshiṣhṭha*, CLX, v. 41.

8. *De Coelo*, ed. 1868, pp. 493-97.

Dois exemplos podem ser dados da doutrina da continuidade e da similaridade da experiência antes e imediatamente após a morte. Na Índia, por um lado, há relatos de assombros causados por espíritos infelizes ou *Pretas*, que podem ser dissipados pela prática do ritual *Preta Shrāddha* na cidade sagrada de Gaya. Por outro lado, ouvi dizer de um caso, na Inglaterra, em que uma assombração terminou assim que foi rezada uma missa de réquiem. Neste caso, supôs-se que uma alma católica, no Purgatório, sentiu necessidade de um rito que, em sua vida terrena, tinha-lhe sido ensinado como capaz de proporcionar paz aos mortos. Um espírito hindu exige um rito hindu, rito que lhe dá um novo corpo em substituição ao destruído na pira funerária. Essas almas (sob o ponto de vista indiano) não deixam de ser hindus ou católicas, nem perdem suas respectivas crenças com a morte. Nem tampouco, de acordo com essa mesma visão, aquele que seguiu seu caminho necessária e imediatamente perde qualquer hábito, mesmo que seja o de fumar ou o de beber. Mas, no estado do pós-morte, o "uísque e os charutos" que conhecemos não são coisas grosseiras, materiais. Assim como os sonhos reproduzem experiências da vigília, da mesma forma no estado do pós-morte uma pessoa que estava acostumada a beber e a fumar crê que ainda o faz. Trata-se do "uísque de sonho" e de "charutos de sonho", os quais, ainda que imaginários, são, para o sonhador, tão reais quanto as substâncias que ele bebeu e fumou em seu estado de vigília.[9]

Em seguida, o falecido torna-se ciente de que *está* "morto". Mas, pelo fato de levar consigo reminiscências de sua vida passada, ele ainda pensa que tem o corpo físico de antes. Trata-se, na verdade, de um corpo de sonho, tal como o de pessoas vistas em sonho. Trata-se de um corpo imaginário, que, conforme o próprio texto diz, não se reflete no espelho nem projeta sombra, e é capaz de proezas tais como passar através das montanhas, isso porque a imaginação é o maior dos mágicos. Mesmo na vida terrena, um homem pode imaginar que possui um membro, quando de fato ele não o tem. Durante muito tempo depois que a perna de um homem foi amputada acima do joelho, ele ainda pode "sentir os dedos do pé" ou estar convencido de que a planta de seu pé, enterrada dias antes, ainda é sensível a cócegas. No estado do pós-morte, o falecido imagina possuir um corpo físico, embora na realidade tenha sido afastado do mesmo pela suprema cirurgia da morte. Num tal corpo, o falecido passa através das experiências descritas adiante.

No Primeiro *Bardo*, o falecido capta sinais da Clara Luz, como o *Dharmakāya*, chamado pelo professor Sylvain Lévy de "Corpo Essencial". Este, que se encontra além da forma (*Arūpa*), é o *Dharma-Dhātu* ou *Matrix* da substância de *Dharma*, de onde todos os Bem-aventurados ou *Tathāgatas* procedem. Este é o

9. O editor ouviu falar de um agricultor europeu que, tendo morrido nas selvas de Malabar, no sudoeste da Índia, havia sido sepultado ali mesmo pelo povo. Alguns anos depois, um amigo do morto encontrou seu túmulo repleto de garrafas de uísque e cerveja. Perplexo, sem entender tão insólito fato, pediu explicações, e disseram-lhe que o espírito do *sahib* morto havia causado muitos problemas e que um velho médico feiticeiro descobrira, por fim, que a única maneira de apaziguar-lhe o espírito seria com uísque e cerveja, bebidas nas quais ele era viciado e haviam sido a verdadeira causa de sua separação do corpo carnal. O povo, ainda que religiosamente contrário ao álcool, começou a comprar bebidas da mesma marca que o *sahib* costumava tomar. A seguir, com rituais regulares para o morto, começou a despejar as bebidas no túmulo. Ao descobrirem que o ritual mantinha o espírito quieto, eles mantiveram essa prática como autodefesa. (N. de W. Y. Evans-Wentz.)

corpo de um Buda no *Nirvāna*. O segundo corpo ou *Sambhogakāya* tem uma tal forma sutil (*Rūpavān*), que é visível aos *Boddhisattvas*, sendo uma manifestação intermediária do *Dharma-Dhātu*. No terceiro corpo ou *Nirmānakāya*, o Vazio ou *estado de Buda* é exteriorizado em múltiplos aspectos individuais mais materiais e, por conseguinte, é visível aos sentidos rudes dos homens, tal como nas formas em que os Budas manifestados (pois há muitos e não, como alguns pensam, apenas um ou Gautama) têm aparecido na Terra. Se o falecido reconhece a Clara Luz do Primeiro *Bardo*, ele se liberta no *Dharmakāya*. No Segundo *Bardo*, a Libertação ocorre no *Sambhogakāya* (a passagem relativa para os Reinos do Paraíso, penso eu, não parece estar em desacordo com isso); e, no Terceiro *Bardo*, a Libertação é vivida no *Nirmānakāya*.

Durante o Segundo e Terceiro *Bardos*, o falecido encontra-se no mundo de *Mayik* (ou mundo das formas) e, se a libertação for então alcançada, ela ocorrerá com a forma (*Rūpavān*). Estando ele no mundo da dualidade, constatamos que, a partir desse ponto, há uma visão paralela dupla para a sua consciência. Em primeiro lugar, há uma linha *nirvānica*, que compreende os Cinco Budas Dhyāni do *Sambhogakāya*, simbolizado por várias cores deslumbrantes, com certas Divindades, pacíficas e iradas, que emanam deles; e, a seguir, uma linha *sangsārica*, que consiste de Seis *Lokas*. Estes últimos, com uma exceção (se for mesmo uma e não uma adulteração do texto, isto é, a associação da luz cor de fumaça ou negra do Inferno com o *Vajra-Sattva* azul), têm a mesma cor que as suas contrapartes *nirvānicas*, mas com um matiz opaco. Com os *Lokas* se apresentam os seus "Venenos", ou seja, as características pecaminosas de seus habitantes. O "complexo da alma" é, então, instado, por um lado, a procurar a libertação através da Graça misericordiosa da linha *nirvānica* de *Budas* e *Devatās* (Divindades) e, por outro lado, a se esquivar do mundo particular (*Loka*) que, concomitantemente, se apresenta à sua visão mental. Com esses *Budas*, *Devatās* e *Lokas* estão associados certos *Nidānas* (Relações Causais), *Skandhas* (Fatores Constituintes), elementos materiais e as cores dos últimos. Este relato parece ter sofrido com a adulteração do texto. Assim sendo, os *Nidānas* e *Skandhas* não estão completos. Logicamente, o *Vijñāna Skandha* deveria ir primeiro com *Vairochana*, e o *Nāma-Rūpa* com *Vajra-Sattva*. Apenas quatro dos cinco elementos são mencionados. O éter, que é omitido, deveria estar associado a *Vairochana* e a *Vijñāna*. As cores dos elementos estão de acordo com as apresentadas nos *Tantras* hindus, exceto no que tange ao "ar", ao qual é atribuída uma cor verde, apropriada à inveja *asūrica*, embora não seja a da coloração hindu, que é verde-opaco. Além disso, a ordem dos Seis *Lokas* não é a usual, ou seja, em primeiro lugar, os *Lokas* melhores dos *Devas*, *Asuras* e Homens e, depois, os *Lokas* dos Espíritos (*Pretas*), dos Brutos e do Inferno. Cada *Loka* é caracterizado pelo seu "veneno" ou pecado costumeiro; contudo, destes apenas cinco são mencionados. O editor, porém, referiu-se à adulteração do texto em alguns desses casos, e outras eu observei numa análise cuidadosa do texto traduzido.

Os *Devatās* pacíficos seguem no sexto e sétimo dias, e os *Devatās* irados no oitavo dia e nos subseqüentes. Estes últimos são do tipo terrível, característicos tanto dos *Tantras Shākta* budistas como hindus, com seus *Bhairavas*, *Bhairavīs*, *Dakinis*, *Yoginis*, e assim por diante. O Hinduísmo também faz essa distinção na natureza das divindades e interpreta as ordens iradas como representantes do assim chamado poder "destrutivo" do Senhor Supremo e de suas manifestações

menores; embora, na verdade, "Deus nunca destrua" (*na devo nâshakah kvachit*), mas aparta o Universo para Si.

Mas o Poder que assim dissolve o mundo é sempre terrível para aqueles que estão apegados ao mundo. Toda má ação (*Adharma*) é, também, destruidora; e, de acordo com o texto, o mau *karma* do morto no *Sangsâra* se reflete na linha *nirvânica* em suas formas como Divindades do *Bardo* Inferior, que deste modo amedrontam o falecido, de maneira que ele foge delas e, por conseguinte, afunda mais e mais num estado tal que o levará finalmente a nascer num ou noutro dos *Lokas*.

Os *Devatâs* pacíficos – dizem – procedem do coração, enquanto os irados procedem da cabeça. Não creio, entretanto, que tal afirmação se ajuste necessariamente à doutrina da *Yoga* do "Poder da Serpente" e dos Seis Centros, que o editor do livro colocou sumariamente na Parte II do Adendo, afirmando (assunto do qual não tenho conhecimento pessoal) que os tibetanos tanto praticam essa *Yoga* como a ensinam em sua forma indiana. Penso que a referência ao coração e à cabeça não se refere a esses lugares como centros de *Yoga*, mas possivelmente ao fato de que as Divindades Pacíficas refletem, como consta do texto, o amor do falecido que brota de seu coração.

Faço igualmente uma restrição no que tange à questão das *Mantras*, abordada na Parte III do Adendo. Não há dúvida de que os tibetanos usam as *Mantras* sânscritas, mas tais *Mantras* são freqüentemente encontradas numa forma infelizmente adulterada em seus livros – o que sugere que os tibetanos têm pouca estima pelo suposto sólido valor das *Mantras*. Mas, se a teoria dos tibetanos sobre esse assunto é a mesma, em todos os aspectos, que a dos hindus, isso eu não posso dizer.[10] A teoria hindu, que tentei elucidar alhures (cf. *Garland of Letters*), ainda permanece obscura em vários pontos; esse assunto talvez seja o mais difícil de todos no Hinduísmo. Embora o Budismo tibetano possa ter *Mantra-Sâdhanâ*, sua representação provavelmente se distinga tanto quanto as características gerais dessas duas crenças.

Próximo ao décimo quinto dia, ocorre a passagem para o Terceiro *Bardo*, no qual o falecido, se não foi previamente libertado, vai em busca de "Renascimento". Sua vida passada tornou-se agora obscura. A do futuro é indicada por certos sinais premonitórios que representam os primeiros movimentos do desejo no sentido da realização. O "complexo da alma" assume a cor do *Loka* no qual ele está destinado a nascer. Se o *Karma* do falecido o conduz ao Inferno, para lá ele irá após o Juízo, num corpo sutil que não pode ser ferido nem destruído, mas no qual pode sofrer dores atrozes. Ou ele pode ir para o mundo do Céu ou para outro *Loka*, e retornar, afinal, sempre (já que nem a punição nem o mérito são eternos)

10. Da mesma forma que os tibetanos assimilaram o *Tantrismo* da Índia, como deixa claro a conhecida *Biography of Jetsûn Milarepa* (o mais famoso *iogue* e santo do Tibete), eles devem também ter assimilado diversos sistemas de *Yoga*, inclusive a *Laya* ou *Kundalini Yoga*. Embora seja indubitável que muitas *mantras*, também originárias da Índia, sofreram infelizmente adulterações na língua tibetana, na prática da *Laya* ou *Kundalini Yoga* pelos tibetanos parece ter sido preservada com um considerável grau de pureza, principalmente através da transmissão oral de *guru* a *guru*, mais que por meio de registros escritos, exceção feita para as terminologias tibetanizadas e os métodos de aplicação. Certos tratados tibetanos de *Yoga* que o editor possui, tanto no original como em sua tradução inglesa, levam a pensar assim. (N. de W. Y. Evans-Wentz.)

à Terra, pois só ali o novo *Karma* pode ocorrer. Esse retorno ocorre após a expiação de seus pecados no Inferno, ou a expiração do tempo de deleite no Céu, proporcionado pelo seu *Karma*. Se, contudo, a sorte do falecido é um imediato renascimento na Terra, ele tem visões de homens e mulheres copulando. Ele sabe, agora, nesse estágio final rumo ao despertar para a vida terrena, que não tem um corpo rude, de carne e sangue. Ele deseja urgentemente possuir um, para poder outra vez gozar a vida física no mundo terreno.

O psicanalista freudiano encontrará, aqui, uma passagem notável que pode sustentar a sua teoria da aversão do filho pelo pai. Nessa passagem, diz-se que, se o falecido vai nascer macho, o sentimento de pertencer a esse sexo surpreende o conhecedor e ocorre um sentimento de intensa aversão pelo pai e de atração pela mãe, e vice-versa com respeito ao nascimento da fêmea. Esta, entretanto, é uma antiga doutrina budista que pode ser encontrada alhures. O professor De La Vallée Poussin cita a seguinte passagem: "L'esprit troublé par le désir d'amour, il va au lieu de sa destinée. Même très éloigné, il voit, par l'oeil né de la force de l'acte, le lieu de sa naissance; voyant là son père et sa mère unis, il conçoit désir pour la mère quand il est mâle, désir pour le père quand il est femelle, et, inversement, haine" (Bouddhisme: *Études et Matériaux*, *Abhiddharmakosha*, III, 15, p. 25). ["O espírito atormentado pelo desejo do amor vai ao lugar do seu destino. Mesmo muito afastado, ele vê, pelo olho nascido da força do ato, o lugar do seu nascimento; vendo, ali, seu pai e sua mãe unidos, ele manifesta desejo pela mãe quando é macho, pelo pai quando é fêmea e, inversamente, ódio".] O trabalho citado também contém outros detalhes interessantes relativos ao embrião. (Veja-se também, do mesmo autor, *La Théorie des Douze Causes*.)

O falecido passa, por fim, do mundo dos sonhos do *Bardo* para o ventre de carne e sangue, saindo dali, mais uma vez, para o estado de vigília da experiência terrena. Isto é o que se chama Reencarnação ou Renascimento na carne. O termo sânscrito é *Sangsâra*, isto é, "nascer e nascer de novo" (*Punarutpatti*) nos mundos do nascimento e morte. Nada é permanente, tudo é transitório. Na vida, o "complexo da alma" nunca é o mesmo em dois momentos consecutivos, como o corpo, em contínua mudança. Assim sendo, há uma série (*Santâna*) de estados sucessivos e, de certo modo, diferentes, que são momentâneos. Há ainda uma cadeia de união, visto que cada estado momentâneo é uma transformação atual representando todos os momentos passados, assim como ele será o gerador de todas as futuras transformações potencialmente envolvidas nele.

Esse processo não é interrompido pela morte. A mudança continua nos *Skandhas* (ou constituintes do organismo) de modo diferente do que ocorre no corpo rude, que foi abandonado e que sofre mudanças por si mesmo. Há, contudo, esta diferença: a modificação pós-morte é simplesmente o resultado da ação do *Karma* passado acumulado e não cria, como na vida terrena, novo *Karma*, para o qual é necessário um corpo físico. (O Budismo, o Hinduísmo e o Cristianismo estão de acordo ao afirmarem que o destino do homem é decidido na Terra, embora esta última religião divirja das duas primeiras, conforme foi explicado acima, quanto à questão de se há mais de uma vida na Terra.) Não há ruptura (*Uchchheda*) da consciência, mas uma contínua transformação. A Consciência da Morte é o ponto de partida, seguido por outros estados de consciência já descritos. O *Karma* gera, por fim, um desejo, ou ação mental, plenamente formado. Este último é seguido

pela consciência que recomeça a sua residência numa *matrix* adequada, donde nasce outra vez como uma Consciência do Nascimento. A que então nasce não é totalmente diferente da que existiu antes, pois é a transformação atual dela e não tem outra existência independente.

Assim sendo, há sucessivos nascimentos de um "complexo da alma fluido" (para usar o termo do Prof. De La Vallée Poussin), porque a série de estados psíquicos continua em intervalos de tempo para penetrar no ventre físico de seres vivos. A autoridade citada afirmou (*Way to Nirvāna*, p. 85) que a Consciência do Nascimento de um novo ser infernal ou celestial faz para si e por si mesma, a partir da matéria não-organizada, o corpo que deve habitar. Portanto, o nascimento de tais seres ocorrerá imediatamente após a morte do ser que vai renascer como ser celestial ou infernal. Porém, diz-se que, via de regra, o caso é diferente onde deve ocorrer "reencarnação", isto é, "renascimento" na carne. A concepção e o nascimento pressupõem, então, circunstâncias físicas que podem não estar realizadas no momento da morte do ser que deve ser "reencarnado". Alega-se, nestes casos e em outros, que a consciência da morte não pode ser continuada imediatamente na consciência do nascimento de um novo ser. O professor citado diz que essa dificuldade é resolvida pelas Escolas que, defendendo a existência intermediária (*Antarābhāva*), afirmam que a consciência da morte continua num ser de vida curta, chamado *Gandharva*, que perdura por sete dias ou sete vezes sete dias (cf. os 49 dias do *Bardo*). Esse *Gandharva*, com a ajuda dos elementos concepcionais, cria um embrião tão logo encontre oportunidade. Tal doutrina, se foi corretamente compreendida, parece ser uma versão diferente e mais grosseira da doutrina do *Bardo*. Não pode haver, em nenhuma visão filosófica da doutrina do *Karma*, qualquer "impedimento" daquilo que constitui um processo de vida contínuo. Tal processo não consiste de seções independentes, que seguem umas às outras. Assim sendo, o "complexo da alma" não pode estar preparado para reencarnar enquanto as circunstâncias não forem apropriadas para tanto. A lei que determina se um ser encarnará é a mesma que provê os meios e condições nos quais e pelos quais a encarnação deve ocorrer. O corpo do ser infernal não é matéria rude, nem o do celestial. Isto se torna claro com o presente texto.

O Dr. Evans-Wentz levanta de novo a debatida questão da transmigração das "almas" humanas em corpos subumanos, processo que este texto, de um ponto de vista exotérico, parece admitir, e que é, conforme ele assinala, a crença geral de budistas e hindus. Parece ser uma visão irracional, embora possa ser popular, a crença segundo a qual a "alma" humana habita permanentemente um corpo subumano como se fosse o seu. Pois o corpo não pode existir em tal discordância com o seu ocupante. A doutrina correta parece ser aquela segundo a qual, como o homem se desenvolveu através das formas mais inferiores do ser (o Hinduísmo fala de 8.400.000 tipos gradativos de nascimentos que culminam no homem),[11] pela má conduta e negligência em usar a oportunidade da condição humana, pode, igualmente, haver uma descida pelo "caminho descendente" para as mesmas formas inferiores de ser, das quais a humanidade, com dificuldade, emergiu. O termo sânscrito *Durlabham*, que significa "difícil de conseguir", refere-se a essa dificuldade de assegurar o nascimento humano. Mas tal descida envolve (como diz o Dr. Evans-Wentz) a perda da natureza humana e de enormes períodos de uma época da criação.

11. Tais como plantas, animais aquáticos, répteis, aves, quadrúpedes, símios e o homem. Ver *Brihad Vishnu Purāna*.

Se as séries de estados de consciência (*Santāna*) são determinadas pelo *Karma* passado, poderíamos perguntar como existe essa liberdade de escolha que, através de todo o texto, na forma de injunções, permite que o falecido faça isto e evite aquilo. Não há dúvida de que, num mesmo indivíduo, existem diversas tendências (*Sangskāra*). Mas a questão ainda permanece. Se o *Karma* prestes a amadurecer determina a ação, torna-se então inútil qualquer conselho ao incriminado. Se a "alma" é livre para escolher, não há determinação por parte do *Karma*. O Hinduísmo afirma que, não obstante a influência do *Karma*, o *Ātmā* é essencialmente livre. Aqui, a resposta parece ser dupla. Afora o que é postulado adiante, as instruções dadas podem, pelas suas sugestões, ativar uma das várias tendências latentes que se orientam para a ação indicada. Ademais, esse sistema permite que uma "alma" possa ajudar outra. Assim sendo, há preces e aplicação dos méritos do falecido, da mesma forma que encontramos no Hinduísmo o *Preta-shrāddha*, no Catolicismo a missa de réquiem e no Islamismo a *Fatiha*. Neste e em outros ritos acredita-se que uma mente possa influenciar a outra por outros meios que aqueles dos sentidos comuns, e isso antes ou após a morte. Há também uma tendência no sentido de negligenciar o *Karma* coletivo e seus efeitos. Um indivíduo não é apenas influenciado e influenciável pelo próprio *Karma*, mas também pelo *Karma* da comunidade a que pertence. Uma questão mais ampla surge, então, quanto ao significado da própria doutrina da reencarnação, a qual não cabe discutir aqui.

Há muitos outros pontos de interesse neste notável Livro, mas eu devo parar, agora, e deixar que o próprio leitor os descubra por si mesmo. Gostaria, contudo, de acrescentar uma palavra sobre sua composição. O texto teve a sorte de encontrar como editor o Dr. Evans-Wentz, cujo conhecimento e simpatia para com o assunto possibilitaram-lhe proporcionar-nos uma explicação bastante compreensível do mesmo. Ele próprio, por sua vez, teve a fortuna de encontrar seu mestre e tradutor, o falecido Lama Kazi Dawa-Samdup (em tibetano: *Zla-va-bsam-hgrub*), que, à altura do primeiro encontro que tivemos, era o intérprete principal da equipe de Sua Exª Lonchen Satra, o plenipotenciário tibetano junto ao governo da Índia. Ele também estava agregado ao corpo político de Sua Santidade o Dalai Lama, quando da visita deste à Índia. Por ocasião de sua prematura e lamentável morte, o Lama Kazi Dawa-Samdup era *Lecturer* de Tibetano na Universidade de Calcutá. Essas e outras funções que o tradutor desempenhava foram suficientes para firmar sua alta competência tanto em tibetano como em inglês, conforme referiu o Dr. Evans-Wentz. Posso acrescentar que ele tinha algum conhecimento de sânscrito, o que me pareceu de muita utilidade ao discutir com ele o significado de certos termos usados na doutrina e no ritual budista-tibetano. Posso, então falar de suas realizações, pois lidei o suficiente com ele quando estava preparando

para mim uma tradução do *Tantra Shrichkrasambhâra* tibetano que publiquei como o volume sétimo da série *Tantrik Texts* (pela Luzac & Co.). Posso, igualmente, com base em meu próprio conhecimento, concordar com o que diz o Dr. Evans-Wentz a respeito desse homem notável. Desejo que seu trabalho conjunto tenha o sucesso que merece e, assim, encoraje o Dr. Evans-Wentz no sentido de publicar pelo menos alguns dos muitos outros textos que, segundo ele me disse, tem guardados.

Oxford,
3 de outubro de 1925.

INTRODUÇÃO[1]

"Os fenômenos da vida podem ser comparados a um sonho, a um fantasma, a uma bolha, a uma sombra, a uma orvalhada cintilante ou a um raio luminoso; e como tal deveriam ser contemplados." – Buda, *in O Sutra Imutável.*

I. A IMPORTÂNCIA DO *BARDO THÖDOL*

Como uma contribuição à ciência da morte, da existência após a morte e do renascimento, *O Livro Tibetano dos Mortos* – em tibetano, *Bardo Thödol*

1. Esta introdução, em sua maior parte, baseia-se e foi sugerida a partir das notas explicativas que o falecido Lama Kazi Dawa-Samdup, tradutor do *Bardo Thödol*, ditou ao editor enquanto a tradução estava sendo feita, em Gangtok, Sikkim. Era opinião do Lama que a tradução do *Bardo Thödol* não deveria ser realizada sem que fosse acompanhada de um comentário exegético acerca dos pontos mais obscuros do texto. Isto não apenas ajudaria a justificar a tradução, mas também estaria de acordo com o desejo de seu falecido *guru* (veja-se p. 54) com respeito a todas as traduções em língua ocidental do legado esotérico da Grande Escola Perfeccionista na qual ele havia sido iniciado por este último. Para tal fim, foi transmitido o comentário exegético ao editor, Dr. Evans-Wentz, o qual está baseado, por sua vez, naquele que fora transmitido ao Lama Kazi Dawa-Samdup pelo seu *guru*.

A tarefa do editor, no sentido de correlacionar, sistematizar e por vezes ampliar as notas a ele ditadas, como que incorporando congenitamente matéria de fontes separadas, tende a tornar essa exegese ainda mais inteligível ao ocidental, ao qual esta parte do livro é particularmente endereçada.

O tradutor sentiu, da mesma forma, que, sem os elementos de salvaguarda que proporcionam esta introdução, a tradução do *Bardo Thödol* seria ainda mais suscetível de errôneas interpretações e conseqüente mau uso, em particular por aqueles que, por uma razão ou outra, tendem a ser inimigos das doutrinas budistas, ou em especial da doutrina da Seita do Budismo do Norte. Ele está igualmente cônscio de que tal introdução pode, ela mesma, ser objeto de crítica adversa, talvez pelo fato de apresentar aspectos de ecletismo filosófico. Como quer que seja, o editor não pode fazer mais que o que aqui está, como no prefácio, ou seja, que o seu objetivo, tanto aqui como nas notas relativas ao texto, foi apresentar a psicologia e os ensinamentos relacionados com o Livro tais como lhe foram ensinados pelos expoentes mais qualificados e que detêm o verdadeiro direito de explicá-los.

Se for levantado pelos críticos o argumento de que o editor expôs o *Bardo Thödol* a partir do ponto de vista do Budismo do Norte e não a partir de um ponto de vista cristão, que poderia rejeitar, no mínimo, algumas dessas doutrinas, o editor não tem nenhuma desculpa para dar; para ele, não há razão plausível para que expusesse tais doutrinas de outra maneira. A antropologia refere-se às coisas tais como elas são; a esperança de todos os pesquisadores de Religião Comparada, quando desprovidos de qualquer preconceito religioso, deveria ser sempre a de acumular conhecimento científico a fim de permitir algum dia às futuras gerações descobrir a verdade por si mesmas, a Verdade Universal, na qual todas as religiões e seitas possam finalmente reconhecer a Essência da Religião e Catolicidade da Fé.

("Libertação pela Audição no Plano do Pós-Morte")[2] – é o único entre os livros sagrados do mundo. Enquanto uma concisa exposição das doutrinas cardeais da Escola Maháyána, trata-se de um livro de grande importância, tanto religiosa e filosófica quanto histórica. Como um tratado baseado essencialmente em ciências ocultas da filosofia *Yoga*, que eram fundamentais no currículo da grande Universidade Budista de Nâlanda, a Oxford da Índia antiga, este é talvez um dos mais notáveis trabalhos que o Ocidente até hoje recebeu dos orientais. Enquanto manual místico para orientação no Outro Mundo, de regiões e ilusões várias, e cujas fronteiras são o nascimento e a morte, ele se assemelha a *O Livro Egípcio dos Mortos* o suficiente para sugerir alguma relação cultural entre os dois; contudo, sabemos com certeza somente que o germe dos ensinamentos tem sido preservado para nós por uma longa sucessão de santos e visionários da Terra Protegida por Deus das Cordilheiras Nevadas, o Tibete.

II. O SIMBOLISMO

O *Bardo Thödol* é único pelo fato de que se propõe a tratar racionalmente o ciclo completo da existência *sangsârica* (isto é, fenomenal) que intervém entre o nascimento e a morte, sendo a antiga doutrina do *karma*, ou conseqüências (chamada por Emerson de *compensação*), e do renascimento aceita como as mais essenciais leis que afetam a vida humana. Freqüentemente, entretanto, seus ensinamentos parecem ser a antítese do racional, já que grande número deles é formulado num código oculto. O Dr. L. A. Waddell declarou, após minucioso exame, que "os lamas possuem as chaves que podem desvendar o significado de grande parte da doutrina de Buda que, até hoje, permaneceu inacessível aos europeus".[3]

Alguns dos mais sábios lamas, inclusive o falecido Lama Kazi Dawa-Samdup, acreditam que, desde os tempos mais remotos, tem havido um código-símbolo internacional, secreto, de uso comum entre os iniciados, código que ainda é zelosamente preservado pelas irmandades religiosas da Índia, da China, da Mongólia e do Japão.

Da mesma forma, os ocultistas ocidentais crêem que a escrita hieroglífica do antigo Egito e do México parecem ser, em certa medida, a forma popularizada ou exotérica originária de uma linguagem secreta. Eles argumentam, também, que um código-símbolo foi, por vezes, usado por Platão e outros filósofos gregos, estando relacionado com a sabedoria pitagórica e órfica. Através do mundo céltico, os druidas registraram simbolicamente todos os ensinamentos esotéricos que possuíam. O uso das parábolas, como nos sermões de Buda e de Jesus, assim como de outros Grandes Mestres, serve também como exemplo desse fato.

Os ocultistas ocidentais argumentam, igualmente, que através de trabalhos como as *Fábulas* de Esopo e as peças teatrais miraculosas e misteriosas da Europa

2. O Sr. Talbot Mundy, em seu interessante romance tibetano *Om*, ao fazer referência a este título – *O Livro Tibetano dos Mortos* – tomou-o por uma versão bastante livre do *Bardo Thödol*. Contudo, tal não deveria ser o caso; esse título foi adotado porque pareceu ser o mais apropriado para o leitor inglês entender o verdadeiro caráter do livro como um todo.

3. L. A. Waddell, *The Buddhism of Tibet or Lâmaism*. Londres, 1895, p. 17.

medieval, muitos símbolos orientais antigos foram introduzidos nas modernas literaturas do Ocidente.[4] Seja como for, o certo é que nenhum dos sistemas de pensamento antigo, nem mesmo as literaturas vernáculas, acharam a linguagem do dia-a-dia adequada para expressar doutrinas transcendentais, ou mesmo para trazer à tona o significado das máximas morais.

O carneiro, o dragão (ou serpente), o pombo sobre o altar, o triângulo dentro do qual se encontra o olho que tudo vê (como também na franco-maçonaria), o símbolo do peixe sagrado, o fogo eterno ou a imagem do Sol nascente do receptáculo para a hóstia consagrada no ritual da missa católica, os símbolos arquitetônicos e a orientação das igrejas e catedrais, a própria cruz e até mesmo as cores e motivos das vestes do padre, do bispo e do papa, são alguns dos testemunhos silenciosos da sobrevivência, nas modernas igrejas cristãs, do simbolismo pagão. Mas a chave para a interpretação do significado interior de quase todos esses símbolos cristianizados foi inconscientemente jogada fora: clérigos não-iniciados, reunidos em concílios ávidos de heresia, considerando o Cristianismo primitivo, tão profundamente envolto de simbolismo, chamado gnosticismo, como "imagística oriental desvairada", repudiaram-no como sendo "herético", enquanto, de seu próprio ponto de vista, ele era simplesmente esotérico.

Da mesma forma, o Budismo do Norte, para o qual o simbolismo é tão vital, tem sido condenado pelos budistas da escola do Sul por haver reivindicado a custódia de uma doutrina esotérica, transmitida, em sua maior parte, oralmente por reconhecidos iniciados, geração após geração e na linhagem direta de Buda, assim como pelos ensinamentos (como, por exemplo, no *Saddharma-Pandarika*) que registram doutrinas que não estão de acordo com os *Ti-Pitaka* (em sânscrito: *Tripitaka*),

4. Há alguma evidência plausível em se supor que uma fonte da filosofia moral subjacente em algumas das *Fábulas* de Esopo (assim como, à maneira de comparação, no *Panchatantra* e no *Hitopadesha* indianos) possa ter sido esses primitivos contos orientais sobre animais e símbolos animais, que os eruditos crêem, hoje, haver contribuído na conformação dos *Contos de Jâtaka* que relatam os vários nascimentos de Buda (cf. *The Jâtaka*, org. E. B. Cowell. Cambridge, 1895-1907). Da mesma forma, as peças de mistério cristãs contêm um simbolismo próximo àquele típico das que ainda florescem sob o patrocínio eclesiástico através de todo o Tibete e territórios vizinhos do Budismo do Norte, o que levaria a uma outra corrente de orientalismo que teria aportado na Europa (cf. *Three Tibetan Mysteries*, org. H. I. Woolf. Londres, s.d.). A aparente canonização românica de Buda, sob a personagem medieval de São Josafá, é um exemplo a mais de como as coisas orientais parecem ter-se convertido em ocidentais (cf. *Barlaâm and Yéwâsêf*, org. E. A. W. Budge. Cambridge, 1923). Além disso, o tratado popular medieval *De Arte Moriendi* (cf. *The Book of the Craft of Dying*, org. F. M. M. Comper. Londres, 1917), do qual há muitas versões e variantes em latim, inglês, francês e outras línguas européias, parece sugerir uma infiltração ainda maior das idéias orientais relativas à morte e à existência pós-morte, tais como as implícitas tanto n*O Livro Tibetano dos Mortos* como n*O Livro Egípcio dos Mortos*. A fim de mostrar ainda mais a pertinência de tais pressuposições, algumas outras passagens notórias do livro *De Arte Moriendi*, que encontram paralelo em certas partes do *Bardo Thödol*, foram adicionadas à presente tradução em forma de notas de rodapé, e sua fonte é a excelente edição que o Sr. Comper fez para *The Book of the Craft of Dying*.

Os *Buddhist and Christian Gospels* (Filadélfia, 1908), estudo pioneiro acerca do notável paralelismo entre os textos do *Novo Testamento* e os do *Cânone Budista*, obra de A. J. Edmunds, sugere igualmente que um dos mais promissores campos de estudos é o que se ocupa com tais correspondências entre o pensamento oriental e sua literatura e o pensamento e literatura ocidentais.

o Cânone Páli. Contudo, ainda que o Budismo do Sul postule comumente que não pode haver senão uma interpretação literal dos ensinamentos de Buda, as escrituras pális contêm inúmeras parábolas e expressões metafóricas, algumas das quais os lamas consideram simbólicas e confirmadoras de sua própria tradição esotérica, e para as quais eles dizem ser detentores – talvez não sem uma boa razão – da chave da iniciação.

Os lamas afirmam que os *Ti-Pitaka* ("Três *Pitakas* ou Cestos" [da Lei]) são, segundo postula o Budismo do Sul, a palavra (ou Doutrina) registrada pelos Antigos, isto é, pelos *Theravādas;* eles alegam que os *Pitakas* não contêm toda a Palavra, assim como não revelam muito dos ensinamentos iogues de Buda, e que são principalmente esses ensinamentos que, em muitos casos, foram transmitidos esotericamente até os dias atuais. O "Budismo Esotérico", conforme veio a ser chamado – certa ou erroneamente – parece depender, em larga medida, das doutrinas desse tipo "sussurradas ao ouvido", transmitidas pelo *guru* ao *shishya*, e que se fazem de acordo com uma regra inviolável estabelecida há longo tempo.

O Cânone Páli registra que Buda não conservou nenhuma doutrina secretamente e de maneira mesquinha (cf. *Mahā Parinibbāna Suttanta, Dīgha Nikāya* II), isto é, não havia qualquer doutrina essencial que ele mantivesse desconhecida dos membros do *Saṅgha* (Clero), da mesma forma que nenhum *guru* esconde atualmente, seja de seu iniciado ou de seus discípulos, qualquer doutrina necessária à iluminação espiritual dos mesmos. Isso, entretanto, está longe de implicar que todos esses ensinamentos fossem suscetíveis de serem registrados de forma escrita para os não-iniciados e para a multidão de leigos, ainda que tivessem sido registrados no Cânone Páli tal como de fato haviam sido transmitidos. O próprio Buda não escreveu nada de seus ensinamentos, e os discípulos que compilaram as escrituras após a sua morte podem muito bem não tê-lo feito exatamente de acordo com a maneira pela qual o mestre ensinara. Se foi este o caso, e se há, como os lamas afirmam, certos ensinamentos de Buda que nunca foram registrados e que nunca haviam sido ensinados aos que não faziam parte do *Saṅgha*, então existe, indubitavelmente, um Budismo extracanônico ou esotérico. Um Budismo esotérico assim concebido não deve, entretanto, ser visto como algo discordante com o Budismo exotérico, mas antes como uma complementação deste, da mesma forma que a matemática avançada está relacionada com a matemática elementar, ou ainda como o ápice da pirâmide de todo o Budismo.

Resumindo, a evidência alegável proporciona um suporte bastante substancial ao argumento dos lamas de que há, como o *Bardo Thödol* parece sugerir, um corpo não-registrado das escrituras, de ensinamentos budistas transmitidos oralmente, que são complementares do Budismo canônico.[5]

---

5. Talvez não seja desnecessário que o editor lembre a seus amigos que professam o Budismo Theravāda, da Escola do Sul, no sentido de que, ao preparar esta introdução, seu objetivo foi necessariamente o de apresentar o Budismo a partir do ponto de vista principalmente da Escola do Norte, e em particular tal como era concebido pela Seita Kargyütpa (veja-se p. 53), pela qual o *Bardo Thödol* é aceito como um livro sagrado e à qual o tradutor pertenceu. Embora o budista do Sul possa não concordar com os ensinamentos do *Bardo Thödol* em seu todo, ele não obstante verá que, na essência, eles se baseiam em doutrinas comuns a todas as seitas e escolas do Budismo; e pode mesmo julgar algumas delas, com as quais discorda, interessantes e possivelmente estimulantes de uma reconsideração de suas próprias crenças antagônicas.

III. O SIGNIFICADO ESOTÉRICO DOS 49 DIAS DO *BARDO*

Se atentarmos para o nosso texto, perceberemos que ele se fundamenta, estruturalmente, no simbólico número 49, o quadrado de 7, número sagrado. Isso porque, de acordo com os ensinamentos ocultos comuns ao Budismo do Norte e ao Hinduísmo Superior, e que o Boddhisattva, nascido hindu, e que se tornou Gautama Buda, o Reformador do Hinduísmo Inferior e Codificador do Saber Sagrado, nunca repudiou, há sete mundos, ou sete graus de *Māyā*[6] no *Saṅgsāra*,[7] constituídos como sete globos de uma cadeia planetária. Em cada globo há sete ciclos de evolução, perfazendo 49 (sete vezes sete) fases da existência ativa. Como no estado embrionário da espécie humana o feto passa por todas as formas de estrutura orgânica desde a ameba até o homem, o mais desenvolvido dos mamíferos, assim também, no estado do pós-morte, o estado embrionário do mundo psíquico, o Conhecedor ou princípio de consciência, anterior à sua reemergência na matéria rude, experimenta de forma análoga condições puramente psíquicas. Em outras palavras, em ambos os processos de interdependência embrionária – um psíquico, outro físico – as consecuções voluntárias e involuntárias, que correspondem às 49 fases da existência, são ultrapassadas.

Do mesmo modo, os 49 dias do *Bardo* podem também simbolizar os Quarenta e Nove Poderes do Mistério das Sete Vogais. Na mitologia hindu, de onde provém muito do simbolismo do *Bardo*, essas Vogais eram o Mistério dos Sete Fogos e de seus 49 fogos ou aspectos subdivisionais. Elas são também representadas pelos signos da *Swastika* sobre as coroas das sete cabeças da Serpente da Eternidade dos Mistérios budistas do Norte, originários da Índia antiga. Nos escritos herméticos, há sete zonas das experiências pós-morte ou *Bardo*, cada qual simbolizando a erupção no Estado Intermediário de um elemento sétuplo particular do complexo princípio da consciência, dando assim ao princípio da consciência 49 aspectos ou fogos, ou ainda campos de manifestação.[8]

O número sete tem sido, há muito, um número sagrado ente os arianos e outras raças. Seu uso no *Apocalipse* de São João ilustra isso, assim como a concepção do sétimo dia é considerada sagrada. Na natureza, o número sete governa a periodicidade e os fenômenos da vida como, por exemplo, na série de elementos químicos, na física do som e da cor; e é com base no número quarenta e nove, ou sete vezes sete, que o *Bardo Thödol* está assim cientificamente edificado.

---

6. *Māyā*, equivalente sânscrito do tibetano *Gyuma* (*Sgyuma*), significa uma demonstração mágica ou ilusória, referência direta aos fenômenos da natureza. Num sentido superior, no Brahmanismo, refere-se à *shakti* de Brahman (o Espírito Supremo, o Ain Soph do Judaísmo).

7. O termo sânscrito *Saṅgsāra* (ou *Saṁsāra*), em tibetano *Khorva* (*Hkhorva*) se refere ao próprio universo fenomenal, cuja antítese é *Nirvāna* (em tibetano *Myang-hdas*), que está além dos fenômenos (cf. pp. 45-6).

8. No que diz respeito ao significado esotérico dos Quarenta e Nove dias do *Bardo*, comparar com H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta* (Londres, 1888), I, 238, 411; e II, 617, 627-28. O falecido Lama Kazi Dawa-Samdup era da opinião de que, a despeito das críticas adversas que haviam sido endereçadas às obras de Blavatsky, há suficiente evidência interna nesses escritos do último conhecimento da autora a respeito dos ensinamentos *lamaístas* superiores, nos quais ela afirma ter sido iniciada.

IV. O SIGNIFICADO ESOTÉRICO DOS CINCO ELEMENTOS

Da mesma forma, e de maneira bastante marcante, os ensinamentos esotéricos que dizem respeito aos cinco elementos, como estão expostos simbolicamente no *Bardo Thödol*, encontram paralelo, em sua maior parte, em alguns dos ensinamentos da ciência ocidental, conforme indica a seguinte interpretação, baseada na que foi feita pelo próprio tradutor:

Na Primeira Evolução de nosso planeta, apenas um elemento, o Fogo, foi produzido. Na bruma do fogo, que, de acordo com o *Karma* e sua lei que governa o *Sangsâra* ou Cosmos, empreendeu um movimento de rotação e tornou-se um corpo globular flamejante de forças primitivas indiferenciáveis, todos os outros elementos permaneceram ainda em forma embrionária. A vida manifestou-se primeiramente envolta em vestes flamejantes; e o homem, se o concebermos tal como então existia, estava encarnado — como acreditavam que as salamandras do ocultismo medieval estivessem — num corpo de fogo. Na Segunda Evolução, à medida que o Elemento Fogo assumiu forma definitiva, o Elemento Ar separou-se dele e envolveu o planeta embrionário como a casca envolve o ovo. O corpo do homem, e de todas as criaturas orgânicas, tornou-se um composto de fogo e ar. Na Terceira Evolução, à medida que o Planeta, banhado e soprado pelo elemento Ar, conseguiu aplacar sua natureza ardente, surgiu do ar vaporoso o Elemento Água. Na Quarta Evolução, na qual o planeta ainda se encontra, o ar e a água neutralizaram as atividades do seu Fogo Pai. E este, produzindo o Elemento Terra, ficou incrustado nela. Esotericamente, os mesmos ensinamentos são considerados como transmitidos através do antigo mito hindu do agitado Mar de Leite, que era a Bruma de Fogo, do qual derivou, como manteiga, a Terra sólida. Na Terra, então formada, acredita-se que os deuses foram alimentados; ou, em outras palavras, ansiando por existir em corpos físicos rudes, eles encarnaram neste Planeta e, desta maneira, tornaram-se os Progenitores Divinos da raça humana.

No *Bardo*, durante os primeiros quatro dias, esses Quatro Elementos se manifestam ou surgem para o falecido em suas formas primordiais, ainda que não em sua verdadeira ordem oculta.[9] O Quinto Elemento, o Éter, em sua forma primitiva, simbolizado como "o caminho de luz verde da Sabedoria das Ações Perfeitas", não se manifesta, pois, como o texto explica, a Faculdade de Sabedoria (ou *bódhica*) da consciência do morto não foi perfeitamente desenvolvida.

O Elemento Éter, como o agregado de matéria (símbolo da bruma de fogo), está personificado em Vairochana, Aquele Que é em Formas e que torna visíveis todas as coisas. O atributo psíquico do Elemento Éter é — se quisermos traduzir a concepção lamaísta na linguagem da Psicologia ocidental — o do subconsciente; e a subconsciência, enquanto uma consciência transcendental mais elevada que a consciência normal da humanidade, e comumente ainda não-desenvolvida, acredita-se — como o veículo para a manifestação da faculdade *bódhica* — estar destinada a tornar-se a consciência ativa, da humanidade na Quinta Evolução. Estando latentes na subconsciência os registros da memória de todas as experiências passadas através dos vários estados de existência *sangsârica*, conforme implicam os próprios ensinamentos de Buda (veja-se pp. 28-9), as raças da Quinta Evolução na qual ela se tornou ativa serão capazes, deste modo, de relembrar todas as suas existências passadas. Em lugar de fé ou de simples crença, o homem possuirá então Conhecimento, e conhecerá a si mesmo no sentido implícito nos Mistérios da Grécia antiga; ele perceberá a irrealidade da existência *sangsârica*, alcançando a Iluminação e a Emancipação do *Sangsâra*, de todos os Elementos; isto virá como processo normal na evolução humana. É, entretanto, o objetivo de todas as escolas de *Yoga* indiana e tibetana — como no *Bardo Thödol* — romper o tedioso processo da evolução normal e alcançar a Liberdade agora mesmo.

No corpo do homem como ele é — na atual Quarta Evolução — há quatro reinos de seres vivos: (1) os do Elemento Fogo, (2) os do Elemento Ar, (3) os do Elemento Água e (4) os do Elemento Terra. Sobre essa vida coletiva de milhares de vidas o homem é rei. Se ele for um Grande Rei, pleno da consciência transcendente do triunfante *yogi* (ou santo), para ele a incontável multidão de seus súditos elementares se revelarão individualmente em sua verdadeira natureza e depositarão em suas mãos o Cetro (simbolizado pelo *dorje* tibetano ou raio) do Domínio Universal sobre a Matéria. Então, de fato, ele é o Senhor da Natureza, tornando-se por sua vez o Governador por Direito Divino, um *Chakravartin* ou Imperador Universal, Deus e Criador.[10]

V. OS ENSINAMENTOS DE SABEDORIA

Igualmente envolto em linguagem simbólica, como doutrinas ocultas fundamentais do *Bardo Thödol*, encontra-se o que o tradutor para o inglês chamou de Ensinamentos de Sabedoria, os quais — essencialmente doutrinas *Mahâyâna* — podem ser esquematizados da seguinte maneira:

O Vazio — Em todos os sistemas tibetanos de *yoga*, a realização do Vazio (em tibetano *Stong-pa-ñid*, que se pronuncia *tong-pa-ñid;* em sânscrito, *Shûnyatâ*) é a grande meta: pois realizá-lo é alcançar o não-condicionado *Dharmakâya* ou "Divino Corpo da Verdade" (tib. *Choszku*, que se pronuncia *chö-ku*), o estado primordial da não-criação, a celestial Consciência Total *bódhica* — o estado de Buda. A realização do Vazio (em páli, *Suññata*) é também a meta dos theravâdistas.

---

9. Considera-se também que, dos Cinco Dhyânî Budas, tal como encontramos em nosso texto, emanam os cinco elementos — éter ou agregado de matéria (Vairochana); ar ou agregado de volição (Amogha-Siddhî), fogo ou agregado de sentimentos (Amitâbha), água ou agregado de consciência (Vajra-Sattva, esotericamente como um reflexo de Akṣhobhya); e terra ou agregado de tato (Ratna-Sambhava) — do Âdi-Buda (do qual, de acordo com a Escola do Âdi-Buda, os próprios Cinco Dhyânî Budas emanam) deriva o sexto elemento, que é a mente (*manas*). Vajra-Sattva, enquanto divindade esotérica, às vezes ocupa (como o faz Vairochana) — de acordo com o ritual e a Escola — o lugar de Âdi-Buda, sendo, então, sinônimo dele.

10. Manu, em *As Leis* (XII, 10-11), diz: "Aquele cujo sólido conhecimento consegue controlar suas palavras, seus pensamentos e todo o seu corpo, pode com justiça ser chamado de Triplo Comandante.

"O homem que exerce esse triplo autocomando com respeito a todos os seres animados, subjugando tanto a luxúria como o rancor, alcançará, assim, a Beatitude." (Cf. trad. de Sir William Jones.)

Os Três Corpos – O *Dharmakâya* é o mais alto dos Três Corpos (em tibetano, *Sku-gsum*, que se pronuncia *kú-sum*; em sânscrito, *Trikâya*) de Buda e de todos os Budas e seres que possuem Iluminação Perfeita. Os outros dois corpos são o *Sambhogakâya* ou "Divino Corpo do Dom Perfeito" (tib. *Longs-spyodrzogs-sku*; pronuncia-se *Longchöd-zo-ku*) e o *Nirmânakâya* ou "Divino Corpo de Encarnação" (tib. *Sprul-pahi-sku;* pronuncia-se *Tül-pai-ku*).

Já que todos os conceitos humanos são inadequados para descrever o Sem-qualidade – o *Dharmakâya* é simbolizado como um oceano infinito, calmo e sem uma onda, de onde surgem nuvens brumosas e arco-íris, que simbolizam o *Sambhogakâya*; e as nuvens aureoladas na glória do arco-íris condensam-se e caem como chuva, simbolizando o *Nirmânakâya.*[11]

O *Dharmakâya* é o *Bodhi* primordial, informe, a verdadeira experiência, livre de qualquer erro ou obscuridade inerente ou acidental. Nele reside a essência do Universo, incluindo tanto o *Sangsâra* como o *Nirvâna*, que, como estados ou condições de dois pólos de consciência, são, em última análise, no âmbito do intelecto puro, idênticos.[12]

Em outras palavras, sendo o *Dharmakâya* (literalmente, "Corpo da Lei") Sabedoria Essencial (*Bodhi*) não-modificada, o *Sambhogakâya* (lit., "Corpo de Compensação" ou "Corpo Adornado") encarna, como nos Cinco Dhyâni Budas, a Sabedoria Refletida ou Modificada. Já o *Nirmânakâya* (lit. "Corpo Mutável", ou "Corpo Transformado") – encarna, como nos Budas Humanos, a Sabedoria Prática ou Encarnada.[13]

---

11. Sj. Atal Bihari Ghosh (veja-se nosso Prefácio à p. XXVI) acrescenta, aqui, o seguinte comentário: "A palavra *Dharma* deriva da raiz verbal *dhri*, que significa 'sustentar' ou 'manter'. *Dharma* é aquilo que sustenta ou suporta o Universo, como também o indivíduo. Na humanidade, *Dharma* é a Conduta Correta, o resultado do Verdadeiro Conhecimento. A Verdade, segundo o Bramanismo, é Brâhma, é Libertação – *Mokshа, Nirvâna. Sanbhoga* é Vida de Contentamento. *Nirmâṇa* é Processo de Construção. No plano brâmane, *Dharma* é a primeira coisa de que se necessita. A seguir vem *Artha* (isto é, Riqueza ou Posses), que corresponde a *Nirmâṇa;* depois vem *Sambhoga* e, por fim, *Moksha* Libertação".

12. "Tudo o que é visível e invisível, seja *Sangsâra* ou *Nirvâna*, é, no fundo, um [isto é, *Shûnyatâ*], com dois Caminhos [*Avidyâ*] Ignorância, e [*Vidyâ*] Conhecimento e dois fins [*Sangsâra e Nirvâna*]" ... "A fundação de tudo é não-criada e independente, não-composta e além da mente e da linguagem. Dela nem a palavra *Nirvâna* ou *Sangsâra* pode ser a definição" (*The Good Wishes of the Âdi-Budha*, 1-2; cf. Lama Kazi Dawa-Samdup em sua tradução dos *Tantrik Texts*, vol. VII. Londres, 1919). *Shûnyata*, o Vazio, sinônimo de *Dharmakâya*, encontra-se então além dos conceitos mentais, além da mente finita, com toda a sua imaginação e o uso de tais termos básicos do mundo dualista, como *Nirvâṇa* e *Sangsâra*.

13. Cf. Waddell, *op. cit.*, pp. 127 e 347.

Ashvaghosha, o grande filósofo do Budismo *Mahâyâna* (ver pp. 170-71), explicou a doutrina do *Trikâya* – ou três corpos – numa obra traduzida por Suzuki (Chicago, 1900, pp. 99-103) sob o título de *The Awakening of Faith*, como segue:

"Posto que todos os *Tathâgatas* são o próprio *Dharmakâya*, eles são a mais alta verdade (*paramârthasatya*) e não têm nada a ver com a condicionalidade (*samvrittisatya*) e ações compulsórias; ao passo que a visão, a audição etc. [ou seja, sentidos individualizantes] do ser sensível diversificam [por conta própria] a atividade dos *Tathâgatas.*"

"Ora, essa atividade [em outras palavras, o *Dharmakâya*] tem um duplo aspecto. O primeiro depende da consciência particularizadora dos fenômenos, por meio da qual a atividade é concebida pelas mentes das pessoas comuns (*prithagjnana*), Crâvakas e Pratyekabuddhas. Este aspecto é chamado de Corpo de Transformação (*Nirmanakâya*)."

O Não-criado, o Não-formado, o Não-modificado é o *Dharmakâya*. A Descendência, a Modificação do Não-modificado, a manifestação de todos os atributos perfeitos num único corpo, é o *Shambhogakâya*: "a encarnação de tudo o que é sábio, generoso e amoroso no *Dharmakâya* – como nuvens na superfície dos céus ou arco-íris na superfície das nuvens – diz-se ser o *Sambhogakâya*".[14] A condensação e diferenciação do Corpo Único em muitos é o *Nirmânakâya* ou Encarnações Divinas entre seres sensíveis, ou seja, entre seres imersos na Ilusão chamada *Sangsâra*, nos fenômenos, na existência mundana. Todos os seres iluminados que renascem neste ou em qualquer outro mundo com plena consciência, como seres que trabalham pelo melhoramento de seus semelhantes, são considerados encarnados do *Nirmânakâya.*

O Budismo Tântrico associa o *Dharmakâya* ao Buda Primordial *Samanta-Bhadra* (em tib. *Kün-tu-bzang-po;* pronuncia-se *Kün-tu-zang-po*), Aquele Que Não Tem Princípio Nem Fim, a Fonte de Toda Verdade, o Pai Todo-bondoso da Fé Lamaísta. Nesse mesmo reino superior de Buda, o Lamaísmo coloca *Vajra-Dhâra* (tib. *Rdorje-Chang*; pronuncia-se *Dorje-Chang*), o "Detentor do *Dorje* (ou Raio)", o "Expositor Divino da Doutrina Mística Chamada *Vajra Yâna* (tib. *Rdorje Theg-pa* – pronuncia-se *Dorje Theg-pa*) ou *Mantra-Yâna*"; e também o Buda Amitâbha (tib. *Hod-dgap-med*, pronuncia-se *Wod-pag-med;* ou como consta no texto à p. 88 n. 98), o Buda da Luz Ilimitada, Aquele Que é a Fonte da Vida Eterna. No *Sambhogakâya* estão colocados os Cinco Dhyâni Budas (ou Budas de Meditação), os Herukas do Loto e as Divindades Pacíficas e Iradas; todos os quais aparecerão nas visões *Bardo*. Com o *Nirmânakâya* está associado Padma-Sambhava, que, sendo o primeiro mestre no Tibete a expor o *Bardo Thödol*, é o Grande *Guru* de todos os devotos que seguem os ensinamentos *Bardo.*

A opinião em geral defendida por homens não-iniciados nos mais altos ensinamentos *lamaicos*, segundo a qual o Budismo do Norte reconhece no Âdi-Buda ou no Buda Primordial uma Divindade Suprema, é talvez errônea. O tradutor afirmava que o Âdi-Buda, assim como todas as divindades associadas ao *Dharmakâya*, não devem ser consideradas divindades pessoais, mas como Personificações de forças, leis ou influências espirituais, primordiais e universais que sustêm – tal como o Sol sustém a vida física na Terra – a natureza divina de todas as criaturas sensíveis, e tornam possível, ao homem, a de todas as existências *sangsâricas*:

"No ilimitado panorama do universo existente e visível, quaisquer que sejam as formas que apareçam, quaisquer que sejam os sons que vibrem, quaisquer que

---

"Mas, como os seres dessa classe não sabem que o Corpo de Transformação é simplesmente a sombra [ou reflexo] de suas próprias consciências desdobradas (*pravritti-vijñana*), imaginam que ele proceda de algumas fontes externas e, conseqüentemente, lhe dão uma limitação corpórea. Mas o Corpo de Transformação [ou, o que dá no mesmo, o *Dharmakâya*] não tem nada a ver com medida e limitação."

"O segundo aspecto [do *Dharmakâya*] depende da consciência da atividade (*karma-vijñâna*), por meio da qual a atividade é concebida pelas mentes dos Boddhisattvas enquanto passagem de seu primeiro estágio de aspiração (*cittotpâda*) à altura de estado de Boddhisattva. Este é chamado de Corpo da Bem-aventurança (*Sambhoga-Kâya*)..."

"O *Dharmakâya* pode se manifestar em várias formas corpóreas exatamente porque ele é a sua verdadeira essência" (cf. p. 172 n. 16).

14. Cf. A. Avalon, *Tantrik Texts*, VII. Londres e Calcutá, 1919, pp. 36n e 41n.

sejam as radiações que iluminem ou o que quer que as consciências conheçam, tudo são jogos ou manifestações do *Trikāya* ou Princípio Triplo das Causas de Todas as Causas, a Trindade Primordial. Impregnando tudo, encontra-se a Essência Todo-impregnante de Espírito, que é a Mente. Ela é incriada, impessoal, auto-existente, imaterial e indestrutível."

(Lama Kazi Dawa-Samdup.)

Assim sendo, o *Trikāya* simboliza a Trindade Esotérica do Budismo superior da Escola do Norte, sendo a Trindade Exotérica, como na Escola do Sul, o *Buda*, o *Dharma* (ou Escrituras) e o *Saṅgha* (ou Clero). Considerado deste modo – uma doutrina trinitária esotérica e outra exotérica – há correspondências diretas entre as duas Trindades. Como os lamas ensinam, a compreensão detalhada e abrangente da Doutrina do *Trikāya* é privilégio dos iniciados, os únicos em condições de captá-la e realizá-la.

O próprio tradutor observou que a Doutrina do *Trikāya* tem sido transmitida por uma longa e ininterrupta linhagem de iniciados, alguns indianos, outros tibetanos, desde os tempos de Buda. Ele considerou que Buda, tendo redescoberto essa verdade, foi apenas seu Transmissor a partir dos Budas anteriores; isto é, tal doutrina foi transmitida oralmente, de *guru* a *guru*, sendo que só em tempos relativamente recentes foi escrita, quando o Budismo começou a decair e quando já não havia mais um número suficiente de *gurus* vivos para transmiti-la na forma antiga. A opinião dos estudiosos ocidentais, segundo a qual uma doutrina que não possui registros antes de um certo tempo é, conseqüentemente, considerada como se não existisse anteriormente, era, para o tradutor, digna de riso. Quanto aos esforços feitos pelos apologistas cristãos no sentido de reivindicar uma origem cristã para a Doutrina do *Trikāya*, ele os considerava totalmente improcedente. Ele havia sido um estudante atento e simpático ao Cristianismo; e, ainda jovem, fora com freqüência procurado por missionários cristãos, que o viam, por sua notável ilustração e alta posição social, como alguém cuja conversa era objeto de interesse incomum. Ele examinou detidamente essas teorias para então rejeitá-las, baseado no fato de que, em sua opinião, o Cristianismo, tal como era apresentado por aqueles missionários, não passava de um Budismo imperfeito, e que os missionários budistas Asoka, ao se dirigirem para a Ásia Menor e Síria, bem como para a Alexandria,[15] provavelmente através de relações tais como as dos Essênios, devem ter influenciado profundamente o Cristianismo. Ademais, para esse lama, se Jesus foi uma personagem histórica, sendo Ele – conforme o lama interpretou que o Jesus do *Novo Testamento* deveria ser – um Boddhisattva (isto é, um Candidato ao Estado de Buda), estava certamente bem familiarizado com a ética budista, e a ensinava, como no *Sermão da Montanha*.

A Doutrina dos Três Corpos traz os ensinamentos esotéricos concernentes ao caminho dos Mestres, a sua descida do Superior para o Inferior, do limiar do *Nirvāna* para o *Sangsāra*; e a progressão do Inferior para o Superior, do *Sangsāra* para o *Nirvāna*, é simbolizada pelos Cinco *Dhyānī* Budas, cada qual personificando um atributo divino universal. Nos Cinco *Dhyānī* Budas está o Caminho Sagrado que conduz à Harmonia no *Dharmakāya*, ao estado de Buda, à Perfeita Iluminação, ao *Nirvāna* – que é uma emancipação espiritual através do Não-desejo.

15. Cf. V. A. Smith, *Early History of India*. Oxford, 1914, p. 184.

As Cinco Sabedorias – Como o Vazio Todo-impregnante, o *Dharmakāya*, é a forma (que é informe) do Corpo da Verdade; a essência que o constitui é o *Dharma-Dhātu* (em tibetano *Chös-Kyi-dwyings;* pronuncia-se *Chö-kyi-ing*), a Semente ou Potencialidade da Verdade; e esta surge no Primeiro Dia do *Bardo* como a gloriosa luz azul do *Dhyānī* Buda Vairochana, o Manifestador, "Aquele Que em Formas torna Visível (o universo da matéria)". O *Dharma-Dhātu* é simbolizado como o Agregado da Matéria. Do Agregado da Matéria surgem as criaturas deste mundo, bem como de todos os mundos, nos quais a estupidez animal é a característica dominante e a *mārā* (ou ilusão da forma) constitui, em todos os âmbitos do *Sangsāra* – assim como no reino humano, onde *manas* (ou a mente) começa a operar – a Servidão, cuja emancipação é o *Nirvāna*. Quando no homem, tornado tão perfeito quanto a vida humana pode fazê-lo, a estupidez de sua natureza animal e a ilusão da forma ou personalidade são transmutadas em Conhecimento Correto, em Sabedoria Divina, brilha em sua consciência a Sabedoria Todo-impregnante no *Dharma-Dhātu* ou Sabedoria nascida do Vazio, que tudo impregna.

Como o Agregado da Matéria, despontando no *Bardo* do Primeiro Dia, produz corpos físicos, assim também o Elemento Água, despontando no Segundo Dia, produz o fluxo da vida, o sangue; a Cólera é uma paixão obscurecedora, a consciência é o agregado, e estas, quando transmutadas, tornam-se a Sabedoria Semelhante ao Espelho, personificada em Vajra-Sattva (o reflexo do *Sambhogakāya* do Dhyānī Buda Akshobhya), o "Triunfante da Divina Mente Heróica".

O Elemento Terra do Terceiro Dia, ao produzir os principais constituintes sólidos da forma humana e de todas as formas físicas, dá lugar à paixão do Egoísmo, e o agregado é o Tato; estes, quando transmutados divinamente, tornam-se a Sabedoria da Igualdade, personificada em Ratna-Sambhava, o "Nascido da Gema", o Embelezador.

O Elemento Fogo do Quarto Dia, ao produzir o calor animal dos seres animais humanos encarnados, dá lugar à paixão do Afeto, ou Luxúria, e ao Agregado de Sentimentos. Aqui a transmutação gera a Sabedoria Todo-discernente, que permite ao devoto conhecer cada coisa separadamente e, ainda, todas as coisas como uma só; personificado no Dhyānī Buda Amitābha, "O da Luz limitada", o Iluminador ou Clareador.

O Elemento Ar, do Quinto Dia, produz o sopro da vida. Suas qualidades ou paixões, no homem, é a Inveja ou Ciúme. Seu agregado é a Volição. A transmutação está na Sabedoria Todo-realizadora, que proporciona perseverança e ação correta nas coisas espirituais, personificada em Amogha-Siddhi, o "Conquistador Todo-poderoso", o Doador do Poder Divino.

Conforme já foi explicado, na seção IV, o último Elemento, o Éter, que produz a mente ou o Conhecedor, e o corpo de desejo dos habitantes do Estado Intermediário, não se manifesta para o falecido, porque – como diz o texto – a Faculdade de Sabedoria da Consciência, ou seja, a consciência celestial de Buda (ou *bhódica*) não foi desenvolvida na humanidade comum. A ela está relacionado – como consta do nosso texto – Vajra-Sattva, e a Sabedoria Semelhante ao Espelho e o Agregado de Sabedoria *Bódhica*, sendo Vajra-Sattva, então esotericamente, sinônimo de Samanta-Bhadra (que, por sua vez, é amiúde personificado em Vairochana, o Principal dos Cinco Dhyānī Budas, o Ādi-Buda), o Primordial, o Não-nascido, o Não-formado e Não-modificado *Dharmakāya*.

Quando o homem alcança a perfeição do Divino Agregado do Corpo, este se torna o Vajra-Sattva imutável, incambiável. Quando a perfeição do Divino Princípio de Linguagem é alcançada, com ela vem o poder da linguagem divina, simbolizado por Amitâbha. A perfeição do Divino Princípio do Pensamento traz infalibilidade divina, simbolizada por Vairochana. Por sua vez, a perfeição das Divinas Qualidades de Bondade e Beleza é a realização de Ratna-Sambhava, que é quem as produz. Com a perfeição das Divinas Ações vem a realização de Amogha-Siddhi, o Conquistador Onipotente.

Como num drama simbólico de iniciação, o morto é apresentado a cada um desses atributos ou princípios divinos inatos em todo ser humano, para testá-lo e procurar descobrir se alguma parte de sua natureza divina (ou *bhódica*) se desenvolveu ou não. O desenvolvimento pleno de todos os poderes *bhódicos* dos Cinco Dhyâni Budas, que são as suas personificações, leva à Libertação, ao estado de Buda. O desenvolvimento parcial leva ao nascimento num dos estados mais felizes: o *Deva-loka*, o mundo dos *devas* ou dos deuses; o *Asura-loka*, mundo dos *asuras* ou titãs; o *Nara-loka*, mundo dos homens.

Após o Quinto Dia, as visões do *Bardo* tornam-se cada vez menos divinas; o morto mergulha cada vez mais no marasmo das alucinações *sangsâricas;* as irradiações da natureza superior se desvanecem nas luzes da natureza inferior. Então, terminando o sonho do pós-morte enquanto o Estado Intermediário se exaure para o sujeito, e todas as formas-pensamento do seu conteúdo mental tendo-se-lhe mostrado como espectros fantasmagóricos num pesadelo, ele passa do Estado Intermediário ao igualmente ilusório estado chamado vigília ou vida, tanto no mundo humano como numa das mansões da existência, por nascer ali. E, assim, girando a Roda da Vida, até que aquele que está preso a ela rompa seus próprios limites através da Iluminação, e daí vem, conforme proclama Buda, o Fim da Dor.

Nas seções I a V, anteriores, procuramos expor brevemente os ensinamentos ocultos mais proeminentes que embasam o *Bardo Thödol*. Nas seções VI a XII, que seguem, serão explicados e interpretados os principais ritos e cerimônias, sua psicologia, e outras doutrinas do *Bardo*. As últimas seções, XIII a XV, serão dedicadas a uma apreciação do nosso manuscrito, sua história, a origem dos textos do *Bardo Thödol*, a nossa tradução e edição.

Além dessas quinze seções, estão incluídas, como Adendos (ver pp. 160-81), seis seções complementares, dirigidas principalmente ao estudioso, que, mais que o leitor comum, estará interessado em algumas das mais intrincadas doutrinas e problemas que surgem de um estudo meticuloso da tradução e de suas anotações.

VI. AS CERIMÔNIAS FÚNEBRES

Quando se completam os sintomas da morte, tais como vêm descritos nas primeiras seções do nosso texto, coloca-se um pano branco sobre a face do cadáver; e ninguém então toca o corpo, a fim de que não se criem obstáculos para o culminante processo da morte, que termina apenas após a completa separação do corpo do *Bardo* da sua contraparte do plano terreno. Diz-se, comumente, que esse processo leva, em geral, de três dias e meio a quatro, a não ser que seja assistido por um sacerdote, chamado *hpho-bo* (pronuncia-se *pho-o*) ou "extrator do princípio da

consciência"; e que, mesmo que o sacerdote seja bem-sucedido ao extraí-lo, o falecido ordinariamente não desperta para o fato de estar separado do corpo humano até que o referido período de tempo tenha expirado.

O *hpho-bo*, ao chegar, senta-se num tapete ou cadeira, na frente do cadáver. Despacha todos os lamuriosos parentes da câmara-ardente e ordena que se fechem todas as suas portas e janelas, a fim de assegurar o necessário silêncio ao correto desempenho do serviço do *hpho-po*. O serviço consiste num canto místico que contém orientações para o espírito do morto, para que o mesmo encontre o caminho do Paraíso Ocidental de Amitâbha e, assim, escape – se o *karma* o permitir – do indesejável Estado Intermediário. Após ordenar ao espírito que deixe o corpo e o apego aos parentes vivos e aos seus bens, o lama examina a coroa da cabeça do cadáver à altura da sutura sagital, onde os dois ossos parietais se articulam – ponto chamado de "Abertura de Brahma" (em sânscrito, *Brâhma-randhra*) – para determinar se o espírito partiu dali mesmo, conforme deveria. Se o crânio não for calvo, ele arranca alguns fios de cabelo justo acima da abertura. Se, por acidente ou outra razão qualquer, não houver cadáver, o lama se concentrará mentalmente no morto e, visualizando o seu corpo, imagina-o presente. Então, invocando o espírito do falecido, realiza a cerimônia, que normalmente dura cerca de uma hora.

Enquanto isso, o *tsi-pa*, ou lama astrólogo, esteve ocupado em tirar o horóscopo da morte, baseado no momento da morte do falecido, para determinar quais pessoas poderão aproximar-se e tocar o cadáver, o método adequado de se dispor dele, o tempo e a forma do funeral, assim como o tipo de ritual a ser realizado para benefício do finado. O cadáver será, então, atado em posição sentada – semelhante àquela em que foram encontradas múmias e esqueletos em antigas sepulturas ou tumbas em várias partes do mundo, às vezes chamada de postura de embrião – símbolo do nascimento fora desta vida, na vida além da morte. O cadáver assim posicionado é depois colocado num dos cantos da câmara-ardente que não seja o lugar atribuído ao espírito maligno da casa.

Parentes e amigos, ao se informarem da morte, reúnem-se na casa do falecido; ali, serão alimentados e alojados até que se disponha do cadáver. Se houver dúvidas quanto à completa separação do princípio da consciência (ou espírito) do falecido de seu corpo, não deverá ocorrer a remoção do cadáver antes dos três dias e meio a quatro após a morte. Enquanto continuar a hospedagem das carpideiras – normalmente não menos que dois, porém mais amiúde três dias – é oferecida ao espírito do morto uma parte de toda a comida, líquida ou sólida, de cada refeição. Essa comida é colocada numa tigela em frente ao cadáver; depois, após o espírito do defunto ter extraído do alimento as essências sutis invisíveis, a comida é jogada fora. Após a remoção do cadáver da casa para o funeral uma efígie do defunto é colocada no canto da casa que o cadáver ocupou; e, diante dessa efígie, a comida continua a ser oferecida até expirarem os quarenta e nove dias do *Bardo*.

Enquanto os ritos fúnebres – inclusive a leitura do *Bardo Thödol* – estão sendo realizados, na casa do falecido ou no lugar de sua morte, outros lamas cantam, revezando-se durante todo o dia e à noite, com o objetivo de ajudar o espírito do falecido a alcançar o Paraíso Ocidental de Amitâbha. Esse serviço (cantado também pelo *hpho-bo*) é chamado, em tibetano, de *De-wa-chan-kyi-mon-lam*. Se a família for abastada, outro serviço de natureza semelhante pode ser realizado no templo que o falecido costumava freqüentar para orar, com a reunião de todos os monges.

Após o funeral, os lamas que leram o *Bardo Thödol* retornam à casa do morto uma vez por semana, até que se cumpra o quadragésimo nono dia do Estado Intermediário. Não é raro, entretanto, o fato de eles suspenderem um dia da primeira semana e de cada um dos períodos subseqüentes para abreviar o serviço, de modo que retornam após seis, cinco, quatro, três, dois e um dia respectivamente, e, com isso, concluem a leitura em cerca de três semanas.

Do Primeiro ao Décimo Quarto Dia, conforme sugere a disposição do livro I de nosso texto, deverá ser lido e relido o *Chönyid Bardo* e, a partir do Décimo Quinto Dia, o *Sidpa Bardo*. Nas famílias mais pobres, os ritos podem cessar depois do Décimo Quarto Dia; para as famílias em melhores condições, é comum, em Sikkim, continuar os ritos pelo menos até expirar o Vigésimo Primeiro Dia e, às vezes, durante todo o período dos Quarenta e Nove Dias do *Bardo*. No primeiro dia dos ritos fúnebres, se o morto foi um homem de riqueza e ou de posição social, até cem lamas podem assisti-lo; no funeral de um pobre, apenas um ou dois lamas costumam estar presentes. Após o Décimo Quarto Dia, como regra geral para todos, somente um lama é mantido para completar a leitura.

A efígie do corpo do falecido é feita colocando-se num escabelo, num bloco de madeira ou em outro objeto apropriado, as roupas do morto; no lugar da face, coloca-se um papel estampado, chamado *mtshan-spyang* ou *spyang-pu* (pronuncia-se *chang-ku*), de que reproduzimos um modelo típico.[16]

Nesse *spyang-pu*, a figura central representa o falecido com as pernas unidas e em atitude de adoração, cercado por símbolos das "cinco coisas excelentes aos sentidos": (1) um espelho (o primeiro dos três objetos, à esquerda, de número 1), símbolo do corpo, que reflete todos os fenômenos ou sensações assim como o da visão; (2) uma concha (número 2) e uma lira (número 3), símbolos do som; (3) um vaso de flores (número 4), símbolo do olfato; (4) bolos sagrados num recipiente parecido com o usado na eucaristia católico-romana (número 5), símbolo da essência de nutrição e do gosto; e (5) roupas de seda da figura central e baldaquim real dependurado, símbolos da arte de vestir e ornamentar e do sentido do tato. É diante dessa figura de papel, inserida na efígie à guisa de cabeça e face, que as oferendas de alimento para o espírito do morto continuam a ser feitas; e é para ela, quando visualizada pelo lama como se fosse o morto em pessoa, que é feita a leitura do *Bardo Thödol*.

Tendo começado minhas pesquisas tibetanas logo após três anos de estudos da tradição fúnebre do Vale do Nilo, pude perceber, tão logo conheci os ritos fúnebres tibetanos – que, em grande parte, são pré-budistas – que a efígie do morto, como a usada hoje no Tibete ou em Sikkim, é tão semelhante à efígie do morto chamada "estátua de Osíris (ou do falecido)" que era usada nos ritos fúnebres do Egito antigo, a ponto de se pensar terem ambas a mesma origem. Além disso, o *spyang-pu* em si, como peça para a cabeça da efígie, encontra paralelo egípcio nas imagens feitas para o *Ka* ou espírito. Essas imagens eram, às vezes, simplesmente cabeças, completas, para substituir ou duplicar a cabeça da múmia e dar mais assistência ao *Ka* quando este procurava – tal como o Conhecedor, no

16. Esta reprodução, feita com permissão especial dada ao editor pelo Dr. L. A. Waddell, é da p. XXI de *Gazetteer of Sikkim*, editada por H.H. Risley (Calcutá, 1894), seção sobre *Lamaism in Sikkim*, de L. A. Waddell.

A EFÍGIE DO MORTO

(1. Espelho; 2. Concha; 3. Lira; 4. Vaso de Flores; e 5. Bolo Sagrado.)

Bardo, procura — um corpo para repousar, ou aquilo que o nosso texto chama de uma escora para o corpo (veja-se p. 138). E, tal como os antigos egípcios liam para "a estátua de Osíris" *O Livro Egípcio dos Mortos*, assim os lamas hoje lêem para a efígie tibetana o *Bardo Thödol* — tratados que nada mais são do que livros-guias para o viajante no reino do além-morte.

Os rituais preliminares do funeral egípcio também se destinavam a conferir ao morto o poder mágico de elevar o corpo-espírito ou *Ka,* dotado de todos os dons dos sentidos, cujo serviço consistia em "abrir a boca e os olhos" e na restauração do uso de todas as demais partes do corpo. Da mesma forma, o objetivo dos lamas, no início, é restaurar a consciência completa do falecido, depois do estado de desfalecimento imediatamente após a morte, e acostumá-lo ao ambiente não-familiar do Outro Mundo, considerando que ele seja, como a multidão dos homens, algum não-iluminado e, deste modo, incapaz de emancipação imediata.

De acordo com nossa opinião, segundo a qual essa parte dos rituais fúnebres tibetanos, diretamente relacionados com a efígie e o *spyang-pu,* veio até os nossos dias como herança de um período dos tempos pré-budistas, provavelmente bastante antigos, o Dr. L. A. Waddell escreve o seguinte: "Trata-se, essencialmente, de um rito Bön, que é referido nas histórias do *Guru* Padma-Sambhava como sendo praticado pelo Bön (a religião que prevalecia no Tibete antes do advento do Budismo e, em seu transcendentalismo, bastante semelhante ao Taoísmo) e que incorreu na desaprovação do *Guru* Padma-Sambhava, fundador do Lamaísmo".

A respeito do *spyang-pu*, observa o Dr. Waddell — "sua inscrição diz o seguinte [conforme nossa transcrição abaixo]:

"Eu, Aquele que parte do mundo... (e aqui é introduzido o nome do falecido), adoro e busco refúgio no meu lama confessor, e em todas as outras divindades, tanto as mansas [traduzido por nós como 'pacíficas'] como as iradas[17]; e [que] o 'Grande Misericordioso')[18] perdoe os meus pecados acumulados e impurezas das vidas anteriores e me mostre o caminho para o outro mundo bom!"[19]

No ombro esquerdo da figura central do *spyang-pu,* segundo a nossa cópia, e às vezes no meio, embaixo, em outras cópias, estão inscritos símbolos fonéticos referentes aos seis mundos da existência *sangsàrica,* traduzidos como segue:

S = *Sura* ou deus, referente ao mundo do *deva*
A = *Asura* ou titã, referente ao mundo do *asura*
Na = *Nara* ou homem, referente ao mundo do humano
Tri = *Trisan* ou animal bruto, referente ao mundo do bruto
Pre = *Preta* ou espírito infeliz, referente ao mundo do *preta*
e *Hung* (de *hunu,* que significa "caído") = inferno, referente ao mundo do inferno.[20]

Ao término dos ritos fúnebres, o *spyang-pu* ou papel facial é ritualmente incinerado na chama de uma lâmpada à base de manteiga e se dá um adeus ao

17. "Das cem divindades superiores, supõe-se que quarenta e duas sejam *mansas* e cinqüenta e oito de natureza irada." — L. A. Waddell.

18. "Divindade aborígine ou chinesa, hoje identificada com *Avalokita,* com a qual ela tem muito em comum." — L. A. Waddell.

19. Nossa tradução está baseada na do Dr. Waddell. Cf. *Gazetteer of Sikkim*, pp. 387-88.

20. Cf. Waddell, *Gazetteer of Sikkim*, p. 388.

espírito do falecido. Pela cor da chama e pela maneira como esta se mantém, determina-se qual o destino pós-morte que caberá ao falecido.

As cinzas do *spyang-pu* cremado são recolhidas num prato e, depois de misturadas com argila, são transformadas em *stupas* em miniatura, chamadas *satschha*, normalmente em forma com a impressão de ornamentação simbólica ou de letras sagradas. Uma dessas *stupas* é conservada no altar da casa do falecido e o resto é depositado num lugar protegido, em encruzilhadas ou no cimo de uma colina, geralmente sob uma saliência rochosa que a protege, ou, se houver, numa gruta.

Com a queima do papel, o resto da efígie do morto é desmontado, sendo que as roupas vão com os lamas, que as levam e vendem ao primeiro comprador, ficando com os lucros como parte de seus honorários. Quando houver transcorrido um ano da morte, costuma-se dar uma festa em honra ao morto e realiza-se o serviço dos Budas Médicos.[21] Após isso, a viúva do falecido está livre para casar de novo.[22]

Há um ritual muito interessante relacionado com o funeral tibetano. Por exemplo: quando o lama oficiante se prepara para assistir à remoção do cadáver da casa, ele presenteia o mesmo com uma "mantilha de honra" e, dirigindo-se a ele, aconselha-o a participar livremente da comida oferecida, prevenindo-o de que está morto e de que o seu espírito não deve circular pelo local ou incomodar os parentes vivos, concluindo: "Lembra-te do nome do lama teu mestre espiritual, que é ... [fulano de tal] e com a sua ajuda tome o caminho certo — o branco. Segue por aqui!"[23]

Então, no momento em que o lama começa a guiar a procissão fúnebre, ele toma a ponta de um dos lados da longa mantilha — a outra extremidade é amarrada ao cadáver — e começa a cantar uma liturgia sob o acompanhamento de um tamborim manual (do qual pendem cordas com nós e soltas, que, batendo no tambor enquanto o lama o gira, produzem som) e de uma trombeta feita de um fêmur humano. Quando há um certo número de sacerdotes, o principal deles, adiantando-se aos demais, toca uma sineta (tal como o sacerdote faz nos funerais dos aldeões bretões), e os outros acompanham com o canto e a música, enquanto que um deles sopra, em intervalos, a concha sagrada, e um outro bate os címbalos de latão e, talvez, ainda um outro gira o tamborim manual ou sopre a trombeta de fêmur. De quando em quando, o lama principal olha para trás para convidar o espírito a acompanhar o corpo e assegurá-lo de que a rota está na direção certa. Atrás dos que levam o cadáver, segue o grupo principal dos enlutados, alguns levando refrescos (em parte, para serem lançados na pira funerária para benefício do morto e, em parte, para serem distribuídos entre os sacerdotes e as carpideiras) e, por último, vêm os parentes com lamentos e prantos. Essa guia sacerdotal do espírito do morto é só para os leigos, pois os espíritos dos lamas falecidos, tendo sido treinados nas doutrinas do *Bardo Thödol,* conhecem o caminho certo e, portanto, não necessitam de orientação.

21. "No Ceilão, as festas fúnebres são oferecidas aos *Bhikkhus* durante sete dias, um mês e um ano após a morte. Essas festas são feitas "em nome" do morto, de quem também é o mérito. Isto, sob certas circunstâncias, ajuda o morto a conseguir um renascimento superior." — Cassius A. Pereira.

22. Cf. Waddell, *Gazetteer of Sikkim*, pp. 383 e 391.

23. *Id., ibid.*

No Tibete mesmo, usam-se todos os métodos religiosos conhecidos para a remoção de um cadáver; mas, devido à falta de combustível para fins de cremação, comumente o corpo, conduzido ao cimo de uma colina ou rocha, é cortado em pedaços e, segundo o costume parse na Pérsia e em Bombaim, é dado aos pássaros e animais carnívoros. Se o cadáver for o de um nobre, cuja família possa custear uma pira funerária, ele pode ser cremado. Em alguns lugares distantes, o normal é o enterro, usado comumente sempre que a morte tenha sido causada por uma doença muito contagiosa e perigosa, como a varíola. Nos demais casos, os tibetanos fazem objeção ao enterro, pois acreditam que, quando um cadáver é enterrado, o espírito do morto, vendo isso, tenta reentrar nele, e que, se a tentativa for bem-sucedida, origina-se um vampiro, enquanto que a cremação ou outros métodos de dissipar rapidamente os elementos do corpo morto impedem o vampirismo. Às vezes também, como entre os hindus, os cadáveres são lançados nos rios ou em outros cursos de água. No caso do Dalai Lama e do Tashi Lama, assim como de algumas personalidades ou santos, usa-se o embalsamamento. Neste caso, o cadáver, de maneira semelhante à dos processos de embalsamamento praticados pelos egípcios, é depositado numa caixa com sal por um período normalmente de três meses ou correspondente ao tempo que o sal leva para absorver toda a água contida no corpo. Então, bem curtido, o cadáver é envolto numa substância semelhante ao cimento, feita de argila, madeira de sândalo pulverizado, condimentos e remédios. Isso tudo adere e se solidifica e, eliminadas com ela todas as partes rugosas ou encovadas do corpo – tais como os olhos, bochechas e estômago – e retomando suas proporções naturais, resulta uma múmia semelhante às egípcias. Finalmente, ressecada de todo e depois coberta com uma tinta feita de ouro dissolvido, a múmia é depositada como uma imagem numa espécie de Westminster Abbey tibetana.

Em Shigatze, sede do Tashi Lama, há cinco templos fúnebres desses. Com seus tetos duplos, resplandecentes de ouro, assemelham-se aos palácios ou capelas reais da China. Esses templos diferem em tamanho e adorno, de acordo com a posição e a riqueza das múmias que os ocupam, sendo algumas embutidas em ouro, outras em prata.[24] Rezam-se preces diante dessas múmias encerradas, queima-se incenso e realizam-se rituais, como nos cultos ancestrais dos chineses e japoneses.

Os quatro métodos dos budistas do Norte para dar fim a um cadáver correspondem aos mencionados em vários livros sagrados dos hindus: um corpo humano, diz-se, consiste de quatro elementos – terra, água, ar e fogo – e deve retornar a esses elementos o mais rapidamente possível. A cremação é considerada como o melhor método a ser adotado. O enterro, como entre os cristãos, é o retorno do cadáver ao elemento Terra; o funeral na água é o retorno do cadáver ao elemento Água; a disposição ao ar livre é o retorno ao elemento Ar – os pássaros que o devoram são os habitantes do ar – enquanto que a cremação é o retorno do corpo ao elemento Fogo.

Quando se adota a entrega do cadáver ao elemento Ar, no Tibete, mesmo os seus ossos, após a carne ter sido devorada pelas aves, são reduzidos a pedaços e postos nas pequenas cavidades das pedras do monte funerário e, então, misturados com farinha, formam uma pasta, que é dada às aves para que a

24. Cf. Ekai Kawaguchi, *Three Years in Tibet*. Madras, 1909, p. 394.

devorem.[25] Esse procedimento, quando realizado pelos tibetanos, é mais completo do que até mesmo o dos parses, pois estes permitem que os ossos fiquem sujeitos apenas à ação lenta de decomposição ao ar livre.

Num funeral tibetano comum, não se usa nenhum ataúde ou caixão para o cadáver. O corpo, após ter sido posto de costas, com um lençol ou pedaço de pano estendido sobre uma armação normalmente feita de material leve afixado em duas estacas é, em seguida, coberto com um pano todo branco. Dois homens, introduzindo suas cabeças entre as extremidades das estacas, servem de carregadores. Em Sikkim, entretanto, o cadáver é carregado sentado, na postura de embrião descrita anteriormente.

Tanto em Sikkim como no Tibete, todo funeral é guiado estritamente de acordo com as orientações dadas pelo astrólogo que tira o horóscopo do morto, no qual encontram-se indicações quanto a quem deverá tocar ou manusear o cadáver, quem o carregará e qual a forma a ser adotada para o seu funeral.

O astrólogo declara, igualmente, que tipo de espírito maligno causou a morte, pois, segundo a crença popular – comum também entre os povos célticos da Europa – nenhuma morte é natural, mas, ao contrário, deve-se sempre à interferência de um dos inumeráveis demônios da morte. O astrólogo anuncia também quais cerimônias são necessárias para exorcizar o demônio da morte da casa do falecido, quais os rituais especiais que devem ser lidos em benefício do espírito do falecido, as precauções necessárias para assegurar-lhe um bom renascimento e a região e o tipo de família em que ocorrerá o renascimento.

Em Sikkim, no espaço do solo nivelado para a pira funerária, um diagrama místico – símbolo do Reino Feliz de Sukhavati, ou o Reino Ocidental Vermelho da Felicidade (veja-se texto à p. 88) – é delineado com farinha e dividido em compartimentos, sendo o seu espaço central (sobre o qual a pira funerária é construída) dedicado ao Dhyânî Buda Amitâbha. No início das cerimônias de cremação, o lama principal visualiza a pira funerária como a *mandala* do Amitâbha e o fogo como Amitâbha, o qual, conforme diz o texto (ver p. 88), personifica o elemento Fogo. Então o cadáver, estirado sobre a pira, é visualizado como a *mandala* de Amitâbha e seu coração como a morada de Amitâbha. À medida que o fogo começa a crescer em volume, óleos aromáticos e fragâncias, lenha de sândalo e varinhas de incenso são lançados como sacrifício, como no ritual hindu do *Homa* ou sacrifício do fogo. Finalmente, terminando as cerimônias de cremação, os sacerdotes e as carpideiras visualizam o espírito do morto purgado de todos os obscurecimentos *kármicos* pelo fogo que é Amitâbha, a Luz Incompreensível.

Esse é, em resumo, o misticismo que inspira os belos rituais realizados para o morto no lugar da cremação, em Sikkim.

Em todas as outras formas de funeral, através do Tibete ou territórios sob influência tibetana, realiza-se um serviço fúnebre correspondente ou paralelo, baseado nos mesmos rituais simbólicos, com variações de acordo com a seita e a província.

25. Os homens que desempenham essa função pertencem a uma casta especial e, considerados impuros, são em geral evitados pelos outros tibetanos.

VII. *O BARDO*[26] OU ESTADO PÓS-MORTE

A partir do momento da morte e por três dias e meio depois ou, às vezes, quatro, o Conhecedor, ou princípio de consciência, no caso do falecido ser um homem comum, acredita-se estar num estado de sono ou de transe, e inconsciente, via de regra, do fato de ter-se separado do corpo no plano humano. Esse período é o Primeiro *Bardo*, chamado *Chikhai Bardo* (em tibetano, *Hchi-khahi Bar-do*) ou "Estado de Transição do Momento da Morte", e aí surge a Clara Luz, inicialmente em sua pureza primitiva, e, então, o percipiente, sendo incapaz de reconhecê-la, isto é, de se manter e de permanecer no estado transcendental da mente não-modificada concomitante com ela, percebe-a *karmicamente* obscurecida, o que constitui o seu aspecto secundário. Quando o Primeiro *Bardo* termina, o Conhecedor, despertando para o fato de que a morte ocorreu, vivencia o Segundo *Bardo*, chamado *Chönyid Bardo* (em tibetano: *Chös-nyid Bar-do*) ou "Estado de Transição da [Vivência ou Vislumbre da] Realidade"; este se funde então, no Terceiro *Bardo*, chamado *Sidpa* (ou *Sidpai*) *Bardo* (em tib., *Srid-pahi-Bar-do*) ou "Estado de Transição do [ou da busca do] Renascimento", que termina quando o princípio de consciência adquire o renascimento no mundo humano ou em algum outro, ou num dos reinos do paraíso.

Conforme está explicado na seção III, anterior, a passagem de um *Bardo* para outro é análoga ao processo de nascimento; o Conhecedor desperta de um estado de desfalecimento ou transe para entrar em outro, até que o Terceiro *Bardo* termine. Ao despertar no Segundo *Bardo*, surgem para ele, como visões simbólicas, uma por uma, as alucinações criadas pelos reflexos *kármicos* das ações que ele realizou no corpo no plano terreno. O que ele pensou e fez torna-se objetivo: as formas-pensamento, tendo sido conscientemente visualizadas e capacitadas a se enraizarem, crescerem, florescerem e produzirem, passam agora num panorama solene e poderoso, como o conteúdo da consciência de sua personalidade.[27]

No Segundo *Bardo*, a menos que tenha sido instruído, o morto está mais ou menos sob a ilusão de que, embora esteja morto, ainda possui um corpo de carne e osso. Quando chega a perceber que realmente não possui esse corpo, lhe sobrevém um fortíssimo desejo de possuir um. Então, nessa procura, tornando-se a predileção *kármica* para a existência *sangsárica* a ser naturalmente decisiva, ele entra no Terceiro *Bardo* à procura de Renascimento e, finalmente, com o seu renascimento neste ou em algum outro mundo, finda o estado do pós-morte.

Para a gente comum, esse é o processo normal; contudo, para as mentes muito excepcionais, dotadas de grande conhecimento da *Yoga* de grande instrução, somente os estágios mais espirituais do *Bardo* dos primeiros dias serão vivenciados.

---

26. *Bar-do* significa, literalmente, "entre (*Bar*) dois (*do*)", isto é "entre dois [estados]" – o estado entre a morte e o renascimento – e, por conseguinte, [Estado] "Intermediário" ou "Transitório". O tradutor inglês, em determinados casos, preferiu "[Estado] Incerto". Porém, podia também ter traduzido por "[Estado] Crepuscular".

27. Alguns dos lamas mais ilustres – principalmente da seita Gelugpa ou Chapéu Amarelo – acreditam que as visões altamente simbólicas de 110 divindades principais do *Chönyid Bardo* são vistas somente por devotos com um certo avanço espiritual e que tenham estudado o Tantrismo; e que as pessoas comuns, quando falecidas, terão visões semelhantes às descritas no *Sidpa Bardo*.

O mais iluminado dos iogues pode escapar de todo o *Bardo*, passando para um reino do paraíso ou ainda reencarnando neste mundo tão logo o corpo físico tenha sido descartado, e mantendo, o tempo inteiro, uma ininterrupta continuidade de consciência.[28] Conforme os homens pensam, assim eles são, tanto aqui como lá, sendo os pensamentos coisas, os pais de todas as ações, boas ou más; conforme houver sido a semeadura, assim será a colheita.

Se não conseguir escapar do Estado Intermediário, através do renascimento em algum outro estado – já que o Inferno é para os malfeitores excepcionais, não para o homem comum, que paga pelas deliqüências morais normais renascendo como ser humano – dentro do período simbólico de Quarenta e Nove Dias, período cuja duração real é determinada pelo *karma*, o falecido estará sujeito a todas as ilusões *kármicas* do *Bardo*, sejam elas felizes ou infelizes, conforme o caso, e o progresso torna-se impossível. Além da libertação obtida com o *Nirvāna* após a morte – de modo a cortar todos os laços *kármicos* da existência *sangsárica* ou mundana num corpo ilusório de predileções – a única esperança que resta ao homem comum de alcançar o estado de Buda reside na possibilidade de ele renascer em forma humana; pois, nascer sob qualquer outra forma que não seja a do mundo humano provoca demora para quem deseja alcançar a Meta Final.

VIII. A PSICOLOGIA DAS VISÕES DO *BARDO*

Cada divindade que surge no *Bardo Thödol* possui um significado psicológico definido. Mas, para compreendê-la, o estudioso precisa ter em mente que – conforme sugerimos anteriormente – as visões fantasmáticas tidas pelo falecido no Estado Intermediário não são visões da realidade, não passando de encarnações alucinatórias de formas-pensamento nascidas do conteúdo mental do sujeito. Ou, em outras palavras, trata-se de impulsos intelectuais que assumiram forma personificada no estado de sonho do pós-morte.

Assim sendo, as Divindades Pacíficas (em tibetano, *Ż'i-wa*) são formas personificadas dos sentimentos humanos mais sublimes que procedem do centro psíquico do coração. Como tais, eles são representados como os primeiros a surgirem, pois, psicologicamente falando, os impulsos originários do coração precedem os originários do cérebro. Eles se apresentam com aspecto pacífico para controlar e influenciar o falecido, cujos laços com o mundo humano acabam de ser cortados; o falecido deixou parentes e amigos, trabalhos inacabados, desejos insatisfeitos e, na maioria dos casos, possui uma forte aspiração do sentido de recuperar a oportunidade perdida proporcionada pela encarnação humana para a iluminação espiritual. Em todos os seus impulsos e aspirações, o *karma* é que prepondera e, a menos que seja o seu desígnio *kármico* obter libertação nos primeiros estágios, o morto perambulará para baixo nos estágios onde os impulsos do coração cedem lugar aos do cérebro.

---

28. "Isto está confirmado no Cânone Páli, o *Ti-Pitaka*, que registra vários casos de renascimento de altas divindades (*devas*) imediatamente após a morte no plano humano." – Cassius A. Pereira.

As Divindades Pacíficas são personificações dos sentimentos, enquanto as Divindades Iradas (em tibetano, *To-wo*) são personificações dos raciocínios e procedem do centro psíquico do cérebro. Todavia, como os impulsos originários do coração podem transformar-se em raciocínios do centro do cérebro, da mesma forma as Divindades Iradas nada mais são que Divindades Pacíficas sob um aspecto modificado.

À medida que o intelecto entra em atividade, após a cessação dos impulsos sublimes nascidos no coração, o morto passa a perceber cada vez mais o estado em que se encontra; com as faculdades sobrenaturais do corpo *Bardo*, do qual começa a fazer uso de maneira bastante semelhante à de um recém-nascido no plano humano ao começar a usar as faculdades sensoriais – ele se acha capaz de pensar como poderá vencer este ou aquele estado de existência. Contudo, o *karma* ainda é o seu mestre e define as suas limitações. Da mesma forma que, no plano humano, os impulsos sentimentais são mais ativos na juventude e amiúde perdem a força na idade madura, onde a razão costuma substituí-los, assim também no plano do pós-morte, conhecido como *Bardo*, as primeiras experiências são mais felizes que as posteriores.

Sob outro aspecto, as divindades principais são encarnações de forças divinas universais, com as quais o morto está inseparavelmente relacionado, pois através dele, que representa o microcosmo do macrocosmo, penetram todos os impulsos e forças, bons ou maus. Samanta-Bhadra, o Todo-bondoso, personifica a Realidade, a Clara Luz Primordial do Não-nascido, do Não-formado *Dharmakāya* (cf. p. 67). Vairochana é o Originador de todos os Fenômenos, a Causa de todas as Causas. Enquanto Pai Universal, Vairochana dissemina como semente, ou sêmen, todas as coisas; sua *shakti*, a Mãe do Grande Espaço, é o Ventre Universal no qual a semente cai e se desenvolve como os sistemas dos mundos. Vajra-Sattva simboliza a Imutabilidade. Ratna-Sambhava é o Embelezador, a Fonte de toda a Beleza do Universo. Amitābha é a Compaixão Infinita ou o Amor Divino, o *Christos*. Amogha-Siddhi é a personificação da Força Todo-poderosa ou Onipotência. E as divindades menores – heróis, *ḍākinīs* (ou "fadas"), deusas, senhores da morte, *rākṣhasas*, demônios, espíritos e todas as outras – correspondem aos pensamentos humanos definidos – paixões, impulsos, altos e baixos, humanos, subumanos e sobre-humanos – em forma *kármica*, à medida que tomam forma nas sementes do pensamento que determina o conteúdo de consciência do sujeito (cf. p. 165).

Conforme o *Bardo Thödol* deixa claro, através de repetidas afirmações, nenhuma de todas essas divindades ou seres espirituais possui qualquer existência individual real além da que têm os seres humanos: "É o suficiente para ti [isto é, para o falecido] saber que essas aparições são [os reflexos de] as tuas próprias formas-pensamento" (p. 74). Trata-se simplesmente do conteúdo da consciência visualizado, por meio da ação *kármica*, como aparições fantasmáticas no Estado Intermediário – insignificâncias imaginárias urdidas em sonhos.

O total reconhecimento dessa psicologia pelo morto liberta-o na Realidade. É por essa razão que o *Bardo Thödol*, segundo o nome implica, é a Grande Doutrina da Libertação pela Audição e pela Visão.

O ser humano morto torna-se o único espectador de um maravilhoso panorama de visões alucinatórias. Cada semente de pensamento em seu conteúdo de consciência revive *karmicamente*; e ele, como uma criança maravilhada olhando as figuras que se movem projetadas numa tela, olha para elas, não ciente da não-realidade disso tudo, a menos que tenha sido um adepto da *Yoga*.

A princípio, essa seqüência de visões gloriosas e felizes, nascidas das sementes dos impulsos e aspirações da natureza divina ou superior, espanta o não-iniciado; a seguir, à medida que elas se fundem em visões nascidas dos elementos mentais correspondentes à natureza animal ou inferior, aterrorizam-no, e ele deseja *fugir* delas. Mas, infelizmente, conforme o texto explica, essas visões são inseparáveis dele e, aonde quer que ele queira escapar, elas o seguirão.

Não devemos crer que todos os mortos passem, no Estado Intermediário, pelos mesmos fenômenos, do mesmo modo que nem todos os seres vivos o fazem no mundo humano ou em sonhos. O *Bardo Thödol* é simplesmente típico e sugestivo de todas as experiências do pós-morte. Ele apenas descreve, em detalhes, o que se espera que sejam as visualizações *Bardo* dos conteúdos de consciência do adepto comum da Escola do Chapéu Vermelho de Padma-Sambhava. O homem crê naquilo que se ensina a ele. Os pensamentos, sendo coisas, podem ser plantados como sementes na mente da criança e dominar por completo o seu conteúdo mental. Sendo o solo favorável à vontade de crer, as sementes de pensamento – sejam boas ou más, puras superstições ou verdades compreensíveis – se enraízam, florescem e fazem do homem aquilo que ele é mentalmente.

Assim sendo, para um budista de alguma outra Escola, como para um hindu, um muçulmano ou um cristão, as experiências do *Bardo* seriam, em cada caso, diferentes: as formas-pensamento do budista ou do hindu, como num estado de sonho, dariam lugar as visões correspondentes às divindades do panteão budista e hindu; para um muçulmano, a visão do Paraíso muçulmano, enquanto que, para um cristão, a visão do Céu cristão ou, ainda, para um índio americano, elas sugeriam o Feliz Território da Caça. Da mesma forma, o materialista terá, no pós-morte, visões tão negativas e vazias como as atéias visões com que ele sempre sonhou quando estava no corpo humano. Explicadas de maneira racional, como os ensinamentos do *Bardo Thödol* sugerem, as experiências que cada pessoa terá no plano do pós-morte dependem inteiramente do seu próprio conteúdo mental. Em outras palavras, conforme já foi explicado, o estado do pós-morte é muito parecido com o estado de sonho; e os sonhos são os filhos da mente do sonhador. Essa psicologia explica, cientificamente, por que alguns devotos cristãos, por exemplo, tiveram – se dermos crédito aos testemunhos dos santos e videntes cristãos – visões (em estado de transe, em sonho ou mesmo no estado de pós-morte) do Deus Pai sentado num trono na Nova Jerusalém, e do Filho ao seu lado, assim como de todo o cenário bíblico e de outros atributos do Céu, ou ainda da Virgem, dos santos e arcanjos, ou do Purgatório e do Inferno.

Em outras palavras, o *Bardo Thödol* parece estar baseado sobre dados verificáveis das experiências humanas, fisiológicas e psicológicas; e ele vê o problema do estado do pós-morte como um problema puramente psicofísico. Por conseguinte, ele é fundamentalmente científico. Ele postula reiteradamente que o que o sujeito vê, no plano do *Bardo*, é devido inteiramente ao seu próprio conteúdo mental, e que não há visões de deuses ou demônios, céus ou infernos que não sejam originárias de suas formas-pensamento *kármicas* alucinatórias que constituem sua personalidade, que é um produto impermanente nascido da sede de existência e da vontade de viver e de crer.

As visões do *Bardo* modificam-se, então, dia após dia, de acordo com a erupção das formas de pensamento do sujeito, até que as impetuosas forças *kármicas* se exaurem; ou, visto por outro ângulo, as formas-pensamento, nascidas de predileções habituais, sendo registros mentais como as já referidas imagens do cinema quando o rolo termina, assim o pós-morte também acaba, e o Sonhador, saindo do ventre, começa a viver de novo o fenômeno do mundo humano.

A *Bíblia* dos cristãos, como o *Corão* dos muçulmanos, nunca parece considerar que as experiências espirituais em forma de visões alucinatórias de profetas ou devotos, registradas nesses livros, podem, em última análise, não ser reais. Mas o *Bardo Thödol* é tão contundente em seus postulados que deixa o leitor com a exata impressão de que toda visão – sem qualquer exceção – em que aparecem entes espirituais, deuses ou demônios, paraísos ou lugares de tormento e purgação, no *Bardo* ou em qualquer outro plano semelhante de sonho ou êxtase, é puramente ilusória, pois está fundada nos fenômenos *sangsáricos*.

O objetivo precípuo do *Bardo Thödol*, conforme já foi dito de outra forma em outra ocasião, é provocar o despertar do Sonhador para a Realidade, livre da obscuridade das ilusões *kármicas* ou *sangsáricas*, num estado celestial ou *nirvânico*, para além de todos os paraísos fenomenais, céus, infernos, purgatórios ou mundos de encarnação. Desta forma, pois, ele é genuinamente budista e diferente de qualquer outro livro não-budista do mundo, seja secular ou religioso.

IX. O JUÍZO

A Cena do Juízo ou Juízo Final, tal como está descrita em nosso texto, é muito parecida com a que encontramos em *O Livro Egípcio dos Mortos*, em suas partes essenciais, a ponto de nos sugerir uma origem comum, até hoje desconhecida, à qual já fizemos referência. Na versão tibetana, *Dharma-Rája* (em tibetano, *Shinje-chho-gyal*), o Rei dos Mortos (comumente conhecido pelos theravádistas como *Yáma-Rája*), o Plutão budista e hindu, como um Juiz dos Mortos, corresponde a Osíris na versão egípcia. Em ambas as versões encontramos a pesagem simbólica: diante de *Dharma-Rája* são colocados, nos lados esquerdo e direito da balança, seixos pretos e brancos, símbolos das más e das boas ações. Da mesma forma, diante de Osíris, o coração e a pluma (ou, em lugar da pluma, uma imagem da Deusa da Verdade que ela simboliza) têm seus pesos comparados, o coração representando a conduta ou consciência do morto e a pluma, a retidão ou verdade.

Em *O Livro Egípcio dos Mortos*, o morto, dirigindo-se ao seu coração, diz: "Não te ergas contra mim. Não sejas meu adversário ou Círculo Divino; não permitas que haja queda na balança contra mim na presença do grande deus, Senhor de Amenta." Na Cena Egípcia do Juízo é Thoth Cabeça de Macaco (menos freqüentemente com cabeça de íbis), deus da sabedoria, que supervisiona a pesagem; na Cena do Juízo tibetano, é o Shinje Cabeça de Macaco. Em ambas as cenas há um júri de divindades que assiste, algumas com cabeça de animais, outras com cabeças humanas.[29] Na versão egípcia, há uma criatura monstruosa que espera pelo réu a fim de devorá-lo caso ele seja condenado, enquanto, na versão tibetana, os demônios esperam o malfeitor para conduzi-lo ao mundo infernal da purgação; a tabuleta com a qual Thoth é, por vezes, representado, corresponde ao espelho do *karma* que porta o Dharma-Rája ou, em outras versões tibetanas, por uma divindade do júri. Ademais, em ambos os Livros dos Mortos, o morto, quando se dirige pela primeira vez ao Juiz, alega não ter feito nenhum mal. Diante de Osíris, essa alegação parece ser aceita, segundo todos os textos até hoje conhecidos; diante do Dharma-Rája, ela é objeto do teste do Espelho do *Karma* e isso, evidentemente, parece constituir um acréscimo indiano ou budista à hipotética versão pré-histórica, de onde surgiram as versões egípcia e tibetana, sendo a primeira a menos afetada.

Platão também, ao abordar as aventuras do Outro Mundo realizadas por Er, no livro X da *República*, descreve um Juízo semelhante, no qual se encontram juízes e tabuletas *kármicas* (afixadas nas almas julgadas) e caminhos – um para o bem, que leva ao Céu, outro para o mal, que leva ao Inferno – assim como demônios que esperam para levar a alma dos condenados aos lugares de punição, precisamente como no *Bardo Thödol* (veja-se p. 34).[30]

A doutrina do purgatório, ora cristianizada e associada a São Patrício no originalmente Purgatório pagão de São Patrício da Irlanda, todo o ciclo de lendas do Outro Mundo e do Renascimento dos povos celtas relacionados com a crença nas fadas, assim como o conjunto de tradições ligadas a Proserpina e registradas nos Livros Sagrados do mundo inteiro, as doutrinas semíticas sobre o Céu, o Inferno e o Juízo, assim como na versão cristã, que é a adulteração de uma doutrina pré-cristã e judaica da ressurreição, e também a aludida passagem de Platão, tudo isso constitui um testemunho das crenças universais da humanidade acerca desse tópico, provavelmente mais antigas que os mais antigos registros da Babilônia e do Egito.[31]

---

29. Essas divindades com cabeça de animal, como aparecem no *Bardo Thödol*, são, em sua maior parte, derivadas da religião tibetana pré-budista, Bön, e, por conseguinte, provavelmente, muito antigas. Como seus paralelos egípcios, essas divindades parecem ser mais ou menos totêmicas e, através de sua representação por sacerdotes mascarados, como nas peças dos Mistérios do antigo Egito e nas que sobreviveram do Tibete (conforme nosso texto sugere), são símbolos de atributos específicos, de paixões e de inclinações de seres *sangsáricos* ou encarnados – humanos, subumanos ou sobre-humanos (v. p. 107 n. 171).

30. Aqui, remetemos o leitor à seção VII de nosso Adendo (pp. 179-81), que diz respeito à versão cristã do Juízo contida no curioso tratado medieval intitulado *The Lamentation of the Dying Creature*.

31. Em meu livro *Fairy-Faith in Celtic Countries* (Oxford, 1911, capítulo X) sugeri ser bastante provável que a tradição do purgatório relacionada com as cavernas para as iniciações místicas pagãs que existiam anteriormente numa ilha em Loch Derg, Irlanda, e que é hoje um lugar famoso de peregrinação católica conhecido como o Purgatório de São Patrício, tenha dado origem à doutrina do Purgatório na Igreja Romana. A caverna purgatória original foi demolida por ordem do governo inglês da Irlanda, para destruir, conforme foi dito, a superstição pagã.

Além disso, os lugares subterrâneos de iniciação e culto dedicados ao Deus do Sol, Mithras, e ainda preservados em países europeus meridionais, parecem-se tanto com o original purgatório irlandês – assim como com outros lugares subterrâneos de iniciação dos países célticos, como New Grange, na Irlanda, e Gavrinis, na Bretanha – que poderiam indicar uma origem pré-histórica comum, essencialmente religiosa e relacionada com o culto do mundo do *Bardo* e de seus habitantes.

O quadro da Cena do Juízo tibetano aqui reproduzido (ver p. 127) foi pintado de acordo com uma severa tradição monástica, em Gangtok, Sikkim, em 1919, pelo artista tibetano Lharipa-Pempa-Tendup-la, que residia ali nessa época. Um protótipo anterior dessa cena foi preservado, até recentemente, como um dos antigos afrescos da pintura da Roda da Vida no templo de Tashiding, em Sikkim, descrita da seguinte maneira pelo Dr. L. A. Waddell: "O Juízo é imposto, em cada caso, pelo imparcial *Shinje-chho-gyal* ou 'Rei Religioso dos Mortos' (Dharma-Rāja), uma forma de *Yama*, deus hindu dos mortos que tem às mãos um espelho no qual está refletida uma alma desnuda, enquanto que seu criado, *Shinje*, pesa na balança os atos bons e os maus, os primeiros representados por seixos brancos e os segundos por seixos negros."[32] O Dr. Waddell investigou a origem da pintura de uma Roda da Vida similar, comumente conhecida, ainda que de maneira incorreta, como o "Zodíaco", situada na entrada da caverna nº XVII, de Ajaṇṭā, na Índia (ver p. 38). Isso estabelece, por conseguinte, a antigüidade da Cena do Juízo, da qual o nosso texto contém uma versão.

Na literatura canônica e apócrifa do Budismo do Norte acham-se numerosas outras versões. No Cânone Páli do Budismo do Sul há versões paralelas, por exemplo no *Devadūta Vagga* do *Anguttara Nikāya*, assim como no *Devadūta Sūttam* do *Majjhima Nikāya*. A última versão pode ser resumida da seguinte forma: o Exaltado, Buda, quando de sua estada no Mosteiro de Jetavana, dirigiu-se aos monges locais a propósito do estado pós-morte da existência. Como homem de clara visão, sentado entre duas casas, cada qual com seis portas, Ele observa todos os que entram e saem. Uma das casas simboliza o *Bardo* ou estado de existência desencarnada; a outra, o estado de existência encarnada e as doze portas, as seis entradas e as seis saídas dos seis *lokas* ou mundos. A seguir, após ter explicado a maneira pela qual o *karma* governa todos os estados de existência, Buda descreveu como o malfeitor é levado diante do Rei da Morte e questionado sobre os Cinco Mensageiros da Morte.

O primeiro mensageiro é simbolizado por um bebê recém-nascido, deitado de costas, e a mensagem é que, tanto para este quanto para todas as criaturas vivas, a velhice e a morte são inevitáveis. O segundo mensageiro tem a aparência de uma pessoa idosa, de oitenta, noventa ou cem anos de idade, decrépita, curvada como um teto arqueado, sustentada por uma bengala, tremendo à medida que anda, pateticamente miserável, com toda a sua juventude esvaída, dentes quebrados, cabelos grisalhos e já quase calvo, além da testa enrugada; seu significado é que o bebê cresce, amadurece e definha para tornar-se vítima da morte. O terceiro mensageiro é uma pessoa acometida por doença, envolta em suas chagas, incapaz de levantar-se ou deitar sem a ajuda de um atendente. Ela traz a mensagem da doença, que é também inevitável como a morte. O quarto mensageiro é um ladrão sendo submetido a uma terrível punição, e significa que as punições que possam ser desferidas neste mundo contra os malfeitores não são nada se comparadas às punições que o *karma* inflige após a morte. O quinto mensageiro, para enfatizar a mesma mensagem da morte e da perecibilidade do corpo, é um cadáver, incolor e putrefato.

32. Cf. *The Gazetteer of Sikkim*, ed. de H. H. Risley, p. 269.

Em cada caso, o Rei Yama pergunta ao morto se ele viu o mensageiro e recebe a seguinte resposta: "Não." O Rei explica, então, quem era o mensageiro e o significado da mensagem. O morto, lembrando-se, é obrigado a confessar que, não havendo praticado bons atos, não agira de acordo com as mensagens, mas, ao contrário, praticou o mal, esquecendo-se da inevitabilidade da morte. Com isso, Yama pronuncia a sentença, porquanto o falecido, tendo falhado em praticar bons atos, deverá sofrer as conseqüências *kármicas*. As fúrias infernais apoderam-se, então, do morto e infligem-lhe cinco tipos de castigos purgatórios e, embora o sentenciado sofra dores insuportáveis, ele é incapaz de morrer, segundo deixa claro o *Bardo Thödol*.

Na versão do *Anguttara Nikāya*, onde existem três mensageiros – a pessoa idosa, homem ou mulher acometido de doença, e o cadáver – Buda conclui seu discurso da seguinte forma:

"Aqueles que, avisados por mensageiros celestes, permanecem indiferentes à religião, sofrem longamente, renascendo numa condição inferior."

"Os virtuosos, avisados pelos mensageiros celestes neste mundo, não negligenciam em professar as doutrinas sagradas. Vendo o perigo do apego, que é a causa do nascimento e da morte, eles extinguiram, nesta vida, as misérias da existência, chegando a uma condição livre do medo, feliz e livre de paixões e de pecados."[33]

X. A DOUTRINA DO RENASCIMENTO

Ao examinar a Doutrina do Renascimento em particular, tal como se apresenta em nosso texto, duas interpretações devem ser levadas em consideração: a interpretação literal ou exotérica, que é a interpretação popular, e a interpretação simbólica ou esotérica, tida como a correta pelos poucos iniciados que reivindicam, não autoridade bíblica ou fé, mas conhecimento. Com respeito ao Tibete, esses poucos são principalmente alguns lamas instruídos, considerados bem-sucedidos na aplicação de métodos similares aos que Buda expôs para lembrar-se de encarnações passadas e para a aquisição do poder *yógico*, de ver o que realmente ocorre no processo natural da morte e do renascimento. Ao devoto que procura antes entender do que simplesmente acreditar na autoridade dos sacerdotes ou dos livros, Buda ofereceu a seguinte orientação:

"Se ele deseja ser capaz de relembrar os vários estados temporários nos dias idos, como um nascimento, ou dois, três, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinqüenta, cem, mil ou cem mil, seus nascimentos em muitas eões de destruição e de renovação [de modo a poder dizer]: 'Nesse lugar, tal era o meu nome, a minha família, a minha casta, o meu modo de subsistência, a minha experiência de alegria ou de dor, e o limite de minha vida; e, após abandonar aquela, tomei forma outra vez nesse outro lugar, onde meu nome era fulano, tal era minha família, a minha casta, o meu modo de subsistência, a minha experiência de alegria ou de dor, e tal

33. Cf. tradução de E. R. J. Gooneratne, *Anguttara Nikāya, Eka Duka and Tika Nipāta*. Galle, Ceilão, 1913, pp. 160-65.

foi o fim de minha vida; e, daí, renasci aqui – assim, sou capaz de recordar meus vários estados temporários de existência nos dias idos' – nesse estado de autoconcentração, se a mente estiver fixada na obtenção de qualquer objetivo, esse objetivo será alcançado."

"Se ele deseja ver com visão pura e celestial, superior à dos homens, como os seres saem de um estado de existência e tomam forma em outros – seres baixos ou nobres, belos ou feios, felizes ou miseráveis, segundo o *karma* herdado – nesse estado de autoconcentração, se a mente está fixada na obtenção de qualquer objetivo, esse objetivo será alcançado." (*Lonaphala Vagga, Anguttara Nikāya*.)

Além disso, no *Brāhmaṇa Vagga, Anguttara Nikāya*, onde o método *yógico* de recuperação do conteúdo da subconsciência (que – confirmando a psicologia de Buda – a ciência ocidental provou agora que "é a morada de tudo o que é latente"[34]) é igualmente descrito, encontramos ainda a seguinte passagem: "Assim, ele traz à mente as várias aparências e formas de seus nascimentos anteriores. Este é o primeiro estágio de seu conhecimento; sua ignorância [dos nascimentos anteriores] dissipou-se, seu conhecimento (dos nascimentos anteriores) surgiu: a escuridão desapareceu e a luz chegou, como resultado para quem vive em meditação, dominando prontamente suas paixões."[35]

Segundo estamos informados, não há em nenhum lugar, nos dias atuais – conforme disseram haver existido nos tempos de Buddhaghosa – *iogues* entre os budistas do Sul que tenham exercido essa prática de forma bem-sucedida. É somente entre os budistas da Escola do Norte (asssim como entre os hindus) que esse tipo de *Yoga*, de acordo com o testemunho digno de confiança de indianos e tibetanos bem-informados, parece ser uma ciência praticada ainda em nossos dias, produzindo santos modernos, alguns dos quais dignos de serem considerados perfeitos santos ou *Arhants*.

Como a questão: Qual a interpretação correta, ou errada, da Doutrina do Renascimento? – não foi resolvida pelos povos orientais que cultivam essa doutrina, temos de reconhecer o problema como altamente controvertido. Por conseguinte, nesta seção do presente estudo, vamos tentar ponderar as duas interpretações cuidadosamente; e, se possível, chegar a uma conclusão plausível, a fim de guiar o leitor corretamente para o mais fundamental da doutrina subjacente ao *Bardo Thödol*. Assim sendo, seria interessante recorrermos à ciência ocidental, cujas contribuições parecem ser diretamente aplicáveis.

Quanto à interpretação esotérica, o editor descobriu que os iniciados que se apóiam nela seguem invariavelmente os preceitos de Buda contidos no *Kalama Sutta, Anguttara Nikāya*, ou em qualquer equivalente hindu em obras sobre *Yoga*, de não aceitar qualquer doutrina como verdadeira, até que seja testada e comprovada como legítima, mesmo que "conste das escrituras". Eles eram da opinião de que

34. William James, *Varieties of Religious Experiences*. Nova York, 1902, p. 483.

35. Cf. tradução de E. R. J. Gooneratne, *Anguttara Nikāya, Eka Duka and Tika Nipāta*. Galle, Ceilão, 1913, pp. 188-9 e 273-4. Passagens paralelas estão contidas no *Kandaraka Suttanta* e *Potaliya Suttanta* do *Majjhima Nikāya* (ver traduções de Bhikkhus Narada e Mahinda em *The Blessing*, Colombo, Ceilão, janeiro e fevereiro de 1925, vol. I, nºs 1 e 2). Buddhaghosa, em seu *Vissudhi Magga* (isto é, "Caminho da Pureza"), dá em maiores detalhes *yógicos* semelhantes métodos para recuperar (a partir do subconsciente) memórias de nascimentos passados.

nenhuma Escritura é infalível, em se tratando desta ou de outra doutrina, ou livre de corrupção, seja ela páli, sânscrita, tibetana ou outras.

A interpretação exotérica – especialmente no sentido de que o fluxo humano da consciência, isto é, o fluxo da vida humana, não apenas pode, mas, freqüentemente, reencarna em criaturas subumanas imediatamente após haver estado em formas humanas – é universalmente aceita pelos budistas, tanto da Escola do Norte como do Sul, assim como pelos hindus, os quais, ao se referirem às Escrituras, consideram-nas invariavelmente inquestionáveis. A crença desses hindus, baseada na autoridade do texto e nas teorias não-comprovadas de *gurus* e sacerdotes que não são adeptos da *Yoga* e que consideram os textos escritos interpretados literalmente como infalíveis, é considerada hoje em dia como sendo a interpretação ortodoxa.

Em contraposição à interpretação exotérica – que o *Bardo Thödol*, sem dúvida alguma, se entendido literalmente, estampa, a interpretação esotérica pode ser explicada – de acordo com vários filósofos, tanto hindus como budistas, de quem o editor recebeu instruções – do seguinte modo:

A forma humana (mas não a natureza divina do Homem) é uma herança direta dos reinos subumanos e evoluiu a partir de formas mais inferiores de vida, guiada por um contínuo fluxo de vida em constante crescimento e modificação. Esse fluxo de vida é, potencialmente, a consciência e pode, metaforicamente, ser chamado de semente da força da vida, relacionada com ou envolvendo cada criatura sensível, sendo, em sua essência, psíquica. Como tal, trata-se do princípio evolutivo, o princípio de continuidade, capaz de adquirir conhecimento e compreensão de sua própria natureza – princípio cuja meta normal é a iluminação. E, da mesma forma que a semente física de um organismo vegetal ou animal – ou mesmo a semente do homem – pode, como se vê, produzir somente um ser de sua própria espécie, assim também acontece com o que podemos chamar metaforicamente de semente psíquica do fluxo vital do homem, que os olhos não podem ver e que, se for de um ser humano, não pode se encarnar ou se envolver ou se ligar intimamente a um corpo estranho às suas características de evolução, seja neste mundo, no *Bardo* ou em qualquer reino ou mundo da existência *sangsārica*. Esta é considerada uma lei natural que governa a manifestação da vida, tão inviolável quanto a lei do *karma*, que a coloca em ação.

Para um fluxo de vida humana passar à forma física de um cachorro, pássaro, inseto ou verme é tão inviável quanto seria transferir as águas do – digamos – lago Michigan para a depressão geográfica ocupada pelas águas do lago Killarney, ou ainda – como diriam os hindus – colocar no leito do Ganges as águas do oceano Índico.

A degeneração de uma flor altamente desenvolvida numa maçã, num legume, num cereal ou num animal é, naturalmente, concomitante com a negligência cultural; mas, nesse período de criação – pelo menos até onde a ciência conseguiu penetrar nessa questão – a flor não degenera em maçã, nem em milho, nem uma espécie de animal degenera em outra, tampouco o homem pode degenerar em outra coisa senão num selvagem – mas nunca numa criatura subumana. No que tange ao processo do fluxo de vida que os olhos humanos não podem ver, os ensinamentos esotéricos coincidem com os dos antigos místicos gregos e egípcios: "Tal como foi embaixo, assim será em cima", o que implica o fato de que há uma

lei *kármica* harmoniosa que governa com justiça firme e imparcial as operações visíveis e invisíveis da natureza.

Daí advém o corolário, que os defensores orientais da interpretação esotérica proclamam: a progressão e o retrocesso – nunca um estado neutro imutável de inatividade – são as alternativas dentro do *Sangsâra;* mas nenhuma delas pode, em quaisquer das mansões da existência, conduzir o fluxo da vida para o limiar dessa mansão – nem o subumano para o humano, ou o humano para o subumano – a não ser passo a passo. A progressão e o retrocesso são processos temporais: passaram-se eras até que a bruma de fogo se tornasse um planeta solidificado; um Iluminado é o fruto raro de milhares de encarnações e o homem, o mais avançado dos seres animais, não pode tornar-se o mais inferior deles assim de repente, por mais hodiendos que possam haver sido os seus crimes.

Após eras de contínuo retrocesso, o fluxo vital, que hoje é humano, pode deixar de sê-lo, devido a que os seus constituintes humanos se atrofiam ou desativam por falta de exercício, mais ou menos como a atrofia frustra a atividade do órgão ou função de um corpo que não é utilizado. Por conseguinte, não sendo mais cinética, mas apenas potencialmente humano – assim como o cachorro, o cavalo e o elefante são potencial mas não cineticamente humanos – esse fluxo vital pode e ordinariamente recairá nos reinos subumanos, de onde pode de novo recomeçar a elevar-se ao estado humano ou continuar a retrogredir ainda mais para baixo do mundo dos brutos.

O Lama Kazi Dawa-Samdup, o tradutor, deixou registrada a sua própria opinião complementar, da seguinte maneira: "Os Quarenta e Nove Dias do *Bardo* simbolizam idades tanto de evolução como de degeneração. Os intelectos capazes de apreender a Verdade não caem em condições inferiores da existência."

"A doutrina da transmigração do humano para o subumano pode ser aplicada somente aos constituintes inferiores ou completamente brutos do princípio humano da consciência; pois o Conhecedor não encarna nem reencarna – ele é o Espectador."

"No *Bardo Thödol* o morto é representado retrogredindo, passo a passo, aos estados cada vez mais baixos de consciência. Cada passo para baixo é precedido de um desfalecimento na inconsciência; e, provavelmente, o que constitui sua mentalidade nos níveis inferiores do *Bardo* é algum elemento mental ou composto de elementos mentais que anteriormente foi parte de sua consciência no plano terreno, separado, durante o desfalecimento, dos elementos superiores ou mais espiritualmente iluminados dessa consciência. Tal mentalidade não deveria ser considerada no mesmo nível que a mentalidade humana; pois ela parece ser um desbotado e incoerente reflexo da mentalidade humana do morto. É possível que seja uma coisa tal como a que encarna nos corpos animais subumanos – se é que isso ocorre no sentido literal."

Essa teoria vinda do tradutor é excepcionalmente interessante, pois ele a expressou quando ainda não estava bastante inteirado da sua similaridade com a teoria defendida esotericamente pelos sacerdotes egípcios e registrada exotericamente por Heródoto, o qual, aparentemente, tornou-se discípulo deles no colégio monástico de Heliópolis. Julgando a partir do que Heródoto e outros gregos antigos, bem como os romanos, escreveram a respeito disso, chegamos ao seguinte resumo: a alma humana, acreditava-se, permanecia no estado do pós-morte durante um

período de três mil anos. Desintegrando-se o seu corpo do plano humano, no momento da morte, os constituintes irão formar os corpos de animais e plantas, transmigrando de um para o outro durante os três mil anos. Ao cabo desse período, a alma reúne as partículas idênticas de matéria que estiveram, assim, em contínua transmigração e que constituíram o seu primeiro corpo no plano terreno no momento da morte, e a partir delas reconstrói, através do hábito – como um pássaro constrói o seu ninho – um novo corpo, renascendo nele como ser humano.[36] E essa teoria, corrigida com algumas modificações necessárias, ajuda a ilustrar a interpretação simbólica ou esotérica da Doutrina do Renascimento no *Bardo.*

Num outro exemplo, aplicável ao Budismo e ao Hinduísmo superiores, representantes dessa doutrina fazem ver que, mesmo antes da dissolução final do corpo humano no momento da morte há uma incessante transmigração de átomos corporais. À medida que o corpo é receptáculo do princípio da consciência, diz-se

---

36. Cf. Heródoto; II, 123; Lucrécio, *De Rerum Natura*, III, 843-61. De acordo com os filósofos e historiadores, Heródoto (II, 171) recusa-se a divulgar de forma literal os ensinamentos superiores ou esotéricos dos mistérios da Antiguidade:

"Neste lago [dentro do recinto sagrado do templo de Saís] os egípcios encenam, à noite, a representação de suas aventuras [isto é, aventuras simbólicas relativas ao nascimento, vida, morte e regeneração de Osíris – 'cujo nome', escreve Heródoto, 'eu considero ímpio divulgar'], que eles chamam Mistérios. A esse respeito, contudo, embora eu esteja muito bem familiarizado com os seus pormenores, preciso observar [enquanto iniciado] um discreto silêncio. Assim também com respeito aos mistérios de Deméter [celebrados em Eléusis, na Grécia], que os gregos chamam de 'Thesmoforias', eu os conheço [enquanto iniciado], mas não os mencionarei, a não ser que eu o faça sem cometer impiedade [ou seja, legalmente]."

Ficou comprovado recentemente, por pesquisas arqueológicas e outras, que os Mistérios consistiam em encenações dramáticas acessíveis apenas aos iniciados e neófitos dignos de iniciação, o que ilustra os ensinamentos esotéricos universalmente difundidos a respeito da morte e da ressurreição (isto é, do renascimento); e que a doutrina da transmigração da alma humana nos corpos de animais – se representada – não era para ser entendida literalmente (como o foi pelos não-iniciados); mas sim simbolicamente, como na *República* de Platão, a que nos referiremos detalhadamente mais adiante. (Cf. Heródoto, II, 122.)

Heródoto, na última passagem mencionada, relata simbolicamente a descida ao Hades e o retorno ao mundo humano do rei Rhampsinito, em cuja honra os sacerdotes do Egito instituíram aquilo que provavelmente – se fosse interpretado de forma racional – era uma festa do renascimento. O mais antigo paralelo registrado de que se tem notícia existe no *Rig Veda* (*Mandala X, Sûkta* 135), onde, como Sâyana em seu *Comentary* no *Atharva Veda* (XIX) parece explicar, o menino mencionado é o mesmo menino Nachiketas do (*Taittirîya*) *Brâhmana*, que foi ao reino de Yama, rei da morte, no *Yama-loka*, e retornou, depois, ao reino dos homens. O antigo *Katha-Upanishad* confirma que essa lenda primitiva do Hades era interpretada esotericamente como ensinamento de uma doutrina do renascimento, sendo a história de Nachiketas usada ali como um veículo literário a fim de transmitir os mais altos ensinamentos vedânticos relativos ao nascimento, à vida e à morte. (Cf. *Katha-Upanishad*, II, 5; III, 8, 15; IV, 10-11; VI, 18.)

Uma lenda muito similar do Hades está preservada num antigo manuscrito javanês do século XIV, lenda na qual o *Yaksha Kuñjarakarṇa* é instado pelo Senhor Vairochana a "ir ao reino de Yama para ver o que está preparado para os malfeitores". Há um interesse particular em torno dessa versão, já que ela registra uma doutrina – afim com a referida pelos escritores gregos e romanos – dos períodos de milhares de anos de transmigração em plantas, animais e seres humanos deficientes antes de renascer num corpo humano livre dos defeitos *kármicos.* O texto menciona, igualmente, que, do reino de Yama, Pûrṇavijaya foi chamado de novo à vida humana. (Cf. *The Legend of Kuñjarakarṇa*, traduzido do texto holandês do Prof. Kern pela Sra. L. A. Thomas, no *Indian Antiquary*, Bombaim, 1903, vol. XXXII, pp. III-27.)

que ele se renova completamente a cada sete anos. Como os constituintes do homem físico transmigram através de todos os reinos, orgânicos e inorgânicos, e a mente permanece incambiavelmente humana durante o breve ciclo de uma vida, ele também, normalmente, permanece humano durante o ciclo evolutivo maior, isto é, até alcançar o fim de toda a evolução *sangsârica*, a saber, a iluminação *Nirvânica*.

O ensinamento esotérico relativo a esse aspecto pode ser postulado literalmente: o que é comum aos mundos humano e subumano – a saber, a matéria em seus aspectos variados – sólido, líquido e gasoso – transmigra eternamente. O que é especificamente humano e especificamente subumano permanece tal, de acordo com a lei da natureza segundo a qual os iguais se atraem e produzem outro igual, que todas as forças sempre seguem a linha da menor resistência e que esses compostos mentais, altamente desenvolvidos, como os associados ao complexo da consciência humana, não podem ser desintegrados instantaneamente, mas requerem a devida cooperação do tempo para se degenerarem e para a sua dissolução e transmigração derradeiras.[37]

---

37. O exame das *Leis de Manu*, cuja autoridade é considerada inquestionável pelos hindus ortodoxos, parece confirmar a interpretação esotérica, de acordo com a tradução de Sir William Jones, revisada por G. C. Haughton (*in Institutes of Hindu Law or The Ordinances of Manu*, Londres, 1825) e com a G. Bühler (*in The Sacred Books of The East*, vol. XXV, Oxford, 1886).

Manu estabelece, a princípio, as leis fundamentais segundo as quais "A ação que se origina da mente, da fala e do corpo produz resultados tanto bons como maus; da ação resultam as [várias] condições do homem, as mais altas, as médias ou as mais baixas"; e que "[O homem] obtém [os resultados] de uma [ação] mental boa ou má em sua mente, [o de] uma ação verbal em sua fala e [o de] uma ação física em seu corpo." (Tradução de Bühler, XII, 3, 8.)

Manu, a seguir, continua a mostrar como o homem não é um ser simples, mas complexo:

"Essa substância, que dá poder de movimento ao corpo, os sábios a chamam de *kshêtrafna* [isto é, o "conhecedor do campo" – trad. de Bühler] ou *jîvâtman*, o espírito vital; e a esse corpo, que por conseguinte obtém funções ativas, eles chamam de *bhûtâtman*, ou *composto de elementos*:

"Outro espírito interno, chamado *mahat* ou *grande alma*, acompanha o nascimento de todas as criaturas encarnadas e, portanto, em todas as formas mortais transmite a percepção de prazer ou dor."

"Esses dois – o espírito vital e a alma racional – estão intimamente unidos aos *cinco* elementos, mas associados ao espírito supremo ou essência divina, que impregna todos os seres, superiores ou inferiores." (Trad. de Jones, XII, 12-4.)

Pelo que segue, Manu parece querer significar que é somente esse "espírito vital" ou alma animal que pode transmigrar em formas subumanas, e não a "alma racional" ou princípio superanimal:

"Quando a alma vital tiver colhido o fruto dos pecados, que advém do amor de prazer sensual [isto é, animal ou bruto], mas que deve produzir sofrimento, e quando a sua mácula tiver sido removida, ela se aproxima novamente daquelas duas essências fulgentíssimas, a *alma intelectual* e o *espírito divino*:

"Os dois, intimamente unidos, examinam sem remissão as virtudes e vícios dessa alma sensitiva [ou animal] e, conforme essa união, ela obtém prazer ou dor nos mundos presente e futuro."

Se o espírito vital praticou mormente virtudes, e vícios em menor medida, ele desfruta o deleite nas moradas celestiais vestido com um corpo formado de partículas elementares [isto é, etéreas] puras;

"Mas, se geralmente se dedicou ao vício, e raramente procurou a virtude, então ele será

Por conseguinte, os esoteristas afirmam ser anticientífico acreditar que um fluxo de vida humano ou princípio de consciência possa reencarnar no corpo de uma criatura subumana durante o período de quarenta e nove dias após a sua extração da forma humana, conforme acredita o exoterista, que interpreta literalmente essa doutrina do renascimento segundo o *Bardo Thödol*, quando visto exotérica ou literalmente.

---

abandonado por esses elementos puros e, *possuindo um corpo mais grosseiro de nervos sensíveis*, sentirá as dores às quais Yama o condenará:

"Tendo suportado esses tormentos segundo a sentença de Yama, e estando a sua mácula quase removida, ele obtém outra vez aqueles cinco elementos puros na ordem de sua distribuição natural." (Tradução de Jones, XII, 18-22.)

Após discorrer mais ainda sobre a ciência do renascimento em seus aspectos esotéricos e racionais, Manu chega ao seguinte resumo:

"Assim sendo, condescendendo com os apetites sensuais [isto é, animais ou brutos] e negligenciando o cumprimento dos deveres, os homens mais torpes, ignorantes das sagradas expiações, assumem [na forma de seu espírito vital, mas não na forma de sua alma racional] as formas mais torpes.

"Ouvi agora, na íntegra e pela ordem, quais os corpos que o espírito vital penetra neste mundo e em conseqüência dos quais são cometidos pecados aqui." (Tradução de Jones, XII, 52-3.)

Manu, evidentemente, empenha-se, à parte o assunto principal de seu tratado, conforme todo o livro dAs *Leis* sugere, em tratar, com sanção legal e divina, o dogma segundo o qual a pessoa de um brâmane é peculiarmente sagrada e inviolável e, deste modo, dá proeminência ao pecado de matar um brâmane, mencionando-o em primeiro lugar; depois, alude ao pecado que é um sacerdote tomar bebidas alcoólicas e, mais adiante, ao pecado do sacerdote que rouba ouro. Em todos esses exemplos, bem como em todos os seguintes, a implicação, conforme já observamos acima, é a de que o "espírito vital" ou alma animal, separado dos dois elementos superiores da constituição complexa do homem, que são a "alma racional" e a "essência divina", sofre a penalidade da migração em criaturas subumanas:

"O assassino de um *Brâhmen* [isto é, o espírito vital ou alma animal irracional de um assassino de um *Brâhmen*] deve penetrar, *segundo as circunstâncias do crime*, o corpo de um cachorro, um varrão, um asno, um camelo, um touro, um bode, um carneiro, um veado, um pássaro, uma *Chandâla* ou um *Puccasa*"; e assim por diante para os outros crimes. (Tradução de Jones, XII, 55-7.)

Nesse sentido, é interessante observar algumas correspondências entre causa e efeito que outros casos das *Leis* sugerem. Destarte, se um homem rouba coisas preciosas, ele "nascerá *na tribo dos ourives* [considerada uma casta das mais baixas] ou entre *pássaros chamados hèmacâras ou fazedores-de-ouro*. Se um homem rouba cereais, nascerá como rato; se rouba um metal amarelo misto, nascerá como ganso [que é dessa cor mista]; se rouba água, nascerá como *plava* ou mergulhão... Se rouba carne comestível, nascerá como abutre;... se rouba óleo, nascerá como um *blatta* ou besouro bebedor de óleo;... se rouba perfumes deliciosos, nascerá como rato almiscarado". (Tradução de Jones, XII, 61-5.)

Entendendo Manu no sentido que esta nota pretende abordar, os esoteristas desaprovam a interpretação popular e literal das *leis* de Manu de acordo com o que os brâmanes, em seu próprio benefício – segundo os esoteristas –, promulgam entre a gente comum no tocante às doutrinas do renascimento e do *karma*.

O leitor deve observar que as palavras não-sânscritas grifadas nas passagens transcritas nesta nota da tradução de Sir William Jones assinalam as interpolações feitas aos comentários sobre Manu, especificamente as de *Gloss of Cukkuca*, e que as palavras entre colchetes indicam nossas próprias interpolações. Como as interpolações em itálico pretendem ressaltar os significados mais obscuros das passagens citadas, foi dada preferência à tradução de Jones, não obstante a de Bühler, mais literal e, portanto, mais técnica, ser, no essencial, praticamente a mesma.

Os símbolos do renascimento do *Bardo* deviam agora ser considerados a partir do ponto de vista da interpretação esotérica; e, para elucidá-los, inúmeros paralelos poderiam ser escolhidos de fontes bastante diferentes. Contudo, dada a sua autoridade reconhecida, nenhum paralelo poderia ser mais apropriado do que o do livro X da *República* de Platão, que descreve alguns dos heróis gregos no *Sidpa Bardo* prestes a escolherem os seus corpos para as próximas encarnações:

A legenda do *Bardo*, relatada na *República*, fala de Er, o filho de Armênio, panfílio de nascimento, que como Platão nos diz: "foi morto em batalha e, dez dias após, quando já estavam sendo recolhidos os corpos dos mortos já em estado de putrefação, seu corpo foi encontrado íntegro e levado para casa para ser sepultado. No décimo segundo dia, quando já estava na pira funerária, ele retornou à vida e contou-lhes o que tinha visto no outro mundo. Disse que, quando sua alma deixou o corpo, ele partiu numa viagem com um grande grupo e chegaram a um lugar misterioso no qual havia duas aberturas para a Terra; estas estavam próximas entre si e acima delas havia outras duas aberturas para o céu. No espaço intermediário, havia juízes que ordenavam aos justos, após terem julgado os mesmos e proferido suas sentenças diante deles, a subirem pelo caminho celestial à direita; e, igualmente, aos injustos, para descerem pelo caminho inferior à esquerda; estes também portavam os símbolos de seus atos, mas pregados às costas."

Havendo, assim, descrito o Juízo no outro mundo – muitíssimo semelhante ao Juízo descrito em nosso texto – Platão prossegue na descrição das almas dos heróis gregos em seu *Sidpa Bardo*, preparando-se para as próximas encarnações: "O espetáculo era curiosíssimo – disse ele – triste, risível e estranho; pois a escolha das almas, na maioria dos casos, baseava-se nas suas próprias experiências da vida anterior. Ali ele viu a alma que antes fora Orfeu a escolher a vida de um cisne, longe da inimizade da raça das mulheres, odiando ter nascido de uma mulher porque elas o haviam assassinado; ele viu, também, a alma de Tâmira escolhendo a vida de um rouxinol; aves, por outro lado, como o cisne, e outros músicos, esperando ser homens. A alma que obteve a vigésima sorte escolheu a vida de um leão – era a de Ájax, filho de Telemão, que não queria mais ser homem, lembrando-se da injustiça que sofrera no julgamento das armas. O próximo foi Agamenão, que tomou a vida de uma águia, pois, como Ájax, odiava a natureza humana devido aos seus sofrimentos. Mais ou menos no meio vinha a sorte de Atalanta, que, vendo a grande fama de um atleta, não foi capaz de resistir à tentação: depois dela seguiu-se a alma de Epeu, filho de Panopeu, que passou à natureza de uma mulher hábil nas artes. Mais adiante, e entre os últimos, a alma do bufão Tersites, que assumiu a forma de um macaco. Veio também a alma de Ulisses, tendo ainda que fazer a sua escolha, e sua sorte foi a última de todas. *A lembrança dos trabalhos passados o havia desencantado da ambição e ele partiu, por longo tempo, à procura de uma vida privada e sem preocupações; descobriu-a a custo, ali, em qualquer canto, e desprezada pelos outros;* ao vê-la, ele disse que, se houvesse sido o primeiro, teria procedido exatamente da mesma forma e tomou-a alegremente. E não apenas os homens passavam a formas animais, mas devo dizer também que havia animais domésticos e selvagens que intercambiavam suas formas e passavam para naturezas humanas correspondentes – o bom para o manso e o mau para o selvagem, em todo tipo de combinações."

Como o *Bardo Thödol*, esse relato de Platão acerca do processo do renascimento, se lido superficialmente, pode ser compreendido de forma literal. Não é impossível imaginar que Platão, um iniciado nos mistérios gregos, e que, como Heródoto, nunca se refere abertamente aos seus ensinamentos esotéricos, mas apenas de um modo figurativo e com um palavreado intencionalmente dúbio, pretendesse ser entendido pelos não-iniciados. Não obstante, quando essa passagem é examinada mais detidamente, a doutrina exotérica da transmigração do humano para o subumano, ou vice-versa, não é evidentemente o seu sentido principal. A referência, por nós grifada, da escolha feita por Ulisses, fornece a chave do seu verdadeiro significado. A escolha de Ulisses foi a última. Cada um dos heróis que o haviam precedido negligenciaram aquela porção "da vida privada e sem preocupações", e Ulisses a escolheu como a melhor de todas.

Se considerarmos o tipo de vida escolhido pelos gregos que precederam Ulisses, perceberemos que cada escolha simboliza definitivamente o caráter de cada um deles:

Assim, Orfeu, o fundador dos mistérios órficos, mestre divino enviado por Apolo, deus do canto e da música, para instruir os homens, tido pelos gregos como o maior harpista e o mais iluminado poeta e cantor, escolhe muito apropriadamente "a vida de um cisne", pois, desde tempos imemoriais, o cisne simbolizou – como ainda hoje – a canção e a música. A linguagem figurada de Platão, interpretada adequadamente, implica que Orfeu reencarnaria como um grande poeta e músico, o que seria mais do que natural. Pressupor, como podem fazer os exoteristas, que alguém como Orfeu pudesse renascer de fato como um cisne, é, para o esoterista, indefensável.

Da mesma forma Tâmira, antigo bardo trácio, famoso harpista e cantor, escolhe simbolicamente a vida de um rouxinol, o pássaro de canto suave.

Ájax, herói homérico, que, depois de Aquiles, foi o mais bravo dos gregos, escolhe muito adequadamente a vida de um leão, pois o rei dos animais, como se sabe desde tempos imemoriais, é um símbolo de bravura e destemor, reconhecido por quase todas as nações e raças.

Agamenão, o próximo a escolher, prefere a vida de uma águia; entre os heróis gregos, ele era o principal, como Zeus o era entre os deuses do Olimpo. Visto como uma encarnação de Zeus e adorado como uma divindade, era-lhe atribuído o símbolo de Zeus, a águia.

Atalanta, a mais rápida corredora dos mortais e famosa por suas corridas com suas muitas seguidoras, renasce muito naturalmente como uma grande atleta. Platão não usa símbolos, nesse caso, e tampouco o faz com Epeu, notável por sua destreza na construção do cavalo de madeira para o cerco de Tróia, e cuja covardia mais tarde tornou-se proverbial, o qual passa para "a natureza de uma mulher hábil nas artes".

Já o bufão Tersites, que assume a forma de um macaco, dispensa comentários.

Assim sendo, as expressões relativas ao horror dos heróis em nascerem de mulher parecem ser puramente metafóricas e usadas para confirmar logicamente o uso literário dos símbolos animais, da mesma forma como as passagens que falam de "animais domésticos e selvagens que intercambiavam suas formas e passavam para naturezas humanas correspondentes – *o bom para o manso e o mau para o selvagem, em todo tipo de combinações*", e, "por outro lado, de aves, como o cisne e outros músicos, que esperavam ser homens".

Mesmo a alma comum, a primeira que Er viu ao fazer a escolha – embora ele não fosse uma divindade como Orfeu ou Agamenão, nem um herói como Ájax – e embora possuindo uma mente caracterizada por tendências sensuais, não é destinada por Platão, conforme acreditaria um adepto da doutrina do renascimento exotérico, a renascer em forma subumana. Também neste caso, não se fez uso de um símbolo animal:

"Aquele que foi o primeiro a escolher avançou e logo escolheu a maior tirania; seu espírito, obscurecido pela loucura e pela sensualidade, não refletiu antes de escolher e não percebeu logo que estava fadado, entre outros males, a devorar seus próprios filhos... Ora, ele era um dos que haviam descido do céu e, numa vida anterior, vivera num Estado bem ordenado, mas sua virtude era apenas uma questão de hábito e ele não tinha uma filosofia."

Da mesma forma como o *Bardo Thödol* ensina, com outra linguagem, insistindo na necessidade do Conhecimento Correto para o adepto que segue o Caminho *Bódhico*, Platão diz:

"Pois, se um homem, desde sua chegada neste mundo, se houvesse dedicado sempre à verdadeira filosofia, e tivesse sido moderadamente afortunado no número da sua sorte, poderia, como disse o mensageiro, ter sido feliz aqui e também sua viagem para a outra vida e o retorno a esta, em vez de acidentados e furtivos, teriam sido fáceis e celestiais".[38]

Com a ajuda de símbolos e metáforas, Píndaro, Empédocles, Pitágoras e Sócrates, assim como Platão e os Mistérios Gregos, ensinaram a doutrina do renascimento.

Numa lápide funerária dourada, enterrada próximo a Sibáris, havia a seguinte inscrição: "E assim escapei do ciclo, doloroso e cheio de misérias".[39] Isto, como os ensinamentos órficos que conhecemos, é genuinamente budista ou hindu, e sugere que, na Grécia Antiga, a doutrina do renascimento era largamente difundida, pelo menos entre os gregos cultos iniciados nos mistérios.

Simbolismo similar ao de Platão era usado pelos encarregados de registrar as Escrituras Budistas, tal como, por exemplo, no relato da Escola do Norte sobre o nascimento do próprio Buda. Este relato, do *Vinâya Pitaka* tibetano ou *Dulva* (a mais fidedigna e, provavelmente, a mais antiga parte do *Bkah-hgyur*), III, fólio 452ª da cópia que se encontra no East Indian Office, declara:

"Ora, o futuro Buda estava no Céu de Tuṣhita e, sabendo que sua hora havia chegado, fez os cinco exames preliminares: primeiro, da família adequada na qual nasceria; segundo, do país; terceiro, do dia; quarto, da raça, e cinco, da mulher. E tendo decidido que Mahâmâyâ era a mãe certa, na vigília da meia-noite ele penetrou em seu ventre sob a forma de um elefante. Então, a rainha teve quatro sonhos: no primeiro, viu um elefante branco com seis presas entrar em seu ventre; no segundo, ela se movia no espaço do céu; no terceiro, subia numa grande montanha rochosa; e, no quarto, uma grande multidão fazia-lhe reverências.

"Os adivinhos predisseram que ela poria no mundo um filho com os trinta e dois sinais do grande homem. 'Se ele ficar em casa, tornar-se-á um monarca

38. Cf. B. Jowett, *Dialogues of Plato*. Oxford, 1892, III, pp. 336-37; *Republic*, X, pp. 614-20.

39. *Incr. gr. Sicil. et Ital.* p. 641; cf. Waddell, *The Buddhism of Tibet*, p. 109[2].

universal; mas se cortar os cabelos e a barba, usar túnica alaranjada e deixar sua casa pela vida sem lar, renunciando ao mundo, ele se tornará um *Tathâgata*, um Arhant, um Buda perfeitamente iluminado.'"

Além disso, o *Jâtaka* – da Escola do Sul, uma compilação de folclore, crenças e mitologia populares relativas a Buda e às suas várias encarnações, cristalizadas em torno de Sua personalidade da mesma forma como as lendas arturianas em torno do rei Artur, durante o terceiro século após a Sua morte[40] – atribuiu-lhe muitos nascimentos anteriores em forma subumana. E, ainda que o esoterista admitisse que, em eras remotas de evolução, tais encarnações tivessem sido realmente subumanas, ele daria às encarnações ocorridas nesse período do mundo um significado simbólico, enquanto que o theravâdista ortodoxo interpretaria todas elas literalmente.

Em todo caso, uma interpretação literal do *Jâtaka* – visto que é, de acordo com os esoteristas, essencialmente um tratado exotérico dirigido ao povo[41] – parece ser mais plausível que a do relato do *Dulva* sobre o nascimento de Buda. Além disso, já que existe um relato paralelo nas escrituras pális, onde o mesmo símbolo animal, ou seja, o elefante branco de seis presas, é usado, temos aqui um exemplo do uso do simbolismo, com propósito definido, comum tanto ao Budismo do Norte quanto ao do Sul, uso que mesmo o exoterista não poderia interpretar senão simbolicamente.

Da mesma forma, como a interpretação popular parece ter moldado fundamentalmente o *Jâtaka*, ela pode ter afetado também a compilação do *Bardo Thödol*; pois, como todos os tratados que tiveram pelo menos um princípio embrionário em tempos muito remotos e, então, cresceram por um processo comum de amalgamar material congênito, da mesma forma o *Bardo Thödol*, enquanto Doutrina da Morte e do Renascimento, parece ter existido, inicialmente, apenas sob forma não-escrita, como quase todos os livros sagrados ora registrados em pâli, sânscrito ou tibetano, sendo um produto de muitos séculos. Então, com o tempo, ao se desenvolver plenamente e ser posto em linguagem escrita, sem dúvida deve ter perdido algo de sua pureza primitiva. Por sua própria natureza e uso religioso, o *Bardo Thödol* teria sido bastante suscetível à influência da visão popular ou exotérica; a nosso ver, ele de fato caiu sob tal influência, de modo a tentar o impossível, ou seja, a harmonização das duas interpretações. Não obstante, seu esoterismo original é ainda discernível e predominante. Tomemos, por exemplo, os tronos em forma de animais dos Cinco Budas *Dhyâni*, segundo o *Bardo Thödol* os descreve, de acordo com a simbologia budista do Norte: o trono-Leão está associado a Vairochana; o trono-Elefante, a Vajra-Sattva; o trono-Cavalo, a Ratna-Sambhava; o trono-Pavão, a Amitâbha e o trono-Harpia, a Amogha-Siddhi. Ao interpretar os símbolos, percebemos que eles descrevem poeticamente os atributos de cada divindade: o Leão simboliza coragem ou poder, e força soberana; o Elefante, imutabilidade; o Cavalo, sagacidade e beleza da forma; o Pavão, beleza

40. Os theravâdistas, ao contrário, acreditam que o *Jâtaka* data do tempo de Buda, e que seus versos, mas não sua prosa, são os verdadeiros versos de Buda.

41. Aqui, outra vez, em oposição a esse ponto de vista, os budistas do Sul afirmam que o *Jâtaka*, em seus versos, é a parte mais transcendental do *Sûtra Pitika*, sendo destinado mais ao estudo pelos Boddhisattvas do que para a gente comum.

e poder de transmutação, pois, na crença popular, acredita-se que ele tenha o poder de comer venenos e transformá-los na beleza de suas penas; a Harpia, poder e conquista sobre todos os elementos. Também as divindades são, em última análise, símbolos de atributos *bòdhicos* particulares do *Dharmakāya* e das forças celestiais da Iluminação que deles emanam e das quais o devoto pode depender para guiar-se no Caminho para o estado de Buda.

Se tentarmos uma interpretação esotérica dos símbolos animais usados no *Sidpa Bardo* — interpretação que encontra o seu paralelo na interpretação esotérica obviamente pretendida no episódio do *Sidpa Bardo* de Platão, bem como no relato do *Dulva* sobre o nascimento de Buda — teremos suficientes símbolos de renascimento budistas cuja interpretação esotérica é claramente conhecida e geralmente aceita para guiar-nos.

O Dr. L. A. Waddell, conhecida autoridade em Lamaísmo, em seu livro *Lamaism in Sikkim*[42], refere-se ao simbolismo da famosa pintura mural, recentemente estragada, do *Sī-pa-ī-khor-lo* ou "Círculo de Existência", do mosteiro de Tashiding, em Sikkim, da seguinte maneira: "Essa pintura é um dos mais genuínos emblemas budistas que os *lamas* preservaram para nós. Foi através dessa pintura que pude restaurar o fragmento de um ciclo na entrada da Caverna nº XVII de Ajaṇṭā, até hoje mal-interpretado e simplesmente conhecido como 'o Zodíaco'. Ali estão retratados, de forma simbólica e concreta, os três pecados originais e as reconhecidas causas de renascimento (*Nidānas*) para que eles sejam percebidos com clareza e evitados; enquanto que os males da existência, em suas várias formas, e as torturas do réprobo servem para intimidar os malfeitores." Os três pecados originais são descritos, nessa pintura, como um porco, um galo e uma cobra, cujos significados esotéricos os explicam assim: "O porco simboliza a ignorância da estupidez; o galo, o desejo animal ou luxúria; e a cobra, o ódio".[43] Nas ilustrações simbólicas que acompanham as Doze *Nidānas*, somente a terceira é um animal, sendo as outras símbolos humanos ou figurativos; no caso do animal, trata-se de um macaco comendo frutas, simbolizando o conhecimento completo (em tibetano, *Nam-she;* em sânscrito, *Vijñāna*) dos frutos bons e dos maus, através da degustação de todo fruto ou experiência sensual à maneira de um errante libertino não-guiado filosoficamente, gerando assim a consciência.[44]

Assim sendo, as formas animais e os meios ambientes citados no Segundo Livro do *Bardo Thödol* (veja-se pp. 135-37, 140), enquanto possíveis formas ambientes nas quais o princípio de consciência humano vai entrar ao renascer neste mundo, podem ser interpretadas da seguinte maneira:

1) A forma de cão (como a do galo na "Roda da Vida") simboliza a sexualidade ou sensualidade excessivas.[45] Na ciência tibetana popular, ela simboliza também o ciúme. E o canil simboliza a residência ou o viver num estado de sensualidade.

---

42. *Gazetteer of Sikkim*, org. por Risley, p. 266.

43. *Id., ibid.*, p. 267.

44. *Ibid*, p. 268.

45. Compare a seguinte passagem do *Yoga Vāshishtha (Nirvāṇa Prekaraṇa, Sarga 28,* versos 78-9): "Aqueles sábios pánditas, instruídos nos Shāstras, devem ser considerados chacais se não abandonarem o desejo e o rancor."

2) O porco simboliza (como na "Roda da Vida") a ignorância da estupidez dominada pela luxúria; assim como egoísmo e impureza. A pocilga simboliza a existência mundana dominada por essas características.

3) A formiga simboliza (como entre os povos ocidentais) trabalho e cobiça de bens mundanos. O formigueiro, a vida dominada por essa característica.

4) O inseto ou verme simboliza uma condição terrena ou abjeta, e sua toca, a vida dominada por essa condição (ver texto, p. 136).

5) As formas do veado, do cabrito, da ovelha, do cavalo e da ave (veja-se texto, p. 136) simbolizam, da mesma maneira, as características comuns correspondentes a esses animais e aos animais superiores, os homens, tal como quase todos os povos civilizados o fizeram, ilustrando-as popularmente em sua mitologia, como aquela na qual Esopo baseou suas *Fábulas*. No *Antigo Testamento*, as visões do profeta Esequiel e, no *Novo Testamento*, o *Apocalipse* de São João, mostram como a simbologia animal afetou até mesmo a *Bíblia*. E, a nosso ver, os exoteristas budistas e hindus devem reler suas próprias Escrituras à luz da ciência dos símbolos e, talvez, sua oposição ao esoterismo seja abandonada.

Por conseguinte, os símbolos animais do *Sidpa Bardo* — a despeito de evidentes adulterações do texto e da doutrina esotérica do renascimento denotada por esses símbolos — deveriam, na verdade, ser entendidos no sentido de que, de acordo com o próprio *karma*, um princípio humano de consciência, a não ser que ocorra a Libertação, continuará, sob as condições *kármicas* normais de progressão gradual que governam a maioria da humanidade, a renascer sob a forma humana nesse período de criação, com os traços mentais ou características simbolizadas por animais. Sob condições *kármicas* anormais ou excepcionais de retrogressão, ele pode, por outro lado, com o correr do tempo, perder gradualmente sua natureza humana e cair de novo nos reinos subumanos.

Conforme explicou o tradutor, basta olhar em volta, no mundo humano, para encontrar o homem-tigre sedento de sangue, ou seja, o assassino; o homem-porco, luxurioso; o homem-raposa, enganador; o homem-macaco, ladrão e imitador; o homem-verme, abjeto; o homem-formiga, trabalhador e, amiúde, avaro; o homem-borboleta, efêmero e, às vezes, declaradamente esteta; o homem-boi, forte; o homem-leão, destemido. A vida humana é muito mais rica em possibilidades de sair, pouco a pouco, do mau *karma* — não importa quão animal o *karma* possa ser — do que quaisquer espécies subumanas. As crenças populares incultas — tão comuns em terras budistas e hindus — segundo as quais o assassino deve, inevitavelmente, renascer como um animal feroz de rapina, o homem sensual como um porco ou um cachorro, o avarento como uma formiga, são, portanto, como muitas outras crenças populares, baseadas evidentemente em falsas analogias — algumas das quais insinuaram-se nas Escrituras orientais — e numa visão excessivamente limitada das inúmeras condições oferecidas pela encarnação humana, do santo para o criminoso, do rei-imperador para o favelado e do homem culto para o selvagem mais baixo.

De acordo com as nossas descobertas, esse ensinamento superior e racional relativo ao renascimento — que está no *Bardo Thödol* — é, talvez, confuso, devido às alterações do texto. Podemos, agora, resumi-lo. Se, no Plano da Incerteza, a influência de tendências inatas ou *kármicas* do desejo pelas sensações mais grosseiras da existência *sangsārica*, como as que governam a vida num corpo humano, pode ser

dominada através do exercício da influência mais poderosa do Conhecimento Correto, essa parte do princípio da consciência capaz de compreender o estado de Buda triunfa e o falecido, ao invés de ser tomado por visões de terríveis espectros alucinantes da sua natureza inferior ou animal, passa o intervalo entre a morte e o renascimento humano num dos reinos do paraíso, e não no *Bardo*. No caso de alguém mais iluminado ser dotado de espiritualidade excepcionalmente desenvolvida, isto é, se for um grande santo *yógico*, ele poderá alcançar o mais alto dos paraísos e renascer entre os homens sob o poder orientador dos "Senhores do *Karma*", os quais, ainda que sendo seres *sangsáricos*, são descritos pelos lamas como incomensuravelmente mais evoluídos que o homem. Guiado, assim pelos "Guardiães da Grande Lei", aquele que retorna à *Terra* é tido como reencarnado por compaixão, para ajudar a espécie humana; ele vem como um mestre, um missionário divino, um *Nirmânakâya* encarnado. Normalmente, entretanto, o renascimento é do tipo inferior ou comum e – devido à falta de iluminação de quem se sujeita a ele – desprovido da consciência do processo. Da mesma forma que uma criança que não conhece nada de matemática superior não pode medir a velocidade da luz, assim também o homem animal não pode tirar proveito da lei superior que governa o renascimento do homem divino. Bebendo do Rio do Esquecimento, ele entra pela porta do ventre e renasce diretamente no mundo do desejo denominado *Bardo*. Esse renascimento inferior, quase bruto, em muitos casos, já que é controlado principalmente pelos instintos animais comuns às criaturas humanas e subumanas, difere entretanto daquele dos brutos propriamente dito, em virtude da atividade funcional do elemento puramente humano da consciência, o qual está latente, e não ativo, em todas as criaturas subumanas; e, para esse elemento, mesmo na humanidade mais inferior, tornar-se latente em vez de ativo, é preciso que transcorra um período de tempo tão longo quanto o necessário à consciência subumana para desenvolver seu elemento humano latente em plena atividade humana. O equívoco popular da Doutrina superior ou esotérica do Renascimento presenciou, ao que parece, o surgimento da crença obviamente irracional, encontrada em quase toda parte através das Escrituras do Budismo e do Hinduísmo, de que o princípio bruto da consciência em seu todo, como também o princípio humano da consciência, podem trocar alternadamente de lugar um com o outro.

O Dr. E. B. Tylor, pai da moderna ciência, Antropologia, após minucioso exame do material existente, observou que a doutrina superior do renascimento é a mais razoável:

"Assim, é possível que a idéia original da transmigração foi direta e razoável ao dizer que as almas humanas renascem em novos corpos humanos... O animal é a própria encarnação das qualidades familiares do homem; e nomes como leão, urso, raposa, coruja, papagaio, víbora, verme, quando atribuídos por nós como epítetos aos homens, resumem, numa palavra, algum traço principal de uma vida humana."[46]

Que essa é a verdadeira interpretação está confirmada, no que diz respeito à Europa, pelos ensinamentos dos druidas, sacerdotes da religião científica pré-

46. E. B. Tylor, *Primitive Culture*. Londres, 1891, II, p. 17.

cristã da Europa, instruídos como os brâmanes, ensinamentos esses preservados pelas nações célticas.[47]

No livro *The Fairy-Faith in Celtic Countries*, de 1911, sugeri que a doutrina do renascimento, em sua forma druídica direta, concorda no essencial com a ciência psicológica do Ocidente, quando diz que o subconsciente é o armazém de todas as memórias latentes; que essas memórias não se limitam apenas a uma vida; que esses registros de memória, recobrados, provam que a doutrina está baseada em fatos demonstráveis. Desde 1911, a tendência geral das pesquisas psicológicas ocidentais no campo do subconsciente e na psicanálise tem sido no sentido de confirmar esse ponto de vista.

Quando escrevi *The Fairy-Faith*, eu não estava inteirado de que Huxley defendia a teoria da reencarnação humana para explicar melhor mesmo os fenômenos fisiológicos e biológicos comuns. E já que o testemunho de Huxley, um dos maiores biólogos, coincide com o supramencionado do Dr. Tylor, um dos mais destacados antropólogos modernos, e também confirma, do ponto de vista de nossa própria ciência ocidental, a interpretação mais elevada ou esotérica da Doutrina do Renascimento tal como é oferecida pelas ciências ocultas do Oriente, nós o registramos aqui como uma conclusão própria para esta seção:

"As experiências cotidianas nos familiarizam com os fatos que são agrupados sob o nome de hereditariedade. Cada um de nós traz em si marcas óbvias de parentesco, talvez das mais remotas ancestralidades. Mais particularmente, o conjunto das tendências para agir de certa maneira, que chamamos de 'caráter', pode freqüentemente ser reencontrado no curso de uma longa série de ascendentes e parentes. Assim, podemos dizer, com justiça, que esse 'caráter' – essa essência moral e intelectual de um homem – passa, na verdade, de um tabernáculo de carne para outro e transmigra realmente de geração para geração. No recém-nascido, o caráter da linhagem permanece latente e o Ego é um pouco mais do que um feixe de potencialidades. Mas, ainda bem cedo, estas se tornam realidade; da infância à idade madura, elas se manifestam em obscuridade ou em claridade – em fraqueza ou força, em vício ou virtude; e, sendo cada aspecto modificado pelo contato com outro caráter, se não por alguma outra coisa, o caráter então passa às suas encarnações em novos corpos. Os filósofos indianos chamam a esse caráter, assim definido, de *'karma'*...

"Na teoria da evolução, a tendência de um germe para se desenvolver de acordo com certo tipo específico – por exemplo, do feijão que leva a planta a ter todas as características do *Phaseolus vulgaris* – é o seu *karma*. Trata-se do 'último herdeiro e do último resultado' de todas as condições que afetaram uma linha de ancestralidade que remonta a milhões de anos, aos tempos em que a vida surgiu sobre a Terra...

"Como disse com acerto o Prof. Rhys-Davids (em suas *Hibbert Lectures*, p. 114), o copo-de-leite é copo-de-leite e não carvalho, isso porque ele é o

47. Cf. César, *De B. G.*, VI, 14-5; 18-1; Diodorus Siculus, V, 31-4; Pomponius Mela, *De situ Orbis*, III, c. 2; Lucano, *Pharsalia*, I, 449-62; *Barddas*, Llandovery, 1862, I, 177, 189-91; e W. Y. Evans-Wentz, *The Fairy-Faith in Celtic Countries*, Oxford, 1911, caps. VII e XII.

resultado do *karma* de uma série ininterrupta de existências passadas."[48]

XI. A COSMOGRAFIA

A cosmografia budista, tal como é entendida pelos lamas e à qual aludimos continuamente através de nosso texto, em particular em relação com a Doutrina do Renascimento, é um assunto bastante vasto e complexo. Considerá-la aqui em detalhes envolveria a interpretação, tanto exotérica como esotérica, de uma enorme quantidade de doutrinas, de origem mais ou menos bramanista, que dizem respeito aos muitos estados dos seres sensíveis no *Sangsāra* ou cosmos — alguns planetários, como neste mundo, alguns nos vários céus e paraísos, e outros nos numerosos estados de purgação chamados de inferno. Generalizando, poderíamos dizer que, quando se examina minuciosamente os ensinamentos bramanistas e budistas relativos à cosmografia, a partir do ponto de vista do iniciado oriental e não do freqüentemente preconceituoso ponto de vista do filólogo cristão, tais doutrinas parecem deixar transparecer um profundo conhecimento, transmitido desde os tempos antigos, de astronomia, da forma e do movimento dos corpos celestes, assim como da interpenetração dos mundos e dos sistemas de mundos, alguns sólidos e visíveis (tal como são conhecidos pela Ciência Ocidental) e outros etéreos e invisíveis, existindo naquilo que poderíamos chamar de quarta dimensão do espaço.

Esotericamente falando, o Monte Meru (em tibetano, *Ri-rab*), isto é, a montanha central da cosmografia hindu e budista, em torno da qual o nosso cosmos se acha disposto em sete círculos de oceanos separados por sete círculos concêntricos de montanhas douradas, é o cubo universal, o suporte de todos os mundos. Poderemos, possivelmente, considerá-lo como o Sol Central da astronomia ocidental, como o centro gravitacional do universo conhecido. Fora dos sete círculos de oceanos e dos sete círculos intermediários das montanhas douradas, encontra-se o círculo dos continentes.

Por exemplo: uma cebola com quinze camadas poderia representar, *grosso modo*, a concepção lamaica do nosso universo. O centro, ao qual estão unidas essas quinze camadas, é o Monte Meru. Abaixo, encontram-se os vários infernos; acima, sustentado pelo Monte Meru, estão os céus dos deuses, os mais sensuais, como os trinta céus onde reina Indra, e os que estão sob o poder de Māra, dispostos, em sua gradação regular, sob os céus menos sensuais de Brāhma. Como um cimo, acha-se o céu final, chamado "O Supremo" (em tibetano, *'Og-min*). Sendo o último ponto do nosso universo, *'Og-min*, como vestíbulo do *Nirvāna*, é o estado de transição que leva do mundano ao divino; e assim, é presidido pela influência divina de "O Melhor de Todos" (em tibetano, *Kuntu-zang-po;* em sânscrito, *Samanta-Bhadra*), personificação *lamaica* do *Nirvāna*.

48. T. H. Huxley, *Evolution and Ethics*. Londres, 1894, pp. 61-2 e 95. William James, conhecido psicológo norte-americano, chegou independentemente, no essencial, à mesma conclusão que Huxley, pois, após explicar sua "incapacidade de aceitar tanto o cristianismo popular como o teísmo escolástico", diz ele, "não conheço o Budismo e talvez me engane, e simplesmente para descrever melhor meu ponto de vista; porém, do modo como entendo a doutrina budista do *Karma*, concordo em princípio com ela" (*The Varieties of Religious Experiences*, pp. 521-22).

No mesmo nível do reino de Indra, em seus próprios mundos celestiais, vivem as oito Deusas Mães (em tib., *Hlāmo*), que aparecem em nosso texto. São as Deusas Mães dos antigos hindus, chamadas, em sânscrito, *Mātṛis*.

Dentro do próprio Monte Meru, acima do qual encontram-se os Céus, há quatro reinos, um em cima do outro. Destes, os três mais baixos são habitados por vários tipos de gênios e, no quarto, imediatamente abaixo dos Céus — dos quais foram expelidos, como anjos caídos da tradição cristã, por seu orgulho — habitam os *Asuras*, "Espíritos Ímpios" (em tib., *Lha-ma-yin*) ou Titãs, os quais, como rebeldes, vivem e morrem em contínua luta com os deuses acima.

A camada mais interior da cebola é o Oceano que circunda o Monte Meru. A camada seguinte, em direção ao exterior, é a das Montanhas Douradas; a próxima mais além é outro Oceano; e assim por diante, um ciclo de Montanhas Douradas sempre vindo após um ciclo de Oceanos, até alcançar a décima quinta camada, que contém o Oceano mais externo e no qual flutuam os continentes e seus satélites. A casca da cebola é uma parede de ferro que circunda esse universo.

Para além desse universo há um outro, e assim por diante, infinitamente.[49] Cada universo, como um grande ovo cósmico, encontra-se dentro da parede de ferro em forma de concha que encobre a luz do Sol, da Lua e das estrelas, parede essa que simboliza a escuridão perpétua que separa um universo do outro. Todos os universos estão sujeitos à lei natural, cujo sinônimo, comumente, é *Karma*; pois, no Budismo, não há nenhuma necessidade científica de afirmar ou de negar a existência de um Deus Criador supremo, já que a Lei do *Karma* fornece uma explicação completa de todos os fenômenos, e ela mesma é demonstrável.

Cada universo, como o nosso, repousa sobre uma "trama" de ar azul (isto é, de éter), simbolizada por *dorjes* cruzados. Acima desse encontra-se o "corpo das águas" do Oceano externo. Cada Oceano simboliza um estrato de ar (ou éter), e cada uma das montanhas intermediárias, um estrato de ar congelado (ou éter), isto é, de substância material. Ou, de um ponto de vista mais oculto, os Oceanos representam o sutil e as montanhas o grosseiro, ambos alternando-se como opostos.

Como os Setes Dias da versão mosaica da Criação, as dimensões numéricas que os lamas atribuem ao nosso universo devem ser freqüentemente tomadas de forma sugestiva ou simbólica, e não literal. Dizem eles que o Monte Meru tem 80.000 milhas de altura acima do Oceano Encantado Central, e que se estende por baixo da superfície das águas à mesma distância, sendo que o Oceano Central tem também 80.000 milhas de profundidade e outro tanto de largura. O cinturão seguinte das Montanhas Douradas tem apenas a metade desse número de milhas em altura, largura e profundidade, e o Oceano seguinte possui 40.000 milhas de profundidade e 40.000 de largura. Os círculos consecutivos de pares alternados compostos de Montanhas Douradas e um Oceano Encantado diminuem gradualmente em largura, profundidade e altura, sendo respectivamente de 20.000, 10.000, 5.000, 2.500, 1.250 e 625 milhas. Isso nos leva aos continentes do Oceano Externo do espaço.

49. Se pudéssemos tomar a concepção lamaísta do universo como sendo a de um sistema cósmico, e a pluralidade de universos como uma pluralidade de sistemas cósmicos que formam um universo, poderíamos então correlacionar melhor a cosmografia do Budismo do Norte (e a do Brāhmanismo, de onde parece que ele se originou) com a cosmografia da Ciência do Ocidente.

Desses continentes, os quatro principais – como estão descritos no Segundo Livro do *Bardo Thödol* – estão situados nas quatro direções. Em cada lado de cada um desses quatro continentes encontram-se os satélites ou planetas menores, perfazendo 12 o número total dos continentes, mais uma vez um número simbólico, como o número sete da ordem cosmográfica.

O continente do Leste é chamado, em tibetano, de *Lü-pa* (*Lushpags*) ou "Vasto Corpo" (em sânscrito: *Virât-deha*). Sua forma simbólica é semelhante à da Lua no quatro crescente; sua cor é igualmente branca, sendo que as faces de seus habitantes são também crescentes e seus espíritos são calmos e virtuosos. O diâmetro desse continente é de 9.000 milhas.

O continente do Sul é o nosso planeta Terra, chamado *Jambuling* (em sânsc.: *Jambudvīpa*), palavra provavelmente onomatopaica – conforme acreditava o tradutor inglês – imitando o fruto do jambo ao cair na água; *ling* significa "lugar" ou "região". Dessa forma, *Jambuling* deveria significar a região ou continente onde o jambo cai na água. Sua forma simbólica é semelhante à do omoplata de um carneiro, isto é, subtriangular, ou melhor, a forma de uma pêra, com a qual a face dos habitantes se assemelha. Sua cor é azul. Há riquezas e fartura nele, assim como o bem e o mal. Ele é tido como o menor dos quatro continentes, tendo não mais que 7.000 milhas de diâmetro.

O continente do Oeste se chama *Balongchöd* (*Ba-glang-spyöd*), que significa literalmente *vaca + boi + ação* (em sânsc., *Godhana*, ou "Riqueza de Bois"). Sua forma é a do Sol, e sua cor, a vermelha. Seus habitantes, cujas faces são redondas como o Sol, são considerados muito poderosos e habituados a se nutrirem de gado, conforme o próprio nome do continente sugere. Seu diâmetro é de 8.000 milhas.

O continente do Norte é o *Daminyan* ou *Graminyan* (*Sgrami-snyan*), o que equivale, em sânscrito, a *Uttara Kuru*, ou "[raça] Kuru do Norte". Sua forma é quadrada e sua cor verde. Seus habitantes têm as faces igualmente quadradas como as dos cavalos. As plantas fornecem tudo o de que necessitam como alimento e o *Kuru*, ao morrer, assombra as árvores como espírito – das árvores. Este é o maior dos continentes, tendo 10.000 milhas de diâmetro.

Cada continente-satélite assemelha-se ao continente ao qual está ligado e, em tamanho, é a metade dele. O satélite esquerdo de nosso planeta (*Jambuling*), chamado *Ngâyabling*, é, por exemplo, o mundo dos *Râkṣhasas*, para os quais Padma Sambhava, o grande *guru* do Lamaísmo, é tido como o *guru* que para lá partiu a fim de ensinar aos *Râkṣhasas* a bondade e a salvação e que lá ficou como rei.[50]

Subjacente a essa cosmologia lamaica, encontraremos, se o buscarmos, um simbolismo elaborado. Tomemos como exemplo a descrição do Monte Meru segundo o Dr. Waddell: "Sua face leste é de prata, a do sul é de jaspe, a do oeste de rubi e a do norte de ouro."[51] Isso ilustra o uso de antigos símbolos muito semelhantes aos do *Apocalipse* de João. A explicação racional completa de todo o simbolismo relativo à cosmografia hindu e, por outro lado, budista, não caberia

50. Cf. *Gazetter of Sikkim*, pp. 320-23.

51. Cf. *ibid*, p. 322.

de modo algum nesta Introdução, mesmo que nos fosse possível fazê-la. Basta dizer que a posse da chave de tal explicação encontra-se nas mãos de alguns professores especialistas em ciências ocultas na Índia e no Tibete. Segundo esses mestres, comparada com esses conhecimentos ocultos no reino do espírito e da matéria, nossa ciência ocidental ainda se encontra no Umbral do Templo da Compreensão.

XII. RESUMO DOS ENSINAMENTOS FUNDAMENTAIS

Antes de passarmos às seções finais desta Introdução, que tratam do próprio manuscrito, podemos resumir os ensinamentos principais do *Bardo Thödol* da seguinte forma:

1. Todas as condições ou estados possíveis, ou reinos da existência *sangsârica*, céus, infernos e mundos, dependem inteiramente dos fenômenos ou, em outras palavras, não passam de fenômenos;

2. Todos os fenômenos são transitórios, ilusórios, irreais e inexistentes, salvo para a mente *sangsârica* que os percebe;

3. Não existe, na realidade, em lugar algum, seres tais como deuses, demônios, espíritos, ou criaturas sensíveis – todos não passam de fenômenos que dependem de uma causa;

4. Essa causa é um apelo ou sede de sensação, de acordo com o estado da instável existência *sangsârica*;

5. Enquanto essa causa não for superada pela Iluminação, a morte seguirá ao nascimento e o nascimento à morte, incessantemente, assim como acreditava o sábio Sócrates;

6. A existência do pós-morte não é senão a continuação, sob condições modificadas, de todos os fenômenos nascidos da existência do mundo humano – sendo ambos igualmente estados *kármicos*;

7. A natureza da existência que intervém entre a morte e o renascimento, neste ou em qualquer outro mundo, é determinada pelas ações antecedentes;

8. Encarada a partir de um ponto de vista psicológico, a existência do pós-morte é a continuação de um estado de sonho naquilo que poderia ser descrito como a quarta dimensão do espaço, que é pleno de visões alucinatórias resultantes diretas do conteúdo mental daquele que as percebe: feliz e celestial, se o seu *karma* for bom; miserável e infernal, se o *karma* for ruim;

9. A menos que a Iluminação seja alcançada, o renascimento no mundo humano, seja diretamente a partir do *Bardo* ou de qualquer outro mundo, paraíso ou inferno ao qual o *karma* o tenha levado, será inevitável;

10. A Iluminação é o resultado da percepção da irrealidade do *sangsâra*, da existência;

11. Tal percepção espiritual é possível no mundo humano, ou no importante momento da morte terrena, ou ainda durante todo o pós-morte ou estado do *Bardo*, ou em certos outros reinos não-humanos;

12. A prática da *Yoga* – isto é, o controle dos processos do pensamento propiciado pela concentração da mente como um esforço para o Conhecimento Real – é essencial;

13. Essa prática é realizada da melhor maneira sob a orientação de um *guru* humano, ou mestre;

14. O maior dos *gurus* conhecido pela humanidade neste ciclo em que vivemos é o Gautama Buda;

15. Sua doutrina não é única, mas é a mesma doutrina que tem sido propalada no mundo humano para se alcançar a Salvação, para a Libertação do Ciclo de Renascimento e Morte, para a Passagem pelo Oceano do *Sangsāra*, para a realização do *Nirvāna*, desde tempos imemoriais, por uma longa e ilustre dinastia de Budas que foram os predecessores do Gautama;

16. Seres espiritualmente menos dotados, Boddhisattvas ou *gurus*, neste mundo ou em outros, ainda que não libertos da Rede das Ilusões, podem, entretanto, conceder graça e poder divinos ao *shishya* (isto é, o *chela*, ou discípulo) que está menos adiantado no Caminho do que eles;

17. A Meta é e só pode ser a Emancipação do *Sangsāra*;

18. Essa Emancipação advém da Realização do *Nirvāna*;

19. O *Nirvāna* é não-*sangsārico*, estando além de todos os paraísos, céus, infernos e mundos;

20. Ele é o Fim do Sofrimento;

21. Ele é a Realidade.

Aquele que realizou espiritualmente o *Nirvāna*, o próprio Gautama Buda, falou disso aos Seus discípulos nos seguintes termos:

"Há um reino, ó discípulos, desprovido de terra e de água, de fogo e de ar. Não é um espaço infindo, nem um pensamento infinito; nem o nada, nem idéias, tampouco não-idéias. Não é nem este mundo nem aquele. Eu não chamo isso de uma chegada, nem de uma partida, e tampouco uma permanência; não se trata de morte, nem de nascimento. Trata-se de algo sem base, sem progresso e sem parada; trata-se do fim do sofrimento.

"Para aquele que se apega a alguma coisa, há uma queda; mas para aquele que não se apega a nada nenhuma queda é possível. Onde não há queda, há repouso, e onde há repouso não há ansiedade. Onde não há ansiedade, nada vem ou vai, e onde nada vem ou vai, não há morte nem nascimento. Onde não há nascimento nem morte, não há nem este mundo nem aquele, ou mesmo algum outro – é o fim do sofrimento.

"Há, ó discípulos, um Não-tornado, Não-nascido, Não-criado e Não-formado; se não houvesse esse Não-tornado, Não-nascido, Não-criado e Não-formado, não haveria uma via de saída para aquele que é tornado, nascido, criado e formado mas, já que existe um Não-tornado, Não-nascido, Não-criado e Não-formado, há uma saída para aquele que é tornado, nascido, criado e formado."[52]

XIII. O MANUSCRITO

A nossa cópia manuscrita do *Bardo Thödol* foi cedida ao editor em princípio de 1919, por um jovem *lama* da seita Kargyūtpa da Escola do Chapéu Vermelho,

52. *Udāna*, VIII, 1, 4, 3; baseado numa tradução do original páli feita por F. J. Payne. Londres, Inglaterra.

ligada ao Mosteiro do Bhutia Basti, Darjeeling. Segundo ele, o manuscrito havia sido transmitido através de sua família por várias gerações. Este manuscrito difere de qualquer outro visto pelo tradutor ou pelo editor, pelo fato de ser ilustrado com pinturas coloridas dentro dos fólios do próprio texto. Todos os outros manuscritos tibetanos ilustrados vistos por nós tinham as ilustrações feitas em separado ou sobre pedaços de tecido de algodão colados nos fólios. Quando esse texto nos foi cedido, estava desgastado e bastante corroído, e foi remediado por nós através da inserção de um mesmo tipo de papel tibetano que passou a proteger o manuscrito. Felizmente, todos os fólios ilustrados, embora desbotados, achavam-se em bom estado de conservação. Um deles, o de número III, estava faltando, e foi substituído por uma cópia fiel da mesma passagem encontrada numa versão xilográfica do *Bardo Thödol* que pertencia ao Dr. Johan Van Manen, secretário da Sociedade Asiática de Calcutá e conhecido tibetólogo. Em nossa tradução, há referência a essa versão xilográfica. O nosso manuscrito e a xilogravura do Dr. Manen mostraram ser idênticos, tanto em trechos essenciais como, no geral, palavra por palavra. Na grafia de alguns nomes próprios de divindades de origem sânscrita havia variações nas duas versões, assim como um certo número de erros. O manuscrito é bem mais velho que a xilogravura e parece haver sido copiado de um manuscrito mais antigo.

O manuscrito não é datado, mas o tradutor achava que deveria ter de 150 a 200 anos. Ele deve ter presenciado muitos serviços e deve ter sido lido inúmeras vezes em serviços fúnebres. Seu estado de desgaste e corrosão, contudo, não é – como podia parecer – critério para se avaliar a sua idade. Sua caligrafia é excelente, sobre papel comum usado para manuscritos pelos tibetanos e pelos povos do Himalaia. Esse papel é feito com a pasta da casca do *Hdal* (pronuncia-se *Dāā*), conhecido também como Daphne, um tipo de louro, algumas de cujas espécies dão flores branco-violáceas e outras branco-amareladas. Em geral, são os próprios lamas que fabricam o papel nos mosteiros. Em Sikkim, usa-se também a casca do *Hdal* para o fabrico de cordas.

O número total de fólios que compõem o manuscrito é de 137, cada qual medindo cerca de 9 1/2 por 3 1/4 polegadas. À exceção do primeiro fólio e da primeira metade do segundo, o espaço efetivamente ocupado pelo texto mede, via de regra, 8 1/4 por 2 1/4 polegadas. A maioria dos fólios contém cinco linhas de matéria, poucos apresentam quatro. A página-título contém duas linhas, num espaço de 7 polegadas por 1; a segunda página do primeiro fólio, junto com a primeira página do segundo fólio, que tratam das Obediências, possuem três linhas, ocupando um espaço de 4 1/2 por 2 1/4 polegadas, respectivamente, e estão escritas, como a página-título, em ouro (agora bastante desbotado), sobre fundo preto. As ilustrações aparecem em 14 dos fólios, estando cada uma delas no centro do texto, de um dos lados do fólio (veja-se o frontispício), da seguinte maneira:

No fólio 18, Vairochana, abraçado por sua *shakti*, a Mãe do Espaço do Céu, sentada sobre um trono-leão, são as divindades do Primeiro Dia;

No fólio 20, Vajra-Sattva, abraçado por sua *shakti*, a Mãe Māmakī, cercado por suas quatro divindades acompanhantes do Segundo Dia;

No fólio 23, Ratna-Sambhava, abraçado por sua *shakti*, a Mãe Sangyay Chanma ("A do Olho de Buda"), cercada por suas quatro divindades acompanhantes do Terceiro Dia;

No fólio 26, Amitâbha, abraçado pela sua *shakti*, a Mãe Gökarmo ("A de Roupa Branca"), cercados pelas quatro divindades acompanhantes do Quinto Dia;

No fólio 31, Amogha-Siddhi, abraçado pela sua *shakti*, a Fiel Dölma (ou, em sânscrito, *Tārā*), rodeados por suas quatro divindades acompanhantes do Quinto Dia;

No fólio 35, as *mandalas* unidas das divindades que despontam no Sexto Dia;

No fólio 44, a *mandala* das Dez Divindades Detentoras do Conhecimento do Sétimo Dia;

No fólio 55, o Buda Heruka e sua *shakti* do Oitavo Dia;

No fólio 57, o Vajra Heruka e sua *shakti* do Nono Dia;

No fólio 58, o Ratna Heruka e sua *shakti* do Décimo Dia;

No fólio 59, o Padma Heruka e sua *shakti* do Décimo Primeiro Dia;

No fólio 61, o Karma Heruka e sua *shakti* do Décimo Segundo Dia;

No fólio 64, as Oito Kerimas e as Oito Htamenmas do Décimo Terceiro Dia; e as Quatro Fêmeas Guardiãs da Porta do Décimo Quarto Dia;

No fólio 67, a *mandala* das divindades com cabeças de animais do Décimo Quarto Dia.

Cada divindade é representada de acordo com a descrição dada no texto, tais como cor, posição, postura, *mudrā* e símbolos.

Todas as ilustrações no manuscrito pertencem ao *Chönyid Bardo* do Primeiro Livro. Nossa tradução contém anotações abundantes que explicam o nome textual de cada divindade e o equivalente sânscrito, quando há, como freqüentemente é o caso.

Nenhuma tentativa foi feita no sentido de comparar o nosso texto com outros manuscritos do mesmo texto, já que nenhum estava disponível. Não há dúvida de que tais manuscritos são numerosos no Tibete e a produção de um texto padrão ou uniforme exigiria anos de cuidadoso trabalho. Trata-se de uma tarefa para os pesquisadores do futuro. A única comparação levada a cabo foi a que fizemos com a versão xilográfica do Dr. Van Manen, a qual provavelmente não tem mais que 20 ou 30 anos. O tradutor disse que, pelas informações que possuía, as versões xilográficas do *Bardo Thödol* apareceram – pelo menos no Sikkim e em Darjeeling – bem recentemente, não obstante no próprio Tibete essa técnica fosse conhecida há bem mais tempo, isso porque na China a impressão em xilografia é praticada desde tempos bem remotos, daí ter sido levada ao Tibete, muito antes de a imprensa ter aparecido na Europa.[53]

53. Essas xilografias são, normalmente, compostas de tratados separados pertencentes ao ciclo do *Bardo Thödol*. Uma delas – adquirida em Gyantse, no Tibete, em 1919, pelo Major W. L. Campbell, então representante político britânico no Tibete, Butão e Sikkim, e presenteada ao editor – contém dezessete tratados, cujos títulos tibetanos foram traduzidos pelo Lama Kazi Dawa-Samdup de forma ligeiramente abreviada, como segue:

I. "Claras Orientações Sobre o Divino *Bardo*, chamado 'Grande Libertação pela Audição', da Profunda Doutrina da Autolibertação Divina Pacífica e [Irada]'";

II. "Exposição do Aspecto Irado [ou Ativo] do *Bardo*";

III. "Bons Desejos [ou Preces] Invocando o Auxílio de Budas e Boddhisattvas";

IV. "Versos Básicos do *Bardo*";

V. "Prece para Livrar [-se] dos Estreitos Lugares do *Bardo*";

VI. "Confrontação do *Sidpa Bardo*";

De acordo com a opinião do tradutor cada seita budista do Tibete tem provavelmente sua versão do *Bardo Thödol*, mais ou menos modificada em alguns detalhes, mas não no essencial. A versão usada pela reformada Gelugpa, conhecida como a Escola do Chapéu Amarelo, é a mais alterada, pois dali foram expurgadas todas as referências a Padma-Shambhava, o fundador do Ñingmapa, a Escola do Chapéu Vermelho do Lamaísmo, assim como os nomes das divindades peculiares a essa escola.

O Major W. L. Campbell, representante político britânico no Sikkim durante minha estada ali, escreveu-me de sua residência em Gangtok, a 12 de julho de 1919, e a propósito das várias versões do *Bardo Thödol*, o seguinte: "A Seita Amarela possui seis versões, a Vermelha sete e a *Kar-gyut-pas* cinco".

Nosso texto, sendo da Escola primitiva ou Escola do Chapéu Vermelho, e atribuído ao próprio Grande *Guru* Padma-Sambhava, que introduziu o Budismo Tântrico no Tibete, foi considerado por nós como sendo substancialmente representativo da versão original, que, com base em evidências internas derivadas de nosso texto manuscrito, era provavelmente, pelo menos no essencial, pré-budista.

Conforme observamos em outra ocasião, nosso texto manuscrito está disposto como uma obra em duas partes ou livros, com 13 fólios de texto das preces *Bardo* como apêndices. A versão xilografada compõe-se de dois livros diferentes e carece do apêndice das preces. Contudo, no fim do primeiro livro dessa versão há um relato bastante importante sobre a origem do *Bardo Thödol*, relato que não se encontra em nosso manuscrito; dele apresentamos uma tradução na seção que segue.

XIV. A ORIGEM DO *BARDO THÖDOL*

Então, a patir da versão xilografada, assim como por outras fontes tibetanas, sabemos que o *Bardo Thödol* originou-se, ou melhor, foi pela primeira vez redigido no tempo de Padma-Sambhava, no século VIII d.C. A seguir ele foi guardado e só

VII. "Salvação pelo Apego [com o que] o Agregado de Corpo se Liberta" – uma versão da Doutrina *Tahdol* (ver pp. 104 n. 166, 115 n. 199, 147 do nosso texto);

VIII. "Prece para Proteger [-se] dos temores do *Bardo*";

IX. "Diagnóstico Autolibertador dos Sintomas da Morte"; (cf. pp. 60, 62-69 de nosso texto);

X. "Confrontação chamada 'Visão Nua' e a Autolibertação [por meio dela]";

XI. "Ensinamento Especial Mostrando as Formas de Mérito ou de Demérito, quando no *Sidpa Bardo*, chamado 'A Autolibertação no *Sidpa-Bardo*'";

XII. "*Adendo* ['Ensinamento Especial' ao anterior]";

XIII. "Prece à Linguagem [de *Gurus*] da Divina Doutrina Autolibertadora";

XIV. "Resgate do Moribundo";

XV. "Autolibertação chamada 'Absolvição por Confissão'";

XVI. "*Tadhol* dos 'Melhores Votos' – outra forma da doutrina *Tahdol*";

XVII. "Ritual chamado 'A Autolibertação das Inclinações Habituais'".

Neste particular, os tratados nºs I, II, III, IV, V, VI e VIII correspondem – em versões ligeiramente diferentes – ao assunto contido em nosso manuscrito. Este manuscrito, entretanto, apresenta mais matéria no Apêndice não contido nesta xilografia. A xilografia é bastante recente, mas os blocos nos quais foi impressa podem ser bastante antigos – não pudemos precisar-lhe a idade.

quando os tempos estavam maduros para o seu aparecimento no mundo é que ele veio à luz por Rigzin Karma Ling-pa. É o seguinte o relato da versão xilografada:

"Ele foi trazido da Colina de Gampodar (em tibetano, *Gampo-dar*) para as margens do Serdan (em tibetano, *Gser-ldan*, que significa 'Que possui Ouro' ou 'Dourado') por Rigzin Karma Ling-pa (em tibetano, *Rigs-hdzin-Kar-ma Glïng-pa*)."

Rigzin, tal como é citado, é um nome pessoal e *Karma Ling-pa* o nome de um lugar no Tibete, que significa "Terra do Karma". O tradutor fez ver que *Rigs* é a grafia errada de *Rig*, isso porque, se *Rigs* fosse correto, o nome Rigzin significaria "Detentor da Casta" (*Rigs + hzin*). O fato de que se trata de *Rig* – o que leva, então, o nome a significar "Detentor do Conhecimento" (*Rig + hdzin*), designação de uma casta ou classe[54] – foi confirmado por uma pequena seção de um manuscrito do *Bardo Thödol* que o tradutor possuía, no qual Rigzin Karma Ling-pa é também chamado de *Tertön* (em tibetano, *Gter-bston*) ou "Extrator ou Exumador de Tesouros". O *Bardo Thödol* é, por conseguinte, um dos Livros Tibetanos Perdidos recuperado por Rigzin do Karma Ling-pa, que é considerado uma emanação ou encarnação de Padma-Sambhava, o fundador do Lamaísmo.

Foi no século VIII d.C. que o Lamaísmo – que podemos definir como Budismo Tântrico – adquiriu raízes firmes no Tibete. Um século antes, sob o primeiro monarca a reger um Tibete unificado, o rei Srong-Tsan-Gampo (morto em 650 d.C.), o Budismo faria sua entrada no Tibete por duas vias: pelo Nepal, o país dos ancestrais de Buda, por ocasião do casamento do rei tibetano com uma filha da família real nepalesa, e pela China, também através de seu casamento – em 641 – com uma princesa da família imperial chinesa. Esse rei havia sido criado sob a antiga fé Bön do Tibete, a qual, com a sua doutrina primitiva do renascimento, servia perfeitamente para uma aproximação com o Budismo. E o rei, sob a influência de suas duas esposas budistas, aceitou o Budismo, tornando-o religião oficial. Contudo, o avanço do Budismo no Tibete seria pequeno, até um século mais tarde, quando seu poderoso sucessor, Thi-Srong-Detsan, subiu ao trono, permanecendo ali de 740 a 786. Foi Thi-Srong-Detsan que convidou Padma-Sambhava (em tibetano *Pëdme Jungnë*, isto é, "Nascido do Loto"), mais conhecido pelos tibetanos como *Guru Rin-po-ch'e*, ou "Precioso *Guru*", para ir ao Tibete. O famoso *Guru* era, por esse tempo, professor de *Yoga* na Grande Universidade Budista de Nālanda, Índia, e bastante famoso por seus conhecimentos de ciências ocultas. Ele era natural de Udyāna ou Swat, hoje uma parte do Afeganistão.

O Grande *Guru* viu a excelente oportunidade que o convite do rei oferecia e aceitou-o prontamente, passando através do Nepal e chegando a Samye (*Samyas*), no Tibete, em 747. Em Samye, o rei o convidou a exorcizar os demônios da localidade, pois esse monarca edificara ali um mosteiro, mas tão logo suas paredes foram erguidas, foram destruídas por terremotos, cuja causa era atribuída aos demônios que se opunham ao Budismo. Quando o Grande *Guru* expurgou os demônios, os terremotos cessaram, para admiração do povo; e ele próprio supervisionou o término das obras do mosteiro real, aí estabelecendo, em 749, a primeira comunidade de lamas budistas tibetanos.

---

54. *Rig-hdzin*, tradução tibetana do termo sânscrito *Vidyā-Dhara*, empregado, aqui, para designar uma pessoa instruída, tal como um pândita; denota igualmente uma classe de seres sobrenaturais, como certas ordens de fadas.

Durante sua permanência no Tibete por essa época e durante as visitas subseqüentes, Padma-Sambhava fez com que vários livros tântricos fossem traduzidos para o tibetano a partir dos originais sânscritos; alguns desses livros foram preservados nos mosteiros e ocultos, com cerimônias místicas apropriadas, em vários lugares secretos. Padma-Sambhava dotou também alguns de seus discípulos com o poder *yógico* de reencarnar no tempo propício, conforme determinava a astrologia, para que recolhessem esses textos enterrados, juntamente com os tesouros ocultos com eles e outros requisitos necessários ao correto desempenho dos rituais contidos nos textos. Esta é a tradição geralmente aceita. Mas, segundo outra tradição, esses *Tertöns* devem ser vistos como as várias encarnações do Grande *Guru*. De acordo com uma estimativa feita por alto, o número de textos já exumados por esses *Tertöns* através dos séculos formariam uma enciclopédia de cerca de 65 volumes xilografados, cada um contendo, na média, 400 fólios do tipo comum.

O nosso texto, o *Bardo Thödol*, sendo um desses livros apócrifos redescobertos, deveria, por conseguinte, ser visto como tendo sido compilado (pois as evidências internas sugerem que se trata mais de uma compilação tibetana do que de uma tradução direta de qualquer original sânscrito desconhecido) nos primeiros séculos do Lamaísmo, no tempo de Padma-Sambhava – conforme parece ser o caso – ou então logo depois. Seu atual uso generalizado, através de todo o Tibete, como manual de ritual fúnebre e sua aceitação pelas diferentes seitas, em versões variadas, não o apontariam como o produto de poucas gerações; ele convence bastante quanto à sua antigüidade, confirma sua origem pré-budista e, pelo menos parcialmente, a origem Bön que lhe atribuímos, e sugere alguma validade nas asserções feitas em relação aos *Tertöns*.

Estamos plenamente conscientes das críticas adversas feitas pelos críticos europeus sobre a tradição dos *Tertöns*. Não faltam, contudo, boas razões para suspeitarmos que essa crítica européia não é de todo correta. Por isso, parece-nos que a única atitude certa a ser adotada diante do problema do *Tertön* é a de mantermos a mente alerta até que novos dados tenham sido acumulados para emitirmos um juízo. Ainda que essa tese do *Tertön* possa vir a ser provada como falsa, o fato é que o *Bardo Thödol* é aceito no Tibete como um livro sagrado e tem sido, já por um bom tempo, recitado diante dos mortos pelos lamas. Estaria sujeita à revisão apenas a teoria relativa à compilação textual daquilo que, em sua essência, é aparentemente um ritual pré-histórico.

Quanto às próprias fontes de Padma-Sambhava, à parte esses ensinamentos tradicionais convenientes que ele, sem dúvida, incorporou em alguns de seus tratados, fomos informados, por tradição oral hoje corrente entre os lamas, que ele teve na Índia oito *gurus*, cada um representando uma das oito principais doutrinas tântricas.

Numa xilografia tibetana, do Grande *Guru*, pertencente ao tradutor, que tratava do registro da história, mas bastante mesclada com mitos, intitulada *Orgyan-Padmas-mzad-pahi-bkahthang-bsdüd-pa* (pronuncia-se *Ugyan-Padmayzad-pai-ba-thang-dü-pa*), o que significa "Testamento Abreviado Feito por Ugyan Padma" (ou "pelo Ugyan Nascido do Loto" – Padma-Sambhava), que consiste em 17 fólios, encontramos a seguinte passagem que confirma a tradição histórica relativa à origem do texto do *Bardo Thödol:*

"Veja! A Décima Sexta Seção, mostrando os Oito Lingpas, os Condutores da Religião, é [assim]:

As Oito Encarnações dos Grandes Boddhisattvas são:

"Ugyan-ling-pa, no centro;
Dorje-ling-pa, no leste;
Rinchen-ling-pa, no sul;
Padma-ling-pa, no oeste;
Karma-ling-pa, no norte;
Samten-ling-pa e Nyinda-ling,
[E] Shig-po-ling (ou Terdag-ling).
Estes Oito Grandes *Tertöns* virão;
Eles não são senão minhas próprias encarnações."

O próprio Padma-Sambhava está aí representado, declarando que os *Tertöns*, ou seja, os "Extratores" dos livros ocultos, são suas próprias encarnações. De acordo com este relato, o *Tertön* do nosso *Bardo Thödol* é o quinto, denominado em homenagem do lugar chamado Terra do Karma, confirmando, assim, a xilografia d*O Livro Tibetano dos Mortos.* A Terra do Karma fica na parte norte do Tibete. Não nos foi possível determinar em que época exatamente esse *Tertön* viveu, embora ele seja uma figura popular na história tradicional do Tibete. O nome Rigzin, que lhe é atribuído na xilografia anteriormente mencionada, e que significa o "Detentor do Conhecimento", refere-se ao seu caráter de devoto religioso ou de *lama Karma Ling-pa*, tal como se encontra nos dois relatos, e alude também a um antigo mosteiro tibetano do Lamaísmo primitivo na Província de Kams, norte do Tibete.

De acordo com nosso ponto de vista, a melhor atitude a ser adotada no que diz respeito à história e origem incertas do *Bardo Thödol* é a de um crítico pesquisador da verdade que reconhece a significação antropológica do passar dos tempos e da quase inevitável remodelação de ensinamentos antigos que eram transmitidos a princípio oralmente e, depois, uma vez cristalizados, foram registrados por escrito. Como no caso do *Bardo Thödol* egípcio, conhecido popularmente como *O Livro Egípcio dos Mortos*, também n*O Livro Tibetano dos Mortos*, há, sem dúvida, o registro da crença de inumeráveis gerações num estado de existência pós-morte. Nenhum escriba sozinho poderia ter sido o seu autor e nem apenas uma geração foi a sua criadora. Sua história enquanto livro, se for completamente conhecido algum dia, será apenas a história de sua compilação e registro. A questão é se essa compilação e registro teriam sido feitos em tempos relativamente recentes, no tempo de Padma-Sambhava, ou antes, questão essa que fundamentalmente não afetaria os antigos ensinamentos nos quais o livro se baseia.

Embora seja notavelmente científico no essencial, não se pode julgá-lo acurado em todos os seus detalhes, isso porque, sem dúvida alguma, o texto foi consideravelmente alterado. Em suas linhas gerais, entretanto, ele parece transmitir uma verdade sublime, vetada até aqui a muitos estudiosos de religião, uma filosofia tão sutil como a de Platão, assim como uma ciência psíquica bem mais avançada do que a que entre nós ainda se encontra em sua infância na Sociedade de Pesquisa Psíquica. E, como tal, este texto merece a séria atenção por parte do mundo ocidental que ora desperta para uma Nova Era, livre, em grande medida, das incrustações de medievalismo, e ávido por absorver sabedoria de todos os Livros Sagrados da humanidade, não importando a fé a que pertençam.

XV. A TRADUÇÃO E A EDIÇÃO

Não obstante a tradução deste manuscrito tenha sido inteiramente feita na presença do editor, em Gangtok, no Sikkim, o crédito principal desta edição deve ser dado ao falecido Lama Kazi Dawa-Samdup, o tradutor. O próprio lama resumiu com acerto a parte do editor no trabalho, dizendo que este funcionou como o seu dicionário inglês vivo. De fato, o editor foi apenas um pouco mais que isso, pois o seu conhecimento de tibetano era quase nulo.

O objetivo de ambos, tradutor e editor, foi manter o mais estritamente possível a correspondência de sentido nas estruturas idiomáticas do tibetano e do inglês. Às vezes o tradutor, preferindo verter para o inglês o verdadeiro significado que um *lama* inferiria de um conjunto de frases mais ou menos tecnicamente redigidas, partiu para uma tradução quase literal.

O tibetano de texto tântrico, como o nosso, é especialmente difícil de verter para um bom inglês; e, dada a concisão de várias passagens, foi necessário interpolar palavras e frases, colocadas entre colchetes.

Nos próximos anos, é bem provável que a nossa tradução – como aconteceu com as traduções pioneiras da Bíblia – venha a ser objeto de revisão. Uma versão estritamente literal de uma obra como esta, tão abstrusa em seu verdadeiro significado e escrita numa linguagem simbólica, se tentada por europeus – que, achando difícil de sair de sua mentalidade ocidental, costumam ser primeiro cristãos e, depois, eruditos, quando trabalham textos sagrados não-cristãos – seria, talvez, tão enganosa quanto algumas das suas versões dos antigos *Vedas* sânscritos. Mesmo para um tibetano, a menos que ele seja um lama e bastante versado em tantrismo, como era o caso do tradutor, o *Bardo Thödol* é um livro quase hermético.

Sua profunda instrução *lamaica*, sua fervorosa fé nos ensinamentos *yógicos* superiores da Grande Escola Perfeccionista do *Guru* Padma-Sambhava (sendo ele um iniciado da seita semi-reformada conhecida como Kargyutpa, fundada pelos grandes *yogis* Marpa e Milarepa), seu conhecimento prático das ciências ocultas, conforme lhe foram ensinados por seu falecido *guru* em Butão, e seu notável conhecimento do tibetano e do inglês – tudo isso me leva a crer que dificilmente, neste século, poderá surgir um estudioso mais competente para traduzir o *Bardo Thödol* que o falecido Lama Kazi Dawa-Samdup, o genuíno tradutor. É a ele que cada leitor deste livro se encontra em débito, já que ele abriu, em parte, aos povos do Ocidente, a casa do tesouro da Literatura Tibetana e do Budismo do Norte, há tanto tempo rigorosamente fechada.

Como seu discípulo íntimo por vários meses, reconheço formalmente essa dívida de gratidão e respeito que o discípulo sempre tem para com o seu mestre.

Embora a tradução tenha sido completada e revisada pelo tradutor durante o ano de 1919, quando ele era o Mestre Principal da Escola-Internato Bhutia de Maharãja, destinada principalmente a meninos sikkemeses de boa estirpe tibetana, perto de Gangtok, no Sikkim (anteriormente, parte do Tibete), lamentamos que hoje ele não esteja mais neste mundo para ler as provas tipográficas conforme desejava.

No que tange às transliterações, os filólogos podem fazer objeções, e com razão, quanto ao fato de não serem tão exatas como poderiam ser. O editor, entretanto, preferindo preservar na versão inglesa as transliterações mais simples, de acordo com um estilo à moda antiga – ao qual os leitores comuns ingleses estão mais acostumados – deixou-as tais como haviam sido ditadas pelo tradutor, salvo em alguns casos óbvios de erro.

O próprio editor não pode esperar, num livro desta natureza, que suas interpretações sobre questões controvertidas tivessem aceitação universal. Tampouco pretende ter escapado de erros. Ele confia, contudo, que os críticos, reconhecendo o caráter pioneiro desta obra, concedam, tanto ao tradutor quanto ao editor, essa medida de indulgência, que talvez, eles mereçam.

Um relato sucinto da carreira incomum do tradutor será, sem dúvida, de interesse para todos aqueles que lerem este livro. O falecido Lama Kazi Dawa-Samdup – o honorífico termo *Kazi* indica a sua alta posição social como membro de uma família de latifundiários de origem tibetana estabelecida no Sikkim – nasceu a 17 de junho de 1868.

De dezembro de 1887 até outubro de 1893, como jovem cujos conhecimentos já haviam sido reconhecidos pelas autoridades britânicas na Índia, trabalhou como intérprete do governo britânico em Buxaduar, Butão. (Anos mais tarde, também trabalharia como intérprete para o governo do Tibete.) Foi em Buxaduar que ele encontrou pela primeira vez seu *guru*, conhecido ali como o *Guru* Eremita Norbu (*Slob-dpon-mtshams-pa-Norbu*, que se pronuncia *Lob-on-tsham-pa-Norbu*), homem de vasto conhecimento e hábitos de vida estritamente ascéticos, do qual o tradutor receberia, mais tarde, iniciação mística.

O Lama Kazi Dawa-Samdup confiou-me certa vez que, por aquela época, ele havia feito todos os preparativos necessários para, na condição de *shishya* em provação, renunciar completamente ao mundo. Mas, sendo chamado por seu pai, então idoso, cedeu ante o seu pedido de que assumisse as obrigações habituais de filho mais velho, que se casasse e perpetuasse a família. O filho não teve opção e se casou, e nasceram-lhe dois filhos e uma filha.

Em 1906, o Maharája de Sikkim nomeou-o Principal Mestre da Escola de Gangtok, onde, no primeiro semestre de 1919, eu o conheci mediante uma carta de apresentação do Sr. S. W. Laden La, Sardar Bahadur, chefe de Polícia em Darjeeling e conhecido estudioso do Budismo de linhagem tibetana. Cerca de um ano mais tarde, depois que nossa obra conjunta estava terminada, o lama foi nomeado *Lecturer* de tibetano na Universidade de Calcutá. Porém, infelizmente, como é comum com os povos habituados às altas regiões do Himalaia, ele perdeu completamente a saúde no clima tropical de Calcutá e partiu deste mundo a 22 de março de 1922.

Como registro da provecta erudição do lama, há seu *English-Tibetan Dictionary*, publicado pela Universidade de Calcutá em 1919, e sua edição do *Shrîchakra-Sambhâra Tantra*, com tradução inglesa e texto tibetano publicada por Sir John Woodroffe (pseudônimo: Arthur Avalon) como volume II dos *Tantrik Texts*, em

Londres, em 1919. Além desses e de alguns breves trabalhos publicados pela Sociedade Asiática de Calcutá, o lama deixou muitas importantes traduções do tibetano, ainda não publicadas, algumas das quais se encontram com o editor e outras com Sir E. Denison Ross e com W. L. Campbell.

Que este livro ajude, além disso, a perpetuar a memória daquele que reverenciou os ensinamentos dos grandes mestres da Sabedoria Tibetana e legou esta tradução do *Bardo Thödol* aos povos ocidentais de língua inglesa.

"Verás o *Dharmakâya* de tua própria mente; e, vendo-o, terás visto o Todo – a Visão Infinita, o Ciclo de Morte e Nascimento e o Estado de Libertação."

Milarepa, *Jetsün Kahbum*, XII
[Trad. inglesa do Lama Kazi Dawa-Samdup.]

LIVRO I

[O *CHIKHAI BARDO* E O *CHÖNYID BARDO*]

AQUI SE ENCONTRA A CONFRONTAÇÃO COM A REALIDADE NO ESTADO INTERMEDIÁRIO: A GRANDE LIBERTAÇÃO PELA AUDIÇÃO NO PLANO DO PÓS-MORTE, DA "PROFUNDA DOUTRINA DA EMANCIPAÇÃO DA CONSCIÊNCIA ATRAVÉS DA MEDITAÇÃO SOBRE AS DIVINDADES PACÍFICAS E IRADAS".*

* Texto: *Zab-chös Zhi-Khro Dgongs-pa rang-gröl las bar-dohi thös-grol chen-mo chös-nyid bar-dohi ngo spröd bzhugs-so* (pronuncia-se: *Zab-chö shi-hto gong-pa rang-döl lay bar-doi thödol chen-mo chö-nyid bar-doi ngo-töd zhu-so*).

OS MENSAGEIROS DA MORTE

"Todos aqueles que, imprudentes, não atentam
Para quando aparecem os mensageiros da Morte,
Durante muito tempo sentirão a dor
Habitando algum corpo-forma inferior.
Mas todos os homens bons e santos,
Ao verem os mensageiros da Morte,
Não agem impensadamente, mas dão ouvidos
Ao que a Nobre Doutrina diz,
E, no afeto, amedrontados, vêem
Do nascimento e da morte a fértil fonte,
E se libertam do afeto,
Extinguindo, assim, o nascimento e a morte.
Esses são seguros e felizes,
Livres de todo esse espetáculo fugaz;
De todo pecado e medo isentos,
Dominaram todo o sofrimento.

Anguttara-Nikâya, III, 35[5]
[Trad. inglesa de Warren.]

SEÇÕES INTRODUTÓRIAS

[AS OBEDIÊNCIAS]

Ao Divino Corpo da Verdade,[1] o Incompreensível, Infinita Luz;

Ao Divino Corpo dos Dons Perfeitos,[2] que são o Loto e as Divindades Pacíficas e Iradas;[3]

À Encarnação do Loto, Padma-Sambhava,[4] que é o Protetor de todos os seres sensíveis;

Aos *Gurus*, aos Três Corpos,[5] devemos obediência.

[INTRODUÇÃO]

Esta Grande Doutrina da Libertação pela Audição, que confere liberdade espiritual aos devotos de espírito comum quando se encontrarem no Estado Intermediário, é dividida em três partes: prolegômenos, assunto propriamente dito e conclusão.

Primeiro, os prolegômenos, os *Livros-guias*,[6] para a emancipação dos seres, devem ser dominados pela prática.

---

1. e 2. Veja pp. 7-12.

3. "Estas divindades estão em nós mesmos. Não são algo fora de nós. Somos um todo com tudo o que existe, em cada estado da existência sensível, desde os mais inferiores mundos de sofrimento aos mais elevados estados de beatitude e Perfeita Iluminação. Neste sentido esotérico, a Ordem do Loto das Divindades representa em nós o princípio divinizado das funções vocais; as Pacíficas representam o princípio divinizado do coração e dos sentimentos; as Iradas representam, da mesma forma, as funções de nossa mentalidade – tais como pensamento ou raciocínio, imaginação ou memória, funções centradas no cérebro." Lama Kazi Dawa-Samdup. (Veja-se p. 101 n. 155.)

4. Padma-Sambhava (tib. *Padma Jungnê*), isto é, aquele que "Nasceu do Loto", refere-se ao nascimento ocorrido sob condições puras ou sagradas, comumente chamado pelos tibetanos de *Guru Rin-po-ch'e* ("*Precioso Guru*"), ou simplesmente *Guru* (o equivalente sânscrito a "professor", "mestre"); é visto pelos seus seguidores como a encarnação da essência do Buda Shakya Muni em seu aspecto tântrico, profundamente esotérico.

5. Veja pp. 7-12.

6. Os *Livros-guias* são diversos tratados que oferecem orientação prática aos devotos do Caminho do *Bodhi* através do mundo humano e através do *Bardo*, Estado do Pós-morte e mais adiante no renascimento ou, senão, no *Nirvâna*.

[A TRANSFERÊNCIA DO PRINCÍPIO DE CONSCIÊNCIA][7]

Com os *Livros-guias*, intelectos mais elevados devem certamente libertar-se; mas caso isso não ocorra, eles devem então, no Estado Intermediário dos momentos da morte, praticar a Transferência, que lhes proporciona libertação automática pelo simples relembrar.

Os adeptos de espírito comum deverão, certamente, libertar-se dessa maneira. Caso isso não ocorra, então, no Estado Intermediário [período da experiência] da Realidade, eles devem perseverar atentando para esta Grande Doutrina da Libertação pela Audição.

Assim sendo, o devoto deve primeiro examinar os sintomas da morte à medida que eles gradualmente aparecem [em seu corpo moribundo] seguindo a *Autolibertação [pela Observação]* das *Características [dos] Sintomas da Morte.*[8] A seguir, quando todos os sintomas da morte estiverem completos [ele deve] aplicar a Transferência, que confere libertação pelo simples relembrar [do processo].[9]

[A LEITURA DESTE *THÖDOL*]

Se a transferência houver sido efetivamente realizada, não há necessidade da leitura deste *Thödol*; mas se a transferência não tiver sido realizada com êxito, então este *Thödol* deverá ser lido correta e inteligivelmente junto ao corpo morto.

---

7. O texto contém simplesmente a palavra tibetana *Hpho* (pron. *Pho*), que significa "transferência" (da soma total, ou agregado das inclinações *kármicas* ligadas à personalidade e à consciência). Sendo o uso do termo "alma" digno de objeção, já que o Budismo, como um todo, nega a existência de uma consciência pessoal, permanente e imutável, de uma entidade tal como as crenças semíticas e os credos animistas em geral a entendem, o tradutor evitou usar esse termo. Contudo, onde quer que o mesmo termo ou semelhante ocorra, deve-se compreendê-lo sob a conotação de algo semelhante ao princípio de consciência ou "composto de consciência", tal como é evocado no tibetano *Hpho*, ou mesmo ainda como sinônimo do termo "fluxo vital", tal como é usado principalmente pelos budistas do Sul.

8. Obra tibetana do ciclo do *Bardo*, usada em geral pelos lamas como suplemento ao *Bardo Thödol* (veja-se parte IX, nota 53, p. 48). Trata dos sintomas da morte em particular, de maneira científica e minuciosa. O falecido Lama Kazi Dawa-Samdup havia planejado sua tradução para o inglês.

9. Neste contexto, a Libertação não implica necessariamente – em especial para o devoto comum – a Libertação do *Nirvâna*, mas antes a libertação do "fluxo vital" do corpo moribundo, de tal forma que ocorrerá a maior consciência possível no pós-morte e, por conseguinte, um feliz renascimento. De acordo com os *lama-gurus*, para o *yogi* ou santo muito excepcional e altamente eficiente, o mesmo processo esotérico de Transferência pode ser adotado de forma a fazer com que não seja rompido o fluxo da consciência, do momento de uma morte consciente ao momento de um renascimento consciente. A julgar a partir de uma tradução, feita pelo Lama Kazi Dawa-Samdup, de um manuscrito tibetano antigo que contém orientações práticas para a realização da Transferência, e que se encontra em posse do editor, esse processo é essencialmente *yógico* e só poderá ser utilizado por uma pessoa acostumada à concentração mental ou unidirecionamento da mente e dona de um tal grau de domínio da técnica, que já lhe seja assegurada maestria sobre as funções do mental e do físico. O simples lembrar do processo no importante momento da morte – conforme o texto sugere – é equivalente, para um *yogi* à realização da própria Transferência, isso porque, uma vez que a mente treinada esteja concentrada no processo, o resultado almejado é instantaneamente – ou, como o texto diz, automaticamente – alcançado.

Se não há cadáver, a cama ou a cadeira utilizada pelo morto deve então ser ocupada [pelo leitor], que precisa expor o poder da Verdade. Então, invocando o espírito [do morto], o leitor deve imaginá-lo presente e escutando a leitura do texto.[10] Durante esse tempo, não se admite a presença de parentes ou companheiros lamuriosos ou em prantos, pois isto não é bom [para o morto]; portanto, eles devem ser coibidos.[11]

Se o corpo estiver presente, exatamente quando a expiração houver cessado, ou o lama [que terá sido como um *guru* do morto], ou um irmão de fé em que o morto confiava, ou mesmo um amigo pelo qual o morto nutria grande afeição, pondo os lábios bem próximos do ouvido [do morto] sem realmente tocá-lo,[12] deve ler este Grande *Thödol*.

[APLICAÇÃO PRÁTICA DESTE *THÖDOL* PELO OFICIANTE]

Agora, para a explicação do próprio *Thödol:*

Se podes reunir uma grande oferenda, oferece-a em culto à Trindade. Se não podes fazê-lo, arranja então qualquer coisa que possa ser reunida, tais como objetos nos quais podes concentrar teus pensamentos e criar mentalmente uma oferenda e um culto tão ilimitados quanto possível.

Em seguida, o "Caminho dos Bons Desejos Invocando a Ajuda dos Budas e Boddhisattvas"[13] deve ser recitado sete ou três vezes.

Depois disso, o "Caminho dos Bons Desejos que Protege do Temor no *Bardo*"[13]

---

10. O lama ou leitor que permanece na casa do morto conforme o combinado, esteja o cadáver ali ou não, deve convocar o defunto em nome da Verdade, dizendo: "Visto que a Trindade é verdadeira, e visto que a Verdade proclamada pela Trindade é verdadeira, por meio do poder dessa Verdade eu te convoco." Embora o cadáver não esteja presente (como seria o caso de uma pessoa cuja morte tenha sido violenta ou acidental, em que ocorre a perda ou destruição do corpo do plano humano; ou quando, de acordo com cálculos astrológicos, o corpo tenha sido removido ou despachado imediatamente após a morte, o que não é raro no Tibete), o espírito do defunto, no corpo invisível do plano *Bardo*, deve, não obstante, estar presente à leitura, a fim de que lhe seja dada a guia necessária para o Outro Mundo – como também orienta *O Livro Egípcio dos Mortos* (p. 127).

11. Esta proibição existe também no Bramanismo.

12. De acordo com a crença tibetana e *lamaica*, o corpo de um moribundo não deve ser tocado, a fim de que a saída normal do princípio de consciência, que deve ocorrer através da abertura *bramânica* situada no topo da cabeça, não sofra interferência. Por outro lado, essa saída pode-se dar através de outra abertura do corpo e levar a nascer num dos estados não-humanos. Afirma-se, por exemplo, que, se a saída se der através do ouvido, o defunto será obrigado – antes que possa retornar ao nascimento humano – a nascer no mundo dos *Gandharvas* (músicos celestiais semelhantes a fadas), onde o som, como na canção e na música, é condição principal de existência.

13. Ver Apêndice, pp. 150-58, onde cada uma destas principais orações do *Bardo* (ou "Caminhos dos Bons Desejos") está traduzida.

e o "Caminho dos Bons Desejos que Livra das Perigosas Ciladas do *Bardo*"[13] precisam ser lidos claramente e com entonação adequada.[14]

Então, este Grande *Thödol* deve ser lido sete ou três vezes,[15] segundo a ocasião. [Primeiro vem] a confrontação [com os sintomas da morte] quando eles ocorrem durante os momentos da morte; [em segundo lugar] a aplicação da grande advertência vívida, a confrontação com a Realidade no Estado Intermediário; e, em terceiro lugar, os métodos de fechamento das portas do ventre, no Estado Intermediário, durante a busca de renascimento.[16]

[PARTE I]

[O *BARDO* DOS MOMENTOS DA MORTE]

[INSTRUÇÕES SOBRE OS SINTOMAS DA MORTE OU O PRIMEIRO ESTÁGIO DO *CHIKHAI BARDO:* A CLARA LUZ PRIMÁRIA VISTA NO MOMENTO DA MORTE]

Na primeira confrontação com a Clara Luz, durante o Estado Intermediário dos Momentos da Morte, ocorre que:

Aqui [pode haver] aqueles que, não obstante tenham ouvido muito [as instruções religiosas], podem não reconhecê-la; e [alguns] que, embora reconhecendo-a, acham-se pouco familiarizados com ela. Porém, todos os indivíduos que receberam os ensinamentos práticos [chamados] *Guias*[17] – se isto for aplicado a eles – serão postos em confrontação com a Clara Luz Fundamental; e, sem qualquer Estado Intermediário, obterão o *Dharmakāya* Nascituro, através do Grande Caminho Perpendicular.[18]

---

13. Ver Apêndice, pp. 150-58, onde cada uma destas principais orações do *Bardo* (ou "Caminhos dos Bons Desejos") está traduzida.

14. Cf. as duas passagens seguintes, a primeira de *The Book of the Craft of Dying*, cap. VI, *in* manuscrito *Bodleian 423* (*circa* século XV), ed. de Comper, p. 39, e a segunda de *The Craft to Know Well to Die* (século XV), cap. IV, ed. de Comper, p. 74:

"Por último, é preciso saber que as orações que seguem podem ser convenientemente feitas para o homem enfermo que sofre com o seu fim. E se se tratar de pessoa religiosa, então, quando o convento estiver reunido com pesar à mesa, se for costume, então será feita primeiro a ladainha, com os salmos e orações que ele costumava rezar com os demais. Mais adiante, se ele ainda estiver vivo, permite que algum homem se acerque dele e profira as orações que seguem, quando as circunstâncias forem para tal adequadas. E elas podem ser repetidas a fim de estimular a devoção do enfermo – caso ele tenha razão e capacidade de compreensão.

"E se o homem ou mulher enfermos não pode recitar as orações e preces acima mencionadas, alguns dos assistentes [isto é, circunstantes] devem recitá-las diante dele em voz alta, substituindo as palavras onde for necessário."

15. Cf. o seguinte trecho de *The Craft to Know Well to Die*, cap. IV, ed. de Comper, p. 73: "Após todas estas coisas, ele [o moribundo] deverá pronunciar três vezes, se puder, as seguintes palavras."

16. O primeiro *Bardo* é o *Chikhai Bardo*, o segundo o *Chönyid Bardo*, e o terceiro o *Sidpa Bardo*.

17. Ver p. 59 n. 6.

18. No texto, *Yar-gyi-zang-thal-chen-po*, "Grande Caminho Direto para Cima". Uma das doutrinas peculiares do Budismo do Norte considera que a emancipação espiritual, mesmo

Eis a maneira da aplicação:

O melhor seria se o *guru*, do qual o moribundo recebeu as instruções de orientação, estivesse presente; mas se não se conseguir o *guru*, pode ser um irmão de fé; ou, se isto também não for possível, então um homem instruído na mesma fé; ou, se não se conseguir nenhum destes, então a pessoa que for capaz de ler correta e claramente deve lê-lo várias vezes. Deste modo [o falecido] guardará em sua mente aquilo que [previamente] ouviu sobre a confrontação e então reconhecerá a Luz Fundamental e obterá, sem dúvida, a Libertação.

Eis o tempo para a aplicação [destas instruções]:

Quando a expiração houver cessado, a força vital penetrará no centro nervoso da Sabedoria[19] e o Conhecedor[20] experimentará a Clara Luz da condição natural.[21] Então, tendo a força vital[22] sido lançada para trás e voando para baixo através dos nervos esquerdo e direito,[23] a aurora do Estado Intermediário despontará momentaneamente.

Essas [normas] devem ser aplicadas antes que [a força vital] aflua para o nervo esquerdo [depois de, primeiro, ter atravessado o centro nervoso do umbigo].

O tempo [normalmente necessário para esse movimento de força vital] dura enquanto durar a inspiração, ou mais ou menos o tempo requerido para uma refeição.[24]

---

o estado de Buda, pode ser alcançada instantaneamente, sem que se entre no plano do *Bardo* e sem sofrer períodos mais longos no caminho da evolução normal que atravessa os vários mundos da existência *sangsārica*. Esta doutrina está por trás de todo o *Bardo Thödol*. A fé é o primeiro passo para o Caminho Secreto. Depois, vem a Iluminação; e, com ela, a Certeza. E quando a Meta é alcançada, vem a Emancipação. Mas aqui também o sucesso depende muito da proficiência em *Yoga*, assim como do mérito acumulado, ou do bom *karma*, por parte do devoto. Se o discípulo puder ser levado a ver e captar a Verdade tão logo o *guru* a revele, isto é, se ele tiver o poder de morrer conscientemente e puder, no momento supremo de deixar o corpo, reconhecer a Clara Luz que sobre ele então despontará, e tornar-se uno com ela, todos os laços *sangsāricos* de ilusão serão rompidos imediatamente: o Sonhador é despertado para a Realidade simultaneamente com a poderosa conquista do reconhecimento.

19. Aqui, como em outros lugares de nosso texto, "centro nervoso" refere-se a um centro nervoso psíquico. O centro nervoso psíquico da Sabedoria está localizado no coração (cf. pp. 164 ss.).

20. Texto: *Shespa* [pronuncia-se *Shepa*]: "Mente", "Conhecedor"; isto é, a mente em suas funções de conhecimento ou percepção.

21. Texto: *Sprosbral* (pronuncia-se *Todal*): "desprovido de atividade formativa"; isto é, a mente em seu estado natural ou primordial. A mente em seu estado não-natural, isto é, quando encarnada num corpo humano, devido à força dos cinco sentidos, está continuamente em atividade de formação de pensamentos. Seu estado natural, ou desencarnado, é um estado de repouso, comparável, em sua condição, ao mais alto *dhyāna* (ou meditação profunda) quando ainda unida a um corpo humano. O reconhecimento consciente da Clara Luz induz a um estado extático de consciência tal como o que os santos e místicos do Ocidente chamam de Iluminação.

22. Texto: *rlung* (pronuncia-se *lung*): "ar vital", "força vital", ou "força psíquica".

23. Texto: *rtsa-gyas-gyon* (pronuncia-se *tsa-yay-yön*): "nervos [psíquicos] esquerdo e direito"; em sânscrito, *Pingala-nādi*: "nervo [psíquico] direito"; e *Idā-nādi*: "nervo [psíquico] esquerdo" (cf. p. 163).

24. Quando este texto tomou forma pela primeira vez, o cálculo da noção de tempo era primitivo, sendo desconhecida a utilização de meios mecânicos de cronometria. Condições similares ainda prevalecem em muitas partes do Tibete, onde o período de uma refeição – período de vinte a trinta minutos de duração – é ainda mencionado em antigos livros religiosos.

Eis o modo da aplicação [das instruções]:

Quando a respiração estiver prestes a cessar, é melhor que a Transferência já tenha sido eficientemente aplicada; mas, se [a aplicação] foi ineficiente, então [deve-se dirigir ao morto] as seguintes palavras:

Ó nobre filho (o nome do fulano), chegou a hora de procurares o Caminho [na realidade]. Tua respiração está prestes a cessar. Teu *guru* te colocou em confrontação, antes, com a Clara Luz; agora, estás prestes a experimentá-la em sua Realidade no estado do *Bardo*, onde todas as coisas são como o vazio e o céu desanuviado, e o intelecto nu e imaculado é como um vácuo transparente sem circunferência ou centro. Neste momento, conhece-te; e permanece nesse estado. Também eu estou, neste momento, pondo-te em confrontação.

Lido isso, repete o mesmo muitas vezes no ouvido do moribundo, antes mesmo que a expiração tiver cessado, a fim de imprimir-lhe na mente essas palavras.

Se a expiração estiver prestes a cessar, vira o moribundo para o lado direito, posição chamada "Postura do Leão Deitado". A palpitação das artérias [nos lados esquerdo e direito da garganta] deve ser pressionada.

Se o moribundo estiver disposto a adormecer, ou se lhe sobrevém o sono, é necessário evitá-lo, e as artérias devem ser pressionadas suave mas firmemente.[25] Com isso a força vital não poderá retornar do nervo mediano[26] e passará certamente pela abertura *bramānica*.[27] A verdadeira confrontação pode ocorrer agora.

Nesse momento, o primeiro [vislumbre] do *Bardo* da Clara Luz da Realidade, que é a Mente Infalível do *Dharmakāya*, é experimentado por todos os seres sensíveis.

O intervalo entre o cessar da expiração e o cessar da inspiração é o momento durante o qual a força vital permanece no nervo mediano.[28]

A gente comum chama-o de estado no qual o princípio de consciência[29] desmaiou. A duração desse estado é incerta. [Isto depende] da constituição, boa ou má e [do estado dos] nervos e da força vital. Mesmo com aqueles que possuem uma

25. O moribundo deve morrer plenamente desperto e vividamente consciente do processo da morte; daí a pressão das artérias (cf. p. XXIX).

26. "Do sânscrito *dhutid* (pronuncia-se *duti*), que significa 'nervo mediano', mas literalmente quer dizer 'trijunção'. O *Sanscrit-English Dictionary* (Poona, 1890) apresenta *dhuti* como a única palavra similar, definida como 'sacudimento' ou 'movimento', a qual, aplicada ao nosso texto, pode referir-se ao movimento vibratório da força psíquica atravessando o nervo mediano como canal." Nota do Lama Kazi Dawa-Samdup.

"*Duti* também pode significar 'lançar fora' ou 'expelir', com referência à saída da consciência no processo de morte." Nota do Sj. Atal Bihari Ghosh.

27. Ver pp. 12, 61 n. 12 e 163. Se não estiver distraído, mas alertamente consciente, nesse momento psicológico, o moribundo compreenderá, através do poder conferido pela leitura do *Thödol*, a importância de manter a força vital no nervo mediano até ela sair dali através da Abertura de Brahma.

28. Após a expiração haver cessado, diz-se que a energia vital (literalmente, "sopro interior") permanece no nervo mediano enquanto o coração continua a pulsar.

29. Texto: *rnam-shes* (pronuncia-se *nam-she*); em sânscrito, *vijñāna* ou, de preferência, *chaitanya*: "princípio de consciência" ou "princípio de conhecimento objetivo".

pequena experiência prática do firme e tranqüilo estado de *dhyāna* e junto àqueles que possuem os nervos firmes, esse estado dura um longo tempo.[30]

Na confrontação, a repetição [das palavras anteriores dirigidas ao falecido] deve persistir até que um líquido amarelado comece a aparecer de várias aberturas dos órgãos físicos [do falecido].

Naqueles que se guiaram por uma vida má e naqueles cujos nervos são insanos, o estado anterior [referido] dura o que duraria um estalar de dedos. Ademais, para outros, ele dura o tempo que se leva para tomar uma refeição.

Diz-se, em vários *Tantras*, que esse estado de desmaio dura cerca de três dias e meio. A maioria dos outros [tratados religiosos] diz quatro dias; e que se deveria insistir com esse pôr-se em confrontação com a Clara Luz [durante todo o tempo].

Eis o modo de aplicar [essas orientações]:

Se [ao morrer] a pessoa for capaz de reconhecer por si mesma [os sintomas da morte], é porque antes ela deve ter-se servido desse conhecimento.[31] Se [o moribundo] for incapaz disso, então o *guru*, o *shishya* ou um irmão de fé do qual ele [o moribundo] era muito íntimo deve estar presente, para vividamente imprimir nele [no moribundo] os sintomas [da morte], conforme a devida ordem em que eles aparecem [primeiro dizendo, repetidamente] o seguinte:[32]

Agora se aproximam os sintomas de terra desaparecendo na água.[33]

30. Às vezes ele pode continuar por sete dias, mas normalmente apenas por quatro ou cinco dias. O princípio de consciência, entretanto, salvo em certas condições de transe, tal como um *yogi*, por exemplo, pode induzir, não reside necessariamente no corpo durante todo o tempo; normalmente ele deixa o corpo no momento chamado morte, mantendo uma como que sutil relação magnética com o corpo até que o estado referido no texto chega ao fim. Somente para os adeptos da *Yoga* a partida do princípio de consciência deve ser realizada sem ruptura de continuidade do fluxo de consciência, isto é, sem o estado de desmaio anteriormente referido.

O processo da morte é o reverso do processo do nascimento, sendo o nascimento a encarnação e, a morte, a desencarnação do princípio de consciência; porém, em ambos os casos há uma passagem de um estado de consciência para outro. E, assim como um bebê precisa despertar neste mundo e apreender por experiência a natureza deste mundo, assim, da mesma forma, na morte, uma pessoa deve despertar no mundo do *Bardo* e familiarizar-se com suas próprias condições particulares.

O corpo do *Bardo*, formado de matéria num estado invisível ou como que etéreo, é uma exata duplicata do corpo humano, do qual ele se separou no momento da morte. Retido no corpo do *Bardo* estão o princípio de consciência e o sistema nervoso psíquico (a contraparte, para o corpo psíquico ou do *Bardo*, do sistema nervoso físico do corpo humano). (Cf. p. 124 n. 21.)

31. O sentido pleno, implícito, é que a pessoa à beira da morte não só deve diagnosticar os sintomas da morte quando eles vêm, um por um, mas deve também, se possível, reconhecer a Clara Luz sem ser posta em confrontação com ela por uma segunda pessoa.

32. Cf. as seguintes instruções, da *Ars Moriendi* (século XV), edição de Comper, p. 93: "Quando alguém vai morrer [isto é, provavelmente morrerá], então é extremamente necessário ter um amigo especial, o qual, de coração, o ajudará e rezará por ele, e com isso aconselhará o enfermo pela saúde de sua alma."

33. Os três principais sintomas de morte (que o texto simplesmente sugere ao mencionar o primeiro deles, pressupondo-se que o leitor oficiante conheça os outros e os mencione à

Quando todos os sintomas [da morte] estão prestes a serem completados, inculca então [no moribundo] a seguinte injunção, falada em tom de voz baixo no ouvido:

Ó nobre filho [ou, quando se tratar de um sacerdote: Ó venerável Senhor] que a tua mente não se distraia.

Quando se tratar de um irmão [de fé] ou de alguma outra pessoa, chama-o então pelo nome, e [dize] assim:

Ó nobre filho, visto que isso que é chamado de morte vem agora para ti, toma a seguinte resolução: "Ó, esta é a hora da minha morte. Aproveitando-me desta morte, assim agirei, pelo bem de todos os seres sensíveis que povoam a amplidão ilimitável dos céus, a fim de obter o Perfeito Estado de Buda, dedicando amor e compaixão [a eles e dirigindo todos os meus esforços] à Única Perfeição."

Preparando assim os pensamentos, especialmente neste momento em que o *Dharmakāya* da Clara Luz [no estado] do pós-morte pode ser compreendido para benefício de todos os seres sensíveis e animados, saiba que te encontras nesse estado; e [resolve-te no sentido de] que obterás o melhor proveito do Estado do Grande Símbolo,[34] no qual estás, [como segue]:

"Mesmo que eu não possa compreendê-lo, não obstante conhecerei este *Bardo*, e, dominando o Grande Corpo de União no *Bardo*, aparecerei em qualquer [forma que] beneficiará [todos os seres vivos] sejam eles quais forem.[35] Servirei todos os seres sensíveis infinitos em números como os limites do céu."

---

medida que eles ocorrerem), com as suas contrapartes simbólicas, são os seguintes: 1) uma sensação física de pressão, "a terra desaparecendo na água"; 2) uma sensação física de frio úmido, como se o corpo estivesse imerso na água, que gradualmente entra num calor fervente, "a água desaparecendo no fogo"; 3) um sentimento como se o corpo estivesse explodindo em átomos, "o fogo desaparecendo no ar". Cada sintoma é acompanhado por visíveis mudanças externas no corpo, tais como perda de controle sobre os músculos faciais, perda da audição, da visão, a respiração se torna convulsiva exatamente antes da perda de consciência, com o que os lamas treinados na ciência da morte detectam, um por um, os fenômenos psíquicos interdependentes que culminam na libertação do corpo *Bardo* de seu invólucro do plano humano. Para o tradutor, o Lama Kazi Dawa-Samdup, a ciência da morte, tal como vem exposta neste tratado, foi alcançada através da experiência real da morte por parte dos instruídos lamas, os quais, quando moribundos, explicaram aos seus discípulos o verdadeiro processo da morte, de maneira analítica e detalhada. (Veja-se p. 124 n. 24.)

34. Neste estado, a compreensão da Verdade Suprema é possível, proporcionando suficiente avanço no Caminho feito pelo falecido antes da morte. De outro modo, ele não pode beneficiar-se agora, e precisa errar em estágios cada vez mais baixos do *Bardo*, conforme está determinado pelo *karma*, até o renascimento. (Ver p. 104 n. 164.)

35. O tibetano do texto é, aqui, insolitamente conciso. Literalmente, seria: "aparecerei no que quer que submeterá [para fins benéficos] quem quer que seja". Para submeter, neste sentido, qualquer ser sensível do mundo humano foi adotada uma forma que contém um apelo religioso para esse ser. Assim sendo, para um devoto shivaíta, a forma de Shiva será adotada; para um budista, a forma do Buda Shakya Muni; para um cristão, a forma de Jesus; para um muçulmano, a forma do Profeta, e assim por diante para os outros devotos religiosos. E para os modos e condições da humanidade, uma forma apropriada à ocasião, etc. Para as crianças subjugadas, por exemplo, os pais, e vice-versa; para os *shishyas*, os *gurus*, e vice-versa; para o homem comum, os reis e governantes; e para os reis, os ministros de Estado.

Mantendo-te inseparável dessa resolução, tentarás lembrar-te de qualquer prática devocional a que estavas acostumado a realizar durante o teu tempo de vida.[36]

Ao dizer isso, o leitor colocará os lábios próximos ao ouvido [do moribundo ou falecido] e repeti-lo-á de forma nítida, incutindo-o, com clareza, no moribundo, de modo a impedir que sua mente divague por um momento sequer.

Quando a expiração houver cessado por completo, pressiona firmemente o nervo do sono; e, quando se tratar de um lama ou de uma pessoa de posição mais elevada ou mais instruída que tu, pronunciarás com força estas palavras, assim:

Reverendo Senhor, agora que estás vivenciando a Clara Luz Fundamental, tenta permanecer nesse estado que ora vivencias.

E também no caso de qualquer outra pessoa, o leitor pô-lo-á em Confrontação, assim:

Ó nobre filho (fulano de tal), escuta. Agora estás vivenciando o Esplendor da Clara Luz da Realidade Pura. Reconhece-a. Ó nobre filho, teu presente intelecto,[37] em sua real natureza vazio, não-formado no que respeita a quaisquer características ou cor, naturalmente vazio, é a verdadeira Realidade, o Todo-bondoso.[38]

Teu próprio intelecto, que agora é vacuidade, não obstante não ser visto como a vacuidade do nada, mas como sendo o próprio intelecto, desobstruído, brilhante, vibrante e bem-aventurado, é a verdadeira consciência,[39] o Buda Todo-bondoso.[40]

---

36. Cf. a seguinte passagem do *The Book of the Craft of Dying*, cap. V, *in* manuscrito *Bodleian 423* (*circa* século XV), ed. de Comper, p. 35: "Também, se ocorrer que aquele que morre tiver muito tempo e condição para refletir e não for vitimado de morte brusca, então pode-se ler à sua cabeceira, pelos que lhe forem mais próximos, devotas histórias e devotas orações com as quais ele mais se aprazia quando tinha saúde."

37. Texto: *Shes-rig* (pronuncia-se *she-rig*) é o intelecto, a faculdade cognitiva ou do conhecimento.

38. Texto: *Chös-nyid Kün-tu-bzang-po* (pronuncia-se *Chö-nyid Küntu-zang-po*); em sânscrito, *Dharma-Dhātu Samanta-Bhadra*, a encarnação do *Dharmakāya*, o primeiro estado da condição de Buda. A nossa xilografia, aqui com erro, dá por Todo-bondoso (*Kuntu-Zang-po*, que significa "Pai Todo-bondoso"), *Kuntu-Zang-mo*, que significa "Mãe Todo-bondosa". De acordo com a Grande Escola Perfeccionista, o Pai é aquilo que aparece, ou os fenômenos, e a Mãe é a consciência dos fenômenos. Igualmente, o júbilo é o Pai e o Vazio que o compreende, a Mãe; o esplendor é o Pai, e o Vazio que o compreende, a Mãe; e, como no nosso texto, o intelecto é o Pai, e o Vazio a Mãe. A repetição de "Vazio" é para enfatizar a importância de reconhecer o intelecto como sendo, na realidade, vazio (ou da natureza da vacuidade), isto é, o Primordial não-nascido, não-criado, não-formado.

39. Texto: *Rig-pa*, que significa "consciência", enquanto distinta da faculdade do conhecimento por meio da qual ela percebe ou se conhece como tal. *Rig-pa* e *shes-rig* são normalmente sinônimos; contudo num tratado filosófico intrincado como este, *rig-pa* se refere à consciência em seu aspecto mais espiritual e puro (isto é, supramundano) e *shes-rig* à consciência nesse aspecto mais grosseiro, não puramente espiritual, pelo qual o conhecimento dos fenômenos existe.

Nesta parte do *Bardo Thödol*, a análise psicológica da consciência ou mente é particularmente intrincada. Onde quer que no texto ocorre o termo *rig-pa*, nós o traduzimos por "consciência", e a palavra *shes-rig* por "intelecto"; ou ainda, para se ajustar no contexto, *rig-pa* como "Consciência" e *shes-rig* como "consciência dos fenômenos", que é "intelecto".

40. Texto: *Kun-tu-bzang-po*, em sânscrito *Samanta* ("Todo" ou "Universal" ou "Completo") *Bhadra* ("Bondoso" ou "Beneficente"). Neste estado, a pessoa que vivencia e a coisa

Tua própria consciência, não-formada de coisa alguma, na realidade vazia, e o intelecto, brilhante e bem-aventurado – são duas coisas inseparáveis. A união deles é o *Dharmakāya*, o estado da Iluminação Perfeita.[41]

Tua própria consciência, brilhante, vazia e inseparável do Grande Corpo de Esplendor, não tem nascimento nem morte: é a Luz Imutável – o *Buda Amitābha*.[42]

Conhecer isso é suficiente. Reconhecer o vazio de teu próprio intelecto como sendo o estado de Buda e considerá-lo como sendo tua própria consciência, significa manter-te na [no Estado da] divina mente[43] de Buda.[44]

Repete isso distinta e claramente três ou [mesmo] sete vezes. Pois isso trará de novo à mente [do moribundo] a confrontação anterior [isto é, de quando ele era vivo] ensinada a ele pelo *guru*. Em segundo lugar, isso fará com que a consciência nua seja reconhecida como a Clara Luz; e, em terceiro lugar, reconhecendo [assim] o [seu] verdadeiro eu, a pessoa se torna permanentemente unida com o *Dharmakāya* e a Libertação será certa.[45]

---

vivenciada são inseparavelmente um e o mesmo, como, por exemplo, o amarelo do ouro não pode ser separado do ouro, nem o salgado do sal. Para o intelecto humano normal, esse estado transcendental está além da compreensão.

41. Da união dos dois estados da mente ou consciência, implicados pelos dois termos *rig-pa* e *shes-rig*, e simbolizados pelo Pai Todo-bondoso e pela Mãe Todo-bondosa, nasce o estado do *Dharmakāya*, o estado da Iluminação Perfeita, o estado de Buda. *Dharmakāya* ("Corpo da Verdade") simboliza o estado mais alto e puro do ser, um estado de consciência espiritual, desprovido de quaisquer limitações ou obscuridades mentais que surgem do contato da consciência primordial com a matéria.

42. Como o estado de Buda Samanta-Bhadra é o estado do Todo-bondoso, do mesmo modo o estado de Buda Amitābha é o estado de Luz Infinita; e, conforme o texto dá a entender, ambos são, em última análise, o mesmo estado, só que observado de pontos de vista diferentes. No primeiro, enfatiza-se a mente do Todo-bondoso; no segundo, o poder *Bodhi* iluminador, simbolizado como Buda Amitābha (personificação da faculdade da Sabedoria), Fonte de Vida e Luz.

43. Texto: *dgongs-pa* (pronuncia-se *gong-pa*), "pensamentos" ou "mente", e, estando na forma honorífica, "divina mente".

44. Realização do Não-*Sangsāra* – que é o Vazio, o Não-tornado, o Não-nascido, o Não-feito, o Não-formado – subentende o estado de Buda, a Iluminação Perfeita – o estado da Divina Mente de Buda. Compare a seguinte passagem do *Sūtra do Diamante* [ou Imutável], com o seu comentário chinês (trad. de W. Gemmel, Londres, 1912, pp. 17-8): "Toda forma ou qualidade dos fenômenos é transitória e ilusória. Quando a mente compreende que os fenômenos da vida não são fenômenos reais, o Senhor Buda pode então ser claramente percebido". (*Anotação chinesa*: "O Buda espiritual deve ser percebido na mente; do contrário, não seria a verdadeira percepção do Buda.")

45. Se o moribundo estiver familiarizado com esse estado, em virtude de treino espiritual (ou *yogico*) anterior no mundo humano, e tiver o poder de alcançar o estado de Buda nesse momento que tudo define, a Roda do Renascimento é detida e a Libertação é instantaneamente alcançada. Porém, tal eficiência espiritual é tão rara que a condição mental normal do moribundo é inconstante para o supremo de se manter no estado no qual brilha a Clara Luz; daí segue uma progressiva descida aos estados cada vez mais inferiores da existência *Bardo*, e depois para o renascimento. Uma agulha equilibrada por e posta a girar sobre uma linha é usada como símile pelos lamas para explicar essa condição. Assim que a agulha consegue o seu equilíbrio ela se manterá sobre a linha. Finalmente, porém, a lei da gravidade a afeta, e ela cai. Do mesmo modo, no âmbito da Clara Luz, a mente de uma pessoa moribunda desfruta momentaneamente

[INSTRUÇÕES SOBRE O SEGUNDO ESTÁGIO DO *CHIKHAI BARDO*: A CLARA LUZ SECUNDÁRIA VISTA IMEDIATAMENTE APÓS A MORTE]

Assim, a Clara Luz Primária é reconhecida e a Libertação é alcançada. Mas se se teme que a Clara Luz Primária não tenha sido reconhecida, então [pode-se afirmar com certeza que] estará surgindo [para o morto] a chamada Clara Luz Secundária, que surge num período de tempo um pouco maior que o de uma refeição após ter cessado a expiração.[46]

De acordo com o bom ou o mau *karma* de cada um, a força vital corre tanto pelo nervo direito como pelo esquerdo, e sai através de qualquer uma das aberturas [do corpo].[47] A seguir, vem um estado lúcido da mente.[48]

Dizer que o estado [da Clara Luz Primária] dura o período de tempo de uma refeição [dependerá] da boa ou da má condição dos nervos e também se houve ou não prática anterior [na confrontação].

Quando o princípio de consciência houver saído [do corpo, ele dirá a si mesmo]: "Estou morto, ou não?" E não poderá determiná-lo. Ele vê seus parentes e circunstantes como os via antes. Ouve inclusive os lamentos. As terríveis ilusões *kármicas* ainda não apareceram. Tampouco surgiram as horríveis aparições ou experiências causadas pelos Senhores da Morte.[49]

---

de uma condição de estabilidade, de perfeito equilíbrio e unidade. Dada a não-familiaridade com esse estado, que é um estado extático do não-ego, de consciência subliminar, o princípio de consciência do ser humano médio carece de condições para nele funcionar. As inclinações *kármicas* obscurecem o princípio de consciência com pensamentos de personalidade, de ser individualizado, de dualismo e, perdendo o equilíbrio, o princípio de consciência abandona a Clara Luz. É a ideação do ego, do eu, que impede a realização do *Nirvāna* (que é o "apagar da chama dos anseios egoístas"); e, assim, a Roda da Vida continua a girar.

46. Imediatamente após a passagem da força vital pelo nervo mediano, o moribundo encontra-se na Clara Luz, em sua pureza primitiva, o *Dharmakāya*, sem obscurecimento. E, se é incapaz de se manter nela, vivencia então a Clara Luz Secundária, descendo assim a um estágio inferior do *Bardo*, no qual o *Dharmakāya* é ofuscado por obscurecimentos *kármicos*.

47. Cf. p. XXX.

48. Texto: *shes-pa*, aqui traduzido por "mente". O tradutor para o inglês acrescentou o seguinte comentário: "A força vital, que provém do centro nervoso psíquico do umbigo, e o princípio de consciência, que provém do centro nervoso psíquico do cérebro, unem-se no centro nervoso psíquico do coração e, ao deixarem o corpo a partir desse centro, normalmente através da Abertura de Brāhma, produzem no moribundo um estado de êxtase de grande intensidade. O estágio seguinte é menos intenso. No primeiro estágio, ou estágio primário, experimenta-se a Clara Luz Primária; no segundo, a Clara Luz Secundária. À maneira de uma bola que atinge o máximo da altura de seu impulso depois de bater pela primeira vez no solo e que, a cada nova batida, alcançará alturas cada vez menores, até imobilizar-se – assim também se passa com o princípio de consciência quando da morte do corpo humano. Seu primeiro pulo espiritual, imediatamente após abandonar o corpo físico do plano terrestre, é o mais alto; o próximo, sempre mais baixo. Até que finalmente, exaurida a força do *karma* no estado pós-morte, o princípio de consciência atinge o repouso, um ventre é penetrado e ocorre então o renascimento neste mundo."

49. Texto: *Gshin-rje* (pronuncia-se *Shin-je*): "Senhor da Morte"; é no entanto permitida a forma plural, preferível neste caso.

Durante esse intervalo, as orientações devem ser aplicadas [pelo lama ou leitor]:

Há os [devotos] que se encontram no estágio da perfeição e os que se encontram no estágio de visualização. Se se trata de alguém que se encontra no estágio da perfeição, chama-o então três vezes pelo nome e repete inúmeras vezes as instruções acima para a confrontação com a Clara Luz. Se se trata de alguém que se encontra no estágio da visualização, lê para ele então as descrições introdutórias e o texto da meditação sobre a sua divindade tutelar,[50] e então diz:

Ó tu, nobre filho, medita sobre tua própria divindade tutelar. [Aqui o nome da divindade deve ser mencionado pelo leitor.[51]] Não te distraias. Concentra fervorosamente tua mente na tua divindade tutelar. Medita sobre ela como se ela fosse o reflexo da Lua na água, aparente mas inexistente [em si mesmo]. Medita sobre ela como se ela fosse um ser com um corpo físico.

Assim dizendo, [o leitor] incutirá isso [no morto].

Se [o defunto] for alguém do povo, diz:

Medita sobre o Grande Senhor da Compaixão.[52]

Sendo assim postos em confrontação, mesmo aqueles que não se esperava reconhecerem o *Bardo* [sem ajuda] estarão sem dúvida seguros de reconhecê-lo.

As pessoas que, em vida, foram postas em confrontação [com a Realidade] por um *guru*, mas que não obstante não se familiarizaram com ela, não serão capazes de, por si sós, reconhecerem claramente o *Bardo*. Seja um *guru* ou um irmão de fé, terão de infundir vividamente isso nessas pessoas.[53]

Pode haver também aqueles que se familiarizaram com os ensinamentos e, não obstante, devido à violência da doença que lhes causou a morte, podem ser mentalmente incapazes de resistir às ilusões. Para eles, também, esta instrução é absolutamente necessária.

Também [há aqueles] que, embora anteriormente familiarizados com os ensinamentos, foram sujeitos a passar pelos estados miseráveis de existência, devido ao não-cumprimento de promessas ou por falharem ao desempenhar honestamente as obrigações essenciais. Para eles, esta [instrução] é indispensável.

---

50. Cf. a seguinte passagem de *The Craft to Know Well to Die*, cap. IV, na edição de Comper, p. 73: "E a seguir ele [o moribundo] deverá invocar os apóstolos, os mártires, os confessores e as virgens, e em especial todos os santos a quem sempre mais amou."

51. A divindade favorita ou tutelar (tib. *yi-dam*) é normalmente um dos Budas ou Boddhisattvas, dos quais Chenrazee é o mais popular.

52. Texto: *Jo-vo-thugs-rje-chen-po* (pronuncia-se *Jo-vo-thu-ji-chen-po*): "Grande Senhor Compassivo", sinônimo do tibetano *Spyan-ras-gzigs* (pronuncia-se *Chen-rä-zi*); sânscrito, *Avalokiteshvara*.

53. Uma pessoa pode ter ouvido uma descrição pormenorizada da arte de nadar e, contudo, nunca ter tentado nadar. Lançada de repente à água, ela se sentirá incapaz de nadar. O mesmo se dá com aqueles que aprenderam a teoria de como agir na hora da morte e não a aplicaram por meio de práticas *yógicas*: eles não conseguem manter ininterrupta a continuidade da consciência, atordoam-se diante da mudança de condições e não conseguem evoluir ou beneficiar-se com a oportunidade oferecida pela morte, a menos que contem com a orientação ou ajuda de um *guru* vivo. Mas, apesar de tudo o que um *guru* poderá fazer, freqüentemente elas, em virtude de seu mau *karma*, não conseguem reconhecer o *Bardo* como tal.

Se o primeiro estágio do *Bardo* for devidamente aproveitado, tanto melhor. Se não, com a aplicação desta evocação diferente [do falecido], no segundo estágio do *Bardo*, seu intelecto é despertado e alcança a libertação.

Durante o segundo estágio do *Bardo*, o corpo da pessoa é da natureza daquilo que se chama corpo ilusório brilhante.[54]

Sem saber se [ele está] morto ou não, advém [um estado de] lucidez [para o falecido].[55] Se as instruções forem aplicadas com êxito ao falecido enquanto ele estiver nesse estado, então, encontrando a Realidade Mãe e a Realidade Filha,[56] o *karma* deixa de controlar.[57] Da mesma forma que, por exemplo, os raios solares dissipam a escuridão, a Clara Luz, no Caminho, dissipa o poder do *karma*.

Aquilo que se chama de segundo estágio do *Bardo* surge para o corpo de pensamento.[58] O Conhecedor[59] paira naqueles lugares a que suas atividades foram limitadas. Se, nesse momento, este ensinamento especial foi aplicado eficientemente, então o propósito será cumprido; pois as ilusões *kármicas* não terão vindo ainda e, por conseguinte, ele [o falecido] não pode desviar-se para aqui ou para ali [de seu objetivo de alcançar a Iluminação].

[PARTE II]

[O *BARDO* DA VIVÊNCIA DA REALIDADE]

[INSTRUÇÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA REALIDADE DURANTE O TERCEIRO ESTÁGIO DO *BARDO*, CHAMADO *CHÖNYID BARDO*, QUANDO SURGEM APARIÇÕES *KÁRMICAS*]

Mas, mesmo se a Clara Luz Primária não for reconhecida, sendo reconhecida a Clara Luz do Segundo *Bardo*, a Libertação será alcançada. Se não se libertar nem

---

54. Texto: *dag-pahi-gyu-lus* (pronuncia-se *tag-pay-gyu-lü*, "corpo ilusório puro (ou brilhante)"; sânscrito, *māyā-rūpa*. Trata-se da contraparte etérea do corpo físico do plano terreno, o "corpo astral" da Teosofia.

55. Com a saída do princípio de consciência do corpo humano, ocorre um frêmito psíquico que dá origem a um estado de lucidez.

56. Texto: *Chöi-nyid-ma-bu*; sânscrito, *Dharma Mātri Putra*: "Realidade (ou Verdade) Mãe e Filha". A Verdade Filha é a que se alcança neste mundo através da prática da meditação profunda (sânscrito, *dhyāna*). A Verdade Mãe é a Verdade Primordial ou Fundamental, que se vivencia somente após a morte, quando o Conhecedor se acha no estado *Bardo* de equilíbrio, antes de as inclinações *kármicas* entrarem em ação. A Realidade Filha está para a Realidade Mãe como um objeto fotografado está para a fotografia.

57. Literalmente, "o *Karma* não pode virar a boca ou a cabeça", expressão em que a imagem aludida é a de um cavaleiro que controla um cavalo com rédeas e freio. No *Tantra da Grande Libertação* encontra-se esta passagem semelhante: "O homem enceguecido pelas trevas da ignorância, o louco preso às malhas de seus atos, e o iletrado, ouvindo este Grande *Tantra*, libertam-se dos elos do *Karma*." (Cf. *Tantra of the Great Liberation*, na edição de Arthur Avalon, Londres, 1913, p. 359, linha 205.)

58. Texto: *yid-kyi-lüs* (pronuncia-se *yid-kyi-lü*), "corpo mental", "corpo de desejo" ou "corpo de pensamento".

59. Cf. pp. 64 n. 29, 67 n. 37, 67 n. 39.

com o segundo, advém então o que se chama terceiro *Bardo*, ou *Chönyid Bardo*.

Neste terceiro estágio do *Bardo*, despontam as ilusões *kármicas*. É muito importante que esta Grande Confrontação do *Chönyid Bardo* seja lida: ela tem muito poder e pode fazer um grande bem.

Mais ou menos nesse momento [o defunto] pode ver que a [sua] parte de alimento vai sendo deixada de lado, que o corpo vai sendo despido de suas vestes e que o lugar da mantra de dormir está limpo;[60] ele pode ouvir todos os murmúrios e lamentos de seus amigos e parentes e, embora possa vê-los e ouvir que o chamam, eles não podem ouvi-lo e, assim, ele parte desgostoso.

Nesse momento, sons, luzes e raios – todos os três – são percebidos. Eles atemorizam, dão medo e terror e causam muita fadiga. Nesse instante, a confrontação com o *Bardo* [durante a vivência] da Realidade deve ser aplicada. Chama o falecido pelo nome e, de forma correta e inteligível, explica-lhe o seguinte:

Ó nobre filho, escuta com toda a atenção, sem te distraíres. Há seis estados de *Bardo*, a saber: o estado natural de *Bardo*, no ventre;[61] o *Bardo* do estado de sonho;[62] o *Bardo* do equilíbrio extático, em profunda meditação;[63] o *Bardo* do momento da morte;[64] o *Bardo* [durante a experiência] da Realidade;[65] e o *Bardo* do processo inverso da existência *sangsârica*.[66] Estes são os seis estados.

Ó nobre filho, vivenciarás três *Bardos*, o *Bardo* do momento da morte, o *Bardo* [durante a experiência] da Realidade e o *Bardo* quando da procura de renascimento. Destes três, até ontem vivenciaste o *Bardo* do momento da morte. Embora a Clara Luz da Realidade tenha surgido sobre ti, foste incapaz de manter-te assim e, por isso, divagas por aqui. Daqui por diante experimentarás os [outros] dois, o *Chönyid* e o *Sidpa Bardo*.

Presta toda a atenção a isto com o que vou colocar-te em confrontação, e mantém-te assim:

Ó nobre filho, agora chegou o que se chama morte. Estás partindo deste mundo dos vivos, mas não és o único; [a morte] vem para todos. Não te apegues, por gosto ou fraqueza, a esta vida. Mesmo que te apegues, por fraqueza, não tens

---

60. As referências são: 1) à porção de alimento que se está reservando para o defunto durante os ritos fúnebres; 2) ao seu cadáver, que está sendo preparado para amortalhar; e 3) à cama ou ao lugar onde ele dorme.

61. Texto: *Skyes-gnas Bardo* (pronuncia-se *Kye-nay Bardo*): "Estado Intermediário" ou "Estado de Incerteza", do lugar de nascimento (ou quando no ventre).

62. Texto: *Rmi-lam Bardo* (pron. *Mi-lam Bardo*); "Estado Intermediário" ou "Estado de Incerteza [durante a experiência] do estado de sonho".

63. Texto: *Ting-nge-hzin Bsam-gtam Bardo* (pron. *Tin-ge-zin Sam-tam Bardo*); "Estado Intermediário" ou "Estado de Incerteza [durante a experiência] do *Dhyânî* (meditação) em *Samâdhi* (Equilíbrio Extático)".

64. Texto: *Hchi-khahi Bardo* (pron. *Chi-khai Bardo*), "Estado Intermediário" ou "Estado de Incerteza, do momento de morrer (ou momento da morte)".

65. Texto: *Chöi-nyid Bardo* (pron. *Chö-nyid Bardo*), "Estado Intermediário" ou "Estado de Incerteza [durante a experiência] da Realidade".

66. Texto: *Lugs-hbyung Srid-pahi Bardo* (pron. *Lu-jung Sid-pai Bardo*), "Estado Intermediário" ou "Estado de Incerteza, no processo inverso da experiência *sangsârica* (mundana)" – estado em que o Conhecedor está buscando renascimento.

o poder de permaneceres aqui. Não ganharás [com isso] nada senão errar neste *Sangsâra*.[67] Não te apegues [a este mundo]; não sejas fraco. Lembra-te da Preciosa Trindade.[68]

Ó nobre filho, qualquer que seja o medo ou terror que te sobrevenha no *Chönyid Bardo*, não te esqueças destas palavras; e, conservando o significado delas no coração, segue adiante: nelas reside o segredo vital do reconhecimento:

"Ai de mim! Quando a Incerta Experiência da Realidade raiar sobre mim,[69]
Com todo pensamento de medo ou terror ou temor por tudo [as aparições fantasmais] afastado,
Que eu reconheça quaisquer [visões] que apareçam, como reflexos de minha própria consciência;
Que eu as reconheça como sendo da natureza das aparições do *Bardo*:
Neste importantíssimo momento [da oportunidade] de alcançar um grande fim,
Que eu não tema os bandos de [Deuses] Pacíficos e Irados, minhas próprias formas de pensamentos.[70]"

Repete estes [versos] claramente e, relembrando o seu significado à medida que os repetires, segue adiante [Ó nobre filho]. Assim, quaisquer que sejam as visões de temor ou terror que aparecerem, o reconhecimento estará seguro; e não te esqueças desta secreta arte vital que se encontra neles.

Ó nobre filho, quando teu corpo e tua mente estiverem separados, deverás ter vivenciado o vislumbre da Verdade Pura, sutil, brilhante, viva, deslumbrante, gloriosa e radiosamente medonha, parecendo uma miragem que se move numa paisagem na primavera, num contínuo fluxo de vibrações. Não te assustes com isso, nem te aterrorizes, nem temas. Trata-se do esplendor de tua própria verdadeira natureza. Reconhece-a.

Do meio desse esplendor, virá o som natural da Realidade, reverberando como milhares de trovões soando simultaneamente. Trata-se do som natural de teu próprio eu verdadeiro. Não te assustes com isso, não te aterrorizes, nem temas.

O corpo que agora tens chama-se corpo-pensamento de inclinações.[71] Já que não tens mais um corpo material de carne e osso, o que quer que venha – sons,

---

67. Texto: *Hkhor-va* (pronuncia-se *Khor-wa*) – literalmente, "algo que gira ao redor", "coisa que gira"; sânscrito, *Sangsâra* (ou *Samsâra*).

68. Isto é o *Buda*, o *Dharma*, o *Sangha*.

69. A Realidade é vivenciada ou vislumbrada num estado de incerteza, pois o Conhecedor a vivencia através da contraparte *Bardo* das faculdades perceptivas ilusórias do corpo do plano terrestre e não através da consciência supramundana desobscurecida do estado do *Dharmakâya* puro, onde não pode haver *Bardo* algum (isto é, "Estado Intermediário" ou "Incerto").

70. Texto: *rang-snang* (pronuncia-se *rang-nang*), visões [mentais] (ou formas de pensamento) próprias de uma pessoa".

71. Texto: *bag-chags yid-lûs* (pronuncia-se *bag-chah-yid-lü*). *Yid-lûs*, "corpo mental" ou "corpo-pensamento"; *bag-chags*, "hábitos", "inclinações" (nascidas da existência *sangsârica* ou mundana).

luzes ou raios – os três não podem te fazer mal: és incapaz de morrer. É suficiente, para ti, saber que tais aparições são tuas próprias formas-pensamento. Reconhece isso como sendo o *Bardo*.

Ó nobre filho, se não reconheceres agora tuas próprias formas-pensamento, por maior que seja a meditação ou devoção que tenhas praticado no mundo humano – se não receberes este presente ensinamento, as luzes te assustarão, os sons te amedrontarão e os raios te aterrorizarão. Se não conheceres esta importantíssima chave para os ensinamentos – não sendo capaz de reconhecer os sons, as luzes e os raios – terás que errar no *Sangsâra*.

[A AURORA DAS DIVINDADES PACÍFICAS, DO PRIMEIRO AO SÉTIMO DIA]

[Supondo-se que o defunto seja obrigado por seu *Karma* – como é o caso da maioria dos que partem – a atravessar os quarenta e nove dias da existência do *Bardo*, a despeito das freqüentes confrontações, as provações e os perigos com que ele deve deparar-se e que tentará vencer, durante os primeiros sete dias, quando despontam as Divindades Pacíficas, tudo isso logo lhe será explicado em detalhe. O primeiro dia, conforme diz o texto, conta a partir do momento em que, normalmente, ele despertaria para o fato de estar morto e de encontrar-se no caminho do renascimento, ou seja, três dias e meio ou quatro dias após a morte.]

[PRIMEIRO DIA]

Ó nobre filho, estiveste em estado de desmaio durante os últimos três dias e meio. Tão logo te recuperes desse estado de desmaio, te ocorrerá pensar: "O que aconteceu?"

Age de modo a poderes reconhecer o *Bardo*. Nesse momento, todo o *Sangsâra* estará em revolução,[72] e as aparências fenomenais que então verás serão esplendores e divindades.[73] Todos os céus aparecerão profundamente azuis.

Então, do Reino Central, chamado o Espalhador da Semente,[74] o Bhagavân Vairochana,[75] de cor branca e sentado sobre um trono-leão, segurando uma roda de oito raios e abraçado pela Mãe do Espaço do Céu,[76] se manifestará para ti.

Trata-se do agregado de *matéria* reduzido ao seu estado primitivo, que é a luz azul.[77]

A Sabedoria do *Dharma-Dhâtu*, de cor azul, brilhante transparente, gloriosa, ofuscante, saída do coração do *Vairochana* como Pai-Mãe,[78] se precipitará e te atingirá com uma luz tão radiante que mal serás capaz de mirá-la.

Com ela, brilhará também uma opaca luz branca provinda dos *devas*, que te atingirá na fronte.

A seguir, devido ao poder do mau *karma*, a gloriosa luz azul da Sabedoria do *Dharma-Dhâtu* produzirá em ti medo e terror e [desejarás] fugir[ás] dela. Mas sentirás afeição pela luz branca, opaca, dos *devas*.

Nesse estágio, não deves ficar atemorizado pela divina luz azul que parecerá brilhante, ofuscante e gloriosa; e não deves surpreender-te com ela. É a luz do Tathâgata,[79] chamada Luz da Sabedoria do *Dharma-Dhâtu*. Põe tua fé, acredita nela firmemente, ora para ela tendo em tua mente que essa luz procede do coração do Bhagavân Vairochana que vem receber-te na perigosa emboscada[80] do *Bardo*. Essa luz é a luz da graça de Vairochana.

Não te deixes afeiçoar pela opaca luz branca dos *devas*. Não te apegues [a ela]; não sejas fraco. Se te apegares a ela, errarás pelas moradas dos *devas* e serás atraído pelo remoinho dos Seis *Lokas*. Trata-se de uma interrupção para obstruir-

---

72. Isto é, fenômenos ou experiências fenomenais vivenciados no mundo humano ocorrerão de maneira bastante diversa no mundo *Bardo*, de tal forma que para aquele que acaba de morrer eles aparecerão como confusão ou revolução; daí a advertência ao defunto, que deve acostumar-se ao estado do pós-morte como um bebê precisa acostumar-se, após o nascimento, com o nosso mundo.

73. A esta altura, quando as maravilhosas visões do *Bardo* começam a surgir, o estudioso que tentar racionalizá-las deve ter sempre presente que este tratado é essencialmente esotérico e que, especialmente daqui em diante, alegoriza e simboliza experiências psíquicas no estado do pós-morte.

74. Texto: *Thiglé-Brdalva* (pronuncia-se *Thigle-Dalwa*), "que espalha a Semente [de todas as coisas]". Esotericamente, é o *Dharma-Dhâtu*.

75. Texto: *Rnam-par-Snang-mzad* (pronuncia-se *Nam-par-Nang-zad*); sânscrito, *Vairochana*, o Buda Dhyânî do Centro (ou do Reino Central). *Vairochana* significa, literalmente, "em formas que torna visível"; daí ser ele o Manifestador dos Fenômenos ou Noumena. A roda que ele segura simboliza poder soberano. O título de Bhagavân (aplicado a várias outras divindades que serão citadas), que significa "Possuidor do Domínio" (ou "dos Seis Poderes"), ou "O Vitorioso", qualifica-o como um Buda, isto é, aquele que conquistou ou tem domínio sobre a existência mundana ou *sangsârica*.

Sendo o Buda Dhyânî Central, *Vairochana* é o caminho supremo para a Iluminação da escola esotérica. Como um Sol Central, cercado pelos quatro Budas Dhyânî dos quatro pontos cardeais, que surgem nos quatro dias sucessivos, ele simboliza a Única Verdade circundada por seus quatro constituintes ou elementos. Enquanto fonte de toda a vida orgânica, nele todas as coisas visíveis e invisíveis têm sua consumação e absorção.

Para referências gerais às divindades do *Bardo Thödol*, veja-se L. A. Waddell, *The Buddhism of Tibet or Lamaism*. Londres, 1895; e A. Getty, *The Goods of Northern Buddhism*. Oxford, 1914.

76. Texto: *Nam-mkh-ah-dvyings-kyi-dvang-phyung-ma* (pronuncia-se *Nam-kha-ing-kya-wang-chug-ma*), "Senhora Soberana do Espaço do Céu"; sânscrito: *Âkâsa Dhâtu Îshvarî*. A Mãe é a fêmea principal do universo; o Pai, Vairochana, a semente de tudo o que existe.

77. Aqui, a xilografia diz que: "É o agregado de consciência (*Rnam-par Shes-pahi* – pronuncia-se *Nam-par She-pay*; sânscrito: *Vijñâna Skandha*) reduzido ao seu estado primordial que é a luz azul". No nosso manuscrito, o agregado de consciência brilha como uma luz branca em relação com Vajra-Sattva, no Segundo Dia (veja-se p. 85).

78. Aqui, como em passagens paralelas que se seguirão, a divindade principal personifica tanto o princípio masculino como o feminino da natureza, e por isso é chamado de Pai-Mãe, caracterizado, conforme diz o texto, nas cores simbólicas próprias, no fólio ilustrado correspondente do nosso manuscrito, como o Divino Pai e a Divina Mãe em união (isto é, em reconciliação divina).

79. Texto: *De-bshing-shegs-pa* (pronuncia-se *De-shing-sheg-pa*); sânscrito: *Tathâgata*, que significa "[Aquele] que seguiu o mesmo caminho", isto é, Aquele que alcançou a Meta (*Nirvâna*) – um buda.

80. Texto: *hphrang* (pronuncia-se *htang*): "passagem estreita", "emboscada".

te no Caminho da Libertação. Não olhes para ela. Olha para a clara luz azul com profunda fé. Põe teu inteiro pensamento fervorosamente em Vairochana e repete comigo esta oração:

"Ai de mim! quando perambular no *Sangsāra*, devido à intensa estupidez,
Pelo caminho de luz da Sabedoria do *Dharma-Dhātu*
Que [eu] seja guiado pelo Bhagavān Vairochana.
Que a Mãe Divina do Espaço Infinito seja a [minha] retaguarda;
Que [eu] seja guiado com segurança através da terrível emboscada do *Bardo*;
Que [eu] seja posto no estado do Todo-perfeito Buda."[81]

Orando assim, com intensa e humilde fé, [tu] submergirás, no halo de luz arco-íris, no coração de Vairochana, e obterás o estado de Buda no *Sambhoga-kāya*, no Reino Central do Densamente Acondicionado.[82]

[SEGUNDO DIA]

Mas, se a despeito dessa confrontação, pela força da cólera ou do obscuro *karma*, o falecido se espanta diante da luz gloriosa e foge, ou é dominado pelas ilusões, não obstante a oração, no Segundo Dia, Vajra-Sattva e suas deidades acompanhantes, assim como as más ações do morto [merecedoras] do Inferno, virão para recebê-lo.

Por isso, chamando o falecido pelo nome, a confrontação é feita assim:

Ó nobre filho, escuta atentamente. No Segundo Dia, a pura forma da água brilhará como uma luz branca. Nesse momento, do profundo e azul Reino Oriental da Preeminente Felicidade, o Bhagavān Akṣhobhya [como] Vajra-Sattva[83] de cor azul, segurando em sua mão o *dorje*[84] pentafurcado, sentado num trono-elefante

81. Cf. as seguintes instruções ao moribundo e a prece do *The Craft to Know Well to Die*, cap. IV, da edição de Comper (p. 73): "Ele deve, em seguida, se puder, invocar os santos anjos dizendo: Ó espíritos do Céu, Gloriosíssimos Anjos, vos suplico assistência [isto é, que estejam presentes] para mim agora que começo minha partida e que me livreis das espreitas e ardis de meus adversários; e que vos agrade receber minha alma em vossa companhia. O principal, meu guia e meu anjo da guarda, que pelo Senhor foste incumbido de ser meu guardião e zelador, rezo a ti e peço-te que me ajudes e me socorras."

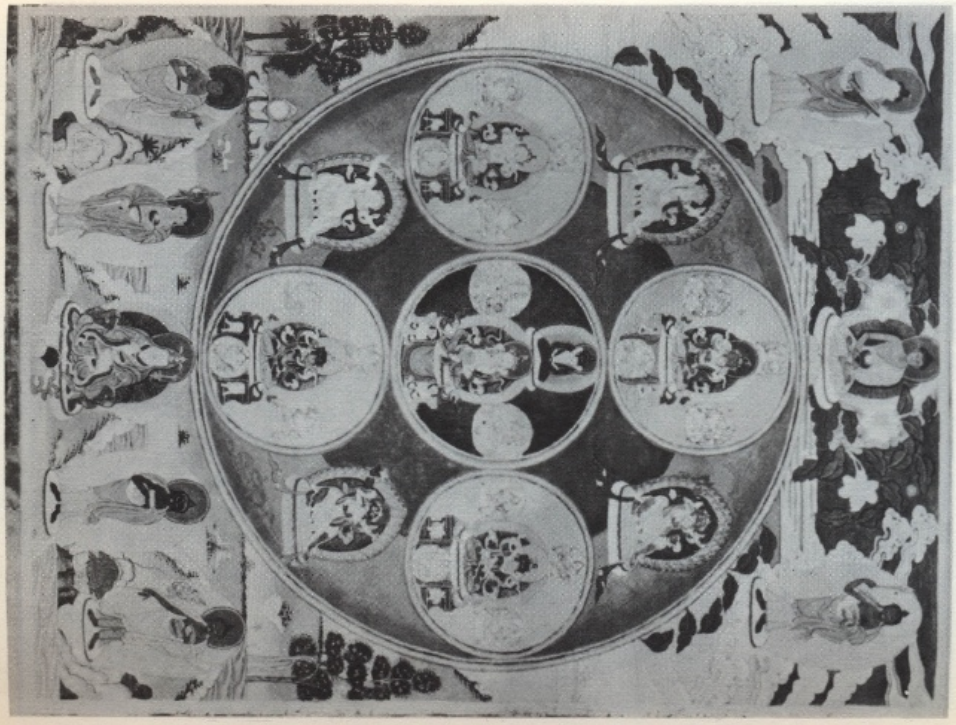
82. Texto: *Stug-po-bkod-pahi zhing-khams* (pronuncia-se *Tug-po-kod-pai shing-kham*): "Reino Compactamente Formado ou Densamente Acondicionado", isto é, a semente de todas as forças e coisas universais estão aí densamente reunidas; também chamado, em tibetano, *"Ogmin"*: lit. *Não-queda*, é o reino de onde não há queda, o estado que leva ao *Nirvāna*; é, preeminentemente, o reino dos Budas.

83. Texto: *Rdorje-sems-dpah Mi-bskyod-pa* (pronuncia-se *Dorje-sems-pa Mi-kyod-pa*); sânscrito: *Vajra-Sattva Akṣhobhya*. Akṣhobhya (o "Não-agitado" ou "Imóvel"), o Buda Dhyānī da Direção Leste, aqui, como através de todo o texto, aparece como Espírito Vajra-Sattva (o "Espírito Heróico Divino ou Indestrutível"), seu *Sambhogakāya*, ou reflexo ativo adornado. Vajra-Dhāra (o "Detentor Firme ou Indestrutível" [ver p. 9]) é, também, um reflexo de *Akṣhobhya*; e ambos os reflexos são divindades muito importantes da Escola Esotérica.

84. O *dorje* é o cetro *lamaico*, um tipo de raio de Indra (Júpiter).

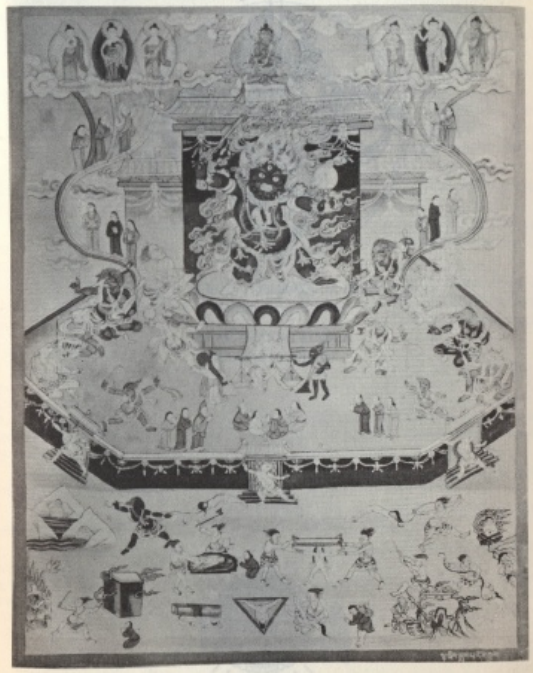
O TRADUTOR (À ESQ.) E O EDITOR EM GANGTOK, SIKKIM
(veja-se p. XXIX)

FÓLIOS 35A E 67A DO MANUSCRITO DO *BARDO THÖDOL*
(descritos na p. XXIX)



A GRANDE *MANDALA* DAS DIVINDADES PACÍFICAS
(descrita nas pp. XXIX-XXX, 92-5, 164-66)

A GRANDE *MANDALA* DAS DIVINDADES IRADAS E DETENTORAS DO CONHECIMENTO
(descrita nas pp. XXXI, 98-9, 164-66)



O JUÍZO
(descrito nas pp. XXXI-XXXIII, 24-7, 127-28, 179)

A RODA INDIANA DA LEI
(descrita na p. XXXIII)

O *DORJE* CRUZADO *LAMAICO*
(descrito na p. XXXIII)

A RODA TIBETANA DA LEI
(descrita na p. XXXIII)

"OM MA-ṆI PAD-ME HŪṂ"

A *MANTRA* DE CHENRAZEE
(descrita na p. XXXIV)

O *DORJE*, CETRO *LAMAICO*
(descrito na p. XXXIV)

e abraçado pela Mãe Mâmakî,[85] aparecerá para ti, acompanhado pelos Boddhisattvas Kṣhitigarbha[86] e Maitreya[87] com os Boddhisattvas fêmeas Lasema e Pushpema.[88] Essas seis divindades *bódhicas* aparecerão para ti.

O agregado do teu princípio de consciência,[89] estando em sua forma pura – que é a Sabedoria Semelhante ao Espelho – brilhará como uma cintilante luz branca e radiante vinda do coração do Vajra-Sattva, o Pai-Mãe,[90] e te atingirá com um brilho e uma transparência tão deslumbrante que mal poderás mirá-lo. Uma luz opaca, cor de fumaça vinda do Inferno, brilhará paralela à luz da Sabedoria Semelhante ao Espelho e [também] te atingirá.

Então, devido à força da cólera, estarás dominado pelo medo e assustado com a deslumbrante luz branca e [desejarás] fugir[ás] dela; te dominará um sentimento de afeição pela luz cor de fumaça vinda do Inferno. Age, então, de modo a não temer essa deslumbrante, brilhante luz, branca e transparente. Saibas que ela é Sabedoria. Põe a tua humilde e fervorosa fé nela. Ela é a luz da graça do Bhagavân Vajra-Sattva. Pensa, com fé: "Refugiar-me-ei nela"; e ora.

Essa luz é o Bhagavân Vajra-Sattva que vem para receber-te e salvar-te do medo e do terror do *Bardo*. Acredita nela; pois ela é o gancho dos raios da graça de Vajra-Sattva.[91]

Não te deixes afeiçoar pela luz opaca, cor de fumaça, do Inferno. Ela é o caminho que se abre para te receber devido ao poder do mau *karma* acumulado da cólera violenta. Se te deixares atrair por ela, cairás nos Mundos do Inferno; e,

---

85. Esta é a forma sânscrita incorporada em nosso texto tibetano. Aqui, a xilografia, evidentemente errada, contém, em tibetano, *Sangs-rgyas-spyan-ma* (pronuncia-se *Sangyay Chan-ma*), que significa "A do Olho de Buda", que, no nosso texto manuscrito, vem com Ratna-Sambhava no Terceiro Dia. Mâmakî é, também, um dos 108 nomes dados a Dölma (em sânscrito, *Târâ*), a deusa nacional do Tibete (ver. p. 90 n. 107). No *Dharma Samgraha* consta que existem quatro *Devîs*, a saber: Rochanî, Mâmakî, Pândurâ e Târâ.

86. Texto: *Sahi-snying-po* (pronuncia-se *Sayi-nying-po*); sânscrito, *Kṣhitigarbha*, "Ventre (ou Matriz) da Terra".

87. Texto: *Byams-pa* (pronuncia-se *Cham-pa*); sânscrito *Maitreya*: "Amor", o Buda vindouro, que reformará a humanidade através do poder do amor divino.

88. *Lasema* e *Pushpema* são formas sânscritas adulteradas e incorporadas em nosso manuscrito. Seus equivalentes tibetanos são, respectivamente, *Sgeg-mo-ma* (sânscrito, *Lâsyâ*), que significa "Bela" ou "Vaidosa", e Me-tog-ma (sânscrito, *Pushpâ*), "Aquela que oferece (ou porta) Flores". *Pushpâ*, representada segurando uma flor na mão, é uma personificação do florescimento. *Lâsyâ*, a Bela, representada segurando um espelho em atitude vaidosa, personifica a beleza.

89. Texto: *Rnampar-shes-pahi-phung-po* (pronuncia-se *Nam-par-she-pay-phung-po*), "agregado do princípio de consciência", o Conhecedor. A xilografia contém, em vez disso, *Gzugs-kyi-phung-po* (pronuncia-se *Zu-kyi-phung-po*), "agregado do corpo" ou "agregado corpóreo".

90. Veja-se p. 75 n. 78.

91. Os raios da graça divina formam um gancho de salvação para agarrar o morto e afastá-los dos perigos do *Bardo*. Às vezes se pensa que cada raio termina em forma de gancho, assim como cada raio que emana do deus-Sol Rá e que desce como um raio de graça sobre o devoto é representado, nos antigos templos do Egito, terminando em forma de mão. Da mesma forma, o cristão pensa na salvadora graça de Deus.

caindo ali, terás que sofrer insuportável pena, não havendo tempo certo para dali saíres. Como se trata de uma interrupção para obstruir-te no Caminho da Libertação, não olhes para ela; e evita o rancor.[92] Não te deixes atrair por ela; não sejas fraco. Acredita na ofuscante e brilhante luz branca; [e] pondo todo o teu coração fervorosamente no Bhagavān Vajra-Sattva, reza assim:

"Ai de mim! Quando perambular pelo *Sangsāra* devido ao poder do rancor violento,
No radiante caminho de luz da Sabedoria Semelhante ao Espelho,
Que [eu] seja guiado pelo Bhagavān Vajra-Sattva,
Que a Divina Mãe Māmakī seja a [minha] retaguarda;
Que [eu] seja guiado com segurança através da terrível emboscada do *Bardo*;
E que [eu] seja posto no estado do Todo-perfeito Buda."

Orando assim, com intensa e humilde fé, submergirás, na luz arco-íris, no coração do Bhagavān Vajra-Sattva e obterás o estado de Buda no *Sambhogakāya*, no Reino Oriental chamado Reino da Felicidade Suprema.

[TERCEIRO DIA]

Contudo, mesmo quando postas em confrontação dessa forma, algumas pessoas, devido aos obscurecimentos do mau *karma* e ao orgulho, não obstante o gancho dos raios de graça [avance sobre elas], fogem dele. [Se se tratar de uma dessas pessoas], então, no Terceiro Dia, o Bhagavān Ratna-Sambhava[93] e suas divindades acompanhantes, bem ao longo do caminho de luz vindo do mundo humano, virão para recebê-la simultaneamente.

Mais uma vez, chamando o falecido pelo nome, a confrontação é feita assim:

Ó nobre filho, escuta atentamente. No Terceiro Dia, a forma primitiva do elemento-terra irradiará como que uma luz amarela. Nesse momento, do Reino Sul Dotado de Glória, o Bhagavān Ratna-Sambhava, de cor amarela, levando uma Jóia em sua mão, sentado sobre um trono-cavalo e abraçado pela Divina Mãe Sangyay-Chanma,[94] brilhará sobre ti.

Os dois Boddhisattvas, Ākāsha-Garbha[95] e Samanta-Bhadra,[96] acompanhados

92. Aqui o falecido é considerado talvez como capaz de ver sua gente na Terra e, possivelmente, rancoroso ao vê-los disputar a divisão de sua propriedade ou percebendo avareza no comportamento do *lama* que dirige os rituais fúnebres. Mas a proibição com respeito ao rancor é essencialmente *yógica*, à medida que os *yogis* de todas as religiões reconhecem que o rancor impede o progresso espiritual. Isso corresponde aos ensinamentos morais contra o deixar-se levar pelo rancor, contidos nos antigos *Preceitos de Ptah-hotep*, do Egito.

93. Texto: *Rinchen-hbyung-ldan* (pronuncia-se *Rinchen-Jung-dan*); sânscrito: *Ratna-Sambhava*, isto é, "Nascido de uma Jóia". Ele é o Embelezador, de onde procede tudo o que é precioso; um atributo personificado do Buda.

94. Texto: *Sangs-rgyas-spyan-ma* (pronuncia-se *Sang-yay Chan-ma*): "Aquela do Olho [ou Olhos] de Buda".

95. Texto: *Nam-mkhahi-snying-po* (pronuncia-se *Nam-khai-nying-po*); sânscrito: *Ākāsha-Garbha*, "Ventre (ou Matriz) do Céu".

96. Texto: *Kuntu-bzang-po* (pronuncia-se *Kuntu-zang-po*); sânscrito: *Samanta-Bhadra*, "Todo-bondoso". Não se trata do *Ādi-Buda Samanta-Bhadra* (cf. p. 67 n. 38), mas do filho espiritual do Buda Dhyānī Vairochana.

por dois Boddhisattvas fêmeas, Mahlaima e Dhupema[97] — ao todo, seis formas *bódhicas* — virão do meio de um halo arco-íris de luz para brilharem sobre ti. O agregado do tato em sua forma primitiva, como a luz amarela da Sabedoria da Igualdade, deslumbrantemente amarela, glorificada com astros tendo astros satélites de esplendor tão claro e brilhante que os olhos mal podem mirá-lo, te atingirá. Lado a lado com ela, a opaca luz amarelo-azulada do mundo humano também atingirá o teu coração, juntamente com a luz da Sabedoria.

Logo após, devido ao poder do egoísmo, sentirás medo da deslumbrante luz amarela e [desejarás] fugir [ás] dela. Serás ternamente atraído para a opaca luz amarelo-azulada do mundo humano.

Nesse momento, não temas aquela luz brilhante amarela deslumbrante e transparente, mas saibas que ela é Sabedoria; nesse estado, mantendo a tua mente resignada, confia nela fervorosa e humildemente. Se a reconheceres como sendo a radiância de teu próprio intelecto — mesmo que não houveres praticado tua humildade, fé e coração — o Corpo Divino e a Luz se fundirão em ti inseparavelmente e obterás o estado de Buda.

Se não reconheceres o esplendor de teu próprio intelecto, pensa, com fé: "É esplendor da graça do *Bhagavān Ratna-Sambhava*; buscarei refúgio nele"; e ora. Ela é gancho dos raios de graça do Bhagavān Ratna-Sambhava; acredita nela.

Não te deixes afeiçoar por esta opaca luz amarelo-azulada do [mundo] humano. Trata-se do caminho de tuas acumuladas inclinações para o violento egoísmo que vem para te receber. Se te deixares atrair por ela, nascerás no mundo humano e terás de sofrer nascimento, idade, doença e morte; e não terás oportunidade de escapar dos lodaçais da existência mundana. Trata-se de uma interrupção para obstruir o teu caminho da Libertação. Portanto, não olhes para ela, abandona o egoísmo, abandona as inclinações; não te deixes atrair por ela; não sejas fraco. Age de modo a confiar nessa luz brilhante e deslumbrante. Põe teu pensamento mais fervoroso, concentrando-o unicamente no *Bhagavān Ratna-Sambhava*; e ora assim:

"Ai de mim! Quando perambular pelo *Sangsāra* devido ao poder do violento egoísmo,
No radiante caminho de luz da Sabedoria da Igualdade,
Que [eu] seja guiado pelo *Bhagavān Ratna-Sambhava*;
Que a Mãe Divina, Aquela do Olho de Buda, seja a [minha] retaguarda;
Que [eu] seja guiado com segurança através da terrível emboscada do *Bardo*;
E que [eu] seja posto no estado do Todo-perfeito Buda."

Orando assim, com profunda humildade e fé, te fundirás no coração do Bhagavān Ratna-Sambhava, o Divino Pai-Mãe, no halo da luz arco-íris, e obterás o estado de Buda no *Sambhogakāya*, no Reino Sul Dotado de Glória.

97. Texto: *Mahlaima*, "Aquela que Porta (ou leva) o Rosário"; e *Dhupema*, "Aquela que Porta (ou leva) o Incenso". Trata-se de formas adulteradas, híbridas, de sânscrito e tibetano, sendo os equivalentes sânscritos *Mālā* e *Dhūpa*, e os equivalentes tibetanos *Hphreng-ba-ma* (pronuncia-se *Phreng-ba-ma*) e *Bdug-spös-ma* (pronuncia-se *Dug-pö-ma*). A cor destas deusas, que corresponde à da luz da Terra, é amarela.

Sendo assim posto em confrontação, não obstante quão fracas possam ser as faculdades mentais, não há dúvida quanto à pessoa ganhar a Libertação. Contudo, embora tão freqüentemente postas em confrontação, há certos tipos de pessoas que, tendo criado um *karma* muito mau, ou por terem falhado no cumprimento de votos, ou cuja sorte [para o desenvolvimento superior] foi totalmente escassa, são incapazes de reconhecer: suas obscuridades e o mau *karma* causado pela cobiça e pela avareza causam-lhes espanto pelos sons e pelo esplendor, e elas fogem. [Se o defunto for uma dessas pessoas], então, no Quarto Dia, o Bhagavãn Amitâbha[98] e suas divindades acompanhantes juntamente com o Caminho de luz do *Preta-loka*, procedente da avareza e da afetividade, virão para recebê-lo simultaneamente.

Uma vez mais, chamado o falecido pelo nome, a confrontação é feita assim:

Ó nobre filho, escuta atentamente. No Quarto Dia a luz vermelha, que é a forma primitiva do elemento fogo, brilhará. Nesse momento, do Reino Oeste Vermelho da Felicidade, o Bhagavãn Buda Amitâbha, de cor vermelha, levando um loto em sua mão, sentado sobre um trono-pavão e abraçado pela Divina Mãe Gökarmo,[99] brilhará sobre ti, [juntamente com] os Boddhisattvas Chenrazee[100] e Jampal,[101] acompanhados pelos Boddhisattvas fêmeas Ghirdhima e Âloke.[102] Os seis corpos da Iluminação brilharão sobre ti do meio de um halo de luz arco-íris.

A forma primitiva do agregado de sensações representado pela luz vermelha da Sabedoria Onidiscernente, cintilantemente vermelha, glorificada com astros e astros satélites, luminosa, transparente, gloriosa e deslumbrante, vinda do coração do Divino Pai-Mãe Amitâbha, atingirá teu coração [tão radiantemente] que mal poderás mirá-la. Não a temas.

98. Texto: *Snang-wa-mthah-yas* (pronuncia-se *Nang-wa-tha-yay*); sânscrito: *Amitâbha*, "Luz Infinita (ou Incompreensível)". Como encarnação de um dos atributos ou Sabedorias de Buda, a Sabedoria Amitâbha personifica a vida eterna.

99. *Gös-dhar-mo* (pronuncia-se *Gö-kar-mo*), "Aquela em Trajes Brancos".

100. Texto: *Spyan-ras-gzigs* (pronuncia-se *Chen-rä-zi*); sânscrito: *Avalokiteshvara*, "Aquele que Olha para Baixo", encarnação da misericórdia ou compaixão. Os Dalai Lamas são considerados como as suas encarnações; Amitâbha, com que ele desponta aqui, é o pai espiritual, cujos representantes encarnados são os Tashi Lamas. Ele é amiúde representado com onze cabeças e mil braços; cada um com um olho na palma da mão – como "O Grande Piedoso" – seus mil braços e olhos apropriadamente representam-no como estando sempre atento para descobrir o sofrimento e socorrer os aflitos. Na China, Avalokiteshvara transforma-se na Grande Deusa da Misericórdia, Kwanyin, representada por uma figura feminina, segurando uma criança nos braços.

101. Texto: *Hgam-dpal* (pronuncia-se *Jam-pal*); sânscrito: *Manjushri*, "De Glória Gentil". Uma forma tibetana mais completa é *Hgam-dpal-dbyangs* (pronuncia-se *Jam-pal-yang*); sânscrito, *Manjughosha*, "O de Voz Gentil Gloriosa". Ele é o "Deus da Sabedoria Mística", o Apolo budista, comumente representado com uma espada flamejante de luz, no alto, à mão direita e, sobre um loto, o Livro da Sabedoria, o *Prajñâ-Pâramitâ*, na mão esquerda.

102. Texto: *Ghir-dhi-ma* e *Âloke*, formas adulteradas do sânscrito *Gitâ*, "Canção", e *Âloka*, "Luz"; tibetano, *Glu-ma* (pronuncia-se *Lu-ma*) e *Snang-gsal-ma* (pronuncia-se *Nang-sal-ma*). Gitâ, ou comumente representada segurando uma lira, personifica (ou simboliza) a música e a canção, e *Âloka*, segurando uma lâmpada, personifica (ou simboliza) a luz. Relacionadas com o elemento fogo, conforme esta passagem, sua cor é o vermelho.

Juntamente com ela, uma opaca luz vermelha do *Preta-loka*, vindo lado a lado com a Luz da Sabedoria, também brilhará sobre ti. Age de modo a não te afeiçoares a ela. Abandona a afetividade [e] a fraqueza [por ela].

Nesse momento, devido à influência de intensa afetividade, te sentirás aterrorizado pela deslumbrante luz vermelha, e [desejarás] fugir[ás] dela. E sentirás afeição por essa opaca luz vermelha do *Preta-loka*.

Nesse momento, não tenhas medo da gloriosa, deslumbrante e radiante luz vermelha. Reconhecendo-a como Sabedoria, conservando teu intelecto em estado de resignação, te fundirás [nela] inseparavelmente e obterás o estado de Buda.

Se não a reconheceres, pensa: "São os raios da graça do Bhagavãn Amitâbha e nela buscarei refúgio"; e, confiando humildemente nela, ora para ela. Ela é o gancho dos raios da graça do Bhagavãn Amitâbha. Confia nela humildemente; não fujas. Mesmo se fugires, ela te acompanhará inseparavelmente [de ti mesmo]. Não a temas. Não te deixes atrair pela opaca luz vermelha do *Preta-loka*. Ela é o caminho de luz procedente das acumulações de tua intensa afetividade [pela existência *sangsârica*] que vem para receber-te. Se te apegares a ela, cairás no Mundo dos Espíritos Infelizes e sofrerás insuportável pena de fome e sede. Não terás chance de ganhar a Libertação [ali].[103] Essa opaca luz vermelha é uma interrupção para obstruir-te no Caminho da Libertação. Não te deixes seduzir por ela, e abandona tuas inclinações habituais. Não sejas fraco. Confia na brilhante e deslumbrante luz vermelha. Põe tua confiança concentrando-a no Bhagavãn Amitâbha, o Pai-Mãe, e ora assim:

"Ai de mim! Quando perambular pelo *Sangsâra* devido ao poder da intensa afetividade,
No radiante Caminho de luz da Sabedoria Discernente
Que [eu] seja guiado pelo Bhagavãn Amitâbha;
Que a Divina Mãe, Aquela de Trajes Brancos, seja [minha] retaguarda;
Que [eu] seja guiado com segurança através da perigosa emboscada do *Bardo*;
E que [eu] seja posto no estado do Todo-perfeito Buda."

Orando assim, humilde e fervorosamente, te fundirás no coração do Divino Pai-Mãe, o Bhagavãn Amitâbha, no halo da luz arco-íris e atingirás o estado de Buda no *Sambhogakâya*, no Reino Oeste chamado Feliz.

[QUINTO DIA]

É impossível que o morto não se liberte com isso. Contudo, apesar de postos assim em confrontação, há seres sensíveis que, devido a uma longa associação com as suas propensões, são incapazes de abandoná-las e, devido ao mau *karma* e à inveja, sentem medo e terror dos sons e esplendores – o gancho de raios falha em içá-los – e eles erram até entrarem no Quinto Dia. [Se o morto for um ser sensível desses],

103. Literalmente: "Da Libertação lá não haverá tempo". Uma vez que o morto se torna um *preta* ou espírito infeliz, a obtenção pós-morte do *Nirvâna* normalmente não é mais possível. Ele deverá, então, esperar pela oportunidade propiciada pelo renascimento no mundo humano, quando a sua existência no *Preta-loka* [ou mundo do espírito infeliz] tiver terminado.

mais uma vez o Bhagavān Amogha-Siddhi,[104] com as suas divindades acompanhantes e a luz e os raios de sua graça, virá para recebê-lo. Uma luz procedente do *Asura-loka*, produzida pela paixão maléfica da inveja, virá também para recebê-lo.

A confrontação, nesse momento, é feita chamando o morto pelo nome, assim:

Ó nobre filho, escuta atentamente. No Quinto Dia, a luz verde da forma primordial do elemento ar brilhará sobre ti. Nesse momento, do Reino Norte Verde do Cumprimento Bem-sucedido das Melhores Ações, o Buda Bhagavān Amogha-Siddhi, de cor verde, portando um *dorje* cruzado na mão,[105] sentado sobre um trono-harpia cruza-céu,[106] abraçado pela Mãe Divina, a Fiel Dölma[107] brilhará sobre ti, com seus acompanhantes – os dois Boddhisattvas Chag-na-Dorje[108] e Dib-panamsel[109] – acompanhados por dois Boddhisattvas fêmeas, Gandhema[110] e Nidhema.[111] Essas seis formas *bódhicas*, do meio de um halo de luz arco-íris, virão para brilhar.

---

104. Texto: *Don-yod-grub-pa* (pronuncia-se *Don-yöd-rub-pa*); sânscrito: *Amogha-Siddhi*: "Conquistador Todo-poderoso".

105. Isto é, um *dorje* com quatro cabeças conforme está representado na capa do volume da edição inglesa. Ele simboliza equilíbrio, imutabilidade e força onipotente.

106. Texto: *shang-shang*, referente a uma espécie de criatura como as fabulosas harpias da mitologia clássica, que possuíam forma humana do peito para cima, e de pássaro do peito para baixo. Mas, enquanto o pássaro mitológico grego era do sexo feminino, estas são de ambos os sexos. Entre os tibetanos ocorre a crença popular de que este pássaro existe em algum lugar do mundo.

107. Texto: *Sgrol-ma* (pronuncia-se *Döl-ma*); *Dölma* (sânscrito: *Tārā*) = "Salvadora". Ela é a divina consorte da *Avalokiteshvara*. Agora existem duas formas reconhecidas dessa deusa: a Dölma Verde, adorada no Tibete, e a Dölma Branca, adorada na China e na Mongólia. A princesa real nepalesa que se tornou a esposa do primeiro rei budista do Tibete é tida como uma encarnação da Dölma Verde, e sua esposa, da Casa Imperial da China, é considerada uma encarnação da Dölma Branca (veja-se p. 50). O falecido Lama Kazi Dawa-Samdup contou-me que, devido ao fato de os tibetanos terem visto a figura da rainha Vitória nas moedas inglesas e a terem reconhecido como sendo a de Dölma, disseminou-se por todo o Tibete, durante a era vitoriana, a crença segundo a qual Dölma havia voltado a nascer outra vez para governar o mundo na pessoa da Grande Rainha da Inglaterra. Por isso, aliás, os representantes britânicos da Coroa encontravam uma receptividade amigável incomum em suas negociações com Lhassa, embora provavelmente não soubessem a origem dessa amabilidade.

108. Texto: *Phyag-na-rdorje* (pron. *Chag-na-dorje*), "Levando o *dorje* na mão"; sânscrito: *Vajra-Pāṇi*.

109. Texto: *Sgrib-pa-rnam-sel* (pron. *Ḍib-pa-nam-sel*): "Clareador de Escuridões"; sânscrito: *Dīpaṇi*, também *Dīpikā*.

110. Texto híbrido de sânscrito e tibetano: tibetano, *Dri-chha-ma*, e sânscrito *Gandha*, "Aquela que Asperge Perfume", uma das oito deusas mães *Mātṛis* do panteão hindu. Ela é representada segurando um vaso-concha de perfume (*dri*).

111. Texto híbrido de sânscrito e tibetano: tibetano, *Zhal-zas-ma* (pron. *Shal-za-ma*), "Aquela leva os Doces". Não obstante, uma deusa como Gandhema ou Nidhema (sânscrito: *Naivedya*) não pode ser incluída na lista formal das oito *Mātṛis*, já mencionadas em nosso texto. Ambas as deusas são de cor verde, cor da Sabedoria Todo-realizadora.

A forma primitiva do agregado de volição, brilhando como a luz verde da Sabedoria Todo-realizadora, deslumbrantemente verde, transparente e radiante, gloriosa e aterrorizadora, embelezada com astros rodeados por astros satélites de esplendor, emanando do coração do Divino Pai-Mãe *Amogha-Siddhi*, de cor verde, atingirá o teu coração [tão assombrosamente brilhante] que mal poderás mirá-la. Não a temas. Trata-se do poder natural da sabedoria de teu próprio intelecto. Fica no estado de grande resignação de imparcialidade.

Juntamente com ela [isto é, a luz verde da Sabedoria Todo-realizadora], uma luz de cor verde opaca do *Asura-loka* e produzida pelo sentimento de inveja, vindo lado a lado com os Raios da Sabedoria, brilhará sobre ti. Medita sobre ela com imparcialidade – sem repulsão ou atração. Não te deixes afeiçoar por ela: se tiveres pouca capacidade mental, não te deixes afeiçoar por ela.

Mais uma vez, devido à influência da intensa inveja,[112] te sentirás aterrorizado no deslumbrante esplendor da luz verde e [desejarás] fugir[ás] dela; e terás afeição por essa opaca luz verde do *Asura-loka*. Nesse momento, não temas a luz gloriosa e transparente, radiante e deslumbrante, mas saibas que ela é Sabedoria; nesse estado, faz com que teu intelecto permaneça em resignação. Ou então [pensa]: "É o gancho de raios da luz da graça do Bhagavān Amogha-Siddhi, que é a Sabedoria Todo-realizadora". Crê [portanto] nela. Não fujas dela.

Mesmo que fugires dela, ela te seguirá inseparavelmente [de ti]. Não a temas. Não te deixes afeiçoar por essa opaca luz verde do *Asura-loka*. Ela é o caminho *kármico* da intensa inveja adquirida, o qual vem receber-te. Se te sentires atraído por ela, cairás no *Asura-loka* e terás que empenhar-te em insuportáveis sofrimentos de rixas e guerras.[113] [Essa é uma] interrupção para obstruir teu caminho da libertação. Não te deixes atrair por ela. Abandona tuas inclinações. Não sejas fraco. Confia no esplendor verde e deslumbrante e, pondo teu inteiro pensamento, concentrando-o, no Divino Pai-Mãe, o Bhagavān Amogha-Siddhi, ora assim:

"Ai de mim! Quando perambular no *Sangsāra* devido ao poder da inveja intensa,
No radiante caminho de luz da Sabedoria Todo-realizadora,
Que [eu] seja guiado pelo Bhagavān Amogha-Siddhi;
Que a Divina Mãe, a Fiel Tārā, seja a [minha] retaguarda;
Que [eu] seja guiado com segurança através da perigosa emboscada do *Bardo*;
E que [eu] seja posto no estado do Todo-perfeito Buda."

Orando assim com intensa fé e humildade, te fundirás no coração do Divino Pai-Mãe, o Bhagavān Amogha-Siddhi, no halo de luz arco-íris, e atingirás o estado de Buda no *Sambhogakāya*, no Reino Norte das Boas Ações Acumuladas.[114]

---

112. Aqui, como no parágrafo anterior e no seguinte, a inveja referida são as inclinações *kármicas* da inveja existente como parte do conteúdo da consciência (ou subconsciência) do morto, e, irrompendo neste Quinto Dia da existência *Bardo*, elas produzem as alucinações "astrais" correspondentes.

113. As rixas e as guerras são as principais paixões de um ser nascido como um *asura* no *Asura-loka*.

114. A xilografia diz "Reino dos Atos (ou Ações) Perfeitos", que é a forma mais correta.

Sendo assim posto em confrontação em vários estágios, não obstante quão fracas possam ser as relações *kármicas* da pessoa, ela deve ter feito o reconhecimento num ou noutro desses estágios, pois, em qualquer um deles, é impossível não ser libertada. Contudo, mesmo posta em confrontação dessa maneira tão freqüente, a pessoa muito habituada a fortes inclinações e carente de familiarização com a Sabedoria, e que sinta afeição pura por ela, poderá ser levada para trás pela força de suas próprias más inclinações, não obstante essas várias iniciações. Se o gancho dos raios de luz da graça divina não puder agarrar a pessoa, esta pode ainda errar caminho abaixo devido ao fato de ela deixar-se dominar pelo sentimento de temor e terror das luzes e dos raios.

Em seguida, todos os Divinos Pais-Mães das Cinco Ordens [de Dhyāni Budas] com seus acompanhantes virão brilhar sobre a pessoa simultaneamente. Ao mesmo tempo, as luzes procedentes dos Seis *Lokas* virão também brilhar sobre ela simultaneamente.

A confrontação para isso é feita chamando o morto pelo nome, assim:

Ó nobre filho, até ontem cada uma das Cinco Ordens de Divindades brilhou sobre ti, uma por uma; e foste confrontado, mas, devido à influência de tuas más inclinações, ficaste atemorizado e aterrorizado por elas e permaneceste aqui até agora.

Se tivesses reconhecido os esplendores das Cinco Ordens da Sabedoria como emanações de tuas próprias formas-pensamento, terias obtido antes [deste dia] o estado de Buda no *Sambhogakāya* através da tua absorção no halo de luz arco-íris numa ou noutra das Cinco Ordens de Budas. Mas, agora, olha atentamente. Agora, as luzes de todas as Cinco Ordens, chamadas Luzes da União das Quatro Sabedorias,[115] virão para receber-te. Age de modo a conhecê-las.

115. Os termos tibetanos filosóficos (não contidos em nosso texto) referentes a essas Quatro Sabedorias são: 1) *Snang-Stong* (pron. *Nang-Tong*), "Fenômenos e Vazio"; 2) *Gsal-Stong* (pron. *Sal-Tong*), "Esplendor e Vazio"; 3) *Bde-Stong* (pron. *De-Tong*), "Bem-aventurança e Vazio"; 4) *Rig-Stong* (pron. *Rig-Tong*), "Consciência e Vazio".

Esses termos correspondem aos quatro estágios de *dhyāna* que surgem na mesma ordem. Provavelmente, correspondem também, embora de maneira menos exata, às Quatro Sabedorias: a Sabedoria Semelhante ao Espelho, a Sabedoria da Igualdade, a Sabedoria Onidiscernente e a Sabedoria Todo-realizadora.

"Dhyāna consiste em estados mentais progressivos: análise (sânscrito: *vitarka*), reflexão (sânscrito: *vichāra*), afeição (sânscrito: *priti*), bem-aventurança (sânscrito: *ānanda*) e concentração (sânscrito: *ekāgratā*). No primeiro estágio de *dhyāna*, o devoto se pergunta: "O que é este corpo? Ele é duradouro? É uma coisa que deve ser salva?" E decide que é indesejável apegar-se a uma forma corporal impermanente, corruptível como essa, que ele acaba de reconhecer. Do mesmo modo, tendo alcançado conhecimento da natureza da Forma, ele analisa e reflete sobre o Tato, o Sentimento, a Vontade, a Cognição e o Desejo; e, vendo que a Mente é a realidade aparente, chega à concentração normal.

"No segundo estágio de *dhyāna*, usa-se apenas a reflexão; em outras palavras, a reflexão transcende o processo mental inferior chamado análise. No terceiro estágio, a reflexão cede terreno a um estado feliz de consciência; e essa felicidade, que a princípio dá a impressão de uma sensação física, funde-se em puro êxtase no quarto estágio. No quinto estágio, a sensação de êxtase, embora sempre presente numa condição refreada ou secundária, cede terreno à completa concentração." (Lama Kazi Dawa-Samdup.)

Ó nobre filho, neste Sexto Dia, as quatro cores dos estados primordiais dos quatro elementos [água, terra, fogo e ar] brilharão sobre ti simultaneamente. Nesse momento, procedente do Reino Central da Força Disseminadora da Semente, o Buda Vairochana,[116] o Divino Pai-Mãe, com as divindades acompanhantes, virão brilhar sobre ti. Do Reino Leste da Felicidade Suprema, o Buda Vajra-Sattva, o Divino Pai-Mãe, com as [divindades] acompanhantes, virão brilhar sobre ti. No Reino Sul Dotado de Glória, o Buda Ratna-Sambhava, o Divino Pai-Mãe, com as [divindades] acompanhantes virão brilhar sobre ti. Do Reino Oeste Feliz|[117] dos Lotos Amontoados, o Buda Amitābha, o Divino Pai-Mãe, juntamente com as divindades acompanhantes, virão brilhar sobre ti. Do Reino Norte das Boas Ações Perfeitas, o Buda Amogha-Siddhi, o Divino Pai-Mãe, juntamente com os acompanhantes, num halo de luz arco-íris, virão brilhar sobre| ti nesse exato momento.

Ó nobre filho, no círculo externo desses cinco pares de Dhyāni Budas, os [quatro] Guardiães da Porta, os Irados: o Vitorioso,[118] o Destruidor do Senhor da Morte,[119] o Rei Pescoço de Cavalo,[120] o Urna de Néctar;[121] com as quatro Guardiãs da Porta fêmeas: a Portadoria do Aguilhão,[122] a Portadora do Laço,[123] a Portadora da Corrente[124] e a Portadora do Sino;[125] juntamente com o Buda

116. Até aqui, cada uma das principais divindades tem sido chamada *Bhagavān* ("O Vitorioso"). Mas, doravante, a designação passa a ser *Buda* ("O Iluminado"). O texto tibetano contém *Sangs-rgyas* (pron. *Sang-yay*) – em sânscrito, *Buddha*: *Sangs* = "desperto [do sono da estupidez]" + *rgyas* "plenamente desenvolvido [em todos os atributos de perfeição (ou virtudes morais)]".

117. Entre esta barra e a barra da frase seguinte se encontra a tradução do texto tibetano no fólio superior (35a) do nosso frontispício.

118. Texto: *Rnam-por-rgyal-va* (pron. *Nam-par-gyal-wa*); sânscrito, *Vijaya*: "Vitorioso [O]", Guardião da Porta do Leste.

119. Texto: *Gshin-rje-gshed-po* (pron. *Shin-je-shed-po*); sânscrito: *Yamāntaka*; "Destruidor de Yama (Morte)", o Guardião da Porta do Sul, uma forma de Shiva e o aspecto irado de Avalokiteshvara. Ele, como Divindade Irada, personifica uma das dez formas do Rancor (tibetano: *K'ro-bo* – pron. *T'o-wo*; sânscrito: *Krodha*).

120. Texto: *Rta-mgrin-rgyal-po* (pron. *Tam-din-gyal-po*); sânscrito: *Hayagrīva*, "Rei com Pescoço de Cavalo", o Guardião da Porta do Oeste.

121. Texto: *Bdud-rtsi-hkhyil-va* (pron. *Dü-tsi-khyil-wa*); sânscrito: *Amṛita-Dhāra*, "[Aquele que é a] Urna de Néctar", cuja função divina é transformar todas as coisas em néctar (no sentido esotérico da *Yoga* tântrica). *Amṛita* significa exotericamente "néctar" e, esotericamente, "vazio". Ele é o Guardião da Porta do Norte.

122. Texto: *Chags-kyu-ma* (pron. *Chak-yu-ma*); sânscrito: *Ankushā*, "Aquela que Segura o Aguilhão", a *shakti* ou contraparte fêmea de Vijaya.

123. *Zhags-pa-ma* (pron. *Zhag-pa-ma*); sânscrito: *Pāshadhari*; "Aquela que Segura o Laço", a *shakti* de Yamāntaka.

124. Texto: *Lghas-sgrog-ma* (pron. *Cha-dog-ma*); sânscrito: *Vajra-shṛingkhalā*: "Aquela que Segura a Corrente", a *shakti* de *Hayagrīva*.

125. Texto: *Dril-bu-ma* (pron. *Til-bu-ma*); sânscrito: *Kinkini-Dhari*, "Aquela que Segura o Sino", a *shakti* de *Amṛita-Dhāra*.

Todos os Guardiães de Portas e suas *shaktis* possuem um significado oculto em relação às quatro direções e à *mandala* (ou conclave de divindades) às quais eles pertencem. Como divindades tântricas guardadoras da fé (tibetano, *Ch'os-skyoṅ*; sânscrito, *Dharmapāla*) se nivelam com os Boddhisattvas. Simbolizam também os quatro métodos tranqüilos ou pacíficos empregados pelos Seres Divinos para a salvação das criaturas sensíveis (das quais a humanidade é a mais alta) e que são: a Compaixão, o Afeto, o Amor e a Justiça Rigorosa.

dos *devas*, chamado O do Poder Supremo,[126] o Buda dos *Asuras*, chamado de [O da] Textura Forte,[127] o Buda da humanidade, chamado Leão dos Shākyas, o Buda do reino bruto, chamado Leão Inabalável, o Buda dos *Pretas*, chamado O da Boca Flamejante, e o Buda do Mundo Inferior, chamado Rei da Verdade[128] – [esses], os Oito Pai-Mães Guardiães de Porta e os Seis Mestres, os Vitoriosos – virão brilhar [sobre ti], também.

O Pai Todo-bondoso e a Mãe Todo-bondosa,[129] os Grandes Ancestrais de todos os Budas: Samanta-Bhadra [e Samanta-Bhadra], o Divino Pai e a Divina Mãe – esses dois, também virão brilhar [sobre ti].

Essas quarenta e duas divindades perfeitamente dotadas, emanando de dentro de teu coração e sendo o produto de teu próprio amor puro, virão brilhar. Conhece-as.

Ó nobre filho, esses reinos não vieram de um ponto exterior [a ti]. Eles vêm de dentro das quatro divisões do teu coração, as quais, inclusive o seu centro, compõem as cinco direções. Eles emanam dali de dentro e brilham sobre ti. As divindades também não vêm de um ponto exterior: elas existem desde eternamente nas faculdades de teu próprio intelecto.[130] Reconhece-as como sendo dessa natureza.

Ó nobre filho, o tamanho de todas essas divindades não é grande, nem pequeno, [mas] proporcional. [Elas têm] seus ornamentos, suas cores, suas posturas no sentar, seus tronos e seus próprios emblemas.

Essas divindades são formadas em grupos de cinco pares, cada grupo de cinco sendo cercado por um círculo quíntuplo de esplendores, com os Boddhisattvas machos codividindo a natureza dos Divinos Pais e os Boddhisattvas fêmeas codividindo a natureza das Divinas Mães. Todos esses conclaves divinos virão brilhar sobre ti num conclave completo.[131] Elas são tuas próprias divindades tutelares.[132] Conhece-as como tais.

---

126. Texto: *Dvang-po-rgya-byin* (pron. *Wang-po-gya-jin*), "Poderoso dos Cem Sacrifícios"; sânscrito: *Shata-Kratu*, um nome de *Indra* "[O de] Supremo Poder".

127. Texto: *Thag-bzang-ris* (pron. *Thag-zang-ree*): "[O de] Forte Textura" (sânscrito: *Virochāra*, nome referente tanto à força física como à couraça de malha usada pelo Senhor do *Asura-loka*, o mundo onde a guerra é a paixão predominante da existência.

128. Texto: *Chös-kyi-rgyal-po* (pron. *Chö-kyi-gyal-po*); sânscrito: *Dharma-Rāja*.

129. Texto: *Küntu-bzang-mo* (pron. *Küntu-bzang-mo*), "Mãe Todo-bondosa"; sânscrito: *Samanta-Bhadra*. A Escola Tântrica crê que cada divindade, mesmo a Suprema, tem sua *shakti*. Entretanto, algumas poucas divindades são representadas comumente sem *shakti* – por exemplo, Mañjushrī, ou Mañjughosha (ver p. 88 n. 101); não obstante, pode ser, como no caso da *Prajña-Pāramitā* (freqüentemente chamada de Mãe) que essa divindade possui alguma representação simbólica de uma *shakti*. Aparentemente, trata-se de uma doutrina de dualismo universal. Em última análise, entretanto, sendo todos os pares de opostos vistos como tendo uma Origem Única – no Vazio do *Dharmakāya* – o aparente dualismo se torna monismo.

130. De acordo com o esoterismo do Budismo do Norte, o homem é, no sentido implicado nas filosofias místicas do Egito e da Grécia antigos, o microcosmo do macrocosmo.

131. Texto: *dkyil-hkhor* (pron. *kyil-khor*); sânscrito: *maṇḍala*, isto é, conclave de divindades.

132. As Divindades Tutelares, em última análise, também são visualizações da pessoa que acredita nelas. O *The Demchok Tantra* diz que os "Devatās são apenas símbolos que representam as diversas coisas que ocorrem no Caminho, tais como os impulsos de ajuda e os estágios alcançados por seus meios", e que, "em caso de surgirem dúvidas quanto à divindade desses Devatās, deve-se dizer: '*A ḍākinī* é apenas uma lembrança do corpo' e lembrar que as divindades constituem o Caminho" (cf. A. Avalon, *Tantrik Texts*. Londres 1919, VII, 41).

Ó nobre filho, dos corações dos Divinos Pais e Mães das Cinco Ordens, os raios de luz das Quatro Sabedorias unidas, extremamente claros e sutis, como os raios do Sol escorridos em fios, virão e brilharão sobre ti e atingirão o teu coração.

Nesse caminho de resplendor brilharão gloriosos astros de luz, de cor azul, emitindo raios, a [própria] Sabedoria do *Dharma-Dhātu*, cada qual parecendo uma taça de turquesa invertida, cercada de astros similares, de tamanhos menores, gloriosos e deslumbrantes, radiantes e transparentes, cada qual mais glorioso com cinco astros [satélites] menores, circundados por cinco manchas estreladas da mesma natureza, não deixando o centro nem as bordas [do caminho de luz azul] sem a magnificência dos astros e seus [satélites] menores.

Do coração de Vajra-Sattva, o caminho de luz branca da Sabedoria Semelhante ao Espelho, branca e transparente, magnífica e deslumbrante, gloriosa e aterrorizante, tornada ainda mais gloriosa com astros circundados por astros menores de luz transparente e radiante, cada qual como um espelho invertido, nele virá brilhar.

Do coração de Ratna-Sambhava, o caminho de luz amarela da Sabedoria da Igualdade, [glorificada] com astros [de esplendor], amarelos, cada qual como uma taça de ouro invertida, circundados por astros menores, e estes por outros ainda menores, virá brilhar.

Do coração de Amitābha, o caminho de luz vermelha, transparente, brilhante, da Sabedoria Discernente, no qual há astros, como taças corais invertidas, emitindo raios de Sabedoria, extremamente brilhantes e deslumbrantes, cada qual glorificado com cinco astros [satélites] da mesma natureza – não deixando o centro nem as bordas [do caminho de luz vermelha] sem a magnificência de astros e astros satélites menores – virá bilhar.

Elas virão brilhar sobre o teu coração simultaneamente.[133]

Ó nobre filho, todas elas são radiâncias de tuas faculdades que vêm brilhar. Elas não vêm de nenhum outro lugar. Não te deixes atrair por elas; não sejas fraco; não te aterrorizes; mas fica em estado de não-formação de pensamento.[134] Nesse estado, todas as formas e esplendores se fundirão em ti e o estado de Buda será alcançado.

O caminho de luz verde da Sabedoria das Ações Perfeitas não brilhará sobre ti, pois a Faculdade da Sabedoria de teu intelecto não foi perfeitamente desenvolvida.

Ó nobre filho, essas são chamadas as Luzes das Quatro Sabedorias Unidas [de onde procede esse] que se chama o Caminho Interior através do Vajra-Sattva.[135]

---

133. Cada um desses esplendores místicos simboliza a qualidade *bódhica* particular ou Sabedoria do Buda, de onde ela resplandece. No tibetano do nosso texto há, aqui, um tal fervor na descrição poética dos caminhos de luz que o tradutor, a fim de transmitir algo da beleza da linguagem original, esboçou diversas versões, das quais o presente é o resultado.

134. O "estado de não-formação de pensamento" é obtido em *samādhi-yoga*. Esse estado, considerado o estado primordial da Mente, é ilustrado na seguinte imagem: enquanto um homem bóia passivamente nas águas de um rio, ele é carregado pelas águas serenamente; mas se tentar agarrar um objeto fixado na água, a tranqüilidade de seu movimento é interrompida. Do mesmo modo, a formação de um pensamento impede o fluxo natural da mente.

135. No estado transcendental da Iluminação do estado de Buda, através do Caminho Interior, ou Secreto, em Vajra-Sattva, fundem-se em unidade todas as Divindades Pacíficas e Iradas da *maṇḍala* maior descrita no nosso texto; ao todo, são 110 divindades: 42 no centro do coração, 10 no centro da garganta e 58 do centro no cérebro. (Cf. pp. 164-65.)

Nesse momento, precisas lembrar-te dos ensinamentos da confrontação que recebeste de teu *guru*. Se te houveres lembrado do significado da confrontação, terás reconhecido todas essas luzes que brilharam sobre ti como sendo um reflexo de tua própria luz interior, e, tendo-as reconhecido como a amigos íntimos, acreditarás nelas e compreenderás [a elas no] encontro, como um filho compreende a sua mãe.

E, acreditando na imutável natureza da Verdade pura e sagrada, terás produzido em ti o tranqüilo fluxo do *samādhi*; e, tendo-te fundido no corpo do intelecto perfeitamente evoluído, terás alcançado o estado de Buda no *Sambhogakāya*, de onde não há retorno.

Ó nobre filho, juntamente com os esplendores da Sabedoria, as impuras luzes ilusórias dos Seis *Lokas* [ou mundos] também virão brilhar. Se se perguntasse: "O que são?"; [elas são] uma opaca luz branca dos *devas*, uma opaca luz verde dos *asuras*, uma opaca luz amarela dos seres humanos; uma opaca luz azul dos brutos, uma opaca luz avermelhada dos *pretas* e uma opaca luz cor de fumaça do Inferno.[136] Essas seis luzes virão então brilhar juntamente com os seis esplendores da Sabedoria; portanto, não tenhas medo nem te deixes atrair por nenhuma [delas], mas procura permanecer em estado de não-pensamento.

Se ficares espantado pelos resplendores puros da Sabedoria e fores atraído pelas luzes impuras dos Seis *Lokas*, assumirás então um corpo em qualquer um dos Seis *Lokas* e sofrerás penas *sangsāricas*; e jamais te emanciparás do Oceano de *Sangsāra*, onde rodopiarás continuamente e provarás os sofrimentos dali.

Ó nobre filho, se fores aquele que não obteve as seletas palavras do *guru*, terás medo dos resplendores puros da Sabedoria e das divindades dali. Estando assim espantado, serás atraído pelos objetos *sangsāricos* impuros. Não ajas [assim]. Confia humildemente nos resplendores da Sabedoria. Conforma tua mente na fé, e pensa: "Os esplendores compassivos da Sabedoria das Cinco Ordens de Buda[137] chegaram para pegar-me por compaixão; refugio-me nelas."

Não entregando-te à atração das luzes ilusórias dos Seis *Lokas*, mas devotando toda a tua mente unicamente aos Divinos Pai e Mãe, os Budas das Cinco Ordens, ora assim:

136. Entre a cópia xilográfica (25b) e o nosso manuscrito existem diferenças inconciliáveis no tocante às cores atribuídas a esses caminhos de luz. A cópia xilográfica descreve-as da seguinte forma: branco, dos *devas*; vermelho, dos *asuras*; azul, dos seres humanos; verde, dos brutos; amarelo, dos *pretas*; cor de fumaça, do Inferno. De acordo com o tradutor, as cores devem corresponder à cor do Buda de cada *loka*, do seguinte modo: *deva*, branco; *asura*, verde; humano, amarelo; bruto, azul; *preta*, vermelho; Inferno, cor de fumaça ou preto. Portanto, a xilografia está errada em todas, salvo na primeira e na última; enquanto o manuscrito está errado em atribuir o azul opaco ao mundo humano e o preto ou cor de fumaça ao mundo animal. No fólio 23, o manuscrito atribui corretamente o amarelo ao caminho de luz do mundo humano. Na tradução, as necessárias correções foram feitas nesta parte e nas correspondentes passagens do fólio 46, que se segue.

137. Texto: *Bde-var-gshegs-pa* (pron. *De-war-sheg-pa*); sânscrito: *Sugata*, que significa literalmente "Aqueles que entraram na Felicidade (ou alcançaram o *Nirvāna*)" – isto é, os Budas.

"Ai de mim! Quando perambular pelo *Sangsāra* devido ao poder dos cinco venenos virulentos;[138]
No caminho de resplendor brilhante das Quatro Sabedorias unidas,
Que [eu] seja guiado pelos Cinco Vitoriosos Conquistadores;
Que as Cinco Ordens das Divinas Mães sejam a [minha] retaguarda;
Que [eu] seja resgatado dos caminhos de luz impura dos Seis *Lokas*;
E, sendo salvo das emboscadas do terrível *Bardo*,
Que [eu] seja posto dentro dos cinco Reinos Divinos puros."

Com essa prece, a pessoa pode reconhecer a própria luz interior;[139] e, fundindo-se nela, em harmonia, alcançará o estado de Buda. O devoto comum, por meio de fé humilde, vem a conhecer a si mesmo e obtém a Libertação; mesmo o mais inferior, graças ao poder da oração pura, pode fechar as portas dos Seis *Lokas* e, compreendendo o verdadeiro significado das Quatro Sabedorias unidas, alcança o Estado de Buda pela via vazia através da Vajra-Sattva.[140]

Sendo assim posto em confrontação dessa forma detalhada, aqueles que estão destinados a se libertarem virão a reconhecer [a Verdade];[141] deste modo, muitos alcançarão a libertação.

Os piores, [aqueles] de um grave mau *karma*, que não têm a menor predileção por qualquer religião – e alguns que romperam com seus votos – por causa do poder das ilusões *kármicas*, não reconhecendo, embora postos em confrontação [com a Verdade], errarão caminho abaixo.

[SÉTIMO DIA]

No Sétimo Dia, as Divindades Detentoras do Conhecimento, procedentes dos sagrados reinos do paraíso, virão receber a pessoa. Simultaneamente, o caminho para o mundo bruto, produzido pela paixão obscura, pela estupidez, virá também para recebê-la.[142] Nesse momento, a confrontação é feita chamando o morto pelo nome, assim:

138. Os cinco venenos virulentos que, como as drogas, escravizam e aprisionam a humanidade aos sofrimentos da existência dentro dos limites dos Seis *Lokas*, são: a luxúria, o ódio, a estupidez, o orgulho ou egoísmo, e a inveja.

139. Texto: *rang* ("pessoal") + *sNang* ("luz"), "luz interior", isto é, pensamentos ou idéias que aparecem no esplendor do princípio de consciência. O estado do *Bardo* é o sonho do pós-morte que segue ao estado de vigília ou de vivo sobre a Terra, segundo está explicado em nossa Introdução (pp. 20ss). O objetivo básico de ensinamento do *Bardo Thödol* é despertar o Sonhador para a Realidade – para um estado supramundano de consciência, para uma aniquilação de todos os liames da existência *sangsārica*, para a Iluminação Perfeita, o estado de Buda.

140. Vajra-Sattva, como uma divindade simbólica, reflexo de Akshobhya, é visualizado, nos rituais ocultos tibetanos, como sendo internamente vazio. Como tal, ele representa o Vazio, a cujo respeito existem vários tratados com elaborados comentários, essencialmente esotéricos. Através de Vajra-Sattva se encontra um certo caminho para a Libertação, pois ele é a encarnação de todas as 110 divindades que constituem a *mandala* dos Pacíficos e Irados (ver p. 95 n. 135). Para trilhar este caminho com sucesso, o neófito precisa ser instruído pelo hierofante.

141. Esta Verdade significa que não há realidade por trás de quaisquer fenômenos do plano do *Bardo*, salvo as ilusões armazenadas na mente da pessoa como acúmulos de experiências *sangsāricas*. O Reconhecer isto leva automaticamente à Libertação.

142. Assim como os átomos físicos brutos ou rudes de um corpo humano privado de vida gradualmente se separam e vão aos seus devidos lugares – alguns como gases, outros como líquidos e outros como sólidos – do mesmo modo, no plano do pós-morte, ocorre uma gradual dispersão dos átomos psíquicos ou mentais do corpo-pensamento ou corpo do *Bardo*, onde cada propensão ou inclinação, dirigida por afinidade *kármica* – vai para o lugar mais conveniente para ela. Daí, conforme sugere o nosso texto, a paixão bruta da estupidez ter uma natural tendência a gravitar para o reino bruto e encarnar ali como uma parte desintegrada da mentalidade do defunto. (Veja-se pp. 30ss.)

Ó nobre filho, escuta atentamente. No Sétimo Dia, o esplendor multicolorido das inclinações purificadas virão brilhar. Simultaneamente, as Divindades Detentoras do Conhecimento,[143] dos sagrados reinos do paraíso, virão para receber-te.

Do centro do Círculo [ou *mandala*], aureolada em esplendores de luz arco-íris, a suprema [Divindade] Detentora do Conhecimento, o Loto Senhor da Dança, o Supremo Detentor do Conhecimento Que Colhe os Frutos *Kármicos*, radiante com todas as cinco cores, abraçado pela [Divina] Mãe, a *Ḍākinī*[144] Vermelha, [ele] segurando uma faca crescente e uma caveira [cheia] de sangue,[145] dançando e fazendo o *mudrā* da fascinação,[146] [com a mão direita mantida] no alto, virá brilhar.

No leste desse Círculo, a divindade chamada Detentora do Conhecimento Permanente na Terra, de cor branca, com um sorriso radiante no semblante, abraçada pela *Ḍākinī* Branca, a [Divina] Mãe, [ele] segurando uma faca crescente e uma caveira [cheia] de sangue, dançando e fazendo o *mudrā* da fascinação [com a mão direita mantida] no alto, virá brilhar.

No sul desse Círculo, a Divindade Detentora do Conhecimento, chamada de [Aquele] Que tem o Poder Sobre a Duração da Vida, de cor amarela, sorridente e radiante, abraçada pela *Ḍākinī* Amarela, a Divina Mãe, [ele] segurando uma faca crescente e uma caveira [cheia] de sangue, dançando e fazendo o *mudrā* da fascinação, [com a sua mão direita mantida] no alto, virá brilhar.

No oeste desse Círculo, a chamada Divindade Detentora do Conhecimento do Grande Símbolo,[147] de cor vermelha sorridente e radiante, abraçada pela *Ḍākinī* Vermelha, a [Divina] Mãe, [ele] segurando uma faca crescente e uma caveira [cheia] de sangue, dançando e fazendo o *mudrā* da fascinação, [com a mão direita mantida] no alto, virá brilhar.

Do norte desse Círculo, a divindade chamada Detentora do Conhecimento Auto-evoluído, de cor verde, com uma expressão semi-irada, semblante radiante

143. Texto: *Rig-hdzin* (pron. *Rig-zin*), "que possuem ou detêm o Conhecimento". Essas divindades são genuinamente tântricas. (Veja-se p. 50 n. 54.)

144. As *Ḍākinīs* (tibetano: *Mkhah-hgro-ma*) [ou "Andadores do céu"], divindades semelhantes a fadas que possuem poderes ocultos tanto para o bem como para o mal, são também genuinamente tântricas; como tal, elas são invocadas na maioria dos principais rituais do Budismo do Norte. (Veja-se p. 94 n. 132.)

145. Esotericamente, a caveira (que é humana) com sangue (também humano) dentro significa, em certo sentido, renúncia à vida humana, abandono do *Saṅgsāra*, auto-imolação na cruz do mundo, e, no ritual do ofício do Lamaísmo, há semelhanças entre o sangue (simbolizado por um líquido vermelho) na caveira, e o vinho (como o sangue) no cálice da Comunhão cristã.

146. O *mudrā* é um gesto místico feito pela postura da mão e dos dedos ou do corpo. Alguns *mudrās* são usados como sinais de reconhecimento por membros de irmandades ocultistas, à maneira do aperto de mão dos maçons. Já outros *mudrās*, principalmente alguns usados pelos *yogis*, como posturas do corpo, curto-circuito e outros, mudam as correntes magnéticas do corpo. Colocando a ponta de um dedo contra a ponta de outro em *mudrā*, controla-se, igualmente, as forças do corpo ou correntes da vida. O *mudrā* da fascinação pertence a este último tipo, sendo feito (com a mão direita) por meio do segundo dedo tocando o polegar, mantendo-se o indicador e o dedo mínimo levantados, enquanto que o terceiro dedo é dobrado na palma da mão.

147. (Veja-se p. 104 n. 164).

meio sorridente, abraçada pela *Ḍākinī* Verde, a [Divina] Mãe, [ele] segurando uma faca crescente e uma caveira [cheia] de sangue, dançando e fazendo o *mudrā* da fascinação, [com a mão direita mantida] no alto, virá brilhar.

No Círculo Exterior, em torno desses Detentores do Conhecimento, inumeráveis bandos de *ḍākinīs* – *ḍākinīs* dos oito lugares de cremação, *ḍākinīs* das quatro classes, *ḍākinīs* das três moradas, *ḍākinīs* dos trinta lugares sagrados e dos vinte e quatro lugares de peregrinação[148] – heróis, heroínas, guerreiros celestiais e divindades protetoras da fé, masculinas e femininas, cada qual adornado com os seis ornamentos de osso, portando tambores e trombetas de fêmures, pandeiros de caveiras, estandartes de gigantescas peles [semelhantes às] humanas, [149] baldaquins de pele humana, emblemas de pele humana, fumos de incenso de gordura humana e inumeráveis [outros] tipos de instrumentos musicais, preenchendo assim [com música] todos os sistemas do mundo e fazendo-os vibrar, trepidar e tremer com sons de tal modo poderosos a confundir o cérebro da pessoa e dançando de forma variada, – virão receber o fiel e punir o infiel.[150]

Ó nobre filho, esplendores de cinco cores, da Sabedoria Nascida Simultaneamente,[151] que são as inclinações purificadas, vibrantes e deslumbrantes como fios coloridos, lampejantes, radiantes e transparentes, gloriosas e inspiradoras de temor, emanarão dos corações das cinco principais Divindades Detentoras do Conhecimento e atingirão o teu coração, de forma tão brilhante que os olhos não suportarão mirá-las.

148. As *ḍākinīs* são, aqui, representadas como várias ordens de seres semelhantes a fadas, algumas habitando num lugar, outras em outro. Os oito lugares de cremação são aqueles oito conhecidos da mitologia hindu; as três moradas são o centro do coração, o da garganta e o do cérebro, os quais, esotericamente falando, são dirigidos por certas *ḍākinīs* (como personificações de forças psíquicas residentes em cada centro), da mesma forma que outras *ḍākinīs* dirigem os lugares sagrados ou locais de peregrinação.

149. Isto é, peles de *rākṣhasas*, uma ordem de seres demoníacos gigantes de forma humana e que possuem certos *siddhis* (isto é, poderes sobrenaturais).

150. Os lamas tibetanos, ao cantarem seus rituais, usam sete (ou oito) tipos de instrumentos musicais: grandes tambores, címbalos (em geral, de cobre), buzinas de concha, sinos (como as sinetas usadas no serviço da missa cristã), adufes, pequenas clarinetas (cujo som se assemelha ao das cornamusas escocesas), grandes trombetas, e trombetas feitas de fêmures humanos. Embora a combinação dos sons desses instrumentos esteja longe de ser melodiosa, os lamas afirmam que eles, psiquicamente, produzem no devoto uma atitude de profunda veneração e fé, desde que são as contrapartes dos sons naturais que o nosso corpo está acostumado a ouvir quando tapamos os ouvidos para os sons exteriores. Ao tapar os ouvidos assim, escutamos um som surdo, semelhante à batida de um grande tambor; um som estrindente, com um quê de címbalos; um som sussurrado, como o do vento agitando as folhagens – semelhante ao de um sopro numa concha, um repique, como o dos sinos; um som agudo como os dos adufes; um som lamurioso, como o de uma clarineta; um outro som estridente, como o de uma trombeta feita de fêmur.

Isso é interessante, não apenas como teoria da música sagrada tibetana, mas fornece também a chave para a interpretação esotérica dos sons naturais simbólicos da Verdade (à qual se faz referência no segundo parágrafo que segue, e em outros lugares do nosso texto), que, segundo dizem, são produto – ou procedem – das faculdades intelectuais da mente humana.

151. Isto é, a Sabedoria que nasce simultaneamente com a conquista do Reconhecimento: A Sabedoria Nascida Simultaneamente.

Ao mesmo tempo, uma opaca luz azul do mundo bruto virá brilhar juntamente com os resplendores da Sabedoria. Então, devido à influência das ilusões das tuas propensões, sentirás medo do esplendor das cinco cores; e [desejando] fugir dela, te sentirás atraído pela opaca luz azul do mundo bruto. Portanto, não tenhas medo desse brilhante resplendor de cinco cores, nem te aterrorizes, mas reconhece-o como sendo a tua própria Sabedoria.

Nessas radiações, o som natural da Verdade reverberará com mil trovões. O som virá como uma reverberação de ondas, [entre as quais] se ouvirá: "Mata! Mata!" e *mantras* inspiradoras de temor.[152] Não temas. Não fujas. Não te aterrorizes. Reconhece-os [isto é, esses sons] como sendo [das] faculdades intelectuais de tua própria luz [interior].

Não te deixes atrair pela opaca luz azul do mundo bruto; não sejas fraco. Se te deixares atrair, cairás no mundo bruto, onde a estupidez predomina e sofrerás as infinitas penas da escravidão, do mutismo, da bestialidade;[153] e levarás então um longo tempo até poderes sair [dali]. Não te deixes atrair por ela. Põe tua fé no esplendor de cinco cores, brilhante, deslumbrante. Orienta a tua mente, concentrando-a nas divindades, os Conquistadores Detentores do Conhecimento. Pensa, concentradamente, assim: "Essas Divindades Detentoras do Conhecimento, os Heróis e as *Ḍākinīs*, vieram dos reinos do paraíso sagrado para me receber; suplico a todas elas: até este dia, apesar das Cinco Ordens dos Budas dos Três Tempos terem todos enviado os raios divinos de sua graça e compaixão, não obstante eu ainda não fui resgatado por eles. Ai de mim, de um ser como eu! Que as Divindades Detentoras do Conhecimento não me deixem continuar descendo mais ainda, mas sim me aferrem com o gancho de sua compaixão, e me conduzam aos paraísos sagrados."

Pensando dessa maneira e em concentração, ora assim:

"Ó Divindades Detentoras do Conhecimento, eu vos suplico, escutai-me;
Guiai-me no Caminho sob vosso grande amor.
Quando [eu estiver] perambulando pelo *Saṅgsāra*, devido às inclinações intensificadas,
No brilhante caminho de luz da Sabedoria Nascida Simultaneamente,
Que os bandos de Heróis, os Detentores do Conhecimento, me guiem;
Que os bandos das Mães, as *Ḍākinīs*, sejam a [minha] retaguarda;
Que eles me salvem das temíveis emboscadas do *Bardo*,
E me ponham nos puros Reinos do Paraíso."

Orando assim, em profunda fé e humildade, não há dúvida de que a pessoa nascerá nos Reinos puros do Paraíso,[154] após se haver fundido, na luz arco-íris, no coração das Divindades Detentoras do Conhecimento.

---

152. Ver os Adendos, pp. 167-68.

153. Cf. p. 97 n. 142.

154. O falecido, havendo caído agora em estados cada vez mais baixos do *Bardo*, olha para os mundos celestes (que são mundos de encarnação no *Saṅgsāra*) mais que para o *Nirvāṇa* (que é não-*saṅgsārico*) como um lugar de refúgio. Embora teoricamente o *Nirvāṇa* seja alcançável a partir de qualquer estado do *Bardo*, na prática isto não é possível ao devoto comum, porque o *karma* meritório é impróprio; daí o fato de o lama ou do oficiante leitor fazer o melhor possível diante da situação na qual, se supõe, o morto inevitavelmente se encontra.

Todas as classes de pānditas, também ao reconhecer esse estágio, alcançam a libertação; mesmo aqueles de más inclinações, seguramente são libertados aqui.

Aqui termina a parte do Grande *Thödol* relativa à confrontação das [Divindades] Pacíficas do *Chönyid Bardo* e à confrontação da Clara Luz do *Chikhai Bardo*.

[A AURORA DAS DIVINDADES IRADAS, DO OITAVO AO DÉCIMO QUARTO DIA]

[INTRODUÇÃO]

Agora será mostrada a forma como surgem as Divindades Iradas.

No *Bardo* acima, das [Divindades] Pacíficas, havia sete estágios de emboscada. A confrontação de cada estágio deve ter levado [o falecido] a reconhecer ou um ou outro [estágio] e a ser libertado.

Multidões serão libertadas por meio desse reconhecimento; [e] ainda que multidões alcancem libertação dessa maneira, sendo grande o número dos seres sensíveis, poderoso é o mau *karma*, densos os obscurantismos, as inclinações por longo tempo conservadas, a Roda da Ignorância e da Ilusão não se exaure nem acelera. Embora [todos sejam] postos em confrontação dessa forma detalhada, há uma vasta preponderância daqueles que erram caminho abaixo sem serem libertados.

Por conseguinte, após a cessação [da aurora] das Divindades Pacíficas e das Divindades Detentoras do Conhecimento, que vêm para acolher o morto, surgem as cinqüenta e oito divindades aureoladas em chama, iradas, bebedoras de sangue, as quais nada mais são que as anteriores Divindades Pacíficas de aspecto transformado – de acordo com o lugar [ou centro psíquico do corpo *Bardo* do falecido de onde elas procederam]; apesar disso, estas não se assemelham àquelas.[155]

Este é o *Bardo* das Divindades Iradas; e, estando eles influenciados pelo medo, terror e temor,[156] o reconhecimento se torna mais difícil. O intelecto, não alcançando independência, passa de um estado de desmaio a uma série de estados de desmaio. [Contudo], por mínimo que seja o reconhecimento, é mais fácil ser liber-

---

155. Até este momento, as 52 Divindades Pacíficas e Detentoras de Conhecimento, emanações dos centros psíquicos do coração e da garganta do corpo do *Bardo* do falecido, foram as que surgiram. As Divindades Iradas, que agora estão em vias de surgir, originam-se do centro psíquico do cérebro; são as formas reflexivas, excitadas ou iradas, das Divindades Pacíficas (as quais, quando contrastadas com seus aspectos irados, incluem as Divindades Detentoras do Conhecimento). (Veja-se p. 59 n. 3 e Adendo, pp. 164-66.)

156. O medo, o terror e o temor (ou fascinação) – por parte do falecido diante das divindades – ocorrem apenas no caso do devoto comum, que, conforme explica o texto, não possui treinamento *yógico* adequado, antes da morte, para poder reconhecer o *Bardo* como tal imediatamente após a morte e passar através dele. Para o adepto da *Yoga*, que pode pegar o *Bardo* "pelos cabelos", como diz o texto (p. 72) e dominando a morte, e que sabe que todas as aparições são irreais e impotentes, tanto neste mundo como nos outros, não há *Bardo* a ser experimentado; seu objetivo é tanto um renascimento imediato e consciente entre os homens ou num dos reinos paradisíacos, ou, se ele estiver realmente amadurecido – o que seria extremamente raro – o *Nirvāṇa*.

tado [nesse estágio]. Se perguntarem por quê? [a resposta é]: devido à aurora dos esplendores — [que produzem] medo, terror e temor — o intelecto está atentamente concentrado num único ponto; eis o porquê.[157]

Se nesse estágio a pessoa não recebeu este tipo de ensinamento, o fato de a pessoa ouvir [o saber religioso] — mesmo que seja [em sua vastidão] como um oceano — não tem valor. Há mesmo monges conservadores da disciplina [ou *bhikkus*] e doutores em discursos metafísicos que erram nesse estágio, e, não reconhecendo, divagam pelo *Sangsāra*.

No que diz respeito às pessoas comuns, que necessidade haveria de mencioná-las! Fugindo por medo, terror e temor, elas caem nos precipícios dos mundos infelizes e sofrem. Entretanto, o mais inferior dos devotos das doutrinas místicas *mantrayāna*, assim que enxerga as divindades bebedoras de sangue, as reconhecerá como suas divindades tutelares, e o encontro será como o dos conhecimentos humanos. Ele confiará nelas; e, diluindo-se nelas, em harmonia, alcançará o estado de Buda.[158]

Havendo meditado na descrição dessas divindades bebedoras de sangue, quando no mundo humano, e havendo praticado algum culto ou louvação a elas, ou pelo menos, havendo visto suas representações em quadros e imagens, ao testemunhar a aurora das divindades neste estágio, resultará o seu reconhecimento, e a libertação. Nisso reside a arte.

Além disso, na morte desses monges conservadores da disciplina e dos doutores em discursos metafísicos [que permanecem ignorantes destes ensinamentos *Bardo*], embora possam ter-se devotado assiduamente a práticas religiosas, não obstante terem sido hábeis na exposição de doutrinas quando no mundo humano, não virão quaisquer sinais fenomenais como o halo arco-íris [na pira funerária] nem relíquias ósseas [das cinzas]. Isto se deve ao fato de eles terem-se nutrido das doutrinas místicas [ou esotéricas] sem nunca as manterem em seus corações e por terem falado insolentemente delas, e porque nunca travaram conhecimento [através de iniciação] com as divindades das doutrinas místicas [ou esotéricas]; por isso, eles não reconhecem as divindades quando elas despontam no *Bardo*. Subitamente [vendo] aquilo que nunca viram antes, eles o encaram como a um inimigo; e, criando um sentimento antagônico, entrarão por causa disso em estados de sofrimento. Assim sendo, se os observadores das disciplinas, e os metafísicos, não guardam em si a prática das doutrinas místicas [ou esotéricas], sinais tais como o halo arco-íris não surgem, nem mesmo se produzem as relíquias ósseas e os ossos semelhantes

157. Tão logo cessa um resplendor, outro desponta. Não tendo o morto um momento de distração, seu intelecto se torna concentradamente alerta, isto é, dirigido a um único ponto.

158. O sangue simboliza a existência *sangsārica*; beber o sangue, ser sedento por ele, tomá-lo e saciar a sede que se tem dele, remete à existência *sangsārica*. Para o devoto que — mesmo neste estágio — pode compreender que tais divindades não são senão personificações *kármicas* de suas próprias propensões, nascidas do ter-se nutrido de e bebido vida, e que tem, além disso, o supremo poder de encará-las firmemente (a exemplo do neófito, na obra *Zanoni*, de Bulwer Lytton, que deve confrontar-se com o "Habitante no Umbral"), encontrando-as como a velhos conhecidos e perdendo então sua personalidade nelas, o esclarecimento da verdadeira natureza da existência *sangsārica* surge e, com ele, a Iluminação Todo-perfeita chamada estado de Buda.

à semente [dos ossos de suas piras funerárias],[159] pelas razões que já vimos.

O mais humilde dos [devotos] *mantrayānicos* — que pode talvez ter maneiras muito pouco refinadas, ser pouco diligente e sem tato, não viver de acordo com seus votos, parecer incorreto em suas vestes e mesmo incapaz, talvez, de levar as práticas de seus ensinamentos a um resultado feliz — não deve levar-nos a nutrir desprezo nem duvidar dele, mas a reverenciar as doutrinas místicas [ou esotéricas que ele guarda]. Com isso, apenas, se obtém libertação neste estágio.

Mesmo se os atos [da pessoa que presta tal reverência] não tenham sido muito corretos no mundo humano, na sua morte virá pelo menos um tipo de sinal, tal como o esplendor arco-íris, imagens ou relíquias de ossos. Isso porque as doutrinas místicas [ou esotéricas] possuem grandes ondas de dons.[160]

[Esses] acima, os místicos devotos *mantrayānicos* de [desenvolvimento psíquico] comum, que meditaram sobre os processos de visualização e perfeição e praticaram as essências [ou *mantras* essenciais],[161] não precisam errar até aqui embaixo no *Chönyid Bardo*. Assim que eles cessem de respirar, serão guiados aos reinos puros do paraíso pelos Heróis e Heroínas e pelos Detentores do Conhecimento.[162] Com um sinal disso, o céu estará sem nuvens; eles se fundirão no esplendor arco-íris; haverá inundações de sol, doce aroma de incenso [no ar], música nos céus, relíquias ósseas e imagens [das suas piras funerárias].

Portanto, esse *Thödol* é indispensável aos monges [ou mantenedores da disciplina], aos doutores e àqueles místicos que falharam em seus votos e a toda a gente

159. A crença, corrente entre todos os povos desde tempos imemoriais, de que fenômenos incomuns geralmente assinalam a morte (assim como o nascimento) e o funeral de um grande herói ou santo, existe também entre os tibetanos. Os lamas afirmam que tais fenômenos têm uma explicação puramente racional, como aqui sugere o texto. Além disso, os lamas afirmam que, quando é um verdadeiro santo que morre, entre os ossos carbonizados da sua pira funerária haverá alguns apresentando belas formas, como imagens, e que certos nódulos, como pequenas pérolas (ou, segundo diz o texto, como *sementes*) aparecerão nas cinzas dos ossos cremados.

160. Isto é, as doutrinas esotéricas, sendo compreensíveis — porque baseadas na própria Verdade — permitem àquele que as siga ou mesmo as reverencia estar automaticamente em íntima relação com forças psíquicas definidas.

161. Isto é, os devotos que praticaram, de maneira plenamente científica e sob a orientação de um *guru* competente, a entonação de certas *mantras* sagradas chamadas *mantras* essenciais. Exemplos dessas *mantras* são: *Om Maṇi Padme Hūṃ* ("Salve a Jóia no Loto" ou "Salve Aquele Que é a Jóia no Loto"); *Om Wagi Shorī Mūm* ("Salve o Senhor da Palavra *Mūm*"); *Om Vajra Pāṇi Hūṃ* ("Salve o Detentor do Dorje!"): as três *mantras* essenciais dos "Três Protetores" do Lamaísmo: a primeira é a *mantra* essencial do Boddhisattva Chenrazee (sânscrito: *Avalokita*), "O Vidente com Olhos Penetrantes", o Grande Piedoso; a segunda, do Boddhisattva Jampalyang (sânscrito: *Mañjughosha*), "O Deus da Sabedoria Mística"; e, a terceira, a do Boddhisattva Chakdor (sânscrito: *Vajra-Pāṇi*), "O Empunhador do Relâmpago".

162. Cf. a seguinte passagem, extraída de uma oração em benefício do moribundo, que se encontra em *The Book of the Craft of Dying*, cap. VI, ed. de Comper, p. 45: "Quando a tua alma deixar o teu corpo, [que] gloriosas hostes de anjos venham a ti; [que uma] vitoriosa hoste de dignos juízes e senadores dos santos apóstolos venha a ti; [que a] companhia bela, clara e brilhante de santos confessores, com um vitorioso número de gloriosos mártires, venha a ti; [que a] alegre companhia das santas virgens te receba; e a digna fraternidade dos santos patriarcas te abra o lugar de descanso e felicidade, e te considerem permanecer entre eles eternamente."

comum.[163] Porém, aqueles que meditaram sobre a Grande Perfeição e o Grande Símbolo[164] reconhecerão a Clara Luz no momento da morte; e, obtendo o *Dharmakâya*, todos eles não terão necessidade da leitura deste *Thödol*. Ao reconhecerem a Clara Luz no momento da morte, eles estarão também reconhecendo as visões das [Divindades] Pacíficas e Iradas Durante o *Chönyid Bardo*, e obterão o *Sambhogakâya*; ou, ao reconhecerem no *Sidpa Bardo*, obterão o *Nirmânakâya*; e nascendo nos planos superiores, eles darão, no próximo renascimento, com esta doutrina, e então desfrutarão da continuidade do *karma*.[165]

Portanto, esse *Thödol* é a doutrina através da qual o estado de Buda pode ser alcançado sem meditação; a doutrina que liberta pela audição [dela] somente; a doutrina que conduz os seres de um grande mau *karma* no Caminho Secreto; a doutrina que produz diferenciação instantaneamente [entre os nela iniciados e os não-iniciados]: é a doutrina que confere Iluminação Perfeita instantaneamente. Os seres sensíveis que foram atingidos por ela não podem ir para estados infelizes.

Esta [doutrina] e a [doutrina do] *Thödol*,[166] unidas, formam como que uma *mandala* de ouro incrustado com turquesa. Combina-as.

Assim, tendo sido mostrada a natureza indispensável do *Thödol*, vem agora a confrontação com a aurora das [Divindades] Iradas no *Bardo*.

---

163. Os lamas afirmam que, embora o simples conhecimento das escrituras e a bondade sejam desejáveis ao devoto que procura a libertação, a sabedoria espiritual, aliada à fé inabalável, assim como o afastamento de todo intelectualismo, são indispensáveis. Um dos preceitos dos grandes *yógis* tibetanos ensinado a todos os neófitos é o seguinte: "De fato, é difícil obter a Libertação apenas através do conhecimento intelectual; através da fé, porém, a Libertação é facilmente obtida."

164. "A Grande Perfeição" se refere à doutrina fundamental relativa à obtenção da Perfeição ou do estado de Buda conforme ensina a Escola do *guru Padma Sambhava*. "O Grande Símbolo (tibetano: *Chhag-cchen*, sânscrito: *Mahâ-Mudra*)" refere-se a um antigo sistema indiano de *Yoga*, relacionado com essa mesma Escola, mas praticado especialmente nos dias atuais pelos adeptos da seita semi-reformada Kargyutpa, fundada na segunda metade do século XI d.C. pelo sábio *yógi* tibetano Marpa, o qual, tendo permanecido na Índia como discípulo do *Pandit* Atisha e de Naropa (discípulo de Atisha), introduziu no Tibete o Grande Símbolo Milarepa, o mais querido de todos os *yógis* tibetanos, que foi sucessor de Marpa, desenvolveu a prática do Grande Símbolo e fez dele o ensinamento básico da seita.

165. Se houver reconhecimento da Realidade quando ela desponta pela primeira vez, isto é, se o Sonhador da existência *sangsârica* for despertado para o estado divino do *Sambhogakâya* durante o *Chönyid Bardo*, o ciclo normal de renascimento é rompido; e o Desperto retornará plena e voluntariamente consciente ao mundo humano como Encarnação Divina, a fim de trabalhar pela melhora da humanidade. Se o reconhecimento for retardado até o *Sidpa Bardo* e o *Nirmânakâya* for obtido, esse despertar será apenas parcial e não uma compreensão clara da Realidade, isso porque o *Sidpa Bardo* é um plano bem mais inferior que o *Chönyid Bardo*; mas mesmo neste caso há a conquista da grande vantagem de um nascimento espiritualmente iluminado num dos planos superiores – *Deva-loka*, *Asura-loka* ou ainda no *loka* humano – e, por ter nascido de novo no mundo humano, o devoto, em virtude de haver adquirido inclinações na vida terrena anterior, retomará o estudo das doutrinas místicas *mantrayânicas* e as práticas *yógicas* a partir do ponto em que foram interrompidos pela morte – isto é, a continuidade do *karma*.

166. Texto: *Btags-grol* (pron. *Tah-dol*), uma pequena obra tibetana que consiste inteiramente de *mantras* e que é usada como acompanhamento ao *Bardo Thödol*. Se o falecido morre conhecendo as *mantras* do *Tahdol*, estas, sendo poderosos talismãs, lhe assegurarão a passagem através do *Bardo* e um feliz renascimento. Muito freqüentemente, uma cópia do *Tahdol* (ou, então, apenas algumas de suas *mantras* copiadas em pequenas tiras de papel formando minúsculos rolos) é atada ao cadáver e queimada ou sepultada com ele – do mesmo modo que uma cópia d*O Livro Egípcio dos Mortos* era normalmente enterrada com a múmia.

Outra vez, chamando o falecido pelo nome, [dirige-te a ele] assim:

Ó nobre filho, escuta atentamente. Não tendo sido capaz de reconhecer quando as [Divindades] Pacíficas brilharam sobre ti no *Bardo* acima, vens errando até aqui. Agora, no Oitavo Dia, as Divindades Iradas bebedoras de sangue virão brilhar. Age de modo a reconhecê-las sem te distraíres.

Ó nobre filho, o Grande Glorioso Buda Heruka,[167] de cor marrom-escura, com três cabeças, seis mãos e quatro pés firmemente postados; a [face] direita branca, a esquerda vermelha e a central marrom-escura; o corpo emanando chamas de esplendor; os nove olhos largamente abertos, numa mirada fixa terrível; as sobrancelhas vibrando como relâmpagos e os protuberantes dentes brilhando e rangendo uns sobre os outros; deixando escapar sonoras expressões como "a-lá-lá" e "ha-ha", e agudos silvos; o cabelo de uma cor amarelo-avermelhada, eriçado, emitindo brilhos; as cabeças, adornadas com caveiras [humanas] ressecadas e com [os símbolos do] Sol e Lua; negras serpentes e esfoladas cabeças [humanas] formando uma guirlanda para o corpo; a primeira das mãos direitas segura uma roda, a do meio uma espada e a última uma acha de guerra; a primeira das mãos esquerdas segura um sino, a do meio um escalpo [humano] e a última uma relha de arado; seu corpo, abraçado pela Mãe, Buda-Krotishaurima,[168] cuja mão direita está colocada sobre o seu pescoço e a esquerda leva-lhe uma vermelha concha [de sangue] à boca, [produzindo] um som palatal estridente [e] um som estrondoso, e um som retumbante ruidoso como trovão; [emanando das duas divindades], chamas radiantes de sabedoria, flamejando de cada poro capilar [do corpo] e cada uma contendo um *dorje* flamejante; [as duas divindades assim juntas], com [uma] perna cruzada e [a outra] reta e tensa, num trono sustentado por águias cornudas,[169] aparecerão de dentro de teu próprio cérebro e brilharão vividamente sobre ti. Não temas. Não te atemorizes. Reconhece isso como sendo a encarnação de teu próprio intelecto. Como se trata de tua própria divindade tutelar, não te aterrorizes. Não tenhas medo, pois na realidade é o *Bhagavân Vairochana*, o Pai-Mãe. Simultaneamente com o reconhecimento, a libertação será obtida: se elas forem reconhecidas, fundindo [-te], em harmonia, na divindade tutelar, o estado de Buda no *Sambhogakâya* será conseguido.

[NONO DIA]

Mas se a pessoa fugir das divindades, acometida por temor e terror, então no Nono Dia, as [divindades] bebedoras de sangue da Ordem do Vajra virão

---

167. Texto: *Dpal-chen-po Bud-dha Heruka* (pronuncia-se *Pal-chen-po Bud-dha Heruka*), "Grande Glorioso Buda-Heruka".

168. Texto: *Bud-dha Kro-ti-shva-ri-ma* (pron. *Buddha Kroti-shau-ri-ma*), isto é, o Buda [fêmea], a Poderosa Mãe Irada.

169. Estes são os *Guarudas* das mitologias indiana e tibetana. São representados com cabeça de águia e corpo meio humano e meio ave, dois braços como os humanos, duas asas e dois pés de águia. Simbolicamente, personificam energia e aspiração. (Cf. p. 90 n. 106.)

para recebê-la. Então, a confrontação é feita chamando o falecido pelo nome, assim:

Ó nobre filho, escuta atentamente. [Aquele] bebedor de sangue da Ordem do Vajra chamado Bhagavân Vajra Heruka, de cor azul-escura; com três faces, seis mãos e quatro pés firmemente postados; na primeira mão direita [segura] um *dorje*, na do meio um escalpo [humano], na última uma acha de guerra; na primeira das [mãos] esquerdas um sino, na do meio um escalpo [humano] e na última uma relha de arado; seu corpo abraçado pela Mãe Vajra-Krotishaurima, cuja mão direita está colocada sobre o seu pescoço e a esquerda oferecendo-lhe à boca uma concha vermelha [cheia de sangue], sairá da parte leste do teu cérebro e virá brilhar sobre ti. Não o temas. Não te aterrorizes. Não te atemorizes. Reconhece-o como a encarnação do teu próprio intelecto. Como é tua própria divindade tutelar, não te aterrorizes. Na realidade, [elas são] o *Bhagavân Vajra-Sattva*, o Pai e Mãe. Acredita nelas. Reconhece-as e a libertação será alcançada imediatamente. Assim proclamando [-as], reconhecendo-as como sendo divindades tutelares, fundindo-te [nelas] em harmonia, o estado de Buda será alcançado.

[DÉCIMO DIA]

Contudo, se a pessoa não as reconhecer, pois as obscuridades das más ações são muito grandes, e fugir delas por terror e temor, então, no Décimo Dia, as [divindades] bebedoras de sangue da Ordem da Gema [Preciosa] virão para recebê-la. Mais uma vez, a confrontação é feita, chamando o morto pelo nome, assim:

Ó nobre filho, escuta. No Décimo Dia, a [divindade] bebedora de sangue da Ordem da Gema [Preciosa] chamada *Ratna Heruka*, de cor amarela, [possuindo] três faces, seis mãos e quatro pés firmemente postados; a [face] direita branca, a esquerda vermelha, a do centro amarelo-escura; aureolado em chamas; segurando na primeira das seis mãos uma gema, na do meio um bordão-tridente, na última um bastão; na primeira das [mãos] esquerdas um sino, na do meio um escalpo [humano] cheio de sangue, na última um bordão-tridente; seu corpo abraçado pela Mãe Ratna-Krotishaurima, cuja [mão] direita está colocada sobre o seu pescoço e a esquerda oferecendo-lhe à boca uma concha vermelha [cheia de sangue], sairá da parte sul do teu cérebro e virá brilhar sobre ti. Não a temas. Não te aterrorizes. Não te atemorizes. Reconhece-as como sendo a encarnação de teu próprio intelecto. Sendo [elas] tua própria divindade tutelar, não te aterrorizes. Na realidade [elas são] o Pai-Mãe Bhagavân Ratna-Sambhava. Acredita nelas. Reconhece [-as] e a obtenção da libertação será simultânea.

Assim proclamando [-as], sabendo serem elas divindades tutelares, e diluindo-te nelas, em harmonia, o estado de Buda será alcançado.

[DÉCIMO PRIMEIRO DIA]

Não obstante, mesmo posta assim em confrontação, devido ao poder das más inclinações, produzem-se terror e temor, e não reconhecendo-as como sendo divindades tutelares, a pessoa foge delas e, então, no Décimo Primeiro Dia, a [divindade]

bebedora de sangue da Ordem do Loto vem para recebê-la. Mais uma vez, é feita a confrontação chamando o morto pelo nome, assim:

Ó nobre filho, no Décimo Primeiro Dia, a [divindade] bebedora de sangue da Ordem do Loto chamada Bhagavân Padma Heruka de cor escura-avermelhada; [tendo] três faces, seis mãos e quatro pés firmemente postados; a [face] direita branca, a esquerda azul, a central vermelho-escura; à primeira da direita das seis mãos segurando um loto, à [mão] do meio um bordão-tridente, na última uma clava; à primeira das [mãos] esquerdas um sino, na do meio um escalpo [humano] cheio de sangue,[170] na última um pequeno tambor; seu corpo abraçado pela Mãe Padma-Krotishaurima, cuja mão direita está colocada no seu pescoço e a esquerda oferecendo-lhe à boca uma concha vermelha [cheia de sangue]; o Pai e a Mãe em união sairão da parte oeste do teu cérebro e virão brilhar sobre ti. Não temas. Não te aterrorizes. Não te atemorizes. Regozija-te. Reconhece [-as] como produto do teu próprio intelecto; como [elas são] a tua própria divindade tutelar, não tenhas medo. Na realidade, elas são o Pai-Mãe Bhagavân Amitâbha. Acredita nelas. Concomitantemente com o reconhecimento, virá a libertação. Através desse reconhecimento, sabendo serem elas divindades tutelares, em harmonia te diluirás [nelas] e alcançarás o estado de Buda.

[DÉCIMO SEGUNDO DIA]

A despeito dessa confrontação, sendo ainda levado para trás pelas más inclinações, surgindo o terror e o temor, pode ser que a pessoa não reconheça e fuja. Portanto, no Décimo Segundo Dia, as divindades bebedoras de sangue da Ordem Kármica, acompanhadas por Kerima, Htamenma e Wang-chugma,[171] virão para recebê-la. Não as reconhecendo, poderá produzir-se terror. Por isso, é feita a confrontação chamando o falecido pelo nome, assim:

Ó nobre filho, no Décimo Segundo Dia, a divindade bebedora de sangue da Ordem Kármica chamada Karma Heruka, de cor verde-escura; [possuindo] três faces, seis mãos [e] quatro pés firmemente postados; a [face] direita branca, a

170. Literalmente: "cheio de substância vermelha", o mesmo ocorrendo nas passagens paralelas seguintes. Nos rituais *lamakot*, normalmente se usa um pigmento vermelho líquido para representar o sangue (símbolo da renúncia à vida ou à existência *sangsârica*), da mesma forma que o vinho tinto é usado pelos cristãos na Eucaristia.

171. Estas três ordens de divindades são deusas de origem indiana e tibetana: *Kerima* tem forma humana; *Htamenma* e *Wang-chugma*, como no caso das divindades egípcias (mais ou menos totêmicas), possuem corpos de forma humana e cabeças de animais. Cada divindade simboliza algum impulso *kármico* particular ou propensão que aparece como alucinação na consciência *Bardo* do morto. *Kerima* parece ser uma palavra híbrida de sânscrito e tibetano (do sânscrito *Keyûri*), que, tendo-se tornada corrente no Tibete – como tantas outras palavras similares – foi incorporada em nosso texto sem modificação. *Htamenma* (segundo a pronúncia tibetana *Bhra-men-ma*) é provavelmente o nome de uma ordem de divindades pré-budistas pertencentes à antiga religião Bön do Tibete. *Wang-chugma* (segundo a pronúncia tibetana *Dvang-phyug-ma*) é a versão tibetana do sânscrito *Ishvari*, que significa "Poderosas Deusas".

esquerda vermelha e a do centro verde-escura; majestática [de aparência]; na primeira da direta das seis mãos segura uma espada, na do meio um bordão-tridente, na última uma clava; na primeira das [mãos] esquerdas um sino, na do meio um escalpo [humano] e na última uma relha de arado; seu corpo abraçado pela Mãe Karma-Krotishaurima, cuja [mão] direita está colocada sobre o seu pescoço, a esquerda oferecendo à sua boca uma concha vermelha; o Pai e a Mãe em união, saídos da parte norte do teu cérebro, virão brilhar sobre ti. Não temas. Não te aterrorizes. Não te atemorizes. Reconhece-as como sendo a encarnação do teu próprio intelecto. Sendo [elas] tua própria divindade tutelar, não tenhas medo. Na realidade, elas são o Pai-Mãe Bhagavân Amogha-Siddhi. Acredita; e sê humilde; e afeiçoa-te [a elas]. Concomitantemente ao reconhecimento, a libertação virá. Através desse reconhecimento, sabendo serem elas divindades tutelares, em harmonia te diluirás [nelas] e alcançarás o estado de Buda. Por meio do seleto ensinamento do *guru*, a pessoa as reconhecerá como sendo formas-pensamento emanadas de suas próprias faculdades intelectuais. Por exemplo, um pessoa, após reconhecer uma pele de leão [como sendo uma pele de leão], está livre [do medo]; pois, embora seja apenas uma pele de leão empalhada, se a pessoa não sabe que isso é realmente uma pele de leão empalhada, surge o medo, [mas] após lhe dizerem que se trata apenas de uma pele de leão, essa pessoa se livra do medo. Da mesma forma aqui, também, quando os bandos de divindades bebedoras de sangue, de vastas proporções, de membros muito grossos, despontam tão grandes quanto os céus, temor e terror são naturalmente produzidos na pessoa. [Mas] assim que a confrontação é compreendida [a pessoa] as reconhece como sendo suas próprias divindades tutelares e suas próprias formas-pensamento. Então, quando sobre a Clara Luz Mãe – a que a pessoa estava acostumada anteriormente – se produz uma Clara Luz secundária, a Clara Luz de Descendência, e [quando] a Mãe e a Clara Luz de Descendência, vindo juntas, como duas pessoas íntimas, se combinarem inseparavelmente, [daí] um esplendor auto-emancipador despontará para a pessoa e, através da auto-iluminação e do autoconhecimento, ela é Libertada.

[DÉCIMO TERCEIRO DIA]

Se essa confrontação não for obtida, as pessoas boas no Caminho[172] também cairão de volta, aqui, e errarão pelo *Sangsàra*. Então as Oito [Divindades] Iradas, as Kerimas e as Htamenmas, possuindo diversas cabeças [de animais], emanam do próprio cérebro da pessoa e vêm brilhar sobre ela. Então, a confrontação é feita, chamando o falecido pelo nome, assim:

Ó nobre filho, escuta atentamente. No Décimo Terceiro Dia, da parte leste do teu cérebro, as Oito Kerimas emanarão e virão brilhar sobre ti. Não temas.

Do leste do teu cérebro, a Kerima Branca,[173] segurando um cadáver [humano], como [se fosse] uma clava, na [mão] direita; na esquerda, um escalpo – [humano] cheio de sangue, virá brilhar sobre ti. Não temas.

172. Ou "passando por desenvolvimento psíquico".

173. Texto: *Kerima*, forma adulterada do sânscrito *Keyùri*, nome de uma deusa indiana do cemitério.

Do sul, a Tseurima Amarela,[174] segurando um arco e uma flecha, pronta para atirar; do oeste, a Pramoha Vermelha,[175] segurando uma bandeira *makara*;[176] do norte, a Petali Preta,[177] segurando um *dorje* e um escalpo cheio de sangue; do sudoeste, a Pukkase Vermelha,[178] segurando intestinos na [mão] direita e [com] a esquerda pondo-os à boca; do sudoeste, a Ghasmarî Verde-escura,[179] a [mão] esquerda segurando um escalpo cheio de sangue [com] a direita agitando-o com um *dorje*, e [ela então] o bebe com majestático prazer; do noroeste, a Tsandhalî Branco-amarelada,[180] arrancando em pedaços uma cabeça de cadáver, a [mão] direita segurando um coração, a esquerda pondo à boca o cadáver e [ela então] comendo [dele]; do nordeste, a Smasha Azul-escura,[181] arrancando em pedaços uma cabeça de cadáver e comendo [dela]: estas, as Oito Kerimas das Moradas [ou Oito Direções], também vêm brilhar sobre ti, circundando os Cinco Pais Bebedores de Sangue. Portanto, não tenhas medo.

Ó nobre filho, do Círculo exterior a elas, as Oito Htamenmas das [oito] regiões [do cérebro] virão brilhar sobre ti: do leste, a Cabeça de Leão Marrom-escura, com as mãos cruzadas no peito, e segurando na boca um cadáver, e sacudindo a juba; do sul, a Cabeça de Tigre Vermelha, as mãos cruzadas para baixo, arreganhando os dentes e mostrando-os e olhando com olhos fogosos; do oeste, a Cabeça de Raposa Negra, a [mão] direita segurando uma faca de barbear, a esquerda segurando um intestino, e [ela] comendo e lambendo sangue [dele]; do norte, a Cabeça de Lobo Azul-escura, as duas mãos dilacerando um cadáver e olhando-o com olhos salientes; do sudeste, a Cabeça de Abutre Branco-amarelada, levando um gigantesco cadáver [de forma humana] no ombro e segurando um esqueleto na mão; do sudoeste, a Cabeça de Pássaro Vermelho-escura do Cemitério, carregando um gigantesco cadáver no ombro; do noroeste, a Cabeça de Corvo Preta, a [mão] esquerda segurando um escalpo, a direita segurando uma espada, e [ela] comendo coração e pulmões; do nordeste, a Cabeça de Mocho Azul-escura, segurando um *dorje* na [mão] direita, e segurando uma espada na esquerda, e comendo.

174. Forma sânscrita adulterada no texto. Nome de outra deusa indiana do cemitério.

175. Sânscrito-tibetano no texto.

176. Texto: *chu-srin* (pronuncia-se *chu-sin*), "leão-marinho" ou "leviatã" (sânscrito *makara*), um monstro mitológico.

177, 178 e 179. Sânscrito-tibetano no texto.

180. Forma textual, do sânscrito *Chaṇḍâlî*, que, aparentemente, se refere ao espírito de uma fêmea de casta baixa (isto é, *Chaṇḍâlî*), a qual, como cada uma das deusas do nosso texto aqui, freqüenta os cemitérios e locais de cremação. Todas as deusas que aqui aparecem são símbolos – cada qual à sua maneira – para imprimir no falecido, como num drama iniciático, a natureza da existência *sangsàrica* – sua impermanência, seu caráter insatisfatório – e a necessidade de ultrapassá-la, conquistando-a através da renúncia ao mundo: conforme o texto repetidamente ensina, todas as deusas emanam do conteúdo mental que a existência *sangsàrica* lhe transmitiu.

181. Em vez desta forma sânscrito-tibetana, a xilografia traz *Smashalî*, que é uma forma mais correta.

Essas Oito Htamenmas das [oito] regiões, igualmente circundando os Oito Pais Bebedores de Sangue, e saídos de dentro do teu cérebro, vêm brilhar sobre ti. Não as temas. Reconhece-as como sendo as formas-pensamento de tuas próprias faculdades intelectuais.

[DÉCIMO QUARTO DIA]

Ó nobre filho, no Décimo Quarto Dia, as Quatro Guardiãs Femininas da Porta, também saídas de teu próprio cérebro, virão brilhar sobre ti. Reconhece-as também. Da [parte] leste de teu cérebro, virá brilhar a Deusa Cabeça de Tigre Branca Porta-aguilhão, levando um escalpo cheio de sangue na [mão] esquerda; do sul, a Deusa Cabeça de Porca Amarela Porta-laço; do oeste, a Deusa Cabeça de Leão Vermelha Porta-corrente de Ferro; e do norte, a Deusa Cabeça de Serpente Verde Porta-sino. Assim saem as Quatro Guardiãs Femininas da Porta também de dentro do teu próprio cérebro e brilham sobre ti; como divindades tutelares, reconhece-as.

Ó nobre filho, no Círculo externo a essas trinta divindades iradas, Herukas, as vinte e oito poderosas deusas de várias cabeças, portando várias armas, emanando de dentro de teu próprio cérebro, virão brilhar sobre ti. Não temas isso, não. Reconhece o que quer que brilhe como sendo formas-pensamento de tuas próprias faculdades intelectuais. Nesse momento vitalmente importante, lembra-te dos seletos ensinamentos do *guru*.

Ó nobre filho, [despontarão] do leste a Deusa Rākṣhasa Cabeça de Iaque Marrom-escura, segurando um *dorje* e uma caveira; e a Deusa Brāhma Cabeça de Serpente Amarelo-avermelhada, segurando um loto na mão; e a Grande Deusa Cabeça de Leopardo Negro-esverdeada, segurando um tridente à mão; e a Deusa da Indiscrição Cabeça de Macaco Azul, levando uma roda; e a Deusa Virgem de Cabeça Vermelha de Urso da Neve, levando uma curta lança na mão; e a Deusa Indra Cabeça de Urso Branca, segurando um laço de intestino na mão; [estas], as Seis *Yoginis* do Leste, emanadas de dentro do [parte leste do teu][182] cérebro, virão brilhar sobre ti;|[183] não temas.

Ó nobre filho, do sul [surgirão] a Deusa da Delícia Cabeça de Morcego Amarela, segurando uma navalha na mão; e a [Deusa] Pacífica Cabeça de Makara Vermelha, segurando uma urna na mão; e a Deusa *Amṛitā* Cabeça de Escorpião Vermelha, segurando um loto na mão; e a Deusa da Lua Cabeça de Milhafre Branca,| segurando um *dorje* na mão; e a Deusa do Bastão Cabeça de Raposa Verde-escura, brandindo uma clava na mão; e a Rākṣhasi Cabeça de Tigre Amarelo-escura, segurando uma caveira [cheia de] sangue na mão: [estas] Seis *Yoginis* do Sul, emanando de dentro [da parte sul do teu próprio] cérebro, virão brilhar sobre ti; não temas.

Ó nobre filho, do oeste [despontarão] a Deusa-Devoradora Cabeça de Abutre Negro-esverdeada, segurando um bastão na mão; e a Deusa da Delícia Cabeça de Cavalo Vermelha, segurando o enorme tronco de um cadáver; a Poderosa Deusa

182. Esta frase entre colchetes, aqui (bem como nas três passagens correspondentes seguintes nesta seção), foi tirada do texto xilográfico. O nosso manuscrito a omite.

183. Entre esta barra e a barra após "Deusa da Lua...", no período seguinte, consta a tradução do texto tibetano do fólio inferior (67B) do nosso frontispício (*sic*).

Cabeça de Águia Branca, segurando uma clava na mão; e Rākṣhasi Cabeça de Cachorro Amarela segurando um *dorje* na mão e uma navalha e cortando [com esta]; e a Deusa do Desejo Cabeça de Poupa Vermelha, segurando um arco e uma flecha apontados; e a Deusa Guardiã da Riqueza Cabeça de Veado Verde, segurando uma urna na mão: [estas] Seis *Yoginis* do Oeste, emanando de dentro do [teu próprio] cérebro, virão brilhar sobre ti; não temas.

Ó nobre filho, do norte [despontarão] a Deusa do Vento Cabeça de Lobo Azul, agitando uma bandeira na mão; e a Deusa Mulher Cabeça de Íbex Vermelha, segurando uma estaca pontuda na mão; e a Deusa Porca Cabeça de Porca Preta, segurando um laço de presas na mão; a Deusa do Relâmpago Cabeça de Corvo Vermelha, segurando um cadáver de criança na mão; e a Deusa Nariguda Cabeça de Elefante Negro-esverdeada,[184] segurando na mão um grande cadáver e bebendo sangue de uma caveira; e a Deusa da Água Cabeça de Serpente Azul, segurando na mão um laço de serpente: [essas] Seis *Yoginis* do Norte, emanando de dentro [da parte norte] do teu próprio cérebro, virão brilhar sobre ti; não temas.

Ó nobre filho, as Quatro *Yoginis* da Porta, emanando de dentro do cérebro, virão brilhar sobre ti: do leste, a Deusa Mística[185] Cabeça de Cuco Negra, segurando um gancho de ferro na mão; do sul, a Deusa Mística Cabeça de Cabra Amarela, segurando um laço na mão; do oeste, a Deusa Mística Cabeça de Leão Vermelha, segurando uma corrente de ferro na mão; e do norte, a Deusa Mística Cabeça de Serpente Negro-esverdeada: [estas], as Quatro *Yoginis* Guardiãs da Porta, emanando de dentro do cérebro, virão brilhar sobre ti.

Já que estas Vinte e Oito Deusas Poderosas emanam dos poderes corporais do Ratna-Sambhava, [O] das Seis Divindades Herukas, reconhece-as.[186]

Ó nobre filho, as Divindades Pacíficas emanam da Vacuidade do *Dharmakāya*;[187] reconhece-as. Do Esplendor do *Dharmakāya* emanam as Divindades Iradas;[188] reconhece-as.

Neste momento, quando as Cinqüenta e Oito Divindades Bebedoras de Sangue,[189] emanando do teu próprio cérebro, vêm brilhar sobre ti, se as reconheceres como resplendores do teu próprio intelecto, te diluirás em harmonia no corpo dos Bebedores de Sangue, e alcançarás o estado de Buda.

Ó nobre filho, não reconhecendo agora, e fugindo por medo das divindades, outra vez os sofrimentos se abaterão sobre ti. Se não souberes isso, advindo o medo

184. Aqui a xilografia traz apenas "a Grande Deusa Cabeça de Elefante".

185. Texto: *Rdor-je-ma* (pron. *Dor-je-ma*), "Aquela [chamada] o Dorje", ou, "Aquela [chamada] a Mística"; daí "Deusa Mística". A xilografia diz: "Deusa Mística Cabeça de Cuco Branca".

186. Em lugar disto, a xilografia traz a seguinte frase sinônima: "Já que estas Vinte e Oito Poderosas Deusas são também emanações do poder das Divindades Iradas autocriadas, reconhece-as."

187. São as emanações do vazio, de aspecto primordial, tranqüilo, não-formado do estado do *Dharmakāya*, que considera o homem como o microcosmo do macrocosmo.

188. Trata-se de emanações do aspecto radiante ativo do estado do *Dharmakāya* – a Clara Luz que brilha no Vazio primordial – e o homem, como o microcosmo do macrocosmo, é inseparável disto.

189. O simbolismo do sangue bebido deve, aqui, ser considerado. (Ver. p. 102 n. 158).

das Divindades Bebedoras de Sangue, [a pessoa] se atemorizará, aterrorizará e desmaiará: as próprias formas-pensamento da pessoa tornam-se ilusórias aparências, e ela erra pelo *Sangsàra*; se não tiver temor ou terror, não errará pelo *Sangsàra*.

Ademais, os corpos das Divindades Pacíficas e Iradas maiores são iguais [em vastidão] aos limites dos céus; o médio, tão grande quanto o Monte Meru;[190] o menor, igual a dezoito corpos como o teu, postos uns sobre os outros. Não te aterrorizes com isso; não te atemorizes. Se todos os fenômenos existentes, brilhando como formas e esplendores divinos, forem reconhecidos como emanações do próprio intelecto da pessoa, o estado de Buda será alcançado nesse mesmo instante de reconhecimento. O ditado "O estado de Buda será obtido num instante [de tempo]" é o que ora se aplica. Tendo isso em mente, a pessoa alcançará o estado de Buda pelo diluir-se em harmonia, nos Resplendores e nos *Kàyas*.

Ó nobre filho, quaisquer que sejam as visões pavorosas e terríveis que possas ter, reconhece-as como sendo as tuas próprias formas-pensamento.

Ó nobre filho, se não reconheceres, e se te espantares, então todas as Divindades Pacíficas brilharão sob a forma de Maha-Kala;[191] e todas as Divindades Iradas brilharão sob a forma de Dharma-Ràja, o Senhor da Morte;[192] e tuas próprias formas-pensamento, tornando-se Ilusões (ou *màràs*), errarás no *Sangsàra*.

Ó nobre filho, se a pessoa não reconhecer suas próprias formas-pensamento, não obstante tenha aprendido as Escrituras – tanto os *Sùtras* como os *Tantras* – embora tenha praticado religião durante um *kalpa*, não alcançará o estado de Buda. Se a pessoa reconhecer suas próprias formas-pensamento por meio de uma importante arte e uma palavra, o estado de Buda será alcançado.

Se as formas-pensamento da pessoa não forem reconhecidas logo que ela morrer, as formas do Dharma-Ràja, o Senhor da Morte, brilharão no *Chönyid Bardo*. O maior dos corpos do Dharma-Ràja, o Senhor da Morte, igual [em vastidão] aos céus; o médio, [como] o Monte Meru; o menor, dezoito vezes o próprio corpo da pessoa, virão ocupar os sistemas do mundo. Eles virão com os seus dentes superiores mordendo o lábio inferior; olhos vidrados; os cabelos amarrados no topo da cabeça; barrigudos, quadris estreitos, segurando a tábua de registro [*kàrmico*][193]

190. Monte Meru (tibetano: *Ri-rab*) é a montanha mística central da cosmografia budista. (Veja-se pp. 43sz.) A coluna vertebral, suporte central da estrutura do corpo humano, é, analogicamente, simbolizada nos *Tantras* e nas obras sobre *Yoga* como o Monte Meru do homem-microcosmo.

191. Texto: *Mgon-po-Nag-po* (pronuncia-se *Gon-po-Nag-po*); sânscrito: *Kàla-Nàth*, comumente conhecido na Índia como *Mahà-Kàla*. Neste estágio, todas as formas ilusórias das Divindades Pacíficas se fundem e aparecem como esta única divindade.

192. Texto: *Gshin-rje-hi-chös-kyi-rgyal-po* (pron. *Shin-jei-chö-kyi-gyal-po*); sânscrito: *Dharma-Ràja* + *Yama-Ràja*. Conforme consta aqui e no segundo livro do *Bardo Thödol* (ver p. 128 n. 38), esta divindade ilusória assume comumente muitas e variadas formas capazes de se fundirem numa única.

193. Texto: *khram-shing* (pronuncia-se *htam-shing*), que se refere a uma tábua, seja uma dessas pranchas de flagelação sobre as quais os culpados eram estendidos e açoitados no Tibete, ou também, como aqui, uma tábua na qual constam os registros *kàrmicos* da vida do falecido. *Khram* é o nome dado a uma carta de registros ou a um inventário como lista de rendas; *shing*, em si, significa "madeira". Assim sendo, podemos traduzir as duas palavras como "registro em madeira" ou "tábua de registro". Na grande saga tibetana, semelhante à arturiana, chamada em tibetano *Ge-sar-bsgrungs* (pronuncia-se *Ke-sar-doong*), ou Kesar Saga (de autor desconhecido, mas datando provavelmente dos séculos VII ou IX d.C.), que é tão popular no Tibete que muitos tibetanos conhecem de memória; um menino de treze anos que deseja participar da guerra, sendo contido por seus parentes, repele-os, dizendo: "O lugar da enfermidade, o lugar da morte e o lugar da cremação são determinados de acordo com o registro [*kàrmico*] dos Senhores da Morte"; e, aqui, a palavra tibetana para registro é *khram*. A verificação da nossa versão nessa passagem é importante porque, como outras passagens do *Bardo Thödol*, particularmente aquela passagem estreitamente relacionada com o Juízo que se encontra no Segundo Livro (pp. 127-29), tem uma notável correspondência com certas partes d*O Livro Egípcio dos Mortos*.

na mão; emitindo de suas bocas expressões como "Bate! Mata!", lambendo um cérebro [humano], bebendo sangue, arrancando cabeças de cadáveres, dilacerando [os] corações: assim [elas] virão, ocupando os mundos.

Ó nobre filho, quando essas formas-pensamento emanarem, não tenhas medo, não te aterrorizes; o corpo que ora possuis, sendo um corpo mental de inclinações (*kàrmicas*), ainda que abatido e retalhado [em pedaços], não podes morrer. Pois teu corpo é, na realidade, [feito] de vacuidade, não precisas temer. Os [corpos] do Senhor da Morte também são emanações dos resplendores do teu próprio intelecto; eles não são constituídos de matéria; o vazio não pode ferir o vazio. Além das emanações de tuas próprias faculdades intelectuais, externamente, as [Divindades] Pacíficas e Iradas, os Bebedores de Sangue, as de Várias Cabeças, as luzes arco-íris, as terríveis formas do Senhor da Morte, não existem na realidade: quanto a isso, não há dúvidas. Assim, sabendo disso, todo medo e terror se dissiparão por si sós; e, diluindo-te no estado de harmonia, o estado de Buda é alcançado.

Se reconheceres dessa maneira, dedicando tua fé e afeição às divindades tutelares e acreditando que elas vêm receber-te em meio às emboscadas do *Bardo*, pensa: "[Eu] busco refúgio [nelas]", e lembra-te da Preciosa Trindade, dedicando-lhe [à Trindade] afeição e fé. Seja o que for tua própria divindade tutelar, lembra-te agora; [e], chamando-a pelo nome, ora assim:

"[Ai de mim!], errando estou no *Bardo*; corre em minha salvação;
Defende-me com a tua graça, ó Preciosa Tutelar!"

Invocando o teu *guru* pelo nome, ora assim:

"[Ai de mim!] errando estou no *Bardo*; salva-me!
[Ó] que a tua graça não me abandone!"

Tem fé nas Divindades Bebedoras de Sangue, também, e oferece-lhes esta oração:

"Ai de mim! quando [eu estiver] errando no *Sangsàra* devido à força de esmagadoras ilusões,
No caminho de luz do abandono, do espanto, medo e temor,
Que os bandos dos Bhagavàns, as [Divindades] Pacíficas e Iradas, [me] guiem;
Que os bandos das Deusas Iradas Ricas em Espaço sejam a [minha] retaguarda,
E me salvem das terríveis emboscadas do *Bardo*,
E me ponham no estado dos Budas Perfeitamente Iluminados,

Quando eu errar sozinho, separado dos amigos queridos,
Quando as formas vazias dos pensamentos brilharem aqui,
Que os Budas, envidando a força de sua graça,
Não permitam que venham o espanto, temor e terror no *Bardo*.
Quando as cinco Brilhantes Luzes da Sabedoria estiverem brilhando aqui,
Que o reconhecimento venha sem pavor e sem temor;
Quando os corpos divinos das Pacíficas e das Iradas estiverem brilhando aqui,
Que seja obtida a segurança da impavidez e o *Bardo* seja reconhecido.
Quando, pelo poder do mau *karma*, a aflição for provada,
Que as divindades tutelares dissipem a aflição;
Quando o som natural da Realidade reverberar [como] mil trovões,
Que eles sejam transmutados nos sons das Seis Sílabas.[194]
Quando desprotegido, tendo que seguir o *karma* aqui,
Suplico ao Compassivo Clemente[195] para que me proteja;
Quando sofrer aflições das inclinações *kármicas* aqui,
Que a bem-aventurança da Clara Luz desponte;
Que os Cinco Elementos[196] não se levantem como inimigos;
Mas que eu aviste os reinos das Cinco Ordens dos Iluminados."

---

194. Estas são as *mantras* essenciais de Chenrazee (Avalokiteshvara): *Om-Mã-ni-Pad-me-Hũm* (pron. *Om-Mã-ní-Páy-mê-Hũng*) (ver. p. 103 n. 161). Chenrazee é o deus padroeiro ou divindade nacional tutelar do Tibete, e essa é a sua *mantra*; repeti-la, tanto no mundo humano como no plano do *Bardo*, assegura o fim do ciclo de renascimentos e, com isso, chega-se ao *Nirvâna* – daí a sua importância na oração do *Bardo*. Na obra tibetana chamada *Mani-bkah-hbum* (pronuncia-se *Ma-ni-kah-boom*), isto é, "História do *Mani* (ou *Mantra* de Chenrazee)", essa *mantra* é tida como "a essência de toda felicidade, prosperidade e conhecimento, e o grande meio de libertação". Diz-se, também, que *om* cerra a porta do renascimento entre os deuses, *mã* entre os *asuras* (ou titãs), *ni* entre os homens, *páy* entre as criaturas subumanas, *mê* entre os *pretas* (ou espíritos infelizes) e *hũng* entre os habitantes do Inferno. Por conseguinte, a cada uma das seis sílabas se dá a cor de um caminho de luz correspondente aos seis estágios de existência, da seguinte forma: *om*, o caminho de luz branca do *Deva-loka* (ou mundo dos deuses), *mã*, o caminho de luz verde do *Asura-loka* (ou mundo dos titãs); *ni*, o caminho de luz amarela do *Manaka-loka* (ou mundo humano); *páy*, o caminho de luz azul do *Tiryaka-loka* (ou mundo bruto); *mê*, o caminho de luz vermelha do *Preta-loka* (ou mundo dos espíritos) e *hũng*, o caminho de luz cor de fumaça ou negro do *Naraka-loka* (ou mundo do Inferno).

Existe um antigo conto popular tibetano que fala de um devoto religioso que tentou conduzir a própria mãe, uma irreligiosa, para os deveres devocionais, logrando apenas fazer com que ela se habituasse à recitação dessa *mantra*. Posto que seu mau *karma* predominasse sobre o bom, após a morte ela foi para o mundo do Inferno. Seu filho, então, sendo versado em *Yoga*, foi resgatá-la. Ao vê-lo em virtude de haver citado a *mantra* na Terra, ela conseguiu pronunciá-la no Inferno e, instantaneamente, tanto ela como todos os demais que a ouviram foram libertados do Inferno; pois, conforme diz o conto em sua parte final, "Tal é o poder da *mantra*."

A origem dessa *mantra* remonta às obras e *terton* relativas à introdução (durante o século VIII d.C.) do Budismo tântrico no Tibete. O Dr. Waddell chega a duvidar que essas obras *terton* fossem desconhecidas então (isto é, no tempo de Padma-Sambhava) e redescobertas nos séculos posteriores, conforme pretendem os *tertons* (isto é, os "exumadores" desses livros perdidos) e sugere que a compilação deles data do século XIV ao XVI – teoria esta tentadora e possivelmente infundada. (Cf. L.A. Waddell, *Lamaism in Sikkim, in Gazetteer of Sikkim*, ed. poz H. H. Risley, Calcutá, 1894, p. 289; ver também a nossa Introdução.) Seja como for, a *mantra*, pelo menos por tradição (que, geralmente, é fidedigna, enquanto história registrada), parece ter surgido ou se originado no Tibete, contemporaneamente à introdução, ali, do Budismo.

195. Isto é, Chenrazee.

196. Ou seja: Terra, Ar, Água, Fogo e Éter.

Assim, com fervorosa fé e humildade, oferece a oração; com ela, todos os temores se desvanecerão e o estado de Buda no *Sambhogakâya* será indubitavelmente alcançado: isso é importante. Atento, repete-a dessa maneira, três ou [mesmo] sete vezes.

Contudo, por mais grave que o mau *karma* possa ser e por mais fraco que o *karma* restante possa ser, não é possível que a libertação não seja obtida [se se reconhece]. Se, não obstante, a despeito de tudo o que se fez nesses [estágios de *Bardo*], o reconhecimento ainda não se efetivar, então – havendo perigo de se errar mais, no terceiro *Bardo*, chamado *Sidpa Bardo* – a confrontação para isso será descrita em detalhes a seguir.

[CONCLUSÃO, MOSTRANDO A IMPORTÂNCIA FUNDAMENTAL DOS ENSINAMENTOS DO *BARDO*]

Quaisquer que tenham sido as práticas religiosas de cada um – extensas ou limitadas – durante os momentos da morte várias ilusões enganosas ocorrem; e por isso este *Thödol* é indispensável. Para aqueles que meditaram muito, a real Verdade surge assim que o corpo e o princípio de consciência partem. A aquisição de experiência quando vivo é importante: aqueles que [então] reconheceram [a verdadeira natureza de] seu próprio ser,[197] e assim tiveram alguma experiência, obtêm grande poder durante o *Bardo* dos Momentos da Morte, quando surge a Clara Luz.

Além disso, a meditação sobre as divindades do Caminho Místico da *Mantra*, [seja] no estágio de visualização ou de aperfeiçoamento em vida, será de grande influência quando as visões pacíficas e iradas do *Chönyid Bardo* surgirem. Assim, a instrução neste *Bardo* é de particular importância mesmo quando vivo;[198] conserva-o, lê, prende-o na memória, leva-o na mente de forma apropriada, lê isto regularmente três vezes; deixa que as palavras [acima] e os [seus] significados fiquem claros; isso deve ser feito para que as palavras e os significados nunca sejam esquecidos, mesmo que mil algozes [te] persigam.

Isso se chama a Grande Libertação pela Audição, porque mesmo aqueles que cometeram os cinco pecados capitais[199] serão seguramente libertados se ouvirem através do caminho da audição. Portanto, lê isto em meio a grandes congregações. Dissemina-o. Tendo-o ouvido uma vez, mesmo que a pessoa não o compreenda, ele será lembrado no Estado Intermediário sem que se omita uma palavra, pois o intelecto se torna nove vezes mais lúcido [ali]. Por isso, ele deve ser proclamado nos ouvidos de todas as pessoas vivas; ele deve ser lido junto ao travesseiro de todas as

---

197. Literalmente, "intelecto" ou "princípio da consciência".

198. Cf. a seguinte passagem de *The Book of the Craft of Dying*, cap. V, ed. de Comper (p. 37): "Aquilo por que o homem tanto anseia – morrer contente, bem, segura e merecidamente, sem perigo – para isso, ele deve prestar visível atenção, estudar e aprender diligentemente esta arte de morrer, e as disposições supra-referidas enquanto ainda estiver são [isto é, com saúde]; e não esperar até que a morte o possua."

199. Ou seja: o patricídio, o matricídio, pôr duas corporações religiosas em guerra, matar um santo e causar o derramamento de sangue do corpo de um Tathãgata (isto é, de um Buda).

pessoas enfermas; deve ser lido ao lado de todos os cadáveres; deve ser espalhado em todas as direções.

Aqueles que aprendem esta [doutrina] são de fato afortunados. Salvo para aqueles que acumularam muitos méritos e se livraram de muitas obscuridades, é difícil conhecê-la. Mesmo quando se a conhece é difícil compreendê-la. A libertação será obtida simplesmente com não desacreditar nela após ouvi-la. Portanto, trata esta [doutrina] com estima; ela é a essência de todas as doutrinas.[200]

A Confrontação durante a experiência da Realidade no Estágio Intermediário, chamado "O Ensinamento Que Liberta pela Simples Audição e Que Liberta pela Simples Fixação",[201] termina aqui.[202]

200. Aqui, a xilografia diz: "Este é o *Tantra* de todas as doutrinas."

201. Referência ao *Thadol* (veja-se p. 146 n. 104).

202. O texto xilografado, que corresponde no essencial e em quase todos os detalhes importantes ao texto do nosso manuscrito, contém (no fólio 48b), como frase paralela conclusiva do *Chönyid Bardo*, a seguinte, que difere do nosso: "O Ensinamento para o Estado Intermediário, a Confrontação durante a experiência da Realidade, da *Grande Libertação pela Audição no Estado Intermediário Que Liberta pela Simples Audição e Que Liberta pelo Simples Ver*, termina aqui."

[LIVRO II]
[*O SIDPA BARDO*]

ESTA É CONHECIDA COMO A BENÉVOLA PARTE CAPITAL DO QUE SE CHAMA "A PROFUNDA ESSÊNCIA DA LIBERTAÇÃO PELA AUDIÇÃO" – A QUE LEMBRA A CLARA CONFRONTAÇÃO NO ESTADO INTERMEDIÁRIO QUANDO DA BUSCA DO RENASCIMENTO.[1]

1. Texto: *SRID-PA BAR-DOHI NGO-SPRÖD GSAL-HDEBS THÖS-GROL ZHES-BYA-VA ZAB-PAHI NYING-KHU ZHES-BYA-VAHI DVU-PHYOGS LEGS* (pronuncia-se: *SID-PA BAR-DOI NGO-TÖD SAL-DEB THÖ-DOL SHAY-CHA-WA ZAB-PAI NYING-KHU SHAY-CHA-WAI U-CHÖ LAY*.)

Na xilografia, estando o *Bardo Thödol* dividido em dois livros distintamente separados – enquanto que, no nosso manuscrito, o Livro II é uma continuação ininterrupta do Livro I – os primeiros quatro fólios do segundo livro contêm – diferentemente do nosso manuscrito – um sumário das partes introdutórias do primeiro livro; e o título do Livro II da xilografia é o seguinte: *Bar-do Thös-grol Chen-mo Las Srid-pa Bar-dohi Ngo-Spöd Bzhugs-so* (pronuncia-se: *Bar-do Thö-dol Chen-mo Lay Sid-pa Bar-doi Ngo-Töd Zhu-so*), que significa: "Aqui se Encontra a Confrontação do Estado Intermediário da [ou quando em busca da] Existência Mundana (isto é, o Renascimento), de 'A Grande Libertação pela Audição no Plano do Pós-Morte'."

"A essência de todas as coisas é uma e a mesma, perfeitamente calma e tranqüila, e não mostra sinal algum de 'devir'; a ignorância, entretanto, em sua cegueira e ilusão, se esquece da Iluminação e, por isso, não pode reconhecer verdadeiramente todas essas condições, diferenças e atividades que caracterizam os fenômenos do Universo."

Ashvaghosha, *The Awakening of Faith*
[Trad. inglesa de Suzuki.]

SEÇÕES INTRODUTÓRIAS

[AS OBEDIÊNCIAS]

Às Divindades reunidas, às Tutelares, aos *Gurus*,
Prestemos humildemente obediência:
Que a Libertação no Estado Intermediário seja concedida por Eles.[2]

[VERSOS INTRODUTÓRIOS]

Acima, no Grande *Bardo Thödol*,
O *Bardo* chamado *Chönyid* foi ensinado;
E agora, do *Bardo* chamado *Sidpa*;
A vívida lembrança é trazida.

[PARTE I]

[O MUNDO DO PÓS-MORTE]

[Instruções Introdutórias para o Oficiante]: Não obstante, até agora, durante o *Chönyid Bardo*, muitas vívidas lembranças tenham sido feitas – excluindo aqueles que tiveram grande familiarização com a real Verdade e aqueles de bom *karma* – para aqueles de mau *karma* que não tiveram familiarização e para aqueles de mau *karma* que, devido à influência deles, foram acometidos pelo medo e o terror, o reconhecimento é difícil. Estes declinarão ao Décimo Quarto Dia; e, para reimprimir neles vividamente, o que segue deve ser lido.

[O CORPO DO *BARDO*: SEU NASCIMENTO E SUAS FACULDADES SOBRENATURAIS]

Tendo sido oferecida adoração à Trindade e tendo sido recitada a oração invocando a ajuda dos Budas e Boddhisattvas, então, chamando o falecido pelo nome, três ou sete vezes, fala-lhe assim:

2. Literalmente: "Age de modo que sejas libertado no Estado Intermediário" – uma súplica direta às Divindades, aos Tutelares e aos *Gurus*, vertida por nós na terceira pessoa para se adequar melhor ao contexto.

Ó nobre filho, ouve bem e tem no coração que o nascimento no mundo do Inferno, no mundo do *deva* e neste corpo do *Bardo* é do tipo chamado nascimento sobrenatural.[3]

Na verdade, quando estavas vivenciando os resplendores das Divindades, Pacíficas e Iradas, do *Chönyid Bardo*, sendo incapaz de reconhecer, desmaiaste, devido ao medo, cerca de três[4] dias e meio [após teu falecimento]; e, então, quando estavas recobrado do desmaio, teu Conhecedor deve ter-se levantado em seu estado primordial, e um corpo radiante, semelhante ao corpo anterior, deve ter surgido[5] – conforme o *Tantra* diz,

"Tendo um corpo [aparentemente] carnal [semelhante] ao anterior e àquele a ser produzido,
Dotado de todas as faculdades sensíveis e poder de livre movimento,
Possuindo miraculosos poderes kármicos,
Visível aos olhos celestiais puros [dos seres do *Bardo*] de igual natureza."

Tal, então, é o ensinamento.

Esse [corpo radiante] – assim referido como [semelhante ao] "anterior e àquele a ser produzido" [significando que a pessoa terá um corpo exatamente igual ao corpo de carne e osso, ao humano anterior, corpo de inclinações] – será também dotado de certos traços e belezas de perfeição tais como os seres de alto destino possuem.

Este corpo, [nascido] do desejo, é uma alucinação da forma-pensamento no Estado Intermediário, e se chama corpo do desejo.

Nesse momento – se estiveres destinado a nascer como um *deva* – visões do mundo do *deva* aparecerão para ti; igualmente – sempre que tenhas de renascer – seja como um *asura*, ou um ser humano, um bruto,[6] um *preta* ou um ser do Inferno, uma visão do lugar [do nascimento] aparecerá para ti.

Em conseqüência, a palavra "anterior" [na citação] implica que, antes dos três dias e meio, pensavas que tinhas o mesmo tipo de corpo que o anterior de carne e osso, possuído por ti em tua existência anterior devido às inclinações habituais;[7] e a palavra "produzido" é assim usada porque, posteriormente, a visão

3. Texto: *rdzûs-skyes* (pronuncia-se: *zü-kye*), que significa "nascer disfarçado" – *rdzûs* = "disfarçar" e *skyes* = "nascer"; ou "nascer de maneira sobrenatural", isto é, "nascimento sobrenatural". Conforme o texto explicará, o processo de nascimento nos estados do pós-morte é bem diferente do que se conhece na Terra.

4. Erro provavelmente de transcrição; o texto, aqui, diz "quatro" em vez de "três".

5. O surgimento ou nascimento do corpo do *Bardo*, cerca de três dias e meio após a morte, isto é, após a expiração dos três dias e meio (ou quatro) (comparável ao período pré-natal, passado normalmente em sono, sonho ou inconsciente, no plano humano), mencionado nas pp. 65-6, 74, diz-se ocorrer instantaneamente. "Como uma truta pulando fora da água" é o símile usado pelos *gurus* tibetanos para explicar isso; trata-se do verdadeiro processo de nascimento no Estado Intermediário, correspondendo ao nascimento no nosso mundo.

6. Esotericamente, isto significa um ser humano semelhante ao bruto.

7. Ou seja, a predileção habitual (ou *kármica*) pela existência *sangsârica*, que surge da sede pela vida, do desejo de nascer, é a única causa de se possuir um corpo humano ou outro qualquer. A meta que o devoto deve alcançar é o "Não-tornado, o Não-nascido, o Não-feito e o Não-formado" – o *Nirvâna*.

do teu futuro lugar de nascimento aparecerá para ti. Daí a expressão como um todo, "anterior e àquele a ser produzido", se referir a eles [isto é, ao corpo carnal, recém-abandonado e ao corpo carnal a ser assumido no renascimento].

Nesse momento, não sigas as visões que aparecem para ti. Não te deixes atrair [por elas]; não sejas fraco: se, por fraqueza, te afeiçoares por elas, terás que errar em meio aos Seis *Lokas* e sofrer dor.

Até o outro dia foste incapaz de reconhecer o *Chönyid Bardo* e tiveste que errar até aqui. Agora, se quiseres manter-se firme à real Verdade, deves fazer com que a tua mente repouse sem distração no estado de nada-fazer, de não-pensar, estado de a nada se apegar, do não-obscuro, primordial, brilhante, vazio, de teu intelecto, ao qual foste introduzido por teu *guru*.[8] [Com isso] obterás Libertação sem teres que entrar pela porta do ventre. Mas, se fores incapaz de te conheceres, então, seja quem for tua divindade tutelar e teu *guru*, medita sobre eles, num estado de intensa afeição e humilde confiança, como se [eles] fizessem sombra na coroa da tua cabeça.[9] Isto é de grande importância. Não te distraias.

[Instruções ao Oficiante]: Fala assim e, se daí resultar reconhecimento, a Libertação será obtida, sem necessidade de errar nos Seis *Lokas*. Se, contudo, por influência do mau *karma*, o reconhecimento for difícil, então dize:

Ó nobre filho, ouve de novo: "Dotado de todas as faculdades sensíveis e poder de livre movimento", implica [que, embora] possas ter sido, quando vivo, cego dos olhos, ou surdo ou aleijado, não obstante neste Plano do Pós-morte teus olhos verão formas, e teus ouvidos ouvirão sons, e todos os teus outros órgãos sensíveis serão inalterados e aguçados e completos. Por isso se disse que o corpo do *Bardo* é "dotado de todas as faculdades sensíveis". Essa [condição de existência, na qual te encontras agora] é uma indicação de que estás morto e erras no *Bardo*. Age de forma a reconheceres isso. Lembra-te dos ensinamentos; lembra-te dos ensinamentos.

Ó nobre filho, [a expressão] "livre movimento" implica que o teu atual corpo, sendo um corpo de desejo – e teu intelecto tendo sido separado de sua sede[10] – não é um corpo de matéria rude, de modo que agora tens o poder de passar através de massas rochosas, montanhas, encostas, terra, casas e mesmo do

8. Aqui, presume-se que o falecido tenha recebido, no mundo humano, pelo menos alguns ensinamentos elementares, relativos a concentração mental ou controle dos processos de pensamento, o suficiente para realizar o estado de não-formação de pensamento descrito como o de "nada-fazer", "estado de a nada se apegar" da mente não-modificada, primordial, que é o estado de *Yoga* definido por Patanjali (em seus *Yoga Aforismz*, i, 2) como "a supressão das transformações do princípio de pensamento". Outra tradução desta mesma passagem é: "*Yoga* é a restrição das modificações mentais" (Rama Prasad, "Patanjali's Yoga Sûtras", in *The Sacred Books of The Hindus*, Allahabad, 1912, IV, 5).

9. Ou "diretamente acima"; ou, literalmente, "como estando sobre a coroa da tua cabeça". O significado, aqui, é oculto: a Abertura Bramânica, através da qual o princípio da consciência normalmente parte do corpo humano, seja temporariamente no transe *yógico* ou permanentemente na morte, está sobre a coroa da cabeça; se a visualização for centrada diretamente acima dessa abertura, ao visualizador advirão poderes psíquicos e benefícios espirituais definitivos.

10. A "sede" é o corpo humano que foi deixado para trás.

Monte Meru sem seres impedido.[11] À exceção de Budh-Gayā e do ventre da mãe,[12] mesmo o Rei das Montanhas, o Monte Meru, pode ser atravessado por ti, reto para a frente e para trás, livremente. Isto também é uma indicação de que estás errando no *Sidpa Bardo*. Lembra-te dos ensinamentos de teu *guru* e ora ao Senhor Compassivo.

Ó nobre filho, te achas realmente dotado do poder de ação miraculosa,[13] o qual não é, contudo, o fruto de qualquer *samādhi*, mas um poder vindo a ti naturalmente; e, portanto, ele é da natureza do poder *kármico*.[14] És capaz num momento de atravessar os quatro continentes em volta do Monte Meru.[15] Ou podes chegar instantaneamente em qualquer lugar que desejares; tens o poder de ali chegar no tempo que um homem leva para abrir ou fechar a mão. Esses vários poderes de ilusão e de mudança de forma, não desejes, não desejes.[16]

Não há nenhum [desses poderes] que podes desejar que não possas mostrar. A habilidade para exercê-los livremente existe agora em ti. Saibas disso, e ora ao *guru*.

Ó nobre filho, "Visível aos olhos celestiais puros de igual natureza" significa que aqueles [seres] de igual natureza, sendo de constituição [ou nível de conhecimento] similar no Estado Intermediário, se verão individualmente uns aos outros.[17] Por exemplo, aqueles seres destinados a nascer entre os *devas* se verão uns aos outros [e assim por diante]. Não te enlouqueças por eles [aos quais vês] mas medita sobre o Compassivo.

"Visível aos olhos celestiais puros" significa que os *devas*, tendo nascido [puros] em virtude do mérito, são visíveis aos olhos celestiais puros daqueles que praticam *dhyâna*. Estes não os verão sempre: quando mentalmente concentrados [neles] eles vêem [os *devas*], quando não, eles não [os] vêem. Às vezes, mesmo quando praticando *dhyâna*, estão sujeitos a se distraírem [e a não vê-los].[18]

[CARACTERÍSTICAS DA EXISTÊNCIA NO ESTADO INTERMEDIÁRIO]

Ó nobre filho, o possuidor desse tipo de corpo verá lugares [familiarmente conhecidos no plano terreno] e parentes [ali] tal como um vê o outro nos sonhos.

Vês teus parentes e conhecidos e conversas com eles, mas não recebes respostas. Então, vendo-os e à tua família chorarem, pensas: "Estou morto! Que farei?" e sentes grande dor, exatamente como um peixe atirado fora [da água] sobre vermelhas brasas ardentes. Essa dor estarás experimentando agora. Porém sentir-te aflito não te servirá para nada. Se tens um *guru*[19] divino, ora para ele. Ora à Divindade Tutelar, ao Compassivo. Mesmo que te sintas apegado aos teus parentes e conhecidos, isso não te fará bem. Portanto, não te apegues. Ora ao Senhor Compassivo; não terás nenhum pesar, ou terror, ou temor.

Ó nobre filho, quando fores levado [de um lado para outro] pelo vento incessante do *karma*, teu intelecto, não tendo objeto sobre o qual suster-se, será como uma pluma lançada ao ar pelo vento, montando num cavalo de sopro.[20] Incessante e involuntariamente, estarás errando. A todos aqueles que estão

---

11. Este poder sobrenatural, no mundo humano, é normal no plano quadridimensional no estado do pós-morte. No mundo humano, tais poderes, inatos em todas as pessoas, podem ser desenvolvidos e exercidos através da habilidade na *Yoga*. O Buda descreve alguns deles nos seguintes termos: "Neste caso, suponha que um ser desfrute da posse, sob várias formas, do poder místico: sendo um, ele se torna multiforme; sendo multiforme, torna-se um; sendo visível, torna-se invisível; sem obstáculos, ele passa através de um muro, ou adarve ou montanha, como se fosse através do ar; anda sobre as águas sem dividi-las, como por sobre terra firme; viaja movimentando as pernas pelo céu, como fazem os pássaros com as asas (*Brâhmana Vagga, Anguttara Nikâya*).

12. A menos que seja previamente dotado de altíssimo grau de esclarecimento espiritual, o morto não pode, conscientemente, ir a esses dois lugares à vontade, pois do *Budh-Gayâ* (como um grande centro psíquico) e do ventre da mãe (que é o caminho destinado ao renascimento) emanam tais esplendores psíquicamente enceguecedores que a mentalidade comum seria subjugada pelo medo, da mesma forma que acontece quando surgem os vários esplendores no *Bardo* e, assim, deve evitá-los. (Cf. estrofe 6, "O Caminho dos Bons Desejos que Protege do Medo do *Bardo*", p. 156.)

13. Texto: *rdzu-hphrul* (pronuncia-se *zu-rül*); *rdzu* significa "poder de modificar a própria forma", *hphrul* significa "poder de modificar o próprio tamanho e número", aparecendo e desaparecendo à vontade, como um ou como muitos, grande ou pequeno. Desenvolvido no plano terreno, através de práticas *yógicas*, esse miraculoso poder se torna um atributo permanente, e pode ser empregado no corpo ou fora do corpo (como no *Bardo*).

14. O texto dá a entender que o morto é dotado desse miraculoso poder como resultado de sua passagem – devido às ações do *karma* – pelo Estado Intermediário, no qual esse poder é natural, e não devido ao mérito adquirido graças à prática da *Yoga* quando se achava no corpo humano.

15. Ver pp. 42-4 sobre a Cosmografia.

16. Os mais evoluídos entre os lamas ensinam os discípulos a não se esforçarem para obter poderes psíquicos dessa natureza em benefício próprio; pois, enquanto o discípulo não estiver moralmente apto a usá-los sabiamente, esses poderes se tornam um sério impedimento ao seu desenvolvimento espiritual superior: enquanto a natureza inferior ou passional do homem não estiver completamente vencida, ele não estará seguro para usá-los.

17. Além dos olhos humanos com sua visão limitada, os *lamas* afirmam que existem cinco tipos de olhos: 1) Olhos do Instinto (ou Olhos da Carne), como os dos pássaros e dos animais carniceiros, que, na maioria dos casos, possuem um alcance de visão superior ao do homem; 2) Olhos Celestiais, como os dos *devas*, capazes de ver o mundo humano tão bem como vêem o seu próprio mundo, e os nascimentos passados e futuros dos seres em ambos os mundos através de muitas vidas; 3) Olhos da Verdade, como os olhos dos Boddhisattvas e Arhants, capazes de ver através de centenas de períodos de mundo (ou *kalpas*) passados e futuros; 4) Olhos Divinos dos Boddhisattvas, mais altamente avançados, capazes de ver através de milhões de períodos de mundo (ou *kalpas*) que passaram e dos que virão; e 5) Olhos de Sabedoria dos Budas, capazes de ver de igual modo através da eternidade.

18. Normalmente, apenas quando a visão clarividente é induzida por *dhyâna*, ou existe naturalmente em certos seres dotados de clarividência e dirigida ao mundo dos *devas* é que estes podem ser vistos; às vezes, entretanto, os *devas* aparecem inesperadamente. O *Tripitaka*, como a literatura canônica do Budismo do Norte, está repleto de visões e visitações inesperadas de *devas*, da mesma forma que a literatura sagrada cristã e muçulmana está repleta de toda uma tradição relativa a anjos.

19. Referência a um *guru* sobre-humano da Ordem Divyaugha (veja-se Adendo, p. 168).

20. Como o vento incessante, o *karma* está sempre em movimento e o intelecto, sem o suporte do corpo humano, é o seu brinquedo.

chorando [dirás]: "Eu estou aqui; não chorem." Mas, como eles não te ouvem, pensarás: "Estou morto!" E outra vez, nesse momento, estarás sentindo muita dor. Não te aflijas dessa maneira.

Haverá uma luz cinza semelhante ao crepúsculo, seja de noite ou de dia, todo o tempo.[21] Nesse tipo de Estado Intermediário, estarás por uma, duas, três, quatro, cinco, seis ou sete semanas, até o quadragésimo nono dia.[22] Diz-se geralmente que os sofrimentos do *Sidpa Bardo* são provados por cerca de vinte e dois dias: mas, devido à influência determinante do *karma*, não pode ser garantido um período fixo.

Ó nobre filho, quase nesse momento, o cruel vento do *karma*, terrível e duro de suportar, te levará [para adiante], de trás, com horríveis rajadas. Não o temas. Trata-se de tua própria ilusão. Uma densa e terrificante escuridão aparecerá diante de ti continuamente, e do meio dela virão terríveis expressões como "Abate! Mata!"[23] e ameaças semelhantes. Não as temas.

Em outros casos, de pessoas de muito mau *karma*, *rākṣhasas* [ou demônios] comedores de carne, produzidos *karmicamente*, portando várias armas, gritarão: "Abate! Mata!" e assim por diante, causando um pavoroso tumulto. Eles virão sobre a pessoa como que disputando entre si qual [deles] deve agarrá-la. Aparições ilusórias, de ser perseguido por vários animais carniceiros, também surgirão. Neve, chuva, escuridão, rajadas [de vento] e alucinações de ser perseguido por muitas pessoas, igualmente virão; [e] sons como de montanhas que desabam e de bravios mares inundando, e do fogo turbulento e de furiosos ventos advirão.[24]

Quando esses sons surgirem, a pessoa, aterrorizada por eles, fugirá em todas as direções, sem se preocupar para onde. Mas o caminho será obstruído por três espantosos precipícios – branco, negro e vermelho. Serão profundos e aterrorizantes, e a pessoa se sentirá como se estivesse prestes a despencar neles. Ó nobre filho, eles não são realmente precipícios; são a Ira, a Luxúria e a Estupidez.[25]

Reconhece nesse momento que isso é o *Sidpa Bardo* (no qual estás). Invocando, pelo nome, o Compassivo, ora fervorosamente, assim: "Ó Senhor Compassivo, e meu *Guru*, e a Preciosa Trindade, não sofrais por eu [fulano de tal] cair nos mundos infelizes." Age de modo a não te esqueceres disto.

Outros que acumularam méritos e se devotaram sinceramente à religião provarão vários prazeres deliciosos e plena felicidade e paz. Mas aquela classe de seres neutros que não fizeram jus ao mérito nem criaram mau *karma* não experimentarão prazer nem dor, mas uma espécie de incolor, indiferente estupidez. Ó nobre filho, o que quer que venha dessa maneira – qualquer que sejam os deliciosos prazeres que possas experimentar – não te deixes atrair por eles; não enlouqueças [por eles]: "Que o *Guru* e a Trindade sejam honrados [com estes prazeres advindos do mérito]". Abandona as afeições excessivas e os anseios.

Mesmo que não experimentes prazer, ou dor, mas somente indiferença, mantém teu intelecto no estado de não-distração do [de meditação sobre o] Grande Símbolo, sem pensar que estás meditando.[26] Isto é de enorme importância.

Ó nobre filho, nesse momento, nas cabeceiras de ponte, em templos, junto a *stūpas* de oito tipos,[27] descançarás por um momento, mas não serás capaz de permanecer ali por muito tempo, pois teu intelecto foi separado do teu corpo [do plano terreno].[28] Devido a essa incapacidade de demorar-te, te sentirás fre-

---

21. Os *yogis* explicam isso dizendo que, no corpo *Bardo*, que é um corpo de desejo nascido da mente e privado do sistema nervoso do plano terrestre, a luz do Sol, da Lua e das estrelas não é visível ao morto. Somente a luz natural da natureza (referida pelos alquimistas medievais e pelos místicos como "luz astral") pode ser vista no estado do pós-morte; essa "luz astral" diz-se estar universalmente difundida através do éter – como a luz do crepúsculo na Terra, porém suficientemente brilhante para os olhos dos seres etereamente constituídos no *Bardo*. (Cf. p. 65 n. 30).

22. Ver nossa Introdução, p. 5.

23. O habitante do *Bardo*, devido aos efeitos *kármicos* do egoísmo quando vivia no mundo humano, acha-se obcecado pela crença de que todos os seres do *Bardo* são seus inimigos; daí ele ter essas terríveis alucinações, como num pesadelo. (Cf. p. 113.)

24. Em *As Seis Doutrinas*, um tratado sobre a aplicação prática de várias *Yogas*, traduzido por nós do original tibetano, há uma passagem paralela que amplia esses dizeres, da seguinte maneira: "Se o Caminho não for encontrado durante o Segundo *Bardo* (isto é, durante o *Chönyid Bardo*), então quatro sons chamados 'sons que inspiram temor' [serão ouvidos]: da força vital do elemento terra, um som como o desmoronar de uma montanha; da força vital do elemento água, um som como o encapelar das ondas do oceano [agitadas pela tempestade]; da força vital do elemento fogo, um som do incêndio na floresta; da força vital do elemento ar, um som como o de milhares de trovões reverberando simultaneamente." Aqui estão descritas as resultantes psíquicas do processo desintegrante chamado morte, que afeta os quatro elementos mais rudes, componentes do agregado do corpo humano; o elemento éter não é mencionado, já que apenas neste elemento – isto é, no corpo etéreo ou do *Bardo* – o princípio da consciência continua a existir. (Cf. p. 65 n. 33).

25. Os precipícios são ilusões *kármicas*, simbolizando as três paixões más; cair neles significa entrar num ventre antes do renascimento. (Veja-se p. 97 n. 138).

26. Texto: *bsgom-med-yengs-med* (pronuncia-se *yom-med-yeng-med*) = "não-meditação" + "não-distração"; trata-se de um estado de concentração mental no qual nenhum pensamento da meditação é permitido que se introduza. É o estado de *samādhi*. Se a pessoa pensa que está meditando, só esse pensamento já inibe a meditação; daí a admoestação ao falecido.

27. Referência aos oito propósitos para os quais um *stūpa* (ou pagode budista) é construído. Para elucidar, citemos dois exemplos: 1) *rnam-rgyal-mchod-rten* (pronuncia-se: *ram-gyal-chōd-ten*; *mchod-rten* (ou *chorten* = *stūpa*) é aqui traduzível como "objeto de culto" e *rnam-rgyal* como "vitória"; daí este tipo de pagode ser construído para assinalar uma vitória, isto é, para ser um monumento; 2) *myang-hdas-mchod-rten* (pronuncia-se *nyang-day-chōd-ten*) refere-se a um *stūpa* usado como um monumento para fixar o lugar onde um santo ou sábio morreu, ou o lugar do enterro da urna que contém as suas cinzas. Outros pagodes são simplesmente estruturas simbólicas – como as cruzes cristãs – erigidas como objetos de adoração ou veneração. No Ceilão, numerosos *stūpas* foram construídos unicamente para abrigar livros sagrados ou relíquias. Os grandes *stūpas* do nordeste da Índia, próximos a Peshawar e em Taxila, abertos posteriormente, continham relíquias ósseas e outros objetos. Dois deles continham pedaços autênticos dos ossos do Buda.

28. Como uma pessoa que viaja sozinha à noite por uma estrada, tendo sua atenção voltada para balizas, grandes árvores isoladas, casas, pontes, templos, *stūpas* etc., o falecido, à sua maneira, tem experiências similares quando erra pela Terra. Ele será atraído, devido às inclinações *kármicas*, para os lugares que lhe são familiares no mundo humano, porém, sendo possuidor de um corpo mental ou de desejo, não pode permanecer por muito tempo em nenhum lugar. Conforme explica o nosso texto, ele será levado de um lado para outro pelos ventos dos desejos *kármicos*, como uma pluma na ventania.

qüentemente perturbado, irritado e tomado de pânico. Por vezes, teu Conhecedor estará opaco, às vezes furtivo e incoerente. Em conseqüência disso, este pensamento te ocorrerá: "Ai de mim! Estou morto! Que farei?"; e por causa desse pensamento o Conhecedor ficará triste e o coração gélido, e experimentarás infinita miséria de infortúnio.[29] Visto não poderes permanecer em nenhum lugar, e te sentires impelido a prosseguir, não penses em várias coisas, mas permite que teu intelecto permaneça em seu próprio estado [não-modificado].

Quanto à comida, apenas aquela que te foi oferecida deve ser por ti partilhada, e nenhuma outra comida.[30] Quanto aos amigos nesse momento, não há certeza.[31]

Estes são os indícios do corpo mental de quem erra no *Sidpa Bardo*. Nesse momento, a felicidade ou o infortúnio dependerão do *karma*.

Verás tua própria casa, os criados, parentes e o [teu] cadáver, e pensarás: "Agora estou morto! Que farei?"; e, oprimido por intenso pesar, este pensamento te ocorrerá: "Oh, daria tudo para possuir um corpo!". E assim pensando, vagarás de um lado para outro procurando um corpo.

Mesmo que possas entrar em teu próprio corpo nove vezes – devido ao longo intervalo que passaste no *Chönyid Bardo* – ele estará gelado no inverno, decomposto no verão, ou, por outro lado, teus parentes o terão cremado ou enterrado, ou jogado na água, ou dado às aves e animais carniceiros.[32] Logo, não encontrando lugar para entrares, estarás insatisfeito e com a sensação de ser esprimido nas fendas e buracos entre rochas e penhascos.[33] A experiência deste tipo de sofrimento ocorre no Estado Intermediário, quando se busca renascimento. Mesmo que buscares um corpo, não obterás nada senão aflição. Afasta o desejo de um corpo; e deixa tua mente permanecer no estado de resignação, e age de modo a permaneceres assim.

Assim posto em confrontação, a pessoa obtém libertação no *Bardo*.

---

29. Aqui, é preciso não esquecer que todos os fenômenos terríveis e os infortúnios são inteiramente *kármicos*. Fosse o discípulo desenvolvido espiritualmente, sua existência no *Bardo* seria tranqüila e feliz desde o início e ele não teria errado tanto até aqui. O *Bardo Thödol* se refere principalmente ao indivíduo comum e não aos seres humanos altamente desenvolvidos, cuja morte liberta para a Realidade.

30. Como as fadas e os espíritos do morto da crença céltica ou os demônios dos gregos antigos, os habitantes do *Bardo* vivem de essências etéreas invisíveis, que eles extraem tanto dos alimentos que lhes são oferecidos como da reserva geral da natureza. Em *As Seis Doutrinas*, já referidas (p. 124 n. 24), há esta referência aos habitantes do *Bardo*: "Eles vivem de aromas [ou de essências espirituais de coisas materiais]."

31. Os amigos podem ou não existir no Estado Intermediário, como na Terra; mas, mesmo que existam, são impotentes para neutralizar qualquer mau *karma* do morto. Este terá que seguir seu próprio caminho, segundo está assinalado pelo seu *karma*.

32. Todas as formas conhecidas de disposição de um cadáver são praticadas no Tibete, inclusive a mumificação. (Ver pp. 17-9.)

33. Simboliza a entrada em ventres indesejáveis, tais como os de seres humanos de natureza semelhante à animal.

[O JUÍZO]

[Instruções para o Oficiante]: Não obstante, pode ser possível que, devido à influência do mau *karma*, não ocorra o reconhecimento. Então, chama o falecido pelo nome, e dize-lhe o seguinte:

Ó nobre filho, [fulano de tal], ouve: O fato de estares sofrendo assim deve-se ao teu próprio *karma*; não se deve a nenhum outro: é devido ao teu próprio *karma*. Por isso, ora fervorosamente à Trindade Preciosa; ela te protegerá. Se não orares nem souberes como meditar sobre o Grande Símbolo ou sobre qualquer divindade tutelar, o Bom Gênio,[34] que nasceu simultaneamente contigo, virá então e contará as tuas boas ações [com] seixos brancos, e o Mau Gênio,[35] que nasceu simultaneamente contigo, virá e contará tuas más ações [com] seixos pretos. Em conseqüência, te sentirás muito espantado, atemorizado e aterrorizado, e tremerás; e tentarás contar mentiras, dizendo: "Não cometi nenhuma ação má."

Então o Senhor da Morte dirá: "Consultarei o Espelho do *Karma*."

Assim dizendo, ele olhará no Espelho, onde todas as ações boas e más estão nitidamente refletidas.

Mentir não servirá para nada.

Então [uma das Fúrias Executoras de] o Senhor da Morte colocará uma corda em volta do teu pescoço e te puxará adiante; ele cortará a tua cabeça, extrairá teu coração e arrancará teus intestinos, devorará teu cérebro, beberá teu sangue, comerá tua carne e roerá teus ossos.[36] Embora teu corpo seja cortado em pedaços, ele reviverá. A repetição da retalhadura causará intensa dor e tortura.

Mesmo no momento em que os seixos estiverem sendo contados, não te espantes, nem te aterrorizes; não digas mentiras; e não temas o Senhor da Morte.

Teu corpo, sendo um corpo mental, é incapaz de morrer, mesmo decapitado e esquartejado. Na realidade, teu corpo é da natureza do vazio;[37] não precisas

---

34. Texto: *Lhan-chig-skyes-pahi-lha* (pronuncia-se *Lhan-chig-kye-pai-lha*) = "deus (espírito ou gênio bom) nascido simultaneamente", personificação da natureza superior ou divina de um ser humano; popularmente conhecido em sikkimês como *Lha-kar-chung*, "Pequeno deus branco".

35. Texto: *Lhan-chig-skyes-pahi-hdre* (pronuncia-se *Lhan-chig-kye-pai-de*), ou seja "demônio (gênio ou espírito do mal), nascido simultaneamente" personificação da natureza inferior, carnal, do ser humano; conhecido popularmente em sikkimês como *Bdud-nag-chung* (pronuncia-se *Dûd-nag-chung*), "Pequeno *mârâ* (ou demônio) negro".

36. Essas torturas simbolizam as angústias da consciência do falecido, já que o Juízo, segundo está descrito aqui, simboliza o Gênio do Bem em julgamento contra o Gênio do Mal, sendo o Juiz a própria consciência em seu aspecto austero de imparcialidade e amor pela retidão; o Espelho é a memória. Um elemento – o elemento puramente humano – do conteúdo da consciência do falecido apresenta-se e, oferecendo desculpas fracas, tenta apresentar atenuantes às acusações, dizendo: "Devido a tais e tais circunstâncias, tive que fazer assim e assim." Outro elemento do conteúdo da consciência se adianta e diz: "Tu foste guiado por tais e tais motivos, teus atos são de cor negra." Então, alguns dos mais amigáveis desses elementos se levantam e protestam: "Mas eu tive tal e tal justificativa; e o falecido merece perdão por essas razões." E assim, conforme os lamas explicam, o Juízo continua. (Cf. pp. 24-6.)

37. Significa que o corpo do desejo ou *astral* não sofre quaisquer danos físicos. "Como através de uma nuvem, uma espada pode ser cravada no corpo do *Bardo* sem feri-lo" – explicam os lamas. Em outras palavras, é como as formas vistas em sessões de materialização de necromantes e médiuns espíritas.

ter medo. Os Senhores da Morte[38] são tuas próprias alucinações. Teu corpo de desejo é um corpo de propensões, e vazio. O vazio não pode ferir o vazio; aquilo que é desprovido de qualidade não pode ferir o que é desprovido de qualidade.

Exceto as próprias alucinações da pessoa, na realidade não existem essas coisas exteriores, como o Senhor da Morte, ou deuses, ou demônios, ou o Espírito da Morte Cabeça-de-Touro.[39] Age de forma a reconheceres isto.

Nesse momento, age de forma a reconheceres que estás no *Bardo*. Medita sobre o *samādhi* do Grande Símbolo. Se não souberes como meditar, então simplesmente analisa com cuidado a verdadeira natureza daquilo que te está espantando. Na realidade, ele não é formado de coisa alguma, mas é um Vazio, o *Dharmakāya*.[40]

Esse Vazio não é da natureza do vazio do nada, mas um Vazio da verdadeira natureza de que te sentes atemorizado, e diante do qual teu intelecto brilha claramente e mais lucidamente: é [o estado da] mente do *Sambhogakāya*.

Nesse estado em que estás existindo, experimentas, com uma insuportável intensidade, o Vazio e o Brilho inseparáveis – o Vazio, brilhante por natureza, e o Brilho, vazio por natureza, e o Brilho inseparável do Vazio – um estado do intelecto primordial [ou não-modificado], que é o *Ādikāya*.[41] E o poder deste, brilhando sem obstáculos, se irradiará por tudo; é o *Nirmānakāya*.

Ó nobre filho, escuta-me atentamente. Com o simples reconhecimento dos Quatro *Kāyas*, é certo que obterás a Emancipação em quaisquer Deles. Não te distraias. A linha de separação entre os Budas e os seres sensíveis se acha neste ponto.[42] Este momento é de grande importância; se te distraíres agora, serão necessários numerosos eões de tempo para saíres[43] do Atoleiro do Sofrimento.

Um ditado, cuja verdade é aplicável, diz:

"Num instante, uma notável diferença é criada;
Num instante, a Iluminação Perfeita é alcançada."

---

38. Estes Senhores da Morte são Yama-Rāja e os membros da sua Corte, incluindo, talvez, as Fúrias Executoras. Estas, como Fúrias Atormentadoras, são comparáveis às Eumênides do grande drama de Ésquilo – elementos do conteúdo da própria consciência da pessoa. De acordo com o *Abhidhamma* do Budismo do Sul, há mente (sânscrito: *chit*; tibetano: *sems* – pronuncia-se *sem*) e impulsos da mente (sânscrito: *chittavritti*; tibetano: *sems-hbyung* – pronuncia-se *sem-jung*); os impulsos da mente são as Fúrias. (Cf. pp. 112-13.)

39. Texto: *Ragsha-glang-mgo* (pronuncia-se *Ragsha-lang-go*), "Espírito da Morte Cabeça-de-Touro", comumente representado com cabeça de búfalo. A principal divindade tutelar de Gelugpa ou Seita do Chapéu Amarelo, chamada *Jampal Shinjeshed* (tibetano *Hjam-dpal Gshin-rje-gshed*), que significa "*Jampal* (sânscrito *Manjusrhi*), o Destruidor do Senhor da Morte (sânscrito: *Yamāntaka*)", é amiúde representada como uma divindade com a cabeça azul de um búfalo.

40. Veja-se pp. 7-11.

41. Tib. *Gowo-nyidku* (sânscrito: *Ādikāya* ("Primeiro Corpo"), sinônimo de *Dharmakāya*.

42. Em virtude do conhecimento da verdadeira natureza da existência *sangsārica* – segundo a qual todos os fenômenos são irreais –, os Budas, ou os Perfeitamente Iluminados, são seres bastante apartados dos seres sensíveis não-iluminados.

43. Literalmente: "Não haverá tempo em que possas sair."

Até o momento recém-passado, todo este *Bardo* despontou sobre ti e, contudo, não reconheceste por estares distraído. Por esta razão, experimentaste medo e terror. Se te distraíres agora, as cordas da compaixão divina dos Olhos Compassivos se romperão,[44] e irás para um lugar de onde não há libertação [imediata]. Portanto, sê cuidadoso. Mesmo que não tenhas até aqui reconhecido – a despeito de estar em confrontação – reconhecerás e obterás libertação aqui.

[Instruções ao Oficiante]: Se se tratar de um rude analfabeto que não sabe como meditar, então dize-lhe isto:

Ó nobre filho, se não sabes como meditar, age de modo a lembrar-te do Compassivo, e do Sangha, do Dharma e do Buda, e ora. Pensa em todos esses temores e terríveis aparições como sendo tua própria divindade tutelar, ou como o Compassivo.[45] Traze à lembrança o místico nome que te foi dado no momento da tua sagrada iniciação quando eras um ser humano, e o nome de teu *guru*, e dize-os ao Rei Justo do[s] Senhor[es] da Morte.[46] Mesmo que caias em precipícios, não sofrerás mal. Evita o temor e o terror.

[A INFLUÊNCIA SOBREDETERMINANTE DO PENSAMENTO]

[Instruções ao Oficiante]: Dize isso; pois, por meio dessa confrontação, apesar da não-libertação anterior, a libertação seguramente deve ser obtida[47] aqui. Possivelmente, [contudo,] a libertação pode não ser obtida mesmo após essa confrontação; e, sendo essencial uma atenção fervorosa e contínua, chamando outra vez o falecido pelo nome, fala o seguinte:

Ó nobre filho, tuas experiências imediatas serão alegrias momentâneas seguidas de dores momentâneas, de grande intensidade, como as [tesas e relaxadas] ações mecânicas das catapultas.[48] Não te apegues o mínimo que seja [às alegrias] nem te desgostes [pelas dores].

Se deves nascer num plano superior, a visão desse plano despontará sobre ti.

Teus parentes vivos podem – mediante a dedicação para benefício de ti

---

44. Esta é a tradução literal, significando que os raios de graça ou compaixão de Chenrazee cessarão de surgir.

45. A idéia que se quer exprimir, aqui, é a de que os julgamentos e as atribulações, embora *kármicos*, funcionam como provas divinas e, assim, sendo para o bem do falecido, deveriam mesmo ser considerados como tais, isto é, como a divindade tutelar ou como Chenrazee.

46. Esta revelação do nome iniciatório tem como propósito estabelecer relação oculta entre o falecido e o Rei da Morte – isto é, entre o humano e o divino no homem – muito semelhante à forma como um franco-maçom se fará conhecer a outro franco-maçom ao passar-lhe alguma contra-senha secreta.

47. Literalmente: "será obtida".

48. Isto é, num dado momento, o bom *karma* será operativo e elevará o falecido a um estado espiritual da mente, e, num outro momento, o mau *karma*, tornando-se predominante, o falecido será precipitado na depressão mental. O operador da catapulta é o *karma*, que a estica até o extremo e então, alternadamente, solta-a.

morto – sacrificar muitos animais[49], realizar cerimônias religiosas e dar esmolas. Devido ao fato de tua visão não estar purificada, podes estar inclinado a ter muito ódio pelas ações deles e ocasionar, nesse momento, teu nascimento no Inferno: o que quer que aqueles deixados para trás estejam fazendo por ti, faze com que o ódio não surja em ti, e medita também com amor por eles.

Além disso, mesmo que te sintas apegado aos bens mundanos que deixaste para trás, ou, porque vês esses bens na posse de outras pessoas e sendo usufruídos por elas, se te sentires apegado a eles por fraqueza, ou sentires ódio pelos teus herdeiros, esse sentimento afetará o momento psicológico de tal forma que, mesmo que estivesses destinado a nascer nos planos superiores e mais felizes, serias obrigado a nascer no Inferno, ou no mundo dos *pretas* [ou espíritos infelizes]. Por outro lado, mesmo que te sintas apegado aos bens mundanos deixados para trás, não poderás possuí-los, e eles não terão utilidade para ti. Portanto abandona a fraqueza e o apego por eles, rejeita-os inteiramente; renuncia a eles de coração. Não importa quem possa estar usufruindo de teus bens mundanos, não tenhas sentimento de avareza, mas estejas preparado para renunciar a eles voluntariamente. Pensa que estás oferecendo-os à Preciosa Trindade e ao teu *guru*, e permanece no sentimento de desapego, privado de fraqueza [de desejo].

Ademais, quando alguma récita da *Kamkanî Mantra*[50] estiver sendo feita em teu favor como rito fúnebre, ou quando qualquer rito para a absolvição do mau *karma*, responsável por ocasionar teu nascimento nas regiões inferiores, estiver sendo realizado por ti e conduzido de maneira incorreta, entremeado de sono, distração e não-observância dos votos e falta de pureza [por parte de algum oficiante], e se tais coisas indicarem leviandade – coisas que poderás ver já que estás dotado com um limitado poder *kármico* de presciência[51] – podes sentir falta de fé e total descrença [por tua religião]. Poderás notar qualquer temor ou espanto, quaisquer ações obscuras, conduta irreligiosa e rituais incorretamente recitados.[52] Em tua mente podes pensar: "Ai de mim! eles estão, de fato, me trapaceando." Assim pensando, te sentirás extremamente deprimido, e, com grande ressentimento, cairás na descrença e na perda da fé, em lugar de afeição e humilde confiança. Afetando isto o momento psicológico, certamente nascerás num dos miseráveis estados.

Tal [pensamento] não só não será útil para ti, mas te fará grande mal. Por mais incorreto que seja o ritual e por mais imprópria que seja a conduta dos sacerdotes que realizam teus rituais fúnebres, [pensa]: "Qual! Meus próprios pensamentos devem estar impuros! Como é possível que as palavras do Buda estejam incorretas? É como que o reflexo das desonras em minha própria face que eu vejo num espelho; meus próprios pensamentos devem [de fato] estar impuros. Quanto àqueles [isto é, os sacerdotes], o Saṅgha é seu corpo, o Dharma sua palavra, e em sua mente eles são o Buda na realidade: Buscarei refúgio neles."

Assim pensando, põe tua confiança neles e pratica um amor sincero por eles. Então o que quer que seja feito para ti [por aqueles] deixados para trás reverterá na verdade em teu benefício. Por conseguinte, o exercício desse amor é de muita importância; não te esqueças disto.

Ademais, se tivesses que nascer num dos estados miseráveis e a luz desse estado miserável brilhasse sobre ti, e se teus herdeiros e parentes realizassem ritos religiosos brancos[53] não-mesclados a más ações e os abades e sacerdotes instruídos se dedicassem de corpo, palavra e mente ao comprimento dos corretos rituais meritórios, o deleite de teu sentimento grandemente animado ao vê-los, por sua própria virtude, afetaria, de tal forma o momento psicológico que, mesmo que merecesses um nascimento nos estados infelizes, ocasionaria teu nascimento num plano superior e mais feliz. Não deves [por conseguinte] alimentar pensamentos ímpios mas praticar afeição pura e humilde fé para com todos imparcialmente. Isto é altamente importante. Portanto, sê extremamente cuidadoso.

Ó nobre filho, resumindo: não dependendo o teu presente intelecto no Estado Intermediário de nenhum objeto firme, sendo de pouco peso e estando em contínuo movimento, qualquer pensamento que te ocorrer agora – seja pio ou ímpio – exercerá grande poder; por isso, não penses em tua mente em coisas ímpias, mas lembra-te de algum exercício devocional, ou, (se não foste acostumado a tais exercícios) [demonstra] afeição pura e fé humilde; ora ao Compassivo, ou às tuas divindades tutelares; com plena resolução, dize esta prece:

---

49. Diz-se que, cada vez que um animal é sacrificado – provavelmente para depois servir de alimento – o falecido é incapaz de escapar ao resultado *kármico* se o sacrifício é feito em seu nome, de tal modo que os horrores o acometem diretamente. Ele apela para os vivos para que cessem, mas como estes não o escutam, ele tende a se encolerizar; a cólera é o que ele deve evitar a todo custo, pois se ele se elevar ao plano do *Bardo*, ela, como um pesado fardo, o forçará a descer ao estado mental mais inferior chamado Inferno. O sacrifício de animais para os mortos, tanto no Tibete como na Índia, teve origem nos tempos antigos, muito antes do aparecimento do Budismo, que, naturalmente, o proíbe. A sobrevivência dessa prática persistiu no Tibete, mas sem a aprovação dos lamas, conforme o nosso texto claramente atesta.

Se é praticado hoje, é apenas raramente pelos povos rústicos dos distritos remotos, que são budistas só no nome.

À exceção dos *yógis* ou lamas ávidos do mais alto desenvolvimento espiritual – com o qual os carnívoros são considerados incompatíveis – os tibetanos, sendo conhecidos comedores de cadáveres de animais, como os brâmanes do Cachemir (que, conseqüentemente, não são reconhecidos como brâmanes pelos autênticos brâmanes da Índia), justificam essa prática alimentar com base nas necessidades climáticas e econômicas. Embora o Tibete seja pobre em cereais, legumes e frutas, esta parece ser uma desculpa inconsciente para cobrir uma predisposição racial, herdada dos ancestrais nômades e pastores. Mesmo no Ceilão, onde não há nenhuma desculpa para os budistas desobedecerem ao preceito da proibição da carne, tal hábito já teve rápido progresso desde o advento do Cristianismo, o qual, à diferença do Budismo, infelizmente não ensina a benevolência em relação aos animais como princípio religioso, sendo o próprio São Paulo da opinião de que Deus não se importa com o gado (I *Cor.* IX, 9). Não obstante, no Monte Sagrado de Mihintale, no Ceilão, ainda existe, como testemunho de um Budismo mais puro, o antigo edito, gravado numa laje de pedra, que proíbe – como os Editos de Asoka – a matança de qualquer animal, tanto para sacrifício como para alimentação.

50. Esta *mantra*, acredita-se, tem o poder mágico de transmutar tanto o alimento sacrificial dos mortos como de torná-lo aceitável para eles.

51. Em sua totalidade, esse poder de presciência inclui conhecimento do passado, do presente e do futuro, as habilidades de ler o pensamento dos outros, assim como a clara compreensão da própria capacidade e limitações da pessoa. Somente os seres altamente desenvolvidos, como por exemplo os adeptos da *Yoga*, desfrutam desse poder completo de presciência. No plano do *Bardo* – a diferença do humano – cada ser, em virtude da sua libertação dos empecilhos do corpo físico rude, possui um certo grau de poder, conforme o texto deixa claro.

52. Isto é, medo, espanto, atos impróprios, ou descuido por parte de qualquer pessoa que dirige os ritos fúnebres.

53. "Branco" em oposição a "negro" (como na magia negra ou na feitiçaria).

"Ai de mim! Quando perambular sozinho, separado dos amigos queridos,[54]
Quando o corpo refletido, vazio de minhas próprias idéias mentais, despontar sobre mim,
Que os Budas, concedendo seus poderes de compaixão,
Permitam que não haja medo, temor ou terror no *Bardo*.
Quando experimentar sofrimentos, devidos ao poder do mau *karma*,
Que as Divindades Tutelares dissipem os sofrimentos.
Quando reverberarem os mil trovões do Som da Realidade,
Que todos eles sejam sons das Seis Sílabas.[55]
Quando o *karma* continuar, sem que haja nenhum protetor,
Que o Compassivo me proteja, eu rogo.
Quando experimentar os infortúnios das propensões *kármicas* aqui,
Que a radiância da clara luz feliz do *samâdhi* brilhe sobre mim."

Uma oração mais sincera nesta forma será, para ti, um guia seguro; podes ficar seguro de que não serás enganado. Isso é de grande importância: por meio dessa recitação, outra vez vem a recordação; e o reconhecimento e a libertação serão alcançados.

[A AURORA DAS LUZES DOS SEIS *LOKAS*]

[Instruções ao Oficiante]: Não obstante – embora esta [instrução] seja repetida tão freqüentemente – se o reconhecimento for difícil, devido à influência do mau *karma*, grande benefício advirá da repetição dessas confrontações muitas vezes. Uma vez mais, [então], chama o falecido pelo nome, e dize-lhe o seguinte:

Ó nobre filho, se fostes incapaz de apreender o acima [exposto], doravante o corpo da vida passada se tornará mais e mais obscuro e o corpo da vida futura se tornará mais e mais claro. Entristecido por isso [pensarás]: "Ó, que misérias estou sofrendo! Agora, seja qual for o corpo que me couber, irei e buscarei [o corpo]." Assim pensando, irás de um lado para o outro, incessante e distraidamente. Então brilharão sobre ti as luzes dos Seis *Lokas sangsâricos*. A luz desse lugar no qual irás nascer, pelo poder do *karma*, brilhará mais proeminentemente.

Ó nobre filho, escuta. Se desejas saber o que são essas seis luzes: brilhará sobre ti uma opaca luz branca do mundo do *Deva*, uma opaca luz verde do mundo do *Asura*, uma opaca luz amarela do mundo Humano, uma opaca luz azul do mundo do Bruto, uma opaca luz vermelha do mundo do *Preta*, e uma luz cor de fumaça do mundo do Inferno.[56] Nesse momento, pelo poder do *karma*, teu próprio corpo tomará a cor da luz do lugar onde vais nascer.

54. Cf. a seguinte passagem do *Orologium Sapientiae*, edição de Comper (p. 119): "Onde está agora a ajuda dos meus amigos? Onde estão agora as boas ordens de nossos parentes e dos outros?"

55. Ver p. 114 n. 194.

56. Aqui, como antes (ver p. 96 n. 136), o manuscrito contém erros. Ele apresenta as luzes da seguinte forma: branca, para o mundo do *Deva*; vermelho, para o do *Asura*; azul para o Humano; verde para o Bruto; amarelo, para o *Preta*, e cor de fumaça para o mundo do Inferno. O erro, aparentemente por parte do copista do manuscrito, foi corrigido pelo tradutor.

Ó nobre filho, a arte especial desses ensinamentos é de particular importância neste momento: seja qual for a luz que brilhar sobre ti agora, medita sobre ela como sendo o Compassivo; seja de onde for que a luz venha, considera isso [esse lugar] como sendo o [ou existindo no] Compassivo. Esta é uma arte sumamente profunda; e poderá impedir o renascimento. Ou, qualquer que seja a tua divindade tutelar, medita por muito tempo sobre a sua forma, como sendo aparente mas não-existente na realidade, como uma forma produzida por um mágico. É a chamada forma ilusória pura. Então deixa que a [visualização da] divindade tutelar se desfaça de um extremo ao outro, até que dela nada mais permaneça visível; e põe-te no estado da Claridade e do Vazio[57] – o que não podes conceber como alguma coisa – e fica nesse estado por algum tempo. De novo, medita sobre a divindade tutelar; de novo, medita sobre a Clara Luz: faze-o alternadamente. A seguir, permite que teu próprio intelecto também se desfaça gradualmente,[58] de um extremo ao outro.

Onde quer que o éter[59] penetre, penetra a consciência; onde quer que a consciência penetre, penetra o *Dharmakâya*. Fica tranqüilamente no estado não-criado do *Dharmakâya*. Nesse estado, o nascimento será impedido e a Perfeita Iluminação será alcançada.

[PARTE II]

[O PROCESSO DO RENASCIMENTO]

[O FECHAMENTO DA PORTA DO VENTRE]

[Instruções ao Oficiante]: De novo, se por grande fraqueza nas devoções e falta de familiarização, a pessoa for incapaz de compreender, a ilusão pode triunfar e a pessoa peregrinará pelas portas dos ventres. A instrução para o fechamento das portas do ventre é muito importante: chama o falecido pelo nome e dize-lhe isto:

Ó nobre filho, se não entendeste o acima [exposto], neste momento, devido à influência do *karma*, terás a impressão tanto de estares subindo ou movendo-te ao longo de uma superfície, ou descendo. Por isso, medita sobre o Compassivo. Lembra-te. Então, conforme foi dito acima, rajadas de vento, lufadas glaciais, tempestades de granizo, escuridão e a impressão de ser perseguido por muita gente te acometerão. Ao fugir delas [das alucinações], os não-dotados de *karma* meritório terão a impressão de fugir para lugares de sofrimento; os dotados de *karma* meritório terão a impressão de chegar a lugares de felicidade. Por isso, ó nobre filho,

57. Esta expressão, "a Claridade e o Vazio" das instruções seguintes, parece sinônimo de "Clara Luz" ou de "Clara Luz e Vazio".

58. Este processo corresponde aos dois estágios do *samâdhi*: o estado de visualização e o estado de perfeição (ver p. 92 n. 115).

59. Texto: *nam-mkhah* (pronuncia-se *nam-kha*); sânscrito: *Âkâsha*, "éter" ou "céu".

em qualquer continente ou lugar onde devas nascer, os sinais desse lugar de nascimento brilharão sobre ti.

Para este momento, há diversos ensinamentos vitais profundos. Ouve atentamente. Mesmo que não tenhas apreendido com as confrontações anteriores, aqui [conseguirás, pois] mesmo aqueles que são muito fracos em devoções reconhecerão os sinais. Portanto, escuta:

[Instruções ao Oficiante]: Agora é muito importante empregar os métodos de fechamento da porta do ventre. Logo, é necessário tomar o maior cuidado. Há dois modos [principais] de fechamento: impedindo o ser que entraria de entrar, e fechando a porta do ventre pela qual ele pudesse entrar.

[MÉTODO PARA IMPEDIR A ENTRADA NUM VENTRE]

As instruções para impedir o ser de entrar são assim:

Ó nobre filho (fulano de tal), quem quer que tenha sido tua divindade tutelar, medita tranqüilamente sobre ela – como sobre o reflexo da Lua na água, aparente porém não existente [enquanto Lua], como uma ilusão magicamente produzida. Se não tens tutelar especial, medita ou sobre o Compassivo Senhor ou sobre mim; e, com isso em mente, medita tranqüilamente.

Depois, fazendo com que a [forma visualizada da] divindade tutelar se desfaça de um extremo ao outro, medita, sem qualquer formação de pensamento, sobre a Clara Luz vazia. Esta é uma arte muito profunda; em virtude dela, não se entrará num ventre.

[PRIMEIRO MÉTODO PARA FECHAR A PORTA DO VENTRE]

Medita dessa maneira; mas, mesmo que isso for inadequado para te impedir de entrar num ventre, e se te encontras prestes a entrar num, então há o profundo ensinamento para fechar a porta do ventre. Escuta-o:

"Quando, neste momento, ai, o *Sidpa Bardo* está raiando sobre ti,
Tendo em mente uma única resolução,
Persiste em juntar-te à corrente do bom *karma*;[60]
Fecha a porta do ventre, e lembra-te da oposição.[61]
Este é um momento em que o fervor e o amor puro são necessários;
Abandona a inveja, e medita sobre o *Guru* Pai-Mãe."

Repete isto, de tua própria boca, nitidamente; e relembra o seu significado vividamente, e medita sobre isto. Pôr isto em prática é essencial.

60. Para se obter resultados, o mérito acumulado, nascido das boas ações realizadas na vida terrena, deve ser operante, isto é, precisa estar vinculado à existência do falecido no *Bardo*.

61. Normalmente, a existência no *Bardo* sempre tende a levar o morto de volta ao nascimento. Isso se deve às propensões ou inclinações *kármicas*, que são a oposição, as forças opostas à Iluminação do estado de Buda. Daí o falecido precisar opor-se a essa inata tendência com toda a ajuda disponível.

A significação do ensinamento anterior, "Quando neste momento, o *Sidpa Bardo* está raiando sobre ti", é que agora estás errando no *Sidpa Bardo*. Como um sinal disto, se olhares na água, ou em espelhos, não verás reflexo de tua face ou corpo; nem teu corpo projetará qualquer sombra. Descartastes agora teu corpo material rude de carne e osso. Estes são os indícios de que estás errando no *Sidpa Bardo*.

Neste momento, deves formar, sem distração, um único propósito em tua mente. A formação de um único propósito é muito importante agora. É como dirigir a marcha de um cavalo pelo uso das rédeas.

Tudo o que desejares se passará. Não penses em más ações que poderiam desviar o curso [de tua mente]. Relembra tua relação [espiritual] com o leitor deste *Bardo Thödol*, ou com qualquer um daqueles de quem recebeste ensinamentos, iniciação ou autorização espiritual para ler textos sagrados no mundo humano; e perservera em seguir com bons atos: isto é mesmo essencial. Não te distraias. A linha limite entre a ascensão e a queda passa por aqui. Se te deixares levar pela indecisão, mesmo por um segundo, terás que sofrer tormentos por longo tempo. Eis o momento. Mantém-te firme num único propósito. Resistentemente, junta-te à corrente das boas ações.

Chegaste agora ao momento de fechar a porta do ventre. "Este é um momento em que o fervor e o amor puro são necessários", o que significa que é chegada a hora em que, antes de qualquer outra coisa, a porta do ventre deve ser fechada, para o que há cinco métodos. Tem isto bem no coração.

[SEGUNDO MÉTODO PARA FECHAR A PORTA DO VENTRE]

Ó nobre filho, neste momento terás visões de machos e fêmeas em união. Ao vê-los, lembra-te de evitar ires para entre eles. Estima o pai e a mãe como teu *Guru*, e a Divina Mãe,[62] medita sobre eles e curva-te ante eles; exerce humildemente tua fé; oferece adoração mental com grande fervor; e determina-te a solicitar [deles] orientação religiosa.

Com essa única determinação, o ventre certamente deve ser fechado; mas se, mesmo assim, ele não se fechar, e estiveres prestes a entrar nele, medita sobre o Divino *Guru* Pai-Mãe,[63] assim como sobre qualquer divindade tutelar, ou sobre o Tutelar Compassivo e sua *shakti*; e, meditando sobre eles, adora-os com oferendas mentais. Determina-te fervorosamente a solicitar [deles] um favor. Com isto, a porta do ventre deve ser fechada.

[TERCEIRO MÉTODO PARA FECHAR A PORTA DO VENTRE]

Se ainda assim ela não se fechar, e estiveres prestes a entrar no ventre, o terceiro método de repelir o apego e a repulsa é mostrado a ti com estas palavras:

62. "O Pai e Mãe" são o macho e a fêmea vistos em união. O *guru* é o espiritual ou celestial, e não o *guru* humano. Já a Divina Mãe é a *shakti* do *guru*.

63. Isto é, o *guru* com a sua *shakti*, conforme já foi dito .

Há quatro tipos de nascimento: nascimento pelo ovo, nascimento pelo ventre, nascimento sobrenatural[64] e nascimento pelo calor e a umidade.[65] Entre estes quatro,[66] o nascimento pelo ovo e o nascimento pelo ventre combinam em caráter.

Como foi dito antes, as visões de machos e fêmeas em união aparecerão. Se, nesse momento, alguém entra no ventre por força de sentimentos de apego ou de repulsa, ele pode nascer ou como um cavalo, ou como uma galinha, ou como um cachorro, ou como um ser humano.[67]

Se [vai] nascer como macho, seu sentimento de ser um macho surge no Conhecedor, e se produz um sentimento intenso de ódio em relação ao pai e de ciúme e atração em relação à mãe. Se [vai] nascer como fêmea, seu sentimento de ser uma fêmea surge no Conhecedor, e se produz um sentimento de intenso ódio pela mãe e de intensa atração e afeto pelo pai. Devido a esta causa secundária – [quando] entrar no caminho do éter, justo no momento em que o esperma e o óvulo vão-se unir – o Conhecedor experimenta a bem-aventurança do estado de nascer simultaneamente, durante o qual ele desmaia na inconsciência. [Posteriormente] ele se encontra enclausurado numa forma oval, no estado embrionário e, emergindo do ventre e abrindo os olhos, ele pode ver-se transformado num cachorrinho. Anteriormente, ele havia sido um ser humano, mas agora ele se transformou num cachorro e está sujeito aos sofrimentos de um canil; ou [talvez] como um porquinho numa pocilga, ou como uma formiga num formigueiro, ou como um inseto, ou como um verme num buraco, ou como um bezerro, ou um cabrito, ou um cordeiro,[68] de cujas formas não há retorno [imediato]. O mutismo, a estupidez e a obscuridade intelectual miserável são provadas, e experimentada

64. Texto: *brnus-skyes* (pronuncia-se *zu-kye*); sânscrito: *Svayambhū* "nascimento sobrenatural (ou miraculoso)", por translação ou transferência do princípio de consciência de um *loka* para outro.

65. Referência à germinação de sementes ou germes, ou processo de nascimento no reino vegetal.

66. "O Bramanismo reconhece igualmente quatro tipos de nascimento: *svedaja* (umidade ou fermentação), *aṇḍaja* (nascer pelo ovo), *jarāyuja* (nascer pelo ventre) e *udbhijja* (vegetação)" – Sj. Atal Behari Ghosh.

67. Esotericamente, esta passagem significa que, de acordo com o *karma*, podemos nascer com inclinações peculiares que os vários animais mencionados simbolizam. Platão, na *República*, emprega símbolos animais de maneira semelhante. (Ver n. 68 abaixo.)

68. Vemos, aqui, o simbolismo animal exposto de maneira bastante análoga à passagem da *República*, de Platão, que descreve a escolha de corpos animais para a reencarnação seguinte. (Ver n. 67 acima; também pp. 34-6.) A interpretação popular ou exotérica de passagens como esta, em nosso texto (cf. pp. 97, 99, 120-21), poderia parecer tão razoável quanto o seria se fosse aplicada a passagens similares em Platão. Além disso, o copista e possivelmente o escritor ou escritores do *Bardo Thödol* podem ter sido exoteristas e, pelo menos, pretenderam enfatizar em seu texto uma interpretação exotérica, acreditando, como os sacerdotes amiúde acreditam, e como mesmo hoje alguns crêem, que as doutrinas atemorizadoras (por exemplo, a doutrina cristã segundo a qual o inferno é uma condição eterna), embora literalmente falsas, são, não obstante, como lítegos para manter as mentalidades inferiores alertas e possivelmente mais virtuosas. Apesar disso, para o nosso próprio texto (mais ou menos adulterado), assim como para o de Platão, existe uma chave esotérica para o seu real significado, segundo explicamos em nossa Introdução, pp. 38-40.

uma variedade de sofrimentos. Da mesma maneira, alguém pode errar pelo inferno, ou pelo mundo dos espíritos infelizes, ou através dos Seis *Lokas*, e suportar penas inconcebíveis.

Aqueles que estão vorazmente inclinados a isto [isto é, à existência *sangsārica*], ou aqueles que no coração a temem – Ó terrível! Ó terrível! Ai de mim! – e aqueles que não receberam ensinamentos de um *guru*, cairão desse modo nos precipícios profundos do *Sangsāra*, e sofrerão interminável e insuportavelmente. Antes que recebas destino semelhante, escuta minhas palavras e leva meus ensinamentos no coração.

Rejeita os ensinamentos de atração ou repulsa, e recorda-te de um método de fechar a porta do ventre que vou te mostrar. Fecha a porta do ventre e lembra-te da oposição. Este é o momento em que fervor e amor puro são necessários. Conforme foi dito, "Abandona a inveja, e medita sobre o *Guru* Pai-Mãe".

Conforme foi explicado antes, se nasceres como macho, a atração pela mãe e a repulsa pelo pai, e se nasceres como fêmea, a atração pelo pai e a repulsa pela mãe, junto com um sentimento de inveja [por um ou outro], sobrevirá para ti.

Para esse momento há um profundo ensinamento. Ó nobre filho, quando surgirem a atração e a repulsa, medita assim:

"Ai de mim! Que ser de mau *karma* eu sou! Se errei no *Sangsāra* até agora, isso se deve à atração e à repulsa. Se eu continuar sentindo atração e repulsa, então errarei num infinito *Sangsāra* e sofrerei no Oceano do Sofrimento por um longuíssimo tempo, afundando-me nele. Agora não devo agir por atração e repulsa. Ai de mim! Doravante não mais agirei por atração e repulsa."

Meditando assim, determina-te firmemente que manterás isso [a determinação]. Está dito, nos *Tantras*: "A porta do ventre será fechada somente por meio disso."

Ó nobre filho, não te distraias. Mantém tua mente unicamente nessa determinação.

[QUARTO MÉTODO PARA FECHAR A PORTA DO VENTRE]

De novo, se isso não fechar a porta, e se a pessoa estiver prestes a entrar no ventre, então, por meio de ensinamento [chamado] "O Falso e o Ilusório"[69] o ventre deve ser fechado. Isso deve ser meditado assim:

"Ó, o Par, o pai e a mãe, a chuva negra, as tempestades, os sons estrondosos, as terríveis aparições, e todos os fenômenos são, em sua natureza, ilusões. Seja de que forma eles apareçam, não há verdades [neles]; todas as substâncias são irreais e falsas. São como sonhos e como aparições; são impermanentes; não têm fixidez. Que vantagem há em estar apegado [a eles]! Que vantagem há em ter medo ou terror deles! Significa ver o não-existente como existente. Todos são alucinações da própria mente. A própria mente ilusória não existe desde a eternidade; logo, onde poderiam existir estes [fenômenos] externos?

69. Texto: *Bden-ned-sgyu-ma-ltabu* (pronuncia-se *Den-ned-gyu-ma-tabu*), "Não-verdadeiro [e] Como ilusão", título de um Tratado tibetano sobre a irrealidade dos fenômenos.

"Eu, por não haver compreendido estas [coisas] desse modo até agora, tenho considerado o não-existente como existente, o irreal como real, o ilusório como concreto, e tenho errado há muito no *Sangsâra*. E mesmo agora, se eu não os reconhecer como ilusões, então, errando no *Sangsâra* por longas eras, [estarei] certo de cair no atoleiro dos vários sofrimentos.

"De fato, todos esses são como sonhos, como alucinações, como ecos, como as cidades dos Comedores de Odores,[70] como miragens, como formas espelhadas, como fantasmagorias, como a Lua vista na água – que não é real sequer por um momento. Na verdade, eles são irreais; são falsos."

Mantendo-se concentrado nessa disciplina de pensamento, a crença de que eles são reais é dissipada; e, posto que isto fica impresso na continuidade interna [da consciência], a pessoa recua: se o conhecimento da irrealidade ficar impresso profundamente dessa maneira, a porta do ventre será fechada.

[QUINTO MÉTODO PARA FECHAR A PORTA DO VENTRE]

Se, ainda depois disso, a crença [nos fenômenos] como reais permanecer indissoluta, a porta do ventre não é fechada; se a pessoa estiver prestes a entrar no ventre, então ela deve fechar a porta do ventre através da meditação sobre a Clara Luz, sendo este o quinto [método]. A meditação é feita da seguinte forma:

"Olha! Todas as substâncias são minha própria mente;[71] e esta mente é o vazio, o não-criado, o incessante."

Assim meditando, permite que tua mente permaneça no [estado do] não-criado – como, por exemplo, o derramar da água na água. A mente deve ficar em sua posição mais cômoda, em sua condição natural [ou não-modificada], clara e vibrante. Mantendo este [estado da mente] relaxado, não-criado, as portas do ventre dos quatro tipos de nascimento[72] certamente ficarão fechadas. Medita assim até que o fechamento seja plenamente cumprido.

[Instruções ao Oficiante]: "Muitos e bastante profundos ensinamentos para fechar a porta do ventre foram explicados antes. É impossível que eles não libertem as pessoas de capacidade intelectual mais alta, as de capacidade média e as de capacidade mais baixa. Se perguntarem por que deve ser assim, é porque, em primeiro lugar, como a consciência no *Bardo* possui um poder sobrenatural de percepção[73] de tipo limitado, qualquer que seja a coisa dita a alguém, é logo

70. Texto: *Dri-za* (pronuncia-se *Di-za*), "Comedores de Odores", sânsc. *Gandharva*, fadas das mitologias indiana e budista. Suas cidades são nuvens formadas fantasticamente, que se dissolvem na chuva e desaparecem. (Cf. p. 126 n. 30.)

71. Texto: *rNam-shes* (pronuncia-se *Nam-she*): "princípio de consciência"; sânsc.: *Vijñana Skandha*. O tradutor preferiu seguir o contexto, aqui, e traduzi-lo como "mente", como sinônimo de "consciência".

72. Conforme foi mencionado anteriormente, p. 136.

73. Texto: *mngon-shes* (pronuncia-se *ngon-she*), que se refere a certos dons de percepção paranormal (sânc.: *Abhijñá*), seis dos quais são comumente enumerados: (1) visão e (2) audição paranormal; (3) leitura do pensamento; (4) ciência de poderes miraculosos; (5) lembrança de existências anteriores; e (6) ciência da destruição das paixões. Para o falecido comum, esse "poder paranormal de percepção" é limitado (ou esgotável) e operante somente no estado pós-morte, enquanto que para um Buda ou um devoto aperfeiçoado em *Yoga*, é um dom permanente e ilimitado em todos os planos da consciência.

compreendida. Em segundo lugar, porque – embora [antes] surdo ou cego – aqui, neste momento, todas as suas faculdades são perfeitas, e ele pode ouvir o que quer que lhe seja dito. Em terceiro lugar, sendo continuamente perseguido por medo e terror, ele pensa: "O que é melhor?" e, tornando-se alertamente consciente, ele sempre ouvirá tudo o que lhe for dito. Uma vez que a consciência está sem um suporte,[74] ela irá imediatamente para qualquer lugar que a mente indicar. Em quarto lugar, é fácil dirigi-la.[75] A memória[76] está nove vezes mais lúcida que antes. Ainda que fosse estúpido [antes], neste momento, pelas ações do *karma*, o intelecto se torna extraordinariamente claro e capaz de meditar sobre o que quer que lhe seja ensinado. [Portanto, a resposta é], porque ele [isto é, o Conhecedor] possui essas virtudes.

O fato de os atos de realização dos rituais fúnebres serem praticados com eficácia se deve, igualmente, a essa razão. Por conseguinte, a perseverança na leitura do Grande *Bardo Thödol* por quarenta e nove dias é de extrema importância. Ainda que não seja libertado numa confrontação, o morto deve ser libertado em outra: esta é a razão da necessidade de tantas confrontações diferentes.

[A ESCOLHA DA PORTA DO VENTRE]

[Instruções ao Oficiante]: Existem, entretanto, muitas classes daqueles que – mesmo lembrados e instruídos no sentido de concentrarem seus pensamentos – não se libertam, devido à grande força da obscuridade do mau *karma*, e devido a não estarem acostumados a atos pios, e por estarem muito habituados a atos ímpios através das eões. Por conseguinte, se a porta do ventre não tiver sido fechada até agora, um ensinamento também para a escolha de uma porta do ventre será dado adiante. Agora, invocando a ajuda de todos os Budas e Boddhisattvas, repete o Refúgio; e, outra vez chamando o falecido, pelo nome, três vezes, fala o seguinte:

Ó nobre filho (fulano de tal), escuta. Embora os ensinamentos de confrontação anteriores tenham sido dados de modo concentrado, não obstante tu não os compreendeste. Portanto, se a porta do ventre não foi fechada, está quase na hora de assumir um corpo. Faze tua escolha do ventre [de acordo com] este melhor ensinamento. Escuta atentamente, e tem-no em mente.

[VISÕES PREMONITÓRIAS DO LUGAR DE RENASCIMENTO]

Ó nobre filho, agora os sinais e características do lugar de nascimento virão. Reconhece-os. Ao observares o lugar de nascimento, escolhe também o continente.[77]

74. Isto é, sem o corpo do plano humano de que depender.

75. Literalmente: "Em quarto lugar, girar a boca [do princípio de consciência ou Conhecedor, como a de um cavalo com freio] é fácil."

76. Texto: *dranpa* (pronuncia-se *tanpa*), literalmente "seqüência (ou corrente) de consciência". Normalmente, significa "consciência", "recordação" ou "memória"; sânsc.: *smriti*.

77. Na descrição desses continentes que seguem, são dados nomes tibetanos; em nossa Introdução (pp. 43-4), os nomes sânscritos são dados ao longo da descrição complementar.

Se deves nascer no Continente Leste de Lūpah, um lago adornado com cisnes, machos e fêmeas [flutuando nele], será visto. Não vás até lá. Recorda-te da repulsão [por esse lugar].[78] Se fores até lá, [esse] Continente – embora dotado de bem-aventurança e sossego – é daqueles em que a religião não predomina. Por conseguinte, não entres lá.

Se deves nascer no Continente Sul de Jambu, grandes mansões aprazíveis serão vistas. Entra ali, se deves entrar.

Se deves nascer no Continente Oeste de Balang-Chöd, um lago adornado com cavalos, machos e fêmeas [pastando em suas margens], será visto. Não vás até lá, mas retorna aqui. Embora haja ali riqueza e abundância, sendo uma terra onde a religião não deve prevalecer, não entres ali.

Se deves nascer no Continente Norte de Daminyan, um lago adornado com bovinos, machos e fêmeas [pastando em suas margens], ou árvores [em volta dele], serão vistos. Embora haja ali duração de vida e méritos, não obstante esse Continente também é daqueles onde a religião não predomina. Portanto não entres.

Estes são os sinais [ou visões] premonitórios do renascimento naqueles [Continentes]. Reconhece-os. Não entres.[79]

Se vais nascer como um *deva*, aprazíveis templos [ou mansões] construídos de vários metais preciosos também serão vistos.[80] Pode-se entrar neles; então, entra neles.

Se vais nascer como um *asura*, tanto uma encantadora floresta como círculos de fogo serão vistos agitando-se em direções opostas. Lembra-te da repulsão; e não entres ali de maneira alguma.

Se vais nascer entre bestas,[81] cavernas rochosas, profundos buracos na terra e névoas serão vistos. Não entres ali.

Se vais nascer entre *pretas*, planícies desoladas e sem árvores e baixas cavernas, clareiras de mato e desertos de florestas serão vistos. Se fores para ali, renascendo como um *preta*, sofrerás vários tormentos de fome e sede. Lembra-te da repulsão; e não vás ali de maneira alguma. Envida grande energia (para não entrares ali).

Se vais nascer no Inferno, canções [como lamentos], devidas ao mau *karma*, serão ouvidas. [Serás] compelido a entrar ali irresistivelmente. Terras de trevas,

78. Texto: *rulog*, "rebelião" ou "reação". Lembrando-se da reação, isto é, da atitude mental que impedirá que se entre ali, o falecido estará prevenido.

79. Este parágrafo deslocado no manuscrito, tendo sido copiado como posterior a "serão vistos", no parágrafo imediatamente acima, seguindo nossa versão.

80. A concepção cristã do Céu, como um lugar definido, tendo ruas de ouro e paredes de pedras preciosas, provavelmente deve sua origem às crenças pré-cristãs análogas às hinduístas e budistas, relativas ao Céu dos *devas*. O *Nirvāna* tem sido erroneamente chamado de Céu budista: um Céu implica um lugar e fenômenos *sangsāricos*, enquanto o *Nirvāna* é não-*sangsāric*o, está além de todos os fenômenos, sendo o "não-tornado", o "não-nascido", conceito este totalmente estranho ao Cristianismo popular ou exotérico e encontrado apenas no Cristianismo esotérico, isto é, no Gnosticismo, que, muito insensatamente, os concílios do Cristianismo exotérico oficialmente repudiaram como sendo "herético".

81. Ou, como à página 147 do nosso texto (onde está a chave do esoterismo subjacente nas referências ao nascimento "entre as bestas"), entre os seres humanos "semelhantes à ordem dos brutos".

casas brancas e negras, buracos negros na terra e escuras estradas por onde terás de ir, aparecerão. Se fores para ali, entrarás no Inferno; e sofrendo insuportáveis dores de frio e calor, levarás longo tempo para saíres dele.[82] Não vás para o meio dele. Foi dito: "Empenha tua energia ao máximo": isto é necessário agora.

[PROTEÇÃO CONTRA AS FÚRIAS ATORMENTADORAS]

Ó nobre filho, embora não gostes disto, não obstante, sendo perseguido por atormentadoras fúrias *kármicas*,[83] te sentes compelido a prosseguir; [e com] fúrias atormentadoras pela frente e ceifadores de vida como uma vanguarda a guiar-te, e escuridão e tornados *kármicos*, e ruídos e neve e chuva e terríveis tempestades de granizo e redemoinhos de ventos gelados ocorrendo, sobrevirá a idéia de fugir deles.

Mais uma vez, buscando refúgio devido ao medo, [observarás] as já mencionadas visões de grandes mansões, cavernas rochosas, matos e flores de loto que se fecham [ao entrares nelas]; e escapas ocultando-te dentro [de um desses lugares] e, temendo sair dali, pensas: "Não é bom sair agora." E temendo partir dali, te sentirás fortemente atraído pelo teu lugar de refúgio [que é o ventre]. Temeroso de que, ao saíres dali, o temor e o terror do *Bardo* te acometam, e receando encontrá-los, se te esconderes dentro [do lugar ou ventre escolhido], assumirás por isso um corpo bastante indesejável e provarás vários sofrimentos.

Isso [essa condição] é um indício de que os maus espíritos e *rākṣhasas* [ou demônios] interferem em ti.[84] Para este momento há um profundo ensinamento. Escuta; considera-o:

Nesse momento – quando as fúrias atormentadoras estiverem perseguindo-te e quando tiveres temor e terror – [visualiza] instantaneamente o Heruka Supremo, ou Hayagrīva, ou Vajra-Pāṇi,[85] ou [qualquer outra] divindade tutelar se a tiveres perfeita de forma, vasta de corpo, de maciços membros, irada e aterrorizante na aparência, capaz de reduzir a pó todos os espíritos nocivos. Visualiza-a instantaneamente. A onda de dons e o poder de sua graça te apartarão das fúrias atormentadoras e obterás o poder de escolher a porta do ventre. Esta é a arte vital do profundo ensinamento; portanto, mantém-na perfeitamente bem em mente.

Ó nobre filho, o *dhyānī* e outras divindades nasceram do poder do *samādhi* [ou meditação]. *Pretas* [ou espíritos infelizes ou sombras], e espíritos malígnos de certas ordens são aqueles que, trocando seu sentimento [ou atitude mental]

82. Literalmente, "não haverá tempo [próximo] em que se consiga sair dali". O Budismo (e também o Hinduísmo) não postula condenação eterna a um estado de inferno, sendo, a este respeito, mais lógico que a teologia cristã, que, no passado, postulou isso.

83. Texto: *gshed-ma* (pronuncia-se *shed-ma*) = "atormentadoras" ou "tomadoras de vida", aqui usado no sentido de "fúrias atormentadoras". (Cf. p. 128 n. 38.)

84. Isto é, interferindo de tal forma a impedir o nascimento ou um bom nascimento.

85. Cada uma dessas três divindades, que aparecem no *Chönyid Bardo* (ver pp. 90 n. 108, 93 n. 120 e 105 n. 167), é considerada particularmente poderosa como exorcizadora dos maus espíritos.

no Estado Intermediário, assumiram essa nova forma própria que posteriormente conservaram, e tornaram-se *pretas*, espíritos maus, e *rākṣhasas*, possuidores do poder de mudar de forma. Todos os *pretas*, que existem no espaço, que atravessam o céu, e as oitenta mil espécies de espíritos nocivos, tornam-se assim ao combinarem seus sentimentos [quando estavam] no corpo mental [no plano do *Bardo*].[86]

86. Devido a ter chegado ao falso conceito de que o Estado Intermediário é um estado desejável ou fixo da existência, todos os habitantes dele – espíritos, *pretas*, demônios e seres humanos falecidos – habituam-se ao *Bardo*, retardando sua evolução normal. De acordo com os lamas mais iluminados, sempre que um espírito é invocado, tal como as evocações de espíritos, muito comuns hoje em dia em todo o Ocidente, esse espírito, por meio do contato com este mundo e das crenças animistas tradicionais prevalecentes relacionadas com esse aspecto, firmando-se na ilusão de que o *Bardo* é um estado no qual o progresso espiritual real é possível, não fazem esforço nenhum no sentido de abandoná-lo. O espírito invocado normalmente descreve o *Bardo* (que é preeminentemente o reino da ilusão), do qual ele é um habitante, mais ou menos da mesma forma como ele supunha ser o além quando estava no corpo carnal. Pois, precisamente como o sonhador, no mundo humano, vive no estado de sonho as experiências do estado de vigília, assim o habitante do *Bardo* experimenta alucinações que estão de acordo *kármico* com o conteúdo de sua consciência criado pelo mundo humano. Suas visões simbólicas, conforme o *Bardo Thödol* reiteradamente enfatiza, não são senão os reflexos psíquicos das formas-pensamento levados consigo da vida terrena como depósitos mentais ou sementes de *karma*. (Ver pp. 21-4.) Isso explica por que somente os espíritos muito excepcionais, quando invocados, podem oferecer qualquer filosofia racional concernente ao mundo no qual eles existem; eles são vistos como meros brinquedos do *karma*, carecendo de coerência mental e de estabilidade de personalidade. Muito freqüentemente, são carentes de sentido ou "conchas" psíquicas abandonadas pelo princípio de consciência e que, uma vez em contato com um "médium" humano, são galvanizados numa espécie de vida automática.

É verdade que a invocação de certo tipo de espírito é praticada no Tibete, assim como na Mongólia e na China, por lamas que constituem uma espécie de sacerdotes oraculares e que são consultados sobre importantes problemas políticos, mesmo pelo Dalai Lama. Mas os espíritos invocados são divindades tutelares de uma ordem inferior, chamada "ordem executiva" (em tibetano: *bkaḥ-dod*, que se pronuncia *ka-dòt*, ou seja, "aquele que espera as ordens") e jamais se invocam espíritos ou espectros de homens ou mulheres recém-falecidos. Alguns desses *bkaḥ-dod*, segundo crêem os tibetanos, são espíritos de lamas devotos que falharam em obter – freqüentemente pela prática da magia negra – iluminação espiritual no mundo humano, ou de outro modo, conforme o nosso texto descreve aqui, por haverem-se desencaminhado do caminho normal de progresso. Assim, em muitos casos, tornaram-se demoníacos, espíritos malignos, cujo progresso foi arrastado não por terem sido confinados ao plano terrestre por meio de invocações feitas por "médiuns" logo após o seu falecimento, mas naturalmente por causa do muito mau *karma*. Tais *bkaḥdods*, apresentando-se então normalmente com os espíritos comuns dos mortos, são como demônios obsessivos, considerados capazes de fazer muitos danos mentais e psíquicos ao "médium" não-treinado e aos clientes, resultando amiúde em insanidade e irresponsabilidade moral. Por estas razões, os lamas afirmam que a pesquisa psíquica deve ser conduzida somente por mestres em ciências ocultas ou mágicas, e não indiscriminadamente por uma multidão de pessoas que não são *gurus*.

Em Sikkim, onde foi feita a nossa tradução, a necromancia precisamente como essa que hoje se pratica no Ocidente foi praticada por inúmeros séculos, e ainda o é. Os Lepchas, descendentes das raças primitivas do Sikkim, que ainda formam uma grande parte da população rural, são em seus cultos como os peles-vermelhas americanos. Devido em grande parte à influência deles, a evocação dos mortos tornou-se amplamente difundida entre os budistas sikkimeses, muitos dos quais são de sangue tanto tibetano como lepchiano. Analogamente, no Butão budista, essa evocação de espíritos é comum. Em ambos os países, entretanto, os lamas se opõem energicamente, embora sem resultado, a essa prática.

Diz-se que o retardamento do espírito preso ao *Bardo* pode variar por um tempo que vai de quinhentos a mil anos; em casos excepcionais, por eras. No entanto, estando impedido de fugir do *Bardo*, o falecido não pode passar ao reino do paraíso nem renascer no mundo humano. Finalmente, contudo, um ventre será penetrado e termina o *Bardo*.

Neste momento, se a pessoa puder lembrar-se [dos ensinamentos] do Grande Símbolo relativo ao Vazio, será melhor. Se não estiver adestrado para isso, adestre os poderes [mentais][87] para [considerar] todas as coisas como ilusão [ou *māyā*]. Mesmo que isto seja impossível, não te deixes atrair por nada. Meditando sobre a Divindade Tutelar, o Grande Compassivo, o estado de Buda será obtido no *Sambhogakāya*.

[ESCOLHA ALTERNATIVA: NASCIMENTO SOBRENATURAL OU NASCIMENTO NO VENTRE]

Se, entretanto, ó nobre filho, devido à influência do *karma*, tiveres que entrar num ventre, o ensinamento para a escolha da parte do ventre será exposto. Escuta.

Não entres em qualquer tipo de ventre que te aparecer. Se [fores] compelido por fúrias atormentadoras a entrar, medita sobre o Hayagríva.

Já que agora possuis um pequeno poder sobrenatural de presciência, todos os lugares [de nascimento] te serão conhecidos, um após o outro.[88] Escolhe apropriadamente.

Existem duas alternativas: a transferência [do princípio de consciência] para um reino de Buda puro e a escolha da porta do ventre *sangsàrico* impuro, para serem cumpridas como segue:

[NASCIMENTO SOBRENATURAL POR TRANSFERÊNCIA A UM REINO PARADISÍACO]

No primeiro – a transferência para um paraíso puro – a projeção é dirigida [por meio de pensamento ou meditação] assim:

"Ai de mim! Quão penoso é o fato de eu, durante inumeráveis *kalpas*, desde tempos ilimitados e sem início, até agora, estar errando no Atoleiro do *Sangsàra*. Ó, quão doloroso eu não ter sido libertado para o estado de Buda pelo conhecimento da consciência como sendo o eu![89] Agora este *Sangsàra* me desgosta, me horroriza,

87. Texto: *rtsal* (pronuncia-se *sal*), "poderes"; em outras partes de nosso texto, *dvang-po* (pronuncia-se *wang-po*), traduzido como "faculdades".

88. Numa série de visões, o Conhecedor ficará a par da sina ou destino associado a cada ventre ou lugar de nascimento visto. Aqui, novamente, nos lembramos do episódio do livro décimo da *República* de Platão, que descreve um grupo de heróis gregos no outro mundo, escolhendo os corpos para a próxima encarnação.

89. Texto: *rig-pa* ("consciência") + *bdag* (pronuncia-se *dag*, que significa "eu"; sânsc. *ātmā*). Se considerarmos a "consciência", neste contexto, como a consciência verdadeira ou, essencial, isto é, a subconsciência – e este significado está implícito – a passagem se acharia diretamente concorde com a psicologia ocidental, a qual, com base em muitos dados acumulados, poderia muito bem postular que o subconsciente, sendo armazém de todos os registros da memória, desta ou de hipotéticas vidas passadas, é o eu real, o leito por onde passa ininterrupta a corrente do "fluxo da vida", de um estado de existência para outro, e que, quando transmutado pela alquimia da Iluminação Perfeita, torna-se a consciência espiritual, isto é, a consciência de Buda. (Cf. W.Y. Evans-Wentz, *The Fairy Faith in Celtic Countries*, Oxford University Press, 1911, cap. XII.)

me repugna; é chegada a hora de fugir dele. Agirei de modo a nascer no Reino Oeste Feliz Ocidental, aos pés do Buda Amitâbha,[90] miraculosamente no meio de uma flor de loto".[91]

Pensando assim, dirige a resolução [ou vontade] fervorosamente [para esse Reino]; ou, também, para qualquer Reino que desejares – o Reino Preeminentemente Feliz ou o Reino Densamente Formado, ou o Reino [Daqueles] de Longos Cabelos,[92] ou o Ilimitável Vihâra do Resplendor do Loto,[93] na presença do Urgyan; ou dirige tua vontade a qualquer Reino que mais desejares, em atenta concentração [da mente].

Ou, se desejares ir à presença de Maitreya, nos Céus de Tuṣhita,[94] dirigindo uma vontade ardente de maneira igual e pensando: "Irei à presença de Maitreya nos Céus de Tuṣhita, pois a hora soou para mim aqui no Estado Intermediário"; o nascimento será obtido miraculosamente dentro de uma flor de loto[95] na presença de Maitreya.

[NASCIMENTO NO VENTRE: O RETORNO AO MUNDO HUMANO]

Se, contudo, tal [um nascimento sobrenatural] não for possível, e se te deleitas em entrar num ventre ou se entrares, há um ensinamento para a escolha da porta do ventre do impuro *Sangsâra*. Escuta:

Contemplando com teu poder sobrenatural de previsão sobre os Continentes, conforme foi descrito antes, escolhe aquele no qual a religião prevalesce e entra nele.

Essa opinião está de acordo com os ensinamentos do próprio Buda registrados no *Lonaphala Vagga do Anguttara Nikâya*, onde ele expõe o método *yógico* de recuperar memórias, inato no subconsciente (ver nossa Introdução, pp. 28-9). Sobhita, um dos discípulos de Buda, foi reconhecido pelo próprio Buda como preeminente na "capacidade de relembrar existências anteriores" (cf. *Etaddagga Vagga, Anguttara Nikâya*), sendo-lhe creditada a habilidade de recordar sistematicamente suas existências passadas através de 500 *kalpas*; no mesmo *Vagga*, Buda cita, dentre suas discípulas, Bhaddâ Kapilânî como sendo preeminente "na habilidade de traçar linhagem de *skandhas* (ou corpos humanos) anteriores".

90. Aqui, como em outras partes deste tratado, o Buda Amitâbha deve ser visto, não como uma divindade pessoal, mas como um poder ou princípio divino que é inerente ao, ou que emana do, Reino Feliz Ocidental.

91. Ver n. 95 abaixo.

92. Este é o Paraíso de Vjara-Pâṇi (ver p. 90 n. 108) e não um Reino de Buda. Se, como parece provável, os "cabelos longos" se referem ao uso de cabelo em "rabichos" à moda chinesa, isto corroboraria a evidência interna de que o nosso texto tomou forma no Tibete, mais que na Índia.

93. Este é o Reino onde o Grande *Guru* Padma-Sambhava(aqui chamado de Urgyan) reina agora.

94. Maitreya, o próximo Mestre do Mundo *Bôdhico*, vive seus dias nos Céus de Tuṣhita, onde Ele reina como Rei. (Ver p. 85 n. 87.)

95. O nascimento de dentro de uma flor de loto, nos Céus de Tuṣhita, como no mundo dos *devas*, esotericamente implica nascimento puro, isto é, sem a entrada num ventre, pois nascer num ventre é considerado nascimento impuro.

Se o nascimento deve ocorrer sobre um acúmulo de Impurezas,[96] uma sensação de suave fragrância te atrairá para essa massa impura, e com isso o nascimento será obtido.

O que quer que eles [os ventres ou visões] pareçam ser, não os veja como eles são [ou parecem ser]; e, não sendo atraído ou repelido, um bom ventre deve ser escolhido. Aí, também, já que é importante dirigir a vontade, dirige-a assim:

"Ah! Eu devo nascer como um Imperador Universal; ou como um Brâhmin, como uma grande *shâla*;[97] ou como o filho de um adepto dos poderes *siddhicos*;[98] ou num ramo hierárquico imaculado; ou na casta de um homem pleno de fé [religiosa]; e, nascendo assim, ser dotado de grandes méritos a fim de poder servir a todos os seres humanos.

Pensando assim, dirige tua vontade, e entra no ventre. Ao mesmo tempo, emite tuas ondas de dons [de graça, ou boa vontade] sobre o ventre em que estás entrando, [transformando-o com isso] numa mansão celestial.[99] E, acreditando que os Conquistadores e seus Filhos [ou Boddhisattvas] das Dez Direções,[100] e as divindades tutelares, especialmente o Grande Compassivo, dotem-no de poder, roga a eles, e entra no ventre.

Ao escolher desse modo a porta do ventre, há uma possibilidade de erro: pela influência do *karma*, bons ventres podem parecer ruins, e ventres ruins podem parecer bons; esse erro é possível. Nesse momento, também, sendo a arte do ensinamento importante, faze então o seguinte:

Mesmo que um ventre possa parecer bom, não te deixes atrair; se te parecer ruim, não tenhas repulsão por ele. Ser livre de repulsão e atração, ou da vontade de tomar ou de evitar – entrar no estado de completa imparcialidade – é a mais profunda das artes. Com exceção somente daqueles poucos que tiveram alguma experiência prática [em desenvolvimento psíquico], é difícil livrar-se dos restos da doença das más inclinações.

[Instruções ao Oficiante]: Por conseguinte, se forem incapazes de se livrar da atração e da repulsão, as pessoas de mentalidade mínima e de mau *karma* estarão sujeitas a buscar refúgio entre os brutos.[101] O modo de resistir a isso é tornar a chamar o falecido pelo nome, assim:

---

96. Isto é, o esperma e o óvulo no ventre impregnado.

97. Texto: *sala*, em sânsc. *shâla* (a *shorea robusta*), uma das árvores silvestres de madeira dura da Índia, que cresce até atingir grande altura. A palavra tibetana para *brâmane* é *Brânze* (pronuncia-se *Tâmze*). Os antigos indianos viam a árvore com suas esplêndidas folhagens e belas flores, como a melhor das árvores. Para os budistas, ela é santificada pelo nascimento e morte do Iluminado, que ocorreu sob a sua sombra protetora.

98. Texto: *grub-pa-thob-pa* (pronuncia-se *dub-pa-thob-pa*); sânsc. *Siddha-purusha*, "iniciado em poderes *siddhicos* (ou *yógicos*)".

99. O significado dessa passagem pode, de outro modo, ser exposto assim: por meio do exercício de teus poderes paranormais, visualiza como uma mansão celestial o ventre em que estás entrando.

100. As Dez Direções são: os quatro pontos cardeais, os quatro pontos intermediários, o nadir e o zênite.

101. Ou, esotericamente, entre ventres de seres humanos semelhantes a brutos. (Cf. p. 140 n. 81.)

Ó nobre filho, se não fores capaz de livrar-te da atração e da repulsão, e não souberes [a arte de] escolher a porta do ventre, quaisquer das visões anteriores que aparecerem, invoca a Trindade Preciosa e busca refúgio [nela]. Ora ao Grande Compassivo. Caminha de cabeça erguida. Conhece a ti mesmo no *Bardo*. Abandona toda fraqueza e repulsão por teus filhos e filhas ou quaisquer parentes que deixaste pra trás; eles não podem ser úteis a ti. Entra na [no Caminho da] Luz Branca dos *devas*, ou na [no Caminho da] Luz Amarela[102] dos seres humanos; entra nas grandes mansões dos metais preciosos e nos jardins das delícias.

[Instruções ao Oficiante]: Repete essa [oração ao falecido] sete vezes seguidas. Depois devem ser oferecidas: a "Invocação dos Budas e dos Boddhisattvas"; o "Caminho dos Bons Desejos que Protege dos Temores do *Bardo*"; as "Palavras [ou versos básicos] Fundamentais do *Bardo*"; e o "Salvador [ou Caminho dos Bons Desejos que Salva] das Emboscadas [ou Perigosas Passagens Estreitas do *Bardo*]".[103] Estas devem ser lidas três vezes. O *Tahdol*, que liberta os agregados do corpo,[104] também deve ser lido. Depois o "Rito que Confere por Si a Libertação em [virtude da]Propensão"[105] também deve ser lido.

[CONCLUSÃO GERAL]

Pela leitura correta dessas [orações], os devotos [ou *yógis*] adiantados no entendimento podem fazer o melhor uso da Transferência[106] no momento da

102. Aqui, em vez de Luz Amarela, o texto contém "Luz Azul", que, evidentemente, como em outros casos anteriores, é um erro de cópia.

103. Estas quatro preces (ou "Caminhos dos Bons Desejos") estão no Apêndice, pp. 150-58.

104. O agregado de um corpo humano vivo, de acordo com alguns sistemas tibetanos de *Yoga*, é composto de vinte e sete partes: (1) os cinco elementos (terra, água, fogo, ar e éter); (2) os cinco *skandhas* (agregado do corpo, agregado da sensação, agregado dos sentimentos, agregado da volição e agregado da consciência); (3) os cinco ares (ar descendente, ar igualador do calor, ar impregnador, ar em movimento ascendente e ar que mantém a vida); (4) os cinco órgãos dos sentidos (nariz, ouvido, olhos, língua, pele); (5) as cinco faculdades (visão, olfato, audição, paladar, percepção, razão) e (6) a mentalidade. Essas vinte e sete partes constituem a personalidade impermanente. Por trás de todas elas está a subconsciência, o Conhecedor, que, ao contrário da personalidade, é o princípio capaz de realizar o *Nirvāna*.

Algumas partes do texto do *Tahdol* são transformadas em *Yantras* (ou talismãs, ver p. 104 n. 166) e presos ao corpo, seja do vivo ou do morto; quando a pessoa morre, são queimados ou enterrados com o cadáver, pois a crença popular alega que a libertação é conferida ao agregado do corpo. A *Astrologia para os Mortos* – obra tibetana que existe em muitas versões, usada para determinar (empregando o momento da morte como base para cálculos astrológicos) o tempo apropriado, o lugar e o método para a disposição do cadáver, bem como o reino do pós-morte ao qual o falecido está destinado, e o país e a condição nos quais ele renascerá sobre a Terra – prescreve esse uso do *Tahdol*.

105. Texto: *Chös-spyod-bag-chags-rang-grol* (pronuncia-se *Chö-chod-bag-chah-rang-dol*), título de uma versão metrificada, abreviada do *Bardo Thödol*, a qual, sendo fácil de menorizar e, conseqüentemente, recitada à guisa de hábito, é considerada libertadora, pois, desse hábito ou propensão adquirida pelo morto supõe-se que este saiba o ritual de memória e que a sua leitura fá-lo-á recordá-lo e, por conseguinte, o levará à libertação.

106. Veja-se pp. 59-60.

morte. Eles não precisam passar pelo Estado Intermediário, mas partirão pelo Grande [Caminho] Direto Ascendente.[107] Outros menos exercitados [em coisas espirituais], reconhecendo a Clara Luz no *Chönyid Bardo*, no momento da morte, irão pelo [curso] ascendente. Os inferiores a estes serão libertados – de acordo com as suas habilidades particulares e relações *kármicas* – quando uma ou outra das Divindades Pacíficas e Iradas despontar sobre eles, durante as [duas] semanas subseqüentes, quando no *Chönyid Bardo*.

Havendo vários pontos decisivos,[108] a libertação deve ser obtida num ou noutro desses pontos por meio do reconhecimento. Mas as pessoas de relação *kármica* muito fraca, cuja massa de obscuridade é grande [devido às] más ações, terão que errar sempre mais para baixo do *Sidpa Bardo*. Porém, como existem – como os degraus de uma escada – muitos tipos de confrontações [ou relembranças], a libertação deve ser obtida numa ou noutra por meio de reconhecimento. Mas as pessoas de relações *kármicas* mais fracas, não reconhecendo, caem sob a influência do temor e do terror. Para elas há vários ensinamentos gradativos para fechar a porta do ventre e para a escolha da porta do ventre; e, num ou noutro desses [ensinamentos], apreenderão o método de visualização e [utilização] as ilimitadas virtudes [dele] para elevar a sua condição. Mesmo a mais inferior delas, assemelhando-se à ordem do brutos, poderá – em virtude da utilização do Refúgio – desviar-se da entrada na miséria; e, [obtendo] o grande [benefício] de um corpo humano perfeitamente dotado e livre,[109] se encontrará, no próximo nascimento, com um *guru* que é um amigo virtuoso, obtendo os votos [de salvação].

Se esta Doutrina chegar [quando o sujeito estiver] no *Sidpa Bardo*, será como a conexão das boas ações, assemelhando-se [assim] ao lugar de uma calha no [vão de um] escoadouro quebrado: tal é este Ensinamento.[110]

As pessoas de grave mau *karma* não poderão possivelmente deixar de ser

107. Veja-se p. 62 n. 18.

108. Ou "passagens estreitas" ou, então, "emboscadas".

109. Texto: *dal-hbyor-phun-sum-tshogs-pahi-mi-lüs* (pronuncia-se *tal-jor-phün-sum-tsho-pai-mi-lü*), "um corpo humano perfeitamente dotado e livre"; "livre", aqui, significa liberto das oito servidões: (1) o recurso contínuo do prazer concomitante à existência como um *deva*; (2) o incessante estado de guerra concomitante à existência como um *asura*; (3) o desamparo e a escravidão concomitantes à existência sob condições tais como as prevalecentes no mundo dos brutos; (4) os tormentos da fome e da sede concomitantes à existência de um *preta*; (5) os extremos de calor e frio concomitantes à existência no Inferno; (6) a irreligião ou religião pervertida concomitante à existência entre certas raças da humanidade ou (7) os embaraços físicos ou (8) outros concomitantes a certas espécies de nascimento humano.

Para obter um corpo perfeitamente dotado é necessário que se tenha naturalmente fé, perseverança, inteligência, sinceridade e humildade como um devoto religioso, e nascer num tempo em que a religião prevalesça (isto é, quando um Iluminado encarnar ou quando Seus ensinamentos forem a força diretriz do mundo), e encontrar, então, um grande *guru*, espiritualmente desenvolvido.

110. Se um dreno se rompe, interrompe-se a continuidade do fluxo de água. O Ensinamento exerce o mesmo efeito da reparação do dreno por meio da inserção de uma calha para conduzir a água através da ruptura (o que simboliza a interrupção do fluxo da consciência pela morte). Deste modo, pelo mérito das boas ações realizadas no mundo humano, o morto será conduzido adiante e a continuidade é restabelecida.

libertadas pela audição desta Doutrina [e pelo reconhecimento]. Se perguntarem por quê, é porque, nesse momento, todas as Divindades Pacíficas e Iradas, estando presentes para receber [o falecido], e os *mârâs* e os Interruptores, do mesmo modo vindo a recebê-lo juntamente com eles, a simples audição desta Doutrina então dirigirá os propósitos dele e a libertação será obtida; pois não conta com a carne e o osso, mas com um corpo mental, que é [facilmente] afetado. A qualquer distância que se estiver errando no *Bardo*, o falecido ouvirá e virá, pois ele possui algum senso de percepção sobrenatural e de presciência; e relembrando e apreendendo instantaneamente, a mente pode ser modificada [ou influenciada]. Por esta razão ele [o Ensinamento] é de grande utilidade aqui. É como o mecanismo de uma catapulta.[111] É como o movimento de uma grande viga [ou acha] de madeira que cem homens não podem carregar, mas que, posta a flutuar na água, pode ser conduzida a qualquer lugar que se desejar.[112] É como o controle da boca de um cavalo por meio de rédeas.[113]

Portanto, aproximando-te [do corpo] daquele que abandonou esta vida – se o corpo estiver presente – imprime isto [no espírito do falecido] vividamente, muitas vezes, até que o sangue e a secreção aquosa amarelada comecem a sair das narinas. Nesse momento, o cadáver não deve ser incomodado. As regras a serem observadas para isto [a fim de que a impressão seja eficaz] são: nenhum animal deve ser morto por causa do falecido;[114] nem os parentes devem chorar ou darem lúgubres gemidos perto do corpo do morto;[115] [que a família] cumpra tantos atos virtuosos quantos forem possíveis.[116]

Há outras maneiras, também, de explicar (ao morto ou moribundo) esta Grande Doutrina do *Bardo Thödol*, bem como quaisquer outros textos religiosos. Se esta [Doutrina] for acrescentada ao fim de *Guia*[117] e recitada [juntamente com o *Guia*] ela resultará bastante eficaz. De outro modo, ainda, ela deve ser

111. Assim como uma catapulta permite dirigir uma grande pedra a um determinado [illegible] ou objetivo, esta Doutrina possibilita ao falecido orientar-se para a Meta da Libertação.

112. Da mesma forma que a água torna possível o movimento de um tronco de árvore, esta Doutrina possibilita conduzir o falecido ao lugar ou estado de existência mais apropriado, ou mesmo ao estado de Buda.

113. Assim como as rédeas controlam a marcha do cavalo, com esta Doutrina o falecido pode ser orientado ou conduzido em sua progressão no pós-morte.

114. Neste caso, não se trata de sacrifício de animais pelos mortos, mas do costume não-budista de matar animais nos ritos fúnebres, provendo, assim, carne para os lamas e para os hóspedes na casa do morto. Infelizmente, a proibição a tal prática é freqüentemente negligenciada e, embora a matança de animais não seja levada a cabo no lugar, animais abatidos podem ser trazidos de longe, observância esta da letra, não do espírito desse preceito budista de não-matar (ver. p. 130 n. 49).

115. Queixumes e lamentos têm sido costumeiros entre os tibetanos e outros povos afins com os himalaios, bem como entre os povos da Índia e do Egito, desde tempos imemoriais. Mas o Budismo, assim como o Islamismo, desaprovam tais atitudes.

116. Tais atos são, por exemplo, alimentar os lamas e os pobres, fazer caridade, doar textos religiosos ou imagens aos mosteiros, e fazer doações aos mosteiros, se o morto deixou muita riqueza.

117. Veja-se p. 59 n. 6.

recitada tão freqüentemente quanto for possível.[118] As palavras e o seu significado devem ser confiados à memória [de cada um]; e, quando a morte é inevitável e os sintomas da morte são reconhecidos – se as forças o permitirem – o próprio moribundo deve recitá-los, e refletir sobre o seu significado. Se as forças não o permitirem então um amigo deve ler o Livro e imprimi-lo vividamente [na mente do moribundo]. Não há dúvida quanto ao seu poder de libertação.

Esta Doutrina é das que libertam ao serem compreendidas, sem necessidade de meditação ou de *sâdhanâ*:[119] este Ensinamento Profundo liberta ao ser ouvido ou ao ser compreendido. Este Ensinamento Profundo liberta as pessoas de grandes maus *karmas* por meio do Caminho Secreto. Não se deve esquecer seu significado e suas palavras, mesmo quando se é perseguido por sete mastins.[120]

Por meio deste Seleto Ensinamento, obtém-se o estado de Buda no momento da morte. Mesmo que os Budas dos Três Tempos [do Passado, do Presente e do Futuro] procurassem, Eles não poderiam encontrar uma doutrina que transcendesse esta.

Assim se completa a Essência do Coração da Profunda Doutrina do *Bardo*, chamada de *Bardo Thödol*, que liberta os seres encarnados.

[Aqui termina *O Livro Tibetano dos Mortos*]

118. Literalmente "ser recitado sempre".

119. Texto: *Bsgrub* (pronuncia-se *Dub*); sânsc. *sâdhanâ*, "devoção perfeita", que normalmente requer o cuidadoso desempenho de um ritual mais ou menos técnico e elaborado.

120. Há muitos mastins ferozes na maioria das aldeias tibetanas, dos quais os viajantes se protegem com amuletos especiais. Essa referência aos sete mastins é tibetana, sendo mais uma evidência interna de que o *Bardo Thödol* tomou forma no próprio Tibete, e muito de sua matéria deriva da mitologia indiana e dos sistemas de filosofia *Yoga*.

[APÊNDICE]

[Em Nosso Manuscrito (mas não na xilografia), seguindo diretamente o texto do *Bardo Thödol*, há treze fólios de rituais e preces (literalmente: "caminhos dos bons desejos"), que todos os leitores profissionais do *Bardo Thödol* precisam conhecer, geralmente de memória, e aplicá-los quando for necessário;[1] e eis aqui suas versões:]

[I. INVOCAÇÃO DOS BUDAS E BODDHISATTVAS]

[Instruções ao Oficiante]: A invocação dos Budas e Boddhisattvas para ajuda, quando [alguém está] morrendo, é [assim]:

Oferece à Trindade quaisquer oferendas concretas que possam ser oferecidas [pela pessoa moribunda ou por sua família], juntamente com oferendas criadas mentalmente; e, segurando à mão [um bastão de] incenso de suave fragrância, repete, com grande fervor, o seguinte:

Ó vós, Budas e Boddhisattvas, que habitais nas Dez Direções,[2] dotados de grande compaixão, dotados de presciência, dotados de olhos divinos, dotados de amor, provedores de proteção aos seres sensíveis, condescendei por meio do poder de vossa grande compaixão, em vir até aqui; condescendei em aceitar estas oferendas materiais e [estas outras] criadas mentalmente.

Ó vós, Compassivos, vós que possuís a sabedoria do entendimento, do amor, da compaixão, o poder de [praticar] divinas ações e de proteger, de forma incomensurável. Vós, Compassivos, [fulano de tal] está passando deste mundo para o mundo do além. Ele está abandonando este mundo. Está dando um grande salto. Sem amigos [ele não os tem]. Grande é a [sua] miséria. [Ele está] sem defensores, sem protetores, sem forças e parentes. A luz deste mundo se pôs. Ele vai para outro lugar. Entra nas trevas espessas. Cai num profundo precipício. Entra na solidão da selva. É perseguido pelas Forças *Kármicas*. Penetra no Vasto Silêncio. É levado pelo Grande Oceano. É varrido pelo Vento do *Karma*. Vai para onde a estabilidade não existe. É apanhado pelo Grande Conflito. É assediado pelo Grande Espírito

1. As orientações para o uso desses rituais e orações constam do *Bardo Thödol* (pp. 61 e 146).

2. Cf. p. 145 n. 100.

da Aflição. É atemorizado e aterrorizado pelos Mensageiros do Senhor da Morte. Seu *karma* o leva a repetidas existências. Ele está sem forças. Sobreveio-lhe o momento em que terá que ir sozinho.

Ó vós, Compassivos, defendei (fulano de tal) que está indefeso. Protegei quem se encontra desprotegido. Sede suas forças e seus parentes. Protegei[-o] da grande escuridão do *Bardo*. Livrai-o do vento [ou tempestade] vermelho do *karma*. Livrai-o do grande temor e terror dos Senhores da Morte. Salvai-o da longa passagem estreita do *Bardo*.

Ó vós, Compassivos, não deixeis a força de vossa compaixão enfraquecer; mas ajudai-o. Não deixeis que ele entre na miséria [ou em miseráveis estados de existência]. Não vos esqueçais de vossos antigos votos; e não deixeis que a força de vossa compaixão enfraqueça.

Ó vós, Budas e Boddhisattvas, não deixeis a força do método de vossa compaixão enfraquecer-se para este [moribundo]. Agarrai-o com [o gancho de] vossa graça.[3] Não deixeis que os seres sensíveis caiam sob o poder do mau *karma*.

Ó vós, Trindade, protegei-o das misérias do *Bardo*.[4]

Dizendo isso com grande humildade e fé, procura tu mesmo e [todos] os outros [presentes] repeti-lo três vezes.

[II. "O CAMINHO DOS BONS DESEJOS PARA SALVAR DA PERIGOSA PASSAGEM ESTREITA DO *BARDO*"]

é [como segue]:

[1]

Ó vós, Conquistadores e vossos Filhos, que habitais nas Dez Direções,
Ó vós, Congregação dos Todo-bondosos Conquistadores Pacíficos e Irados que sois semelhantes ao oceano;
Ó vós, *Gurus* e *Devas*, e vós, *Ḍākinīs*, os Fiéis,
Escutai-nos agora com [vosso] grande amor e compaixão:
Reverenciemos, ó vós, assembléia de *Gurus* e *Ḍākinīs*;
Com vosso grande amor, guiai-nos pelo Caminho.

3. Veja-se p. 85 n. 91.

4. É interessante comparar com esta oração do Budismo do Norte a seguinte prece medieval cristã, dirigida a São Miguel, extraída do *The Craft to Know Well to Die* (cap. VI, edição de Comper, pp. 84-5): "São Miguel Arcanjo de Deus, socorrei-nos agora diante do Grande e reto Juízo. Ó invencível campeão, assisti-nos agora e ajudai este (nome da pessoa) nosso irmão, que labutou firmemente na hora do seu fim e defendei-o poderosamente do dragão infernal e de todas as fraudes dos maus espíritos. Rogamo-vos ainda, vós que sois o justíssimo e mais íntegro testemunho da divindade, para que, neste derradeiro momento da vida deste (nome da pessoa) nosso irmão, recebais benigna e docemente a sua alma em vosso santíssimo seio, e o conduzais a um lugar de refrigério, paz e repouso. Amém."

[2]

Quando, devido à ilusão, eu e outros estivermos errando pelo *Sangsâra*,
Que os *Gurus* da Linha Iluminada nos guiem,
Pelo brilhante caminho de luz da audição, da reflexão e da meditação atentas,
Que os bandos de Mães sejam nossa retaguarda,
Que sejamos salvos da terrível passagem estreita do *Bardo*,
Que sejamos postos no perfeito estado de Buda.

[3]

Quando, devido a violento rancor, [estivermos] errando pelo *Sangsâra*,
Pelo brilhante caminho de luz da Sabedoria Semelhante ao Espelho.
Que o Bhagavân Vajra-Sattva nos guie,
Que a Mãe Mâmaki seja nossa retaguarda,
Que sejamos salvos da terrível passagem estreita do *Bardo*,
Que sejamos postos no perfeito estado de Buda.

[4]

Quando, devido a intenso orgulho, [estivermos] errando pelo *Sangsâra*,
Pelo brilhante caminho de luz da Sabedoria da Igualdade,
Que o Bhagavân Ratna-Sambhava nos guie,
Que a Mãe, A-dos-Olhos-de-Buda, seja nossa retaguarda,
Que sejamos salvos da terrível passagem estreita do *Bardo*,
Que sejamos postos no perfeito estado de Buda.

[5]

Quando, devido à grande afeição, [estivermos] errando pelo *Sangsâra*,
Pelo brilhante caminho de Luz da Sabedoria Discernente,
Que o Bhagavân Amitâbha nos guie,
Que a Mãe [A]-de-Vestes-Brancas, seja a nossa retaguarda,
Que sejamos salvos da terrível passagem estreita do *Bardo*,
Que sejamos postos no perfeito estado de Buda.

[6]

Quando, devido à intensa inveja, [estivermos] errando pelo *Sangsâra*,
Pelo brilhante caminho de luz da Sabedoria Todo-realizadora,
Que o Bhagavân Amogha-Siddhi nos guie,
Que a Mãe, a Fiel Târâ, seja a nossa retaguarda,
Que sejamos salvos da terrível passagem estreita do *Bardo*,
Que sejamos postos no perfeito estado de Buda.

[7]

Quando, devido à intensa estupidez [estivermos] errando pelo *Sangsâra*,
Pelo brilhante caminho de luz da Sabedoria da Realidade,
Que o Bhagavân Vairochana nos guie,
Que a Mãe do Grande Espaço seja a nossa retaguarda,
Que sejamos salvos da terrível passagem estreita do *Bardo*,
Que sejamos postos no perfeito estado de Buda.

[8]

Quando, devido à intensa ilusão, [estivermos] errando pelo *Sangsâra*,
Pelo brilhante caminho de luz, do abandono do medo, do temor e do terror alucinatórios,
Que os bandos dos Bhagavâns dos Irados nos guiem,
Que os bandos das Deusas Iradas Ricas em Espaço sejam a nossa retaguarda,
Que sejamos salvos da terrível passagem estreita do *Bardo*,
Que sejamos postos no perfeito estado de Buda.

[9]

Quando, devido às intensas inclinações, [estivermos] errando pelo *Sangsâra*,
Pelo brilhante caminho de luz da Sabedoria Nascida Simultaneamente,
Que os heróicos Detentores do Conhecimento nos guiem,
Que os bandos das Mães, as *Dâkinîs*, sejam a nossa retaguarda,
Que sejamos salvos da terrível passagem estreita do *Bardo*,
Que sejamos postos no perfeito estado de Buda.

[10]

Que os elementos etéreos não se levantem como inimigos;
Que alcancemos ver o Reino do Buda Azul.
Que os elementos da água não se levantem como inimigos;
Que alcancemos ver o Reino do Buda Branco.
Que os elementos da terra não se levantem como inimigos;
Que alcancemos ver o Reino do Buda Amarelo.
Que os elementos do fogo não se levantem como inimigos;
Que alcancemos ver o Reino do Buda Vermelho.
Que os elementos do ar não se levantem como inimigos;
Que alcancemos ver o Reino do Buda Verde.[5]
Que os elementos das cores arco-íris não se levantem como inimigos;
Que todos os Reinos dos Budas sejam vistos.
Que todos os Sons [no *Bardo*] sejam conhecidos como nossos próprios sons;
Que todos os Resplendores sejam reconhecidos como nossos próprios resplendores;
Que o *Trikâya* seja compreendido no *Bardo*.

[III.] Aqui começam
"OS VERSOS FUNDAMENTAIS DOS SEIS *BARDOS*"

[1]

Ó, agora, quando o Lugar do Nascimento do *Bardo* desponta para mim!
Abandonando a ociosidade – já que não há ociosidade na vida [de um devoto] –
Entrando na Realidade atentamente, escutando, refletindo e meditando,

---

5. O Buda Azul é Samanta-Bhadra; o Buda Branco é Vajra-Sattva; o Buda Amarelo é Ratna-Sambhava; o Buda Vermelho é Amitâbha e o Buda Verde é Amogha-Siddhi. Aqui Samanta-Bhadra ocupa a posição amiúde atribuída a Vairochana, pois ambas as divindades são, na essência, a mesma, embora às vezes Vairochana seja representada como sendo branca em vez de azul. (Cf. o *Bardo Thödol*, do Primeiro ao Quinto Dia.)

Praticando no Caminho [o conhecimento da verdadeira natureza das] aparências e da mente, que o *Trikâya* seja compreendido:
Uma vez obtida a forma humana,
Que não haja tempo [ou oportunidade] para gastá-la [ou a vida humana] à toa.

[2]

Ó, agora, quando o Sonho do *Bardo* desponta para mim!
Abandonando a excessiva sonolência, semelhante à do cadáver, do sono da estupidez,
Que a consciência atentamente seja mantida em seu estado natural;
Entendendo [a verdadeira natureza de] os sonhos, [possa eu me] exercitar na Clara Luz da Transformação Miraculosa:
Não agindo como os brutos em sua inércia,
Que a combinação da prática do [estado de] sono e da experiência real [ou desperta] seja altamente prezada [por mim].[6]

[3]

Ó, agora, quando o *Dhyâna Bardo* desponta para mim!
Abandonando a multidão inteira de distrações e ilusões,
Que [a mente] seja mantida na disposição de infinita atenção do *samâdhi*,
Que a firmeza, tanto [nos estágios] de visualização como de perfeição, seja obtida:
Neste momento, ao meditar em concentração com [todas as outras] ações apartadas,
Que eu não caia sob o poder das enganosas e estupefacientes paixões.

[4]

Ó, agora, quando o *Bardo* do Momento da Morte desponta para mim!
Abandonando a atração e o anelo, e fraqueza por tudo [pelas coisas mundanas],
Que eu esteja atento no espaço dos brilhantes ensinamentos [iluminadores],[7]
Que eu [possa] transfundir-me no espaço celeste do Não-nascido:
Chegada a hora de partir com este corpo composto de carne e osso;
Que eu reconheça o corpo como sendo impermanente e ilusório.

[5]

Ó, agora, quando o *Bardo* da Realidade desponta para mim,
Abandonando todo o temor, medo e terror de todos [os fenômenos],
Que eu reconheça tudo o que aparecer como sendo minhas próprias formas-pensamento,
Que eu as reconheça como aparições no Estado Intermediário;
[Foi dito] "Chega um tempo em que o principal ponto decisivo é atingido;
Não temas os bandos dos Pacíficos e dos Irados, pois Eles são as tuas próprias formas-pensamento."

---

6. Há um sistema muito profundo de *Yoga* no qual o propósito do adepto é entrar à sua vontade em estado de sonho e nele realizar experiências com a plena consciência de estar em estado de sono, então tornar ao estado de vigília, lembrando-se completamente dessa experiência. Deste modo, ele compreende a irrealidade de ambos os estados – que são meramente ilusórios, fundados inteiramente em fenômenos.

7. Ou: "Que eu entre no brilhante espaço da indistração e dos ensinamentos [iluminadores]."

[6]

Ó, agora, quando o *Bardo* do [buscar] Renascimento desponta para mim!
Concentrado firmemente num único propósito,
[Possa eu] seguir o curso das boas ações por meio de repetidos esforços;[8]
Que a porta do ventre seja fechada e lembrada a repulsão:
É chegada a hora em que a energia e o amor puro são necessários;
[Que eu] rejeite a inveja e medite sobre o *Guru*, o Pai-Mãe.

[7]

[Ó] procrastinador, que não pensas na vinda da morte,
Dedicando-te aos inúteis feitos desta vida,
Imprevidente és ao desperdiçares tua grande oportunidade;
Enganado, certamente, estará teu propósito se retornares [desta vida] de mãos vazias:
Já que o Dharma Sagrado é reconhecido como tua verdadeira necessidade,
Não [te] devotarás ao Dharma Sagrado mesmo agora?"

[EPÍLOGO]

Assim dizem os Grandes Adeptos[9] em devoção.
Se o seleto ensinamento do *guru* não for guardado na mente.
Não estarás tu [Ó *shishya*] agindo como um traidor de ti mesmo?
É muito importante que estas Palavras Fundamentais sejam conhecidas.

[IV.] Aqui começa
"O CAMINHO DOS BONS DESEJOS QUE PROTEGE DO TEMOR NO *BARDO*":

[1]

Quando os lances [do dado] de minha vida se esgotarem,
Os parentes deste mundo não mais serão úteis;
Quando eu errar sozinho no *Bardo*,
[Ó] vós, Conquistadores, Pacíficos e Irados, exercendo o poder de vossa compaixão,
Fazei com que a Escuridão da Ignorância seja dissipada.

[2]

Quando eu errar sozinho, afastado dos amigos queridos,
Quando os vultos de minhas vazias formas-pensamento despontarem para mim aqui,
[Que os] Budas, exercendo o poder de sua divina compaixão,
Façam com que não haja temor nem terror no *Bardo*.

---

8. Literalmente: "[Possa eu] juntar o restante das boas ações por meio de repetido esforço." (Cf. p. 104 n. 165.)

9. Texto: *Grub-chen* (pronuncia-se *Dub-chen*); em sânsc. *Mahā-siddhas*.

[3]

Quando os claros resplendores das Cinco Sabedorias brilharem para mim agora,
Que eu, não atemorizado nem aterrorizado, os reconheça como sendo de mim mesmo;
Quando as aparições das formas Pacíficas e Iradas despontarem para mim aqui,
Que eu, obtendo a segurança do destemor, reconheça o *Bardo*.

[4]

Quando eu experimentar misérias devidas à força do mau *karma*,
Que os Conquistadores, os Pacíficos e Irados, dissipem as misérias;
Quando o auto-existente Som da Realidade reverberar [como] mil trovões,
Que eles sejam convertidos nos sons das Doutrinas *Mahāyāna*.[10]

[5]

Quando [eu estiver] desprotegido, [e] as influências *kármicas* continuarem aqui,
Suplicarei aos Conquistadores, os Pacíficos e os Irados, que me protejam;
Quando sofrer misérias, devidas à influência *kármica* das inclinações,
Que o bem-aventurado *samādhi* da Clara Luz desponte [em mim].

[6]

Quando eu assumir renascimento sobrenatural no *Sidpa-Bardo*,
Que as perversas revelações de *Mārā* não ocorram ali;
Quando eu chegar aonde quer que eu desejar,
Que eu não experimente o ilusório terror e temor do mau *karma*.

[7]

Quando os rugidos das bestas selvagens forem lançados,
Que eles sejam transformados nos sagrados sons das Seis Sílabas;[11]
Quando perseguido pela neve, chuva, vento e escuridão,
Que eu veja com os olhos celestiais da brilhante Sabedoria.

[8]

Que todos os seres sensíveis da mesma ordem harmoniosa no *Bardo*,
Sem inveja [um em relação ao outro][12] alcancem o nascimento nos planos superiores;
Quando [destinado a] sofrer intensas misérias de fome e sede,
Que eu não experimente os tormentos da fome e da sede, do calor e do frio.[13]

---

10. Isto é, nos sons da *mantra Ōm-mā-ni-pây-mê-Hūng*! e de outras *mantras* das doutrinas *Mahāyāna* e *Mantrayāna* (cf. estrofe 7, e também pp. 103 n. 161 e 114 n. 194).

11. As Seis Sílabas são: *Ōm-mā-ni-pây-mê-Hūng*! (Cf. p. 114 n. 194.)

12. Isso também pode referir-se à inveja que advém quando o sujeito está renascendo como macho ou como fêmea. (Ver p. 136.)

13. "Fome e sede" é uma referência aos sofrimentos concomitantes à existência como um *preta* (ou espírito infeliz). "Calor e frio" é uma alusão à existência nos Infernos quentes e frios.

[9]

Quando eu vir os futuros pais em união,
Que os veja como o Par [Divino], os Conquistadores, os Pacíficos e Irados Pai e Mãe;
Obtendo o poder de nascer em qualquer lugar, para o bem dos outros,
Que eu obtenha o corpo perfeito, adornado com os sinais e as graças.[14]

[10]

Obtendo para mim o corpo de um macho [que é] o melhor,
Que eu liberte todos os que me vêem ou ouvem;
Não permitindo que o mau *karma* me acompanhe,
Que todos os méritos [que forem meus] me acompanhem e se multipliquem.

[11]

Onde quer que eu nasça, ali e então,
que eu encontre os Conquistadores, as Divindades Pacíficas e Iradas;
Sendo capaz de andar e falar tão logo [houver] nascido,[15]
Que eu obtenha um intelecto não-esquecediço e relembre minha vida [ou vidas] passada.[16]

[12]

Nas diversas ciências, grandes, pequenas e médias,
Que eu possa obter maestria simplesmente após ouvir, refletir e ver;
Em qualquer lugar que eu nascer, que ele seja afortunado;
Que todos os seres sensíveis sejam dotados de felicidade.

---

14. Referência ao corpo de um Buda, no qual aparecem vários sinais e poderes paranormais.

15. Trata-se de uma referência a Buda, que, quando nasceu, diz-se haver dado cinqüenta e seis passos, sete para frente e sete para trás em cada uma das quatro direções cardeais, e de haver pronunciado uma sentença premonitória ao fim de cada catorze passos. Após essa ação paranormal, Ele, como um bebê comum, não foi capaz de andar ou falar até atingir a idade normal.

16. No *Samgīti Sūtta do Dīgha Nikāya* do Cânone Pāli do Budismo do Sul, há a seguinte explicação dada pelo próprio Buda acerca do não-esquecimento (ou esquecimento) das encarnações passadas:

"Há quatro condições para um embrião entrar no ventre:

Irmãos, neste mundo chega-se à existência no ventre da mãe sem que se saiba, permanece-se nele sem que se saiba e sai-se do ventre da mãe sem que se saiba; esta é a primeira [condição].

Irmãos, chega-se à existência no ventre da mãe intencionalmente, permanece-se nele sem que se saiba e se sai dele sem que se saiba; esta é a segunda [condição].

Irmãos, chega-se à existência no ventre da mãe intencionalmente, permanece-se nele conscientemente e se sai dele sem que se saiba; esta é a terceira [condição].

Irmãos, neste mundo, chega-se à existência no ventre da mãe intencionalmente, permanece-se nele conscientemente e se sai dele sabiamente; esta é a quarta [condição]." (Cf. o método, ensinado por Buda, para lembrar-se das vidas passadas, pp. 28-9.)

[13]

Vós, Conquistadores, Pacíficos e Irados, à semelhança de vossos corpos,
[Número de vossos] seguidores, duração de vossos períodos de vida, limite de vossos reinos,
E [à semelhança da] bondade de vosso divino nome,
Que eu e os demais vos igualemos em tudo isso.

[14]

Pela Divina Graça dos inumeráveis Todo-bondosos Pacíficos e Irados,
E pelas ondas de graça da Realidade inteiramente pura,
[E] pelas ondas de graça da devoção concentrada dos devotos místicos,
Que tudo o que for desejado seja cumprido aqui e agora,
"O Caminho dos Bons Desejos que dá Proteção contra os Temores no *Bardo*" termina aqui.

[V. COLOFÃO]

[O Manuscrito conclui com os seguintes sete versos do lama ou do escriba que o compilou, porém ele – fiel ao antigo ensinamento *lamaico* segundo o qual a personalidade humana deve se rebaixar e somente as Escrituras devem ser exaltadas ante a contemplação dos homens – não registrou seu próprio nome:]

Por minha intenção perfeitamente pura
Ao fazer isto, pelo fundamento dos seus méritos,
[Que] esses seres sensíveis sem protetor, as Mães,
[Sejam] postos no Estado de Buda:[17]
Que a radiante glória da fortuna venha a iluminar o mundo;[18]
Que este Livro seja afortunado;[19]
Que virtude e bondade sejam de todo modo aperfeiçoadas.

[Aqui termina o Manuscrito do *Bardo Thödol*.]

---

17. Dedicando todo o mérito espiritual, derivado da tarefa de transcrever nossa cópia do *Bardo Thödol*, às mães, sem distinção de raça ou religião, a fim de que elas possam ser ajudadas e alcançar o estado de Buda, o escriba testemunha a posição de respeito e honra que a democracia do Budismo sempre atribuiu à mulher.

18. Literalmente: *Jambudvipa*, nome próprio sânscrito dado ao reino dos seres humanos.

19. O texto deste verso é *Mangalam: dGeho* (pronuncia-se *Gewo*), termos sânscrito e tibetano (ambos significam "Que ele [isto é, este livro] seja afortunado"), que, em aposição, sugerem que o escriba possuía pelo menos algum conhecimento de sânscrito.

"Preenche, ó Puṇṇa, o orbe da vida sagrada
Como a lua cheia no décimo quinto dia.
Logra o perfeito conhecimento do Caminho
E dispersa todas as sombras da ignorância."
Puṇṇa, um *Bhikkhuni*.

Salmos dos Primeiros Budistas, I, iii
[trad. inglesa de Mrs. Rhys David].

ADENDOS

Estes adendos consistem em sete seções, complementares à nossa Introdução e ao Comentário, relativos a: (1) Yoga, (2) Trantrismo, (3) *Mantras* ou Palavras de Poder, (4) o *Guru* e o *Shiṣhya* (ou *Chela*) e as Iniciações, (5) Realidade, (6) Budismo do Norte, do Sul e Cristianismo e (7) O Juízo Cristão Medieval.

I. YOGA

A palavra *Yoga* (que aparece freqüentemente em nossas anotações ao texto do *Bardo Thödol*), derivada da raiz sânscrita *yuj*, que significa "unir", estreitamente ligada ao verbo inglês *to yoke*, implica uma união ou ligação da natureza humana inferior à natureza divina ou superior, de modo a permitir que o superior dirija o inferior,[1] e esta condição – essencial para a utilização bem-sucedida das doutrinas no *Bardo Thödol* – deve ser alcançada por meio do controle do processo mental. Uma vez que o campo mental está ocupado por essas formas-pensamento e processos de pensamento que surgem dos falsos conceitos, dominando universalmente a humanidade, segundo os quais os fenômenos e as aparências fenomenais são reais, existe um estado de obscuridade mental chamado ignorância, que impede o verdadeiro conhecimento. Apenas quando todos os errôneos e obscurecedores conceitos forem inibidos e varridos do campo da mente é que se torna realizável a condição primordial e não-modificada da mente, sempre isenta dessas formações de pensamento e processos de pensamento que surgem da ignorância, e, em sua realização, desponta a Iluminação, simbolizada no *Bardo Thödol* pela Clara Luz Primordial do *Dharmakāya*.

Um espelho coberto com uma espessa camada de pó, ou um vaso de cristal cheio de água lamacenta simbolizam a mente do ser humano normal obscurecida pela insciência que advém de heresias e de falso conhecimento. A *Yoga* é um método científico de remover o pó do espelho e as partículas de terra da água. Só

1. Alguns estudiosos questionam essa explicação geralmente aceita e crêem que o termo *Yoga* provavelmente signifique "prática", o que se opõe à teoria em religião. Assim sendo, o termo então implicaria uma prática *yógica* tal que produziria um indomável controle sobre os processos mentais e levaria à compreensão da Realidade. Neste sentido, a *Yoga* pode ser vista como um sistema de psicologia aplicada bem mais desenvolvida que quaisquer das ciências ocidentais conhecidas.

quando a mente assim se torna clara e límpida é que ela pode refletir a Luz da Realidade e o homem pode vir a conhecer a si mesmo. *Māyā*, ou Ilusão, é o Véu de Ísis que esconde ao homem a Imaculada e Imaculável Realidade; penetrar esse Véu e ver o que ele oculta é possível através de métodos tão precisos e certos em resultados psíquicos quanto aqueles empregados num laboratório químico europeu ou americano o são em resultados físicos. Como o ouro pode ser separado das impurezas através de métodos químicos, assim a Verdade pode ser apartada do Erro através de métodos de *Yoga*.

Como os ensinamentos fundamentais do Budismo, os ensinamentos básicos do *Bardo Thödol* não podem ser aplicados na prática sem o Correto Conhecimento; para o Correto Conhecimento ser efetivo na vida de um devoto não deve depender meramente de crença ou teoria, mas da realização; e a compreensão do Correto Conhecimento é impossível sem esse controle da mente segundo sugere a *Yoga*. Isto é confirmado pelas escrituras canônicas de todas as escolas de Budismo.[2]

Não é nosso propósito discutir aqui a complexidade dos vários aspectos e escolas de *Yoga*; pois, embora os termos técnicos e algumas das partes puramente filosóficas ou teóricas do hindu, do budista e de outros sistemas da ciência do controle da mente divirjam amiúde largamente, estamos convencidos – após muita pesquisa realizada quando vivíamos entre *yogis* de várias escolas – que a meta de todos os *yogis* é, em última análise do esoterismo, idêntica, ou seja, a emancipação da servidão da existência *sangsārica* ou fenomenal, que os hindus chamam *Mukti* e, os budistas, *Nirvāna*.[3]

A compreensão intelectual de grande parte do *Bardo Thödol* depende de pelo menos alguma explicação de *Yoga*, tal como damos aqui. A Clara Luz, referida tão freqüentemente em nosso texto – para tomar apenas uma das mais importantes doutrinas *yógicas* – é mais bem-interpretada do ponto de vista do devoto da *Yoga*, não obstante para toda a humanidade ela desponte no sobredeterminante momento da morte. A Clara Luz simboliza, pois, a condição visual na qual o sujeito se encontra no momento da morte ou, posteriormente, no Estado Intermediário. Se a visão estiver desanuviada pelas inclinações *kármicas*, que são a fonte de todos os fenômenos e aparições fantasmáticas no *Bardo*, o falecido vê a Realidade como a Clara Luz Primordial, e, se assim desejar, pode renunciar ao *Sangsāra* e passar ao *Nirvāna*, além do Ciclo de Morte e Renascimento.

Essa claridade de compreensão espiritual é, não resta dúvida, extremamente rara, sendo fruto de inumeráveis cursos de existências anteriores vividas corretamente; não obstante, o objetivo dos ensinamentos do *Bardo Thödol* é procurar pôr o sujeito, moribundo, ou falecido, no Caminho que leva à sua realização. A

2. A prática da *Yoga* foi introduzida no Budismo *Mahāyāna* por Asānga, um monge de Gāndhāra (Peshawa, Índia). Diz-se que ele se inspirou diretamente no Boddhisattva Maitreya, o Buda iminente, e que, assim, produziu as Escrituras da Escola Yoga-cārya (isto é, "Contemplativa"), chamadas *Os Cinco Livros de Maitreya* (cf. Waddell, *The Buddhism of Tibet*, p. 128).

3. O editor possui diversas traduções muito importantes, feitas pelo falecido Lama Kazi Dawa-Samdup, de tratados tibetanos sobre *Yoga*, um dos quais originário da Índia antiga. Se houver estímulo para publicá-los, o editor espera, então, registrar com mais detalhes os resultados de suas próprias pesquisas sobre *Yoga*.

não ser que, por meio do exercício da concentração mental, seja alcançado um completo controle do processo de pensamento, a fim de chegar ao Correto Conhecimento antes da morte, em virtude de haver experimentado a Iluminação (ou seja, o reconhecimento da Clara Luz num estado extático quando ainda estava no corpo humano), os lamas afirmam que a compreensão da natureza da Clara Luz é praticamente impossível para o não-iluminado.

II. TANTRISMO[4]

Sendo o *Bardo Thödol* uma obra mais ou menos tântrica,[5] e, em conseqüência, amplamente baseada na filosofia *yógica*, algum conhecimento geral do Tantrismo, assim como da *Yoga*, seria desejável para todos os leitores deste livro. Assim, registramos aqui – num mero perfil, e, por isso, incompleto e não detalhado – o seguinte material complementar sobre o Tantrismo.

Nas suas instruções preliminares, o *Bardo Thödol* faz referência à força vital ou aos ares vitais, que, de acordo com os *Tantras*, podem ser descritos assim:

4. Referências bibliográficas gerais (também para a seção III e IV seguintes): A. Avalon (Sir John Woodroffe), *Tantra of the Great Liberation*. Londres, 1913; e *The Six Centres and the Serpent Power*. Londres, 1920, Introdução; *passim*; Sir John Woodroffe, *Shakti and Shâkta*. Londres, 1920, *passim*; também Rama Prasad, *Nature's Finer Forces*. Londres, 1890, *passim*.

5. Não é fácil definir o que é um *Tantra*. De acordo com a sua etimologia tibetana, *Tantra* (em tibetano, *Regyud* – pronuncia-se *Gyud*) significa literalmente "tratado" ou "dissertação" de natureza religiosa, em geral pertencente à Escola de *Yoga* chamada *Yoga-cârya*, *Mâhâyana* (veja-se p. 161 n. 2). Considerado do ponto de vista religioso, há dois grupos principais de *Tantras*: um hindu e outro budista. O *Tantra* hindu é geralmente disposto na forma de um diálogo entre o deus Shiva, como o *Guru* Divino, e sua *shakti*, Pârvatî, freqüentemente em suas formas iradas como Bhairava e Bhairavî. No *Tantra* Budista essas divindades genuinamente hindus são substituídas por divindades budistas, por Budas e suas *shaktis*, ou por deuses e deusas. Uma característica de ambas as classes de *Tantras* é o fato de normalmente elas serem baseadas na filosofia da *Yoga*. Qual dos dois tipos é o mais antigo é uma questão controvertida; porém, os antiquíssimos *Tantras* são provavelmente muito mais antigos do que supõem os críticos europeus (que fixaram sua origem no surgimento da era cristã). Alguns *Tantras* são incontestavelmente muito modernos. De acordo com os hindus ortodoxos, os *Tantras* são de origem védica e destinaram-se a servir de Escrituras principais para essa época, a Kali Yuga. Alguns budistas reivindicam uma origem genuinamente budista para os *Tantras*. O ponto de vista hindu é, contudo, o que comumente se aceita.

Como enciclopédias de conhecimento de seu tempo, os *Tantras* são muito numerosos. Alguns concernem à natureza do cosmos, sua evolução e dissolução; à classificação dos seres sensíveis e dos vários céus, infernos, mundos; às regras divinamente instituídas que governam as relações humanas e a conduta; às numerosas formas de culto e treinamento espiritual, ritos cerimoniais, meditação, *Yoga*, deveres dos reis, leis, costumes, medicina, astrologia, astronomia, e mágica; em resumo, tratam de todo o ciclo das ciências do Oriente.

Na medida em que o *Bardo Thödol* é um ritual baseado em *Yoga* e tem como assunto principal a ciência do nascimento, da morte e do renascimento, entremesclado com descrições dos vários estados de existência e dos seres que povoam o universo, e ensina os caminhos para alcançar a salvação, ele é uma obra tântrica, embora, estritamente falando, não seja um *Tantra*.

Para um conhecimento mais detalhado dos *Tantras*, remetemos o leitor aos *Principles of Tantra*, Parte I, de Arthur Avalon, Londres, 1914.

Força Vital (sânscrito: *Prâṇa*) – O princípio humano da consciência, o Conhecedor, se veste, quando encarnado, sob cinco bainhas (sânscrito: *Koṣha*), que são: (1) a bainha física (*Anna-maya-koṣha*); (2) a bainha vital (*Prâṇa-maya-koṣha*); (3) a bainha sob a qual reside a consciência humana normal (*Mano-maya-koṣha*); (4) a bainha da subconsciência (*Vijñana-maya-koṣha*) e (5) a bainha da bem-aventurada consciência todo-transcendental da Realidade (*Ânanda-maya-koṣha*).

Na bainha vital reside a força vital (sânscrito: *prâṇa*) dividida em dez ares vitais (*vâyus*, derivado da raiz *va*, "respirar", ou "soprar", se refere à força motriz do *prâṇa*). Assim como os demônios do ocultismo de Platão são tidos como controladores das operações do Corpo Cósmico, da mesma forma estes *vâyus*, compostos de *prâṇa* negativo, controlam as operações do corpo humano. Cinco são fundamentais: (1) o *prâṇa*, que controla a inspiração; (2) o *udâna*, que controla a força vital ascendente (ou ar vital); (3) o *apâna*, que controla a força vital descendente, que expele gases, excremento, urina e sêmen; (4) o *samâna*, como a força seletiva dos *vâyus*, que acende o fogo do corpo através do qual a comida é digerida e, depois, distribuída pelo sangue e (5) o *vyâna*, que controla a divisão e a difusão em todos os processos metabólicos. Os cinco ares menores são o *nâga*, o *kûrmma*, o *kṛikara*, o *deva-datta* e o *dhananjaya*, que produzem, respectivamente, o soluço, o abrir e fechar dos olhos, o auxílio à digestão, o bocejo e a distensão.

Nervos ou Canais Psíquicos (sânscrito: *nâḍî*) – A seguir, são mencionados em nosso texto os Nervos Psíquicos. As obras sânscritas sobre *Yoga* dizem que há quatorze *nâḍîs* principais e centenas de milhares de *nâḍîs* menores no corpo humano, precisamente como os fisiologistas ocidentais dizem haver igualmente tantos nersos principais e menores. Mas os *nâḍîs* do Oriente e os nervos do Ocidente, embora literalmente os mesmos em nome, não são sinônimos. Os *nâḍîs* são canais invisíveis para o fluxo de forças psíquicas cujos agentes condutores são os ares vitais (*vâyu*).

Dos quatorze *nâḍîs* principais, três são de fundamental importância. De acordo com o nosso texto, são: o nervo mediano (sânscrito: *suṣhumnâ-nâḍî*), o nervo esquerdo (*iḍâ-nâḍî*) e o nervo direito (*pingalâ-nâḍî*). O *suṣhumnâ-nâḍî* é o nervo principal ou mediano, situado no oco da coluna vertebral (sânscrito: *Brâhma-daṇḍa*), o Monte Meru do corpo humano, o homem visto como o microcosmo do macrocosmo. O *iḍâ-nâḍî* à esquerda, e o *pingalâ-nâḍî*, à direita, enroscam-se nele como as duas serpentes se enroscam no caduceu do deus-mensageiro Hermes. Acredita-se que essa antiga batuta heráldica simboliza o *suṣhmnâ-nâḍî* e as serpentes enroladas os *iḍâ-nâḍî* e os *pingalâ-nâḍî*. Se for assim, vemos outra vez como o código-símbolo esotérico do Ocidente corresponde ao do Oriente.

Centros Nervosos Psíquicos (sânscrito: *Chakra*) – O *suṣhmnâ-nâḍî* forma uma grande via para a passagem das forças psíquicas do corpo humano. Essas forças estão concentradas nos centros ou *chakras*, como dínamos dispostos ao longo do *suṣhmnâ-nâḍî* e interligados por ele, onde são armazenados a força vital e o fluido vital dos quais todos os processos psicofísicos fundamentalmente dependem. Destes, seis são de fundamental importância. O primeiro é conhecido como o Suporte-base (*Mûlâdhârâ*) do *suṣhumnâ-nâḍî*, situado no períneo; e no *Mûlâdhârâ* está a secreta Fonte da Força Vital, presidida pela Deusa *Kundalinî*. Logo acima, acha-se o segundo *chakra* ou loto, chamado *Svâdhishṭhâna* que é o centro dos órgãos sexuais. O centro nervoso do umbigo está acima e é chamado

em sânscrito *Maṇi-pūra-chakra.* O seguinte é o centro nervoso do coração, o *Anāhata-chakra*. Na garganta está localizado o quinto centro, chamado *Vishuddha-chakra.* No *Āj̃ñā-chakra*, que é o sexto, situado entre as sobrancelhas, representado como o "terceiro olho" nas imagens do Buda e das divindades hindus, os três nervos (*nāḍīs* psíquicos principais – *suṣhumnā, īda* e *pingalā* – se unem e depois se separam. Acima de todos, por fim, na região causal do homem psíquico, como o sol do corpo emitindo seus raios para baixo sobre o cosmos do corpo humano, está o Sétimo e Supremo *Chakra*, o loto (ou *chakra*) das mil pétalas, chamado *Sahasrāra Padma*; através dele, o *suṣhumnā-nāḍī* encontra saída, a Abertura de Brahma (sânscrito: *Brāhma-randhra*) referida em nosso texto, através da qual o princípio da consciência normalmente sai do corpo na morte.

O objetivo inicial do praticante da *Yoga* é despertar aquilo que nos *Tantras* se chama a Força da Serpente, personificada na Deusa Kundalini. É no *Mūlādhāra-chakra*, na base da coluna vertebral, que contém a raiz do *suṣhumnā-nāḍī*, que essa poderosa força oculta está enrolada, como uma serpente adormecida. Uma vez posta em atividade a força da Serpente, ela irá penetrar, um por um, os centros nervosos psíquicos, até que, subindo como o mercúrio num tubo mágico, ela atinge o loto das mil pétalas no centro do cérebro. Derramando uma crista semelhante a uma fonte, ela cai dali como um aguaceiro de ambrosia celestial para alimentar todas as partes do corpo psíquico. Impregnando-se, desta forma, com a suprema energia espiritual, o *yogī* experimenta a Iluminação.

Mandalas – Quanto aos Centros Psíquicos ou *Chakras*, o *Bardo Thödol* se refere principalmente a três: (1) o Centro do Coração (*Anāhata-chakra*); (2) o Centro da Garganta (*Vishuddha-chakra*) e (3) o Centro do Cérebro (*Sahasrāra Padma*). Destes, dois são de capital importância: o Centro do Cérebro, por vezes chamado de Centro Norte, e o Centro do Coração, ou Centro Sul. Estes constituem os dois pólos do organismo humano. São considerados os primeiros centros a se formarem no embrião, e o *prāṇa* terrestre, derivado do reservatório *prānico* central no Sol do nosso sistema planetário, é considerado como aquele que dirige a sua formação.

Relacionados com esses três *chakras* principais, há três *mandalas* principais ou agrupamentos místicos de divindades, divididas em quatorze mandalas secundárias correspondentes aos primeiros Quatorze (7 + 7) Dias do *Bardo*, segundo está descrito em nosso texto.

A primeira dessas três *mandalas* principais contém 42 divindades, distribuídas em seis *mandalas* secundárias que correspondem aos Seis Dias do *Chönyid Bardo*; e elas emanam do Centro do Coração. A segunda *mandala* contém 10 divindades principais, que despontam no Sétimo Dia; e estas emanam do Centro da Garganta. A terceira *mandala* contém 58 divindades principais, distribuídas em sete *mandalas* secundárias correspondentes aos últimos Sete Dias do *Chönyid Bardo*; e emanam do Centro do Cérebro. As primeiras 42 e as últimas 58 constituem a Grande *Mandala* das 100 divindades superiores, 42 das quais são chamadas de Pacíficas e 58 de Iradas. As outras 10 divindades, relacionadas com o Centro da Garganta, que despontam entre as 42 do Centro do Coração e as 58 do Centro do Cérebro, são classificadas com as 42 divindades pacíficas. Assim sendo, quando unidas na Grande *Mandala* de todo o *Chönyid Bardo*, as divindades principais somam um total de 110.

Vale observar, também, que há uma orientação definida em todas as *mandalas*.

Os Cinco Budas Dhyānī com suas *shaktis*[6] são as principais divindades que despontam nos primeiros Cinco Dias. No Primeiro Dia, despontam apenas Vairochana e sua *shakti*. A seguir, em cada um dos quatro dias consecutivos, juntamente com um dos quatro restantes Dhyāni Budas com sua *shakti*, despontam dois *Boddhisattvas* e suas *shaktis*. Depois, no Sexto Dia, todas essas divindades, despontando numa *mandala*, se unem a 16 outras divindades: 8 guardiães de Porta, Seis Budas dos Seis *Lokas* e o *Ādi-Buda* e sua *shakti;* e todas essas divindades juntas compõem as 42 do Centro do Coração.

A seguir, após a aurora das 10 Divindades Detentoras do Conhecimento (chamadas, nas Obediências, p. 119, de Divindades do Loto) do Centro da Garganta, no sucessivo Sétimo Dia, despontam nos restantes Sete Dias as 58 divindades do Centro do Cérebro, da seguinte forma: em cada um dos primeiros cinco dias, ou do Oitavo ao Décimo Segundo Dia, um dos Herukas com sua *shakti*, ao todo 10 divindades; no Décimo Terceiro Dia, as Oito Kerimas e as Oito Htamenma; no Décimo Quarto Dia, 4 Guardiães de Porta e as 28 Divindades com cabeça de animal. No fundo do simbolismo das divindades, das *mandalas* e dos centros psíquicos há uma explicação racional, ou seja, cada divindade, à medida que desponta de seu próprio centro psíquico, representa a entrada em atividade *kármica* pós-morte de algum impulso correspondente ou paixão da consciência complexa. Como no caso de uma peça-mistério de iniciação, os atores para cada dia do *Bardo* surgem no palco da mente do falecido, que é o único espectador deles; e o diretor deles é o *karma*. Os elementos mais altos ou divinos do princípio de consciência do falecido despontam primeiro na plena glória da Clara Luz Primordial e, depois, a glória vai diminuindo sempre, as visões tornam-se cada vez menos felizes e as Divindades Pacíficas do Centro do Coração e, depois, as do Centro da Garganta se fundem nas Divindades Iradas do Centro do Cérebro. Finalmente, como as inclinações brutas ou puramente

---

6. O termo sânscrito *shakti* (literalmente, "Poder [Divino]") refere-se ao aspecto feminino ou negativo dessa força ou poder divino concentrado no ou personificado pela consorte de um deus, sendo que este representa o aspecto positivo; o adorador tântrico de *shakti* (Poder) ou forças universais divinas – personificadas como uma Deusa-mãe, é chamado de *shakta*. Os tântricos, como os antigos egípcios, exaltam o conhecimento correto dos processos de reprodução, visto não haver dúvida de que esse conhecimento deve ser exaltado ao nível de uma ciência religiosa; e nessa ciência, conforme ilustra o *Bardo Thödol*, a união dos princípios masculino e feminino da natureza, que é chamada, em tibetano, de atitude *yab-yum* (em sânscrito, respectivamente, *deva* e *shakti*), simboliza a inteireza, a reconciliação. O Poder, simbolizado pelo macho (*yab* ou *deva*), e a Sabedoria, simbolizada pela fêmea (*yum* ou *shakti*), são considerados como estando esotericamente sempre em união.

É bastante lamentável que o atual abuso da doutrina tântrica, devido à proposital perversão ou, como é mais comumente, aos equívocos resultantes de práticas (como as de certas seitas ou pessoas decadentes na Índia), impropriamente chamadas de tântricas efetuadas por não-iniciados na América e na Europa, em alguns casos, sob a égide de sociedades organizadas, tenha atraído sobre o tantrismo um merecido ódio. Tal conseqüência infeliz da falta de orientação de *gurus* adequadamente treinados tende a justificar a atitude de firme recusa do iniciado no ocultismo oriental em divulgar os ensinamentos secretos de seu culto a qualquer um, a não ser aos discípulos que passaram por um longo período de provação e se mostraram dignos de tal. Este era o ponto de vista tanto do falecido Lama Kazi Dawa-Samdup quanto de seu falecido *guru*, no Butão.

humanas – personificadas nas mais ferozes das Divindades Iradas,[7] como as que produzem horror e alucinações espectrais ameaçadoras – entram no campo da visão mental, o percipiente desmaia fugindo delas – suas próprias formas-pensamento – buscando refúgio no ventre, transformando-se desta forma num brinquedo de *Māyā* e num escravo da Ignorância. Em outras palavras, assim como o corpo do plano terrestre cresce no sentido da sua maturidade e, depois, definha e se desintegra após a morte, também o corpo do pós-morte, chamado de corpo mental, cresce dos celestiais dias de sua infância no *Bardo*, até os dias menos idealistas de sua maturidade no *Bardo* e, então, enfraquece e morre no Estado Intermediário, quando o Conhecedor, abandonando-o, renasce.

Alguma explicação para os elementos separáveis da consciência tal como se manifestam no Estado Intermediário é obtida do significado das divisões tântricas nas pétalas dos lotos ou *chakras*. Por exemplo, o Loto do Centro do Coração, ou *Anāhata-chakra*, é descrito como um loto avermelhado de doze pétalas, cada uma delas representando um dos principais elementos da personalidade (*vṛitti*), da seguinte forma: (1) esperança (*āshā*); (2) cuidado ou ansiedade (*chintā*); (3) empenho (*cheshṭā*); (4) sentimento de posse (*mamatā*); (5) arrogância ou hipocrisia (*dambha*); (6) languidez (*vikalatā*); (7) vaidade (*ahangkāra*); (8) parcialidade (*viveka*); (9) cobiça (*lolatā*); (10) duplicidade (*kapaṭatā*); (11) indecisão (*vitarka*); (12) remorso (*anutāpa*).

O Loto do Centro da Garganta, ou *Vishuddha-chakra*, também chamado de *Bhāratīsthāna*, consiste em 16 pétalas. As sete primeiras simbolizam as sete notas musicais sânscritas. A oitava simboliza o "veneno" da mortalidade. As outras sete representam as sete *mantras-sementes* e a décima sexta é o símbolo do néctar da imortalidade (*amṛitā*).

A cada uma das mil pétalas do Loto do Centro do Cérebro são esotericamente atribuídas letras de várias cores pertencentes ao alfabeto sânscrito ou tibetano, assim como outros símbolos; diz-se neste *chakra*, conter em estado potencial, tudo o que existe nos outros *chakras* (dos quais ele é o gerador) ou no universo.

Da mesma forma, cada um dos Budas Dhyānī, como já foi explicado de outro ponto de vista, simboliza atributos espirituais específicos do cosmos. Assim, Vairochana é invocado pelos tântricos do Budismo do Norte como a força universal que produz ou dá forma a tudo o que existe, seja físico ou espiritual; Vajra-Sattva (como o reflexo de Akshobhya) é a força universal invocada para neutralizar, por meio do mérito, o mau *karma*; Ratna-Sambhava, para a reprodução de todas as coisas desejadas; Amitābha, para a vida longa e a sabedoria; Amogha-Siddhi, para o sucesso nas artes e ofícios. Quanto a Vajra-Sattva, em seu aspecto puramente esotérico, dizem que todas as outras Divindades Pacíficas e Iradas da *Mandala* do *Bardo Thödol* se fundem ou se incluem nele.

7. Há duas classes de Divindades Iradas: as menos iradas (em tibetano *To'-wo*) e as mais iradas (tibetano, *Drag-po*). Ver Waddell, *op. cit.*, pp. 332-33.

III. *MANTRAS* OU PALAVRAS DE PODER

Um indício do poder das *mantras*, conforme é referido através do *Bardo Thödol*, acha-se na antiga teoria musical dos gregos; ou seja, se a nota-chave de qualquer corpo particular ou substância for conhecida, por meio do seu uso o corpo particular ou substância pode ser desintegrado. Cientificamente, todo o problema pode ser entendido pela compreensão da lei da vibração. Cada organismo apresenta sua própria freqüência vibratória, e o mesmo ocorre com todo objeto inanimado, desde o grão da areia até a montanha e mesmo todo planeta ou Sol. Quando essa freqüência de vibração é conhecida, o organismo ou forma, através do uso oculto da mesma, pode ser desintegrado.

Para o adepto do ocultismo, conhecer a *mantra* de qualquer divindade é saber como estabelecer certa comunicação psíquica ou de onda de graça, que se assemelha – mas transcende – a uma comunicação sem fio ou telepática com essa divindade. Por exemplo, se o adepto for da via da esquerda, isto é, um adepto da magia negra, ele pode, através das *mantras*, atrair e comandar ordens elementares e inferiores de seres espirituais, pois cada uma delas pertence a uma determinada freqüência, e esta, sendo conhecida e formulada como som numa *mantra*, dá ao mago o poder mesmo de aniquilar, por dissolução, o elemental particular ou o espírito ao qual a ordem pertence. Assim como um assaltante obriga o viajante, sob a mira de seu revólver, a que lhe dê o dinheiro, assim um mago negro com uma *mantra* compele um espírito a agir conforme ele deseja.

Devido a esse supremo poder do som, quando formulado em *mantras* correspondentes à freqüência particular de vibração dos seres espirituais e das forças físicas e espirituais, as *mantras* são zelosamente guardadas. E, no propósito de manter essa guarda, são estabelecidas linhagens de *gurus* (isto é, de mestres religiosos) nos quais se deposita a função de preservar as palavras de força. Os candidatos à iniciação nessa Fraternidade dos Guardiões dos Mistérios devem ser necessariamente testados diante dos Tesouros que lhes serão confiados, e eles próprios, por sua vez, se tornam Guardiões.

Após o *shishya* ser devidamente testado, é-lhe transmitida a *mantra* que confere poder sobre a Deusa do sono, Kundalini; e, quando ele a pronuncia, a Deusa desperta e vem para o seu comando. Então, grande é a necessidade do *guru*; pois a Deusa despertada pode tanto destruir como salvar, conforme a *mantra* for usada, com prudência ou não.

Assim como o ar exterior faz vibrar sons grosseiros, os ares vitais interiores (*prāna-vāyu*) são postos em movimento e utilizados por meio do uso dos sons das *mantras*: a Deusa primeiro capta o sutil som oculto e, em tons de música divina, faz com que ele suba de seu trono no Suporte Fundamental do Centro Psíquico para um após os outros Centros de cima, até sua música preencher o Loto das Mil Pétalas e, aí, ser ouvida e respondida pelo *Guru* Supremo.

A visualização de uma divindade, segundo freqüentemente se alude em nosso texto, é amiúde apenas outra maneira de pensar nas características dessa divindade. Um efeito como que *yógico* emana da visualização ou, senão, da audição da *mantra* correspondente a essa divindade; pois, ao se pronunciar a *mantra* de alguma divindade, essa divindade vai aparecer.

A menos que as *mantras* sejam corretamente entoadas, elas não têm efeito e,

quando impressas e vistas pelos olhos de não-iniciados, elas se apresentam totalmente sem sentido, e, assim, permanecem sem a guia de um *guru* humano.

Além disso, a pronunciação correta da *mantra* de uma divindade depende tanto da pureza corporal quanto do conhecimento de sua devida entonação. Por conseguinte, é necessário para o devoto primeiro purificar, por meio de *mantras* purificadoras, a boca, a língua e depois a própria *mantra*, por um processo chamado de dar vida a ou despertar o poder adormecido da *mantra*.

A habilidade oculta para usar apropriadamente uma *mantra* confere poderes sobrenaturais chamados *Siddhi*,[8] e estes podem ser usados de acordo com o caráter do adepto, tanto como magia branca, para bons atos, como para magia negra para maus fins: os caminhos da esquerda e da direita são os mesmos para este aspecto da aplicação prática dos frutos obtidos através do desenvolvimento psíquico. Um caminho leva para cima, à Emancipação, o outro para baixo, à Escravização.

IV. O *GURU*, O *SHIṢḤYA* (OU *CHELA*) E AS INICIAÇÕES

O *Bardo Thödol* aconselha muito freqüentemente o moribundo ou o falecido a se concentrar mentalmente ou a visualizar a sua divindade tutelar ou, senão, o seu *guru* espiritual; outras vezes, leva-o a relembrar os ensinamentos transmitidos a ele por seu *guru* humano, mais especificamente no momento da iniciação mística. Os *yogis* e os tântricos normalmente comentam essas orientações ritualísticas, dizendo que existem três ordens de *gurus* aos quais se presta reverência. A primeira e mais alta é simplesmente sobre-humana, chamada em sânscrito *divyaugha*, que significa "ordem celestial" (ou "divina"); a segunda é a dos seres humanos mais altamente desenvolvidos, dotados de poderes sobrenaturais ou *siddhicos*, e daí chamada *siddhaugha*; a terceira é dos mestres religiosos comuns e, por isso, chamada *mānavaugha*, "linha humana".[9]

Tanto os homens como as mulheres, se habilitados, podem ser *gurus*. O *shiṣḥya*, via de regra, é posto sob prova durante um ano antes de receber a primeira iniciação. Se ao cabo desse tempo ele prova ser um receptáculo indigno dos ensinamentos superiores, é rejeitado. Caso seja aceito, esse discípulo ficará sob os cuidados do *guru* e, cautelosamente, é preparado para o desenvolvimento psíquico. Um *shiṣḥya*, quando se encontra em provação, é simplesmente orientado no sentido de desempenhar os exercícios que são considerados adequados para as necessidades particulares dele ou dela. A seguir, quando a provação termina, o *shiṣḥya* é informado pelo *guru* quanto ao porquê dos exercícios, e quais os resultados finais que

8. *Siddhi*, aqui, significa "Poderes" obtidos pela prática da *Yoga*. Literalmente, *Siddhi* é alcançar qualquer objetivo.

9. As três ordens de *gurus* são assim chamadas não devido a qualquer diferença em seus respectivos poderes, mas por causa dos seus diferentes locais de residência. No *Tantra-rāja* (cap. I) diz-se que os *gurus* da Ordem Divya habitam sempre no Céu de Shiva, os da Ordem Siddha no Mundo Humano, e também nos Mundos do Céu, enquanto que os *gurus* da Ordem Mānava habitam somente na Terra.

deles advêm quando praticados com sucesso. Geralmente, uma vez que um *guru* é escolhido, o *shiṣḥya* não tem direito de desobedecê-lo ou de tomar outro *guru* até ser provado que o primeiro *guru* não pode seguir guiando o *shiṣḥya*. Se o *shiṣḥya* se desenvolve rapidamente devido ao bom *karma*, e chega a um estágio de desenvolvimento igual ao do *guru*, este, se não puder mais guiar o *shiṣḥya*, provavelmente o indicará a um *guru* mais avançado.

Para iniciar um *shiṣḥya* ou discípulo, o *guru* primeiro precisa preparar-se, normalmente durante um curso de exercícios rituais por vários dias, por meio do qual os *gurus*, invocando as ondas de dons da ordem divina de *gurus*, estabelecem comunicação direta com o plano espiritual no qual os *gurus* divinos existem. Se o *guru* humano for dotado de poderes *siddhicos*, acredita-se que essa comunicação seja tão real como a comunicação sem fio ou telepática entre dois seres humanos no plano terreno.

A verdadeira iniciação, que se segue, consiste em dar ao *shiṣḥya* a *mantra* secreta ou Palavra de Poder por meio da qual se efetua a reconciliação entre o *shiṣḥya*, enquanto novo membro da secreta irmandade, e o *Guru* Supremo, que se situa, como Pai Divino, acima de todos os *gurus* e *shiṣḥyas*.

A força vital ou os ares vitais (*prāṇa-vāyus*) serve como o elo psicofísico unindo o humano ao divino; e a força vital, tendo sido centrada no Sétimo Centro Psíquico, ou Loto das Mil Pétalas, pela ação da Força da Serpente despertada, por meio desse centro, como por meio de uma estação receptora sem fio, recebem as ondas de graça espirituais do *Guru* Supremo. Desta forma, a graça divina é recebida no organismo humano e se torna brilho, tal como a eletricidade se transforma em luz quando levada ao vácuo de uma lâmpada elétrica; com isto, a verdadeira iniciação é conferida e o *shiṣḥya* se torna um Iluminado.

Na linguagem oculta dos Mistérios indianos e tibetanos, o *Guru* Supremo é entronizado no pericarpo do Loto das Mil Pétalas. Para ali, através do poder da força da Serpente da Deusa Kundalini despertada, o *shiṣḥya*, guiado pelo *guru* humano, é conduzido e se inclina aos pés do Pai Divino e recebe a graça e a bênção. Levantado o Véu de *Māyā*, a Clara Luz brilha no coração do *shiṣḥya* sem empecilho. Da mesma forma que uma vela é acesa pela chama de outra vela, assim o Poder Divino é transmitido do Pai Divino, o *Guru* Supremo, ao recém-nascido, o *shiṣḥya* humano.

A *mantra* secreta conferida na iniciação, como a Palavra de Força egípcia, é a Senha necessária para a consciência passar do estado encarnado ao estado desencarnado. Se o iniciado for assaz desenvolvido espiritualmente antes de chegar o momento de separar-se do corpo físico rude, na morte, e puder, no momento de abandonar o plano terreno, lembrar-se da *mantra* mística ou Palavras de Força, a mudança transcorrerá sem perda de consciência; tampouco o *shiṣḥya* plenamente desenvolvido sofrerá qualquer ruptura na continuidade da consciência de uma encarnação para a outra.

V. REALIDADE

Ao negar a hipótese da alma, todas as escolas budistas afirmam que a imortalidade pessoal é impossível, pois toda existência pessoal não é senão um mero fluxo

de instabilidade e de contínua transformação *karmicamente* dependente do falso conceito de que os fenômenos ou aparições fenomenais, ou ainda os estados e seres fenomenais, são reais. Em outras palavras, o Budismo afirma que a mente ou a consciência individualizadas não pode compreender a Realidade.

A essência dos ensinamentos do *Bardo Thödol* quer dizer, da mesma forma, que, desde que a mente é humana, desde que é individualizada, desde que vê a si mesma como separada e apartada de todas as outras mentes, ela não é senão um brinquedo de *Māyā*, da Ignorância, que faz com que ela olhe o panorama alucinatório das existências no *Sangsāra* como real, e daí é levada a se perder no Atoleiro dos Fenômenos.

Os seguidores das crenças semíticas estão hereditariamente tão de todo dominados pela teoria da alma e da imortalidade pessoal após a morte, num paraíso ou inferno fenomenais, que para eles não pode ter alternativa; e para eles a negação budista dessa teoria parece implicar erroneamente uma doutrina da negação absoluta do ser.

A compreensão da Realidade, de acordo com o *Bardo Thödol*, depende inteiramente de expurgar da mente todo o erro, toda falsa crença e de alcançar um estado mental no qual *Māyā* não mais domine. Uma vez libertada a alma de toda obscuridade *kármica*, da suprema heresia segundo a qual as aparências fenomenais – nos céus, infernos ou mundos – são reais, então ali desponta o Correto Conhecimento; todas as formas se fundem naquela que é a não-forma, todos os fenômenos naquele que está além dos fenômenos, toda a Ignorância é dissipada pela Luz da Verdade, a personalidade é aniquilada, o ser individualizado e a dor terminam, a mente e a matéria são reconhecidas como idênticas, a consciência mundana se transforma em consciência espiritual e uno com o *Dharmakāya*, o peregrino alcança a Meta.

O grande Patriarca Ashvaghosha, que escreveu durante o século I d.C.[10] os ensinamentos essenciais do Budismo *Mahāyāna*, tal como foram transmitidos à primeira mão, oralmente, pelos iniciados diretamente no tempo do Buda, descreveu por um outro ângulo as doutrinas relativas à Realidade, em seu notável tratado intitulado *O Despertar da Fé*,[11] da seguinte maneira:

---

10. A data exata de Ashvaghosha (ou Açvaghosha) é incerta. Segundo Suzuki, que investigou a questão cuidadosamente, Ashvaghosha "viveu no período que se estende da segunda metade do século I a.C. a cerca de 50 ou 80 d.C. Quando muito, seu tempo deve situar-se não além do primeiro século da era cristã" (T. Suzuki, *The Awakening of Faith*, Chicago, 1900, p. 17).

11. Existem duas traduções inglesas de *The Awakening of Faith* do chinês, uma feita por um missionário cristão estabelecido na China, o falecido Rev. Timothy Richard, de 1894 e publicada em Xangai, em 1907, e a outra pelo erudito budista japonês Sr. Teitaro Suzuki, publicada em Chicago, em 1900. Apresentamos aqui, estabelecendo paralelos, extratos de ambas as versões. Igualmente há duas versões chinesas, ambas com base na versão original sânscrita, hoje desaparecida: uma feita em 554 d.C. por Paramartha (também conhecido como Kulanātha), missionário indiano budista que chegou na China em 546 e morreu em 569 d.C. com a idade de 71 anos; a outra versão chinesa foi iniciada em 700 d.C. por Çikshānanda, também missionário indiano budista, que morreu na China em 710 d.C. à idade de 59 anos. A tradução de Richard foi feita a partir de Paramartha e a de Suzuki a partir da de Çikshānanda.

Da Ignorância: "A Verdadeira Realidade é originalmente apenas uma, mas os graus de ignorância são infinitos; por conseguinte, as naturezas dos homens diferem de acordo com o caráter. Há desregrados em maior número que os grãos das areias do Ganges, alguns provenientes de concepções ignorantes e outros da ignorância dos sentidos e dos desejos. Assim sendo, todos os tipos de pensamentos rebeldes surgem da ignorância e possuem em conjunto infinitas diferenças que somente Ju Lai (isto é, o *Tathāgata*) conhece."[12]

"Quando, a partir da Verdadeira Realidade, o homem sabe que não existe mundo objetivo, então os diversos meios de seguir e de obedecer a essa Verdadeira Realidade surgem espontaneamente (isto é, sem pensamento e sem ação), e, quando influenciada por esse poder durante longo tempo, a ignorância desaparece. Quando a ignorância desaparece, então as falsas idéias cessam de aparecer. Ao desaparecerem as falsas idéias, o mundo objetivo anterior também se acaba. Quando as forças cessam de existir, então os falsos poderes da mente finita deixam de existir, e isso é o que se chama *Nirvāna*, quando agem somente as forças naturais da Verdadeira Realidade."[13]

Dos Fenômenos: "Todos os fenômenos existem a princípio na mente e na verdade não possuem qualquer forma exterior; logo, como não existe forma, é um erro pensar que alguma coisa exista. Todos os fenômenos simplesmente surgem das falsas noções da mente. Se a mente for independente dessas falsas idéias, então – todos os fenômenos desaparecem..."[14]

"Logo, os fenômenos dos três mundos (do desejo, da forma e da não-forma) são produtos da mente. Sem mente, então, não há praticamente existência objetiva.

---

12. Tradução de Richard (p. 18). Cf. a tradução de Suzuki (p. 89): "Embora todos os seres sejam igualmente dotados de realidade, a intensidade [da influência] da ignorância, o princípio de individuação, que age desde toda a eternidade, varia em graus tão diferentes quanto os infinitos grãos das areias do Ganges. E o mesmo ocorre com os embaraçosos preconceitos (*kleça* ou *āçrava*) como a concepção do ego, preconceitos intelectuais e afetivos, etc. [cuja eficiência varia de acordo com o *karma* previamente acumulado por cada indivíduo], – todas estas coisas só podem ser compreendidas pelo Tathāgata. Daí esses imensuráveis graus de diferenças quanto à crença, etc."

13. Tradução de Richard (p. 17). Cf. a tradução de Suzuki (pp. 86-7): "Devido a essa perfumada influência (isto é, por ignorância da realidade) somos capazes de acreditar que temos dentro de nós mesmos realidades cuja natureza essencial é pura e imaculada; e também reconhecemos que todos os fenômenos do mundo não são mais que a manifestação ilusória da mente (*ālaya-vijñāna*) e não realidades próprias. Desde que entendemos assim corretamente a verdade, podemos pôr em prática os meios de libertação, realizar essas ações que estão de acordo [com o *Dharma*]. Nem particularizamos, nem nos tornamos adstritos ao particular. Em virtude dessa disciplina e do hábito durante o lapso de inumeráveis *asamkhyeyakalpas* [literalmente, incontáveis eras], nós aniquilamos a ignorância. Deste modo, aniquilada a ignorância, a mente [isto é, *ālaya-vijñāna*] não mais se perturba a ponto de ser objeto de individuação. Não mais estando a mente perturbada, a particularização do mundo circundante é aniquilada. Assim, quando o princípio e o estado de corrupção, seus produtos e os distúrbios mentais são todos aniquilados, diz-se que obtemos o *Nirvāna* e que vários desdobramentos espontâneos de atividade são então levados a cabo."

14. Tradução de Richard (p. 26). Cf. a tradução de Suzuki (p. 107): "Numa palavra, todos os modos de existência relativa, nosso mundo fenomenal como um todo, são criados simplesmente pela particularização da mente confusa. Se nos dissociarmos desta, então todos os modos de existência relativa desaparecem por si mesmos."

Assim, toda existência surge das imperfeitas noções de nossa mente. Todas as diferenças são diferenças da mente. Mas a mente não pode ver a si mesma, pois não tem forma. Devemos saber que todos os fenômenos são criados pelas noções imperfeitas da mente finita; logo, toda existência é como que um reflexo num espelho, um reflexo sem substância, apenas um fantasma da mente. Quando a mente finita opera, surge todo tipo de coisa; quando a mente finita pára de funcionar, então todo tipo de coisa desaparece."[15]

Do Espaço: "Os homens precisam compreender que o espaço não é nada. Ele não tem existência e não é tampouco uma realidade. Trata-se de um termo em oposição à realidade. Dizemos somente que isto ou aquilo é visível a fim de podermos distinguir as coisas."[16]

Da Mente e da Matéria: "Mente e matéria são eternamente a mesma coisa. Como a essência da matéria é sabedoria, a essência da matéria é informe e se chama encarnação da sabedoria. Como a essência manifestada da sabedoria é matéria, ela é chamada de todo-impregnante encarnação da sabedoria. A matéria não-manifestada é desprovida de magnitude; segundo a vontade, ela pode mostrar-se através de todo o universo como os imensuráveis *Pusas* (isto é, homens devotos inteligentes ou Boddhisattvas), imensuráveis espíritos inspirados, imensuráveis glórias, todos diferentes, sem magnitude, sem interferirem uns nos outros. Isto é o que os sentidos comuns não podem compreender, já que é obra da Realidade Absoluta..."[17]

---

15. Tradução de Richard (p. 12). Cf. a tradução de Suzuki (pp. 77-8): "Por conseguinte os três domínios [ou *trîloka*, isto é, o domínio do sentimento (*kâmaloka*), o domínio da existência corpórea (*rûpaloka*), o domínio da incorporalidade (*arûpâloka*)] não são mais que a automanifestação da mente [isto é, *âlaya-vijñâna*, que é praticamente idêntica à realidade, *bhûtatathatâ*]. Separado da mente, não deveriam existir coisas tais como os seis sentidos. Por quê? Posto que todas as coisas, devendo o princípio de sua existência ao mental (*âlaya-vijñâna*), são produzidas pela subjetividade (*smrti*), todos os modos de particularização são a autoparticularização da mente. Contudo, estando a mente em si mesma livre de todos os atributos, ela mesma não é diferenciada. Portanto, chegamos à conclusão de que todas as coisas e condições do mundo fenomenal, hipostasiadas e estabelecidas somente através da ignorância (*avidya*) e pela subjetividade (*smrti*) por parte de todos os seres, não possuem mais realidade do que as imagens num espelho. Elas simplesmente evoluem da idealidade de uma mente particularizadora. Quando a mente está perturbada, ocorre a multiplicidade de coisas; mas quando a mente está quieta, a multiplicidade de coisas desaparece."

16. Tradução de Richard (pp. 24-5). Cf. a tradução de Suzuki (p. 107): "Fique compreendido claramente que o espaço nada mais é que um modo de particularização e que não tem nenhuma existência em si mesmo. Onde há percepção de espaço, há ali conjuntamente percepção de uma variedade de coisas, em contraste com a qual o espaço é considerado como se existisse independentemente. O espaço, por conseguinte, existe apenas em relação à nossa consciência particularizadora."

17. Tradução de Richard (pp. 24-5). Cf. a tradução de Suzuki (pp. 103-04): "Portanto, a matéria (*rûpa*) e a mente (*cittta*) não são uma dualidade. Assim falamos [do universo como] de um sistema de racionalidade (*prajñakâya*), vendo que a natureza real da matéria simplesmente constitui a norma da mente. Falamos também [do universo como] de um sistema de materialidade (*Dharmakâya*), vendo que a verdadeira natureza da mente constitui simplesmente a norma da matéria. Ora, dependendo do *Dharmakâya*, todos os *Tathâgatas* se manifestam em formas corpóreas e estão incessantemente presentes em todos os pontos do espaço. E os Boddhisattvas nos dez quadrantes, de acordo com suas capacidades e desejos, são capazes de manifestar infinitos Corpos de Felicidade e infinitas regiões de ornamentação, cada um dos quais, embora timbrado com as marcas de individualidade, não impede que os outros se fundam nele e tal [mútua fusão] não tem interrupção. Mas a manifestação do *Dharmakâya* em [infinitas] formas corpóreas não é compreensível ao pensamento e ao entendimento da gente comum, pois ela é a mais livre e sutil ação da realidade.

"De acordo com a Realidade Absoluta, não há distinção entre mente e matéria; é devido à contaminação do finito no círculo da vida e da morte que essas distinções aparecem..."[18]

"Quanto às imundícies do mundo, todas são falsas; não possuem realidade por trás delas."[19]

"Finalmente, para abandonar falsos conceitos, é preciso saber que pureza e imundície são termos relativos, e não possuem existência independente. Embora todas as coisas desde a eternidade não sejam nem matéria nem mente, nem sabedoria infinita nem conhecimento finito, nem existentes nem inexistentes, mas são afinal inexprimíveis, não obstante, nós usamos palavras, e devemos saber que o hábil uso das palavras de Buda para guiar os homens corretamente repousa nisso: lograr com que os homens parem de conjecturar e retornem à Realidade Absoluta, pois o melhor pensamento humano de todas as coisas é apenas temporário e não Verdade Absoluta."[20]

Da Natureza da Mente Primordial: "A mente, desde o início, é de natureza pura; mas, uma vez que há o seu aspecto finito que é contaminado por visões finitas, há o maculado aspecto da mente. Embora haja essa imundície, não obstante a natureza pura original permanece não-modificada. Este mistério somente o Iluminado compreende."[21]

"Se não existisse a Verdadeira Natureza Real da mente, então toda existência também não existiria; não haveria nada para mostrá-la. Se a Verdadeira Natureza

---

18. Tradução de Richard (p. 26). Cf. a tradução de Suzuki (pp. 108-09): "Fique claramente entendido que a realidade (*bhûtatathatâ*) não tem nada a ver com qualquer forma de distinção produzida por contaminação e, mesmo no caso de dizermos que ele possui inúmeras características meritórias, estas estão livres das marcas da contaminação."

19. Tradução de Richard (p. 27). Cf. a tradução de Suzuki (p. 109): "... objetos contaminados... não são mais que não-entidade; portanto, não têm existência própria (*svabhâva*)..."

20. Tradução de Richard (pp. 27-08). Cf. a tradução de Suzuki (pp. 112-13): "Aquele que estiver absolutamente livre de particularização e apego compreenderá que todas as coisas puras ou contaminadas têm apenas uma existência relativa. Portanto, fique compreendido que todas as coisas neste mundo não são de início nem matéria (*rûpa*), nem mente (*citta*), nem inteligência (*prajñâ*), nem consciência (*vijñâna*), nem não-ser (*abhâva*), nem ser (*bhâva*); são, enfim, inexplicáveis. A razão por que o Tathâgata, não obstante, procura instruir através de palavras e definições reside em sua boa e excelente habilidade [ou expediência, *upâyakauçalya*]. Ele provisoriamente faz uso de palavras e definições para guiar todos os homens, já que seu verdadeiro objetivo é fazê-los abandonar o simbolismo e entrar diretamente na verdadeira realidade (*tattva*). Pois se eles se entregarem a raciocínios, se apegarem a sofismas e, assim, favorecerem sua particularização subjetiva, como poderiam ter a verdadeira sabedoria (*tattvajñâna*) e alcançar o *Nirvâna*?"

21. Tradução de Richard (p. 13). Cf. a tradução de Suzuki (pp. 79-80): "Enquanto a essência da mente é eternamente limpa e pura, a influência da ignorância torna possível a existência de uma mente contaminada. Mas, apesar da mente contaminada, a [própria] mente é eterna, clara, pura e não-sujeita a transformação. Além disso, como a sua natureza original está livre de particularização, ela não conhece em si qualquer transformação, embora produza em toda parte os vários modos de existência. Quando a unidade da totalidade das coisas (*Dharmâ-Dhâtu*) não é reconhecida, então surge a ignorância, bem como a particularização, e todos os aspectos da mente assim contaminada se desenvolvem. Mas o significado desta doutrina é tão profundo e imensurável que pode ser plenamente compreendido pelos Budas e por ninguém mais."

Real da mente permanece, então a mente finita continua. Somente quando as estultícias da mente finita cessarem, cessará a mente finita. Não é a sabedoria da Verdadeira Realidade que cessa."[22]

Da mesma forma que um homem que perdeu seu rumo chama o leste de oeste, embora o leste e o oeste não tenham mudado na realidade, assim [acontece] com a humanidade perdida na ignorância, chamando seus pensamentos de mente do universo! Mas a mente é o que sempre foi, toda não-modificada pelo pensamento dos homens. Quando os homens considerarem e compreenderem que esta Mente Absoluta não necessita dos seus pensamentos, eles estarão seguindo o caminho certo de alcançar o Ilimitado."[23]

Da Natureza do Absoluto: "Não é que ele [o Absoluto] tenha tido origem em algum tempo, ou tenha fim alguma vez; ele é realmente eterno. Em sua natureza, ele é sempre pleno de todas as possibilidades, sendo descrito como de grande luz e sabedoria, dando luz a todas as coisas, real e sagaz. Sua verdadeira natureza é a de uma mente pura, eternamente jubilosa, a verdadeira natureza das coisas, pura, calma, não-modificada; logo, ele [é] livre, com plenitude de virtudes e atributos *bódhicos* mais numerosos que os grãos das areias do Ganges, divina, interminável, não-modificada e inefável."[24]

---

22. Tradução de Richard (p. 15). Cf. a tradução de Suzuki (p. 84): "Que a ignorância seja aniquilada, assim como o sintoma de distúrbios [na mente] também será aniquilado, enquanto que a essência da mente [isto é, o *suchness*] também permanece a mesma. Só quando a própria mente for aniquilada é que todos os seres deixarão de existir, pois então não haveria mais nada por meio do qual eles pudessem se manifestar. Mas, enquanto a mente não for aniquilada, seus distúrbios podem continuar."

23. Tradução de Richard (p. 25). Cf. a tradução de Suzuki (pp. 105-06): "Assim como um homem perdido toma o leste pelo oeste, embora o quadrante não seja alterado devido à sua confusão, do mesmo modo todos os seres, devido à ignorância desencaminhadora, imaginam que a mente está sendo perturbada, quando na realidade ela não está. Porém, ao compreenderem que o distúrbio da mente [isto é, o nascimento-e-morte] é [ao mesmo tempo] imortalidade [a saber, o *suchness*], eles então entrarão na porta do *suchness*."

24. Tradução de Richard (p. 21). Cf. a tradução de Suzuki (pp. 95-6): "Ele não foi criado no passado, nem se extinguirá no futuro; ele é eterno, permanente, absoluto; e desde toda a eternidade ele, cabalmente, abarca em sua essência todos os méritos possíveis (*punya*). Ou seja, o *suchness* tem as seguintes características: o fulgor de grande sabedoria; a iluminação universal do *Dharma-Dhâtu* [universo]; o verdadeiro e adequado conhecimento; a mente pura e clara em sua própria natureza; o eterno, o glorioso, o que governa a si próprio e o puro; o tranqüilo, o imutável e o livre. E não há heterogeneidade em todos aqueles *Buda-dharmas*, que, ultrapassando em números os grãos de areia do Ganges, tampouco pode ser idêntico (*ekârtha*) ou não-idêntico (*nânârtha*) [à essência do *suchness*] e que, portanto, estão além da esfera da nossa compreensão."

Essa descrição do Absoluto é também uma descrição do *Dharmakâya*, pois os dois termos são sinônimos. Um estudioso moderno do Budismo, Sr. P. Lakshmi Narasu, em *The Essence of Buddhism* (Madras, 1912), pp. 352-53, descreve assim o *Summum Bonum*: "O Budismo nega um Ishvara [isto é, uma Divindade Suprema, pois mesmo o Buda Primordial não é tal e, sim, apenas o Primeiro Buda hipotético do *lama*]; e este último não pode, portanto, ser a sua meta e ponto de repouso. A meta do budista é o estado de Buda e a essência do estado de Buda é o *Dharmakâya*, a totalidade de todas essas leis que permeiam os fatos da vida e cujo reconhecimento exato constitui a iluminação. O *Dharmakâya* é o nome mais abrangente com o qual o budista resume sua compreensão e também seu sentimento do universo. *Dharmakâya* significa que o universo, para o budista, não aparece como um simples mecanismo,

"Como a natureza por trás de toda experiência não tem começo, também não tem fim – isto é o verdadeiro *Nirvâna*..."[25]

"Por trás de toda existência está naturalmente o Supremo *Nirvâna* [ou Supremo Repouso]."[26]

Assim Ashvaghosha dá testemunho do vigor da suprema filosofia da Escola Mahâyâna subjacente no *Bardo Thödol*; e, como um comentarista independente, confirma as nossas interpretações.

VI. BUDISMO DO NORTE, DO SUL E CRISTIANISMO

Poder-se-ia incluir aqui farta matéria para assinalar as diferenças que existem entre as duas grandes Escolas do Budismo, a do Norte e a do Sul, às vezes chamadas de *Mahâyâna* (que significa "Caminho Maior") e *Hînayâna* (ou seja, "Caminho Menor" – nome até certo ponto depreciativo, jamais usado pelos budistas do Sul).[27]

O Budismo do Norte distingue-se principalmente por seu sacerdócio hierárquico e mais altamente organizado, sua ênfase nos rituais, sua elaborada doutrina das emanações divinas, suas missas e cultos parecidos com os dos cristãos, seu tantrismo, seus Budas Dhyânî, Boddhisattvas e seu amplo panteão, sua crença num Buda Primordial, sua maior insistência na *Yoga*, sua sutil filosofia e seus ensinamentos transcendentais relativos ao *Trikâya*.

No Budismo do Sul, ao contrário, há um sacerdócio organizado bastante livremente, sem chefes reconhecidos como o Dalai Lama, que é o Rei-Deus, e o Tashi Lama, que é o Chefe Espiritual Superior do Lamaísmo. Não há rituais reco-

---

mas sim como algo que pulsa com vida. Além disso, significa que o fato mais significativo sobre o universo é seu aspecto intelectual e sua ordem ética, especialmente em suas esferas superiores. Ainda mais, implica que o universo é uno na essência e de forma alguma caótico ou dual... *Dharmakâya* não é uma abstração insignificante, mas esse aspecto da existência que torna o universo inteligível, universo que se mostra na causa e no efeito... *Dhamakâya* é essa tendência ideal das coisas, que se revela mais completamente na vontade racional e nas aspirações morais do homem... É o tipo inspirador impersonalizado de toda mente racional aperfeiçoada. Sem *Dharmakâya*, não haveria nada que constituísse a personalidade, nem razão, nem ciência, nem aspiração moral, nem ideal, nem objetivo e propósito na vida do homem... *Dharmakâya* é a norma de toda existência, o padrão da verdade, a medida da retidão, a lei segura; é isso que, na constituição das coisas, torna certos modos de conduta benéficos e outros prejudiciais."

25. Tradução de Richard (p. 27). Cf. a tradução de Suzuki (p. 112): "É preciso ficar claramente compreendido que a essência dos cinco *skandhas* é não-criada – não havendo a sua aniquilação; e que, desde que não há a sua aniquilação, eles são em sua origem (metafísica) o próprio *Nirvâna*."

26. Tradução de Richard (p. 31). Cf. a tradução de Suzuki (p. 121): "... todas as coisas (*sarvadharma*) são, de início, em sua natureza, o próprio *Nirvâna*."

27. Aqui, Sj. Atal Behari Ghosh contribuiu com a seguinte nota: "*Mahâyâna* pode significar – e possivelmente significa – 'Caminho (ou 'Viagem') Maior' ou 'Superior' e, *Hînayâna*, 'Caminho (ou 'Viagem') Menor' ou 'Inferior'. *Yâ* (de *Yâna*) significa 'ir' e *Yâna* 'aquilo através do do qual se vai'. Os orientalistas ocidentais adotaram o termo 'Veículo' como equivalente de *Yâna*, de modo que é o significado mais comum dado nos livros escolares, mas é preferível 'Caminho'."

nhecidos comparáveis com os da Escola do Norte, pouco ou nada claramente tântrico e nenhum culto dos Budas Dhyāni ou de um Buda Primordial, mas sim uma crença que se limita aos *devas* e aos demônios. O único Boddhisattva invocando e em forma de imagens nos templos é o futuro Buda, Maitreya. Embora teoricamente se insista na *Yoga*, ela parece ser pouco praticada pelos budistas do Sul desde os tempos de Buddhaghosa e seus sucessores imediatos, quando, diz-se, foi famoso o Ceilão Budista – tal como o Tibete budista o é agora – por seus grandes santos ou *yogis*. Que existe um Budismo transcendental, baseado principalmente em ensinamentos tântricos e na *Yoga* aplicada, tal como os lamas afirmam possuir por meio de transmissão oral direta dos tempos do Buda, isto o Budismo do Sul nega, pois afirma que Buda não ensinou doutrinas superiores ou outras doutrinas além daquelas registradas no *Tripitaka* ou Cânone Páli. Da mesma forma, a doutrina da Trindade Esotérica ou *Trikāya* não é proposta pelo Budismo do Sul, ainda que existam claras referências ao *Dharmakāya* no *Aggañña Suttânta* do *Digha Nikāya*, onde Buda fala do *Dharmakāya* a um sacerdote brâmane chamado Vasetta (em sânscrito, *Vashiṣhṭha*); e a obra cingalesa conhecida como *Dharma-Pradīpikā* contém elaboradas exposições do *Rūpakāya* e do *Dharmakāya*.[28]

A hipótese dos apologistas cristãos de que o Budismo do Norte, em sua diferenciação do Budismo do Sul, foi originariamente afetado pelos antigos missionários cristãos parece ser improvável – na medida em que diz respeito às doutrinas realmente fundamentais – pelo importante fato (mas só recentemente tornado conhecido aos eruditos ocidentais, com a descoberta de alguns dos escritos do maior dos Pais da Igreja Budista do Norte, ou seja, o Patriarca Ashvagosha) de que o Budismo do Norte era, no primeiro século d.C., fundamentalmente o mesmo que é agora e que foi antes da Era Cristã. Se houve influências cristãs, conforme afirmam, introduzidas pelos nestorianos ou por Santo Tomás, ou pelos missionários posteriores, parece que tais influências poderão ter sido, no máximo, superficiais.[29] Nossa opinião – que é, naturalmente, apenas hipotética, considerando-se o quão pouco são conhecidas hoje as influências interdependentes do Hinduísmo, do Budismo e de outras religiões orientais e do Cristianismo – é a de que o Cristianismo, que provavelmente se formou, não apenas em sua simbologia pré-cristã e nos seus rituais, mas em suas crenças, por meio das doutrinas religiosas que o precederam e fora das quais ele se desenvolveu. O monasticismo cristão, por exemplo, conforme os estudos feitos sobre os primeiros séculos da Era Cristã no Egito, com suas práticas semelhantes à *Yoga*, teve, aparentemente, relação direta com os sistemas monásticos mais antigos, tais como os do Hinduísmo, do Budismo, do Jainismo e do Taoísmo. As duas grandes doutrinas do Cristianismo, a saber, a da Trindade e a da Encarnação, não são únicas, conforme se acreditava anteriormente; não apenas ambas se desenvolveram na Índia, em tempos pré-cristãos, mas eram também doutrinas principais na crença osiriana do Egito Antigo, pelo menos há seis mil anos atrás. A Igreja Cristã Gnóstica primitiva, como expoente de um Cristianismo esotérico,[30] em geral também estava de acordo com os velhos ensinamentos orientais relativos ao Renascimento e ao *karma*, que a Igreja Cristã posterior ou exotérica finalmente repudiou, decretando o Segundo Concílio de Constantinopla, em 553, que "Todo aquele que defender a doutrina mística da preexistência da alma e a conseqüente assombrosa opinião de que ela retorna, seja anátema". O próprio *Sermão da Montanha*, segundo indica um estudo do Cânone Páli pré-cristão, poderia muito bem ser visto, como o fazem muitos estudiosos do Budismo, como uma reafirmação cristã das doutrinas que Buda, também, formulou como uma herança dos Budas pré-históricos.[31] São principalmente as doutrinas das Igrejas Cristãs modernas as que se orgulham de não terem ensinamentos esotéricos, e não as do Cristianismo primitivo, que apresenta um esoterismo elaborado que difere amplamente das doutrinas do Budismo e de outras religiões orientais; e, entre estas doutrinas, as mais notáveis são: (1) a doutrina de que há uma vida sobre a Terra, seguida de um paraíso sem fim ou, senão, de um inferno eterno; (2) a do perdão dos pecados através do sacrifício sangrento de um Salvador; (3) a da singularidade da Encarnação Divina, conforme é exemplificada pelo Fundador do Cristianismo.

O estudioso do Ocidente, cuja visão de mundo foi mais ou menos afetada por essa teologia do Cristianismo da Igreja do Concílio, mais que pelo Cristianismo primitivo ou gnóstico, precisa compreender exatamente como o Budismo difere no fundamental do Cristianismo moderno.

Assim sendo, à diferença da Igreja moderna ou do Concílio, o Cristianismo que prega a dependência de um poder exterior ou Salvador, o Budismo prega apenas a dependência do esforço individual, se se quer obter a salvação. Na prática, e em grau limitado na teoria, esta doutrina fundamental da autodependência é

---

28. Cf. *Lakshmi Narasu*, *The Essence of Buddhism*, Madras, 1912, p. 352n.

29. Huc, em seu *Travels in Tartary* (trad. inglesa de Hazlett, II, 84) observa que Tsoń Khapa, o fundador da Igreja Gelugpa ou Reforma Estabelecida do Tibete, estava familiarizado com o Cristianismo através dos sacerdotes romanos que, ao que parece, estiveram em missão próximo ao lugar de seu nascimento, na província de Amdo, na China. Mas, como Tsoń Khapa havia nascido durante a segunda metade do século XIV e fundara a Gelugpa no início do século XV, uma provável influência cristã não teria nenhuma importância em relação à primitiva e não-reformada Igreja Ñingmapa, fundada por Padma-Sambhava no século VIII, época da origem do nosso manuscrito. A semi-reformada seita Kargyütpa, também, precede a Gelugpa, tendo sido fundada na última metade do século XI por Marpa (ver. p. 104 n. 164), cujo *guru* principal era o Pandita Atisha, um indiano (cf. Waddell, *The Buddhism of Tibet*, pp. 54-75).

30. Orígenes, discípulo de São Clemente de Alexandria e o mais bem-informado e ilustrado dos Pais da Igreja, afirmou que a doutrina do renascimento e do *karma* era cristã. Devido a essa sua crença, duzentos e noventa e nove dias após a sua morte foi decretada contra ele excomunhão pela Igreja exotérica. Orígenes afirmou: "mas que devem existir certas doutrinas não conhecidas para a multidão, que são [reveladas] após as exotéricas terem sido ensinadas, não é uma peculiaridade só do Cristianismo, mas também dos sistemas filosóficos nos quais certas verdades são exotéricas e outras esotéricas" (*Orígenes Contra Celsum*, Livro I, c. VII). Que Orígenes era um perfeito cristão sob este ponto de vista – a despeito da sua condenação como "herético" pelo corrupto Segundo Concílio de Constantinopla, presidido pela Igreja exotérica – está claro segundo estas palavras atribuídas ao próprio fundador do Cristianismo: "A vós [que sois os discípulos escolhidos] é dado conhecer o mistério do Reino de Deus; mas àqueles que não o são [isto é, a multidão] todas estas coisas são dadas em parábolas: pois ver, eles podem ver, mas não perceber; e ouvir eles podem ouvir, mas não entender" (Marcos, IV, 11-12); cf. São Paulo em *I. Coríntios*, II, 7; III, 1-2; e *Pistis Sophia*, i, 9, 12, 15 e *passim*, tradução de G. R. S. Mead (Londres, 1896).

31. Cf. A. J. Edmunds, *Buddhist Texts in John* (Filadélfia, 1911); também *Buddhist and Christian Gospels* (Filadélfia, 1908).

modificada no Lamaísmo – conforme está exemplificado no *Bardo Thödol* – e o devoto apela diretamente aos Budas Dhyâni e às divindades tutelares, de modo bastante semelhante ao dos cristãos, que apelam para Jesus, os santos e os anjos. Da mesma forma, o Budismo do Norte e a Igreja Cristã do Concílio, à diferença do Budismo do Sul, têm suas missas e cerimônias eucarísticas.

Em segundo lugar, conforme já foi assinalado, a Igreja Cristã do Concílio condena as doutrinas do Renascimento e do *karma* (que o Cristanismo gnóstico ou primitivo aceitava) enquanto o Budismo as defende.

Em terceiro lugar, ambas as fés mantêm divergentes pontos de vista quanto à existência ou não-existência de uma Divindade Suprema. A "Paternidade de Deus" como uma divindade pessoal e antropomórfica é a pedra angular da Teologia Cristã. Contudo, no Budismo – embora Buda não tenha afirmado ou negado a existência de uma Divindade Suprema – ela não ocorre, pois, como o mesmo Buda afirmou, não é o acreditar ou o não-acreditar numa Divindade Suprema, mas sim o esforço individual para agir corretamente o essencial para se compreender a verdadeira natureza da vida.

Buda "não argumentou que Ishvara era causa; tampouco Ele advogou alguma causa herética, nem ademais afirmou que não havia causa para o começo do mundo". Ele dizia: "Se o mundo foi criado pelo *deva* Ishvara... não deveriam existir coisas como dor ou calamidades, nem a ação certa ou a errada; pois todos, tanto os atos puros como os impuros, devem proceder do *deva* Ishvara... Além disso, se Ishvara é o criador, todas as coisas vivas deveriam submeter-se [a Ele] silenciosamente, pacientes ante o poder do criador; e, então, que utilidade haveria em se praticar a virtude? seriam iguais, então, a ação certa e a errada... Assim, vede, o pensamento de Ishvara é destruído nesta discussão [*shâstra*]."[32]

Embora o Grande Mestre tenha afastado, como sendo não-essencial para a iluminação espiritual da humanidade, a crença e a não-crença numa Divindade Suprema – mais especialmente numa Divindade Suprema antropomórfica – Ele, contudo, transformou em pedra angular do Budismo (assim como do Hinduísmo) a crença num Poder Supremo ou Lei Universal, chamada de Lei da Causa e Efeito, pela ciência do Ocidente e, pela ciência do Oriente, de *karma*. "Colhereis aquilo que semeardes", disse Buda; do mesmo modo como São Paulo escreveu bem mais tarde: "O que quer que o homem semear ele o colherá."

Além disso, conforme já foi assinalado, o Budismo nega que possa existir uma entidade permanente, não-modificável e pessoal tal como a que a teologia cristã chama de "alma". O Budismo nega também a possibilidade de se alcançar um estado de eterna felicidade dentro do *Sangsâra* (isto é, no universo dos fenômenos); pois a Realidade, ou *Nirvâna*, é, para todas as Escolas de Budismo, não-*sangsârica*, estando além de todos os céus, infernos e mundos, num estado que só pode ser compreendido através da realização pessoal dele.

Por conseguinte, Buda não pregou a existência de qualquer Pai no Céu, ou de um Único Filho, tampouco qualquer método de salvação para a humanidade

32. Cf. *Fo-sho-hing-tsan-king* (vv. 1455-68), uma professa versão chinesa do *Buddha-Karita*, de Ashvaghosha, feita por um sacerdote budista indiano chamado Dharmaraksha, por volta de 420 d.C., traduzida [para o inglês] por S. Beal em *The Sacred Books of the East*, XIX. Oxford, 1883, pp. 206-08.

além daquele conquistado pelo esforço individual que leva ao correto Conhecimento. Conforme todos os budistas acreditam, Ele encontrou o Caminho como o resultado de inúmeros períodos de vida de evolução espiritual, e tornou-se o Plenamente Desperto, o Iluminado, extinguindo completamente o *Sangsâra* da Impermanência e do Infortúnio. Ele alcançou a Meta de toda existência – a Supramundanidade – através da autodisciplina. Os budistas O veneram, não como os cristãos fazem, como um Salvador, mas como um Guia, cujos passos todos devem seguir se se quer compreender a Verdade e alcançar a Salvação.

Embora existam preces, como no *Bardo Thödol*, dirigidas aos poderes mais altos que os humanos, e embora todos os budistas prestem aquilo que, na verdade, é uma espécie de culto a Buda, a doutrina do Correto Conhecimento através do autodesenvolvimento jamais é perdida de vista. Não há jamais essa quase completa dependência em relação às forças externas que o Cristianismo prega; tampouco existe em qualquer lugar (no Budismo) um equivalente à crença cristã do perdão dos pecados através do arrependimento, ou a fé num Salvador ou por meio de uma expiação vicária. Alguns dos rituais do Budismo do Norte talvez sugiram uma semelhança com a teoria cristã do perdão ou da absolvição dos pecados, que, mais que qualquer outra doutrina subordinada peculiar ao Budismo do Norte, pode possivelmente, não obstante, ser explicada como tendo sido modelada – se é que qualquer das doutrinas *Mahâyâna* o foi – pelo Cristianismo. Mas, em última análise, esses rituais na verdade implicam – afastando-se qualquer possível transformação devida ao Cristianismo –, segundo todo o Budismo do Sul claramente ensina, que apenas o mérito, ou uma igual quantidade de bom *karma*, pode neutralizar a mesma quantidade de mau *karma*, da mesma forma que, na Física, duas forças igualmente equilibradas se neutralizam.

Contudo, no Budismo, como em toda religião, costuma haver ampla divergência entre os ensinamentos originais e as atuais doutrinas e práticas; e, por conseguinte, o *Bardo Thödol*, como um tratado ritual, não é exceção. Não obstante, por baixo do simbolismo do *Bardo Thödol*, devem ser descobertos, por aqueles que têm olhos para ver, os ensinamentos essenciais do Budismo do Norte, por vezes chamado – em contraste com o Budismo do Sul – de Budismo Superior.

VII. O JUÍZO CRISTÃO MEDIEVAL

Em relação ao difícil problema das origens, referido em parte em nossa Introdução concernente ao Juízo Final (pp. 24-7), assim como ao das prováveis influências do Budismo e de outras crenças orientais – inclusive da Doutrina Osiriana – sobre o Cristianismo, é interessante comparar com a versão do Juízo do *Bardo Thödol* (pp. 127-29) a versão similar no tratado medieval intitulado *A Lamentação da Criatura Moribunda* (de data incerta, mas provavelmente dos séculos XIV ou XV) que se acha no Museu Britânico sob o código de Manuscrito Harl. 1706 (fólio 96), edição de Comper (pp. 137-68):

"*A Criatura Moribunda, indisposta por Enfermidade incurável, aflitivamente Lamentou-se a ele assim*: 'Ai de mim que sempre pequei em minha vida. Para mim é chegado este dia dos mais terríveis de que jamais tive notícia. Aqui tem estado comigo este sargento-de-armas cujo nome é Crueldade, do Rei dos Reis, Senhor de

todos os Senhores e Juiz de todos os Juízes; atingindo-me com a maça de Seu ofício, me diz: 'Prendo-te e te previno a estares pronto... O Juiz que deliberará sobre ti, não será parcial, nem será corrompido com bens, mas sim te ministrará justiça e eqüidade...'"

"*A Lamentação da Criatura Moribunda:* 'Ai de mim! Ai de mim! Perdoai-me, eu não posso falar, e quem eu desejaria que falasse por mim eu não sei (isto é, não conheço). O dia e o momento são tão terríveis; o Juiz é tão justo; meus inimigos são tão maus; meus parentes, meus vizinhos, meus amigos, meus criados, não me são favoráveis; e sei bem que eles não serão ali ouvidos.'"

"*A Lamentação da Criatura Moribunda ao Anjo Bom:* 'Ó meu Anjo Bom, a quem meu Senhor incumbiu de guardar, onde estais agora? Penso que deverias estar aqui, e responder por mim; pois o pavor da morte me perturba, de modo que não posso responder por mim mesmo. Aqui está meu anjo mau pronto, e ele é um dos meus principais acusadores, e com ele legiões de demônios. Não tenho nenhuma criatura para responder por mim. Ai de mim, meu caso é grave.'"

"*A Resposta do Anjo Bom à Criatura Moribunda:* 'Quanto aos vossos maus atos, eu jamais os consenti. Vi que vossa natural inclinação estava mais disposta a ser orientada pelo vosso anjo mau do que por mim. Seja como for, não podeis vos desculpar, pois, quando estivestes disposto a fazer qualquer coisa contrária aos mandamentos de Deus, eu não deixei de vos lembrar de que isso não estava correto; e te aconselhei a fugir do lugar de perigo, e da companhia que vos induziria ou moveria a isso. Podeis negar isso? Como podeis pensar que eu deveria responder por vós?'"

Ainda que a Criatura Moribunda apele pela ajuda da Razão, da Consciência e das Cinco Inteligências – bastante conforme à maneira de *Everyman*,* talvez o mais conhecido dos mistérios medievais (provavelmente derivado da difusão do orientalismo na Europa) – ninguém pode socorrê-la. Por isso, em seu apelo final à Virgem, através da Fé, da Esperança e da Caridade como mediadoras, e no resultante apelo da Virgem ao Filho, é introduzida a doutrina cristã do perdão dos pecados, em oposição à doutrina do *karma* tal como está exposta no *Bardo Thödol*. Tal introdução sugere que essa curiosa versão cristã do Juízo talvez tenha tido uma origem oriental pré-cristã e não-judaica, onde a doutrina do *karma* (e a respectiva doutrina do Renascimento) permaneceu imodificada pelo medievalismo europeu que moldou *A Lamentação da Criatura Moribunda* (veja-se p. 3[4]). A antiga doutrina do *karma* (à qual aderiram os cristãos gnósticos ou primitivos, antes de ser estabelecida a Igreja Cristã do Concílio), sendo ensinada nas seguintes respostas à Criatura Moribunda, dá certa plausibilidade, inclusive a partir de sua evidência interna, a esta visão meramente especulativa:

Consciência: "Deveis sofrer penosa e pacientemente os julgamentos que merecestes."

As Cinco Inteligências: "Inevitavelmente, vossas faltas devem ser atribuídas a vós.... Portanto, de direito, o risco tem que ser vosso."

---

* Literalmente, *Cada um*, peça dramática inglesa, alegoria da vida de um homem, representante do gênero humano (N.T.).

Comparemos também o relato análogo do Juízo no *Orologium Sapientiae* (século XIV), cap. V, sob o código Manuscrito *Douce* 322 (fólio 20), edição de Comper, da qual tomamos a seguinte passagem (p. 118):

"Ó, tu, o mais justo dos Juízes, quão corretos e austeros são vossos julgamentos, incriminando-me [isto é, acusando-me] e sentenciando-me austeramente, desgraçado [eu], nessas coisas pelas quais pouca gente acusaria ou temeria, visto que parecem tão pequenas e ínfimas. Ó, como é terrível a visão da correta Justiça, que agora se me apresenta através de pavor, e de repente se torna realidade."

Poderíamos, também, referir-nos à pintura mural do Juízo que existe na Igreja de Chaldon, em Surrey, Inglaterra, datando de cerca de 1200 d.C. e descoberta em 1870, a qual encontra paralelo, de maneira surpreendente, com a nossa pintura tibetana do Juízo.[33] Em ambas as pinturas há o julgamento dos mortos num estado intermediário ou estado *bardo*, estando o mundo celestial em cima e o inferno em baixo. Na versão cristianizada de Chaldon, São Miguel, no lugar de Shinje, segura a balança; em vez de ações *kármicas*, são pesadas as almas; os Seis Caminhos *Kármicos* que levam aos Seis *Lokas* tornaram-se, aqui, uma única escada que leva a um único céu; no topo da escada, em lugar dos Seis Budas dos Seis *Lokas*, há o Cristo esperando receber os justos, segurando em sua mão direita o sol e em sua mão esquerda a lua – como se fosse um Buda. No mundo do Inferno, em ambas as versões, há o caldeirão onde os malfeitores são cozidos sob a supervisão dos demônios; e, na versão cristianizada, o "Morro dos Espinhos", da versão budista é representado pela "Ponte dos Espinhos" que as almas condenadas são compelidas a atravessar.

Todos esses paralelos tendem a fortalecer a nossa opinião de que a maior parte do simbolismo hoje considerado como sendo tipicamente cristão ou judaico parece dever-se a adaptações de religiões egípcias e orientais. Essas analogias sugerem, também, que as formas-pensamento e os processos de pensamento do Oriente e do Ocidente são, fundamentalmente, muito parecidos. A despeito das diferenças de raça, credo e dos ambientes físicos e sociais, as nações da humanidade são, e têm sido desde tempos imemoriais, mental e espiritualmente uma coisa só.

---

33. Cf. G. Clineh, *Old English Churches* (Londres, 1900, pp. 162-64), onde é reproduzida uma pintura de parede de Chaldon. Ver também E. S. Bouchier, *Notes on the Stained Glass of Oxford District* (Oxford, 1918, pp. 66-7), sobre uma janela de vidro pintado na igreja de Brightwell Baldwin, representando o episódio da pesagem da alma no Julgamento: "Embaixo, a mão de São Miguel em vidro branco segura uma balança amarela, em cujo prato esquerdo uma alma em meio corpo e com cabelos amarelos reza, enquanto, mais abaixo, à direita, um pequeno diabo, com chifres, cauda, patas e asas amarelas, está tentando puxá-la para baixo."

ÍNDICE ANALÍTICO

Abhidhamma, 128 (n. 38)
Adi Buda (Primordial), XXX, XXXII, 6 (n. 9), 8 (n.12), 9, 11, 86 (n.96), 165, 174-76
Adikaya, 128 (n. 41)
Agamenão, 34-5
Agganna Suttanta, 176
Agregado: *ver Skandha*
  da volição, 6 (n. 9), 11, 91, 146 (n. 104)
  de matéria, 6 (e n. 9), 11, 75
  de sabedoria bódhica, 11
  de sentimentos, 6 (n.9), 11, 88, 146 (n. 104)
  de tato (ou sensação), 6 (n. 9), 11, 87, 146 (n. 104)
  do corpo, 12, 49, 85 (n.89), 146 (n.104)
Ain Soph, 5 (n.6)
Ajanta, caverna de, 26, 38
Ájax, 34-5
Akasha (éter), 6, 11, 43, 133 (n.59), 136
Akasha-Garbha, 86
Akshobhya, XXX, 6 (n.9), 11, 76 (n.83), 97 (n.140), 166
Alma, XXXV, XXXVIIss, LXX
  complexo da, LXI, LXVII-LXVIII, LXX
Aloke (*Aloka*), 88 (n. 102)
Alucinações, 12, 20-1, 22, 24, 40, 45, 69, 120: *ver* Aparições
  kármicas, 71ss., 107 (n.171), 120, 126 (n.29), 133, 140ss, 142 (n.86)
  psicologia das, 21-4, 39, 45, 91 (n. 112), 107 (n.171), 112-13, 128, 137-38, 142 (n. 86), 166, 170
Amitabha, XXX, XXXVIII, XLIV, 6 (n.9), 9, 11-3, 19, 22, 37, 48, 68 (n. 42), 88 (n.98), 89, 93, 95, 107, 144 (n.90), 152-53, 166
  estado de, 68 (n. 42)
Amogha-Siddhi, XXX, XLIV, 6 (n.9), 11-2, 22, 37, 48, 90 (n.104), 91, 93, 108, 152-53, 166
Amrita-Dhara, 93 (n.121)
Animismo, LII
Antarabhava, LIX, LXX
Antropologia, 1 (n.1), 40
Aparições, LXIV, 22, 69, 71, 73-4, 124, 154: *ver* Alucinações
  psicologia das, 101 (n.156), 129, 137, 161
Apolo, 88 (n.101)
Apuleio, XIX (n.1), XXXIX
Ares vitais *(prana vayu)*, 162-63, 169
Arhant(s) (Pali: *Arahant*), 28, 37, 123
"Arquétipos", XLI, XLII, XLIII, XLVI
Ars Moriendi, XIX, XXII, LX, 3 (n. 4), 62 (n.14-5), 65 (n. 32), 67 (n. 36), 70 (n.50), 76 (n. 81), 103 (n. 162), 115 (n. 198), 132 (n. 54), 151 (n. 4)
Arturianas, lendas, 37
Asanga, 161 (n.2)
Ashvaghosha, 8 (n.13), 118, 170-76, 178 (n.32)
Asoka, editos de, 130 (n.49)
  missionários, 10
Astrologia, 13, 19, 51, 61 (n.10), 146 (n.104), 162 (n.5)
Asura (Titã), 12, 16, 43, 91 (n.113), 94, 114 (n.194): *ver* Caminho da Luz e *Lokas*
  existência, 94 (n.127), 147 (n.109)
  nascimento, 120, 140
Atalanta, 34-5
Athawa veda, 31 (n.36)
Atisha, 104 (n. 164), 176 (n.29)
Atma, LXI, LXIV, LXXI, 143 (n.89)
Avalokiteshvara, XXXIV, 16 (n.18), 70 (n.52), 88 (n.100), 90 (n.107), 93 (n.119), 103 (n.161), 114 (n.94): *ver* Chenrazee
Avatamsaka Sûtra, LXV
Awakening of Faith, The, 8 (n.13), 118, 170 (n.10), 74

Bardo, XXI, XXXIII (n.1), XXXIX, LIV, LV, LVI, LIX, LXVI, LXVII, 20 (n.26), 26: *ver Bardo Thödol*, Julgamento e Renascimento

amigos, 126
Chikhai, XXXV, XXXIX, XLV, LIX, LXV, 29, 62-71, 72(n. 64), 115, 154
Chönyid, XIV, XXXV, XXXIX, XL, XLI, XLII-XLIV, XLV, LIX, LXV, 14, 20, 48, 62(n. 16), 71-115, 72(n. 65), 104 (n. 165), 116(n. 202), 147, 154, 164
comida, 126
consciência, 139: *ver* Consciência
corpo XLIII, 11, 20, 21, 61(n. 10), 65 (n. 30), 71(n. 54), 73(n. 69), 97(n. 142), 126 (n. 142), 113, 119ss, 124(n. 21), 127 (n. 37), 135, 142, 148, 166
culto, 25(n. 21)
despontar, 63, 154-55
Dhyāna, 72(n. 63), 154
estado, XXI, XL, 5, 20-1, 26, 40, 45, 64ss, 71 (n. 55), 74 (n. 72), 97 (n. 138 e 139), 100 (n. 154), 121ss, 126 (n. 29), 142 (n. 86), 148, 181
estado de sonho, 72(n. 62), 154
existência, XXXV, XXXVII, XLV
findar, 20, 24, 142(n. 86)
habitantes, 142(n. 86)
intelecto, 131, 148
libertação do, 92, 97, 104(n. 165): *ver* Libertação
local de nascimento, 72(n. 61), 153
luz astral, 124(n. 21)
mundo dos sonhos, 12, 23-4, 45, 142 (n. 86)
nascimento, 120(n. 5)
os seis estados do, LIV, 72, 153-55
Platão e o, 25, 34-6: *ver* Platão
poder supranatural, 121
preces, 48, 61, 146, 150-58, 179
psicologia do, 21-4, 45, 107, 148
quarenta e nove dias do, 5, 14, 21, 30, 33, 74, 124, 139
reconhecimento do, 63(n. 18 e 21), 68, 70(e n. 53), 71, 73-4, 88, 92, 96-7, 101-02, 104 (n. 165), 111-13, 114-15, 119-21, 127-28, 132, 138, 147-48
Sidpa, XIV, XXXV, XXXIX, XL, XLII, XLIII, LIX, 14, 20, 34, 38, 48 (n. 53), 62 (n. 16), 72 (n. 66), 104 (e n. 165), 115, 117-47, 156
Bardo Thödol, XI, XXI, XXXVss, XLIss, LIIIss, 2, 22, 116, 148-49: *ver Bardo*
Apêndice, 150-58
versão xilográfica, 47-9, 75(n. 77), 85 (n. 85 e 89), 91 (n. 114), 96 (n. 136), 109 (n. 181), 110 (n. 182), 111 (n. 184, 185 e 186), 116 (n. 200 e 202), 117 (n. 1)
Bardo Thödol, colofão, 158
alterações no, 39, 52, 120(n. 4), 132 (n. 56), 136(n. 68), 146(n. 102)
ciência e, 6, 28, 45, 52
comentário junguiano sobre, XXXV, XLVII
discipulado, LV
divindades, 25(n. 29)
divisões do, 59, 117(n. 1)
doutrina, 28, 104, 147-49, 160
ensinamentos, XX, XXV, XXXIXss, XLVI, LIII, LXIIIss, 7-12, 22-4, 45-6, 62(n. 17), 102, 115-16, 126 (n. 29), 134, 137-38, 139, 141, 143-44, 147-49, 161, 168, 170, 177, 179
ilustrações, XXIX, 47-8
instruções do: ver *Ensinamentos* acima
leitura do, 13-4, 60, 104, 115, 139, 149
manuscrito, 46-9, 75(n. 77), 96(n. 136), 116(n. 202), 117(n. 1), 132(n. 56), 140 (n. 79)
origem do, 24, 37, 49-52, 149, 176(n. 29)
Padma-Sambhava e, 9: *ver* Padma Sambhava
Platão e, 25, 34-6: *ver* Platão
propósito do, XLVss
psicologia, 21-4, 146-49
renascimento, símbolos do, 34ss: *ver* Renascimento
ritual, 51
simbolismo, 24: *ver* Esoterismo
tantrismo, 162-66
textos e versões, 48-9
tradução e edição, III, 53-5
versos básicos do, LIV
Yoga e, 160-62: ver *Yoga*
Bell, Sir Charles, XXVI
Bhagávád-Gítá, XIII, XVI, XXIII
Bhagaván, 75(n. 75), 93(n. 116), 113, 153
Bhikkhuni, 159
Bhūtashuddhi, rito, LXV
Blavatsky, H.P., 5 (n. 8)
Bodhi (ou *bôdhica*), 7-8, 12, 36, 68(n. 42), 90, 95(n. 133), 174
Boddhisattvas, XXIX, LXV, LXVII, 10, 37 (n. 41), 46, 52, 85-7, 88, 90, 93 (n. 125), 94, 123(n. 17), 139, 145-46, 165, 172, 176
invocações de, 48(n. 53), 119, 150-51
Bön, 16, 25, 50-1, 107
Bönismo e a *Bön-pos*, Lss
Brāhma, 42
Brāhman, 5(n. 6), 8(n. 11)
Brāhmana, Tattiruya, 31 (n. 36)
Vagga, 28, 122(n. 11)

Brāhmarandhra, LXII, LXIII, 13, 61(n. 12), 64 (n. 27), 69 (n. 48), 121 (n. 9), 164
Brâmanes, 33(n. 37), 130(n. 49), 145(n. 97), 176
Buda, XIII, LII, 37, 74(n. 75), 75(n. 79), 93(n. 116), 96(n. 137), 128 (n. 42)
aparência de, 68(n. 44)
compreensão de, 68(n. 44)
consciência de, 143(n. 89)
corpo de, XLIV, 8, 157(n. 14)
Cristo como, 181
culto a, 179
ensinamentos de, 12, 26-9, 45-6, 176, 177-79,
invocação de, 48(n. 53), 119, 139, 146
mente de, 68
morte de, 145(n. 97)
nascimento de, 36, 145(n. 97), 157(n. 15)
olhos de, 123(n. 17), 164
palavras de, 131
preexistência e, 27-8, 138(n. 73)
reino de, 76(n. 82), 153
relíquia óssea de, 125
São Josafá como, 3(n. 4)
vidas de, 37
Yoga, 122(n. 11)
Budas médicos, 21
Buddhaghosa, 28(n. 35), 176
Buddhakarita, 178(n. 32)
Budh-Gayā, 122(n. 12)
Budismo, XXXVI, L, LI *et passim*
alma e, 60(n. 7), 169-70
cristianismo e, 10, 175-81
do Norte, 175-80
do Sul, 175-79
escolas do, L, LI
esotérico, 3-4, 176-77
mulher e, 158(n. 17)
perseguição a, L
realidade e, 169
sacrifícios de animais e, 130(n. 49), 148 (n. 114)
tântrico, 49, 50, 114(n. 194)
tibetano, L, LXI(n. 3), 50, 114
Yoga e, 161: *ver Yoga*
Butão, 53, 54, 142(n. 86), 165(n. 6)

Céu, origem do, 140(n. 80)
Chag-na-dorje, 90(n. 108): *ver* Vajra-Pāni
Chakra, 163, 166
Chakravartin, 7
Chenrazee, XXX, XXXI, XXXIV, 70(n. 51), 88, 103(n. 161), 114(n. 194), 129(n. 44 e 45): *ver* Avalokiteshvara
Christos, 22
Ciência ocidental, idéias orientais, XIII-IV, XV, XXI-II, XXV
Consciência, LXIV, 8, 133, 139(n. 75), 143 (n. 89), 170, 173(n. 20)
bôdhica, 11
conteúdo da, 20, 22 91(n. 112), 127 (n. 36), 128(n. 38), 142(n. 86)
continuidade da, 21
do nascimento, LXX
estados da, LIX, 21, 63(n. 21), 67(n. 39 e 40), 69(n. 48), 133, 136, 138, 143 (n. 89), 154, 163, 170
morte na, LXV, LXIX *et passim*, 61 (n. 12), 97 (n. 48), 71 (n. 55), 164
no *Bardo*, 138
princípio da, 5, 12-3, 19-20, 30, 38, 40, 60 (n. 7), 61 (n. 12), 64 (n. 29), 69 (e n. 45), 85 (n. 89), 97 (n. 139), 115, 121, 124 (n. 24), 138 (n. 71), 142 (n. 86), 143, 163, 165
restauração da, 16
transferência, 60, 64, 136 (n. 64), 143-44, 146, 154
Coomaraswami, A. K., *Hinduism and Buddhism*, LXIV (n. 3)
Corpo, nove aberturas no, LXII
Cosmografia, 42-5, 112(n. 190), 140
Crença osiriana, 177, 179
Cristianismo
budismo e, XLV-VI, LXIX, 3(n. 4), 10, 98 (n. 145), 107 (n. 170), 175-81
céu e, 140(n. 80)
esotérico, 177
Igreja do Concílio, 177-78
inferno, 136(n. 68), 141(n. 82)
Karma e, 180
monaquismo, 176
Orígenes e, 177(n. 30)
renascimento e, 177
sacrifício de animais, 130(n. 49)
Trindade e, 10
Yoga e, 176
Cromatismo místico, XXIXss

Dākinī (fadas), 22, 94(n. 132), 98(n. 144), 99(n. 148), 100, 151, 153
Deva (deus), 12, 16, 21, 75, 114(n. 194), 123 (n. 18), 151, 165 (n. 6), 176: *ver* Caminho da Luz e *Lokas*
existência, 147 (n. 109)
nascimento de, 21 (n. 28), 120, 123, 139, 144 (n. 95)
olhos, 123 (n. 17)
Devadūta Sūttam, 26
Devadūta Vagga, 26

Devas, XXX
Devatas, 94 (n.132): *ver* Divindades
Dharma, XXXIII, LI, LII, 10, 131, 155
Dharma-Chakra, XXXIII
Dharma-Dhâtu, XLIV, LVI-VII, 11, 67 (n.38), 74 (n.74), 173 (n.21), 174 (n.24)
sabedoria, 11, 75, 76, 95
Dharmakâya, XXXV, XXXVIII, XLII, XLV, XLVI-VII, 7-9, 10, 11, 22, 37, 56, 62, 64, 67 (n.38), 68, 69 (n.46), 94, 104, 111, 128 (e n.41), 133, 170, 172 (n.17), 174 (n.24), 176: *ver* Vazio
Clara Luz do, 66, 111 (n.188), 160
estado de, 68 (e n.41), 73 (n.69), 111 (n.187 e 188)
Dharma Mâtri Putra, 71
Dharmapâla, 93 (n.125), 98
Dharma-Pradîpikâ, 176
Dharma-Râja, XXXI-II, 24-6, 94 (n.128), 112 (n.192)
Dharma Samgraha, 85
Dhupema (*Dhûpa*), 87 (n.97)
Dhyâna, 63 (n.21), 65, 71 (n.56), 72 (n.63), 92 (n.115), 123 (e n.188), 141, 154
Dhyâni Budas, XXIX, XLVI, LXVII, 6, 8, 9, 10, 11-2, 74 (n.75), 92-3, 100, 165, 175, 178
simbolismo do, 37, 166
Diamante (ou Imutável), Sûtra do, 1, 68 (n.44)
Dîbpanamsel (Dîpanî), 90 (n.109)
Divindade tutelar, 70 (n.51), 105
Divindades (deuses ou deusas), XXIX-XXXII, XXXVI, XLIV, L-LII, LXVII *et passim*
detentoras do conhecimento, XXXI, 48, 97-101, 103, 104-05, 153, 165
do Loto, 59 (n.3), 107, 165
iradas, XXIX, XXXI, XXXVI, LX, 9, 16 (n.17), 22, 59, 73, 95 (n.135), 97 (n.140), 101-04, 120, 147-48, 151, 153-58, 164, 166 (e n.7)
kármicas, 107-08
pacíficas, XXXIX, LXVIII, 9, 16 (n.17), 21, 59, 73-4ss, opp. 92, 95 (n.135), 97 (n.140), 101, 104, 112-13, 120, 147-48, 151, 154-58, 164, 166
Ratna, 106
Vajra, 105-06
Dolma, 90 (n.107): *ver Târâ*
Dorje (sânscrito: *Vajra*), XXXIII, 7, 43, 76 (n.84), 90 (n.105), 105-06, 109-11 (e n.185)
Chang, XXXIII

Doutrinas, As Seis, 124 (n.24), 126 (n.30)
Doutrinas esotéricas, 102: *ver* Esoterismo
Druidas, 2, 40

Ego, XLIII
Elementais, 167
Elementos
os cinco, 8, 114 (n.196), 146 (n.104), 153
os quatro, 18, 93
Empédocles, 36
Epeu, 34-5
Escritos herméticos, 5
Esopo, Fábulas de, 2-3, 39
Esoterismo (ou ocultismo), XXXIII-XXXIV, 1 (n.1), 2-12, 25 (n.29), 29, 31 (n.36), 42-5, 59 (n.4), 60 (n.9), 74 (n.73), 76 (n.83), 97 (n.140), 98 (n.145), 99 (n.148 e 150), 102, 107 (n.171), 109 (n.181), 112 (n.189 e 190), 120 (n.6), 127 (n.36), 136 (n.68), 163, 165-66, 177 (n.30)
renascimento e, 27ss, 120 (n.6), 136 (n.68), 140 (n.81), 145 (n.161)
Yoga e, 160-61, 176
Espiritismo, 127 (n.37), 142 (n.86)
Espírito maligno (demônio), 13, 19, 22, 25, 50, 99 (n.149), 124, 126 (n.30), 127 (n.35), 141, 142 (n.86), 176, 181
Espíritos, 22, 141, 142 (n.86)
Ésquilo, 128 (n.38)
Essênios, 10
Estado de Buda, LXIV, LXVII, 7, 10, 21, 40, 66, 67 (n.38), 68 (e n.41 e 45), 76, 86-7, 89, 91-2, 95-6 (e n.135), 97 (n.139), 102 (e n.158), 104-08, 113, 115, 143, 148 (n.12), 152-53: *ver* Libertação e *Nirvana*
caminho para o, 38, 63 (n.18), 95 (n.135), 97
conquista do, 63 (n.18), 89, 97, 104 (e n.164), 111-13
Etaddagga Vagga, 144 (n.89)
Eumênides, 128 (n.38)
Êxtase, 24, 63 (n.21), 69 (n.48), 72, 92 (n.115), 162

Fadas, 50 (n.54), 61 (n.12), 98 (n.144), 99 (n.148), 126 (n.20), 138 (n.70)
Fé semítica e alma, 170
Filosofias do Oriente e do Ocidente comparadas, XXXVIss
Força vital (*prana*), 63, 69 (n.46 e 48), 124 (n.24), 162-63
Formas-pensamento, 12, 20-2, 23, 73 (n.70), 95 (n.134), 97 (n.139), 113, 120, 142 (n.86), 155, 160
corpo das, 71, 73 (n.71), 97 (n.142)
reconhecimento das, 73-4, 97 (n.141), 108, 110, 111, 154
France, Anatole, XXXVII
Franco-maçonaria, 3, 98 (n.146), 129 (n.46)
Freud, Sigmund, XIV: *ver* Psicanálise
Funeral parse, 18, 19
Fúrias, 127, 128 (n.38), 141, 143

Gandharva, LXX, 61 (n.12), 138 (n.70)
Gandhema (Gandha), 90 (n.110 e 111)
Garuda Purâna, LIX, LXII
Gelugpa, LI, 20, 49, 128 (n.39), 176 (n.29)
Gênio
bom, 127 (n.34), 180
do mal, 127 (n.35), 180
Ghirdhima (Gitâ), 88 (n.102)
Ghosh, Sj. Atal Bihardi, XXVI
Gnosticismo, 3, 140 (n.80), 177, 180
Gôkarmo, 48, 88 (n.99)
Graça, ondas de, 85 (n.91), 145, 158, 169
Guarudas, 105 (n.169)
Guru, XXX, XXXIII, LXII, 4, 9, 10, 46, 53-4, 59 (n.4), 61, 63 (n.18), 70 (n.53), 96, 113, 125, 129, 138, 151, 165 (n.6), 168-69
Divino, 123 (n.19), 162 (n.5), 168
Norbu, 54
Shishya e, 155, 167-69

Hades, lenda do, 31
Harpias, 90 (n.106)
Hatha Yoga, LIX
Hayagriva, 93 (n.120), 141, 143
Hermes, 163
Heródoto, 30, 35
Heróis, 99-100, 103
Heruka, divindades, XXIX, XXXI, 9, 48, 105-07, 110-11, 141, 165
Hinayâna, 175
Hinduísmo, LXVII, LXXI
superior, 4, 31
Hitopadesha, 3 (n.4)
Homa, 19
Hipho-bo, 12-3
Htamenma, 48, 107 (e n.171), 165

Iluminação, 63 (n.18), 162, 164, 169: *ver* Êxtase
Inconsciente, XXXV (n.1), XLII
dominantes do, XLII, XLIII, XLIV
Indra, XXXIV, 42, 76 (n.84), 94 (n.126), 110
Inferno
Cristianismo e, 141 (n.82), 181
existência no, 147 (n.109), 156 (n.13)
mundo do, XXXII-XXXIII (n.1), LXVIII, 16, 21, 23, 85, 130: *ver* Caminho da Luz e *Lokas*
nascimento no, 120, 130, 140
Iniciação, XXXIXss, XLV, 2, 4-5, 9, 12, 25 (n.31), 27, 31 (n.36), 35-6, 42, 102, 104, 109 (n.180), 129 (n.46), 135, 165 (e n.6)
Iogues (*yoginîs*), XXIX-XXXI, 110-11
Ishvara, 174 (n.24), 178
Ishvarî, 107 (n.171)

Jainismo, 177
Jampal, 88 (n.101): *ver Mânjushrî*
Japa, LX
Jâtaka, 3 (n.4), 37
Jetsün Kahbum, 56
Juízo depois da morte, XXXI-XXXIII, 24-7, 113 (n.193), 127-49: *ver Dharma-Raja* e *Yama-Raja*
cristão, 179-81
platônico, 34
Jung, Dr. C.G., XIII, XIV
comentário psicológico por, XIII-XIV, XXXV-XLVII
Júpiter, XXXIV, 76 (n.84)

Ka, 14, 16
Kalama Sûtta, 28
Kandaraka Sûttanta, 28
Kargyûtpa, 4 (n.5), 46, 49, 53, 104 (n.164), 175 (n.29)
Karma, XXXIX, XL, XLI, XLIV, XLVI, LXVIII, LXIX-LXXI, 41-2, 63 (n.18)
absolvição do, 130, 179
ações do, 20-3, 26, 30, 32-3 (n.37), 39, 45, 66 (n.34), 68 (n.45), 69 (n.48), 97 (n.142), 119, 122 (n.14), 125, 127, 129 (n.48), 130 (n.49), 139, 165, 179
caminhos do, XXXII
continuidade do, 104, 134 (n.60), 135, 147, 155 (n.8)
cristianismo e, 177-78, 180
Emerson, sobre o, 2
espelho do, XXXI, 25, 127
fazendo o, 88
hereditariedade psíquica e, XLI

ilusões do, XXXV, XLI, XLII, XLIV, 71ss, 125 (n. 25), 133, 141ss
lei do, 2, 29, 32, 33 (n. 37), 43, 178
poder do, 71, 75, 85, 97, 101, 114, 119-20ss, 122, 124, 131-33, 143, 145, 151, 156
registros do, 34, 112 (n. 193)
senhores do, 40
tendência do, 39, 60 (n. 7), 69 (n. 45), 91 (n. 112), 102 (n. 158), 107 (n. 171), 113, 114, 120, 125 (n. 28), 132, 134 (n. 61), 145, 156, 161
terra do, 50, 52
vento do, 123, 150
William James sobre o, 42 (n. 48)
Katha-Upanishad, 31 (n. 36)
Kazi Dawa-Samdup, Lâma, XXVI, LVI, LXXI *et passim*
Kerima, 48, 107ss (n. 171), 108, 165
Kesar Saga, 113 (n. 193)
Kosha, 163
Krotishaurima, 105 (n. 168), 106-07, 108
Kshitigarbha, 85 (n. 86)
Kundalini, 164, 167, 169
Kwanyin, 88 (n. 100)

Lama
astrólogo, 13
confessor, 16
Dalai, 18, 88 (n. 100), 142 (n. 86), 175
funeral, 14
Kazi Dawa-Samdup, XXVI, LVI, LXXI, 1 (n. 1), 2, 5 (n. 8), 8 (n. 12), 10, 30, 53-6, 59, 60 (n. 8 e 9), 64 (n. 26), 90 (n. 107), 92 (n. 115), 161 (n. 3), 165 (n. 6)
oracular, 142 (n. 86)
Tashi, 18, 88 (n. 100), 175
Lamaísmo
chefes espirituais do, 175
música do, 99 (n. 150)
origem do, 50-1
protetores do, 103 (n. 161)
Lamentações, 13, 61, 148 (n. 115)
Lantsa, caracteres, XXXIV
La Vallée Poussin, De, LXIX, LXX
Lazêma (Lâsiyâ), 85 (n. 88)
Lepchas, 142 (n. 86)
Libertação, XXI, LIII-LIV, LXIII, 7, 8 (n. 11), 12, 46, 48 (n. 53), 60 (n. 9), 63, 68 (n. 45), 70-1, 92, 101-02, 105-06, 115, 119, 121, 129, 143, 146 (n. 105): *ver* Estado de Buda e *Nirvana*
Libertação do *Bardo*, 21, 126, 138-39, 146-48 (n. 111), 149, 162
caminhos para, 10, 63 (n. 18), 75 (n. 75), 76, 86, 87, 89, 91, 94 (n. 132), 97, 104 (e n. 163), 114 (n. 194), 147, 149, 168
pela fé, 97, 103, 104 (n. 163), 116
reconhecimento da, 93, 97, 101, 105, 106, 108, 113, 115, 121, 132, 147, 148
Livros-guias, os, 59-60, 62, 148
Lokas (Mundos), XXX, XXXII, LXIII, LXIV, LXVII, LXVIII, 12, 16, 26, 75, 92, 96-7, 104 (n. 165), 114 (n. 194), 121, 137, 181: *ver Asura, Deva*, Inferno, Caminho da Luz e *Preta*
brutos, XXX, 16, 100
Budas dos, 94, 96 (n. 136), 165
seis, LXVII-LXVIII
"venenos" do, LXVII, 97 (n. 138)
Lonaphala Vagga, 28, 144 (n. 89)
Luz, Caminho da, 97, 114: *ver Lokas* e Sabedorias
Asura (verde), 91, 96, 114 (n. 194), 132
bruto (azul), 96-7, 100, 114 (n. 194), 132
Deva (branco), 75, 96, 114 (n. 194), 132, 146
Dharma-Dhatu (azul), 75
humano (amarelo), 87, 96, 114 (n. 194), 132, 146
Inferno (cor de fumaça), 85, 114 (n. 194), 132
Preta (vermelho), 88-9, 96, 114 (n. 194), 132
tendências purificadas (multicoloridas), 98

Magia, 131 (n. 53), 142 (n. 86), 167-68
Mahâ-Kâla, 112 (n. 191)
Mahâ-Mudrâ, 104 (n. 164)
Mahâ Parinibbana Sûttanta, 4
Mahâyâna, XXV, XXXVI, LX, LXIII, 7, 156, 161 (n. 2), 162 (n. 5), 170, 175, 179
Mahlaima (Mâlâ), 87 (n. 97)
Maitreya, 85 (n. 87), 144 (n. 94), 161 (n. 2), 176
Makara, 109 (n. 176), 110
Mâmakî, 47, 85 (n. 85), 86, 152: *ver* Tara
Manas, 6 (n. 9)
Mandala, XXIX-XXXI, XLIV, 19, 48, 91, 93 (n. 125), 94 (n. 131), 95 (n. 135), 97 (n. 140), 98, 104, 164ss
Mañjushrî (Mañjughosa), XXX, 88 (n. 101), 94 (n. 129), 128 (n. 39)
Mantras, XXXIV, LI, LXVIII, 100, 103 (n. 161), 104 (n. 166), 114 (n. 194), 115, 128, 130, 156 (n. 10), 167-69
Mantra-Yâna, 9, 102-03, 104 (n. 165), 114, 156 (n. 10)
Manu, 7 (n. 10), 32 (n. 37)
Mâra, XXXI, 11, 42, 112, 148, 156
Marett, Dr. R. R., XXVI
Marpa, 53, 104 (n. 164), 176 (n. 29)
Mâtris, LXXII, 43, 90 (n. 110 e 111), 153, 165 (n. 6)
Maya, LXIV, LXV, 5 (n. 6), 143, 161, 166, 169, 170
Mâyâ-Rûpa, 71 (n. 54)
Memória, XLIX, 139
de vidas passadas, 27-8, 143 (n. 89), 157 (n. 16)
registros da, 7, 41, 143 (n. 89)
Meru, Monte, 42-4, 112 (e n. 190), 122, 163
Milarepa, XX, LXVIII, 53, 56, 104 (n. 164)
Mistérios da Antigüidade, 31 (n. 36): *ver* Iniciação
budista, 5
célticos, 2, 25 (n. 31)
egípcios, 25 (n. 29), 29, 31 (n. 36), 94 (n. 130)
gregos, 2, 7, 29, 31 (n. 36), 35-6, 94 (n. 130)
indianos, 169
tibetanos, 3 (n. 4), 25 (n. 29), 167, 169
Mithras, 25 (n. 31)
Moksha, 8 (n. 11)
Monaquismo, 176
Morte
arte de (morrer), XIX-XXII, LX, 102, 169: ver *Bardo*, Demônios, *Dharma-Raja* e *Yama-Raja*
astrologia da, 13, 19, 61 (n. 10), 146 (n. 104)
causa da, 19, 58
cerimônias da, 12-9, 130, 139, 148 (n. 114)
ciência da, LIX-LXXII
cultos da, XLV, 18
demônios da, 19
efígie da, XXIX, 13, 16
fenômeno, 102-04, 126 (n. 29)
festas, 17 (n. 21)
horóscopo da, 13, 19, 61 (n. 10), 146 (n. 104)
imaginação e, LXVI
livros-guias para, LX
mensageiros da, 26, 27, 58, 151
processo da, 12, 165 (n. 30), 71 (n. 55), 121 (n. 9), 124 (n. 24), 163
rei da, 26, 129
rito da, XXss
senhores da, 22, 69, 112, 113, 127, 128 (n. 38), 129, 151
sintomas da, 49 (n. 53), 60, 62, 64 (n. 28), 149
Mortos, O Livro dos, 1-2, 16, 25, 52: *ver também Bardo Thödol*
egípcio, XX, XXI, XXXV, LX, 2, 16, 24, 52, 61 (n. 10), 104 (n. 166), 113 (n. 193)
Mudrâ, 48, 98 (e n. 146)
Mukti, 161
Mundo
das coisas "dadas", XXXVIII
Mundo dos sonhos,
Bardo e, 23, 45, 72, 137-38, 154
estado Bardo e, 142 (n. 86), 154 (n. 6)

Nâdî, 63 (n. 19 e 23), 163-64
Nâlanda, 2, 50
Naropa, 104 (n. 164)
Nascimento
morte e, XIII, LIV
quatro tipos de, 136, 138
sobrenatural, 120 (n. 3), 136, 143-44, 156
trauma de, XL
Nepal, 50
Nestorianos, 176
Nidânas, LXVII, 38
Nidhema (Naivedya), 90 (n. 111)
Nikâya
Anguttarâ, 26-8, 112 (n. 11), 144 (n. 89)
Dîgha, 4, 157, 176
Majjhima, 26, 28 (n. 35)
Ningmapa, 49, 176 (n. 29)
Nirmânakâya, LXVII, 8-9, 40, 104 (e n. 165), 128
Nirvana, XXXIII, LXI, LXII, LXIII, 5 (n. 6), 8, 10, 21, 24, 32, 42, 46, 69 (n. 45), 75 (n. 79), 76 (n. 82), 89 (n. 103), 96 (n. 137), 120 (n. 7), 140 (n. 80), 161, 171 (e n. 13), 175 (n. 25 e 26), 178: *ver* Estado de Buda e Libertação
realização do, 101 (n. 156), 146 (n. 104), 161, 173 (n. 20)

Ocultismo: *ver* Esoterismo
Odisseus, 34, 35
Og-min, 42, 76 (n. 82)
Oráculos, templos dos, LI
Orfeu, 34-5
Orígenes, 177 (n. 30)
Osíris, 14, 24-5, 31 (n. 36)

Padma Sambhava, XXX, L, 9, 16, 23, 44, 49-52, 59, 104 (n.164), 114 (n.194), 144 (n.93), 176 (n.29)
Panchatantra, 3 (n.4)
Patanjali, sobre *Yoga*, 121 (n.8)
força da serpente, LXVIII, 164
renascimento, 28
Samadhi, 95 (n.134), 125 (n.26)
tântrica, 93 (n.121), 112 (n.190), 162-66, 176
tibetana, 7, 104 (n.164), 114 (n.194), 124 (n.24), 146 (n.104), 161 (n.3)
Pesquisa psíquica, 52, 142 (n.86)
Pho-wa, XXIX (n.1), 60 (n.7)
Píndaro, 36
Pistis Sophia, 177 (n.30)
Pitágoras, 2, 36
Platão, 25, 34ss, 52, 136 (n.67 e 68), 143 (n.88)
Plutão, 24
Porta, guardiães da, XXIX, XXX, XXXI, 93, 110, 165: *ver Yoginis*
Potaliya Suttanta, 28 (n.35)
Prajnâ-Pâramitâ, LXIV, 88 (n.101), 94 (n.129)
Prâna, LXII, 163ss
Preexistência, memória da, 79: *ver* Renascimento
Preta (espírito infeliz), LX, LXVI, 89 (n.103), 94, 96, 114 (n.194), 130: *ver Lokas*
existência, 147 (n.109), 156 (n.13)
nascimento, 120, 140
origem dos, 141-42
ritual *Shaddha*, LXVI
Proserpina, tradições de, 25
Psicanálise freudiana, XIV-XV, XXXIXss, LXIX
Psique, XL, XLI, LXI
metafísica e, XXXVI, XXXVII. *Ver também* Alma
Ptah-hotep, preceitos de, 86 (n.92)
Pûjâ, LI
Punarutpatti, LXIX
Purâna, LXII
Purgatório (limbo), LXI, 23, 25, 27
origem do, 25 (n.31)
Pûrna, LXIV
Pushpema (Pushpâ), 85 (n.88)

Quatro Grandes, Os, XLIV

Râ, 85 (n.91)
Râkshasa, 22, 44, 99 (n.149), 110-11, 124, 142
Ratna-Sambhava, XLIV, 6 (n.9), 11-2, 22, 37, 47, 85 (n.85), 87, 93, 95, 96 (n.93), 106, 111, 152, 153 (n.5), 166
Realidade, XLIV, LII, 46, 169-75
Reencarnação, XIX, XXXVI, XLI, XLIX, LX, LXI-LXII, LXIX, LXX, LXXI. *Ver também* Renascimento
ressurreição e, LX
Renascimento, XIII, XV, XLVI, LV, LX, LXIX
antropologia e, 40
Bardo, XLII *et passim*, 20-1, 72, 117-46, 155
Bön, 50
causa do, 27
celta, 25, 41
ciência e, 28, 41
Continente, 140, 144
cristianismo e, 25, 177 (n.30), 178, 180
doutrina do, 27-42
esoterismo do, 27-8, 34
estados do, 28, 114 (n.194), 157 (n.16): *ver Lokas*
fim do, 114 (n.194)
grego, 34ss, 36
Heródoto e, 30
Huxley e, 41-2
interpretação do, 27-8ss, 140 (n.80)
judaico, 25
Karma e, 151: *ver Karma*
lamas e, 27
memória, 28 (n.35), 138 (n.73), 143 (n.89)
Orígenes e, 177 (n.30)
platônico, 34-6, 136 (n.67), 143 (n.88)
processo do, 23-4, 27, 30, 35, 46, 60 (n.9), 65 (n.30), 68 (n.45), 69 (n.48), 89 (n.103), 101 (n.156), 127, 130-31, 133ss, 144ss, 165-66, 169
Rig Veda e, 31 (n.36)
sexo no, XXXIX, XL, 136-37, 156 (n.12)
simbolismo do, 34ss, 125 (n.25), 136 (n.67 e 68), 140 (n.81): *ver* Esoterismo
transmigração e, 28ss, 40, 97 (n.142), 136 (n.67 e 68), 140 (n.81), 145 (n.101)
visões, 157ss, 129ss, 132ss, 139ss, 143 (n.88)
Yoga do, 20-1, 28
Rig-Veda, sobre o renascimento, 31 (n.36)
Rigzin, 50, 52, 98 (n.143)
Roda
da lei, XXXIII, 74-5, 82-3, opp. 92
da vida, LI, 12, 26, 38-9, 68 (n.45), 69, 101
Ruh, LXI
Rûpakâya, 176

Sabedoria(s), 96
da realidade, 152
das ações perfeitas, 6, 95
Dharma-Dhâtu, 11, 75-6, 95
discernente, XXI, 11, 88-9, 92 (n.115), 95, 152
igualdade, 11, 87, 92 (n.115), 95, 152
nascida simultaneamente, 99-100, 153
quatro, XLIV, 92 (n.115), 97, 156
quatro aspectos da, XLIV
semelhante ao espelho, 11, 85-6, 92 (n.115), 95, 152
todo-realizadora, 11, 91, 92 (n.115), 152
Saddharma-Pandarika, 3
Sâdhanâ, 149 (n.119)
Sahasrâra Padma, 164, 167, 169
Salamandras, 6
Salmos dos Primeiros Budistas, XXVII, 159
Samâdhi, XX, XXII, 72 (n.63), 95 (n.134), 122, 125 (n.26), 128, 132, 133 (n.58), 141, 154, 156: *ver Dhyana* e *Yoga*
Samanta-Bhadra, XXX, XXXI, 9, 11, 22, 42, 67 (n.38), 86 (n.96), 94 (e n.129), 153 (n.5): *ver* Adi Buda
estado, 67 (n.40), 68 (n.42)
preces, 8 (n.12)
Sambhogakâya, LXVII, 8, 9, 11, 76 (e n.83), 86, 87, 89, 91, 92, 96, 104 (n.165), 105, 115, 128, 143
Samgiti Sûtta, 157 (n.16)
Sangha, 4, 10, 131
Samsâra, XXXI, XXXIII, LIX, LX, LXVIII, LXIX, 2, 5 (n.7), 6, 8, 9, 10, 73 (n.67), 112, 137-38, 143-44, 170, 178: *ver Lokas*
emancipação do, 7, 46, 96, 104 (n.165): *ver* Libertação e *Nirvana*
linha do, LXVII
mundo do, 16
projeções do, XXX-XXXI
renúncia ao, 98 (n.145), 109 (n.180), 161
Sangskâra, LXV, LXXI
Sangyay-Chanma, 47, 86
Sa-tschha, 17
Shakti, XXIX, XXX, XXXI, 5 (n.6), 22, 48, 93 (n.24 e 25), 94 (n.129), 135 (n.62 e 63), 162 (n.4 e 5), 165 (n.6)
Shangkarâchâryya, LXIV
Shigatze, 18
Shikhâ, LXII
Shinje, XXXI-XXXII, 24-6, 181
Shishya (Chela), XXX, 46, 168-69
Shiva, 93 (n.119), 162 (n.5)
Shûnyatâ, 8 (n.12): *ver* Vazio
Siddhi, LXII, 99 (n.149), 145 (n.98), 155 (n.9), 168 (e n.8)
Sikkim, 14, 19, 26, 38, 48-9, 53, 54, 142 (n.86)
Maharâja de, 54
Simbolismo, *ver* Esoterismo
Skandha, LXI, LXVII, LXIX, 144 (n.89), 146 (n.104), 175 (n.25)
Vijnâna, 75 (n.77), 138 (n.71), 163
Sócrates, 36, 45
Spyang-pu, 14-6
Srong-Tsan-Gampo, 50
Stupa, 17, 125
Subconsciência, 6-7, 28 (n.35), 41, 91 (n.112), 143 (n.89), 146 (n.104), 163
Sugata, 96 (n.137): *ver* Buda
Sukhâvatî, 19
Swedenborg, XLII, LXV

Tâmira, 34-5
Tahdol, 49 (n.53), 104 (n.166), 116 (n.201), 146 (n.104)
Tantra(s), XXVI, LI, LXIII, LXVII, 65, 112 (e n.190), 116 (n.200), 120, 137, 162 (n.4 e 5), 164, 166, 168
da *Grande Libertação*, 71 (n.57)
Demchok, 94 (n.132)
Raja, LXI
Shrichakra-Sambhara, 54
Tantrismo, 20 (n.27), 51, 53, 59 (n.4), 98 (n.144), 112 (n.190), 162-66, 175
abuso do, 165 (n.6)
tibetano, 50
Taoísmo, 16, 117
Tapas, LX
Târâ (Dölma), 48, 85 (n.85), 91, 152
Tathagata, LXV, 37, 75 (n.79), 115 (n.199), 171, 173 (n.20)
Tattvas, LXV, 173 (n.20)
Telepatia, 169
Termas (escrituras), L, LII
Tersites, 35
Tertön, L, 50, 51, 52, 114 (n.194)
Theravâda, XXVI, 4 (e n.5), 7, 24, 37
Thi-Srong-Detsan, 50
Thomas, Dr. F. W., XXVI
Thoth, 24
Ti-Pitaka (sânscrito: *Tripitaka*), 4, 21 (n.28), 123 (n.18), 176
Toteísmo, 25 (n.29), 107 (n.171)
Transmigração: *ver* Renascimento
Trikaya, 8 (e n.13), 10, 112, 153, 175-76
Trindade
budista, 10, 61 (e n.10), 73 (e n.68), 113, 119, 127, 130, 146, 150-51
cristã, 10, 177
Tri-Ratna, XXX

Tsi-pa, 13
Tson Khapa, XXX, 176 (n.29)
Tushita, céu de, 36, 144 (n.94 e 95)

Udâna, 46 (n.52)
Ulisses, 34-5
Upanishad, XVIII, LXIV, 31 (n.36)

Vacuidade (ou Vazio), XXXVIII, XLVI
Vairochana, XXIX, XXX, XLIV, LXVII, 6, 11-2, 22, 31 (n.36), 37, 48, 74 (n.75), 75, 93, 105, 152, 153 (n.5), 164, 166
Vajra-
Dhâra, 9, 76 (n.83)
Pâni (Chakdor), XXX, 90 (n.108), 103 (n.161), 141, 144
Sattva, XXX, LXVII, 6 (n.9), 11, 22, 37, 47, 75 (n.77), 76 (n.83), 86, 93, 95, 97, 106, 152, 153 (n.5), 166
Yâna, 9
Vampiro, 18
Vâyu, XLI
Vâyudhârana, LXI
Vazio (Shûnyatâ), LXI, LXIII, LXIV, LXVII, 7, 9 (n.12), 11, 67 (n.38), 68 (n.44), 92 (n.115), 97 (n.140), 111 (n.187 e 188), 128, 133, 138, 143
Clara Luz do, LXIII, LXIV, LXV, 20, 22, 62, 63ss, 68 (n.45), 69 (n.46), 104, 108, 114-15, 133-34, 138, 147, 154, 156, 160, 162, 165, 169
Vedânta, LXIV, 31 (n.36)
Vijaya, 93 (n.118)
Vinaya Pitaka (ou *Dulva*), 36
Visuddhi Magga, 28 (n.35)

Yamântaka, 93 (n.119 e 123), 128 (n.39)
Yama-Râja, 24, 26-7, 31 (n.36), 33 (n.37), 112 (n.192), 128 (n.38)
Yantras, 146 (n.104)
Yoga, XV, LXII-LXIII, LXVIII (e n.10), 2, 7, 20, 23, 27-8, 40, 45, 50-1, 53, 60 (n.9), 62 (n.18), 65 (n.30), 68 (n.45), 70 (n.53), 101 (n.156), 104 (n.164), 121 (n.8), 122 (n.1), 130 (n.49), 131 (n.51), 138 (n.73), 149 (n.120), 160-62 (n.5), 175: ver *Dhyana*, Êxtase, Iluminação e *Samadhi*
Buda e, 4, 122 (n.11)
cristã, 176
egípcio, 86 (n.92)
estado de sonho, 154 (n.6)
indiana, 7, 104 (n.164)
Laya ou *Kundalini*, LXV, LXVIII (n.10), 167
Mantra, 114 (n.194), 167-68
Mudrâ, 98 (n.146)
Yoga-cârya, 161 (n.2), 162 (n.5)
Yoga Vâshishtha, 38 (n.45)

Wang-Chugma, 107ss (e n.171)
Wang-gochan, XXXII
Woodroffe, Sir John, XXVI, LIX, LXXII

Zanoni, 102 (n.158)
Zeus, 35

Leia também

O LIVRO EGÍPCIO DOS MORTOS

E. A. Wallis Budge

Livro dos Mortos é o título pelo qual são conhecidos os poemas, fórmulas mágicas, litanias e hinos religiosos transcritos nos rolos de papiro encontrados dentro dos túmulos egípcios ou colocados nos sarcófagos junto dos corpos mumificados.

O costume de colocar junto do morto textos fúnebres de teor religioso é antiqüíssimo. Esses textos representam crenças pertencentes a vários períodos da longa vida da nação egípcia, objetivando beneficiar o morto. Destinavam-se a dar-lhe o poder de gozar a vida eterna, fornecer-lhe tudo o de que precisasse no Outro Mundo, assegurar-lhe a vitória sobre os inimigos, proporcionar-lhe o dom de conciliar as boas-graças de seres amistosos no Além-túmulo, ir aonde quisesse, quando e como quisesse, preservar intactos seus restos mumificados e, finalmente, permitir que sua alma atingisse o reino do divino Osíris, o vencedor da morte, que restitui a vida a homens e mulheres.

O egípcio piedoso, rei ou lavrador, rainha ou escrava, vivia com os ensinamentos do *Livro dos Mortos* diante dos olhos, era sepultado de acordo com suas instruções e baseava toda a sua espiritualidade e felicidade eternas na eficácia de seus hinos, orações e palavras de poder, que condensavam toda a doutrina da religião egípcia acerca de uma vida após a morte.

A presente edição segue fielmente a edição preparada por Sir Ernest Alfred Thompson Wallis, conservador das antigüidades egípcias e assírias do Museu Britânico e um dos mais conhecidos egiptólogos ingleses. Além de uma esclarecedora introdução e das notas explicativas, o texto foi enriquecido com a reprodução de mais de quatrocentas vinhetas tiradas dos melhores papiros.

EDITORA PENSAMENTO

Editora Pensamento

Rua Dr. Mário Vicente, 374
04270 São Paulo, SP
Fone 63-3141

Livraria Pensamento

Rua Dr. Rodrigo Silva, 87
01501 São Paulo, SP
Fone 36-5236

Gráfica Pensamento

Rua Domingos Paiva, 60
03043 São Paulo, SP
Fone 270-3033

MORTE, RENASCIMENTO, EVOLUÇÃO,
Hernani Guimarães Andrad

ESPIRITO, PERISPIRITO E ALMA,
Hernani Guimarães Andrad

DOUTRINAS ESOTÉRICAS, FILOSOFIAS E RELIGIÕE DA INDIA,
Yogue Ramacháraca

A DOUTRINA ZEN DA NÃO-MENTE,
D. T. Suzuki

FUNDAMENTOS DO MISTIC TIBETANO,
Lama Anagarika Govinda

ÍNDIA SECRETA,
Paul Brunton

I CHING,
Richard Wilhelm (org.)

BHAGAVAD GÎTÂ — A MENSAGEM DO MEST

Peça catálogo gratuito à
EDITORA PENSAMENT
Rua Dr. Mário Vicente, 374 — Fone:
04270 São Paulo, SP